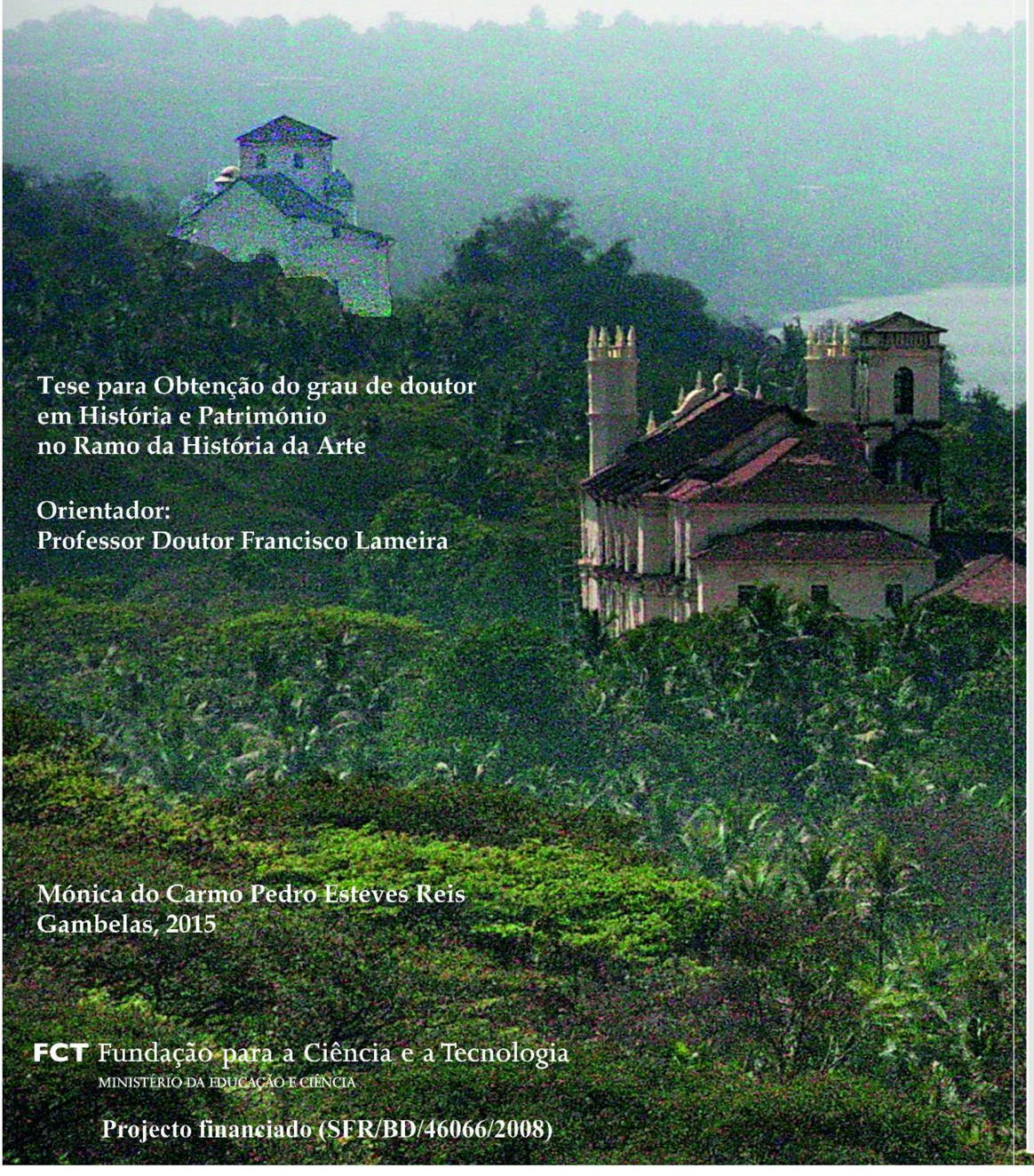
UAlg FCHS
UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Faculdade de Ciencias Humanas e Sociais
Departamento de Artes e Humanidades



Tese para Obtenção do grau de doutor
em História e Património
no Ramo da História da Arte

Orientador:
Professor Doutor Francisco Lameira

Mónica do Carmo Pedro Esteves Reis
Gambelas, 2015

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Projecto financiado (SFR/BD/46066/2008)

UAlg FCHS
UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

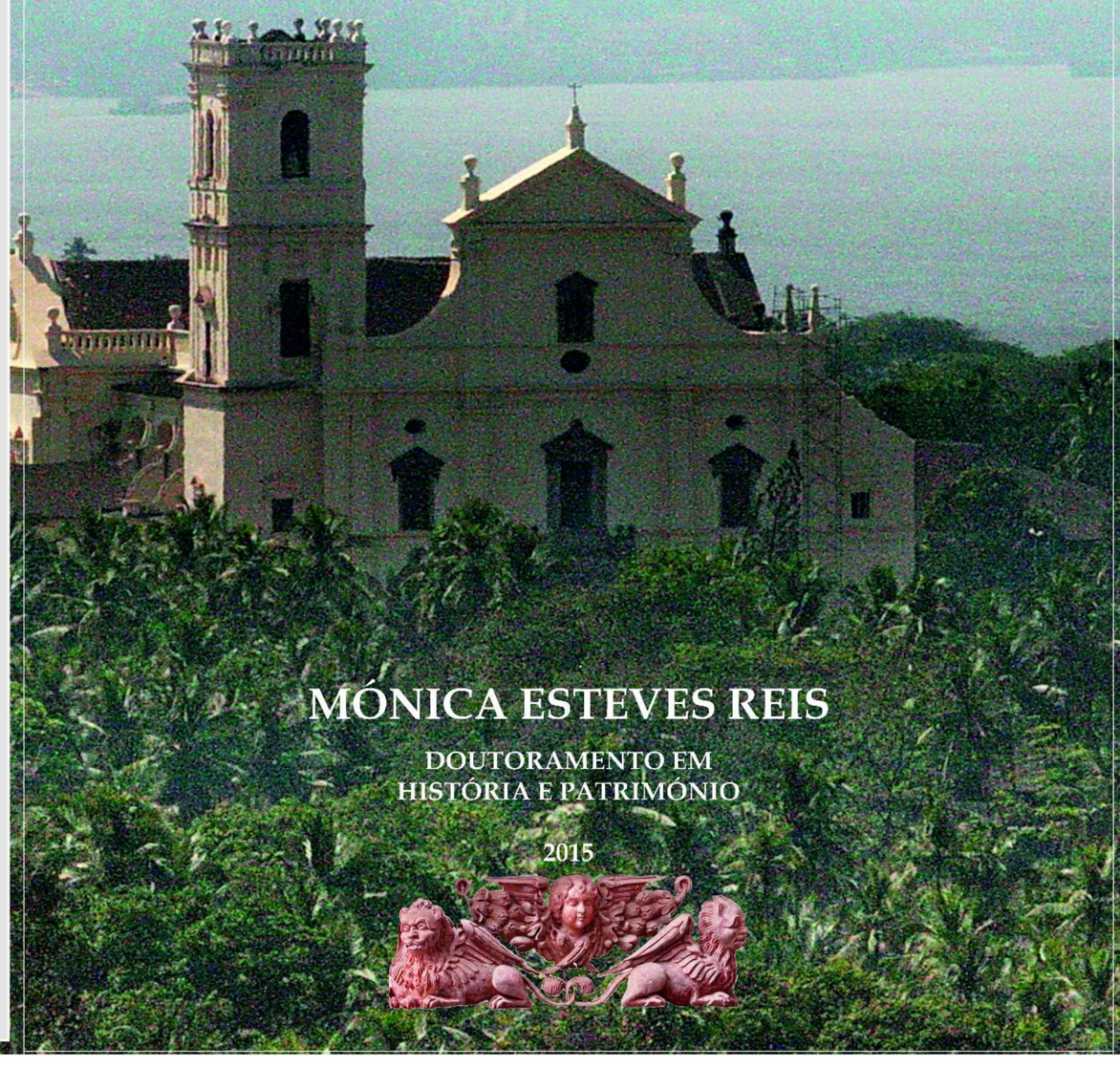
DE PORTUGAL PARA A ÍNDIA
O PERCURSO DA ARTE RETABULAR NA ANTIGA PROVINCIA DO NORTE E EM GOA
INVENTÁRIO ARTÍSTICO DO RETÁBULO NO TALUKA DE TISWADI
MÓNICA ESTEVES REIS

2015

DE PORTUGAL PARA A ÍNDIA

O PERCURSO DA ARTE RETABULAR NA ANTIGA PROVINCIA DO NORTE E EM GOA

INVENTÁRIO ARTÍSTICO DO RETÁBULO NO TALUKA DE TISWADI



MÓNICA ESTEVES REIS

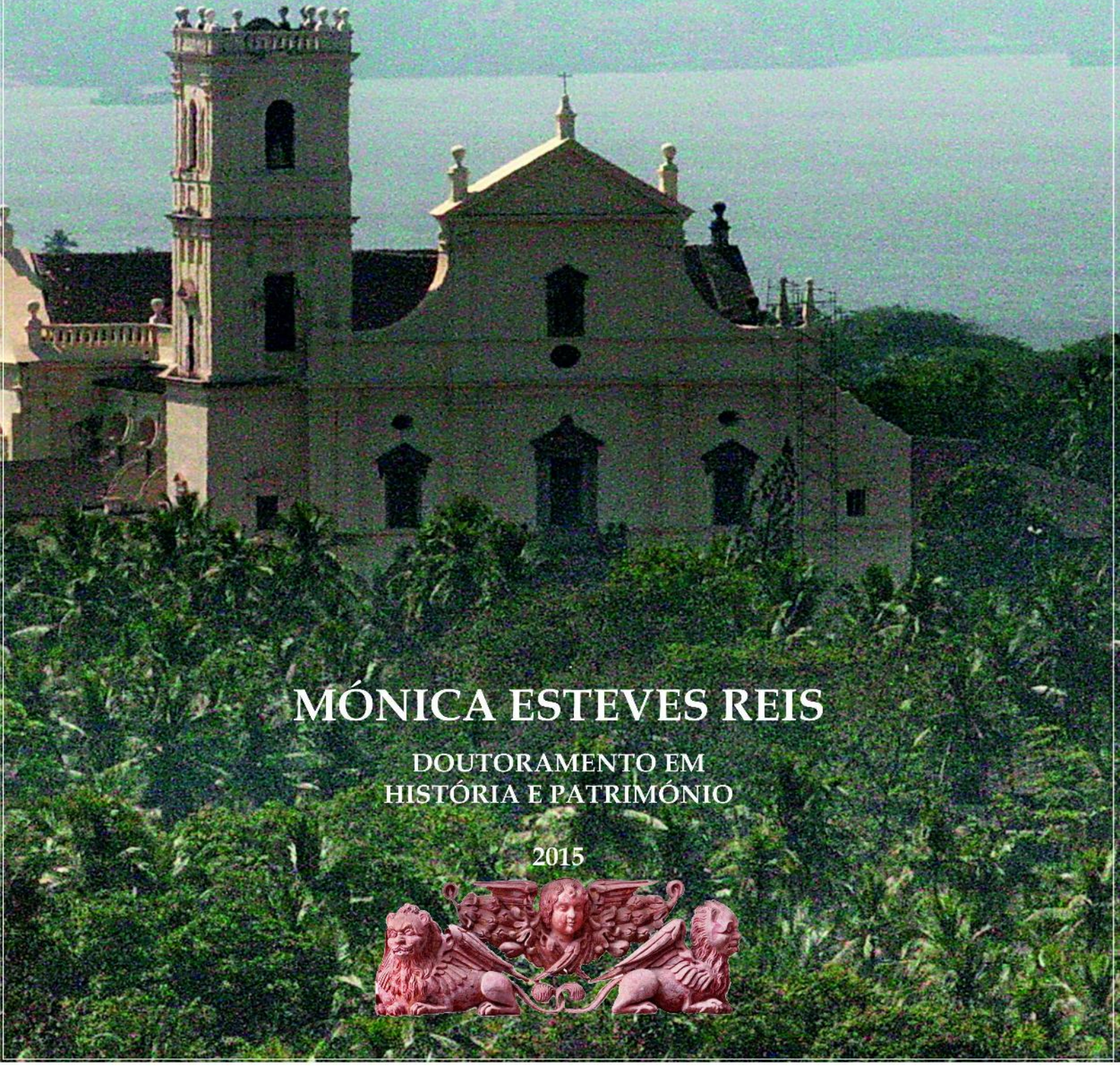
DOUTORAMENTO EM
HISTÓRIA E PATRIMÓNIO

2015

DE PORTUGAL PARA A ÍNDIA

O PERCURSO DA ARTE RETABULAR NA ANTIGA PROVINCIA DO NORTE E EM GOA

INVENTÁRIO ARTÍSTICO DO RETÁBULO NO TALUKA DE TISWADI



MÓNICA ESTEVES REIS

DOUTORAMENTO EM HISTÓRIA E PATRIMÓNIO

2015

UAlg FCHS
UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

DE PORTUGAL PARA A ÍNDIA

O PERCURSO DA ARTE RETABULAR NA ANTIGA PROVÍNCIA DO NORTE E EM GOA

INVENTÁRIO ARTÍSTICO DO RETÁBULO NO *TALUKA* DE TISWADI

Mónica Esteves Reis

Doutoramento em História e Património

Tese efectuada sob a orientação do
Professor Doutor Francisco Lameira

2015

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Departamento de Artes e Humanidades

DE PORTUGAL PARA A ÍNDIA
O PERCURSO DA ARTE RETABULAR NA ANTIGA PROVÍNCIA DO NORTE E EM GOA

INVENTÁRIO ARTÍSTICO DO RETÁBULO NO *TALUKA* DE TISWADI

Tese para obtenção do grau de doutor
em História e Património
no Ramo da História da Arte

ORIENTADOR
Professor Doutor Francisco Lameira

Mónica do Carmo Pedro Esteves Reis

Gambelas, 2015

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Projecto financiado pela Fundação Ciência e Tecnologia (SFR/BD/46066/2008)

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Declaro ser a autora deste trabalho que é original e inédito. Os autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Copyright ® Mónica do Carmo Pedro Esteves Reis

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objectivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Resumo

O advento da descoberta marítima para a Índia proporcionou a abertura do diálogo cultural da Europa com a Ásia de uma forma mais reiterada que a que se vinha repetindo por terra. Partiu-se de Lisboa em busca dos cristãos perdidos e nesta motivação justificaram-se os actos de cariz economicista.

As Ordens Religiosas somam novas almas, crescendo em cristãos e em território nas igrejas improvisadas e pequenas ermidas que se tornariam importantes igrejas. Goa torna-se imponentemente na Roma do Oriente. Em cada navio de Lisboa chegam mais religiosos que irão suportar para a coroa portuguesa o peso das conversões religiosas e a coesão de um território alcançado mas tão longe para ser governado.

Constroem-se igrejas e decoram-se os espaços. A arte retabular, catalisador da fé, mostra nas imagens os benefícios da conversão sendo o retábulo seu veículo principal. O retábulo é o representante da fé pela arte, um *livro* em imagens. Depressa se verifica que este novo território é rico em artesãos hábeis na arte do entalhe que podem assumir as funções dos artistas europeus. A arte retabular indo-portuguesa assume-se como uma arte única, resultado da cooperação artística entre vários tipos de devoção religiosa – as indígenas e a importada – e produziu-se uma forma de arte que não é passível de ser encontrada em qualquer outra parte do mundo português.

Nesta tese de doutoramento onde apresentamos o inventário artístico exaustivo dos retábulos do *taluka* de Tiswadi, iremos demonstrar os processos de produção retabular em Goa, focando a nossa atenção no *taluka* de Tiswadi, local de chegada dos portugueses a este território e onde se ergueram as mais importantes igrejas da presença portuguesa. Iremos verificar a forma como as conjunturas artísticas se desenvolveram bem como estudar os denominadores de cada conjuntura, analisando as suas soluções formais e iconográficas e enunciar os seus intervenientes.

Palavras-chave: arte retabular; indo-português; diálogo artístico-cultural; inventário artístico.

Abstract

The maritime discovery of India paved the way for the opening of a cultural dialogue between Europe and Asia in a way that was more profound than previous contact via land. The Portuguese departed from Lisbon in search of lost Christians, providing a justification for economic activities, as well.

The religious orders acquired new souls, gaining more Christians and territories first with improvised churches and small chapels that later became important churches. Goa became the imposing Rome of the Orient. On each ship from Lisbon more missionaries arrived that would support religious conversions in the name of the Portuguese Crown and helped to provide cohesion in a far-flung territory that was difficult to govern.

The Portuguese constructed churches and decorated the spaces within. Retable art, catalyzer of the faith, revealed through images the benefits of conversion with the retable as the principle vehicle. The retable is the representative of faith through art, a book in images. It quickly became evident that this new territory was full of capable woodcarving artisans who could assume the role of European artists. Indo-Portuguese retable art is unique, the result of artistic cooperation between various types of religious devotion – the indigenous and the imported – which produced a form of art that is not found in any other part of the Portuguese world.

This doctoral thesis presents an exhaustive artistic inventory of the retables of the *taluka* of Tiswadi and seeks to demonstrate the processes of retabular production in Goa, focusing on Tiswadi, the location where the Portuguese initially arrived and where they erected the most important churches of the Portuguese presence. This thesis examines the artistic conjunctures that developed, and studies the denominators of each conjuncture, analyzing their formal solutions and iconographies and enunciating their interventions.

Keywords: retable art; Indo-Portuguese; Artistic-cultural dialogue; artistic inventory

- Agradecimentos -

A quem primeiro acreditou em mim e deu força nos momentos menos bons, arranjou soluções para o que eu achava não ter solução: meu estimado professor Francisco Lameira. Em terras lusas ele foi o meu Siddhartha balseiro que me guiou no rio do conhecimento e mostrou o que era preciso mostrar, quando era preciso mostrar. O meu percurso indiano vai longo e nestes já oito anos em que a Índia faz parte do meu léxico ganhei uma segunda família além-mar que a distância faz magoar: Silvana Pereira e Mazé, uma irmã e uma avó, incansáveis no carinho e amizade. Sem a Silvana do meu lado tudo seria muito mais difícil e menos prazenteiro. Igualmente à sua família alargada em Damão que me acolheram sem distinção. Rvmo. Pr. António Colimão: um amigo antes de mais, confidente das horas mais difíceis e o responsável pela minha primeira viagem durante a dissertação da licenciatura. Sem a sua ajuda nada disto seria possível. A família de Damão estendeu-se em Goa trazendo à minha primeira estadia goesa o conforto de um lar. O inventário extensivo do retábulo em Goa só foi possível com a preciosa ajuda de quem ficou amigo, Rvmo. Pr. Loiola Pereira. As reuniões que intercalava com os seus deveres urgentes proporcionaram-me o conhecimento muito necessário da geografia, toponímia e dos lugares. Foi ele a digna representação de V. Ex.ª Revma Arcebispo Filipe Nery Ferrão que tive igualmente a oportunidade de privar em 2011 sobre a preservação do património goês. Luís Fernandes: o meu primeiro e eterno motorista-amigo que aceitou o desafio de percorrer todas as *taluka*s sem lamúria e sempre pronto a ajudar-me nas visitas das igrejas, na conversação em konkani e em tudo o que fosse necessário. A todos os Rvmo. Padres em Goa pela sua disponibilidade com um grande destaque para os Rvmo. Pr. António Lopes, Feroz Fernandez, Avinash, Nelson Sequeira, Raul, que proporcionaram o sucesso da intenta quando o insucesso estava latente. Em Bombaim, Rvmo. Pr. Warner d'Souza, uma força da natureza e um amigo para sempre. A ele devo a possibilidade de continuar o inventário nos territórios de Bombaim, Vasai e Taná. Um obrigado especial pelos cuidados que empregou na minha segurança durante a minha estadia. Ao Dr. Shivananda Rao e ao delegado do A.S.I em Sion que me forneceram o alojamento na estadia em Bombaim. Em Goa, os seus serviços possibilitaram o prosseguimento do inventário. A Ana Silva da Biblioteca Brotéria pelo auxílio que prestou nas pesquisas de arquivo. A Fundação Oriente e ao delegado Eduardo Kol de Carvalho pela oportunidade do alojamento nas Fontainhas e pelas acções de formação que ajudaram a promover. Voltando a Goa de 2009, onde conheci formalmente

Paulo Varela Gomes, então delegado da fundação. Se pisei terras goesas a ele o devo e à sua recomendação na F.C.T. Pessoa de inenarrável e grandiosa personalidade que me permitiu tertúlias académicas sem o peso do academismo e me engrandeceu profissionalmente. Um orientador não-oficial que esteve sempre disponível em ajudar-me no que precisasse. Recordo com grande saudade e carinho as histórias que me contou e os momentos aquém e além-mar. Até já Paulo. Os amigos que fui fazendo ao longo deste caminho, ora cá, ora lá, que não são de sempre mas para sempre e que foram contribuindo para o meu crescimento profissional. Os investigadores que contribuíram activamente na promoção dos meus conhecimentos fornecendo-me valiosas orientações de pesquisa. Os que em um ou outro momento foram o porto de abrigo. Sem ordem de importância, eles são o Hugo Cardoso, Constantino Xavier, Nandini Chaturvedula, Delfim Correia da Silva, Jason Keith Fernandes, José Meco, João Paulo Oliveira e Costa, Manuel do Patrocínio, Sidh Mendiratta, Lisa Abranches e sua família, Lotika Varadarajan, Jay Thakkar, Marianita Dias, N. Taher, Nascimento de Souza, Natasha Fernandes, Agnelo Fernandes e seus filhos Jason e Nixon, Paulo Teodoro de Matos, Pedro Pombo, Vítor Serrão, Hélder Carita, Padre Pios Malekandathil, R. C. Agrawal, Rajendiran Siva, Rita Poloni, Leandro Infantini, Roger Lee de Jesus, Sandra Lobo, Susan Klaiber, Teotónio de Souza, André Varela Remígio, Teresa Teves Reis, David Teves Reis, Walter Rossa, Cláudia Pereira, Cristina Osswald, Maria de Deus Beites Manso, Aleixo Fernandes e sua família Costa de Curtorim, Rinald d'Souza, Dr. Luis Dias, Rui Oliveira Lopes, Heta Pandit, Fernando António Baptista Pereira, Hilda Frias, Tiina Manne, Jon Dale, Siobhan Ward, Ketak Nachinolkar, Maria de Lurdes Bravo da Costa, Linnet Serrão, Luis Cabral de Oliveira, Luis Filipe Thomaz, Blossom Pereira, Teresa Valente, Nuno Grancho, R. D. Kamalia e família, Prashant Kirtani e sua família, Rafael Moreira, Rosa Maria Perez, Ruben Oliveira-Fernandes e sua família, Jacinta e R. K. Moorthy, Dr. Sérgio Figueiredo, Susana Gabriela Lopes, Ana Matias. E tantos outros que decerto me falharam referir mas que estou igualmente grata, o meu muito obrigada.

A família, muito sofredora das ausências físicas prolongadas e do que muito acarretou este trabalho, tem um destaque demais merecido. O Rui, minha cara-metade, incondicionalmente do meu lado, proporcionando o bem-estar, o sustento e o conforto da família. Foi pai e mãe nas minhas ausências e foi cúmplice do meu crescimento académico. Tudo o que consegui alcançar foi porque quis mas também porque me deixaste abrir as asas. O meu filho Rodrigo. Ainda pequeno demais para perceber a

extensão da dedicação da sua mãe mas nunca pequeno demais para não perceber a sua ausência. Todos os momentos sem ti foram dolosamente longos e todos os abraços que te dei na volta não compensaram a nossa distância. Os meus pais, incansáveis na sua ajuda de tudo o que podiam ajudar, esta vossa filha está muito grata por tudo o que fazem por ela e pela sua família. O meu irmão, que sempre se disponibilizou a ajudar no que era possível.

À memória dos que já não são.

Mário Miranda (†2011) que em 2009 humildemente me abriu as portas da sua casa recebendo-me com toda a simpatia que o caracterizava. Cruzamo-nos meses antes de partir num dos eventos culturais de Goa, momento que guardo com carinho.

Rvmo. Pr. Sérgio Mascarenhas (†2014) grande coração, grande alma, amigo incansável que proporcionou uma estadia memorável em Diu e que sem a sua ajuda não teria sido possível conhecer as igrejas em Diu. Deixou-me de legado a amizade com Hugo Cardoso.

Miguel Mateus (†2015) que partiu na hora errada, levado para longe de quem dele precisa. Perdeu-se um excelente conservador-restaurador, perdi um amigo. Com ele aprendi os meandros da conservação e do restauro da forma mais ética e responsável que pode existir. A nossa demasiado curta parceria, que tanto tinha de bom para vingar em anos de colaboração vindoura, foi farta no legado que me deixou e que irei levar em toda a minha acção profissional, esperando sempre elevar o seu nome.

Deu Borem Korum

Tavira, Julho de 2015

1. Índice de Matérias

RESUMO 9
ABSTRACT 11

- AGRADECIMENTOS - 13

1. ÍNDICE DE MATÉRIAS 17
2. ÍNDICE DE FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS 22

CAPÍTULO I 27

1. INTRODUÇÃO 31
1.1. NORMAS DE REDACÇÃO 33
1.1.1. IDENTIFICAÇÃO DOS LOCAIS 33
1.1.2. TERMINOLOGIA 33
1.1.3. CONCEITOS APLICADOS 33
2. OBJECTO DE ESTUDO E METODOLOGIAS 37
2.1. OBJECTO DE ESTUDO 37
2.2. METODOLOGIA DE PROJECTO 37
2.3. TRABALHO DE CAMPO 38
2.4. METODOLOGIA DE DATAÇÃO 40
2.4.1. CRONOLOGIA 40
2.4.2. BREVES CONSIDERAÇÕES 40
2.4.3. DOCUMENTAÇÃO ESCRITA 41
2.4.4. DOCUMENTAÇÃO VISUAL 47
3. ESTADO DA ARTE E FORTUNA CRÍTICA 51
3.1. INTRODUÇÃO 51
3.2. EM TORNO DO *INDO-PORTUGUÊS*. 52

CAPÍTULO II 85

1. PORTUGAL AO ENCONTRO DO ORIENTE 89
1.1. A EXPANSÃO PORTUGUESA – OS DESÍGNIOS E OS PRETEXTOS. 89
1.2. CRISTÃOS PERDIDOS E ESPECIARIAS 92
2. CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICO-RELIGIOSA 99
2.1. O PADROADO, A SANTA SÉ E A PROPAGANDA FIDE 99
2.2. A EXTINÇÃO DAS ORDENS RELIGIOSAS 103
2.3. A IMPORTÂNCIA DE GOA 108
2.3.1. ESTRUTURAÇÃO ECLESIÁSTICA 110
2.3.2. A MISSIONAÇÃO 113

CAPÍTULO III 125

1. A ARTE EM CONTEXTO 129
1.1. INTRODUÇÃO 129
1.2. REVISITANDO A TERMINOLOGIA 131
1.2.1. *MISCIGENAÇÃO* 131
1.2.2. *ASSIMILAÇÃO* 132
1.2.3. *ACULTURAÇÃO* 133

1.2.4. *CONFLUÊNCIA* 133
1.2.5. *INCULTURAÇÃO* 134
1.2.6. *HIBRIDISMO* 136
1.2.7. CONSIDERAÇÕES FINAIS 137

CAPÍTULO IV 141

1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOA 145
2. OS RETÁBULOS NO *TALUKA* DE TISWADI 153

1.3. INTRODUÇÃO 153

2. ENCOMENDA 157

2.1. CLERO REGULAR 157
2.2. CLERO SECULAR 162
2.3. PATROCÍNIO RÉGIO 164
2.4. PRIVADOS 165
2.5. CONFRARIAS 167

3. USOS E FUNÇÕES 173

3.1. INTRODUÇÃO 173
3.2. RETÁBULOS DO 1º MANEIRISMO 174
3.2.1. RETÁBULOS NARRATIVOS OU DIDÁCTICOS 174
3.3. RETÁBULOS DO 2º MANEIRISMO 174
3.3.1. RETÁBULOS DEVOCIONAIS A UM TEMA 174
3.3.2. RETÁBULOS DEVOCIONAIS A TRÊS TEMAS 175
3.3.3. RETÁBULOS EUCARÍSTICOS 175
3.3.4. RETÁBULOS NARRATIVOS 176
3.3.5. RETÁBULOS DEVOCIONAIS A VÁRIOS TEMAS 176
3.4. RETÁBULOS PROTO-BARROCOS 176
3.4.1. RETÁBULOS DEVOCIONAIS A UM TEMA 177
3.4.2. RETÁBULOS EUCARÍSTICOS 177
3.4.3. RETÁBULOS COM MÚLTIPLAS FUNÇÕES 178
3.4.4. RETÁBULOS NARRATIVOS 178
3.4.5. RETÁBULOS RELICÁRIOS 178
3.4.6. RETÁBULOS DEVOCIONAIS A VÁRIOS TEMAS 179
3.5. RETÁBULOS DO BARROCO PLENO 179
3.5.1. RETÁBULOS DEVOCIONAIS A UM TEMA 179
3.5.2. RETÁBULOS EUCARÍSTICOS 180
3.5.3. RETÁBULOS NARRATIVOS 180
3.5.4. RETÁBULOS DEVOCIONAIS A VÁRIOS TEMAS 180
3.6. RETÁBULOS DO BARROCO FINAL 181
3.6.1. RETÁBULOS DEVOCIONAIS A UM TEMA 181
3.6.2. RETÁBULOS EUCARÍSTICOS 181
3.6.3. RETÁBULOS RELICÁRIOS 182
3.6.4. RETÁBULOS DEVOCIONAIS VÁRIOS TEMAS 182
3.7. RETÁBULOS DO TARDO-BARROCO E ROCOCÓ 182
3.7.1. RETÁBULOS DEVOCIONAIS A UM TEMA 183

3.7.2. Retábulos Eucarísticos 183
3.7.3. Retábulos Devocionais a Vários Temas 183
3.8. Retábulos Revivalistas 184
3.8.1. Retábulos Devocionais a Um Tema 184
3.8.2. Retábulos Devocionais a Três Temas 185
3.8.3. Retábulos Narrativos 185
3.8.4. Retábulos Devocionais a Vários Temas 185

4. TÉCNICAS E MATERIAIS 189

4.1. Técnicas e Materiais na Produção Retabular 189
4.2. Madeira 190
4.2.1. Introdução 190
4.2.2. Madeira Dourada e Policromada 195
4.2.3. Madeira Policromada 196
4.2.4. Madeira e Verniz 196
4.2.5. Madeira Envernizada e Dourada 197
4.3. Metais Nobres 197
4.3.1. Prata 197
4.4. Materiais Pétreos Nobres 197
4.4.1. Mármore 197
4.5. Outros Materiais Pétreos 197
4.5.1. Alvenaria 197
4.5.2. Alvenaria na Técnica de Esgrafito 198
4.5.3. Alvenaria Policromada e Dourada 198
4.5.4. Alvenaria e Mármore 198
4.6. Técnica de Pintura 199
4.6.1. Pintura Mural 199

5. PERIODIZAÇÃO 205

ATITUDE ANTI-CLÁSSICA E DECORO TRIDENTINO 207
5.1. 1º Maneirismo (c.1549 – 1580) 209

PRENÚNCIOS DO TRIUNFALISMO CATÓLICO 211

5.2. 2º Maneirismo (1580 – c.1620) 213

PROTO-BARROCO 217
5.3. Proto-Barroco (c.1620 – c.1675) 219

BARROCO PLENO 225

5.4. Barroco Pleno (c.1675 – c.1710) 227

BARROCO FINAL 231
5.5. Barroco Final (c.1710 – c.1759) 233

TARDO BARROCO E ROCOCÓ 243

5.6. Tardo-Barroco e Rococó (1759 – finais século XVIII) 245

REVIVALISMOS 249
5.7. REVIVALISMO (FINAIS SÉCULO XVIII – PRINCÍPIO SÉCULO XXI) 251

6. FILIAÇÃO ARTÍSTICA 259

7. OFICINAS E ARTISTAS 275
7.1. INTRODUÇÃO 275
7.2. ARTISTAS COMPULSADOS 275
7.2.1. ARTISTAS PORTUGUESES NÃO IDENTIFICADOS (1549) 275
7.2.2. GIOVANI BAPTISTA FOGGINI (1686) 275
7.2.3. *MESTRE SERLIANO (2ª METADE DO SÉCULO XVII)* 275
7.2.4. JÚLIO SIMÃO 276
7.2.5. PADRE FRANCISCO DO REGO (C.1695) 277
7.2.6. PADRE JOÃO DE FRIAS 277
7.2.7. ALEIXO GODINHO 277
7.2.8. MESTRE BABUXA 278
7.2.9. OUTROS ARTISTAS CONHECIDOS A LABORAR EM GOA 279

8. PROCESSO PRODUTIVO 285

8.1. INTRODUÇÃO 285
8.2. RISCO 285
8.3. EXECUÇÃO 285

9. CONCLUSÕES 291

CAPÍTULO V 297

INVENTÁRIO ARTÍSTICO DO RETÁBULO INDO-PORTUGUÊS 297
PREÂMBULO 299

VIGARIARIA DE GOA VELHA 303

PARÓQUIAS:

1. Agassaim 306
2. Azossim 322
3. Batim 326
4. Curca 336
5. Goa Velha 344
6. Mandur 376
7. Neurá 382
8. Siridão 398
9. Talaulim 400

VIGARIARIA DE VELHA GOA 409

PARÓQUIAS:

1. Carambolim 414
2. Corlim 420

3. Marcela……..……434
4. Naroa……436
5. Piedade……..……448
6. Santo Estevão……...……462
7. São Brás……...……478
8. São Matias……...……488
9. São Pedro……506
10. Vanxim……...524
11. Velha Goa……...……530

VIGARIARIA DE PANGIM……..691

PARÓQUIAS:

1. Bambolim……696
2. Chorão – São Bartolomeu……...……702
3. Chorão – Nossa Senhora da Graça……...……722
4. Mercês……...……732
5. Pangim……..……742
6. Ribandar……...……782
7. Santa Cruz……814
8. Santa Inês……826
9. Taleigão……836

LOCAIS EXTINTOS……877

ORGANOGRAMA ECLESIÁSTICO E GEOGRÁFICO…...……937

BIBLIOGRAFIA CAPÍTULOS I-IV……938

CAPÍTULO VI 965

Apêndice Fotográfico…..……..……..967

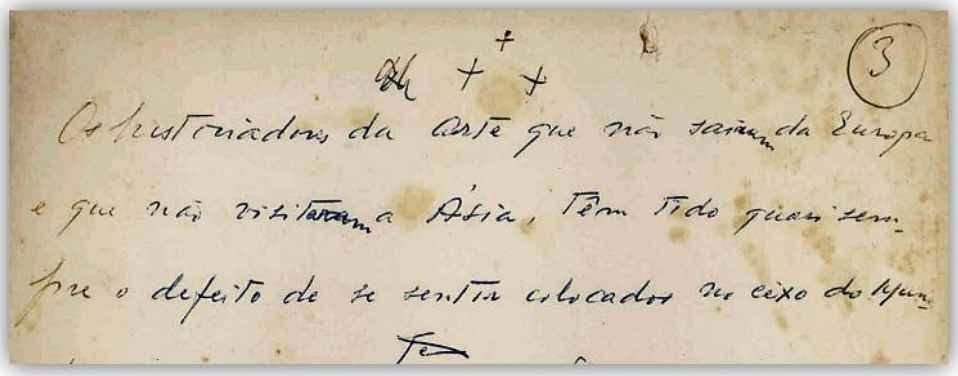
2. Índice de Figuras, Tabelas e Gráficos

Figura 1 – Enquadramento Geográfico do taluka de Tiswadi *144*
Figura 2 – Vista da Cidade de Goa, James Forbes, 1813. Créditos: V&A *145*
Figura 3 – Vista aérea sobre Velha Goa e Monte Sacro. Créditos: Ajay Sood *145*
Figura 4 - Ruinas da Misericórdia por António Lopes Mendes, 1886. Imagem retirada da sua obra. *146*
Figura 5 – Vista sobre o bairro das Fontainhas. Créditos: Miguel Mateus *146*
Figura 6 – Seminário do Pilar *147*
Figura 7 – Templo de Mahadeva em Tambdi Surla-Sanguém *147*
Figura 8 – Centros de Poder em Goa: Goa Velha (amarelo), Velha Goa (verde) e Nova Goa (vermelho) *148*
Figura 9 - As Ilhas de Tiswadi *149*
Figura 10 – Detalhe da obra de Frei Diogo de Sant'Ana "Apologia do insigne Mosteiro de Santa Mónica de Goa" onde refere o uso da madeira teca para o madeiramento do Convento *189*
Figura 11 – Mapa de dispersão das artes manuais em Goa *195*
Figura 12 – Técnica de Esgrafito em Goa *198*
Figura 13 - Detalhes iconográficos no Retábulo da Ousia na Capela do Priorado do Rosário (Velha Goa-Tiswadi) comparados com os brutescos projectados por Vries: dragões (cima, esquerda) e pelicanos e frutos (cima, direita) e fénixes (baixo). *210*
Figura 14 – Detalhe no embasamento dos retábulos colaterais da Capela do Priorado do Rosário (Monte Sacro-Tiswadi) e uma estampa da referida obra de Jan Vredeman de Vries "Multarum variarumque protactionum (…)" *214*
Figura 15 – Colunas dos retábulos do corpo da Igreja do Espírito Santo (Naroa-Tiswadi) e estampa de Guarino Guarini (1683) *219*
Figura 16 – Retábulo das Santas Almas, possivelmente da Quinta Jesuita em Cullanvaiguinim-Tiswadi, denota a influência das estampas de Villalpando *220*
Figura 17- Frontão dos retábulos colaterais na Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe (Batim-Tiswadi) e estampa do Livro 6 de Sebastiano Sérlio *221*
Figura 18 – Retábulo de São Sebastião na Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi) e uma montagem das estampas serlianas do Livro VI: estampa XX (esquerda, cima) e VIII (esquerda, baixo). *221*
Figura 19 – Elementos arquitectónicos dos retábulos na Capela de Nossa Senhora da Boa Ventura (Toldó-Tiswadi) e retábulos do corpo da Igreja da Divina Providência (Velha Goa-Tiswadi) *228*
Figura 20 - Retábulos da Ousia nas Igrejas da Divina Providência em Velha Goa-Tiswadi (esquerda), Igreja de São Lourenço em Agassaim-Tiswadi (centro) e Igreja de Santa Cruz em Verna-Salcete (direita) *233*
Figura 21 – Detalhe do embasamento no retábulo da Ousia da Igreja da Divina Providência (Velha Goa-Tiswadi) *234*
Figura 22 – Estampa de Juan Baptista Villalpando de onde se filia o detalhe iconográfico citado na Fig. anterior *234*
Figura 23 – Detalhe no Retábulo da Ascensão de Nossa Senhora no Museu do A.S.I. (Velha Goa-Tiswadi) e estampa da obra de Jean Le Pautre. *235*
Figura 24 – dossel do retábulo colateral na Igreja de Santo Estevão (Santo Estevão-Tiswadi) *236*
Figura 25 – Detalhe do ático no retábulo da Ousia da Capela de Nossa Senhora do Monte Carmelo (Velha Goa-Tiswadi) *236*
Figura 26 – Detalhes no retábulo da Ousia na Igreja de São Loureço (Agassaim-Tiswadi), da esquerda para a direita: pilastras serlianas das ilhargas, dossel sobre resplendor, mísula e detalhe ornamental. *237*
Figura 27 – Quatro elementos arquitectónicos no retábulo de Santa Isabel Rainha de Portugal localizado Igreja da Senhora do Pilar (Seraulim-Salcete), oriundo da Igreja do Espirito Santo do Convento de São Francisco em Velha Goa-Tiswadi *238*

Figura 28 – Colunas de fuste estriado e secção poligonal na Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (esquerda) e Igreja do Espírito Santo do Convento de São Francisco (direita) em Velha Goa-Tiswadi 239
Figura 29 – Estampas retiradas da obra de Guarino Guarini: Guarini, Architettura Civile Del Padre D. Guarino Guarini Cherico Regolare Opera Postuma Dedicata a Sua Sacra Reale Maesta – estampa IV (esquerda) e estampa X (direita) 240
Figura 30 – Detalhe dos elementos arquitectónicos do retábulo de Santo António de Lisboa na Igreja do Bom Jesus (Velha Goa-Tiswadi) 246
Figura 31 – Ático no retábulo oriundo da Igreja da Madre de Deus (Dauguim-Tiswadi) relocalizado na Ousia na Igreja de São Jerónimo (Mapusa-Bardez) 247
Figura 32 – Ático do retábulo da Ousia da Igreja de Santa Cruz (Santa Cruz-Tiswadi) 247
Figura 33 - Retábulo de Santo António de Lisboa na Igreja com o mesmo orago (Santanton Vaddo-Tiswadi) 248
Figura 34 – Detalhe do trono colocado a frente da tribuna no retábulo da Ousia da Igreja de São Matias (Naroa-Tiswadi) 248
Figura 35 – Pilastra geminada nos retábulos colaterais da Igreja de Santo André (Goa Velha-Tiswadi) 252
Figura 36 – Detalhe do trono de degrau no retábulo da Ousia da Capela de Nossa Senhora da Graça em Madel-Tiswadi 252
Figura 37 – Detalhe dos tronos nos retábulos da Ousia da Igreja de Santo André (Goa Velha-Tiswadi) e Capela de Nossa Senhora das Mercês (Mercês-Tiswadi) 253
Figura 38 - Painel em médio-relevo alegadamente pertencente ao retábulo da Ousia da Igreja de Nossa Senhora da Graça (Monte-Sacro-Tiswadi) 260
Figura 39 – Esboços hipotéticos de retábulo da Ousia da Igreja de Nossa Senhora da Graça (Monte Sacro-Tiswadi) 261
Figura 40 – Retábulos do corpo da Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi)..262
Figura 41 – Retábulos do corpo da Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi) e estampa de Sebastiano Sérlio 263
Figura 42 – Pormenor do modelo compositivo implementado em Goa durante o Barroco Pleno e coluna do templo de Salomão em Roma 264
Figura 43 – A Cura do Homem Coxo (1515-6) por Rafael, criado a partir da leitura dos Actos dos Apóstolos, 3:6. 265
Figura 44 - Dois dos seis painéis que ainda subsistem e que terão pertencido ao primeiro retábulo da Ousia (c.1661) 267
Figura 45 - Retábulo da Ousia da Igreja de San Nicoló (Verona, Veneto-Itália) Créditos: Tijs Huisman, 2009. 269
Figura 46 – Retábulo da Ousia da Igreja da Divina Providência, Velha Goa-Tiswadi (esquerda), Estampa 22 de Guarino Guarini (centro) e Retábulo da Ousia da Igreja de San Nicoló, Verona, Veneto-Itália (direita) 270
Figura 1 – demonstração de ilustração de um retábulo relocalizado. 300
Figura 2 – demonstração de ilustração de dois retábulos relocalizados. 300

Tabela 1 - Súmula dos locais inventariados 39
Tabela 2 – Definição de Indo-Português nos primórdios da sua utilização. 56
Tabela 3 - Novas denominações de acordo com os países de implantação 70
Tabela 4 – Madeiras da Índia Portuguesa, retirado da Obra de A. B. de Bragança Pereira 194
Tabela 5 - Quadro com súmula dos artistas conhecidos 281

Gráfico 1 - Estruturação Eclesiástica Goa, Damão, Diu, Vasai e Bombaim *119*
Gráfico 2 - Dioceses Sufragâneas de Goa *121*
Gráfico 3 - Dioceses Sufragâneas de Bombaim *123*
Gráfico 4 - Encomendas durante o Século XVI *162*
Gráfico 5 - Encomendas durante o Século XVII *163*
Gráfico 6 - Encomendas durante o Século XVIII *164*
Gráfico 7 - Usos e Funções: o total da amostra *173*
Gráfico 8 – Usos e Funções: panorama na conjuntura do 2º Maneirismo *174*
Gráfico 9 – Usos e Funções: panorama na conjuntura do Proto-Barroco *177*
Gráfico 10 – Usos e Funções: Panorama na conjuntura do Barroco Pleno *179*
Gráfico 11 – Usos e Funções: Panorama da conjuntura do Barroco Final *181*
Gráfico 12 – Usos e Funções: Panorama na conjuntura do Tardo-Barroco e Rococó *182*
Gráfico 13 – Usos e Funções: panorama na conjuntura do Revivalismo *184*
Gráfico 14 – Técnicas e Materiais: panorama geral *189*
Gráfico 15 – Técnicas e Materiais – Madeira Policromada em cada conjuntura *196*
Gráfico 16 - Periodização do Retábulo no taluka de Tiswadi de acordo com as datas de execução que foram apuradas *203*
Gráfico 17 – Periodização: produção retabular do taluka de Tiswadi *205*
Gráfico 18 - Periodização: o 1º Maneirismo *209*
Gráfico 19 – Periodização: o Segundo Maneirismo distribuído por paróquias *213*
Gráfico 20 – Segundo Maneirismo de acordo com Tipologia, Modelo Compositivo e seus Usos e Funções *214*
Gráfico 21 - Periodização: o Proto-Barroco distribuído por paróquias *219*
Gráfico 22 - A conjuntura do Proto-Barroco de acordo com Tipologias, Modelos Compositivos e Usos e Funções *223*
Gráfico 23 - Periodização: o Barroco Pleno distribuído por paróquias *227*
Gráfico 24 – O Barroco Pleno de acordo com os Modelos Compositivos, Tipologias e Usos e Funções ... *228*
Gráfico 25 – Os elementos arquitectónicos durante o Barroco Pleno *229*
Gráfico 26 - Periodização: o Barroco Final distribuído por paróquias *233*
Gráfico 27 – Barroco Final: configuração dos elementos arquitectónicos segundo os Modelos Compositivos, tipo de coluna e diferenciação do imoscapo. *237*
Gráfico 28 – Barroco Final: Modelos Compositivos de acordo com as tipologias e Usos e Funções *241*
Gráfico 29 - Periodização: o Tardo-Barroco e Rococó distribuído por paróquias *245*
Gráfico 30 – Tardo-Barroco e Rococó: Modelos Compositivos de acordo com as tipologias e Usos e Funções *246*
Gráfico 31 - Periodização: o Revivalismo distribuído por paróquias *251*
Gráfico 32 – Os elementos Arquitectónicos durante o Revivalismo *251*
Gráfico 33 – Técnicas e materiais usados durante a conjuntura revivalista *254*
Gráfico 34 - Revivalismo: Modelos Compositivos de acordo com suas tipologias e usos e funções *255*



"Os historiadores da arte que não saíram da Europa
e que não visitaram a Ásia, têm tido quase sempre
o defeito de se sentir colocados no eixo do mundo."



MÁRIO TAVARES CHICÓ

EXCERTO DE PÁGINA DE UM CADERNO DE RASCUNHOS.

Capítulo I

Introdução

1. Introdução

Este projecto, iniciado em 2009, tem raízes na dissertação de licenciatura iniciada em 2007[1]. Nele marcamos os objectivos de inventariação total do retábulo indo-português nos territórios de Goa, Damão, Nagar-Aveli, Diu, Vasai, Bombaim e Taná. Durante os quatro anos foi possível efectuar várias viagens para a recolha fotográfica e investigação de arquivo, proporcionado pelo apoio financeiro da bolsa de doutoramento com que fomos contemplados. Atingimos com sucesso o primeiro objectivo – a inventariação total. Na posse da memória da totalidade da produção retabular nesses territórios iniciamos a análise formal e recolha em arquivo. Vários eventos de ordem pessoal impediram que este projecto se realizasse nos propostos 4 anos e vimo-nos obrigados a prolongar os prazos. Um evento informático particularmente infeliz que não conseguimos ultrapassar fez com que fossemos obrigados a apresentar este trabalho nos presentes moldes.

O presente trabalho está dividido em 6 capítulos. No capítulo I enunciamos as normas de redacção, as terminologias aplicadas e as metodologias usadas. Passamos depois para o estado da arte e a sua fortuna crítica onde enunciamos o tema do indo-português desde a sua génese, com o intuito não só de fazer perdurar no tempo os seus primeiros significados bem como elevar o seu conceito.

No capítulo II enquadramos a presença portuguesa no contexto da expansão e chegada à Índia e os mecanismos da coroa portuguesa na estruturação do Padroado no Oriente. Abrimos assim caminho para o tema de Goa e a sua importância no panorama da missionação e do estabelecimento das várias ordens religiosas.

No capítulo III trataremos de revisitar e analisar os conceitos de miscigenação, assimilação, aculturação, confluência e inculturação por forma a estabelecer uma base de diálogo para a análise da produção retabular.

O capítulo IV inicia-se com o enquadramento geográfico do *taluka* de Tiswadi antes de passarmos à análise exaustiva dos retábulos do *taluka* de Tiswadi. Dos 417 locais inventariados do qual subsistem cerca de 970 retábulos e 160 púlpitos nos territórios de Goa, Damão, Diu, Vasai, Bombaim e Taná, trazemos a síntese resultante da análise de 270 retábulos que foram compulsados em 109 locais do *taluka* de Tiswadi. Neste capítulo

[1] Mónica Esteves Reis, «O retábulo da Companhia de Jesus - Damão e Diu» (Dissertação Final Licenciatura, Universidade do Algarve, 2007).

poderemos fazer referências bibliográficas sem citação caso nos estejamos a referir a dados que foram prontamente citados na respectiva ficha de inventário. Será deixada uma nota ao leitor que o remete para a respectiva ficha.

O capítulo V constitui-se pelo Catálogo dos Retábulos Inventariados e pelas suas fichas de inventário. Está estruturado em vários níveis de informação:

- *Vigariarias*, sendo no *taluka* de Tiswadi três, a saber: Goa Velha, Velha Goa e Pangim. Dado que o estudo da produção retabular no *taluka* de Tiswadi foi realizado de forma extensiva, incluímos um quarto nível nesta estruturação, formado pelos locais extintos.
- *Paróquias*: por ordem alfabética, listamos as paróquias de cada vigariaria.
- *Locais inventariados* (igrejas, capelas, conventos, mosteiros, catedral) agrupados nas paróquias que foram listadas por ordem alfabética. O primeiro local inventariado de cada paróquia corresponderá à sede paroquial.

De acordo com o que nos propusemos realizar, foi possível dar a relocalização de variados retábulos dos locais extintos. Sempre que foi possível incluímos os retábulos nos seus locais actuais, no entanto, quando a relocalização se deu noutro *taluka*, remetemos para este nível a ficha de inventário. Excluíram-se daqui as imagens dos retábulos análogos, por exemplo, os retábulos colaterais quando formalmente semelhantes e da mesma conjuntura optou-se por fazer uma só ficha de inventário. Nesses caso, a imagem do retábulo colateral que não aí constar será consultável no Apêndice Fotográfico.

No final deste capítulo apresentamos a bibliografia citada nos Capítulos I-IV. A bibliografia do Capítulo V será apresentada no final de cada Vigariaria.

Finalmente, o Capitulo VI, é composto pelo Apêndice Fotográfico.

Notas finais:
Redigimos esta tese na língua portuguesa pré-acordo ortográfico. Todas as referenciações bibliográficas foram realizadas com o programa zotero. A norma de citação adoptada foi a *Chicago Manual of Style 16th Edition (Full Note)* para os Capítulos I-IV e a *Portuguese Studies* para o Capítulo V. O tipo de letra utilizado para o corpo do texto foi a Times New Roman 12pt e 10pt para as notas de rodapé, para os títulos a Book Antiqua 12pt e para as legendas de figuras, tabelas e gráficos a Calibri 9pt.

1.1. Normas de Redacção

1.1.1. Identificação dos Locais

A identificação dos espaços religiosos será efectuada na seguinte ordem:

Tipo de templo, orago (Localidade – *taluka*).

Exemplos:

Igreja do Espírito Santo (Velha Goa – Tiswadi)

Igreja de Santo Aleixo (Calangute – Bardez)

1.1.2. Terminologia

A terminologia *ermida* indica aqui todos os locais vulgarmente conhecidos por "capela". Distinguimos assim estas das capelas que existem dentro dos locais, por exemplo "a Capela do Claustro", ou "a Capela do corpo da Igreja". Iremos no entanto manter a designação de capela quando nos quisermos referir ao seu orago.

Capela Privativa diz respeito a pequenas capelas construídas dentro das casas privadas, anexas às casas privadas ou em terreno privado. São pertença da família.

Oratório Privativo diz respeito a pequenos altares colocados em casas privadas para devoção da família.

1.1.3. Conceitos Aplicados

Compreendemos por *Documentação Escrita* toda a documentação consultada em arquivos e bibliotecas.

Por *Documentação Visual* compreendemos o objecto de estudo – o retábulo – que se constitui como testemunha do passado quando a documentação escrita não é suficiente ou inexistente.

Objecto de Estudo e Metodologias

2. Objecto de Estudo e Metodologias

2.1. Objecto de Estudo

Este trabalho que se apresenta a público é constituído pelo estudo da arte retabular indo-portuguesa nos territórios de Goa a na antiga Província do Norte, debruçando-nos com maior pormenor no *taluka* de Tiswadi.

Consideramos a arte retabular indo-portuguesa o resultado da cooperação artística de carácter votivo entre dois tipos de crença religiosa: uma local, ecléctica – como resultado do contacto do povo do subcontinente indiano com outros povos que ocuparam o seu território e que contribuíram para a formação de uma matriz artístico-cultural – e outra importada: a partir de 1498, com o advento dos portugueses que vieram a contribuir para a matriz artístico-cultural deste subcontinente. Deste encontro resultam objectos de arte de características individuais que não se repete em qualquer outra parte do mundo português[2].

Iremos durante este estudo trazer ao conhecimento os aspectos de ordem artístico-cultural que nos permitiram desenvolver as teorias que iremos apresentar, de acordo com a documentação escrita e visual. De forma sistemática e com rigor científico, pretendemos contribuir não só para o conhecimento como efectuar o inventário do retábulo indo-português nas regiões de Goa e da Antiga Província do Norte.

2.2. Metodologia de Projecto

O primeiro contacto com a Índia foi feito no âmbito da dissertação final para a conclusão da Licenciatura em Património Cultural. No ano de 2007, foi efectuado o inventário do retábulo da Companhia de Jesus em Damão e Diu[3], tendo já em mente um projecto mais abrangente. Um estudo específico, e sobretudo a inventariação sistemática da arte retabular, considerava-se imprescindível para que a memória artística não se

[2] .*"Indo-Portuguese retable art is the result of an artistic cooperation of two types of religious praise – one indigenous and one imported – which produced a specific art form not found in any other part of the world"* Mónica Esteves Reis, «Retable art in India-its importance, the empathic apathy and the future», em *2nd International Conference on Heritage and Sustainable Development*, vol. II (Heritage 2010: 2nd International Conference on Heritage and Sustainable Development, Évora: Greenlines Institute, 2010), 1138.

[3] Reis, «O retábulo da Companhia de Jesus - Damão e Diu».

perdesse. Verificou-se que o estado de conservação de diversos exemplares e a implementação das políticas de conservação e restauro que em certa medida são insuficientes, proporcionam avançado estado de degradação de exemplares de grande relevância artística.

A realização deste projecto compreendeu vários momentos: trabalho de campo para recolha fotográfica do objecto de estudo, investigação em arquivos e bibliotecas locais, investigação em arquivos e bibliotecas nacionais e internacionais; trabalho de campo em território nacional para recolha fotográfica de exemplares para estudos comparativos.

O trabalho de campo decorreu nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2007 nos territórios do estado da Union Territory Daman & Diu, nos meses de Fevereiro, Março e Abril de 2009 nos territórios do estado de Goa e nos meses de Outubro, Novembro e Dezembro de 2012 nos territórios do estado Maharashtra.

A investigação em arquivos e bibliotecas locais realizou-se nos meses de Abril de 2009 e Outubro, Novembro e Dezembro de 2012, nos HAG (Hictorical Archives of Goa, Panjim), GCL (Goa Central Library, Pangim), ACPG (Arquivo da Cúria Patriarcal de Goa, Altinho). A investigação em arquivos e bibliotecas nacionais e internacionais realizou-se nos AHU (Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa), ANTT (Arquivo Nacional Torre do Tombo), BN (Biblioteca Nacional, Lisboa), CDAAB (Centro de Documentação António Alçada Batista, Museu do Oriente, Lisboa), AFL (Arquivo Fotográfico de Lisboa, na ANTT, Lisboa), BL (British Library), SOAS (Library of the School Of Oriental And African Studies).

2.3. Trabalho de Campo

O trabalho de campo foi efectuado com a finalidade de contribuir para o conhecimento de uma expressão artística que obteve até então pouca atenção da comunidade científica. Os estudos prévios que se conhecem remontam à década de 1960' nas obras de Mário Tavares Chicó e Carlos Tavares de Azevedo. Com eles foi possível conhecer uma pequena parte da realidade artística, circunscrita ao espaço geográfico de Velha Goa e alguns espaços das Velhas Conquistas correspondendo ao local de desembarque lusitano e onde se estabelecem primordialmente as Ordens Religiosas. Ficou por conhecer uma vasta realidade artística retabular dos espaços – não só das

Velhas Conquistas como das Novas Conquistas e de todos os outros espaços que foram palco da presença portuguesa na Índia. Esta fase constituiu-se na visita, recolha fotográfica e análise *in situ*, de 31 locais no Estado Union Territory of Daman and Diu, 354 locais no Estado de Goa e 32 locais no estado Maharashtra, o que perfaz um total de 417 locais inventariados, distribuídos da seguinte forma:

Tipologia/Locais	Union Territory	Goa	Maharastra	Subtotal
Catedral	0	1	0	*1*
Igreja	12	142	32	*186*
Ermida	15	169	0	*184*
Convento	3	2	0	*5*
Mosteiro	1	1	0	*3*
Oratório Privativo	0	31	0	*31*
Capela Privativa	0	6	0	*6*
Seminário	0	2	0	*2*
Totais	*31*	*354*	*32*	**417**

Tabela 1 - Súmula dos locais inventariados

A estratégia de visita dos locais correspondeu à intenção de inventariação total, independentemente da cronologia dos locais. Esta estratégia baseou-se no facto de muito equipamento litúrgico ter sido deslocado para outros locais aquando da expulsão das Ordens Religiosas dos territórios portugueses.

2.4. Metodologia de Datação

2.4.1. Cronologia

O método de datação adoptado para a realização deste inventário faz parte do método desenvolvido por Francisco Lameira[4] que valoriza os mecanismos artísticos na arte como forma de balizar as conjunturas artísticas em detrimento da periodização adoptada por Robert Smith[5].

2.4.2. Breves Considerações

A escassez de documentação escrita, fizeram-nos recorrer ao único documento existente – o retábulo. Despindo o retábulo da ornamentação e lendo para lá das suas adulterações e alterações é possível chegar à sua matriz, simplificando a leitura de conjunto e avançar para a atribuição cronológica e execução artística. Este método de datação fundamenta-se na observação crítica dos elementos arquitectónicos e decorativos constituintes nos retábulos em estudo de forma a possibilitar a atribuição da execução artística e situar a sua produção cronologicamente.

Foram considerados como elementos principais de datação os elementos arquitectónicos, incluindo os elementos decorativos nele aplicados. Neste método ficamos perante balizas temporais formadas com base na análise visual e documentação escrita quando tal é possível. Perante esta volatilidade, a autora desta tese não pode deixar de sentir algum conforto nas palavras de quem já passou por tal provação:

> *"(...) devemos contentar-nos com hipóteses baseadas em análises susceptíveis de profundos erros, com a identificação de mestres cujos nomes são sugeridos, por vezes arbitrariamente, por algumas das suas supostas obras. É uma solução provisória que distingue a fase inicial de qualquer estudo das artes visuais. Oxalá que neste caso seja breve![6]"*
>
> *Robert Smith, A Talha em Portugal, 1962*

[4] Francisco Lameira, *O Retábulo em Portugal - das origens ao declínio*, Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História de Arte da Universidade de Évora, Promontória Monográfica - História da Arte 1 (Faro: Gráfica Comercial, 2005).

[5] Robert C. Smith, *A Talha em Portugal* (Lisboa: Livros Horizonte, 1962).

[6] Ibid., 9.

2.4.3. Documentação Escrita

A documentação original, as fontes primárias, é para este estudo uma raridade dado que entre a distância temporal e geográfica, a par de uma série de ocorrências históricas, e a falta de condições de preservação de documentos em ambientes propícios à rápida deterioração, fizeram com que a estratégia de investigação tomada fosse diferente. No campo da documentação escrita, a mais-valia para este estudo foi encontrar uma forte documentação de produção do início de século XX que de uma forma directa abordou muitos dos retábulos em estudo, por vezes acompanhados de ilustração e com referências às fontes primárias que entretanto ou se encontravam perdidas ou em condições de preservação deploráveis. O carácter inventarial desta documentação e o rigor e consistência dos textos dos seus autores permite-nos prosseguir com a indicação de factos históricos relevantes ao estudo. Falamos das publicações periódicas publicadas em Goa, a saber: Arquivo Português Oriental, Boletim do Instituto Menezes Bragança, Boletim Eclesiástico de Goa que foi publicado desde 1931 até 1942 até passar a designar-se A Voz de São Francisco Xavier a partir desse mesmo ano até 1968, O Heraldo, O Oriente Português, O Cronista de Tissuary, Gabinete Literário das Fontainhas, Archivo Português Oriental, A Imprensa de Ribandar[7]. Nestes publicavam-se artigos[8] de Amândio Gracias, Leopoldo da Rocha, Bragança Pereira, Gomes Catão[9], Ricardo Michael Telles[10], Panduronga Pissurlencar[11] entre outros. Cerca de uma década mais tarde, e do lado

[7] Indicamos os números que foram consultados localmente: Arquivo Português Oriental, Boletim do Instituto Menezes Bragança (anos 1933 a 1935), Boletim Eclesiástico de Goa (ano 1905) que foi publicado desde 1931 até 1942 até passar a designar-se A Voz de São Francisco Xavier (os anos 1936 a 1942) a partir desse mesmo ano até 1968, O Heraldo (anos de 1926), O Oriente Português (ano de 1905), O Cronista de Tissuary, Gabinete Literário das Fontainhas (anos de 1850), Archivo Português Oriental, A Imprensa de Ribandar. Outros números presentes no trabalho inventarial da Biblioteca Digital do Memórias d'África e d'Oriente foram consultados no sítio em linha: http://memoria-africa.ua.pt/

[8] Destaca-se em seguida apenas alguns dos trabalhos dos autores que se irão referir.

[9] Monsenhor Francisco Xavier Gomes Catão, *The Island of Chorão: A Historical Sketch* (Goa: Mar Louis Memorial Press, 1962); Monsenhor Francisco Xavier Gomes Catão, «Real Capela de Santo António em Velha Goa», *STVDIA - Centro de Estudos Históricos Ultramarinos*, n. 32 (Junho de 1971).

[10] Ricardo Michael Telles, *Igrejas, Capelas, Conventos e Palácios na Velha Cidade de Goa*, Nova Goa (Goa: Imprensa Gonçalves, 1931).

[11] Panduronga S. S. Pissurlencar, *As Primitivas Capitais de Goa* (Nova Goa: Imprensa Gonçalves, 1932).

português publicavam-se os trabalhos de Mário Tavares Chicó[12] e Carlos de Azevedo[13]. Uma nova vaga de trabalhos na década de 80 e 90 do século XX, surgem os trabalhos de Rafael Moreira[14], Pedro Dias[15], Vítor Serrão[16], José Meco[17], Hilda Frias[18], Teotónio de Souza[19], contribuindo para estudo de carácter monográfico de espaços existentes no espaço da Velha Goa. Mais recentemente, um excelente estudo levado a cabo pela Universidade de Coimbra em colaboração com a Fundação Calouste Gulbenkian veio a contribuir para a inventariação dos locais de presença portuguesa no mundo. O HPIP[20] parte da proposta da Fundação Calouste Gulbenkian a José Mattoso em 2007 e consistia na formulação e desenvolvimento de um projecto de recolha e disponibilização pública do Património de Origem Portuguesa no Mundo – arquitectura e urbanismo. Foram

[12] Mário Tavares Chicó, «Algumas observações acerca da Arquitectura da Companhia de Jesus no distrito de Goa», *Garcia da Orta | Junta Geográfica das Missões Geográficas e de Investigação Tropical*, n. Número Especial (1956); Mário Tavares Chicó, *Gilt carved-work retables of the churches of Portuguese Índia*, Número Especial (Londres: Connoisseur, 1959).

[13] Carlos de Azevedo, *A Arte Cristã da Índia Portuguesa* (Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1959); Carlos de Azevedo, *A Arte de Goa, Damão e Diu*, Comissão Executiva do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama (Lisboa, 1969).

[14] Rafael Moreira, «From manueline to Renaissance in Portuguese India», *Mare Liberum*, n. 9 (Julho de 1995): 401–7; Rafael Moreira, «A Igreja de São Caetano de Goa e a Arquitectura Portuguesa do Século XVII» 1993.

[15] Pedro Dias, *Arte de Portugal no Mundo - Índia, Artes decorativas e iconográficas*, Público, vol. 11, 15 vols. (Lisboa: Público - Comunicação Social, SA, 2008); Pedro Dias, *Arte indo-portuguesa : capítulos da história* (Coimbra: Livraria Almedina, 2004).

[16] Vitor Serrão e et all, «Arte e História do Convento de Santa Mónica de Goa: A Luz da Apologia de Fr. Diogo de Santa Ana (1933)», no prelo de 2007; Vitor Serrão, «Pintura e Devoção em Goa no tempo dos Filipes: o mosteiro de Santa Mónica no "Monte Santo" (c.1606-1639) e os seus artistas», *Fundação Oriente*, 2010.

[17] José Meco, «O espectáculo Barroco e a Talha Dourada na Arquitectura Religiosa Indo-Portuguesa» (II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985); José Meco, «A Talha Indo-Portuguesa», em *Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas*, vol. 1 (As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa: Imaginário e Viagem, Lisboa: ESAD, 2010).

[18] Hilda Frias, *Goa, a arte dos púlpitos* (Lisboa: Livros Horizonte, 2006).

[19] Teotónio R. de Souza, «O Património Artístico Cristão de Goa», *Boletim do Instituto Menezes Bragança*, n. 172 (1994); Teotónio R. de Souza, «A Arte Cristã de Goa: uma introdução histórica para a dialéctica da sua evolução», *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

[20] HPIP: Heritage of Portuguese Influence (Versão para Língua Inglesa) PIP: Património de Influencia Portuguesa (Versão para Língua Portuguesa)

lançados em 2010 três volumes e finalizou-se com um volume de índices em 2011 e no mesmo ano foi lançado um sítio em linha[21] que está em constante actualização. Os conteúdos desdobram-se em Arquitectura Religiosa, Arquitectura Militar, Equipamentos e Infra-estruturas e Habitação nos contextos da Ásia, Norte de África, Golfo Pérsico e Mar Vermelho, África Subsariana e América do Sul. No tocante à Ásia e aos territórios que este estudo abarca raras são as entradas cujos conteúdos de arquitectura religiosa evocam a produção retabular.

No tocante às artes decorativas, arquitectura e urbanismo destacam-se os trabalhos de Maria Madalena Cagigal e Silva[22], Maria Helena Mendes Pinto[23], Cristina Osswald[24], Nuno Vassalo e Silva[25], Hélder Carita[26], Paulo Varela Gomes[27], Walter Rossa[28]. E no

[21] www.hpip.org

[22] Maria Madalena Cagigal e Silva, «Uma Composição da Arte Indo-Portuguesa», em *Comunicação Apresentada no XXIII Congresso Luso-Espanhol* (XXIII Congresso Luso-Espanhol, Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciencias, 1956).

[23] José Gabriel Flores et al., *Museum of Christian Art: Convent of Santa Monica, Goa - India* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, sem data); Maria Helena Mendes Pinto et al., *De Goa a Lisboa: l' Art Indo-Portugais XVI e-XVIII e siecles* (Bruxelles: Fondation Europalia International, 1991).

[24] Maria Cristina Osswald, *Written in Stone: Jesuit Buildings in Goa and Their Artistic and Architectural Features.* ([S.l.]: Goa, 2013); Maria Cristina Osswald, «O Bom Pastor na imaginária indo-portuguesa em marfim» (s.n., 1996).

[25] Nuno Vassallo e Silva, «A Arte da prata nas casas Jesuíticas de Goa», em *A Companhia de Jesus e a Missionação no Oriente*, ed. Nuno Silva Gonçalves (Lisboa, 2000), 367–85; Nuno Vassallo e Silva, «Art in the Service of Goa: The Impact of the Society of Jesus on the Decorative Arts in Portugal», em *Cultures, Sciences and the Arts, 1540-1773*, ed. John F. Butler, The Jesuits 2 (Lisboa, 2002), 182–210.

[26] Hélder Carita, *Arquitectura indo-portuguesa na região de Cochim e Kerala* (Lisboa: Transbook.com, 2008); Hélder Carita, *Palácios de Goa: modelos e tipologias de arquitectura civil indo-portuguesa* (Lisboa: Quetzal, 2005).

[27] Paulo Varela Gomes, «Arquitectura e Arte Indo-Portuguesa: o nome e as coisas» (Curso, Museu do Oriente, 2009), http://www.museudoOriente.pt/964/arquitectura-e-arte-indo-portuguesas.htm; Paulo Varela Gomes, *Whitewash, red stone : a history of church architecture in Goa* (New Delhi: Yoda Press, 2011).

[28] Walter Rossa, *Património de origem portuguesa no mundo. Arquitectura e urbanismo*, vol. Ásia e Oceania (Lisboa.: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010).

campo da história destacam-se os de Luiz Filipe Thomaz[29], Charles Borges[30] entre tantos outros autores.

A reconstituição histórica da produção retabular indo-portuguesa, no tocante às fontes primárias, revelou-se uma tarefa ingrata. A documentação existente em arquivo raramente aborda este objecto de arte. É comum encontrar referências para a história da edificação do local mas no que concerne ao retábulo é sobretudo nos relatos posteriores, produzidos pelas visitações, ou, em registos de pagamentos para obras de manutenção que conseguimos obter alguma informação. Lamentavelmente, estas referências são exclusivas para cronologias mais próximas da data de entrada dos portugueses na índia, correspondendo sobremaneira à conjuntura artística do Maneirismo e Proto-Barroco. Sendo que estes dois períodos ficam assim salvaguardados com a documentação escrita, é nas conjunturas posteriores – Barroco Pleno, Final e Tardo-Barroco e Rococó – que as dificuldades se instalam.

Para este estudo a pesquisa na documentação escrita efectuou-se nos seguintes arquivos e bibliotecas:

- Portugal, Lisboa: AHU (Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa), ANTT (Arquivo Nacional Torre do Tombo), BN (Biblioteca Nacional, Lisboa), CDAAB (Centro de Documentação António Alçada Batista, Museu do Oriente, Lisboa), AFL (Arquivo Fotográfico de Lisboa, na ANTT, Lisboa)
- Índia, Panjim: HAG (Hictorical Archives of Goa, Panjim), GCL (Goa Central Library, Pangim), ACPG (Arquivo da Cúria Patriarcal de Goa, Altinho).
- Inglaterra, Londres: BL (British Library), SOAS (Library of the School Of Oriental And African Studies)

O arquivo que contém informação de maior relevância histórica é precisamente aquele que apresenta mais dificuldades de acessibilidade, quer pelas condições de trabalho, quer pela disponibilização dos conteúdos. Falamos dos Hictorical Archives of

[29] Luis Filipe Thomaz, *História, Cultura e Civilização da Índia (Caderno do Programa da Disciplina de Mestrado)*, Instituto de Estudos Orientais (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2009); Luis Filipe Thomaz, *O Cristianismo e as Tradições Pagãs na Índia Portuguesa* (Lisboa: Junta de Divulgações do Ultramar, 1965).

[30] Charles J. Borges e Helmut Feldmann, «Goa and Portugal - their cultural links», *XCHR Studies | Concept Publishing Company*, n. 7 (1997); Charles J. Borges e et all, *Goa and Portugal - History and Development*, XCHR Studies Series 10 (New Delhi: Concept Publishing Company, 2000).

Goa que possuem a maior e mais importante documentação sobre o Oriente. A sua consulta tem de ser iniciada impreterivelmente com o Roteiro dos Arquivos da Índia Portuguesa, elaborado por Panduronga S. S. Pissurlencar[31]. Esta consulta prévia não evita, no entanto, que muitos registos não sejam entregues, justificando-se os episódios pela má catalogação ou arquivação deficiente.

Outro problema inerente à consulta é o estado de conservação dos manuscritos. As condições de preservação da documentação não são as ideais devido ao clima tropical, falta de instalações e variados actos de vandalismo por parte dos utilizadores dos arquivos que fazem de cada consulta alheia um risco de perda de informação.

Nestes arquivos tivemos a oportunidade de consultar a seguinte documentação:

- Cota 2548 – Sequestro dos Bens do Colégio de São José
- Cota 2121 – Inventário dos Catecúmenos de Betim
- Cota 2122 – Inventário dos Catecúmenos de Betim
    - Confisco, administração dos bens das Ilhas
    - Inventário da Mobília e mais objectos do extinto convento do Cabo
    - Inventário da Mobília e mais objectos existentes no palácio do governo no extinto convento do Cabo
    - Relação dos objectos que por ordens superiores foram levados para as diferentes igrejas segundo declaração do administrador do Convento do Cabo
- Cota 4512 – Bens do Convento de Santo Agostinho
- Cota 2132 – Inventário do Convento do Pilar
- Cota 2135 – Inventário do Convento Santa Mónica
    - Inventário dos bens de Raiz que possui este real convento
- Cota 2463 – Inventário do Colégio de Rachol, 1759-1876
- Cota 4515 – Inventário do Colégio de São Paulo, 1769
- Cota 2468 – Inventário do Seminário de Chorão
- Cota 2750 – Inventários, 1854
    - Inventário da Capela do Palácio
    - Inventário dos Objectos do extinto Convento do Pilar, Velha Goa

[31] Panduronga S. S. Pissurlencar, *Roteiro dos Arquivos da Índia Portuguesa*, Arquivo Histórico do Estado da índia (Bastorá: Tipografia Rangel, 1955).

  - Lista dos Livros dos extintos Conventos de Goa
- Cota 2098 – Receita e Despesa do Colégio do Bom Jesus, 1724-1736
  - Despesa do Mês de Novembro de 1730
- Cota 2099 – Receita da Despesa do Colégio de Bom jesus, 1757-1759
- Cota 2480 – Confisco, Arrematação do, 1771-1800
  - Arrematação das Várzeas das terras
- Cota 7993 – Confisco, 1783-1784
  - Avaliação dos penhores pertencentes à administração do confisco.
- Cota 2074 – Cofre (Confisco) 1763-1765
  - Despesa da Junta da Real Administração com distinção dos Colégios e Casas
- Cota 2552 – Cofre, Confisco, 1766
  - Colégio de São Paulo Velho
  - Balanço da Receita e Despesa da Junta Real da Real Administração dos Bens saqueados aos Padres Jesuítas do tempo dos seus [..] principiado em 12 Novembro de 1759 […] 11 Novembro 1765, […]
- Cota 2014 – Balanço Junta da Administração, 1765-1766
  - Balanço da Receita e Despesa da Junta da Real Administração tomado em 17 de […] de 1765
- Cota 2072 – Despesa da Junta de Administração do Confisco, 1766
- Cota 2100 – Receita e Despesa do Bom Jesus, 1878-1790
  - Despesas das obras e concertos da Igreja e Casas do Real Seminário de Bom jesus
- Cota 7887 – Livro Principal em que vão registadas todas as receitas e despesas desta casa de Divina Providência principia 1 de Outubro do ano 1758 […]
- Cota 7506 – Contas do Convento de São Caetano, 1657-1673
- Cota 7507 – Contas do Convento de São Caetano, 1719
- Cota 8159 – Comarca das Ilhas. Escrituras desde 23-01-1763 até 12-02-1767

A consulta da documentação acima indicada foi executada tendo em conta o trabalho de arquivo já efectuado por outros investigadores, como por exemplo Vítor Serrão[32], que

[32] Vítor Serrão efectuou em 2008 uma investigação aos arquivos na seguinte documentação: Papéis do Mosteiro de Santa Mónica de Goa, 1589-1844 (Lº 7888), Inventário do Mosteiro de Santa Mónica, 1870-1889 (Lº 2135), Lº de Petições do Mosteiro de Santa Mónica, 1693-1696 (Lº

publicou os seus resultados da investigação neste arquivo e onde constam valiosas informações que contribuem positivamente para o estudo da produção retabular. Por essa razão, e numa medida economicista do tempo em investigação de campo, não contemplamos uma revisitação a essa documentação.

2.4.4. Documentação Visual

Como indicado anteriormente, a falta de documentação escrita respeitante às fontes primárias, constituiu um verdadeiro desafio. Houve necessidade de conceber uma estratégia que se revelasse eficaz e colmatasse a falta da documentação. O objecto de estudo – o retábulo – constitui-se como testemunha do passado, mais que isso, dá voz ao passado.

São os elementos arquitectónicos, a ornamentação e os detalhes iconográficos, que permitem reconstituir a historiografia da arte. Desta forma iremos estar perante dois cenários possíveis mediante o conjunto de informações que nos foi possível averiguar:

1º Cenário – Ausência de documentação escrita:

A utilização de elementos figurativos, decorativos ou arquitectónicos distintos num conjunto específico de retábulos dá-nos a informação da execução artística por parte de artistas ou oficinas. Quando as fontes primárias não avançam

642), Escrituras do Convento de Nossa Senhora da Graça de Goa, 1584-1649 (Lº 3029), Lº de Assentos do Convento de Nossa Senhora da Graça, 1605-1636 (Lº 2765), Assentos do Conclave dos Padres Definidores, 1607-1634 (Lº 7899), Papéis do Convento de Nossa Senhora da Graça, 1612-1825 (Lº 10.351), Contas do Convento de Nossa Senhora da Graça, 1615-1636 (Lº 7900), Cadernos de Contas Varias, 1608-1627 (Convento de Nossa Senhora da Graça) (Lº 2763), Livro de Despesas, 1626-1637 (Convento de Santo Agostinho) (Lº 4996), Receita do Dinheiro do Convento de Nossa Senhora da Graça, 1607-1654 (Lº 7492), Livro de Despesas do Convento de Nossa Senhora da Graça, 1608-1627 (Lº 2785), Despesas do Convento de Nossa Senhora da Graça, 1666-1748 (Lº 7878), Contas do Colégio de Nossa Senhora do Pópulo, 1602-1610 (Lº 4477), Despesas do Colégio de Nossa Senhora do Pópulo, 1614-1768 (Lº 4524), Livro de Despesas do Colégio de Nossa Senhora do Pópulo, 1617-1636 (Lº 7871), Papéis dos Conventos Extintos, 1549-1693 (Lº 3041), Papéis dos Conventos Extintos, 1560-1657 (Lº 3057), Papéis dos Conventos Extintos, 1590-1841 (Lº 3062), Assentos da Câmara, 1609-1615 (Lº 7766), Diversos (Câmara de Goa), 1610-1714 (Lº 7786), Livro de Assentos da Fazenda Real, 1613-1621 (Lº 1159), Livro de Assentos da Fazenda Real, 1626-1630 (Lº 1369), Livro de Assentos da Misericórdia de Goa, 1587-1612 (Lº 10.417), Livro de Eleições da Misericórdia de Goa, 1607-1649 (Lº 10.429), Assentos da Misericórdia de Goa, 1641-1686 (Lº 10.418)

qualquer informação, os mesmos elementos descritores fornecem-nos a informação necessária para que se consiga fazer a atribuição de oficinas a um conjunto de retábulos produzidos dentro de uma específica conjuntura artística.

2º Cenário – A documentação escrita fornece dados concretos:

Quando a leitura das fontes primárias nos fornece a informação da execução de um retábulo por parte de um artista específico podemos, através dos elementos descritores desse retábulo, efectuar o paralelismo para retábulos datados da mesma conjuntura artística.

Quando o conjunto de elementos descritores é específico para um conjunto restrito de retábulos, quer apenas com a documentação visual ou conjugada com a documentação escrita, podemos afirmar que estamos perante a obra de um artista específico e adiantamos a sua designação para, por exemplo, *mestre serliano*.

Estado da Arte e Fortuna Crítica

3. Estado da Arte e Fortuna Crítica

3.1. Introdução

O presente estudo da produção retabular indo-portuguesa encontra a sua legitimação na história por tratar de um tema praticamente órfão na historiografia da arte indo-portuguesa. Um dos estudos de maior destaque e que abordou directamente a talha indo-portuguesa foi contido pelas circunstâncias sociopolíticas (Brigada de Estudo dos Monumentos da Índia[33]). Outros, por se tratar de estudos de caso[34] não permitiram obter daí uma visão abrangente das influências artísticas na talha. Estudos locais que referem directamente as igrejas, sobretudo de Goa, têm um rigor de inventário e embora constituam um valioso espólio para o presente estudo não foram além da observação e interpretação crua da documentação primária[35].

O estudo abarcou a totalidade – não só geográfica mas igualmente estatística – as regiões de Damão, Diu, Vasai, Bombaim, Chaúl e Goa. Desta forma permitimo-nos visionar o percurso de uma expressão de arte que começa fiel aos seus cânones europeus e que gradualmente se impregna de valores e concepções artísticas locais, herdadas das suas tradições e pelo contacto de outros povos anteriores à chegada de Portugal à Índia.

A forma como abordamos o tema não está livre de discussão. Existem várias formas de o abordar e parece-nos pertinente fazê-lo considerando a realidade artística e cultural do território que podemos brevemente caracterizar como sendo o resultado da amálgama cultural das culturas e civilizações que por aqui passaram e contribuíram para a construção social, artística, cultural e religiosa do subcontinente indiano. O episódio dos portugueses no território, apenas mais um a contribuir nessa amálgama é, igualmente gerador de conflitos e acesos debates. Se olharmos ao evento de 18 de Dezembro de 1961[36] verificamos que, dependendo do ponto de vista, estamos a falar do dia da revolução para uns e da libertação para outros. Ainda hoje, passados mais de 50 anos sobre a data,

[33] Liderada por Mário Tavares Chicó e integrada por Carlos de Azevedo, Humberto Reis e Mário Novais. Desta missão saiu um conjunto de cerca de 11 publicações intituladas por Mário Tavares Chicó e Carlos de Azevedo

[34] Frias, *Goa, a arte dos púlpitos*.

[35] Falamos das publicações, sobretudo de Ricardo Michael Telles que entre 1922 e 1944 produziu cerca de 95 artigos acerca das igrejas em Goa. Mas também Gomes Catão que contribuiu com cerca de 20 artigos publicados entre 1951 e 1983.

[36] Data da invasão das tropas indianas para tomar à administração portuguesa os territórios de Goa, Damão e Diu.

esta dualidade está bem presente na sociedade e consegue condicionar a abertura com que alguns estudos de caso foram feitos. Como herança deste panorama, a nomenclatura que é usada para designar a arte resultante deste encontro é vítima de debate.

Para compreender a arte *indo-portuguesa* é necessário percepcionar as várias dimensões que o conceito encerra: dimensão cultural, social, religiosa, artística. Acreditamos que é fundamental relembrar estes pontos para que não se criem as nebulosas concepções acerca do tema e que foram proporcionadas sobretudo pelos pensamentos de carácter colonialista já ultrapassados e sem rigor científico. Por isso, antes de avançar com o estudo da produção retabular indo-portuguesa, urge efectuar uma historiografia e reflexão ao mesmo tempo que executamos a apresentação da fortuna crítica para a história da arte, das missões, das ordens religiosas e do território.

3.2. Em torno do *Indo-Português*[37].

O termo *arte Indo-Portuguesa* aparece pela primeira vez em Portugal a cargo de Sousa Viterbo em 1883 no catálogo de exposição "A exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola"[38], mas é em 1881 que este termo nasce, nos textos de John Charles Robinson no catálogo de exposição realizado no South Kensington Museum. A forma como Robinson aborda a produção de arte goesa nos séculos XVII e XVIII, referindo-se igualmente às produções paralelas de mobiliário de época realizadas posteriormente em Portugal, foram as responsáveis para que posteriormente se desse uma conotação negativa ao termo *indo-português*. Tudo isso se deveu ao facto de o texto ter sido elaborado tendo em conta (e incluindo) os objectos de produção paralela em território nacional (sobretudo para o mercado coleccionista) que coloca em causa a autenticidade do objecto artístico[39]:

> A ligação de Portugal com a Índia, onde importantes colónias foram estabelecidas, exerceu certamente ao longo do tempo uma influência

[37] Agradeço a Paulo Varela Gomes as tertúlias à volta deste tema que proporcionaram o seu desenvolvimento.

[38] Sousa Viterbo, *A exposição d'arte ornamental: notas ao catálogo* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1883).

[39] *Catalogue of the special loan exhibition of spanish and portuguese ornamental art*, South Kensington Museum (Londres: Chapman and Hall, 1881), 11, http://purl.pt/17177.

> significativa sobre as artes decorativas e industriais de Portugal. Não só no século XVI, os objectos de arte indiana eram importados em grande número para Portugal, mas também parece evidente que, em certa medida, uma predilecção popular ou moda levou a que esses objectos fossem imitados no país europeu. A presente exposição contém muitas obras desta classe, dentre estes podem ser especificados os contadores conhecidos por indo-portugueses com embutidos de madeira, caixões, etc; Acredita-se que a maior parte destes foram feitos em Goa nos séculos XVII ou XVIII, mas parece também altamente provável que os artigos de mobiliário deste estilo fossem efectivamente feitos em Lisboa, Porto, Évora, e outras cidades portuguesas.[40]

Igualmente, a ambiguidade com que Robinson define o que é a arte indo-portuguesa permite um juízo de valor dos objectos. Estes podem ser produzidos quer na Índia quer em Portugal, e não é igualmente claro se essa produção artística se estendeu ao longo dos séculos ou se se constringe aos séculos XVI-XVIII. Nestas circunstâncias, a comunidade científica fica com a impressão que está perante objectos pertencentes ao campo das artes decorativas[41] e falha em perceber o que torna especiais estas peças muitas vezes de rara qualidade. O catálogo da exposição contribui para a confusão, ao efectuar a divisão em categorias dos objectos expostos.

John Irwin[42], nascido em Madras (Chennai-Índia) e educado em Dorset (Inglaterra) teve a oportunidade de voltar à Índia ao serviço do reino onde se interessou gradualmente

---

[40] Original: "*The early connection of Portugal with India, where important colonies were ultimately established, in the long run certainly exercised a real and appreciable influence on the decorative and industrial arts of the mother country. Not only at a very early period in the 16th century were objects of Indian art manufacture imported in great numbers into Portugal, but it also seems evident that to a certain extent popular predilection or fashion led to these objects being imitated in the European country. The present exhibition contains many works of this class, amongst these may be specified the well-known Indo-Portuguese inlaid-wood cabinets, caskets, etc., these are believed to have been for the most part made at Goa in the 17th or 18th centuries, but it seems highly probable that articles of furniture of this style we also currently made in Lisbon, Oporto, Évora, and other Portuguese towns".* Ibid.

[41] Artes Decorativas, no sentido que foi forjado pelo movimento da Revolução Industrial que ocorreu no final do século XVIII até meados do século XIX, considerando o final das produções artísticas para a produção em massa, industrializada, e nesse sentido, despojada de valor artístico.

[42] «Society of Antiquaries of London - John Conran Irwin», *Society of Antiquaries of London*, acedido 10 de Fevereiro de 2014, http://www.sal.org.uk/obituaries/Obituary%20archive/john-irwin.

pela arte e se tornou historiador. Regressado a Londres, integra o Museu Vitoria & Albert e o seu interesse pela arte do subcontinente indiano faz com que as suas reflexões acerca da arte indo-portuguesa em 1955[43] tenham um carácter positivamente marcante. A seu entender, a (in)definição do que é a arte indo-portuguesa nesta exposição londrina de 1881, e a herança desta exposição promulgada nas exposições de 1882[44] e 1883, não permitiram que nos anos 50 do seu século a maioria dos autores que se debruçaram sobre este tema conseguissem entender a plenitude da arte em si. Ele atribui as culpas, em parte à falta de estudos de fundo com que a exposição foi realizada. Reconhece que a própria catalogação das exposições portuguesas, provavelmente herdadas da exposição londrina de 1881, em nada contribuíram:

a) *Objectos produzidos por artistas locais recorrendo a técnicas ancestrais com conotações artísticas de influência portuguesa;*

   O grupo de objectos inseridos nesta categoria eram, na sua opinião, os mais espectaculares e mais representativos da qualidade artística.

b) *Objectos produzidos por artistas locais expatriados da sua casta ou condição social em territórios portugueses;*

   Este conjunto possuía objectos de qualidade variada. É nesta que recai a ingenuidade da utilização do termo e supõe-se que apenas artistas convertidos se incluíam nesta categoria. Entre os variados objectos incluíam-se os de carácter religioso, bordados e tapeçarias com grande qualidade artística e as peças de mobiliário – designadas *goanese furniture* – por lhes ter sido difícil perceber se estavam perante autenticas peças produzidas na Índia ou arte de imitação produzida em Portugal. Na base da sua suposição estava a diversidade da qualidade dos ornamentos, nalguns casos decadente.

c) *Objectos de manufactura portuguesa baseados em protótipos orientais.*

[43] John Irwin, «Reflections on Indo-Portuguese Art», *The Burlington Magazine* 97, n. 633 (1955): 386–90.

[44] "*Exposição Distrital de Aveiro em 1882"*, publicado em 1883.

> Aqui se incluíam basicamente os têxteis produzidos em Portugal, uns de carácter mais artístico que outros, mas a impressão geral era de que se tratavam de produção em massa que pouco deviam à qualidade artística, apesar de terem elevada qualidade técnica.

A utilização provisória de um termo que em primeira linha não pretendia retirar aos objectos a sua relevância artística e cultural transfigura-se para algo mais elaborado ao ser apropriada e reformulada por Sousa Viterbo e Joaquim de Vasconcelos. Estes retiram o carácter que se achava provisório de uma catalogação ingénua dos objectos em Londres, ao assumir e "aperfeiçoar" as três categorias nas quais os objectos de arte indo-portuguesa se poderiam encaixar, provavelmente numa estratégia igualmente ingénua de elevar à verdadeira importância estes objectos artísticos. Desta feita, Viterbo e Vasconcelos, reinterpretam a definição do que é "indo-Português" e fazem novas categorizações[45], que contribuíram grandemente para a confusão que em nada ajudou à dignificação da arte:

[45] Irwin, «Reflections on Indo-Portuguese Art», 386.

Definição de Arte Indo-Portuguesa (1881-1883)			
Londres 1881 John Charles Robinson	*Objectos produzidos por artistas locais recorrendo a técnicas ancestrais com conotações artísticas de influência portuguesa*	*Objectos produzidos por artistas locais expatriados da sua casta ou condição social em territórios portugueses*	*Objectos de manufactura portuguesa baseados em protótipos orientais*
Aveiro 1882 Joaquim de Vasconcelos	*Obras genuínas do Oriente e realizadas por artistas orientais*	*Objectos produzidos em Lisboa por artistas orientais*	*Peças realizadas em Goa e outras cidades portuguesas da Índia e Malaca por artifícies portugueses*
Lisboa 1883 Sousa Viterbo	*Objectos de manufactura oriental, realizados no Oriente sob encomenda portuguesa*	*Objectos realizados em Portugal por artesãos orientais*	*Objectos realizados por Portugueses residentes no Oriente*

Tabela 2 – Definição de Indo-Português nos primórdios da sua utilização.

Durante o século XIX, nenhum outro autor se debruçou acerca da temática das artes indo-portuguesas ainda que no sentido lato da arte produzida em contexto do contacto das civilizações orientais depois da presença portuguesa. Registam-se, no entanto, alguns autores que se dedicaram à recolha da documentação histórica. É o caso de Filipe Nery Xavier que lança duas obras de extrema importância, uma que veio contribuir para o entendimento das comunidades[46] e outra na qual faz o esboço de um dicionário histórico administrativo em que publica aspectos relacionados com a

[46] Foi primeiro publicada em 1852. Recentemente foi reeditada em dois volumes. Filipe Nery Xavier, *Bosquejo Histórico das Comunidades das Aldeias dos Conselhos das Ilhas, Salcete e Bardez* (Goa: Nova Goa: Imprensa Nacional, 1852); Filipe Nery Xavier, *Bosquejo Histórico das Comunidades das Aldeias dos Conselhos das Ilhas, Salcete e Bardez (Facsimile 1903 edition)*, ed. Maria de Lurdes Bravo da Costa, vol. I (Goa: L&L, 2012); Filipe Nery Xavier, *Bosquejo Histórico das Comunidades das Aldeias dos Conselhos das Ilhas, Salcete e Bardez (Facsimile 1903 edition)*, ed. Maria de Lurdes Bravo da Costa, vol. II (Goa: L&L, 2012).

administração civil, eclesiástica e militar. O dicionário é elaborado de acordo com a legislação antiga e moderna, no que respeitava inteiramente ao Estado da Índia Portuguesa, esta associada ao periódico Gabinete Literário das Fontainhas[47].

Não podemos igualmente esquecer o Arquivo Português Oriental[48], sob a orientação de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, que fornece igualmente importantes informações de teor histórico, nomeadamente da presença portuguesa e das ordens religiosas sendo ele próprio autor de algumas publicações a título individual[49]. Ainda no decorrer deste século e a entrar no século XX destacamos igualmente as obras a cargo de Joseph Gerson da Cunha[50], Gabriel de Saldanha[51], Jerónimo Quadros[52], Caetano Filipe de Albuquerque[53], L. Cottineau Kloguen[54] e António Emílio d'Almeida Azevedo[55]. Neste período, as publicações centram-se sobretudo na história das missões, confrarias, comunidades e menos na abordagem da arte cristã. No conjunto reunido destacam-se sobretudo as obras publicadas em Goa.

Desde o início do século XX e sensivelmente até meados de 1930', o interesse de investigação e as publicações que surgem em Goa tendem a focar-se sobretudo no estudo das ordens religiosas através de levantamentos nos arquivos. O Cronista de Tissuary[56],

[47] Periódico cuja publicação inicia em 1846 e prossegue até ao ano 1848. Filipe Nery Xavier e Associação do Gabinete Literário das Fontainhas, *O Gabinete Litterário das Fontainhas* (Goa: Nova Goa: Imprensa Nacional, 1846).

[48] São estes alguns dos títulos publicados: Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, ed., *Arquivo Português Oriental*, vol. 1,n.º 3,pts. 2-3, 1940; Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, *Archivo portuguez-oriental*, Archivo portuguez-oriental, vol. 4 (Imprensa Nacional, 1877).

[49] Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, *A Conjuração de Goa de 1787 em Goa e várias cousas desse tempo* (Goa: Nova Goa: Imprensa Nacional, 1875).

[50] Joseph Gerson da Cunha, *Notes on the History and Antiquities of Chaul and Bassein* (Thacker, Vining, 1876), http://books.google.pt/books?id=oHYBAAAAQAAJ.

[51] Gabriel de Saldanha, *Resumo da História de Goa* (Goa, 1898).

[52] Jerónimo Quadros, «História e Corografia de Diu (Resumo)», *A Índia Portuguesa* 1 (1923); Jerónimo Quadros, *Diu - Apontamentos para a sua História e Chorographia* (Goa: Tipografia Fontainhas, 1899).

[53] Caetano Filipe de Albuquerque, *A Santa Cruz dos Milagres de Goa - Memória Histórica* (Bastora: Tipografia Rangel, 1899).

[54] L. Cottineau Kloguen, *As Aldeias de Goa [vertido em Português por Miguel Vicente de Abreu]*, trad. Miguel Vicente Abreu (Nova Goa: Imprensa Nacional, 1858).

[55] A. E. de Almeida Azevedo, *As Comunidades de Goa - História das Instituições Antigas* (Lisboa, 1890).

[56] Foram publicados 42 edições entre 1866 e 1869. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, *O chronista de Tissuary: periodico mensal* (Nova Goa: Imprensa Nacional, 1866).

um periódico mensal, é uma das publicações que continua a fornecer, entre outras, informações vertidas dos manuscritos. Entre outras publicações do mesmo carácter de publicação periódica indicamos igualmente o Boletim do Instituto Menezes Bragança, Boletim Eclesiástico de Goa que foi publicado desde 1931 até 1942 até passar a designar-se A Voz de São Francisco Xavier, a partir desse mesmo ano até 1968, O Heraldo, O Oriente Português, Gabinete Literário das Fontainhas e A Imprensa de Ribandar[57]. Destacamos ainda a produção literária de alguns dos mais importantes autores neste período: Herculano Moura[58], Viriato A. C. de Albuquerque[59], J. B. Amancio Gracias[60], J. B. Ferreira Martins[61], António Francisco Moniz[62].

Entramos, entretanto, na década em que o mais importante manancial de informações para o nosso estudo é produzido. Falamos de Ricardo Michael Telles que, entre 1922 e 1944, produz uma série de artigos dedicados quase inteiramente à inventariação do património religioso de Goa, com base na observação e consulta de documentação de época bem como na história das missões e ordens religiosas. Estes artigos, curtos, quase que telegráficos nalguns casos, são de importância vital para entender a mobilidade e a conservação do retábulo nas igrejas de Goa. Conseguimos

[57] Destas publicações indicamos os números que foram consultados localmente: Arquivo Português Oriental, Boletim do Instituto Menezes Bragança (anos 1933 a 1935), Boletim Eclesiástico de Goa (ano 1905) que foi publicado desde 1931 até 1942 até passar a designar-se A Voz de São Francisco Xavier (os anos 1936 a 1942) a partir desse mesmo ano até 1968, O Heraldo (anos de 1926), O Oriente Português (ano de 1905), O Cronista de Tissuary, Gabinete Literário das Fontainhas (anos de 1850), Archivo Português Oriental, A Imprensa de Ribandar. Outros números presentes no trabalho da Biblioteca Digital do Memórias d'África e d'Oriente foram consultados no sítio em linha: http://memoria-africa.ua.pt/

[58] Herculano Moura, «Três cartas inéditas para a historia de Diu», *O Oriente Português*, Julho de 1905.

[59] Viriato A. C. B. de Albuquerque, «Congregação do Oratório de São Fillipe Nery em Goa», *O Oriente Português* II, n. 7 (Julho de 1905): 310–26.

[60] J. A. Ismael Gracias, «O Fundador de Baçaim ou o Governador Nuno da Cunha e o seu tempo», *Oriente Português* Edição Comemorativa do Centenário da Cedencia de Baçaim aos Portugueses em 23 dezembro de 1534 (1934); J. A. Ismael Gracias, «Inscripções e Epitáphios», 1890; J. A. Ismael Gracias, *As comunidades de Goa - Registo Bibliografico* (Bastora: Tipografia Rangel, 1907).

[61] J. F. Ferreira Martins, *D. Frei Aleixo de Menezes e a Misericórdia de Goa - Esboço Histórico* (Nova Goa: Imprensa Nacional, 1909).

[62] António Francisco Moniz, *Noticias e Documentos para a História de Damão - Antiga Provincia do Norte*, Associação Fraternidade Damão-Diu e Simpatizantes, 4 vols. (Lisboa: Tipografia Peres, 1923).

reunir e consultar cerca de 95 artigos deste autor dos quais destacamos alguns mais importantes[63].

Por volta de 1934 detectamos um outro autor cuja obra mais conhecida é o Roteiro dos Arquivos da Índia Portuguesa[64]. Panduronga Pissurlencar efectuou este trabalho hercúleo da catalogação dos manuscritos dos Arquivos Históricos. É a obra essencial a qualquer investigador que queira consultar os arquivos. Pissurlencar publicou ou coordenou ainda outros títulos de relevada importância histórica que destacamos[65]. No campo da arte, em 1933 Propécia de Figueiredo[66] faz um trabalho notável de recolha da iconografia comparativa das religiões que não pode deixar de ser citada.

António da Silva Rego produz uma série de publicações que são actualmente os olhos sobre os manuscritos das missões do Padroado português no Oriente, em 17 títulos publicados a partir de 1947[67] e, que por estarem reunidos, proporcionam ao investigador uma visão global sobre os temas das missões e do Padroado. A colecção "História das Missões do Padroado Português do Oriente" e "Documentação para a História das

---

[63] Telles, *Igrejas, Capelas, Conventos e Palácios na Velha Cidade de Goa*; Ricardo Michael Telles, *Os Franciscanos no Oriente e seus Conventos* (Goa: Tipografia Rau e Irmãos, 1922); Ricardo Michael Telles, *Igreja e Colégio Real dos Reis Magos*, Nova Goa (Goa: Imprensa Gonçalves, 1932); Ricardo Michael Telles, «Epigrafia de Baçaim», *Oriente Português*, 1934; Ricardo Michael Telles, «Dispersão dos Objectos Religiosos em Goa», 1935; Ricardo Michael Telles, *Epigrafia de Diu*, 1935; Ricardo Michael Telles, *Velha Cidade de Goa* (Nova Goa: Tipografia Rau e Irmãos, 1922); Ricardo Michael Telles, «Inventário dos Objectos dos Conventos e Igrejas, palácios e fortalezas de Goa», *O Oriente Português*, 1933; Ricardo Michael Telles, «Convento de Santo Agostinho», *O Oriente Português* XXX, n. 26 (1939): 443–55; Ricardo Michael Telles, «Os Dominicanos e os seus conventos», *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, n. 55 (1942): 195–211.

[64] Pissurlencar, *Roteiro dos Arquivos da Índia Portuguesa*.

[65] Panduronga S. S. Pissurlencar, *Reintegração da Cidade de Velha Goa no seu ambiente histórico, Arqueológico, monástico e religioso - Relatório da Comissão nomeada por despacho de S. Exª o Governador-Geral de 19 de Maio de 1959* (Goa: Imprensa Nacional, 1960); Panduronga S. S. Pissurlencar, «Goa pré-portuguesa através dos escritores lusitanos dos séculos XVI e XVII» (Sociedade de Geografia de Lisboa, 1961); Pissurlencar, *Roteiro dos Arquivos da Índia Portuguesa*; Panduronga S. S. Pissurlencar, «Contribuição ao estudo etnologico da casta indo-Portuguesa denominada "Chardó", à luz de documentos inéditos encontrados no Arquivo Histórico da Índia», em *Actas do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial* (I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, Porto: Edições da 1ª Exposição Colonial Portuguesa, 1934); Panduronga S. S. Pissurlencar, «O Descobrimento de um Santuário Shivalta do Século XIV em Velha-Goa», *Oriente Português*, n. 4 (1932); Pissurlencar, *As Primitivas Capitais de Goa*.

[66] Propécia Correia Afonso de Figueiredo, «O Significado dos Símbolos», *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, n. 20 (1933).

[67] Entre os vários títulos: António da Silva Rego, *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente. Índia (1500-1542)*, vol. 1 (Lisboa: Agencia Geral das Colónias, 1949).

Missões do Padroado Português do Oriente" foi publicada pela Agência Geral das Colónias-Agência Geral do Ultramar entre 1947 e 1958. Esta colecção, com duas séries, *"deseja relatar a gesta dos portugueses desde que aportaram a Calecut através dos altos e baixos da política, de vicissitudes sem número, de obstáculos indizíveis. Fundamentalmente será a história das missões portuguesas orientais...*[68]*"*. Uma nota sobre esta colecção de obras, pertencentes à Biblioteca Ultramarina do ex-Banco Nacional Ultramarino, que foram digitalizadas e incorporadas na Biblioteca Digital das Memórias de África e do Oriente[69]. Destacamos ainda um grupo de autores que pontualmente publicaram ou estiveram a cargo de publicações nestas décadas, sobretudo acerca da história: José Maximiliano Falcão de Carvalho[70], Frazão de Vasconcelos[71], João Afonso Corte Real[72], Cónego Francisco Xavier da Costa[73].

Ao virar da década de 1940' recomeçam os estudos acerca da arte indo-portuguesa. Entre os primeiros autores, Luis Keil[74] e Celso Constantini[75] são os que lideram esta fase que se caracteriza pela abundância de estudos relacionados com a arte cristã, indiana, dos objectos, mobiliário religioso, dos marfins. Sensivelmente até 1955,

---

[68] Ibid.

[69] Pode ser consultada no sitio em linha: http://memoria-africa.ua.pt/Library/DHNPPO.aspx

[70] Ricardo Michael Telles, «Documentos Antigos (Sinos, Órgãos e Retábulos dos Extintos Conventos, Relação do Deão José Maximiliano Falcão de carvalho, 1839)», *A Voz de São Francisco Xavier*, n. 3 (24 de Outubro de 1941): 21; José Maximiliano Falcão de Carvalho, ed., «Na Igreja de Santa Inês», *A Voz de São Francisco Xavier*, n. 22 (3 de Fevereiro de 1937): 232; José Maximiliano Falcão de Carvalho, «Plano do Seminário de Nossa Senhora de Saligão», *A Voz de São Francisco Xavier*, n. 14 (8 de Dezembro de 1937); José Maximiliano Falcão de Carvalho, ed., «Relíquias de São Constâncio», *A Voz de São Francisco Xavier*, n. 52 (8 de Setembro de 1937): 167–68; José Maximiliano Falcão de Carvalho, ed., «Um roubo audacioso», *A Voz de São Francisco Xavier*, n. 41 (27 de Junho de 1934): 477.

[71] Frazão de Vasconcelos, «O primeiro malabar que se baptizou na Índia», em *1o Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo*, 1938.

[72] João Afonso Corte Real, «A Expansão Portuguesa no Mundo e as Missões Religiosas», em *Actas do 1º Congresso de História da Exapansão Portuguesa no Mundo* (1º Congresso de História da Expansão Portuguesa no Mundo, Lisboa, 1938).

[73] Cónego Francisco Xavier da Costa, «Carmelitos dos Conventos de Goa», *A Voz de São Francisco Xavier* VIII, n. 17 (4 de Janeiro de 1939): 129–30.

[74] Luis Keil, *Inventário artístico de Portugal*, Inventário artístico de Portugal, vol. 1 (Academia Nacional de Belas-Artes, 1943).

[75] Celso Costantini, «Nell'India - Arte Indiana», em *L'Arte Cristiana Nelle Missioni* (Vaticano: Tipografia Poliglota Vaticana, 1940), 259–79; Celso Costantini, «Arte Cristiana nelle Missioni della India», em *L'Arte Cristiana Nelle Missioni* (Vaticano: Tipografia Poliglota Vaticana, 1940), 51–78.

autores como Padre Altino Santana[76], Georg Schurhammer SJ[77], Jorge de Andrade[78], Luis Silveira[79], contribuem para o conhecimento da arte indo-portuguesa, sobretudo no âmbito do coleccionismo. Entre as década de 1950' e 1960' surgem no panorama novos autores. Francisco Xavier Gomes Catão[80] publica até cerca de 1983 e segue a linha orientadora de Ricardo Michael Telles publicando uma série de artigos sobretudo sobre as igrejas de Goa. Em 1957, dois anos após o artigo de Irwin, Maria Madalena Cagigal e Silva concorda com Irwin, que a falta de precisão no uso do termo é consequência da falta de estudos científicos precisos e que existe necessidade de definir ou suprimir o uso do mesmo[81]. É ela que inicia valorosamente os estudos da arte indo-portuguesa em Portugal[82], com uma nova abordagem de rigor que a distanciou dos típicos estudos de carácter colonial, focando-se principalmente no estudo da arte, principalmente de Goa. Destaca-se igualmente a obra de Reynaldo dos Santos[83]. Nesta década são organizadas

[76] Padre Altino Santana, «A Arte Indiana», *Boletim Eclesiástico da Arquidiocese de Goa* IV, n. 2 (Agosto de 1945): 20–28.

[77] Georg SJ Shurhammer, «Carta Inédita sobre a Fundação do Convento de São Francisco de Goa», *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, n. 74 (1957): 56–66.

[78] Jorge de Andrade, «O Mobiliário Religioso», ed. Castilho de Noronha, *Boletim Eclesiástico da Arquidiocese de Goa*, II, n. 1 (Julho de 1944): 9–21.

[79] Luis Silveira, *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, vol. Primeiro Volume: Marrocos e Ilhas Adjacentes (Lisboa: Ministério do Ultramar | Junta de Investigações do Ultramar, 1951), http://memoria-africa.ua.pt/digitalLibrary/collections/EICPU/tabid/207/language/pt-PT/Default.aspx.

[80] Monsenhor Francisco Xavier Gomes Catão, «A diocese de Cabo Verde e o Clero de Goa», *STVDIA - Centro de Estudos Históricos Ultramarinos*, n. 19 (1966); Monsenhor Francisco Xavier Gomes Catão, «Aldeia de Assagão (Goa) Subsídios para a sua História», *Separata da Revista STVDIA*, n. 40 (1978 de 1974); Monsenhor Francisco Xavier Gomes Catão, «Doutor António Simões de Carvalho Deão da Sé de Goa», *STVDIA - Centro de Estudos Históricos Ultramarinos*, n. 29 (1970); Monsenhor Francisco Xavier Gomes Catão, *O Primeiro Seminário de Goa* (Pilerne, 1955); Catão, «Real Capela de Santo António em Velha Goa»; Monsenhor Francisco Xavier Gomes Catão, «Sé Catedral de Goa - Alguns documentos do século XVI», *STVDIA - Centro de Estudos Históricos Ultramarinos*, n. 13–14 (1964); Catão, *The Island of Chorão: A Historical Sketch*.

[81] Silva, «Uma Composição da Arte Indo-Portuguesa».

[82] Maria Madalena Cagigal e Silva, *A Arte Indo-Portuguesa* (Lisboa: Excelsior, 1966); Maria Madalena Cagigal e Silva, *A história e as relações artísticas entre Portugal e a Índia* (Lisboa: Inst. Investig. Cientif. Tropical. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 1985); Maria Madalena Cagigal e Silva, *Alguns bordados de Castelo Branco e Arraiolos em colecções estrangeiras* (Porto: Junta Distrital, 1964); Maria Madalena Cagigal e Silva, *Elementos para o estudo da influência oriental na decoração da cerâmica portuguesa: séculos XVI-XVIII* ([S.l: s.n.], 1950); Maria Madalena Cagigal e Silva, *Oratórios indo-portugueses O oratório do Museu de Évora* (Lisboa: [s.n, 1962).

[83] Reinaldo dos Santos, *A escultura em Portugal* (Lisboa: Acad. Nac. de Belas Artes, 1948); Reinaldo dos Santos, *A exposição de arte portuguesa em Londres* ([S.l: s.n.], gTip. Emp. Nacional

uma série de exposições devotadas à arte indo-portuguesa. É o caso da exposição que decorreu no Mosteiro dos Jerónimos dedicada à arte cristã missionária[84] que, muito embora fosse dedicada a um contexto contemporâneo da arte cristã produzida em contexto ultramarino, serve de ponto de reflexão sobre como a religião cristã se interpôs no caminho de novas culturas e como se desenvolveu depois desse encontro. No capítulo sobre a *Arte na Índia*, Henry Heras[85], um profundo conhecedor da arte indiana, deixa num simples parágrafo um resumo esplêndido do que foram os encontros culturais e artísticos na Índia e como estes se tiveram um profundo impacto na actual arte na Índia:

> *"Se existe no mundo uma arte verdadeiramente complexa, em que se encontram reunidos elementos muito diversos, já pelo espírito já pela forma, esta é, sem dúvida, a arte da Índia. Todas as raças e povos que no transcurso dos séculos se foram estabelecendo na Índia, trouxeram o seu contributo à herança artística da nação. Abstraindo dos povos pré-históricos e das tribos aborígenes, os antigos Dravídicos, os Ários, os Gregos sob Alexandre Magno e os seus sucessores, os Kushanas da Ásia central, os Árabes, os Afegãos e os Mongóis, foram-se «indianizando» e a sua arte influiu indubitavelmente na actual condição da arte da Índia. Contudo, as características da arte de todos estes povos não foram*

de Publicidad, 1956); Reinaldo dos Santos, *A Índia Portuguesa e as artes decorativas* (Lisboa: s.n., 1954); Reinaldo dos Santos e Jorge Cid, *As tapeçarias da tomada de Arzila* ([S.l: s.n.], 1925); Reinaldo dos Santos, *Os frontais de altar do séc. XVII* (Lisboa: s.n., 1957); Reinaldo dos Santos, *Os primitivos portugueses*, 3ªed. corrigida e aumentada (Lisboa: Academia Nac. de Belas Artes, 1958); Reinaldo dos Santos e Maria Irene Quilhó, *Ourivesaria portuguesa nas colecções particulares* (Lisboa: R. Santos, 195AD).

[84] Algumas das fotografias dessa exposição podem ser consultadas no sítio em linha da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. (http://www.flickr.com/search/?q=Exposi%C3%A7%C3%A3o+Arte+Sacra+Mission%C3%A1ria%2C+Lisboa%2C+1951).Agência Geral do Ultramar, ed., *Exposição de arte sacra missionária* (Lisboa: Agência Geral do Ultramar | Divisão de Publicações e Biblioteca, 1951).

[85] Enric Heras de Sicars (1888-1955), mais conhecido como Henry Heras, foi um missionário jesuíta nascido em Espanha que chega a Índia para ensinar teologia no Saint Xavier's College em Bombaim, cidade onde veio a falecer. Uma das suas obras mais importantes é publicada em Bombaim a 1933 intitulada de "The Conversion Policy of the Jesuits in India" (Henry Heras S.J., *The Conversion Policy of the Jesuits in India*, St. Xavier's College, Studies in Indian history (Bombay: Indian Historical Research Institute, 1933).). No colégio onde leccionava, fundou em 1926 o "Indian Historical Research Institute" que é hoje conhecido como "Heras Institute of Indian History and Culture".

> *suficientemente dominantes para absorver a própria arte indígena, embora a tenham claramente influenciado.*[86]*"*

No Museu Machado de Castro em Coimbra, reaberto ao público em 2012, após um encerramento de 6 anos, efectuou-se uma exposição intitulada "Exposição de arte portuguesa e ultramarina" em 1963[87].

Numa tentativa de coordenar a investigação multidisciplinar, o Museu Nacional de Arte Antiga desenvolveu diversos estudos e promoveu várias exposições durante a primeira metade do século XX. Os autores que se destacam desta série de estudos são, por exemplo, Maria José Mendonça[88] e João Couto. Autor de uma extensa obra sobre arte portuguesa, pintura e restauro de obras de arte[89] foi João Couto que, reunido de vários especialistas como, Diogo de Macedo, Mário Tavares Chicó, Carlos de Azevedo, Maria José Mendonça, Abel Moura, A. Cardoso Pinto e António Manuel Gonçalves, organiza a exposição "Influências do Oriente na Arte Portuguesa Continental: a arte nas províncias portuguesas do ultramar"[90]. A exposição seguiu para o Brasil para o "III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros". Chicó define na documentação as intenções desta exposição[91]:

> 1.° Representar a arte portuguesa de 1550-1950 nos seus diversos aspectos, isto é, pintura, desenho, escultura, ourivesaria, mobiliário, cerâmica, tecido e bordado;
> 2.° Revelar o carácter expressivo da raça que, com maior ou menor intensidade, se filtra através das influências estrangeiras;

---

[86] Agência Geral do Ultramar, *Exposição de arte sacra missionária*, 19.

[87] Museu Machado de Castro, *Exposição de arte portuguesa e ultramarina: Museu Machado de Castro* (Coimbra: Museu Machado de Castro, 1963).

[88] Maria José de Mendonça, *Alguns Tipos de Colchas Indo-Portuguesas na Colecção do Museu de Arte Antiga*, Boletim do Museu, vol. II, II (Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1949).

[89] João Couto, *Alguns subsídios para o estudo técnico das peças de ourivesaria no estilo denominado indo-português: três peças de prata que pertenceram ao Convento do Carmo da Vidigueira* (Sociedade Nacional de Tipografia, 1938).

[90] João Couto e et all, eds., *Influências do Oriente na Arte portuguesa continental: a arte nas províncias portuguesas do ultramar*, III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1957).

[91] Lygia Martins Costa, «Mário Tavares Chicó e a Exposição de Arte Portuguesa (1550-1950)», Fundação Mário Soares - Casa Comum, (2 de Outubro de 2005), http://www.fmsoares.pt/aeb/dossiers/dossier06/textos/LMCosta.pdf.

3.° Denunciar o momento da fusão artística oriento-ocidental, devida a intromissão de elementos portugueses na arte do Oriente e de elementos orientais na arte portuguesa.

Ainda sobre Mário Tavares Chicó, recuemos uns curtos anos para entender o panorama sociopolítico que motiva as acções tomadas pelo governo português no episódio que iremos relatar e como estas condicionam os estudos dos autores seguintes – Mário Tavares Chicó[92] e Carlos de Azevedo. A Índia portuguesa do início do século XX é longínqua e inacessível. Lisboa desconhecia as realidades imediatas de Goa, da sua sociedade de elite e da sua própria história, de uma colónia que tinha direito a eleger os seus próprios representantes às cortes do reino e que tinha representação no parlamento de Lisboa desde 1822. Quando a 15 de Agosto de 1947 a Índia proclama a sua independência face ao poderio britânico, Salazar não tarda a declarar-se inimigo de Jawaharlal Nehru[93], a cabeça de lista da União Indiana. De um lado e do outro esboçam-

[92] Nasceu Mário de Sousa Tavares em Beja, a 18 de Maio de 1905. Na maioridade, escolheu o apelido de Manuel Rodrigues Chicó, que tinha adoptado sua mãe em criança. Mário Chicó foi fortemente influenciado nas suas tendências artísticas pela mãe, aluna do curso de pintura da Escola Superior de Belas Artes, pelo avô adoptivo e ainda por seu tio, José de Sousa Tavares, professor de História da Arte em Beja. Frequentou os liceus de Beja e Évora, a Escola Agrícola de Coimbra, a Faculdade de Direito e, a Faculdade de Letras de Lisboa, licenciando-se em Ciências Históricas e Filosóficas em 1935. Em Fevereiro de 1935, publicou numa separata da "Medicina – Revista de Ciências Médicas e Humanismo", um trabalho sobre a catedral de Évora no qual evidenciou o papel da documentação fotográfica no estudo do património. Entre 1937 e 1939, com uma bolsa do Instituto de Alta Cultura, frequentou o Instituto de Arte e Arqueologia da Universidade de Paris, orientado por Elie Lambert e Henri Focillon, com os quais manteve uma relação estreita durante o curso de Arqueologia Medieval que seguiu na École de Chartres, relação que permaneceu ao longo dos anos. Em 1940, organizou o Palácio da Mitra e o Museu da Cidade de Lisboa. Em 1942, participou no VI Congresso da Associação Portuguesa Para o Progresso das Ciências, no Porto. Em 1943, foi nomeado Director do Museu de Évora. Em 1945, tornou-se professor efectivo de Estética e História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa. Na sua investigação, logo em Portugal, recorria com frequência ao desenho e à fotografia. Conferencista, responsável por congressos e exposições, regeu cursos de Arte em universidades europeias e americanas. Na Índia e no Brasil, estudou o património monumental, tendo falecido em 1966. Conservado pelos filhos, Henrique e Sílvia Chicó, o acervo documental de Mário Chicó e Alice Chicó está depositado na Fundação Mário Soares - que apresenta, em www.fmsoares.pt, um dossier sobre o respectivo tratamento e disponibilização em suporte digital. Neste fundo é possível encontrar textos em que ambos abordam a riqueza cultural e patrimonial do nosso país, e a presença portuguesa no mundo, além de apontamentos de índole mais pessoal.

[93] Também conhecido como Pandit (Professor) ou Pandita Nehru foi o primeiro Primeiro-Ministro da Índia entre 1947 até à data da sua morte em 1964. Como primeiro-ministro, Nehru inaugurou uma política exterior de não-alinhamento, convertendo-se no fundador e dirigente desse movimento. No entanto, ao mesmo tempo também fez reivindicações territoriais que colocavam a Índia na posição de um império agressor e não de uma nação pacífica. Reivindicou a Caxemira apesar da oposição do Paquistão, o que desatou a primeira guerra entre os dois países (1947-49). Anexou igualmente Hyderabad em Setembro de 1948 e invadiu os territórios portugueses de Goa

se razões, factos e consequências. A União Indiana alega que os territórios de Goa, Damão, Diu, Dadra e Nagar-Haveli haviam sido roubados à Índia, pelo que tornava a ocupação portuguesa dos referidos territórios ilegal. Em resposta, o Estado Novo alega que à data da ocupação do território não existia um estado de direito Indiano e que esses territórios foram tomados ao poder islâmico.

As conquistas portuguesas estavam assim legais, à luz do *Direito de Conquista.* No campo da religiosidade e da etnicidade, a União Indiana declara querer libertar-se da opressão imposta pelos portugueses. Em resposta, Portugal responde que não havia indícios de que os cidadãos de Goa quisessem de facto ser «libertados», e que as castas mais baixas tinham, de facto, beneficiado com a presença portuguesa, tendo adquirido dignidade que o sistema hindu não lhes permitia. A invasão dos territórios de Goa, Damão e Diu em Dezembro de 1961 tem por este facto dois nomes: *Revolução* e *Libertação*, dependendo do ponto de vista que se queira tomar, uma dualidade ainda presente e protagonizada pelos goeses tal como já referimos. Esta incursão pela política do início do século serve de introdução ao tema que iremos de seguida tratar. Portugal tinha-se desligado das colónias na Índia e estava na eminência de as perder. Quando Mário Tavares Chicó, em 1951, decide apresentar ao Ministério do Ultramar a sua proposta de estudo dos monumentos da Índia, a máquina do Estado Novo vê aqui uma oportunidade de legitimar a presença portuguesa nos territórios ultramarinos.

Regressado do "Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros" realizado em Washington a Outubro de 1950[94], Mário Tavares Chicó tinha vontade seguir as correntes de investigação que se faziam sentir pela europa. Nas suas palavras, numa das páginas do caderno de apontamentos viria a dizer que "*os historiadores da arte que não saíram da europa e que não visitaram a Ásia, têm tido quase sempre o defeito de se sentir colocados no eixo do mundo, eixo que afinal é deslocado a seu bel-prazer de acordo com as épocas que estudam*[95]". Esta sua frase, muito sábia, definiria a forma como Chicó se queria posicionar neste estudo. Motivado pelo interesse que a comunidade científica mostrou na sua comunicação, Chicó apresentaria a proposta no regresso a Portugal a 10 de Janeiro de

em Dezembro de 1961. A invasão do território português destruiu em Portugal a imagem de pacifista que Nehru tinha conseguido criar ao longo dos anos.

[94] Lucius Gaston Moffatt, «Proceedings of the International Colloquium on Luso-Brazilian Studies», *Hispanic Review* 23, n. 2 (1955): 162–64.

[95] Mário Tavares Chicó, «Página de Caderno Campo Mário Tavares Chicó», acedido 10 de Fevereiro de 2014, HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_119676.

1951[96]. Chicó tinha uma visão inédita da história da arte e a ele se devem os primeiros estudos da arte portuguesa no Mundo. O contributo científico que nos legou é muito importante, os constrangimentos socioculturais que a política interna haviam criado fizeram com que Portugal e os seus autores ficassem relegados dos avanços e estudos que se faziam lá por fora. Mas Chicó afasta-se desta realidade e sabe até usar-se das circunstâncias políticas, quer de forma consciente ou não, para embarcar num projecto inédito, quiçá o mais importante de toda uma geração, quer pela coragem de embarcar no desconhecido artístico e cultural, como pela criação de novas metodologias de estudo que são hoje método corriqueiro para qualquer investigação: registo fotográfico e análise. O empenhamento de Chicó no estudo da arquitectura do Mundo Português, ainda antes dos estudos de George Kubler[97], permitiu verificar que as particularidades artísticas portuguesas nos territórios de expansão não estão no tamanho ou na quantidade mas nos detalhes. Se algo aprendemos com Chicó foi de facto a saber olhar para os detalhes e a aplicar o rigor científico no estudo da arte.

Imbuído do espírito de missão, em Abril desse ano o projecto é aprovado e a Missão de Reconhecimento ganha o patrocínio e auxílio dos Ministérios da Educação Nacional, Ultramar e Obras Públicas. A Brigada de Estudo dos Monumentos da Índia – liderada por Chicó contava igualmente com Carlos de Azevedo[98], Humberto Reis[99], Mário Movais[100] – segue avante, na missão de reconhecimento e estudo a Goa, Damão e Diu[101]. Diz Carlos de Azevedo que o intuito era o de realizar o estudo pormenorizado da arquitectura cristã e das suas relações com a arte local, recorrendo à realização de vasta

[96] Mário Tavares Chicó, «Conjunto de correspondência relacionado com a missão da Brigada de Estudos da Índia Portuguesa. Publicação da obra "Monumentos da Índia Portuguesa"», 20 de Fevereiro de 1950, 42, http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05435.002.001#!42.

[97] George Kubler, *A arquitectura portuguesa chã: entre as especiarias e os diamantes, 1521-1706*, trad. J.H.P. da Silva, Colecção Artes/história (Vega, 1988).

[98] Carlos Mascarenhas Martins de Azevedo (1918-1995). Para aceder à sua biografia, consultar o sítio em Linha: http://www.meloteca.com/organoteca-carlos-azevedo-organcases.htm

[99] *Arquitecto* da D.G.E.M.N

[100] Mário Novais (1899-1967), é oriundo de uma família de fotógrafos. Começa a sua actividade profissional como retratista durante os anos 20, na Fotografia Vasquez. Em 1933 montou o seu próprio estúdio - o Estúdio Novaes - em Lisboa, que se manteria activo durante 50 anos. Mário Novais, para além de fotografia de obras de arte e arquitectura, em que se especializou, praticou igualmente a foto-reportagem, a fotografia publicitária, comercial e industrial.

[101] A Brigada chegou a Goa em 12 de Abril de 1951. Chicó, «Conjunto de correspondência relacionado com a missão da Brigada de Estudos da Índia Portuguesa. Publicação da obra "Monumentos da Índia Portuguesa"», 43.

documentação fotográfica, não só dos edifícios erguidos pelos portugueses como também dos de outras tradições locais, ou seja, templos e mesquitas. Esta missão, elaborada e concretizada cientificamente, apadrinhada pelos acontecimentos políticos, serviria para provar que, a arte (e inevitavelmente a política), não é nem portuguesa nem desprovida de *indianidade*. Os artigos resultantes dessa missão foram sendo publicados até cerca de 1969[102].

Esta missão científica abria um precedente para a arte indo-portuguesa desde a classificação londrina de 1881. Como referimos, esta terá sido das melhores missões científicas alguma vez realizadas pelo estado português, muito embora as circunstâncias tenham emprenhado o projecto com o cunho do Estado Novo. Se a definição do que era indo-português não estava bem assente, sem questões políticas à baila, com o advento desta missão deixaram-se de lado o rigor científico e a esperança de afirmação do valor da arte. As consequências nas artes decorativas não se fizeram sentir tanto como na arte retabular, que sendo o símbolo máximo da religiosidade cristã nas igrejas, personifica uma realidade de minoria da Índia moderna. As reflexões sobre a definição de indo-português, flutuantes ao longo da história, não contribuíram para que o retábulo marcasse a sua posição como objecto de arte singular e é talvez por isso que seja um filho menor para a historiografia da arte, protagonizando-se com estudos parcos e desactualizados.

Chicó deixou depois o Índico e voltou-se para o Atlântico, o Brasil, para onde voltou recorrentemente até aos últimos anos da sua vida estudando e dando palestras relacionadas com o Barroco. Porque abandonou o projecto com que sonhou durante tanto tempo talvez nunca saberemos, mas no conjunto impressionante de documentação disponibilizada encontram-se variadas cartas que foram trocadas por este com o governo onde é possível constatar que a falta de condições sob as quais a Brigada de Estudo dos Monumentos da Índia trabalhou.

Nessa documentação[103], principalmente a partir de 1954 três anos após o regresso da Brigada, as amargas palavras de Chicó que em nome de todos são repetidas em

[102] Mário Tavares Chicó, *Igrejas de Goa* (Lisboa: Junta das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar, 1956); Mário Tavares Chicó, *A escultura decorativa e a talha dourada nas igrejas da Índia Portuguesa* (Lisboa: Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade, 1954); Chicó, *Gilt carved-work retables of the churches of Portuguese Índia*; Azevedo, *A Arte de Goa, Damão e Diu*; Azevedo, *A Arte Cristã da Índia Portuguesa*.

[103] Chicó, «Conjunto de correspondência relacionado com a missão da Brigada de Estudos da Índia Portuguesa. Publicação da obra "Monumentos da Índia Portuguesa".»

inúmeros ofícios, demonstram que a agulha política havia-se movido. Os pagamentos atrasavam-se, os prazos não eram cumpridos e as promessas revelam-se vãs. Estas podem ter sido uma das causas de desmotivação de Chicó bem como a doença de que padecia[104] o impedia de viajar e prosseguir os estudos na Índia. Seja como for, o seu ensejo de descoberta falou mais alto e o discípulo de Foucillon entrava noutra etapa do seu percurso académico e científico. Depois de Chicó, assistiríamos a um hiato de alguns anos até que se voltasse a tratar do tema da produção retabular. Na Índia, continuava a publicar-se pontualmente sobre as igrejas, as comunidades e as missões. Entre os autores destacamos Cipriano da Cunha Gomes[105] e Padre António Bernardo Gonçalves[106].

Incontornável é a obra deixada por Charles Ralph Boxer. Destacamos apenas alguns títulos do autor que tratou essencialmente as questões do império marítimo português[107]. Por esta altura, os estudos efectuados por estrangeiros focavam-se essencialmente na arquitectura, como é o caso de Sten Nilsson[108] que estudou a arquitectura dos anos 1750-1850 na Índia.

No final da década de 1960' e início da década de 1970', os estudos em Portugal são marcados por uma viragem de ordem conceptual. Se até aqui tratávamos de Arte Indo-Portuguesa, a partir de Bernardo Ferrão Tavares e Távora[109], anunciam-se definições

[104] Mário Tavares Chicó sofria de artrite reumatóide. Nas fotografias mais recentes nota-se a sua prostração. Um texto de Lygia Martins Costa na pagina da Fundação Soares dá-nos conta de vários episódios da doença que condicionava a sua vida profissional. Consultar o sítio em linha: http://www.fmsoares.pt/aeb/dossiers/dossier06/textos/LMCosta.pdf

[105] Cipriano de Cunha Gomes, «A Cristianização de Bardez», *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, 1957.

[106] Padre António Bernardo Gonçalves, «Notes on the relics of St Francis Xavier», *O Heraldo*, 3 de Dezembro de 1956.

[107] Charles Ralph Boxer, «A Glimpse of Goa Archives», *BSOAS* XIV, n. 2 (1952); Charles Ralph Boxer, *A Índia Portuguesa em meados do Séc. XVII* (Lisboa: Edições 70, 1982); Charles Ralph Boxer, «Golden Goa 1510-1954», 195AD, 754–63; Charles Ralph Boxer, *O império Marítimo Português, 1415-1825* (Lisboa: Ed. 70, 1992); Charles Ralph Boxer, *O Império Marítimo Português 1415-1825*, trad. Inês Silva (Lisboa: Edições 70, 1969); Charles Ralph Boxer, «The Changing Faces of Christianity in Goa: From Being Portuguese to Being Indian?», *Lusotopie 2000*, sem data, 435–54.

[108] Sten Nilsson, *European Architecture in India, 1750-1850*, trad. Agnes George e Eleonore Zettersten (Londres: Faber, 1968).

[109] Bernardo Ferrão de Tavares e Távora, *Imaginária Indo-Portuguesa Setecentista* (Braga, 1974); Bernardo Ferrão de Tavares e Távora, *Imaginária luso-oriental* (Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983); Bernardo Ferrão de Tavares e Távora, *Imaginárias Hispano-Filipina e Indo-Portuguesa* (Guimarães, 1974).

concretas baseadas em observações e entendimento pleno da arte produzida nos territórios ultramarinos. Até então a expressão *Indo-Portuguesa* abarcava toda a arte produzida em contexto oriental. Tavares e Távora como que liberta o oceano Índico (*Indo*) da arte e dá entrada do contexto geográfico específico em que arte foi produzida. O autor, através de uma análise comparativa sistemática de exemplares de escultura em marfim, propõe uma nova abordagem segmentando o conceito de indo-português em definições mais específicas e limitadas às culturas intervenientes na produção – indo-português, sino-português, nipo-português, cingalo-português, etc. Para Tavares e Távora estas eram todas artes do contexto Luso-Oriental que define como sendo "aquela que foi esculpida no Extremo Oriente por artesãos indígenas, inicialmente sob a égide das missões portuguesas, copiando protótipos ocidentais, inspirando-se neles ou recriando-os em variantes próprias, mas utilizando cânones das artes e religiões ancestrais dos países respectivos"[110].

Falemos agora da série de Seminários Internacionais de História Indo-Portuguesa (ISIPH). Em 1978 realiza-se em Goa o primeiro ISIPH[111]. Estreitam-se relações entre Portugal e a Índia e juntam-se em ambiente académico aqueles que se destacavam no panorama da historiografia indo-portuguesa. De entre as comunicações apresentadas[112], destacam-se os estudos relativos aos arquivos e ao estudo da língua e fazem-se planos de futuro.

Destacamos igualmente o ISIPH de 1985, realizado em Lisboa, que produziu alguns artigos que retomam os estudos da produção retabular, um deles de José Meco[113] e outro de José Pereira[114] trazendo à luz alguns dos aspectos concernentes a esta temática. Segundo José Meco, um conjunto de factores económico-sociais marcaram com "*cunho próprio e inconfundível o quotidiano e as práticas religiosas desta sociedade*

[110] Távora, *Imaginária luso-oriental*.

[111] Designado pela sigla ISIPH (The International Seminar on Indo-Portuguese History). O ISIPH vai na 14ª edição, tendo sido a última na cidade de Delhi em 2013. Outras localizações: Goa (1978, 1983, 1994, 2003), Lisboa (1980, 1985, 2006), Cochim (1989), Macau (1991), Angra do Heroísmo (1996), New Delhi (1998, 2013), Salvador da Bahia (2000) e Aix-en-Provence (2010).

[112] Anthony Disney, «International Seminar on Indo-Portuguese History», *The Great Circle, Australian Association for Maritime History* 1, n. 1 (1979): 64–65.

[113] Meco, «O espectáculo Barroco e a Talha Dourada na Arquitectura Religiosa Indo-Portuguesa».

[114] José Pereira, *Barroco Europeu, «Barroco Indiano»,* Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, Memórias 25 (Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1985).

colonialmente assimilada, permitindo a eclosão dos numerosos e monumentais edifícios religiosos"[115].

José Pereira desenvolve um artigo em torno dos estilos arquitectónicos presentes na Índia desde a presença portuguesa. Fala de uma transplantação bipolar na Índia dos estilos renascentista, maneirista, barroco, rococó e neoclássico[116]. Esta bipolarização, refere, é por um lado exótica (Barroco Indo-Europeu), e por outro, aclimatizada no solo (Barroco Indiano ou Indo-Barroco) e contêm em si as seguintes variantes:

Barroco Indo-europeu	ONDE	Barroco Indiano (ou Indo-Barroco)
luso-indiano ***italo-indiano*** *batavo-indiano*	Goa	*Concânico*
	Cochim	*Malabárico*
anglo-indiano ***franco-indiano*** *dinamarco-indiano*	Madrasta, Pondichery, Tranquebar	*Coromandelico*
	Damão, Diu, Baçaim, Chaúl	*Norteiro*
	Bandel	*Bengalês*
	Colombo	*Cingalês*

Tabela 3 - Novas denominações de acordo com os países de implantação

Focando-se nos aspectos da arquitectura nos territórios de presença portuguesa, Pereira destaca das variantes indo-europeias o luso-indiano, o ítalo-indiano e o franco-indiano, analisando concretamente o espaço arquitectónico da igreja e da sua fachada. Referindo-se à produção retabular, foca o retábulo da capela-mor da Igreja da Divina Providência. No entanto, esta referência prende-se mais com a modelação do retábulo no seu todo do que ao estudo pormenorizado[117]. Termina o artigo referindo que o barroco

[115] Meco, «O espectáculo Barroco e a Talha Dourada na Arquitectura Religiosa Indo-Portuguesa», 58.

[116] Pereira, *Barroco Europeu, «Barroco Indiano»,* 338.

[117] Ibid., 350. O autor refere que a silhueta do retábulo da capela mor se assemelha à silhueta da *sikhara* dos templos hindus do norte. *Sikhara* é a torre que se eleva nos templos por cima do espaço santo da deidade no seu interior. A mais famosa de todas é a do templo de Khajuraho, não pela torre em si, mas pelo grupo escultórico com figurações de carácter erótico-sexual.

indiano é o último estilo original produzido na Índia antes do século XIX, ao passo que o indo-barroco é ao mesmo tempo "*genuinamente latino e castiçamente indiano, (...) a meu ver o melhor troféu do impacto latino sobre a Índia*[118] *".*

Aparte parcas contribuições, estes seminários não contemplaram estudos específicos no campo da história da arte. A última edição, no entanto, abriu portas a novos investigadores e a novas temáticas. O ISIPH 2013, sob o tema "India, the Portuguese and the Indian Ocean Societies: Exchanges and Engagements[119]" teve já um painel específico para a história da arte intitulado de "Art, Imperial Imagination and Exchange" (Sessão XVII) da qual a autora deste trabalho teve a humilde honra de participar com uma comunicação[120].

Correia-Afonso[121] não foi apenas o fundador do ISIPH, foi igualmente um mentor que durante largas décadas proporcionou aos investigadores da sua geração e das gerações seguintes a oportunidade de ver renascer a historiografia indo-portuguesa. Apesar de produzir artigos pelo menos desde a década de 1950', destacamos porém alguma da sua

[118] Ibid., 362.

[119] O programa completo pode ser consultado no link: http://pt.scribd.com/doc/124479343/INTERNATIONAL-SEMINAR-ON-INDO-PORTUGUESE-HISTORY-XIV

[120] Mónica Esteves Reis, «The Retable Art from Goa and the Ancient North Province: Proximity and Singularities», em *XIV ISIPH 2013: India, the Portuguese and the Indian Ocean Societies: Exchanges and Engagements* (XIV ISIPH 2013: India, the Portuguese and the Indian Ocean Societies: Exchanges and Engagements, New Delhi: in press, 2013).

Igualmente, foi a autora convidada para sentar e discursar no *Valedictory Speech* no encerramento do Seminário. Foi uma honra que recorda com grande estima, o equivalente de conhecer e sentar entre os heróis. Pelo facto, o nosso agradecimento especial a João Paulo Oliveira e Costa, Pius Malekandathil e Lotika Varadarajan.

[121] John Correia-Afonso (1924-2005) nasce João Manuel Correia-Afonso em Goa, na aldeia de Benaulim. Ingressou na adolescência no Colégio Jesuita de São Francisco Xavier em Bombaim e licencia-se em História e Economia. É admitido na Companhia de Jesus em 1946 com 22 anos de idade. Chegou a cursar Filosofia, Teologia e viajou não só pela Índia como também pela Europa. É ordenado sacerdote em 1957. Tinha já completado o seu doutoramento em 1954 com a tese "*A Correspondência dos Jesuitas e a História da Índia*". Em 1960 integra o Instituto Heras e é nomeado Vice-Reitor do St Xavier's College. É eleito Provincial dos jesuítas em Bombaim em 1965. Entre 1967 e 1975 passa a Secretário-Geral da Companhia, e mais tarde, a Assistente Regional da Índia. Regressa a Índia em 1975 e é a partir de 1978 que realiza contactos com a Fundação Calouste Gulbenkian e outras instituições portuguesas e internacionais, em busca dos apoios para a realização do ISIPH. Não espera pelos apoios – que não chegaram – e inicia mesmo assim o primeiro seminário em Panjim nesse mesmo ano. Para uma biografia mais completa pode consultar-se o artigo de: Teotónio R. de Souza, «O renascimento da historiografia indo-portuguesa. Evocando o historiador John Correia-Afonso S.J.», *Fluxos & Riscos*, Breves e Recensões, n. 1 (2010): 233–40.

produção que foca essencialmente as missões da Companhia de Jesus na Índia, as rotas comerciais e o património religioso goês, bem como as edições do ISIPH que organizou[122].

Desta série de seminários, destacam-se a produção dos autores: Artur Teodoro de Matos[123], José Wicki[124], o autor da afamada Documenta Índica, Luis Filipe Thomaz[125], Luis Filipe Barreto[126], Luis Albuquerque[127], Geneviève Bouchon[128], Lotika Varadarajan[129], entre outros.

---

[122] John Correia-Afonso, «As Missões Católicas no Oriente (1500-1650), em particular na Índia», em *Portugal no Mundo*, vol. IV (Lisboa: Alfa, 1989); John Correia-Afonso, *Documents of the first jesuit Mission from Goa to the Great Mughal*, Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga (Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1985); John Correia-Afonso, *Intrepid itinerant: Manuel Godinho and his journey from India to Portugal in 1663* (Bombay ; New York: Oxford University Press, 1990); John Correia-Afonso, ed., *International Seminar on Indo-Portuguese History* (Bombay: Heras Institute, 1978); John Correia-Afonso, *Indo-Portuguese History: Sources and Problems* (Bombay: Oxford University Press, 1981).

[123] Artur Teodoro de Matos, *Subsídios para a história da carreira da Índia: documentos da nau S. Pantalião, 1592* (Lisboa: s.n., 1977); Artur Teodoro de Matos, *O Estado da Índia nos anos de 1581-1588: estrutura administrativa e económica alguns elementos para o seu estudo* (Ponta Delgada: Univ. dos Açores, 1982); «As relações entre a Índia Portuguesa, a Ásia do Sueste e o Extremo Oriente (INDICE)» (VI Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa, Macau, 1991); Artur Teodoro Matos e Luis Filipe Thomaz, *As relações entre a Índia Portuguesa, a Ásia do Sueste e o Extremo Oriente: actas do VI Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa* (Macau ; Lisboa: s.n., 1993); Artur Teodoro de Matos, *Na rota da Índia: estudos de história da expansão portuguesa*, Documentos & ensaios (Macau: Instituto Cultural, 1994); Artur Teodoro Matos, ed., *O Tombo de Damão [1592]* (Lisboa: Comissão Nacional para as Comemoracões dos Descobrimentos, 2001).

[124] Josef Wicki, *Documenta Indica* (Romae: Apud «Monumenta Historica Soc. Iesu», 1948).

[125] Thomaz, *O Cristianismo e as Tradições Pagãs na Índia Portuguesa*; Luis Filipe Thomaz, *De Ceuta a Timor*, 2ª edição, Memória e Sociedade (Linda a Velha Portugal: DIFEL, 1994); Thomaz, *História, Cultura e Civilização da Índia (Caderno do Programa da Disciplina de Mestrado)*.

[126] Luis Filipe Barreto, «Do Experiencialismo no Renascimento Português», em *História do Pensamento Filosófico Português: Renascimento e Contra-Reforma*, por Pedro Calafate, vol. II (Lisboa: Editorial Caminho, 2001), 23–34.

[127] Luis de Albuquerque, *Notícias de Missionação e Martírio na Índia e Insulíndia*, Edições Alfa, vol. 47, Biblioteca da Expansão Portuguesa, sem data.

[128] Geneviève Bouchon, *L'Asie du Sud à l'époque des grandes découvertes*, Variorum reprint CS260 (London: Variorum Reprints, 1987); Geneviève Bouchon, *«Regent of the Sea»: Cannanore's response to Portuguese expansion, 1507-1528*, French studies in South Asian culture and society 2 (Delhi ; New York: Oxford University Press, 1988); Geneviève Bouchon, *Albuquerque, le lion des mers d'Asie* (Paris: Editions Desjonquères, 1992); Geneviève Bouchon, *Vasco de Gama* (Paris: Fayard, 1997).

[129] Lotika Varadarajan, «Impact of the European Traders in Indian Handicraft and Industries», *Indica* 16, n. 1–2 (1979); Lotika Varadarajan, *India in the 17th Century (Social, Economic and Political); Memoirs of Francois Martin, 1670-1694*, vol. I, I (1670-1674) (New Delhi: Manohar,

Ainda na década de 1980' destacamos J. Bacelar e Oliveira[130], que trata do tema dos jesuítas em Goa, Kathleen D. Nicholls[131], que trata o tema das artes com a abordagem sociológica, Dionísio Cardoso[132], com um estudo acerca da Misericórdia de Goa, Maria de Jesus dos Mártires Lopes, individualmente ou em colaboração tem publicado temas acerca da expansão portuguesa e história da Arquidiocese de Goa[133] e Leopoldo da Rocha[134] com um estudo sobre as confrarias de Goa.

Voltando às exposições, Maria Helena Mendes Pinto, uma figura incontornável do estudo da arte indo-portuguesa, comissiona em 1980 a exposição De Goa a Lisboa[135] em complemento ao II ISIHP decorrido em Lisboa. É igualmente autora e colaboradora de várias publicações de destaque[136].

1981); International Seminar on Indo-Portuguese History, Indian National Science Academy, e Universidade Nova de Lisboa, *Indo-Portuguese encounters: journeys in science, technology, and culture*, ed. Lotika Varadarajan (New Delhi : Lisbonl : New Delhi: Indian National Science Academy ; Centro de História de Além-Mar, Universidade Nova de Lisboa ; Aryan Books, 2006).

130 J. Bacelar e Oliveira, «Bloqueio, Sequestro e Desterro dos Jesuitas em Goa», *Didaskalia* XIII (1983).

131 Kathleen D. Nicholls, *Asian Arts and Christian Hope* (New Delhi: Select Books, 1983).

132 Dionísio Cardoso, ed., *Regulamento do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Goa* (Nova Goa: Tipografia Bragança, 1984).

133 Maria de Jesus dos Mártires Lopes, *Um Importante documento para a História da Arquidiocese de Goa no Ano de 1757 (...)*, Universidade dos Açores (Ponta Delgada, 1983); Maria de Jesus dos Mártires Lopes, *O Arcebispado de Goa no tempo de D. António Taveira de Silva Neiva Brum da Silveira*, Universidade dos Açores (Ponta Delgada, 1984); Luis de Albuquerque, A. H. de Oliveira Marques, e Maria de Jesus dos Mártires Lopes, eds., *O Império Oriental 1660-1820*, vol. V - Tomo II, Nova História da Expansão Portuguesa (Lisboa: Editorial Estampa, 2006); Maria de Jesus dos Mártires Lopes, «Um balanço do XII Seminário de História Indo-Portuguesa», 2006; Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, *Nova história da expansão portuguesa: O Império Oriental, 1620-1820*, 1. ed., vol. 1, 2 vols. (Lisboa: Ed. Estampa, 2006); Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, *Nova história da expansão portuguesa: O Império Oriental, 1620-1820*, 1. ed., vol. 2, 2 vols. (Lisboa: Ed. Estampa, 2006).

134 Leopoldo da Rocha, *As confrarias de Goa (séculos XVI-XX): conspecto histórico-jurídico* (Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1973); Leopoldo da Rocha, «What the Chronicler Missed about Santa Mónica of Goa: The untold Story of a rebellion (1730-1734)», *Indian Church History Review* 26, n. 2 (1992).

135 Pinto et al., *De Goa a Lisboa: l' Art Indo-Portugais XVI e-XVIII e siecles*.

136 Maria Helena Mendes Pinto, Maria Fernanda Passos Leite, e Carlos Vitorino da Silva Barros, *Artes decorativas portuguesas no Museu Nacional de Arte Antiga: séculos XV* (Lisboa: M.N.A.A, 1979); José Sarmento Matos, ed., *Fernão Mendes Pinto, Lisboa: o Oriente a descobrir*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, vol. 7, Revista Oceanos (Lisboa: Printer Portuguesa, 1991); Maria Helena Mendes Pinto, «Sentando-se em Goa», *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994); Fundação Oriente., *Encontro sobre Portugal e a Índia.* (Lisboa: Livros Horizonte

Em 1986 é criada a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (C.N.C.D.P.)[137]. Prestes a comemorar-se os 500 anos sobre os marcos mais importantes dos descobrimentos, esta comissão publica entre 1986 e 2002 uma série de revistas intituladas de Oceanos[138] bem como diversos catálogos de exposições. Nestas edições, muitos autores tiveram a oportunidade de abordar várias temáticas. Para o panorama da arte indo-portuguesa interessa particularmente o número 19/20 (*indo-portuguesmente*) cujos artigos abordam as artes decorativas e a arquitectura e assume-se – até mesmo pelo título deste número – a questão do indo-português. Entre outros que temos vindo a mencionar, destacam-se igualmente os estudos de Francisco Hipólito Raposo[139], Francisco José Viegas[140], José Jordão Felgueiras[141], José Manuel Fernandes[142], Manuel Filipe Canavieira[143], Raquel Soeiro de Brito[144], Alexandra

;Fundação Oriente, 2000); Flores et al., *Museum of Christian Art: Convent of Santa Monica, Goa - India*; Maria Helena Mendes Pinto et al., *Indo-Portuguese Museum: Bishop's House - Cochin* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenk, sem data).

137 A legislação pode ser consultada no sítio em linha: http://www.legislacao.org/download/pdf/decreto-lei-n-o-391-86-comissao-nacional-presidente-actividades-88580.

138 Revista editada pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses entre 1989 e 2002. Inicialmente vocacionada para a alta divulgação, veio a impor-se tanto pela qualidade dos artigos como pelo excelente aparato gráfico. Teve como directores: António Mega Ferreira (números 1-13), Vasco Graça Moura (números 14-24), António Manuel Hespanha (números 25-36/7) e Joaquim Romero Magalhães (números 38-49)

139 Francisco Hipólito Raposo, «O encanto dos contadores indo-portugueses», *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

140 Francisco José Viegas, ed., *Fortalezas da Expansão Portuguesa*, vol. 28, Revista Oceanos (Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1996).

141 José Jordão Felgueiras, «Arcas Indo-portuguesas de Cochim», *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

142 José Manuel Fernandes, «Vestígios do Manuelino na Arquitectura Religiosa de Influência Portuguesa na Índia: Malabar, Coromandel, Goa», *Revista Oceanos*, Oceanos, n. 19–20 (1994): 136–54; José Manuel Fernandes, «Arquitectura - Portugal: Breve Síntese», *III Congresso Internacional da APHA*, 2004.

143 Manuel Filipe Canavieira, «Goa Dourada», *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

144 Raquel Soeiro de Brito, «Goa: ontem e hoje», *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994); Raquel Soeiro de Brito, *No Trilho dos Descobrimentos: Estudos Geográficos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (Lisboa: Printer Portuguesa, 1997).

Curvelo[145], Rafael Moreira[146], Vítor Serrão[147], José Meco[148], Teotónio de Souza[149] que contribuem para o estudo de espaços existentes na Velha Goa. Contribuindo para o conhecimento das missões religiosas estão os estudos de José Manuel Correia[150] e José Marques[151].

Pedro Dias inicia em 1990 uma série de levantamento sistemáticos da arte portuguesa no mundo. O inventário exaustivo das peças de arte em territórios ultramarinos é um dos legados mais convincentes que deixa para a posteridade. Os dois volumes de História da Arte Portuguesa no Mundo com destaque para o volume da Ásia[152], publicados em 1998 são o resultado dessa missão onde, entre outros, retoma-se a temática da produção retabular indo-portuguesa. Em 2009 volta a publicar, em 15 volumes, uma obra semelhante onde aproveita artigos e estudos realizados desde a sua

[145] Alexandra Curvelo da Silva Campos, «A imagem do Oriente na cartografia portuguesa do século XVI» (Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 1996).

[146] Luis de Albuquerque e Rafael Moreira, *Portugal no Mundo*, vol. IV (Lisboa: Alfa, 1989); Moreira, «A Igreja de São Caetano de Goa e a Arquitectura Portuguesa do Século XVII»; Rafael Moreira, «A primeira Comemoração, o ARco dos Vice-Reis», *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994); Moreira, «From manueline to Renaissance in Portuguese India»; Rafael Moreira, «Riflessi della Chiara nell'India portoguese: la chiesa dei Teatini a Goa», em *La Basilica della Ghiara: il miracolo della città: estratti del Convegno* (La Basilica della Ghiara: il miracolo della città, Provincia di Reggio Emilia: Comune di Reggio Emilia, 1997); Rafael Moreira e Alexandra Curvelo, «A Circulação das Formas. Artes Portáteis, Arquitectura e Urbanismo», em *História da Expansão portuguesa. Do Índico ao Atlântico (1570-1697)*, vol. 2 (Lisboa: Circulo de Leitores, 1998), 523–70.

[147] Vitor Serrão, «A Pintura da Antiga Índia Portuguesa nos séculos XVI e XVII», *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994); Vitor Serrão, «Uma Vida em Imagens: São Francisco Xavier e a Pintura Portuguesa do Século XVIII. André Reinoso e o estabelecimento de uma iconografia credivel do Apóstolo das Índias», em *San Francisco Xavier Y Su Tiempo* (San Francisco Xavier Y Su Tiempo, Pamplona, 2007); Serrão e et all, «Arte e História do Convento de Santa Mónica de Goa: A Luz da Apologia de Fr. Diogo de Santa Ana (1933)»; Serrão, «Pintura e Devoção em Goa no tempo dos Filipes: o mosteiro de Santa Mónica no "Monte Santo" (c.1606-1639) e os seus artistas».

[148] Meco, «O espectáculo Barroco e a Talha Dourada na Arquitectura Religiosa Indo-Portuguesa»; Meco, «A Talha Indo-Portuguesa».

[149] Souza, «O Património Artístico Cristão de Goa»; Souza, «A Arte Cristã de Goa: uma introdução histórica para a dialéctica da sua evolução».

[150] José Manuel Correia, «Os Franciscanos em Cochim», *ITINERARIUM | Revista Quadrimestral de Cultura*, n. 141 (1991): 401–7.

[151] José Marques, «Eremitas de Santo Agostinho nas Missões do Oriente» (Comunicação, Lisboa, 1990), http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2082.pdf.

[152] Pedro Dias, *O Espaço do Índico*, História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) (Lisboa: Circulo de Leitores, 1998).

primeira publicação acerca da arte portuguesa no mundo[153]. É ainda autor de outros artigos com relevância para este estudo[154].

Uma leitura crua dos resultados denota que os estudos de arte indo-portuguesa têm, na década de 1980' e 1990', uma maior representatividade, no entanto, são ainda os estudos de história que levam a vantagem sobre todos os outros. Entrados já no século XXI, a década de 2000' em Portugal é prolífica em publicações variadas. Há uma consciência global e multidisciplinar sobre as artes, arquitectura, história, urbanismo, antropologia, sociologia, linguística, etc. Dos vários autores teremos de destacar Nuno Vassalo e Silva[155], Fernando António Baptista Pereira[156], João Paulo Oliveira e Costa[157],

[153] Destacamos: Pedro Dias, *Arte de Portugal no Mundo - Índia, Urbanização e fortificação*, Público, vol. 9, 15 vols. (Lisboa: Público - Comunicação Social, SA, 2008); ibid.; Pedro Dias, *Arte de Portugal no Mundo - Os Descobrimentos e a Arte do Reino*, Público, vol. 15, 15 vols. (Lisboa: Público - Comunicação Social, SA, 2008); Pedro Dias, *Arte de Portugal no Mundo - Índia, Arquitectura civil e religiosa*, Público, vol. 10, 15 vols. (Lisboa: Público - Comunicação Social, SA, 2008); Dias, *Arte de Portugal no Mundo - Índia, Artes decorativas e iconográficas*.

[154] Pedro Dias, «Retábulos Indo-Portugueses da Renascença ao Início do Barroco», em *El Retablo - Tipologia, Iconografia y Restauration* (IX Simposio Hispano-Portugués de Historia del arte, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2002); Dias, *Arte indo-portuguesa : capítulos da história*.

[155]Nuno Vassallo e Silva, «Tesouros da "Terra de Promissam" a ouriveraria entre Portugal e a Índia», *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994); Silva, «A Arte da prata nas casas Jesuíticas de Goa»; Silva, «Art in the Service of Goa: The Impact of the Society of Jesus on the Decorative Arts in Portugal».

[156] Fernando António Baptista Pereira, *História da arte portuguesa: época moderna, 1500-1800*, Textos de base 52 (Lisboa: Universidade Aberta, 1992); Fernando António Baptista Pereira, «Ocidente e oriente na obra jesuítica de São Paulo (Macau)», em *Igreja, sociedade e missionação : actas* (Congresso internacional de história, Universidade Católica Portuguesa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1993), 329–35; Fernando António Baptista Pereira, *Do mundo antigo aos novos mundos: humanismo, classicismo e notícias dos descobrimentos em Évora (1516-1624) : julho a dezembro de 1998* (Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998); Fernando António Baptista Pereira, *Arte portuguesa da época dos descobrimentos = Portuguese art at the time of the discoveries* (Portugal: CTT Correios, 1996); Fernando António Baptista Pereira, «A Arquitectura Chã e a Ornamentação Interior nas Igrejas Portuguesas do Oriente (séculos XVII-XVIII)», em *Os Construtores do Oriente Português*, ed. Mafalda Soares da Cunha (Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998), 167–93; Pereira, *Do mundo antigo aos novos mundos*; Fernando António Baptista Pereira, ed., *Presença portuguesa na Ásia: testemunhos, memórias, coleccionismo*, 2a ed (Lisboa: Fundação Oriente, 2008).

[157] Pinto et al., *De Goa a Lisboa: l' Art Indo-Portugais XVI e-XVIII e siecles*; João Paulo Oliveira e Costa, «A Diáspora Missionária», em *História Religiosa de Portugal*, vol. 2: Humanismos e Reformas (Lisboa: Circulo de Leitores, 2000); João Paulo Oliveira e Costa, *A alta nobreza e a fundação do estado da Índia actas [do] colóquio Internacional, Lisboa, 16 a 20 de outubre de 201* (Lisboa: Centro de história de Além-Mar Universidade Nova, 2004); João Paulo Oliveira e Costa e Teresa Lacerda, *A Interculturalidade na Expansão Portuguesa (Séculos XV-XVIII)*, Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (Lisboa: Artipol Lda, 2007); AAVV, *O Estado*

Carla Alferes Pinto[158], Maria de Lurdes Beites Manso[159], António Pereira Nunes[160], Angela Barreto Xavier[161], Mafalda Soares da Cunha[162], Ângelo da Silveira[163], Alexandra

da Índia e os Desafios Europeus - Actas do XII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa, ed. João Paulo Oliveira e Costa e Vitor Luis Gaspar Rodrigues, CHAM, E&D - Estudos e Documentos 7 (Lisboa: Barbosa & Xavier Lda, 2010).

[158] Carla Alferes Pinto, «Damão: A Misericórdia e a cidade através das plantas e da documentação», *Anais de História de além-mar*, n. 1 (2000).

[159] Maria de Lurdes Beites Manso, «O Cristianismo na Índia: Da Difusão aos confronto (Século XVI-XVIII)», *CICTSUL - Centro Interdisciplinar de Ciencia Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa*, 2003, http://www.triplov.com/cictsul/maria_de_deus.html; Maria de Lurdes Beites Manso, «Jesuítas na Índia: Séculos XVI-XVIII», em *Actas das Conferencias de Javier 2006* (El Mundo alredor de Xavier, Pamplona, 2006).

[160] António Nunes Pereira, *Arquitectura Religiosa cristã de Velha Goa*, Orientalia 10 (Lisboa: Fundação Oriente, 2005); António Nunes Pereira, *A Arquitectura religiosa cristã de Velha Goa: segunda metade do século XVI, primeiras decadas do século XVII*, Fundação Oriente (Lisboa, 2005).

[161] Ângela Barreto Xavier, «Itinerários franciscanos na Índia seiscentista, e algumas questões de história e de método», *Lusitânia Sacra*, 2ª, 18 (2006): 87–116; Ângela Barreto Xavier, *A invenção de Goa : poder imperial e conversões culturais nos séculos XVI e XVII*, 1a. ed. (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008).

[162] Mafalda Soares da Cunha, ed., *Arte do marfim [catálogo da exposição, Porto, Museu dos transportes e comunicações e Rio de Janeiro, Museu histórico nacional]* (Lisboa; Rio de Janeiro: Comissão nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 1998).

[163] Angelo Silveira, *Lived heritage, shared space: the courtyard house of Goa* (New Delhi: Yoda Press. Distributed by Foundation Books, 2008).

Curvelo[164], Cristina Osswald[165] Rosa Perez[166], Cláudia Pereira[167], Hugo Cardoso[168], Pedro Pombo[169], Nandini Chaturvedula[170], entre outros.

Neste mesmo período, outros autores, sobretudo oriundos da Índia, focam as suas atenções para a Velha Goa, quer no que respeita a arquitectura como a história das missões. É o caso de José Lourenço que publica um estudo sobre a arquitectura das fachadas das Igrejas de Goa[171], Olivinho J. F. Gomes que volta a tratar o tema das ordens religiosas em Goa[172], Délio de Mendonça que retrata fotograficamente as igrejas de Velha

[164] Moreira e Curvelo, «A Circulação das Formas. Artes Portáteis, Arquitectura e Urbanismo».

[165] Maria Cristina Osswald, «Marfins, formas e Técnicas com especial incidência na imaginária indo-portuguesa», *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994); Osswald, «O Bom Pastor na imaginária indo-portuguesa em marfim»; Osswald, *Written in Stone*.

[166] Rosa Maria Perez, «Goa: modos de olhar», *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

[167] Claudia Pereira, «Negociações identitárias dos Gaudde de Goa: políticas de classificação de "tribos" [Identitary negotiations of the Goan Gawda: politics of classification of "tribes"]», *Portuguese Literary & Cultural Studies*, n. 17/18 (2010): 129–39; Claudia Pereira, «Catolicismo e hinduísmo em Goa: as canções de casamento dos Gaudde», em *Goa Passado e Presente*, ed. Artur Teodoro de Matos e João Teles e Cunha (Lisboa: CEPCEP, CHAM e FCT, 2012), 353–64; Claudia Pereira, «The Music of the Catholic and Hindu Gaudde: Voicing the Unheard through Heritage», em *Goa 2011: Reviewing and Recovering Fifty Years*, ed. Savio Abreu e Rudolf C Heredia (New Delhi: Concept Publishing Company Pvt. Ltd., 2014), 95–102.

[168] Hugo C. Cardoso, «Diu Indo-Portuguese», em *The survey of Pidgin and Creole languages*, ed. Susanne Michaelis et al., First edition, Oxford Linguistics (Oxford: Oxford University Press, 2013); Hugo C. Cardoso, «Oral traditions of the Luso-Asian communities: local, regional and continental'», em *Portuguese and Luso-Asian Legacies in Southeast Asia, 1511-2011: Culture and Identity in the Luso-Asian World. Tenacities and Plasticities*, vol. 2, Portuguese and Luso-Asian Legacies in Southeast Asia, 1511-2011: (Singapore: Institute of Southeast Asian Studies, 2012), 143–66; Hugo C. Cardoso, «The African Slave Population of Portuguese India: Demographics and Impact on Indo-Portuguese», *Journal of Pidgin and Creole Languages* 25, n. 1 (2010): 95–119, doi:10.1075/jpcl.25.1.04car.

[169] Pedro Pombo, «Shri Betal Prasanah. The Tenples of Betal in priol, Velinga and Querim», *Fundação Oriente*, n. 16 (2006): 115–28.

[170] Nandini Chaturvedula, *Imperial excess: Corruption and decadence in Portuguese India (1660-1706)*, ed. ProQuest (Columbia University, 2011).

[171] José Lourenço, *The parish churches of Goa : a study of façade architecture*, Rev. 2nd ed. (Margao: Amazing Goa Publications, 2005).

[172] Olivinho J. F. Gomes, *The Religious Orders in Goa - XVI - XVII Centuries*, Konkani Sorospot Prakashan (Chandor - Goa: Suresh Kakodkar, Omega Enterprises, 2003).

Goa[173], Tanika Sarkar que trata do estudo das missões e a mecânica das conversões[174], Teresa Albuquerque[175] com algumas publicações devotadas à defesa do património – Heta Pandit[176], António José do Rosário[177] e Joseph de Barros[178]. Denota-se aqui uma persistência de tratamento das temáticas tradicionais focadas essencialmente nas missões e na arquitectura de Velha Goa. Outros investigadores debruçam-se sobre temas de um ponto de vista mais académico como Pius Malekandathil[179], Sanjay Subrahmanyam[180], Charles Borges[181].

No campo da história destacamos Anthony Russel-Wood[182] cuja obra se caracteriza pela particular filosofia do conhecimento do Império português em que integra a ideia de "mundo em movimento" do qual resultou pelo menos uma publicação. Russel-Wood era da opinião que o mundo colonial deveria ser lido numa conjuntura mundial e não dos reinos que os formaram.

---

[173] Patrick J. Lobo, *Magnificent Monuments of Old Goa*, Marie Yvette Albuquerque & Avelar Barreto (Panjim: Prabhakar D. Bhide, 2004).

[174] Tanika Sarkar, «Missionaries, Converts and the State in Colonial India», *Studies in History* 18, n. 1 (1 de Fevereiro de 2002): 121–33, doi:10.1177/025764300201800106.

[175] Albuquerque Teresa, «Dom Sebastião e Rachol», trad. Viegas Francisca, *Boletim do Instituto Menezes Bragança*, n. 170 (1994): 173–76.

[176] Heta Pandit e Homi Bhabha Fellowships Council., *Hidden hands : master builders of Goa* (Bardez Goa: Heritage Network, 2003); Heta Pandit e Annabel Mascarenhas, *Houses of Goa* (Bardez Goa: Heritage Network, 2003); Heta Pandit, *In and around Old Goa* (Mumbai: Marg Publications, 2004); Heta Pandit, *Walking with angels* (Goa India: The Heritage Network, 2006).

[177] António José do Rosário, *Diu: Terra Minha* (Braga: Oficinas Gráficas da Editorial Franciscana, 1990).

[178] Joseph de Barros, «A Presença Portuguesa em Baçaim», *Boletim do Instituto Menezes Bragança*, n. 170 (1994): 13–29.

[179] Pius Malekandathil, «City in Space and Metaphor», *Studies in History* 25, n. 1 (2006): 13–38, doi:10.1177/025764300902500102; Pius Malekandathil, *Maritime India: Trade, Religion and Polity in the Indian Ocean* (Primus Books, 2010); Pius Malekandathil, *The Mughals, the Portuguese, and the Indian Ocean: changing imageries of Maritime India* (Delhi: Primus Books, 2013).

[180] Sanjay Subrahmanyam, «O gentio indiano visto pelos portugueses do século XVI», *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

[181] Borges e Feldmann, «Goa and Portugal - their cultural links»; Charles J. Borges, «Questões em torno das formas de representação na arte religiosa indo-portuguesa», *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994); Borges e Feldmann, «Goa and Portugal - their cultural links»; Borges e et all, *Goa and Portugal - History and Development*.

[182] Anthony John R. Russell-Wood, *Um mundo em movimento : os portugueses na África, Ásia e América (1415 - 1808)* (Lisboa: DIFEL, 1998).

Recentemente, algumas teses de doutoramentos têm focado temas inovadores, nomeadamente a arquitectura militar[183]. Na história da arte, Rui Oliveira Lopes apresentou a sua tese de doutoramento na qual aborda as confluências da arte cristã, abordando a diversidade cultural e religiosa na Índia, na China e no Japão. Apresenta para a Índia alguns exemplos na iconografia, incluindo os na talha[184].

No que respeita à arquitectura, os trabalhos realizados por Hélder Carita no âmbito da arquitectura civil e religiosa do Kerala sobretudo, constituem um importante espólio[185], assim como os de Paulo Varela Gomes[186] cuja visão sobre a arquitectura religiosa goesa abre novos horizontes de investigação. Relativamente ao estudo do urbanismo o nome que imediatamente surge é o Walter Rossa[187], que esteve posteriormente ligado ao projecto HPIP. O HPIP[188] é um excelente estudo levado a cabo pela Universidade de Coimbra em colaboração com a Fundação Calouste Gulbenkian que vem a contribuir para a inventariação dos locais de presença portuguesa no mundo, fruto de uma proposta que a Fundação Calouste Gulbenkian faz a José Mattoso em 2007, e que se consistiu na formulação e desenvolvimento de um projecto de recolha e disponibilização pública do Património de Origem Portuguesa no Mundo – arquitectura e urbanismo. Foram lançados

[183] Nomeadamente: Nuno Miguel de Pinho Lopes, «As estruturas fortificadas de Diu» (Mestrado, Universidade de Évora, 2010); Sidh Daniel Lhosa Mendiratta, «Dispositivos do Sistema Defensivo da Província do Norte do Estado da Índia, 1521-1739» (Doutoramento, Universidade de Coimbra, 2012), WWW: http://hdl.handle.net/10316/21363.

[184] Rui Oliveira Lopes, «Arte e alteridade : confluências da arte cristã na Índia, na China e no Japão, séc. XVI a XVIII» (Doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011), http://hdl.handle.net/10451/4686.

[185] Hélder Carita, «Arquitectura Civil indo-portuguesa: génese e primeiros modelos», *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994); Hélder Carita, «Arquitectura Indo-Portuguesa na Região do Sul da Índia e o impacto da arte dos cristãos de São Tomé na formação de tipologias e linguagens da arquitectura colonial», em *V Colóquio Luso-Brasileiro de História de Arte* (V Colóquio Luso-Brasileiro de História de Arte, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002), 39–57; Carita, *Palácios de Goa: modelos e tipologias de arquitectura civil indo-portuguesa*; Carita, *Arquitectura indo-portuguesa na região de Cochim e Kerala*.

[186] Gomes, «Arquitectura e Arte Indo-Portuguesa: o nome e as coisas»; Gomes, *Whitewash, red stone*; Gomes, «Arquitectura e Arte Indo-Portuguesa: o nome e as coisas».

[187] Walter Rossa, *Cidades indo-portuguesas: contribuições para o estudo do urbanismo português no Hindustão Ocidental = Indo-Portuguese cities: a contribution to the study of Portuguese urbanism in the Western Hindustan* (Lisboa: Commissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997).

[188] HPIP: Heritage of Portuguese Influence (Versão para Língua Inglesa) PIP: Património de Influencia Portuguesa (Versão para Língua Portuguesa)

em 2010 três volumes e finalizou-se com um volume de índices em 2011 e no mesmo ano foi lançado um sítio em linha[189] que está em constante actualização. Os conteúdos desdobram-se em Arquitectura Religiosa, Arquitectura Militar, Equipamentos e Infra-estruturas e Habitação nos contextos da Ásia, Norte de África, Golfo Pérsico e Mar Vermelho, África Subsariana e América do Sul. No tocante à Ásia e aos territórios que este estudo abarca raras são as entradas cujos conteúdos de arquitectura religiosa evocam a produção retabular.

Associado a este projecto estão vários nomes de várias áreas de investigação. Estando ligados às temáticas e territórios que concernem este estudo que apresentamos, nomeamos os que nos parecem ser mais relevantes: Alice Santiago Faria[190], André Teixeira[191], António Nunes Pereira[192], Filipe Themudo Barata[193], Hélder Carita[194], José Manuel Fernandes[195], Mafalda Soares da Cunha[196], Manuel Lobato[197], Nuno Grancho[198],

[189] www.hpip.org

[190] Arquitecta. Doutorada pela Université Paris 1, Panthéon-Sorbonne, Paris, França

[191] Historiador, Arqueólogo. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, Lisboa, Portugal

[192] Arquitecto. Director do Palácio Nacional da Pena / Escola Superior de Design / Unidade de Investigação em Design e Comunicação do Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing, Lisboa, Portugal

[193] Historiador. Departamento de História da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora / Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora, Évora, Portugal

[194] Arquitecto. Escola Superior de Artes Decorativas da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva / Instituto de História de Arte da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal

[195] Arquitecto. Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal

[196] Historiadora. Departamento de História da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora / Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora, Évora, Portugal

[197] Historiador. Centro de História do Departamento de Ciências Humanas do Instituto de Investigação Científica Tropical / Instituto de Estudos Orientais da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal

[198] Arquitecto. Doutorando do Instituto de Investigação Interdisciplinar / Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

Nuno Senos[199], Paulo Varela Gomes[200], Pedro Dias[201], Rafael Moreira[202], Sérgio Fernandes[203], Sidh Losa Mendiratta[204], Vítor Luís Gaspar Rodrigues[205], Vítor Mestre[206], Walter Rossa[207].

O HPIP é o projecto mais recente, desta feita pluridisciplinar, que tem vindo a reunir informações sobre locais, sítios, conjuntos, etc., nos locais de presença portuguesa no mundo. A consulta do sítio em linha[208] – mais que a obra impressa[209] – é essencial e imprescindível dado que regularmente se actualizam os conteúdos, que anteriormente são avaliados com um rigor científico que se deseja a publicações do género.

De entre os autores e estudos que tivemos a oportunidade de aqui citar, muitos desses autores dedicaram-se ao estudo da arte indo-portuguesa. O grande *boom* de artigos surge por ocasião das comemorações dos 500 anos dos descobrimentos portugueses. Graças a esses estudos, é possível coligir uma série de informação e promover a interdisciplinaridade. Não obstante, os artigos focaram essencialmente o núcleo das artes decorativas, a arquitectura, o urbanismo, a história das missões e as rotas comerciais. Para além dos artigos de Ricardo Michael Telles – que na sua essência e maioria não são mais

[199] Historiador. Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, Lisboa, Portugal

[200] Historiador. Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

[201] Historiador. Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

[202] Historiador. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal

[203] Arquitecto. Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal

[204] Arquitecto. Doutorando do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra/ Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

[205] Historiador. Centro de História do Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, Portugal

[206] Arquitecto. Doutorando do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

[207] Arquitecto. Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal

[208] www.hpip.org

[209] Rossa, *Património de origem portuguesa no mundo. Arquitectura e urbanismo*.

que breves enumerações do património religioso das igrejas de Goa – uma ínfima parte de autores dedica-se em específico à arte da talha.

Recapitulando, a produção retabular encontra representatividade nos estudos de Mário Tavares Chicó[210] e Carlos de Azevedo[211] (durante a década de 1950') e de José Meco[212] (nos anos 1980' em diante), de Hilda Frias[213] (em 2006, estudo monográfico dos púlpitos em Goa) e Pedro Dias[214] (nas obras lançadas desde 1998) existindo para além disso parcos artigos[215].

Desde 2007 que temos vindo a abordar a temática da produção retabular indo-portuguesa contribuindo para o seu entendimento[216], preparando terreno para um estudo

[210] Chicó, *A escultura decorativa e a talha dourada nas igrejas da Índia Portuguesa*; Chicó, «Algumas observações acerca da Arquitectura da Companhia de Jesus no distrito de Goa»; Chicó, *Igrejas de Goa*; Chicó, *Gilt carved-work retables of the churches of Portuguese Índia*.

[211] Carlos de Azevedo, *Um Artista Italiano em Goa: Plácido Francesco Ramponi e o túmulo de São Francisco Xavier* (Lisboa: Ministério do Ultramar | Junta de Investigações do Ultramar, 1956); Azevedo, *A Arte Cristã da Índia Portuguesa*; Azevedo, *A Arte de Goa, Damão e Diu*.

[212] Meco, «O espectáculo Barroco e a Talha Dourada na Arquitectura Religiosa Indo-Portuguesa»; José Meco, «Azulejos e Talha Dourada em Pernambuco», em *Actas do Curso de Verão «Os Descobrimentos e a Expansão Portuguesa no Mundo»* (Curso de Verão, Lisboa: Serviço de Edições da Universidade Lusiada, 1994); Meco, «A Talha Indo-Portuguesa».

[213] Frias, *Goa, a arte dos púlpitos*.

[214] Dias, *O Espaço do Índico*; Dias, *Arte indo-portuguesa : capítulos da história*; Dias, *Arte de Portugal no Mundo - Índia, Arquitectura civil e religiosa*.

[215] Esteban Garcia Brosseau apresentou recentemente um artigo focado na iconografia na produção retabular de cariz globalizante. Esteban Garcia Brosseau, «Christians and savages: the colonial uses of hybridization in baroque religious iconography and its postcolonial (mis)-readings from Goa to Potosi» (Conference, Colonial (mis)understandings: Portugal and Europe in Global Perspective (1450-1900), CHAM, 18 de Julho de 2013), http://www.nomadit.co.uk/cham/cham2013/panels.php5?PanelID=2315.

[216] Reis, «O retábulo da Companhia de Jesus - Damão e Diu»; Mónica Esteves Reis, «O retábulo indo-português de Damão e Diu», *Promontória | Universidade do Algarve*, n. 5 (2007): 271–98; Mónica Esteves Reis, «A Arte Retabular da Companhia de Jesus em Damão: focando o Retábulo de Nossa Senhora com o Menino na sacristia da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios», ed. Unicamp, *Revista de História da Arte e Arqueologia*, Jan/Jun, n. 11 (2009): 37–54; Mónica Esteves Reis, «O Retábulo Indo-Português e a miscigenação Iconográfica», em *Actas do 3º Colóquio de Artes Decorativas* (Iconografia e Fontes de Inspiração: Imagem e Memória da Gravura Europeia, Lisboa: FRESS, 2009), 263–74; Mónica Esteves Reis, «The Indo-Portuguese Retable Art: From Portugal to India, the encounter in Art» (ICAS 6 - International Convention on Asia Scholars, Daejeon, Koreia, 2009); Reis, «Retable art in India-its importance, the empathic apathy and the future»; Mónica Esteves Reis, «A Talha Goesa: Inovação Artística nos Séculos XVII e XVIII», em *Actas do Congresso Goa: Passado e Presente* (Iconografia e Fontes de Inspiração: Imagem e Memória da Gravura Europeia, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2011), 369–83; Mónica Esteves Reis, «Through art with art, the strategies of conversion through native forms and symbols [See, Compare and Adapt]» (Comunicação, ECSAS 2012 - 22nd European Conference on South Asian Studies, ISCTE-Lisbon University, Julho de 2012); Mónica

mais alargado. Este trabalho que apresentamos, que é realizado de acordo com uma consciência globalizante da arte tornou-se indispensável para que se estabelecesse um diálogo efectivo sobre as soluções formais e iconográficas, sem juízos de valor orientalista mas de acordo com uma perspectiva global das condicionantes religiosas, culturais e artísticas da Índia, quebrando e relendo conceitos instalados para dar lugar a novas e inovadoras leituras da produção retabular indo-portuguesa.

Esteves Reis, «See, Compare and Adapt: Through Art, with Art, the strategies of conversion throught native form and symbols» (Conference, ECSAS 2012 ECSAS2012: The 22nd European Conference on South Asian Studies, ISCTE - Lisbon University, 27 de Julho de 2012), http://www.nomadit.co.uk/easas/ecsas2012/panels.php5?PanelID=1019; Reis, «The Retable Art from Goa and the Ancient North Province: Proximity and Singularities»; Mónica Esteves Reis, «Altarpieces, Christians and spices: the Indo-Portuguese retable art» (Conference, Colonial (mis)understandings: Portugal and Europe in Global Perspective (1450-1900), CHAM, 19 de Julho de 2013), http://www.nomadit.co.uk/cham/cham2013/panels.php5?PanelID=2315; Reis, «The Retable Art from Goa and the Ancient North Province: Proximity and Singularities».

Capítulo II

Portugal ao Encontro do Oriente

Portugal ao Encontro do Oriente

Obedientia Potentissimi Emanuelis Lusitanae Regis Etc. perclarissimum Iuris V consultum Dieghum Pacettum Oratorem ad Iulium II. Pontificem Maximum Anno Domini M. D. V. Pridie Non. Iunii.[217]

Aceitai, Beatíssimo Padre, a obediência do Vosso rei D. Manuel; aceitai, como Vosso, Portugal, e não apenas Portugal, mas também a maior parte de África; recebei a Etiópia e toda a índia na sua imensa vastidão; aceitai o próprio Oceano, com seus cabos, promontórios, praias, todos os portos, ilhas, fortalezas, cidades inumeráveis, todos os reinos e nações sem conto, antes de nós não conhecidos. Aceitai a obediência do Oriente, que os Vossos antecessores não conheceram, e como que vos estava reservada. E, a Deus graças, aceitai o próprio orbe terrestre. Orbe terrestre disse eu, mas melhor diria todas as terras e mares, todos os orbes e todas as estrelas.[218]

[217] Conforme ms. na Biblioteca de Évora (Cód. Cx1-4, nº5)

[218] Diogo Pacheco, Eugénio do Canto, e José Pedro Costa, *Preito de obediencia d'el-rei D. Manoel ao Papa Julio II prestado pelo seu embaixador Diogo Pacheco em 4 de Junho de 1505* (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1907).

1. Portugal ao Encontro do Oriente

1.1. A expansão portuguesa – os desígnios e os pretextos.

As expedições além-mar iniciam-se com o infante D. Henrique na costa africana. Este momento impulsionador foi o que a coroa portuguesa necessitava para empreender um projecto maior[219]. Este homem, moldado pelo seu tempo, foi igualmente influenciado pelos relatos de um reino cristão em África ou nas Índias, o reino de Preste João, que se localizaria a sul dos domínios muçulmanos. Rapidamente deslinda um plano de aliança que permitiria à coroa portuguesa empreender uma cruzada que levaria ao afastamento definitivo dos muçulmanos entre esses dois reinos[220]. Estas cartas do Prestes João que circularam na Europa, foram habilmente fabricadas para cumprir com desígnios imediatos nos seus respectivos contextos históricos. Destas, a primeira de que se tem conhecimento terá sido fabricada entre 1160 e 1190. Esta carta descreve sobretudo uma hipotética unificação da cristandade oriental com a cristandade ocidental através de uma aliança cruzadística para a conquista de Jerusalém. A carta, certamente redigida para favorecer a posição da igreja nas segundas cruzadas[221], terá sido redigida por clérigos da corte imperial alemã[222]. O discurso contido nessa carta – que será a que mais circulação teve na europa – convidava o Imperador Manuel I Comnenus a deslocar-se ao seu reino, usufruir da sua abundância e regressar com essa abundância de volta ao seu reino.

Ora, se era das Índias[223] o Reino do Preste João, cujas cartas haviam circulado na europa para deleite e criação do imaginário sobre um paraíso terrestre, foi também na

---

[219] A. H. de Oliveira Marques, *Nova História de Portugal - Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*, vol. 4 (Lisboa: Editorial Presença, 1987), 559.

[220] Ibid., 4:560.

[221] A Segunda Cruzada ocorre entre 1147 e 1149, proclamada pelo papa Eugénio III em alívio dos cristãos do Levante, por ocasião da conquista de Edessa pelo governador muçulmano Imad ad-Din Zengi em 1144. Foi a primeira cruzada liderada por monarcas europeus, a saber: Luís VII de França, Leonor da Aquitânia e Conrado III da Germânia.

[222] Maria Leonor Buescu, Alexandra Curvelo, e Manuel João Ramos, *Carta do Preste João das Índias: versões medievais latinas* (Lisboa: Assírio & Alvim, 1998).

[223] Seriam três, as índias do Preste João. A Índia Posterior, onde repousa o corpo de São Tomé, estender-se-ia pelo deserto em direcção ao berço do sol, descendo até à Babilónia, próxima da Torre de Babel. Nessas terras, setenta e duas províncias prestavam vassalagem ao Preste, das quais poucas seriam cristãs. Ibid., 55.

Índia que pregou o Apóstolo São Tomé. O projecto de expansão levado a cabo por D. João II (1481-1495) é esboçado em sete frentes distintas[224], sendo a quarta linha – a colheita de informações do Oriente, a sexta linha – a tentativa de criação de focos de cristianização no continente africano, e a sétima linha – a intensificação da actividade diplomática visando a supremacia de Portugal sobre os territórios conquistados[225], as mais importantes para o projecto imperial manuelino que às ideias herdadas lhes juntou o cariz messiânico que caracteriza a forma como Portugal veio a desembocar na Índia. É com base nestas premissas que em 1486, D. João II envia numa missão de busca do Preste das Índias, Pêro da Covilhã[226] e Afonso de Paiva[227], que disfarçados de mercadores fazem a Rota das Especiarias no seu sentido inverso[228]. Em Aden seguem cada um o seu rumo. Afonso de Paiva segue em busca do Preste João na Etiópia e Pêro da Covilhã segue rumo à Índia para se certificar dos processos de transacção das especiarias. Pêro da Covilhã chega a Calecute em Novembro de 1488, onde terá conhecido um mercador que lhe explica o percurso das especiarias, a existência do Ceilão, a origem da canela e da noz-moscada, e a importância que a cidade de Calecute ocupava em todo o processo. Era a Calecute que afluíam as especiarias já prontas para embarcar rumo ao Mar Vermelho para serem transaccionadas em Veneza. Na posse das novas informações, Pêro da Covilhã visita na Índia as cidades de Cananor, Goa e, posteriormente, Ormuz, confirmando que

[224] As sete frentes projectadas durante o reinado de D. João são: 1ª linha: preparação para os empreendimentos ultramarinos e aposta nas linhas astronómicas, diz respeito à preparação técnica das empresas futuras; 2ª linha: organização e exploração do comércio africano em que o grande marco é, sem dúvida, a construção de S. Jorge da Mina (actual cidade de Elmina, Gana); 3ª linha: prosseguimento do descobrimento da costa africana, cuja grande intenção é virar o Cabo e penetrar no Índico; 4ª linha: colheita de informações no Oriente, mediante o envio de exploradores por via terrestre até ao Índico. Referimo-nos às viagens de Pêro da Covilhã e Afonso de Paiva; 5ª linha: tentativa de penetração no continente africano, seja com o objectivo de contactar o Preste João, seja com o de assentar diplomaticamente o trato com os potentados do ouro; 6ª linha: tentativa de criação de abcessos de cristianização do continente africano, a mais espectacular é a que conduziu à cristianização do Congo em 1491; 7ª linha: actividade diplomática visando a supremacia de Portugal sobre os territórios conquistados e os territórios por conquistar.

[225] Luis Filipe Thomaz, «O Projecto Imperial Joanino (tentativa de interpretação global da política de D. João II)», em *De Ceuta a Timor*, 2ª edição, Memória e Sociedade (Linda a Velha Portugal: DIFEL, 1994), 166–7.

[226] Pêro da Covilhã, diplomata da coroa e explorador, nasceu na Covilhã em c.1450 e terá falecido na Etiópia em c.1530.

[227] João Afonso de Aveiro, na documentação conhecido como Afonso de Paiva, nasceu a 1443 em Castelo Branco e falece a 1490, vítima da peste, no percurso da sua expedição.

[228] Luis Filipe Thomaz, «Os Portugueses na Rota das Especiarias», em *De Ceuta a Timor*, 2ª edição, Memória e Sociedade (Linda a Velha Portugal: DIFEL, 1994), 172.

nessas cidades as movimentações comerciais das especiarias eram secundárias face ao verificado em Calecute. Em 1489 segue rumo a África passando pelas cidades entreposto dos muçulmanos: Melinde, Quiloa, Moçambique e Sofala. Esta sua etapa da expedição é crucial dado que, a partir das observações que passou a emissários da coroa Portuguesa, Vasco da Gama terá decidido rumar a Calecute, onde chegou a 1498[229].

Afonso de Paiva viria a falecer na Etiópia sem passar as informações das suas descobertas. Seria Pêro da Covilhã que, encarregando-se de fazer essa etapa confiada a Afonso de Paiva, descobre que o reino do Preste era na verdade um enclave cristão entre domínios muçulmanos que em nada haveria de acrescentar à demanda cristã portuguesa[230]. Será o Padre Francisco Álvares[231] que haveria de publicar a *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias*[232], que veio a ser editada em Lisboa em 1540, obra que resulta das suas observações e dos relatos que Pêro da Covilhã lhe confiou. A ideia da unificação do império do Preste João das Índias ao império português era

[229] Vasco da Gama fez a sua navegação rumo à Índia com base nas explorações prévias de Bartolomeu Dias efectuadas até ao Cabo das Tormentas – que D. João II preferia chamar de Cabo da Boa Esperança, devido ao facto de que ao ser possível dobrar o cabo, a esperança de chegar à Índia estava próxima.

João de Barros et al., *Da Ásia de João de Barros e de Diogo do Couto: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento dos mares e terras do Oriente* (Lisboa: Régia Officina Typográfica, 1777), Décadas da Ásia, http://purl.pt/7030.

O período em que os portugueses se lançam nos mares do índico é propício às suas conquistas, dado que a tecnologia naval portuguesa era superior à dos povos navegantes do índico.

Boxer, *O Império Marítimo Português 1415-1825*, 59.

[230] Foi durante o reinado do Imperador Eskender – conhecido em Portugal por Alexandre da Etiópia – que Pêro da Covilhã chega à Etiópia, tornando-se no primeiro português a faze-lo, no entanto, já vários viajantes italianos o haviam feito antes dele. Apesar de se apresentar como enviado do rei D. João II de Portugal, tal como acontecera com os outros europeus, fica impedido de regressar e é obrigado a fixar-se no país. Acaba por assumir as funções de conselheiro da rainha Eleni, convencendo-a a procurar a ajuda portuguesa perante a ameaça do império pelos seus vizinhos muçulmanos.

[231] O clérigo Francisco Álvares nasceu em Coimbra a 1465 e veio a falecer em Roma, entre 1536 e 1541. Foi na embaixada de Portugal à Abissínia, durante o reinado de Manuel I em 1515 que, na qualidade de capelão, tomou conhecimento dos costumes exóticos que, mais tarde viria a expor na sua obra *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias (...).* Esta obra quebrou com o tradicionalismo nos relatos que tinham vindo a ser produzidos até então.

Francisco Bethencourt, «O contacto entre os povos e civilizações», em *História da expansão portuguesa. A Formação do Império (1415-1570)*, ed. Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri ([Lisboa]: Circulo de leitores, 1998), 96.

[232] Francisco Álvares, *Verdadeira informação das Terras do Preste João das Índias*, No, Conforme a ed. de 1540, ilustrada de diversos fac-similes (Lisboa: Impr. Nacional, 1889), http://purl.pt/16517.

finalmente deitada por terra[233]. Enquanto os emissários fazem as suas explorações, sobe ao trono D. Manuel I que se sente predestinado nas intentas ultramarinas. A política e a economia do reino motivam D. Manuel I na expansão portuguesa que se usa do messianismo e da busca dos cristão perdidos para partir para a Índia mais uma vez[234]. A ajuda das congregações religiosas seriam fundamentais e os propósitos jesuíticos de conversão de fiéis serviam de inteira medida às intenções manuelinas, atribuindo-lhes a tarefa de recuperar os cristãos de nossa fé considerados perdidos. Podemos considerar este momento como o episódio proto-histórico da arte retabular indo-portuguesa porque é nesta necessidade de angariar fiéis que o retábulo – uma bíblia em imagens – irá ser o protagonista na fé de um evento na arte.

1.2. Cristãos Perdidos e Especiarias

Os processos comerciais depois da chegada a Calecute em 1498 não irão sofrer grandes alterações no que diz respeito aos produtos transaccionados. Na realidade, o papel dos portugueses neste processo funciona como uma substituição directa do papel que havia sido desempenhado por árabes e persas a partir das mesmas bases – Malaca e Calecute, posteriormente substituída por Goa. As rotas comerciais com base marítima

[233] Será só no Século XVII que uma nova teoria de império místico viria a ser desenvolvida pela pena do Padre António Vieira – uma ideia de quinto império desenvolvida para legitimar a presença da coroa portuguesa (os quatro primeiros impérios eram: os Assírios, os Persas, os Gregos e os Romanos. O quinto seria o Império Português). Nas suas teorias visava sobretudo a existência do reino de Cristo sobre a Terra. A primeira teoria, desenvolvida a partir de 1649 na *História do Futuro*, defendia que este Império se dividia em duas vertentes: espiritual (com uma autoridade religiosa na figura do Papa) e temporal (com autoridade política no rei de Portugal). A obra, inacabada, é publicada em 1755, apesar de ter sido escrita entre 1649 e 1664. O assunto principal desta obra era o da instauração do Quinto Império ou do Reino consumado de Cristo na Terra - este reino de mil anos duraria até à vinda do Anticristo e seria um reino universal, a abranger todos os continentes, todas as raças e todas as culturas; um reino cristão e católico, que haveria de efectuar a conversão dos hereges, maometanos, pagãos e judeus; um reino de paz e harmonia regido por Cristo, por intercessão de um governo espiritual na figura do papa e o governo temporal pelo rei português. Não se sabe ao certo quem seria esse monarca, dado que se desconhece a obra na sua íntegra, mas aponta-se para D. Sebastião, D. João IV ou um dos seus dois filhos. Provavelmente, o candidato mais plausível seria D. João IV.

[234] A coroa portuguesa não era a única a almejar uma unidade imperial semelhante ao idealismo português de *quinto império*, uma utopia cristã forjada na Dinastia de Avis.

Inês G. Zupanov, «A Religião e as Religiões», em *História da Expansão Portuguesa*, trad. Margarida Vale Gato, O Império Oriental 1458-1665, unpublished, 3, http://www.ineszupanov.com/publications/HIST%D3RIA%20DA%20EXPANS%C3O%20PORTUGUESA%202001.pdf.

permitiam captar da China: vasos, lacas, porcelanas, cânfora, perfumes, drogas, pedras preciosas, ouro e prata. Da Insulíndia traziam-se cravo-da-índia, noz-moscada, pimenta, outras especiarias e ouro[235]. Da Índia, trazia-se Índigo, arroz, têxteis e açúcar. De Mascate e Ormuz vinham seda, prata, cavalos, pérolas, café e perfumes, e da África oriental ébano, âmbar e ouro.

A compreensão da dimensão total da problemática que envolve a conservação de uma arte particular, como é a arte retabular indo-portuguesa, só pode ser atingida se observarmos as condicionantes históricas e culturais que se estabeleceram nos diversos pontos de contacto históricos entre as duas culturas: a cultura local, indiana, de raiz por si só multicultural, com singularidades que desde sempre foram objecto de fascinação pelo mundo ocidental (fascinação motivada pela própria geografia que durante séculos impediu a entrada do ocidente neste subcontinente e a trazida pelos portugueses). Esta incursão na história desde o século XII, que nos vimos na necessidade de realizar serve para demonstrar que *Cristãos perdidos e especiarias*[236] são, neste panorama, palavras de

---

[235] Joaquim Romero Magalhães, «Açúcar e Especiarias», em *História da Expansão portuguesa. Do Índico ao Atlântico (1570-1697)*, Círculo de Leitores, vol. 1 (Navarra, 1998).

[236] Carta que seguiu na segunda viagem à Índia protagonizada por Pedro Álvares Cabral, com base nas informações de Vasco da Gama, que os cristãos perdidos se encontravam na Índia: *(Fls 63-r.) Manda|mos agora la o noso capitao e naos e mercadorias e feitor| noso que, por voso prazer, aja la de fazer e estar; e asi| mesmo mandamos pessoas religiosas e doutrinadas na fee| e religiao christã, e tambem ornamentos eclesiasticos pera| çelebrarem os officios devinos e sacramentos, pera que| possaes ver a doutrina da fee christã que temos, dada e| instituida per Christo Jesus Noso Senhor, Noso| Salvador a doze apostolos disciplos seus, a qual despois de| sua santa ressureição foy por elles geralmente preguada| e recebida por todo o mundo, dos quaes alguuns, a saber| Santhome, e San Bertholomeu, pregarao nesas vossas per-|tes da India fazendo muitos e grandes milagres, terando| esas gentes da gentilidade e idolatria, em que dantes todo o| mundo estava, e convertendoos a verdade da santa crença, | a fee christã (...).*

(Fls63-v.) (...) e he causa da nosa navegação e ida a vos, mui afectuo-|samente e como irmão vos rogamos que vos queiraes con-|formar com seu querer e vontade, e por fazerdes vosso proveito, e de vosas terras, asy temporal como espiritual (...) busquar vosa amizade| e conversação. e trazervos tanto proveito como de nosas| terras mais que de nhumamas outras podeis receber.

«Carta que El-Rey Dom Manuel escreveu a El-Rey de Calecut por Pedro Alvares Cabral, Capitão da Primeira Armada que foi à Índia Depois de ser Descoberta por Vasco da Gama [1 Março 1500. Colecção Vimieiro: BNL, Ms. 7638, Doc. 35, a fls. 61-v-64-r]», em *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente (Índia)*, Edição Facsimilar do original de 1952, vol. 1 (Lisboa: Agencia Geral das Colónias, 1991), 13v.

O desembarque Pedro Álvares Cabral na Índia esteve longe de ser pacífico e foi decisivo para que os portugueses entendessem que o diálogo não lhe iria valer para dominar o comércio das especiarias.

Boxer, *O Império Marítimo Português 1415-1825*, 61; Thomaz, «Os Portugueses na Rota das Especiarias», 176.

um discurso que habilmente serviu de mote para a expansão portuguesa na Índia. A data de 1498 marca a entrada oficial do reino de Portugal na índia, no entanto, não é dessa data que marca a presença nem de ordens religiosas, nem de cristãos, como veremos a seguir. A política ultramarina durante o reinado de D. Manuel I passou pela execução de um projecto imperial de carácter profundamente comercial, sustentada num projecto de missionação e de propagação da fé. A dificuldade residia em implementar este projecto de fé cujo sucesso ou insucesso residia no processo de conversões. As dificuldades que foram encontradas deram lugar a medidas mais extremas que resultaram em actos censuráveis, tais como as conversões em massa, às proibições territoriais e à inacessibilidade por não convertidos a cargos públicos superiores. Goa, por sua vez, tinha já vivido um similar período de domínio, de carácter religioso islâmico, sob a égide do império de Vijayanagar no século XIV e XV e posteriormente sob o sultanato de Bijapur na figura de Adil Khan até 1510, data em que perde Goa para Afonso de Albuquerque[237].

Afonso de Albuquerque, governador do Estado da Índia[238] entre 1509 e 1515, ficou conhecido pelo sucesso da sua estratégia de expansão, por procurar fechar todas as passagens navais para o Índico – no Atlântico, Mar Vermelho, Golfo Pérsico e oceano Pacífico – ao construir uma rede de fortalezas em pontos-chave para transformar este oceano num *mare clausum* português[239], sobrepondo-se ao poder instalado de otomanos, árabes e hindus. De acordo com esta estratégia, ao deixar o governo do Estado da Índia

[237] Reis, «Retable art in India-its importance, the empathic apathy and the future».

[238] «Estado da Índia» era o termo usado para descrever as conquistas ultramarinas entre o Cabo da Boa Esperança e o golfo Pérsico, de um lado da Ásia, e Japão e Timor do outro. «Índia» era o termo que usavam para referenciar, quer o subcontinente indiano, quer a faixa de terra entre os Gates Ocidentais e o mar. O empreendimento do «Estado da Índia» foi levantado em cerca de década e meia, compreendendo a estrutura institucional de governo, povoamento e comércio.

Kirti Chaudhuri, «O estabelecimento no Oriente», em *História da expansão portuguesa. A Formação do Império (1415-1570)*, ed. Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri ([Lisboa]: Circulo de leitores, 1998), 165.

Boxer, *O Império Marítimo Português 1415-1825*, 55–6.

[239] Luis Filipe Thomaz, «Estrutura Política e Administrativa do Estado da Índia no século XVI», em *De Ceuta a Timor*, 2ª edição, Memória e Sociedade (Linda a Velha Portugal: DIFEL, 1994), 222.

havia já efectuado a conquista de Goa em 1510, Malaca[240] em 1511, Ormuz[241] em 1515[242]. Faltou-lhe a conquista de Adem[243] para que pudesse implementar a sua estratégia de império português no Oriente assente em quatro cabeças[244]. Albuquerque acreditava que com a conquista de Adem – juntamente com Ormuz – poderia efectuar o bloqueio ao Mar Vermelho, não apenas no comércio mas também bloquear o avanço dos muçulmanos e à reconquista destes aos lugares sagrados[245]. Na verdade, as rotas comerciais estabelecidas previamente à presença portuguesa coexistiram por se terem adaptado às novas realidades comerciais. A nova rota – a Rota do Cabo, ou Carreira da Índia[246] favorecia à coroa portuguesa a centralização e monopolização da circulação de bens desde o Oriente.

[240] Cidade actual de Melaca, na Malásia. O que resta da fortaleza situa-se na região de Jalan Kota.

[241] A antiga cidade na ilha e estreito com o mesmo nome, à entrada do Golfo Pérsico. Corresponde actualmente a Ilha de Djârun no Irão.

[242] Previamente conquistada em 1508 mas que foi perdida devido ao Motim dos Capiteis – a deserção de três capitães portugueses que obriga Afonso de Albuquerque a abandonar a cidade e a nunca acabar o Forte de Nossa Senhora da Vitória.

[243] Áden ou Adem é uma cidade portuária no Iémen.

[244] Andrea Doré, «Cristãos na Índia no Século XVI: a presença Portuguesa e os viajantes Italianos», *Revista Brasileira de História* 22, n. 44 (2002): 316; Boxer, *O Império Marítimo Português 1415-1825*, 67.

[245] Boxer, *O Império Marítimo Português 1415-1825*, 62; Chaudhuri, «O estabelecimento no Oriente», 175.

[246] Denominava-se *Carreira da Índia* a ligação marítima entre Lisboa e Goa, e vice-versa, pelas " Armadas da Índia ", que se iniciaram logo após a descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama. As características desta Carreira ficaram estabelecidas durante as primeiras décadas do século XVI. Seguiria apenas uma armada por ano para a Índia – partissem todas as naus ao mesmo tempo ou em datas diferentes – sempre de Lisboa de preferência em Março, mas igualmente em Abril e até mesmo em Maio. O problema nas partidas tardias era o risco em que os navios se colocavam para chegar ao Oceano Índico e tirar partido da monção de Sudoeste, forçando-os assim a passar vários meses de Inverno na ilha de Moçambique. Os navios chegavam normalmente em Setembro ou a Goa ou ao porto Kerala de Cochim, ambos na costa ocidental da Índia. No século XVII, as naus da Carreira das Índias deixaram de parar em Cochim e, a partir dessa data, a Carreira restringiu-se às rotas Lisboa-Goa e Goa-Lisboa. Após uma estadia de poucos meses no Oriente, a armada começaria a viagem de regresso e os navios partiam frequentemente em datas diferentes, como acontecia na viagem de ida. Os meses recomendados para dar início à viagem de regresso eram Dezembro e Janeiro, mas verificavam-se partidas de Fevereiro a Março. Durante o século XVI, a ilha de Santa Helena no Oceano Atlântico era uma paragem habitual para as naus da Carreira que regressavam, no entanto, esta paragem começa a ser evitada a partir de 1600, devido à presença de ingleses e holandeses recém-chegados à Rota do Cabo (Boxer, *O Império Marítimo Português 1415-1825*, 71.). Na segunda metade do século XVII, os portugueses começam a parar regularmente na cidade de Salvador, no Brasil, mas durante um largo período, a sua viagem de regresso teve lugar sem o conforto de uma paragem regular, o que deve ter aumentado consideravelmente os sofrimentos humanos da viagem que já era mais um mês em média na longa viagem de regresso que terminava em Lisboa durante os meses de verão. A rota de ida e regresso tinha uma duração média de ano e meio, sem contar com atrasos.

Portugal chega à Índia, toma posse das rotas comerciais, no entanto fixa-se essencialmente no litoral e em poucos séculos perde a exclusividade da Rota do Cabo, muito graças à actividade de espiões[247]. Quando, a partir do século XVII, as rotas deixam de ser exclusivas da coroa portuguesa e as consequências económicas se fazem sentir, o cristianismo debuxado sob a pena mercantilista começa a autonomizar-se. A arte retabular, entretanto, fruto da autonomização do cristianismo que muito deve à fervorosa dedicação religiosa deste povo, começa a evidenciar traços singulares, ora por via erudita – protagonizada pela entrada de cânones europeus, ora por via vernacular – proporcionada pela criação artística local que é mesclada pelos cânones herdados da arte cristã e pela tradição multicultural da Índia.

[247] Como foi o caso de Jan Huygen Van Linschoten (1563-1611), um mercador e explorador holandês. Ao serviço da coroa portuguesa teve acesso a mapas e a outras informações sobre o comércio e navegação dos portugueses na Ásia, e aproveitou-se da sua habilidade cartográfica e de desenho para copiar um considerável acervo de informação náutica e mercantil que veio a possibilitar a entrada da Europa do Norte na Índia.

Caracterização Histórico-Religiosa

2. Caracterização Histórico-Religiosa

2.1. O Padroado, a Santa Sé e a Propaganda Fide

O sucesso da conquista e manutenção de uma rota comercial passaria por garantir a presença portuguesa nos territórios de acordo com uma instrumentalização da fé. Para tal a coroa tinha já iniciado a criação de ferramentas que garantiam essa exclusividade da coroa portuguesa no território. Ainda antes de se garantir a presença portuguesa na Índia, a coroa portuguesa empreende várias negociações com o Papado, que visavam garantir a presença portuguesa nos territórios ultramarinos. A Bula *Inter cetera* de 11 de Março de 1456[248], reiterada pelo Papa Calisto III, adicionara a vertente religiosa à administração político-administrativa dos territórios ultramarinos, tanto para Portugal como para Espanha. Esta bula confirma todas as dádivas anteriores e acrescenta a Índia e tudo mais que se viesse a adquirir. Assim se concedia ou dava obrigação à Ordem de Cristo[249] de estabelecer o direito espiritual sobre todas as terras descobertas, como territórios *nullius diocesis*, sendo sua sede diocesana a Igreja de Santa Maria do Olival em Tomar. Este é o

[248] *Inter cetera que nobis divina disponente clementia incumbunt peragenda.*

[249] A Ordem Militar de Cristo foi instituída pelo Rei D. Dinis em 1318 e confirmada pela Bula *Ad ea ex quibus* dada pelo Papa João XXII em Avignon, em Março de 1319. A Bula foi emitida a pedido do Rei D. Dinis para que a Ordem criada sucedesse à Ordem do Templo, extinta em 1311 pelo Papa Clemente V. Em 1356, a sede transferiu-se para o Castelo de Tomar, antiga sede da Ordem do Templo em Portugal. Tratava-se então de uma ordem religiosa no seu mais estrito sentido, tendo o Papa como soberano e sendo os Grão-Mestres da Ordem cavaleiros professos com voto de pobreza. O momento fundamental para o futuro da Ordem surge com a nomeação do Infante D. Henrique, Duque de Viseu, como "governador e administrador". O célebre Infante, senhor de grande parte das terras do Reino, não podia fazer voto de pobreza, tendo por isso sido criado o novo cargo. Sendo função do Infante a administração dos bens da Ordem, não surpreende a utilização dos seus importantes recursos no grande desígnio nacional que eram então os Descobrimentos. A Cruz de Cristo, símbolo da Ordem, conquistou os mares desconhecidos, erguida nas velas das caravelas portuguesas, tornando-se um dos mais reconhecidos símbolos nacionais. A Coroa Portuguesa exercia, por isso, um total controlo sobre a Ordem de Cristo, muito embora a Santa Sé a continuasse a tratar como ordem religiosa. Por este motivo, a Ordem passou a exercer não apenas a administração espiritual sobre os territórios descobertos mas também a administração temporal, o que lhe deu um vigor singular. A administração da Ordem permaneceu ligada à Coroa por razões circunstanciais. O Infante D. Manuel era governador da Ordem no momento da sua aclamação como D. Manuel I. Pela bula *Constante fide*, D. Manuel I foi o primeiro Rei Grão-Mestre da Ordem de Cristo.

Presidência da República Portuguesa, «HISTÓRIA DA ORDEM MILITAR DE CRISTO - Página Oficial das Ordens Honoríficas Portuguesas», Sitio em Linha Oficial, *Ordens Honoríficas Portuguesas*, (2011), http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=120; Francisco Bethencourt, «A Igreja», em *História da Expansão portuguesa. Do Índico ao Atlântico (1570-1697)*, Círculo de Leitores, vol. 1 (Navarra, 1998), 370; Zupanov, «A Religião e as Religiões», 9.

denominado Padroado Real da Coroa Portuguesa[250], instituído por D. João III e abrangendo as novas dioceses erigidas em territórios conquistados por Portugal e criados pelo Rei, quer em Portugal quer no Ultramar. Porém, este tipo de Padroado excluía as dioceses que haviam sido erigidas anteriormente. Nesta gestão dos territórios e da fé ultramarina era a Santa Sé que escolhia e aprovava todos os bispos das dioceses portuguesas, no entanto, de forma a não gerar conflitos, as sugestões do rei eram muitas vezes tidas em conta[251].

Em 1514 dão-se novas negociações que viriam dar lugar a uma reorganização estrutural do Padroado, regulamentada em várias bulas papais como resultado das negociações entre a Santa Sé[252], Portugal e Espanha. O Papa Leão X institui através da

[250] O Padroado Português remonta ao início da expansão marítima portuguesa em meados da década de 1400 e foi confirmado pelo Papa Leão X, em 1514. Perdurou, com várias alterações, até meados do século XX. Segundo o Código canónico (Canon 1448), Padroado é um conjunto de privilégios com certos encargos que, por concessão da Igreja, pertencem aos fundadores católicos duma igreja, capela ou benefício ou mesmo aqueles que lhes tenham direito. Até à realização do Concílio do Vaticano II (1962-1965) era o Chefe de Estado Português que impunha o barrete cardinalício ao Patriarca de Lisboa, um dos vestígios do Padroado que perdurou até ao século XX.

Prévia a esta Bula, efectuou-se em 4 de Maio de 1493 a Bula Inter Coetera pelo Papa Papa Alexandre VI. Nesta, o "novo mundo" era dividido entre Portugal e Espanha através de um meridiano situado a "100 léguas" a oeste do arquipélago do Cabo Verde. O oeste do meridiano seria espanhol, e o leste, português. Esta bula, que não era do agrado da coroa portuguesa, motivou mais tarde o Tratado de Tordesilhas logo em 7 de Junho de 1494 entre o Reino de Portugal e o Reino da Espanha que alargava a extensão de território entregue à Coroa Portuguesa.

[251] Marques, *Nova História de Portugal - Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*, 4:322.

[252] Santa Sé ou Sede Apostólica designam a sede do sucessor de São Pedro. O Bispo de Roma, sobretudo a partir do século III-IV, acreditava que como sucessor da cadeira de São Pedro deveria deter autoridade para além do espaço geográfico de Roma. a sua autoridade como metropolita da província romana e patriarca da igreja no ocidente tornou-se inquestionável. A partir do século IV estes bispos passam a designar-se de Papa. A relação única de Portugal com a Santa Sé advém da reconquista cristã. Depois do reconhecimento de Portugal como estado independente proporcionado pelo Tratado de Zamora, firmado em 1143 na presença de altos dignitários da Igreja, o reconhecimento papal era uma referência que garantia o que tratados anteriores não tinham conseguido. D. Afonso Henriques conseguia colocar-se sob a tutela de Roma, oferecendo o reino à igreja romana e apresentando-se como vassalo de São Pedro. É durante o reinado de D. João II – o Príncipe Perfeito – que se quebram as rotinas entre Santa Sé e Portugal. Entre o século XV e XVI, Portugal conta com a benevolência pontifícia no que respeita ao direito de novas terras e Roma via em Portugal um aliado no combate ao inimigo religioso, o Islão. O desconhecimento de causa das novas geografias políticas coloca a Santa Sé na posição de confiar aos monarcas detentores dessas posses a tarefa da evangelização.

David Sampaio Dias Barbosa, «Santa Sé e Portugal», ed. Carlos A. Moreira Azevedo, *Dicionário de história religiosa de Portugal* ([Lisbon]: Círculo de Leitores, 2000).

Bula *Pro excellenti*[253], a criação da Diocese do Funchal, a primeira diocese criada nos domínios das conquistas e descobertas no Oriente. O aumento da população e a importância que notavelmente foi adquirindo o Funchal foram determinantes para que D. Afonso V a elevasse à categoria de vila já em 1451. Entretanto, era essencial regularizar a situação religiosa do arquipélago que tinha a sua sede na distante Tomar, a quem cabia superintender os assuntos de jurisdição eclesiástica. Determinava-se que a criação de uma diocese autónoma era determinante para empreender a gestão não só do arquipélago como de todos os territórios ultramarinos. D. Manuel solicita a criação da diocese funchalense[254] que é estabelecida nesta Bula, desligando o novo bispado da jurisdição da Ordem de Cristo. Até 1520 os domínios orientais não tiveram grande relevância na estrutura eclesiástica pelo que a sua inclusão nesta diocese supria todas as necessidades. A partir de 1520 e 1540 a diocese do Funchal passa a ter um papel importante na expansão demográfica e económica das ilhas atlânticas e suporte das conquistas orientais nesta que é a primeira fase de consolidação do império marítimo[255].

O conceito de Padroado assentava na concessão dos territórios ultramarinos conquistados por esses países na condição destes construírem e proverem as igrejas com o que fosse necessário ao culto cristão. Os reis *padroeiros* deveriam não só edificar, mas igualmente regulamentar a nomeação de párocos e bispos. Era igualmente o rei de Portugal que permitia ou proibia o estabelecimento de ordens religiosas, que controlava as cobranças de doações e das taxas do dízimo da população e o pagamento dos salários dos sacerdotes. O Padroado funcionou de forma regular até meados do século XVI, mas a partir do século XVII a supremacia portuguesa no Oriente começou a ser afectada com a chegada dos ingleses e holandeses colocando em risco a integridade e aplicação das suas obrigações. Entretanto, a coroa portuguesa recusava-se a abrir mão dos privilégios. Esta condição especial de que Portugal não queria abdicar não tardou em resultar em divergências que levaram a Santa Sé a criar a Propaganda Fide[256] porque a Roma já

[253] Papa Leão X, «Bula "Pro excellenti" do papa Leão X criando o bispado do Funchal, com dignidade e cónegos» (Manuscrito, Roma, 12 de Junho de 1514), Bulas, mç. 20, nº34, PT/TT/BUL/0020/34, http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=3908066.

[254] O primeiro bispo desta diocese foi D. Diogo Pinheiro, que exercia já um elevado cargo na Ordem de Cristo, a que a Madeira pertencia.

[255] Bethencourt, «A Igreja», 375.

[256] A Propaganda Fide – abreviação para *sacra congregatio christiano nomini propaganda* – é fundada pelo Papa Clemente VIII em 1597 e primeiramente organizada pelo Papa Gregório XV

chegavam relatos de que os territórios a Oriente não estavam hegemonicamente dominados pelos portugueses e a rede episcopal que fora montada mostrava-se débil[257]. Isso vai inflamar as relações da Santa Sé com o Padroado[258], muito por causa da luta na jurisdição dos bispos nomeados pelos reis de Portugal e Vigários Apostólicos nomeados pelos Papas. Era evidente que Portugal, no decorrer do século XVII, não conseguia fazer face à vastidão territorial e cumprir com os claros propósitos impostos do conceito de Padroado. A Santa Sé através da Congregação da Propaganda Fide começa a assumir directamente algumas expedições missionárias ao Oriente gerando conflitos com o Padroado Português[259]. Após o período de domínio Filipino, em 1640, a Santa Sé não reconhece a independência de Portugal da Coroa Espanhola, por isso, os bispos não conseguiam confirmação e várias dioceses acabam por ficar vagas e sem missionários suficientes para as suprir. É neste cenário que se instala o primeiro conflito entre a Santa Sé e a Coroa Portuguesa. A partir das acções da Propaganda Fide no Oriente, a Santa Sé começa a sentir necessidade de promover a formação de clérigos naturais para que tomem conta da missionação dos seus conterrâneos, ideia que não é nutrida de grande entusiasmo na Coroa Portuguesa. São as ordens religiosas no Oriente que acabam por manter o controlo sobre a missionação e as estruturas religiosas e à excepção de algumas ordens apenas admitiam locais para serviços subalternos. É neste ambiente que em 1787 se dá a Conjuração dos Pintos[260] – uma manifestação de descontentamento do clero goês que se sentia descriminado.

Como resultado dos atritos entre Padroado e Santa Sé, o Papa Gregório XVI viria a criar os Vicariatos de Madrasta (1832), Calcutá (1834) e Costa do Coromandel (1836). Coroa Portuguesa, Arcebispado de Goa e seus bispos sufragâneos juntam-se contra o

em 1622 com o intuito de enviar missionários apostólicos aos países infiéis com o intuito de propagar a fé cristã.

257 *"Concentrando inicialmente a sua atenção na Europa, a Propaganda foi desenvolvendo (...) o interesse pelo mundo exterior. Aí sobressaiam os territórios submetidos ao Padroado Português, cuja organização episcopal era (...) relativamente limitada"*

Costa, «A Diáspora Missionária», 293.

258 Maria de Jesus dos Mártires Lopes, «Vida Religiosa: princípios, comportamentos e prática», em *O Império Oriental 1660-1820*, ed. Luis de Albuquerque e A. H. de Oliveira Marques, vol. V - Tomo II, Nova História da Expansão Portuguesa (Lisboa: Editorial Estampa, 2006), 81.

259 Nuno Silva Gonçalves, «Padroado», ed. Carlos A. Moreira Azevedo, *Dicionário de história religiosa de Portugal* ([Lisbon]: Círculo de Leitores, 2000).

260 Maria de Jesus dos Mártires Lopes, «A colónia goesa em Lisboa e o ideário da conspiração dos Pintos (1787)», *Arquipélago. História*, 2ª, 1, n. 1 (1995): 247–58.

Papa, movimento que ficou conhecido como o «Cisma Português». Por forma a resolver o conflito é realizada uma concordata entre o Papa Pio IX e o Rei D. Pedro V, concluída em 1857. Nesta, o rei abria mão dos privilégios de Kouangsi, Hong Kong e Palo Penang em troca da confirmação do Padroado na Província Eclesiástica de Goa. O Papa não ratifica a Concordata por protesto dos vigários apostólicos e apenas a 22 de Março de 1861 é que decide aplica-la na Índia com o Breve «Ad Reparanda Damna». A dupla jurisdição de seis vicariatos acaba por ser dissolvida apenas a 26 de Agosto de 1884 pelo Papa Leão XIII no breve «Studio et Vigilantia» e os ânimos portugueses exaltaram-se ainda mais adiando *sine die* a aplicação do Breve. Várias negociações e consequentes protestos tiveram lugar[261] e a situação jurídica determinou-se nos seguintes parâmetros: a) O Padroado de Goa com os Bispados de Damão, Cochim e São Tomé de Meliapor ficariam sob jurisdição do Arcebispado de Goa que foi entretanto elevado à condição patriarcal e dotado do privilégio de presidir aos concílios das Índias Orientais, b) Goa perdem as dioceses de Bombaim, Mangalor, Quiloa e Maduré, c) Macau passou a deter Malaca e Singapura, d) os restantes territórios outrora sob a égide do Padroado passaram para a Propaganda Fide.

Em 1 de Setembro de 1887 é formulada a bula «Humanae Salutis» criando novos bispados na Índia. Ficaram criados nestes acordos alguns enclaves, como a paróquia de Madrasta, que se manteve na jurisdição de Meliapor bem como os goeses estabelecidos em Bombaim que ficavam sob a alçada do bispo de Damão[262].

2.2. A Extinção das Ordens Religiosas

Para além do quadro *trinitário* da Santa Sé, Propaganda Fide e Padroado Português, dá-se mais um acontecimento que contribui para a desagregação da estabilidade eclesiástica nas missões ultramarinas: a extinção das ordens religiosas. A extinção das ordens religiosas em 1834 teve, no entanto, antecedentes ainda no século XVIII, quando o Marquês de Pombal decreta a expulsão dos Jesuítas e a incorporação

[261] A concordata foi ratificada a 23 de Junho de 1886 e os acordos posteriores datam de 9 e 15 de Março de 1887, 27 de Fevereiro e 3 de Março de 1890, 14 e 21 de Outubro de 1891 e 15 de Abril de 1928. C. Lopes Alpoim, «O Padroado», *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, n. 6 (1929): 13..

[262] Alpoim, «O Padroado».

dos seus bens na Fazenda Nacional[263]. Tratou-se de um complexo acontecimento histórico centrado nos três principais reinos católicos: Portugal, França e Espanha. Os novos governos que se formavam, não toleravam a existência de corpos independentes – fossem aristocráticos, corporativos ou religiosos – que não se submetessem à autoridade do soberano e dos seus órgãos de governo ou oficiais régios. Qualquer resistência às ordens reais era considerada inaceitável e meritória de punições qualquer que fosse o estatuto dos infractores. Neste cenário, a Companhia de Jesus entra em choque directo com as novas orientações políticas, sobretudo em Portugal e Espanha tendo em conta os privilégios de que gozava e influências que exercia nas missões ultramarinas[264]. Este acontecimento abriu um precedente pois nenhuma ordem religiosa havia sido expulsa ou sequer suprimida, mesmo apesar de decretos anteriores[265] terem proibido a admissão de noviços, e reduzido o número de casas conventuais. São dois os acontecimentos que levam à extinção das Ordens Religiosas: a revolução liberal de 1820 e a implantação da República em 1911.

O movimento liberal, de uma forma geral, é a expressão ideológica da afirmação de uma nova sociedade que emerge da ruptura da sociedade com os regimes, afirmando-se através de manifestações culturais, ideológicas e políticas que, pelas características que o definiram, chocaram com o universo religioso. Em Portugal, a partir de 1817[266], eclode em 1820 na cidade do Porto[267] o movimento revolucionário, que se estende a Lisboa[268], provoca o desejado e a 28 de Setembro, os governos de Porto e Lisboa, formam a "Junta

[263] Alvará de 3 de Setembro de 1759. A expulsão é confirmada por alvará de 1 de Abril de 1815. Autorizados a regressar ao país no reinado de D. Miguel e instalados em Coimbra, em 1832, no Colégio das Artes, os jesuítas foram novamente expulsos pelo decreto de 24 de Maio de 1834, logo após a vitória liberal no país.

[264] Biblioteca Nacional de Portugal, «A expulsão dos jesuítas dos Domínios Portugueses», Página Oficial, *BNP - Biblioteca Nacional de Portugal*, acedido 20 de Março de 2014, http://tinyurl.com/ye7fae4.

[265] Decreto de 18 de Outubro de 1822.

[266] Conspiração de Lisboa de 1817: Portugal tinha-se libertado da ocupação das tropas francesas após a derrota de Napoleão Bonaparte em 1815 quando se forma em Lisboa o "Supremo Conselho Regenerador de Portugal e do Algarve", integrado por oficiais do Exército e Maçons, com o objectivo de expulsar os britânicos do controlo militar de Portugal, promovendo a "salvação da independência" da pátria. Este movimento, liderado por General Gomes Freire de Andrade planeou a introdução do liberalismo em Portugal, embora não tenha conseguido atingir os seus propósitos finais pois acaba por ser denunciado em Maio de 1817.

[267] 24 de Agosto de 1820.

[268] 15 de Setembro de 1820: a revolução espalhou-se rapidamente para outras cidades fortalecendo-se definitivamente com a adesão de Lisboa.

Provisional do Supremo Governo do Reino", com a agenda de organizar as eleições para as Cortes Constituintes. Disto resulta a criação provisória de um governo e constituição em Janeiro de 1821[269] justamente quando a corte se preparava para regressar do exílio no Brasil. No tocante à Igreja, o liberalismo, considerava que a Igreja afrontava os ideais de regeneração pressupostos no liberalismo. Apesar de não negligenciar o papel das instituições religiosas, considera que a experiencia religiosa devia fazer parte de uma expressão individual, daí que se entende que uma reforma à Igreja – em direcção à sua regeneração – era necessária. Para tal, era absolutamente necessário efectuar-se uma valorização do clero secular, em detrimento do clero regular que se acreditava ser perturbador da ordem social e não estar de acordo com os propósitos liberais. As Ordens Regulares, à luz do liberalismo, não produziam e promoviam o comportamento caridoso sendo por isso um mau exemplo em relação ao trabalho produzido pelo homem livre; viviam do celibato, o que era contrário ao ideal de família e realização pessoal do homem; a sua obediência era perante o voto religioso, perante o liberalismo um individuo que faz parte da nação deve obediência patriótica[270].

A extinção das Ordens Religiosas surge num ambiente político exacerbado motivado pela conjuntura social. De acordo com os registos foram suprimidas, 448 casas religiosas[271], que possuíam em 1834, 6289 pessoas[272]. Era imperativo encontrar soluções de salvaguarda do património presente nos edifícios; nesse sentido encaminharam-se livros e obras de arte para estabelecimentos de ensino e cultura[273], bens móveis foram vendidos, alfaias e espaços de culto foram distribuídos entre as autoridades eclesiásticas; bens preciosos como a prata e o ouro foram entregues à Casa da Moeda ou conservados em Museus. No que respeita aos imóveis foram efectuadas vendas por hasta pública[274]

[269] A primeira Constituição Portuguesa seria jurada a 23 de Setembro de 1822.

[270] António Matos Ferreira, «Liberalismo», ed. Carlos A. Moreira Azevedo, *Dicionário de história religiosa de Portugal* ([Lisbon]: Círculo de Leitores, 2000).

[271] Destas, 12 eram conventos de freias e 256 conventos de frades.

[272] 5061 religiosos professos, 591 irmãos leigos e 637 criados

[273] Marques, *Nova História de Portugal - Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*, 4:452.

[274] Arrematataram-se 7267 lotes entre 1835 e 1843 gerando o lucro de 6592 contos de reis para o estado. 58% das arrematações eram pertença de corporações religiosas. Destes, cerca de 40% pertenceram a ordens mendicantes. O lote de compradores ascendeu a 1867. As vendas, que esperam colmatar a dívida pública, ficaram muito aquém do esperado.

salvaguardando-se alguns edifícios cujo interesse cultural, público ou histórico justificasse a retenção do mesmo para o Estado[275].

A ruptura entre a República Portuguesa e as missões é concretizado na Lei da Separação do Estado das Igrejas proclamada a 20 de Abril de 1911[276]. A Lei, constituída por cinco capítulos[277], define peremptoriamente que a propaganda civilizadora passaria a ser ministrada pelo clero secular português, especialmente preparado para esse fim. O estado reduzia ao indispensável as despesas relacionadas com o culto afirmando-se ao mesmo tempo nos direitos de soberania do Padroado do Oriente, questão que não foi totalmente pacífica. As colónias tinham de se pronunciar sobre a lei e a sua aplicação por meio de decretos especiais. Nesse sentido, o Capitão de Mar-e-Guerra António de Azevedo e Gomes solicita em Maio de 1911 que o Governador-Geral do Estado da Índia Francisco Manuel Couceiro da Costa se pronuncia sobre esse facto; em 7 de Março de 1912, envia para Lisboa o despacho onde se pronuncia a favor sem antes deixar de se pronunciar a favor da manutenção do Padroado[278]. Por sua vez, em Lisboa, defendia-se a extinção do Padroado por acreditar que o Padroado não constituía qualquer interesse económico ou patriótico e não passava senão de um encargo[279]. Goa reage a estes artigos advogando que inclusive o governo britânico na Índia o reconhecia e valorizava. Sem qualquer resposta, Artur de Almeida Ribeiro, enquanto ministro das Colónias apresenta na câmara dos deputados uma proposta de lei a 25 de Junho de 1913 declarando extinto o Padroado Português do Oriente. Daqui advinham reduções substanciais das verbas

[275] O aspecto social e humanitário da extinção das ordens religiosas gerou um cenário calamitoso e deprimente. Muitos religiosos, desamparados, devido à inércia dos governos e ao ambiente político e social, acabam por morrer à fome, frio e doença, desamparados por não terem família ou povo que os acolhesse.

António Martins da Silva, «Extinção das Ordens Religiosas», ed. Carlos A. Moreira Azevedo, *Dicionário de história religiosa de Portugal* ([Lisbon]: Círculo de Leitores, 2000).

[276] Governo Provisório da República Portuguesa, *Lei da Separação do Estado das Igrejas*, *Diário do Governo 1ª Série - nº92*, 1911, http://dre.pt/pdfgratis/1911/04/09200.pdf.

[277] Lei da Separação do Estado das Igrejas, Capítulo I - Da Liberdade de consciência e de culto; II - Das corporações e entidades encarregadas do culto; III - Da fiscalização do culto público; IV - Da propriedade e encargos dos edifícios; V - Do destino dos edifícios e bens

[278] *"Sendo-me absolutamente indiferente a questão religiosa, não posso apesar disso, deixar de pugnar pela conservação do Padroado, por vejo, como português, que a sua extinção pode acarretar para esta província graves consequências, tanto no campo económico como no campo político e internacional."* Gonçalves, «Padroado», 367.

[279] Segundo os artigos do Major Norton de Matos publicados no jornal A Capital em Dezembro de 1911.

anuais até que se cessassem totalmente os encargos do Estado para com as colónias. A proposta não chega a ser discutida prevalecendo os propósitos defendidos pelo Governador-Geral da Índia. A Lei da Separação é aplicada definitivamente em 22 de Novembro de 1912 pelo decreto nº 233 mas não contempla as missões na Índia[280].

A importância das missões volta a ser discutida na realização do Acto Colonial de 1930[281]. O Art. 2º declarara que *"é da essência orgânica da Nação Portuguesa desempenhar a função histórica de possuir e colonizar domínios ultramarinos e de civilizar as populações indígenas que neles se compreendam, exercendo também a influência moral que lhes é adstrita pelo Padroado do Oriente"*. Anteriormente, as negociações com a Santa Sé em 1928[282] tinham reconhecido as dificuldades de aplicação que a Concordata de 1886 tinha definido. Nesse sentido concordavam em regulamentar a delimitação das dioceses e a nomeação dos bispos bem como os problemas de dupla jurisdição. Curiosamente, no que respeita à diocese de Bombaim tinha-se fixado que o arcebispo em função seria alternadamente britânico e português.

Com a implantação do Estado Novo no governo de António Salazar, deu-se início a um processo de negociações que visava a criação de um sistema bem definido e estável das relações entre o Estado e a Igreja. Este processo culminou com a assinatura de uma

[280] Este é aplicado com sucesso às missões em África e Timor. O exercício do culto deixa definitivamente de ser função do estado desde 1 Julho 1914, não provendo para isso mais cargos ou benefícios eclesiásticos nas províncias de África e Timor Relativamente ao património eclesiástico neste disposto, é indicado no artigo 15º, alínea 1ª que os "*mobiliários e imobiliários de apreciável valor histórico ou artístico serão confiados à guarda de directores ou administradores de museus ou estabelecimentos similares, ou entregues à vigilância de empregados especiais, consignando-se nos orçamentos da respectiva província as verbas estritamente necessárias para esse fim e para a devida conservação*".

Governo da República Portuguesa, *Decreto n.º233*, *Diário do Governo 1ª Série - nº274*, 1913, 4470, http://dre.pt/pdfgratis/1913/11/27400.pdf.

[281] Governo da República Portuguesa, *Acto Colonial*, *Diário do Governo 1ª Série - nº156*, 1930, http://dre.pt/pdfgratis/1911/04/09200.pdf.

[282] O acordo de 15 de Abril de 1928 reduz o Padroado Português do Oriente de 5 para 4 dioceses: Goa, Cochim, São Tomé de Meliapor e Macau, mas Damão passa a estar subordinado a Goa. Na escolha dos bispos o Padroado perde protagonismo passando a escolha a ser da competência papal limitando-se o presidente da república portuguesa a apresenta-lo a santa sé nos dois meses seguintes em caso de inexistência de inconveniência política.

Susana Goulart Costa, «D. José da Costa Nunes (1880-1976): um cardeal no Oriente», *Lusitania Sacra*, Correntes Cristãs, Política e Missionação nos séculos XIX e XX, XIX–XX (2008 de 2007): 274.

Concordata entre Portugal e a Santa Sé, no dia 7 de Maio de 1940[283], que viria oficializar as relações entre as duas partes. Este tratado bilateral atribui um conjunto significativo de privilégios e benefícios para a Igreja Católica, a religião tradicional de Portugal, conferindo uma sensação geral de estabilidade a estas questões que vinham a ser discutidas desde 1911. Santa Sé e o Governo Português resolvem estipular neste acordo a regulamentação das relações entre a Igreja e o Estado no que diz respeito à vida religiosa no Ultramar Português, permanecendo firme tudo quanto tinha sido precedentemente convencionado a respeito do Padroado do Oriente[284]. Esta estabilidade vinha apenas a ser deposta após a declaração da independência da União Indiana em 1947. Nesse sentido, a Santa Sé e Portugal assinam em 1950 um novo acordo onde declaram a desvinculação do Padroado nos territórios de Mangalor, Quilão, Trichinópolis, Cochim, São Tomé de Meliapor e Bombaim. Em 1953 redefine-se a delimitação da arquidiocese de Goa, integrando todos os territórios da índia portuguesa como dioceses sob a égide desta arquidiocese. A longa questão do Padroado teve um último episódio a 18 de Dezembro de 1961 (reconhecido por Portugal em 1974) depois da anexação dos territórios de Goa pela União Indiana[285].

2.3. A Importância de Goa

Goa deverá ser entendida no panorama dos descobrimentos, de acordo com as aquisições territoriais e a necessidade de domínio desses territórios que, para tal, recorre inevitavelmente à acção dos missionários. No século XVI, Goa tornava-se a capital do Estado da Índia e centro nevrálgico de toda a acção portuguesa no Oriente: administrativa, económica, política, militar e religiosa. É sobre esta última que vem a ser intitulada de pequena Roma do Oriente quando nesta se representavam o arcebispado, as principais ordens religiosas, clérigos seculares, confrarias e um conjunto patrimonial gerado por

[283] Cardeal Maglione et al., «INTER SANCTAM SEDEM ET REMPUBLICAM LUSITANAM SOLLEMNES CONVENTIONES (Acordo Missionário entre a Santa Sé e a República Portuguesa de 1940)», Página Oficial, *Vaticano*, (7 de Maio de 1940), http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_seg-st_19400507_missioni-santa-sede-portogallo_po.html#top.

[284] Este acordo foi revogado com nova Concordata assinada a 18 de Maio de 2004.

[285] Gonçalves, «Padroado», 368.

estes[286]. No decorrer do século XVII, Goa tinha-se já transformado no maior centro eclesiástico da Ásia ganhando a fama de Goa Dourada. Mais de cinco séculos depois, Goa transforma-se de capital de um império e entreposto para a troca comercial da índia, em destino turístico[287] dividido entre duas visões do passado – Goa Dourada e Goa indica – duas realidades que se ligam e cruzam quer no património arquitectónico, quer no imaterial. Goa Dourada – a Goa sob a égide das construções coloniais portuguesas, uma extensão da europa, enclave ocidental no subcontinente indiano. E Goa Índica – referindo-se às construções de matriz autóctone enfatizando a contribuição indiana. É sobre a *Goa Dourada* – a estrutura eclesiástica, as Ordens Religiosas e o património arquitectónico gerado – que nos iremos debruçar nas próximas linhas.

Quando Goa é tomada existiam já nove dioceses em Portugal e o Padroado Português viria a constituir-se em África nas dioceses de Ceuta[288], Tânger[289] e Safim[290]. Em pouco mais de 300 anos criavam-se mais dez bispados elevando para dezanove o número total; nos territórios conquistados a Oriente formavam-se 24 novas dioceses[291].

O modelo de estrutura eclesiástica que Goa herdou foi primeiro instituído nas conquistas efectuadas em África[292]. À medida que se conquistam novos territórios ultramarinos, Goa vai adquirindo individualização e destaque[293], aumentando os seus

---

[286] Célia Cristina da Silva Tavares, «Goa: a cidadela cristã no Oriente», *Historia y Sociedad*, n. 15 (Dezembro de 2008): 28.

[287] Raghuraman S. Trichur, «Politique de l'historiographie goanaise», em *Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies*, Lusotopie 2000 (Paris : Pessac : Pessac: Karthala ; Maison des pays ibériques, Université de Bordeaux 3 (MPI) ; Centre d'études d'Afrique noire, Institut d'études politiques de Bordeaux (CEAN), 2001), 637–46.

[288] A diocese de Ceuta é erigida em 1417. Curiosamente, possuía em 1512 freguesias no território português aquém-mar, a saber: Campo Maior, Ouguela e Olivença no Alentejo.

José Pedro Paiva, «Geografia Diocesana», em *História Religiosa de Portugal*, ed. Carlos Moreira de Azevedo, vol. 2: Humanismos e Reformas (Lisboa: Circulo de Leitores, 2000), 190.

[289] Elevada em 1630.

[290] Erigida em 1499, era formada pelos territórios de Azamor, Almedina, Tite e Mazagão. Safim novamente tomada em 1541 deixando de pertencer à coroa portuguesa.

[291] Paiva, «Geografia Diocesana», 190.

[292] A importância de Ceuta para o reino lusitano residia no controle sobre os produtos orientais oriundos da Índia pelas rotas terrestres que traziam ouro, especiarias, etc. Após a conquista em 22 de Agosto de 1415 a mesquita maior de Ceuta foi transformada em igreja cristã, numa política usual de substituição dos símbolos de poder. A criação da diocese de Ceuta dá-se logo em 1417.

[293] Em 1534, Goa torna-se na primeira diocese asiática criada a partir do Funchal. Esta nova diocese, à data, compreendia os territórios desde o Cabo da Boa Esperança até à China, na sua fase inicial.

domínios pela conquista territorial da coroa portuguesa, e perdendo outros pelos constantes confrontos entre a Propaganda Fide e o Padroado – a Santa Sé e a Coroa Portuguesa – ou pela ascensão a diocese de territórios da sua cabeça, que ocorriam de acordo com as dinâmicas da expansão. A importância de Goa, no contexto sócio religioso, é reafirmada nos cinco concílios provinciais que realizou colocando em destaque a questão dos gentios e da conversão destes na ordem de trabalhos. Para compreender essa importância basta reparar nas suas datas de realização – quatro destes concílios realizaram-se logo no século XVI – o primeiro, pouco mais de meio século após a conquista de Goa[294].

2.3.1. Estruturação eclesiástica[295]

Como já aqui referimos, de início, Goa funcionou a partir da diocese do Funchal[296] que, a 31 de Janeiro de 1533 sobe a Arquidiocese Metropolitana, tornando suas subordinadas as novas dioceses de Angra, Cabo Verde, São Tomé e Goa. A *Goannus diocese* vinha a melhorar as condições sob as quais os se posicionavam religiosos no Oriente dadas as distâncias geográficas de Lisboa. De acordo com esta premissa a Bula *Etsi sancta et immaculata*[297] determina a elevação de Goa a Arquidiocese Metropolitana em 4 de Fevereiro de 1558 compreendendo nela todos os territórios desde o Cabo da Boa Esperança até aos territórios conquistados no extremo Oriente. Nesta data, Goa passava a ser o centro da organização eclesiástica do Oriente, com duas novas sedes episcopais sufragâneas: Anunciação de Nossa Senhora de Malaca e Santa Cruz de Cochim. A

[294] Os Concílios Provinciais de Goa realizaram-se em 1567, 1575, 1585, 1592 e 1606.

[295] Para melhor compreensão realizamos os seguintes mapas: a) Génese eclesiástica de Goa, Damão, Diu, Vasai e Bombaim, b) Dioceses Sufragâneas de Goa, c) Dioceses Sufragâneas de Bombaim que podem ser consultados no final deste capítulo.

[296] *Funchalensis diocese*, estabelecida em 12 de Junho de 1514. Foi criada a partir da diocese de Marrocos (*Marroquinensis diocese*) estabelecida em 1469. Compreendia os territórios das ilhas dos arquipélagos da madeira e dos Açores, Cabo Verde, a Costa Ocidental Africana até ao Rio Senegal, as terras de Vera Cruz, a Costa Oriental Africana e todo o Oriente conquistado pelos portugueses.

Fernando Augusto da Silva, *Subsídios para a História da Diocese do Funchal: 1425 a 1800* (Funchal: Tipografia O Jornal, 1946).

[297] Visconde de Paiva Manso, ed., «Bula Etsi sancta et immaculata, 4 de Fevereiro de 1557», em *Bullarium Patronatus Portugalliae Regum in ecclesiis Africae, Asiae atque Oceanie: bullas, brevia, epistolas, decreta actaque sedis ab Alexandro III ad hoc usque tempus amplectens* (Olisipone: Typographia Nationali, 1868), 191–92.

organização eclesiástica no Oriente vai-se organizando de acordo com as conquistas do território e as elevações diocesanas mas é sobretudo a necessidade de articulação entre a administração civil e eclesiástica que rege as nomeações e elevações eclesiásticas no Oriente[298], apesar de existir apenas um argumento que permita a criação de novas dioceses; esse argumento é o da inviabilidade de boa administração episcopal em função do espaço confiado à guarda do prelado. É por isso que os pedidos a Roma incluíam uma justificação plausível que levava à aceitação do pedido, geralmente formulados a partir da necessidade de "consumar a vastidão da diocese a fragmentar e os consequentes prejuízos para as almas que ficavam desamparadas de proficiente múnus do seu pastor"[299].

O panorama eclesiástico do Oriente é, entre 1558 e 1600, reestruturado repetidamente para ajustar as necessidades, quer clericais quer administrativas; até então Goa tinha-se constituído como matriz no lançamento do empreendimento religioso do Oriente. A primeira estruturação ocorre com a criação das dioceses de Cochim e Malaca, como aqui indicamos sufragâneas de Goa, em 4 de Fevereiro de 1558 através da Bula *Pro excelentti*[300]. A segunda estruturação no Oriente ocorre com a criação da Prelazia de Moçambique a 23 de Dezembro de 1563 pelo breve *Superna dispositione*[301]. As estruturações ocorreram igualmente no extremo Oriente. Em 1570, é criada a diocese de Macau que passava a compreender as regiões de Macau, China e Japão até que em 1588, com o desprendimento de Macau da região de Funai para diocese, as ilhas do Japão passam a estar sufragâneas a esta última. Em 1600 Portugal recebe o direito de Padroado sobre Angamale que passa, com a criação da diocese de Cochim, a sua sede para a região de Cranganor (1609). A diocese de Meliapor seria criada em 1606 com territórios que eram pertença das dioceses de Cochim, Nanquim (1690) e Pequim (1690). Refira-se igualmente a criação das dioceses africanas do Congo (1596)[302] e Moçambique (1612).

---

[298] Catarina Madeira Santos, *Goa é a chave de toda a India: perfil político da capital do Estado da India, 1505-1570*, 1a. ed, Colecção Outras margens (Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999), 139.

[299] Paiva, «Geografia Diocesana», 190.

[300] Leão X, «Bula "Pro excellenti" do papa Leão X criando o bispado do Funchal, com dignidade e cónegos».

[301] No entanto, só a partir de 1783 é que os vigários puderam começar a usar o título de bispos.

Paiva, «Geografia Diocesana», 194.

[302] Esta foi a primeira diocese da região ocidental do continente africano a ser estabelecida fora da jurisdição do Funchal

Estas estruturações, que ocorreram igualmente nos territórios atlânticos do Padroado, foram acompanhadas de estruturações em território nacional. Em Lisboa, durante o século XVIII fora criado o Patriarcado de Lisboa Ocidental com sede na capela régia, sob o título de Santa Igreja Patriarcal, inscrevendo-se as dioceses de Lamego, Leiria, Funchal e Angra e o arcebispado de Lisboa Oriental, com sede na antiga Sé de Lisboa com as dioceses de Guarda, Portalegre, Cabo Verde, São Tomé e Congo. Em 13 de Dezembro de 1740 a bula *Salvatoris Nostri mater*[303], promulga a união das duas ao patriarcado e volta a existir uma única metrópole, dirigida pelo prelado patriarca de Lisboa.

Em 1637, é criado, a partir da arquidiocese de Goa, o Vicariato Apostólico do Decão integrando parte dos territórios da Província do Norte: Bombaim e Baçaim e também as regiões de Agra[304], Poona, Karachi, Ahmedabad, Baroda e Kalyan. A partir de 1669 ficaria a ser designado por Vicariato Apostólico do Grão Mogol. Seria elevada a Arquidiocese Metropolitana de Bombaim em 1886, e em 1998, Baçaim constituir-se-ia como diocese sob a designação de Diocese de Vasai. A elevação da arquidiocese a Sé Patriarcal das Índias Orientais ocorria a 1 de Setembro de 1886. Nesta mesma data elevava-se Damão a diocese, que funcionou como tal até 1928, data em que foi reunida a Goa para formar a Arquidiocese Metropolitana de Goa e Damão. Em 1953 a região de Belgaum é elevada a diocese a partir de Goa. Goa haveria de perder momentaneamente a sua designação metropolitana passando a ser referenciada a partir de 1976 por Arquidiocese de Goa e Damão e recuperando a referência *metropolitana* em 2006 a qual mantém actualmente.

[303] Papa Benedito XIV, «Bula "Salvatoris nostri mater" de Benedito XIV pela qual se confirmou e aprovou a união das igrejas de Lisboa em uma só» (Manuscrito, Roma, 13 de Dezembro de 1740), Bulas, mç. 49, n.º 1, PT/TT/BUL/0049/1, http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4606251.

[304] Inicialmente identificada como Missão *sui iuris* do Indostão. Em 1820 muda a sua designação para Vicariato Apostólico do Tibete-Indostão. Só a partir de 1846 passa a deter a designação de Vicariato Apostólico de Agra e que é elevada a arquidiocese em 1886.

2.3.2. A Missionação

A actividade missionária, no contexto da expansão portuguesa, inicia-se com os religiosos de São Francisco de Assis na segunda viagem de Diogo Cão ao reino do Congo em 1485. Munidos de instruções régias que lhes autorizavam a conversão ao cristianismo das populações locais iniciam a sua intenta. Nesta região fixaram-se igualmente religiosos da Ordem de S. João Evangelista, comummente designados de padres lóios, em 1508 e religiosos da Ordem dos Carmelitas Descalços em 1584. A missionação em África prossegue com os religiosos da Companhia de Jesus em 1560 nas regiões de Angola e costa oriental africana, mais precisamente no Império de Monomotapa que corresponde actualmente às regiões de Moçambique e Zimbabué[305]. Os religiosos de São Domingos entram nesta região, nesta mesma década, fundando missões e várias residências.

Os mesmos religiosos, entram no Índico na viagem de Vasco da Gama a Calecute em 1498, acabando por se estabelecer em Cochim entre 1518 e 1522, no entanto, muito antes da chegada dos Portugueses ao Oriente, a mensagem cristã já tinha chegado à índia meridional, depois da chegada do apóstolo São Tomé no século I, mais precisamente no ano de 52, facto que é afirmado pelos locais, os cristãos de São Tomé[306]. Para o governante português, a estratégia de missionação no Oriente passava pela recuperação destes cristãos que se achavam perdidos[307]. A actividade missionária jesuíta veio providenciar grande estabilidade para o desenvolvimento desta Igreja juntamente com a autoridade local que promoveu uma política de tolerância religiosa edificando-se uma nova igreja, consagrada a 29 de Novembro de 1566 e dedicada a São Tomé. O encontro entre cristãos ocidentais e cristãos orientais acabaria por denunciar as diferenças que os separavam entre as afinidades que inicialmente os aproximavam. Não eram apenas as diferenças nos ritos, costumes ou expressões, mas sobretudo nas questões teológicas que os separavam. O ideal missionário jesuíta era essencialmente contra-reformista e não era compatível com

[305] Bethencourt, «A Igreja», 378.

[306] Os cristãos de São Tomé são no dialecto malaiala designados de *nasrani malabar*. Corresponde à identificação do grupo etno-religioso no Kerala referindo-se em particular aos cristãos que se converteram nos primórdios do cristianismo nessa região. Incluem-se neste grupo descendente da diáspora judaica. Acredita-se que este termo é derivativo do nome "nazareno" usado pelos cristãos judaicos do Próximo Oriente que acreditavam na divindade de Cristo. Os seus rituais são de génese hebraica-siríaca, que praticamente se esqueceu depois da presença portuguesa e incluem costumes hindus que foram incorporados ao longo dos séculos.

[307] Expressão retirada das palavras a carta de D. Manuel que enviou por Vasco da Gama.

o rito oriental que aí se praticava e por isso se geravam variados conflitos até à realização do Sínodo de Diamper em 1599[308] que estabelece desde aí uma divisão eclesiástica e de celebração de fé. Deste sínodo nasceu a Igreja Católica Siro-Malabar, de tradição litúrgica Caldeia, e que é actualmente a segunda maior Igreja Católica Oriental no mundo.[309]

Em Goa, a actividade missionária ganha relevo a partir de 1510. Desde então, todas as missões ultramarinas eram acompanhadas de membros das ordens religiosas ou de padres seculares[310]. Primeiramente, os Franciscanos e os Dominicanos, depois os Jesuítas e mais tarde os Agostinhos e outras ordens religiosas seguiam nas rotas marítimas ao lado dos marinheiros e fixam-se na Índia. Neste prático sistema que servia dois propósitos – o de protecção espiritual e divina dos marinheiros e soldados durante a viagem marítima e o de fixação de religiosos para a evangelização cristã – permite a edificação de igrejas e ermidas que são primeiramente adaptadas a estruturas pré-existentes outrora abençoadas pelos divinos cultos *pagãos*, islâmico ou hindu. Estes missionários "fixavam-se nas partes do mundo que lhes eram reveladas e irmanavam-se com os povos que encontravam, fomentando a permuta de valores morais, culturais e económicos, tornando-se construtores autênticos do mais extenso e profundo movimento

[308] A publicação dos dispostos deste sínodo foi publicada em Coimbra a 1606. Esta é uma publicação importante atendendo ao facto que atesta as últimas tentativas de latinização dos cristãos de rito siro-malabar, que acabam por resultar no corte dos laços desta comunidade cristã nativa com a Igreja do Oriente. Além disso, o livro apresenta tradições, costumes, descrição das igrejas, lugares da comunidade cristã de são Tomé no contexto das visitas de Dom Frei Aleixo de Menezes. Existe um exemplar digitalizado no sítio em linha *Purl* (da Biblioteca Nacional de Portugal): Dom Frei Aleixo de Menezes, *Synodo diocesano da Igreja e Bispado de Angamale dos antigos christãos de Sam Thome das serras do Malauar das partes da India Oriental. Celebrado pello... Senhor Dom Frey Aleixo Menezes Arcebispo Metropolitano de Goa... aos 20. dias do mes de Junho da era de 1599... no lugar, & reyno do Diamper*, ed. Diogo Gomes Loureiro (Coimbra: Officina de Diogo Gomez Loureyro, 1606), http://purl.pt/17494.

Existe igualmente uma obra crítica a esta publicação realizada por Pius Malekandathil e publicada em 2003: António de Gouveia e Pius Malekandathil, *Jornada of Dom Alexis de Menezes: a Portuguese account of the sixteenth century Malabar* (Kochi: LRC Publications, 2003).

[309] Actualmente existem quatro principais ramos ou famílias do cristianismo oriental cada uma com sua Teologia e dogmas: Igreja Assíria do Oriente, Antigas Igrejas Orientais, Igreja Ortodoxa Oriental e Igreja Católica Oriental. Todas as Igrejas orientais, bem como as ocidentais, partilham das mesmas tradições cristãs e a maior parte do cânone bíblico cristão, apesar de muitas igrejas do Oriente compartilharem práticas que não são prática das igrejas ocidentais. Apesar de todas as igrejas católicas orientais reconhecerem a autoridade do Papa, algumas, por terem pertencido à Igreja Ortodoxa, seguem de perto as tradições da ortodoxia oriental, incluindo a tradição da permissão a homens casados se tornarem padres.

[310] Anthony John R. Russell-Wood, «A Sociedade Portuguesa no Ultramar», em *História da Expansão portuguesa. Do Índico ao Atlântico (1570-1697)*, Círculo de Leitores, vol. 1 (Navarra, 1998), 266–81.

espiritual de que há conhecimento, a Missionação, em que os Portugueses têm parte grande, por reconhecimento unânime dos estudiosos probos"[311].

A missionação portuguesa desenvolve-se em torno da obra dos prelados diocesanos e das ordens religiosas que se vão fixando nos territórios de missão. Merecem uma menção especial os religiosos da regra de Santo Agostinho, cuja acção foi importante na interpelação dos governantes para que agissem, e fizessem agir os súbditos, como cristãos[312]. Ao entregar nas mãos do clero a tarefa da missionação a coroa portuguesa podia mais facilmente consolidar o domínio territorial do ultramar. Com base nesta premissa seriam criadas as sedes episcopais de Ceuta (1417), Funchal (1514), Cabo Verde (1533), São Tomé, Goa (1534), Salvador (1551), Malaca (1557) e Macau (1576)[313]. Em todas elas se estabeleceram ordens religiosas, no entanto, os missionários que aportavam à Índia entre os séculos XVI e XVII estavam sujeitos ao Padroado Português. Ciente da importância da fé na tarefa de domínio do território, D. Manuel solicita à Santa Sé a nomeação de um comissário apostólico para a Índia, sendo-lhe concedida a permissão de nomear e enviar bispos tutelares em 1515 (D. Duarte Nunes, Bispo de Laudiceia), 1520 (D. André de Torquemada, Bispo de Dume), 1523 (D. Martinho) e 1532 (D. Fernando Vaqueiro)[314]. Este tipo de nomeação de carácter provisório acabaria por findar quando se conclui o processo de estabelecimento eclesiástico e é criada a Diocese de Goa.

A cristianização de Goa volta a ter grande desenvoltura a partir de 1555. Até cerca de 1600, todos os habitantes das Velhas Conquistas[315] já tinham sido convertidos ao catolicismo, quase na sua totalidade.[316] O sucesso deve-se sobretudo à acção missionária dos jesuítas encabeçados pelo legendário Francisco Xavier, o "Apóstolo das índias", autor de uma nova era no capítulo da missionação, sendo-lhe atribuídos milhares de baptismos em missões que levou a cabo em Cochim, Malaca, Molucas e Cantão. O acto missionário de Francisco Xavier é inovador, próximo do povo e atento à cultura e modos de viver a

311 Justino Mendes de Almeida, «Missionação Portuguesa», ed. Observatório de Relações Exteriores e Universidade Autónoma de Lisboa, *Anuário Janus*, Um Olhar para o Passado (1999-2000), 2000.

312 Ibid.

313 Russell-Wood, «A Sociedade Portuguesa no Ultramar», 268.

314 Bethencourt, «A Igreja», 375.

315 Territórios das ilhas (Tiswadi), Bardez e Salsete

316 Maria de Jesus dos Mártires Lopes e Artur Teodoro de Matos, «Religiosidade e aculturação do povo goês», em *Histórias de Goa*, Museu Nacional de Etnologia, 1997, 87–121.

fé. Terá sido esta atitude que lhe permitiu, e à Companhia, obter os impressionantes resultados de conversões.

A partir do século XVIII dá-se a introdução de missionários directamente de Itália e fora da jurisdição do Padroado, como será o caso dos Teatinos que trataremos mais à frente, entre outros. Os religiosos – missionários, regulares e seculares – quer fossem portugueses ou de outras nacionalidades, entravam na Índia através de Portugal, acompanhando as viagens anuais para o império no Oriente e assentando-se nos limites territoriais conquistados pela coroa, ou seja, nos limites geopolíticos do império português, quebrado variadas vezes pelos religiosos da Companhia de Jesus que entrou através de missões experimentais em territórios não explorados no Tibete, império Mogol, Ceilão, Japão e China[317].

Primeiramente, apenas os missionários estavam obrigados a sair de Lisboa em navios portugueses, pressuposto que foi firmado no breve *Onerosa Pastoralis Oficii* de 1600[318] com uma alteração à regra em 1608, a partir do breve *Sedis Apostolicae* assente pelo Papa Paulo V. Em 1633, com o Papa Urbano VIII, as restantes ordens religiosas ficaram igualmente obrigadas a esta regra. Finalmente, também os clérigos seculares ficariam obrigados à regra imposta, através da regulamentação do Papa Clemente X[319].

A missionação no Oriente fez parte de uma estratégia política cuidadosamente delineada que visava articular a atitude moralmente cristã com a obrigação e o dever social para com o poder político. O acto manuelino de espalhar a fé e ensinar aqueles que a não conhecem, bem como trazer de volta a essa fé os cristãos que se perderam dela, foi a engrenagem para colocar em marcha uma máquina política oleada de grande capacidade de persuasão. Neste acto fez-se uso de uma desmedida sensibilidade para com as necessidades sociais das castas desfavorecidas e enorme habilidade para com as capacidades das castas dominantes.

O sucesso inicial de todo o processo de estabelecimento das ordens religiosas e de conversão só foi alcançado porque se observaram de todos os ângulos as questões que

[317] Tavares, «Goa: a cidadela cristã no Oriente», 29.

[318] *Onerosa Pastoralis Oficii,* assinado a 12 Dezembro de 1600 pelo Papa Clemente VIII.

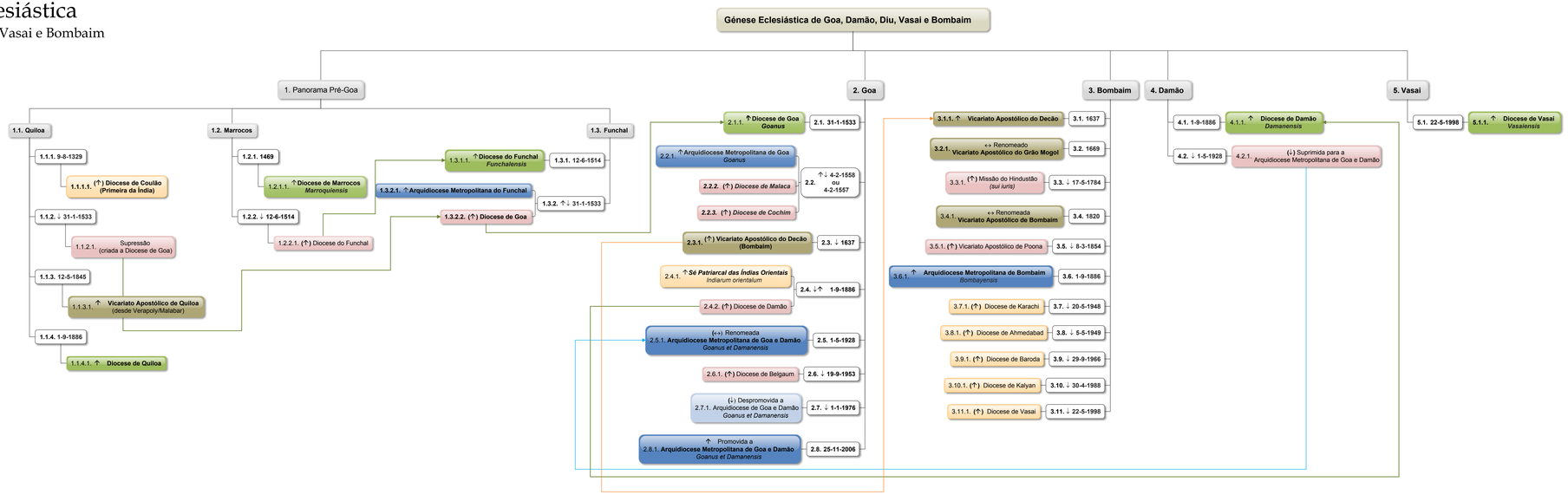
[319] António da Silva Rego, *O Padroado Português no Oriente e a sua Historiografia*, Academia Portuguesa de História (Lisboa, 1978); Donald F Lach e Edwin J. Van Kley, *Asia in the Making of Europe: A Century of Advance*, vol. III (Chicago: University of Chicago Press ; Chicago Distribution Center Distributor, 1998), 130.

poderiam causar atrito ou controvérsia, contornando questões complexas ou criando soluções. Uma das soluções foi, a incorporação dos elementos religiosos locais para que se estabelecessem paralelos de comparação entre duas fés. Este sistema, que se implementa como resultado de uma necessidade, permitiu uma melhor compreensão dos símbolos, ritos e mensagem cristã, actuando como um agente facilitador das conversões[320].

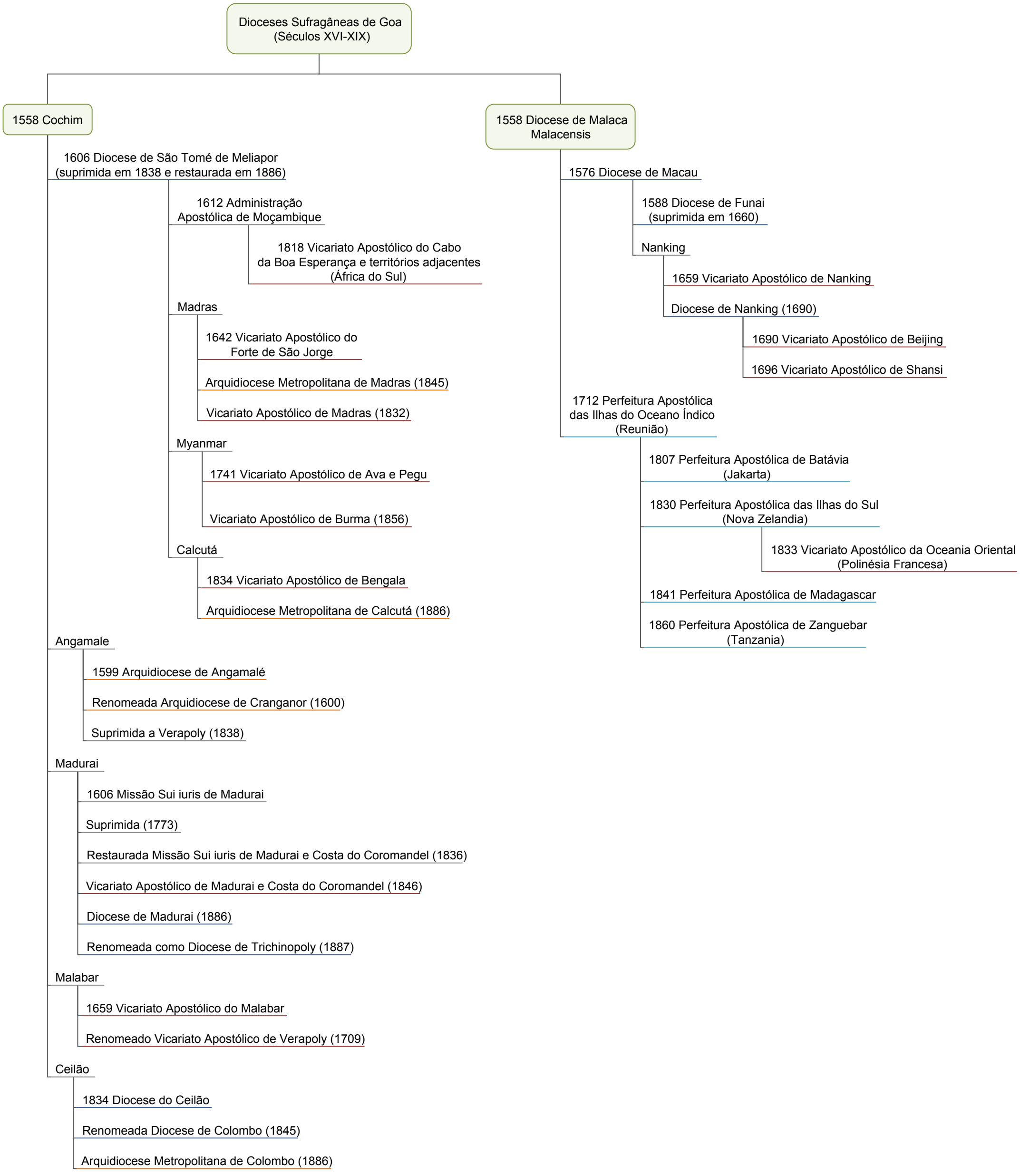
[320] Xavier, *A invenção de Goa : poder imperial e conversões culturais nos séculos XVI e XVII*, 147.

Génese Eclesiástica

Goa, Damão, Diu, Vasai e Bombaim



Dioceses Sufragâneas de Goa
Séculos XVI-XIX



Dioceses Sufragâneas de Bombaim
Séculos XVI-XIX

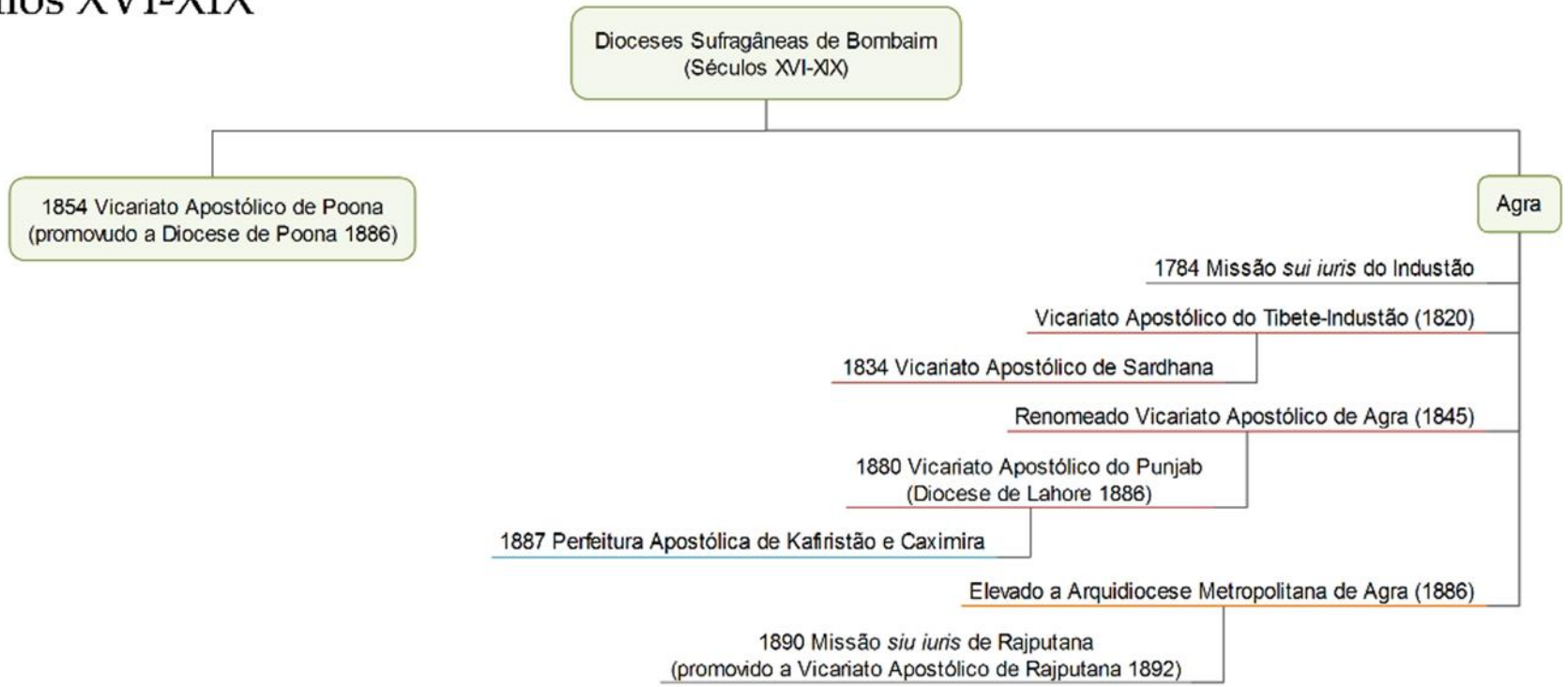


Gráfico 3 - Dioceses Sufragâneas de Bombaim

Capítulo III

A Arte em Contexto

1. A Arte em contexto

1.1. Introdução

É através de uma política de miscigenação deliberada que a presença portuguesa se estabelece na Índia com Goa a sua capital. O processo de entrada dos portugueses na Índia faz-se acreditando que, o sucesso da investida seria apenas alcançado estabelecendo um diálogo que era puramente político – apesar de ser oficializado como uma missão religiosa – onde a celebre expressão "Cristãos e Especiarias" se insere.

Cumprindo o dever que se achava instituído, D. Manuel I ministra Pedro Álvares Cabral de uma carta dirigida ao Rei de Calecute, onde expõe as suas intenções, e relata a busca dos cristãos perdidos da sua fé e o envio de religiosos e doutrinados na fé cristã para celebrarem os santos ofícios e devidos sacramentos naquelas partes, para "*buscar da (...) amizade e conversação, trazendo tanto proveito (...) de nossas terras (...) [e] terras que o Senhor Deus se quis [re]aver novamente por serviço das nossas mãos*"[321]. Justificando-se com a fé divina D. Manuel I lança os propósitos da conquista do território. Afonso de Albuquerque executa os termos através dos quais se garantiria a presença portuguesa na Ásia no projecto de miscigenação e cristianização manuelino.

Entre os sucessos e insucessos orientados pelas próprias circunstâncias culturais, a sua implementação torna-se uma realidade, *auto-presente*, no campo das artes decorativas. No campo político-económico, o projecto de miscigenação manuelina fracassa, mas no campo das artes a palavra (o conceito) liberta-se dessa carga antropológica. De facto, a expressão que mais rapidamente expressa a arte de "contacto", de "diálogo", sobretudo na arte votiva cristã é *miscigenação artística-cultural*, no entanto, a sua utilização conduz a uma leitura ambiguamente antropológica, apesar do termo ser na realidade mais amplo, global. Entendemos no entanto que o uso da expressão pode causar certa perplexidade, sobretudo no público internacional que o associa inevitavelmente à inter-racialidade e a perspectivas redutoras geradas num pensamento colonialista já ultrapassado. A palavra miscigenação nunca conseguiu libertar-se da carga negativa no campo da antropologia cultural usada para caracterizar a prática da

[321] «Carta que El-Rey Dom Manuel escreveu a El-Rey de Calecut por Pedro Alvares Cabral, Capitão da Primeira Armada que foi à Índia Depois de ser Descoberta por Vasco da Gama [1 Março 1500. Colecção Vimieiro: BNL, Ms. 7638, Doc. 35, a fls. 61-v-64-r]», 18–20.

mestiçagem sanguínea, apesar do sentido figurado desta palavra ser usado para designar o cruzamento de elementos distintos[322].

A palavra parece seguir a bordo dos estudos antropológicos que proliferaram na década de 50 e 60 em Portugal, alguns deles, publicados pela Junta de Investigações do Ultramar[323]. Por esta razão, foi a partir de uma comunicação efectuada em Lisboa[324] que abrangemos a este estudo a utilização de outros termos que, igualmente apontam para estes processos de acomodação ou assimilação cultural, que ocorrem inevitavelmente nos dois sentidos. Esta necessidade de actualizar o discurso tem muito em conta os acontecimentos históricos, ainda carregados de sentimentos ambíguos que em certas situações toldam o discurso que se pretende trazer para o campo da arte.

A este respeito, diz Rui Oliveira Lopes que:

> *"a arte cristã produzida no contexto das missões na Ásia só poderá ser compreendida na sua relação intrínseca com as tradições religiosas e artísticas locais; no entendimento, na assimilação, na acomodação e nas relações de paridade que os missionários europeus estabeleceram entre o cristianismo e as religiões da Ásia e, consequentemente, nos esquemas de representação do sagrado"*[325].

Na índia Portuguesa o esforço exercido para evangelizar nunca se dissociou do eterno esforço de conquista do território e talvez por isso, vemos representados na arte retabular uma perfeita harmonia artística, resultado da tolerância e entendimento do outro, exercida pelas missões religiosas que resultou inevitavelmente num processo de inculturação pela arte. No contexto da produção retabular o conceito de miscigenação artística tem ainda mais pertinência, pois nenhum outro espelha melhor a convergência de duas concepções religiosas com o intuito de facilitar a aceitação e propagação de uma nova fé – que se destina a servir os propósitos do projecto de expansão no Oriente.

---

322 «Miscigenação» (Priberam, 2014), http://www.priberam.pt/dlpo/miscigena%c3%a7%c3%a3o.

323 AAVV, *Estudos sobre antropologia física do ultramar português*, Junta de Investigações do Ultramar, vol. 1, Memórias da Junta de Investigações do Ultramar 13 (Lisboa, 1959).

324 Reis, «See, Compare and Adapt: Through Art, with Art, the strategies of conversion throught native form and symbols».

325 Lopes, «Arte e alteridade : confluências da arte cristã na Índia, na China e no Japão, séc. XVI a XVIII», 35.

Antes de avançar, parece-nos pertinente fazer uma breve análise historiográfica acerca dos termos usados pelos diversos autores, para referenciar a arte de contacto entre Portugal e Índia ao mesmo tempo que se desmistificam os significados e a sua utilização.

1.2. Revisitando a terminologia

1.2.1. *Miscigenação*

Acto de miscigenar. Cruzamento de indivíduos de raças ou de etnias distintas. Cruzamento de elementos distintos[326].

Durante as primeiras décadas do estudo da arte Indo-Portuguesa o termo foi usado sem juízos de valor antropológico:

> *"No conjunto das artes luso-orientais, seja o dito «indo-português» a corrente artística que assume, de longe, uma maior individualidade e aquela em que melhor se pode constatar o diálogo formal e de linguagens decorativas resultante da miscigenação cultural"* [327].

Pedro Dias, na sua obra mais recente faz uma reflexão acerca da arte, nas suas várias vertentes, e opta por qualificar por géneros o que considera ser a arte Luso-Indiana:

> *"Pode-se assim falar hoje de uma arte indo-portuguesa (...) e também do orientalismo na arte europeia e portuguesa*[328]

Termina este capítulo afirmando que a miscigenação estética havia-se consumado, pelo menos nas chamadas artes ornamentais (pintura, escultura, ourivesaria), logo trinta anos depois da chegada de Vasco da Gama à Índia[329], ou seja, afirma que ainda em plena conjuntura artística do Renascimento, identificavam-se já nos objectos o encontro das culturas.

---

[326] «Miscigenação».

[327] Moreira e Curvelo, «A Circulação das Formas. Artes Portáteis, Arquitectura e Urbanismo», 534.

[328] Dias, *Arte indo-portuguesa : capítulos da história*, 50.

[329] Ibid., 55.

No que respeita à produção retabular não verificamos esse facto. Veremos que os retábulos do *taluka* de Tiswadi, de grosso modo, são executados à luz dos tratados de arquitectura e segundo as mais recentes influências europeias.

1.2.2. *Assimilação*

Processo de interpretação e fusão de culturas (tradições, sentimentos, modos de vida) num tipo cultural comum[330].

No seu artigo, José Meco usa palavras como *fusão*, *colagem, assimilação* para explicar como a arte de carácter religioso se desenvolve neste território. Retorna, embora de forma informal, à categorização da mesma quando refere as necessidades de culto perante as solicitações da sociedade mas sobretudo, elege a talha nestes territórios como uma expressão máxima do contacto religioso-cultural entre os dois povos:

> *"(...)a partir de objectos e modelos levados do continente e da realização dos mesmos por artificies locais, fundindo ambas as linguagens plásticas e culturas (...)"*
>
> *"(...) este fenómeno processou-se na Índia através da colagem da simbologia dos cultos locais com os modelos estruturais europeus, independentemente da sua realização dos artistas indianos, facilitando a assimilação do cristianismo (...)"*[331].

O uso dos termos fusão, colagem e assimilação é certeiro, quando mais atendendo à data em que o artigo é produzido.

Outros autores referem-se igualmente com este termo para designarem a adopção de padrões ocidentais se bem que filtrados pela sensibilidade oriental, processo que compreendeu avanços e recuos com a aceitação intermitente de modelos europeus e asiáticos[332].

[330] «Assimilação» (Priberam, 2014), http://www.priberam.pt/dlpo/assimila%C3%A7%C3%A3o.

[331] Meco, «O espectáculo Barroco e a Talha Dourada na Arquitectura Religiosa Indo-Portuguesa», 58.

[332] Lopes e Matos, «Religiosidade e aculturação do povo goês», 87.

1.2.3. *Aculturação*

Fenómeno pelo qual um grupo de indivíduos de uma cultura definida entra em contacto com uma cultura diferente e se adapta a ela ou dela retira elementos culturais. É um processo de absorção de ou adaptação a uma cultura, por parte de um indivíduo[333].

Entre os vários autores destacamos Fernando António Baptista Pereira que refere o termo aculturação, embora ainda use igualmente os termos *simbiose* e *miscigenação*:

> *"O encontro entre o Ocidente e o Oriente (...) materializou-se em realizações artísticas miscigenadas (...). O jogo de aculturações derivado de uma presença colonizadora e missionária (...) produziu simbioses de formas ou de conteúdos religiosos, adaptação de funções, ou simplesmente, a criação de novas necessidades de vida quotidianas*[334]*".*

1.2.4. *Confluência*

Junção de correntes[335].

Rui Oliveira Lopes defendeu recentemente a sua tese de doutoramento onde estabelece uma leitura crítica e transversal da importância da arte no contexto das missões católicas na Índia, na China e no Japão e em torno dos processos sistemáticos de relação da imagem sagrada com as estruturas antropológicas das civilizações asiáticas como resultado do encontro de culturas entre a Europa e a Ásia[336]. O autor optou por trazer à luz o termo *confluência* para explicar as intricadas relações artísticas que igualmente identificou como conturbadas no que respeita à questão do pensamento colonial/pós colonial.

[333] «Aculturação» (Priberam, 2014), http://www.priberam.pt/dlpo/acultura%C3%A7%C3%A3o.

[334] Pereira, *História da arte portuguesa*, 225–6.

[335] «Confluência» (Priberam, 2014), http://www.priberam.pt/dlpo/conflu%C3%AAncia.

[336] Lopes, «Arte e alteridade : confluências da arte cristã na Índia, na China e no Japão, séc. XVI a XVIII».

1.2.5. *Inculturação*

Adaptação cultural da prática da fé cristã na sua divulgação[337].

A expressão inculturação refere-se a um neologismo específico da linguagem cristã. Trata-se de um termo teológico, ainda com uma certa conotação antropológica, que se distingue de outros típicos do léxico antropológico, como é o caso de *aculturação*, *enculturação* e *transculturação*[338]. Distingue-se também dos conceitos de *adaptação* e *acomodação*, referidos pela Igreja na década de 50, com repercussões precisas desde o Concílio Vaticano II[339], que promoveu uma reflexão sobre a Igreja e o seu papel no mundo e terá sido o ambiente vivido que lhe promoveu a reflexão sobre a inculturação.

Entre os participantes deste Concílio estava Pedro Arrupe[340]. Posteriormente, enquanto Superior Geral da Companhia de Jesus, Arrupe faz passar a 14 de Maio de 1978 uma carta e documento de trabalho acerca da *Inculturação*. Nesse documento, referia que inculturação é um processo que parte do próprio interior da cultura, recebendo a revelação católica através da evangelização, compreendendo-a e traduzindo-a segundo o seu modo de ser, de actuar e de se comunicar. O processo de inculturação ocorre pela assimilação da mensagem cristã na cultura[341]:

> *"A inculturação é a encarnação da vida e da mensagem cristãs em uma área cultural concreta, de modo que não somente esta experiência se exprima com os elementos próprios da cultura em questão (o que ainda não seria senão uma adaptação), mas que esta mesma experiência se*

---

337 «Inculturação» (Priberam, 2014), http://www.priberam.pt/dlpo/incultura%C3%A7%C3%A3o.

338 Igualmente designado de intercultural (Relativo às relações ou trocas entre culturas diferentes) «Intercultural» (Priberam, 2014), http://www.priberam.pt/dlpo/intercultural.

339 O Concílio Vaticano II (CVII), XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica, foi convocado no dia 25 de Dezembro de 1961, através da bula papal "Humanae salutis", pelo Papa João XXIII. As sessões iniciaram-se sob a alçada deste mesmo Papa a 11 de Outubro de 1962. Foram realizadas quatro sessões, a última a 8 de Dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI.

340 Pedro Arrupe (Bilbau, 14 de Novembro de 1907 — Roma, Itália, 5 de Fevereiro de 1991) foi um sacerdote católico, membro da Companhia de Jesus e Superior Geral dos Jesuitas.

341 Faustino Teixeira, «Inculturação da Fé e Pluralismo Religioso», *RELAMI - Rede Ecumênica Latino-Americana de Missiologos*, 2002, http://www.missiologia.org.br/cms/UserFiles/cms_artigos_pdf_45.pdf; Reginaldo Prandi, «Converter indivíduos, mudar culturas», *Tempo Social [online]* 20, n. 2 (2008): 155–72.

> *transforme em um princípio de inspiração, a um tempo norma e força de unificação, que transforma e recria esta cultura, encontrando-se assim na origem de uma «nova criação» "*[342]

Arrupe define na inculturação três elementos essenciais:

a. A dimensão de encarnação da vida e da mensagem
b. A dimensão transformante e pascal
c. A dimensão pentecostal (re-criativa).

A primeira vez que o termo de inculturação é referido pela Igreja para lá dos escritos de Arrupe é na elocução de João Paulo II aos membros da Pontifícia Comissão Bíblica[343]. A partir de então, é a expressão que João Paulo II considerava exprimir na perfeição as componentes do mistério da encarnação e da catequese. A catequese igualmente, deveria procurar conhecer as culturas e nelas fazer viver o espírito cristão[344].

Os padres da Companhia de Jesus em Goa estariam imbuídos neste pensamento quando adoptam os trajes e estilos de vida dos brâmanes, chegando mesmo a adaptar os ritos locais à religião cristã, processo que lhe incorreria em denúncia internas de práticas de heregia[345].

Compreendendo verdadeiramente o termo inculturação, que achamos ser o que melhor descreve, não só que aconteceu no processo de criação da arte indo-portuguesa, mas de todas as expressões de arte resultantes do contacto entre as várias culturas, estamos aptos a avançar com o estudo da produção retabular indo-portuguesa. Não só no campo da arte, mas no próprio processo de evangelização levado a cabo pelas Ordens Religiosas, vemos que, o processo de inculturação exige um conhecimento aprofundado da cultura com a qual a mensagem cristã estabelece relação. A título de exemplo, sabe-se que a Companhia de Jesus promoveu a aprendizagem das línguas locais de forma a poderem

---

[342] Pedro Arrupe, *Escrits pour Évangéliser*, ed. Jean-Yves Calzes, vol. 59, Collection Christus. Textes (Desclée de Brouwer, 1985), 169–70.

[343] «Fé e Inculturação», Outubro de 1988, http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1988_fede-inculturazione_po.html.

[344] Teixeira, «Inculturação da Fé e Pluralismo Religioso», 2.

[345] No Brasil os padres da Companhia adoptavam os costumes dos índios quando se queriam fazer ouvir, mas recusaram-se a despir por considerarem ser extremamente desrespeitador. Manso, «Jesuítas na Índia: Séculos XVI-XVIII», 154.

ler os escritos sagrados hindus, de forma a poderem aproximar-se dos locais dando paralelismos entre a fé cristã e a fé que haviam prestado devoção toda a sua vida[346].

1.2.6. *Hibridismo*

Que adquire as características de duas culturas

Quando não existe discriminação entre, cultura-mãe e as culturas adquiridas, e em vez da repressão assiste-se a uma repetição modificada da arte, estamos perante uma mutação – ou híbrido. Diz Homi Bhabha que o hibridismo é o sinal da produtividade do poder colonial que, ocorre estrategicamente após um período de dominação, ou por outras palavras, uma reavaliação da identidade local[347]. Nos processos da produção retabular, alguns dos elementos iconográficos podem conotar-se hibridistas, no entanto, somos levados a considerar cada vez mais o peso da presença dos tratados europeus, aliado à anterior circulação das influências que decorreu na Índia mesmo antes da presença portuguesa. O híbrido na iconografia ocorreu antes da presença portuguesa e terá continuado para lá dela. É um processo que ocorre independentemente da religiosidade, mais ligado ao gosto e à literacia ou tradição escultórica do artista.

Parece-nos que este conceito de hibrido é o mesmo de inculturação, despido de religiosidade. Dois termos para designar um processo que ocorre, segundo as definições e os seus propósitos, de forma idêntica, sendo que um se refere ao léxico cristão (inculturação) e o outro a uma globalidade cultural que abarca arte e cultura de um modo geral e irreligioso (hibridismo).

[346] Uma das obras mais revelantes para a história das missões e da aproximação do povo pela aprendizagem da língua é a obra do Pd Thomas Estevão, «Krista Purana - Discurso sobre a vinda de Jesu Christo Nosso Salvador ao Mundo dividido em dous tratados feito pelo Padre Thomas Estevão Ingrez da Companhia de Jesus. Impresso em Goa com licenca das Inquisicão, e Ordinario no Collegio de S. Paulo novo de Companhia de Jesu. Anno de 1654, Escripto por Manoel Salvador Rebello, Natural de Margão no Anno 1767.» (Goa, 1767), CL, The Goa Central Library.

[347] Homi K. Bhabha, «Signs Taken for Wonders: Questions of Ambivalence and Authority under a Tree outside Delhi, May 1817», *Critical Inquiry* 12, n. 1 (1 de Outubro de 1985): 144–65.

1.2.7. Considerações Finais

Voltando a Irwin[348] que dá uma explicação acerca da iconografia de contacto, se assim o podemos referir, podemos verificar o quão difícil será esta tarefa. Para essa explicação refere, uma representação centopídica numa das colchas indo-portuguesas e da origem de alguns desses motivos[349]. Alerta que, esta representação – que a historiografia atribui à iconografia indiana, é na realidade o mesmo tipo de dragões que surgem nos pergaminhos da renascença italiana, que ficaram praticamente irreconhecíveis, depois desta viagem de Itália para Portugal via Oriente. O que Irwin quer aferir é que, estes motivos são interpretações locais das representações europeias que os europeus julgam ser representações indianas. Parece um enorme contra-senso, mas na verdade Irwin explanou um exemplo concreto de como o processo de inculturação actua – nos dois sentidos. Irwin garante que, aos europeus do século XVI e XVII, não interessava absolutamente as convenções de representação indianas. Igualmente, afirma que a escolha dos motivos para representação, quer do lado europeu, quer do lado indiano, faziam-se não pelo que representava verdadeiramente a cultura indígena do outro, mas pelo eclectismo das representações[350]. O que achamos que Irwin defende é que a arte de contacto (as representações, os estilos, as formas, as escalas, etc) é independente dos processos que a promoveram; desenvolve-se de acordo com as influencias que recebe de ambas as culturas. Na produção retabular, verifica-se a apropriação dos valores artístico-religiosos locais quando é oportuno, por exemplo, quando o significado apotropaico[351] se

[348] Irwin, «Reflections on Indo-Portuguese Art», 388.

[349] Dá como exemplo a peça do MNAA de fabrico indiano datada do século 17, sob o número de Inventário 2226 Tec, disponível para visualização na hiperligação: http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=251907

[350] "*It is a fascinating instance of the cross-influences of Indo European art that the curious centipede-like creatures which feature prominently in the design of the Portuguese quilt (Fig.32) are in fact none other than the dragon-headed scrolls of conventional Italian Renaissance ornament, transformed almost out of recognition in the course of their round-about journey from Italy to Portugal via the Orient. This and numerous other instances show that there is only a limited truth in the claim made in the introduction to the catalogue that Portugal was 'the earliest nation in Europe to comprehend and interpret Oriental design in national art '. The conventions of traditional Indian design were of little interest to Europeans in the sixteenth and seventeenth centuries; and more often than not we find that the borrowings on either side were drawn, not from what was truly indigenous to the other culture, but from precisely those features which were eclectic in the first place*".Irwin, «Reflections on Indo-Portuguese Art», 388.

[351] Do grego *apotrópaios*, que evita o mal, que protege.

cruza ou quando a morfologia do retábulo invoca formas muito particulares da arquitectura local, no entanto, verifica-se igualmente uma predominância para o uso dos valores artísticos mais canónicos quando estamos perante exemplares executados próximos da data de primeiro contacto com a Índia ou quando a encomenda vai responder a uma opção de gosto que vingou nessa região ou conjuntura artística.

Num dos textos interessantes que tivemos a oportunidade de ler, verificamos a dificuldade que os autores têm em dissociar a carga da miscigenação na arte indo-portuguesa. Neste interessantíssimo texto de Teotónio de Souza vemos uma abordagem diferente da arte indo-portuguesa. O autor que, dado o seu passado cultural, mais que ninguém está habilitado para reflexões em torno da arte religiosa indo-portuguesa, afirma que "a criação do novo património artístico na Índia, após a destruição de um outro, merece um tratamento científico que saiba equilibrar as correntes emocionais dos nacionalismos culturais."[352] De facto, nas palavras de Teotónio, *eliminar as correntes emocionais*, permitir-nos-á avançar concretamente neste estudo. Algumas das questões que achamos fulcrais para o entendimento concertado do que é a arte indo-portuguesa estão igualmente citadas neste texto. Teotónio de Souza identifica habilmente o que falhou nos estudos desta arte, começando por Chicó e Cagigal e Silva:

> *"Os outros que, com muito afinco, estudaram a arte indo-portuguesa, como Mário Tavares Chicó e Maria Madalena de Cagigal e Silva, aceitaram decididamente a influência indiana, mas as suas tentativas para definirem as tais influências permaneceram complicadamente vagas. O que lhes falta é uma familiaridade com a cultura oriental e indiana"*[353].

Não só faltava a dita familiaridade com a cultura mas igualmente, o carácter orientalista dos estudos não lhes permitiu ver para lá da relação Portugal-Índia.

Teotónio revela no mesmo artigo o que considera serem objectos de carácter indo-português. O autor indica que das peças a que se podem chamar verdadeiramente indo-portuguesas, devem ser excluídas aquelas que foram produzidas na Índia pelos artistas da Companhia de Jesus ou outros Europeus – uma posição que justifica como forma de acentuar o domínio das vastas tradições artísticas indígenas de que, os objectos

[352] Souza, «A Arte Cristã de Goa: uma introdução histórica para a dialéctica da sua evolução», 9.
[353] Ibid.

produzidos na Índia pelos nativos são manifestação, facto que resulta da forte capacidade da Ásia de resistir melhor do que os povos das Américas e da África às forças da expansão colonial[354]. Entendemos o seu ponto de vista, no entanto, após termos discorrido a historiografia do termo indo-português e a explicação sumária das terminologias associadas à arte de contacto, o termo inculturação aplica-se por inteiro à sua reflexão. Homi Bhabha refere-se brilhantemente a este assunto afirmando que não existe possibilidade de existir uma cultura descontaminada de outra[355]. Dado que o processo de inculturação ocorre nas duas vias, quer a arte produzida por ocidentais em contexto oriental (com vista à evangelização), quer a arte produzida por locais (no contexto da evangelização) é por definição indo-portuguesa.

Concluímos, apresentando os objectivos, para lá dos conceitos, que consideramos ser os primordiais num estudo de carácter científico da arte retabular indo-portuguesa:

a) O estabelecimento de um entendimento intercultural na arte com base no conceito de inculturação.
b) A legitimação da arte indo-portuguesa como resultado inequívoco do contacto entre duas civilizações.
c) A arte indo-portuguesa como ponto de reflexão sobre a cultura, religião e artistas.
d) Entender a percepção dos artistas em relação à arte cristã no panorama de domínio e como se passava a mensagem cristã a novos convertidos.
e) Identificar o ponto de resistência e o ponto de ebulição nas religiões autóctones face à arte cristã e aos seus novos simbolismos.

[354] Souza, «A Arte Cristã de Goa: uma introdução histórica para a dialéctica da sua evolução».

[355] *"we are (…) pressed to maintain the ideal of a world culture, while admitting I tis something we cannot imagine, we can only conceive it as the logical term of the relations between cultures. The fatality of thinking of «local» cultures as uncontaminated or self-contained forces us to conceive of «global» cultures, which itself remains unimaginable. What kind of logic is this?"* Homi K. Bhabha, «Culture in Between», em *Questions of Cultural Identity*, ed. Stuart Hall e Paul du Gay (SAGE Publications, 1996), 54.

Capítulo IV

Enquadramento Histórico e Geográfico de Goa

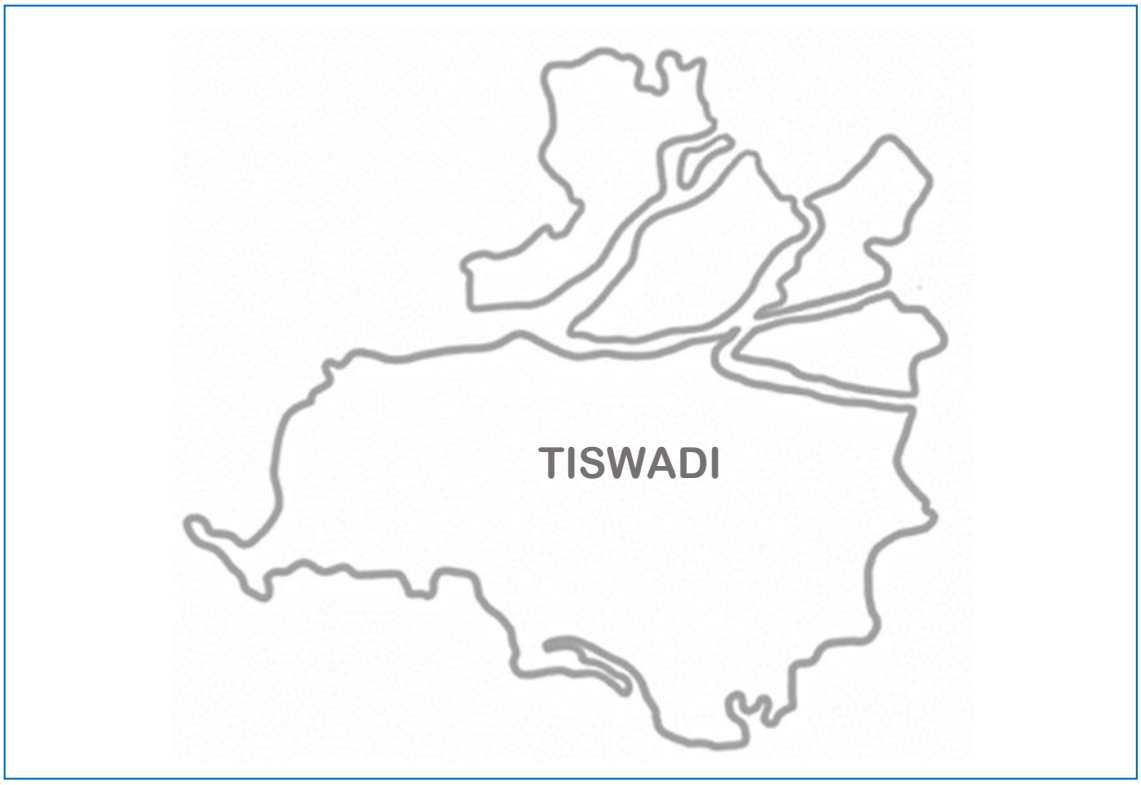


Figura 1 – Enquadramento Geográfico do taluka de Tiswadi

1. Enquadramento Histórico e Geográfico de Goa[356]

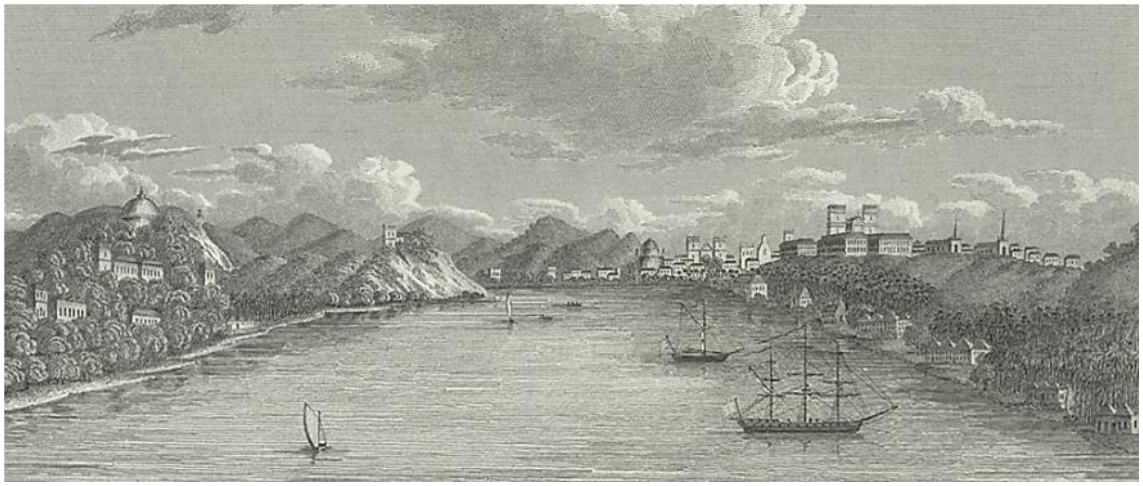


Figura 2 – Vista da Cidade de Goa, James Forbes, 1813. Créditos: V&A

Goa, um território de cerca de 3,700 km2 na costa este da Índia é o nome que designa desde 1987 o 25º estado da União Indiana. Esta concepção de Goa difere naturalmente da Goa dos Portugueses do Século XV, a que hoje conhecemos por Velha Goa ou Velha Cidade nas margens do rio Mandovi e local onde se concentram as igrejas, capelas, conventos e mosteiros.



Figura 3 – Vista aérea sobre Velha Goa e Monte Sacro. Créditos: Ajay Sood

[356] Fig. 2 e 3: James Forbes, *View of The City of Goa, Plate 30*, Gravura, 1813, 455.c.7, http://www.bl.uk/onlinegallery/onlineex/apac/other/019xzz0000455c7u00030000.html; Ajay Sood, *Goa Churches - Aerial View*, Fotografia Suporte Digital, 1 de Outubro de 2005, https://www.flickr.com/photos/ajaysood/860885274/.

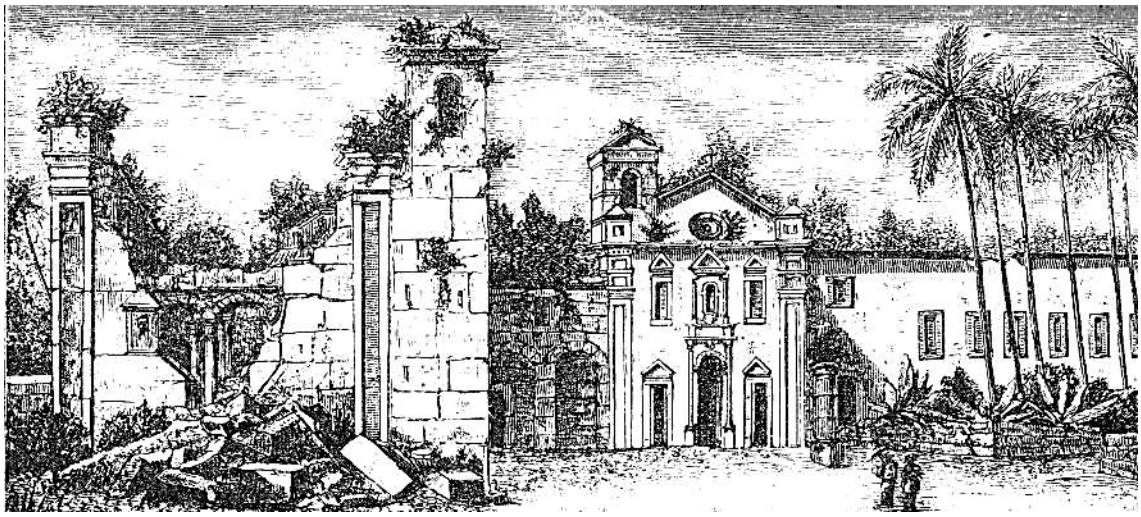


Figura 4 - Ruinas da Misericórdia por António Lopes Mendes, 1886. Imagem retirada da sua obra.

Por volta de 1615, a população residente na velha cidade começa a decrescer, motivada pelas questões de insalubridade que acometiam a cidade. Durante a administração Pombalina, a cidade que já vinha sendo desmantelada para edificar uma nova cidade noutro local, oficializa-se esse processo por ordem do Estado[357]. Durante o século XIX, uma nova cidade, criada com recurso da matéria-prima retirada da velha cidade, era formalmente criada. Velha Goa vê assim os seus dias de glória entregues ao passado. Apenas os mais importantes edifícios religiosos se mantêm, muitos deixados ao abandono que depois da expulsão e supressão das ordens religiosas começam a degradar-se[358]. O património material é inventariado e passado para outras igrejas. Florescia a Nova

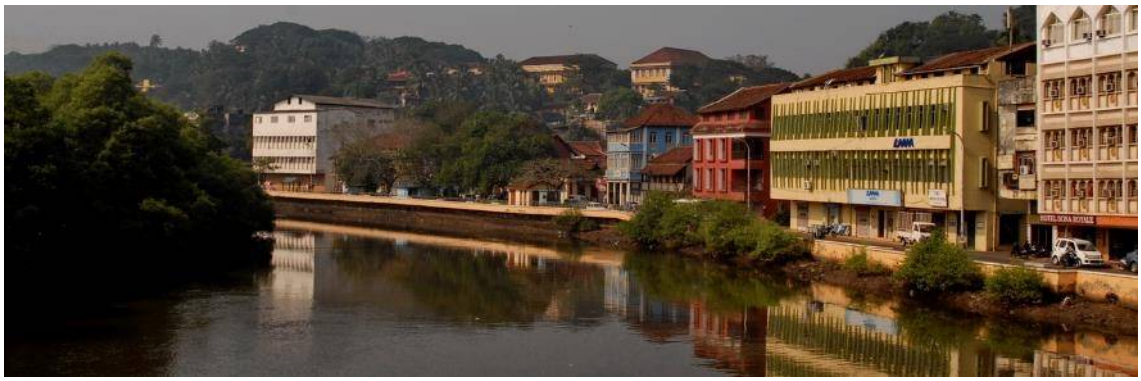


Figura 5 – Vista sobre o bairro das Fontainhas. Créditos: Miguel Mateus

[357] Sidh Daniel Lhosa Mendiratta, «New and Old ideas for Old Goa: the Gracias / Vassalo e Silva conservation and musealization plan of 1959 and its aftermath», 2011, https://www.academia.edu/1172556/New_and_Old_ideas_for_Old_Goa_the_Gracias_Vassalo_e_Silva_conservation_and_musealization_plan_of_1959_and_its_aftermath.

[358] Figura 4: António Lopes Mendes, *A India portugueza : breve descripção das possessões portuguezas na Asia [Vol 2]*, vol. 2, 2 vols. (Delhi [India]: B. R. Publishing Corp., 2006).

Goa, actualmente Pangim, edificada num local com ventos mais sadios, entre as margens do Mandovi e a enseada de Aguada.

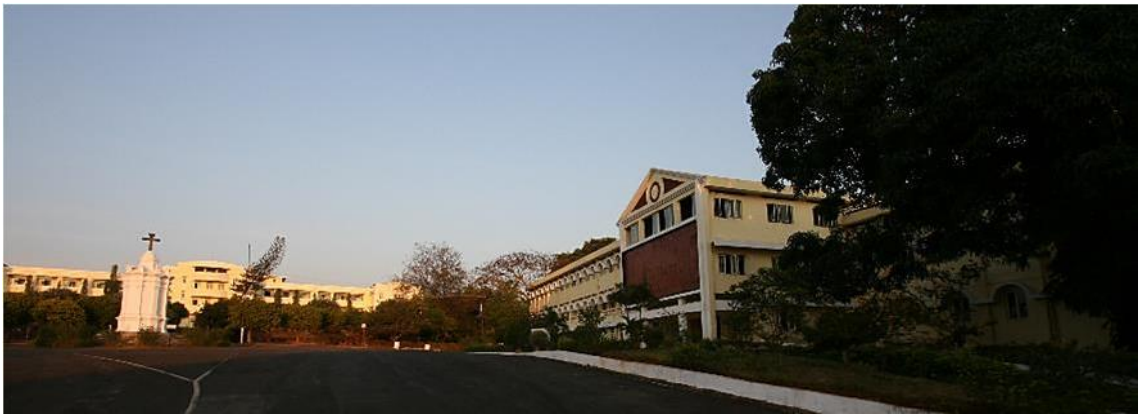


Figura 6 – Seminário do Pilar

Difere da Goa Velha que se localiza entre a baia de Mormugão e o rio Zuari, antiga capital dos Kadambas que se instalaram neste território entre 1020 e 1350. A Igreja de Nossa Senhora do Pilar ergue-se hoje sobre um dos templos deste período, o Templo Xri Govexvar[359]. Actualmente resta apenas um templo em Tambdi-Surla no *taluka* de Sanguém que foi edificado durante o período dos Kadambas.



Figura 7 – Templo de Mahadeva em Tambdi Surla-Sanguém

Muito antes dos portugueses, escritos clássicos como o Mahabharata, Skanda ou outros *Puranas*, já faziam referência a este pedaço de terra pelos nomes de Gomanta, Gomanchala, Goparashtra, Govapuri ou Gomantak. Existem várias teorias a respeito de como Goa obteve seu nome actual. Diogo do Couto afirmava que a palavra definia «terra fértil e refrescante[360]», não existindo, no entanto, qualquer evidência lexical que apoie a ligação. Nos escritos do Mahabharata surge a lenda mitológica da origem de Goa. De acordo com um dos capítulos, a terra que faz hoje parte do *taluka* de Tiswadi foi reclamada ao mar por um

[359] Walter Rossa, *Património de origem portuguesa no mundo. Arquitectura e urbanismo*, vol. Ásia e Oceania (Lisboa.: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010), 173.

[360] João de Barros, Manoel Severim de Faria, e João Baptista Lavanha, *Da Asia de João de Barros e de Diogo de Couto*, vol. 11 (Na Regia officina typografica, 1778), 426.

dos avatares de Vishnu[361], o Parashurama que com uma das suas setas ordenou que o mar recuasse[362]. Esta é uma referência mitológica a um possível evento sísmico que

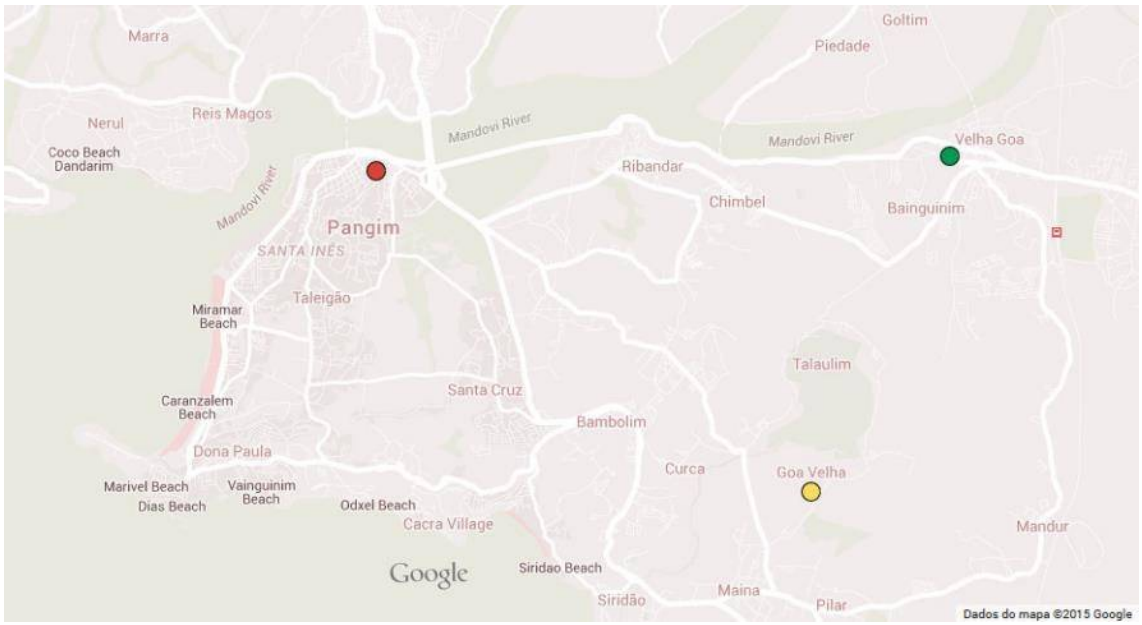


Figura 8 – Centros de Poder em Goa: Goa Velha (amarelo), Velha Goa (verde) e Nova Goa (vermelho)

proporcionou a elevação destas terras possibilitando a sua ocupação humana[363].

Com a presença portuguesa, Goa foi adquirindo novas configurações geográficas de acordo com as conquistas graduais. Definiram-se assim as Velhas e as Novas Conquistas. As Velhas Conquistas correspondem a três *taluka* – Bardez, Tiswadi e Salcete – e as Novas Conquistas às restantes oito *taluka* - Pernem, Bicholim, Ponda, Satari, Sanguem, Mormugão, Quepem e Canacona. Urge explicar a composição desta divisão administrativa. Cada *taluka* é composto por uma cidade e suas aldeias limítrofes. Todos os *taluka* definem assim o estado de Goa que é por sua vez dividido entre dois distritos administrativos: norte e sul.

Os *taluka*s que correspondem às Velhas Conquistas são igualmente os territórios onde se concentra a maior parte das igrejas sendo que o culto cristão foi impulsionado ao mesmo tempo que os cultos locais foram reprimidos. Estão delimitados a Norte pelo rio Chapora, a Sul pelo rio Zuari e a Este pelo rio Mandovi sensivelmente. Os restantes oito

[361] Segundo a mitologia hindu, Vishnu é o deus responsável pela manutenção do universo. Juntamente com Shiva e Brahma, formam a trimúrti, a trindade sagrada do hinduísmo.

[362] Krishna Dharma, *Mahabharata : [the greatest spiritual epic of all time]* (New Delhi: Om Books International, 2009).

[363] Teotonio R. De Souza, *Goa Through the Ages: An Economic History* (Concept Publishing Company, 1990), 79.

taluka da Novas Conquistas são territórios ocupados progressivamente a partir da segunda metade do século XVIII pelos portugueses, com uma maior tolerância religiosa em que os cultos locais se continuaram a desenvolver. Estes *taluka* estão delimitados a Norte pelo rio Tiracol e o estado Maharashtra, a Sul e a Este pelo estado Karnataka.

Diz a história que o *taluka* de Tiswadi foi formado inicialmente por uma comunidade de trinta aldeias. O território, todo ele delimitado por recursos fluviais como os rios Mandovi, Cumbarjua e Zuari e o mar arábico é formado por um grande território central e outras ilhas mais pequenas, distribuídas em canais. São essas ilhas Chorão, Cumbarjua, Divar, Santo Estevão e Vanxim.



Figura 9 - As Ilhas de Tiswadi

Os Retábulos no Taluka de Tiswadi

2. Os retábulos no *taluka* de Tiswadi

1.3. Introdução

Após a chegada dos portugueses a Goa[364] tornou-se necessário estabelecer condições civis e espirituais de forma a honrar os propósitos da conquista que fora forjada desde os idos projectos manuelinos. O mesmo quer dizer que, a manutenção do território ocupado haveria de fazer-se por meio do estabelecimento do poder e angariação espiritual. De início, as primeiras igrejas na velha cidade – actualmente Velha Goa – foram edificadas como forma de agradecimento espiritual dos navegadores portugueses, depois das tormentas da travessia marítima até à Índia. Estas edificações começaram como pequenas ermidas que depois foram aumentadas e elevadas a igrejas. Assiste-se igualmente à edificação de locais de devoção religiosa cristã por vice-reis. Apesar de estarmos providos desta informação genérica, uma das dificuldades inerentes na inventariação do retábulo indo-português é a falta de documentação que ateste algumas das informações, como por exemplo, a autoria da encomenda artística. Após a edificação, os locais eram entregues à administração religiosa por membros do clero secular ou regular. Tendo presentes informações como, datas de edificação e administrações religiosas dos espaços conjugadas com a análise do nosso objecto de estudo, as situações dúbias criadas pela falta de documentação são minimizadas. Ao usarmos os elementos arquitectónicos retabulares como auxiliar de datação é possível chegar a consensos sobre este e outro tipo de informações.

[364] Referimo-nos à Goa que os portugueses conheceram e que corresponde sensivelmente a Velha Goa, a região histórica de implantação portuguesa.

Encomenda

2. Encomenda

2.1. Clero Regular

Nos primórdios da missionação, as terras de Goa foram divididas pelas diferentes Ordens Religiosas para que pudessem administra-las na fé. No actual *taluka* de Tiswadi registarou-se a presença das seguintes Ordens Regulares: Companhia de Jesus[365], Carmelitas Descalços[366], Ordem de Santo Agostinho[367], Ordem dos Pregadores ou Dominicanos[368], Ordem dos Hospitalários de João de Deus, *Ordem dos Clérigos Regulares da Divina Providência*[369], Congregação do Oratório[370], Franciscanos Recolectos da Província da Madre Deus[371] e Ordem dos Frades Menores ou Franciscanos[372]. Sobre estes dois últimos, no início do século XVII desentenderam-se os frades observantes do Convento de São Francisco (Velha Goa-Tiswadi) e os frades da província da Madre Deus – sitos no Convento da Madre Deus (Dauguim-Tiswadi) – resultando na divisão desta última congregação que se juntou aos Franciscanos reformados ou recolectos que se tinham estabelecido no Convento do Pilar. O Convento da Madre Deus em Dauguim tornar-se-ia na casa provincial dos franciscanos reformados, igualmente designados de Capuchos, que tinham também a seu cargo o Convento da Senhora do Cabo (Raj Bhavan-Tiswadi). Por sua vez, os franciscanos observantes, para além da administração da fé no *taluka* de Bardez, possuíam em Goa, o Colégio de São Boaventura[373].

Por volta de 1550, os territórios das Velhas Conquistas são distribuídos entre as várias Ordens Religiosas. Decidiu-se que as terras de Salcete e as terras das Ilhas (as ilhas de Santo Estevão, Cumbarjua, Chorão e Divar, que fazem actualmente parte do *taluka* de Tiswadi) fossem oferecidas à administração da Companhia de Jesus. Bardez ficaria entregue à administração dos Franciscanos (que apesar do acordo não deixaram de marcar

[365] *Societas Iesu, S.J.*

[366] *Carmelitas Descalços da Província de Itália.*

[367] *Ordo Sancti Augustini*

[368] *Ordo Praedicatorum*

[369] *Ordo Clericum Regularum*

[370] *Confoederatio Oratorii Sancti Philippi Nerii*

[371] *Ordo Fratrum Minorum Capuccinorum*

[372] *Ordo Fratrum Minorum*

[373] Gabriel de Saldanha, *Resumo da História de Goa* (Goa, 1898), 37–8.

imponentemente a sua presença na cidade de Velha Goa). A Ilha de Goa – o actual *taluka* de Tiswadi (incluindo as já referidas ilhas) seria dividida entre Companhia de Jesus e Dominicanos. É por isso natural que este catálogo apresente retábulos que sejam de encomenda de uma destas Ordens Religiosas. Posteriormente, com a supressão formal da Companhia de Jesus dos domínios portugueses em 1759, e consequente expulsão dos territórios ultramarinos em 1762, verificamos a entrada de outras ordens religiosas. Registam-se passagens de administração para outras Ordens, mais que uma vez, e para mais que uma Ordem. Alguns dos locais seriam, desde esse momento, entregues à administração do Clero Secular. Em 1834 dá-se a extinção das Ordens Religiosas Masculinas que se estende, em 1862, às Ordens Religiosas Femininas. Por esta altura o clero secular toma a si a administração religiosa de todo o território goês.

Inicialmente, era prática usual dos religiosos fazerem pedidos de retábulos directamente ao rei. Vejamos o caso de um pedido enviado por carta ao rei, redigida pelo franciscano Frei António Padrão em 27 de Outubro de 1520. Nesta solicita 11 retábulos para prover a Igreja do Espírito Santo do Convento de São Francisco (Velha Goa-Tiswadi):

> *"Senhor, eu pera este mosteiro de Goa de Sam Francisco tenho necessidade de muitos retavollos: hum grande pera o altar-mor e dez pera os altares das capella* [374] *"*.

A carta segue com a encomenda e instruções técnicas das características que deveriam ter os retábulos para corresponder às necessidades do espaço a que se destinavam. Infelizmente, não é possível apreciar estas obras que, caso tenham sido realizadas, corresponderiam a peças de execução por artistas em Portugal e exportadas em navios para Goa.

Os religiosos da Ordem de Santo Agostinho lançaram-se à descoberta da Índia depois dos religiosos Franciscanos, Jesuítas e Dominicanos já o terem feito. Chegaram a Goa em 18 de Março de 1572, doze religiosos que ficaram hospedados no Convento dos Franciscanos sendo tratados com toda a hospitalidade até ao final desse ano, quando se

[374] Georg SJ Shurhammer, «Carta Inédita sobre a Fundação do Convento de São Francisco de Goa», *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, n. 74 (1957): 65; António da Silva Rego, *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente (Índia)*, Edição Facsimilar do original de 1952, vol. 11 (Lisboa: Agencia Geral das Colónias, 1991), 146–7.

mudaram para umas casas adquiridas e onde tencionavam edificar o seu mosteiro. A aparição de um homem a estes religiosos levou-os a mudar de ideias e a edificar no Monte Sacro[375]. Desse mosteiro hoje em ruinas e cuja obra se iniciou em 1597, resistiu pelo menos um retábulo: o retábulo de Nossa Senhora das Angústias que se venera numa das capelas da Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi), executado em finais do século XVII-Princípio do século XVIII. Do mosteiro das religiosas de Santa Mónica é ainda possível venerar praticamente todo o espólio retabular, um importante conjunto de retábulos do século XVII. Nos retábulos do Real Mosteiro de Santa Mónica identifica-se a sua encomenda por parte dessa ordem. A sua benfeitora foi D. Filipa Ferreira que tomou votos no mesmo Mosteiro e se tornou abadessa. Não sabemos se esta actuou directamente no patrocínio de algum retábulo do mosteiro, sendo bastante provável que neste espaço, os Agostinhos que já tinham tido um papel de relevo na escolha do risco para o retábulo da Ousia da sua igreja de Nossa Senhora da Graça, tivessem aqui igualmente feito exercer a sua vontade. Também Frei Diogo de Santa Ana – que activamente interveio na edificação do Real Mosteiro de Santa Mónica, pode ter actuado na encomenda retabular do espaço.

A Ordem dos Pregadores, igualmente designados por Frades Dominicanos, marcaram a sua presença em Goa desde 1503[376]. Como referimos, dividiam com a Companhia de Jesus a administração religiosa do *taluka* de Tiswadi (à época designada por Ilha de Goa). Foram responsáveis pela encomenda dos retábulos colaterais e do corpo da Igreja do Priorado de Nossa Senhora do Rosário (Monte Sacro-Tiswadi) em finais século XVI-Princípio do século XVII, este último um verdadeiro exemplar único em todo o território inventariado que adopta a tipologia de quatro corpos e cinco tramos. Para além dos exemplares no Monte Sacro, identificam-se igualmente como sendo de encomenda destes frades, os retábulos colaterais da Igreja de Nossa Senhora de Belém (Bambolim-Tiswadi).

A Ordem dos Clérigos Regulares da Divina Providência, igualmente conhecidos por Ordem de São Caetano ou Teatinos, desde o início da sua presença em Goa,

[375] Rego, *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente (Índia)*, vol. 11, sec. Manual Eremítico da Congregação da Índia Oriental dos Eremitas de N. P. S. Agostinho, p.95.

[376] Olivinho J. F. Gomes, *The Religious Orders in Goa - XVI - XVII Centuries*, Konkani Sorospot Prakashan (Chandor - Goa: Suresh Kakodkar, Omega Enterprises, 2003), 159.

destacaram-se pela individualidade religiosa. A sua presença pode distinguir-se em dois períodos distintos: o primeiro período, desde 1639 até cerca de 1750, caracteriza a presença da Ordem em Goa com religiosos europeus; e o segundo período, desde 1751 até 1835, período em que iniciam a aceitação de sacerdotes indígenas na ordem até à extinção das ordens monásticas (decreto de 28 de Maio de 1834). Sabe-se que o último religioso Teatino a vir da europa para Goa foi em 1730 e o último professo admitido em 1831. Estes clérigos foram os responsáveis pela encomenda dos retábulos da sua igreja da Divina Providência.

A Ordem, que se observa na mendicância, dependia absolutamente de doações. Um dos benfeitores foi Baltazar da Veiga, um mercador goês que doa 2 mil xerafins de ouro em 1656 para a construção da igreja da Divina Providência, que iniciava obra nesse mesmo ano[377]. Provavelmente terá sido ele o mecenas para a execução do primeiro retábulo da Ousia de que restam apenas alguns painéis. Este mesmo benfeitor financiou igualmente a construção da Capela do Santíssimo Sacramento na Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa – Tiswadi/Goa)[378]. O retábulo da Ousia executado por volta de 1710[379] é um caso isolado de encomenda realizada com dinheiro vindo de particulares de uma corte europeia. Trata-se do Grão Duque da Toscana Cosimo III[380] que nesta data financiou estes clérigos nas suas obras.

Os religiosos da Companhia de Jesus, conhecidos por Jesuítas ou Inacianos, promoveram a encomenda de um importante conjunto retabular em Velha Goa, a maioria

[377] Rafael Moreira, «A Igreja de São Caetano de Goa e a Arquitectura Portuguesa do Século XVII» 1993; «Contas do Convento de São Caetano (1657-1674)» (Goa, 1656), fl. 221, Cota 7506, HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

[378] Está igualmente associado a um episódio da história de Goa que o Conde de Sarzedas enquanto Vice-Rei relata no seu diário. R.L. da Silveira Sarzedas e A.T. de Matos, *Diário do Conde de Sarzedas Vice-Rei do Estado da Índia (1655-1656)*, Outras margens (Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001), 81–3, http://books.google.pt/books?id=crS-AAAACAAJ.

[379] «Contas do Convento de São Caetano (1720)» (Goa, 1710), cota 7507, HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

[380] Cosimo di Medici III (1642 – 1723) o mesmo que em 1698 ofereceu o trono de mármore para o mausoléu de São Francisco Xavier. Foi o penúltimo dos Médici a ocupar o cargo de Grão-Duque da Toscana. Reinou de 1670 a 1723, e era o filho mais velho do Grão-Duque Fernando II. Foi grande impulsionador das artes estando na responsabilidade de criação da Academia Fiorentina no Palácio Madama em Roma, onde pintores e escultores florentinos, sob a direcção de Ciro Ferri e Ercole Ferrata, moldaram o curso do estilo barroco na região de Florença que ficou conhecido como da corte de Cosimo, o «Stile Cosimo terzo».

dos retábulos da Igreja do Bom Jesus (Velha Goa-Tiswadi). Registam-se ainda as encomendas de outros importantes retábulos por parte destes religiosos:

a) Retábulo do Senhor Crucificado na sacristia da Igreja de São João Evangelista (Neurá-Tiswadi) de finais do século XVI/princípio do Século XVII.

b) Retábulo da Crucificação de Cristo na sacristia da Capela de Nossa Senhora da Vitória (Portais-Tiswadi) de finais do século XVII/princípio do Século XVIII.

c) Retábulo e magnífico sacrário da Ousia na Igreja de São Matias (Azossim-Tiswadi) executado durante o 2º quartel do século XVIII.

d) Retábulo de Nossa Senhora do Loreto oriundo da Capela do mesmo orago na Quinta de Cullavaiguinim[381], que se pode venerar na sacristia da Igreja de São Miguel Arcanjo (Taleigão-Tiswadi).

e) Com algumas ressalvas, atribuímos a estes religiosos a encomenda dos retábulos colaterais da Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe (Batim-Tiswadi) do 3º quartel do século XVII.

A Congregação do Oratório de Filipe Neri, fundada em 1682 pelo padre Pascoal Jeremias e outros eclesiásticos da casta brâmane, adoptaram os estatutos do Oratório de Lisboa. Além das missões desenvolvidas em Goa (Ilhas, Bardez e Salsete), desenvolveram também importante actividade no Canará e Ceilão. Após a expulsão dos Jesuítas, desempenharam intensa actividade como mestres dos seminários diocesanos de Chorão, Rachol e Bom Jesus. Foram responsáveis pela encomenda dos retábulos da Igreja de Santa Cruz dos Milagres (Boa Vista-Tiswadi) que se encontram dispersos por três igrejas em Goa: o Trono das Relíquias, relocalizado na Igreja do Socorro (Socorro-Bardez), o retábulo das Santas Almas, relocalizado no corpo da igreja de Santo Aleixo (Calangute-Bardez) e o retábulo de Nossa Senhora do Monte, relocalizado no Corpo da Igreja de Santo Aleixo (Calangute-Bardez).

[381] Actualmente Vaiguinim. O nome que se perdeu na história era composto pelo prefixo «culleo» e «vaigon» que corresponde ao que a baia tinha para oferecer em termos gastronómicos: caranguejo e arroz respectivamente. A Companhia de Jesus usava esta Quinta como residência de verão.

2.2. Clero Secular

Em 1533 é criada a Diocese de Goa, que até então tinha sido administrada pela Diocese do Funchal. Com a saída de Goa da Diocese do Funchal, esta foi elevada a Arquidiocese Metropolitana do Funchal. Goa viria a ser elevada a Arquidiocese Metropolitana de Goa em 1558. Em 1928 é renomeada a Arquidiocese Metropolitana de Goa e Damão, perdendo o estatuto de Metropolitana em 1976 para o recuperar novamente em 2006[382].

A autoria da encomenda durante o século XVI estava repartida pelos diversos actuantes no panorama religioso goês:

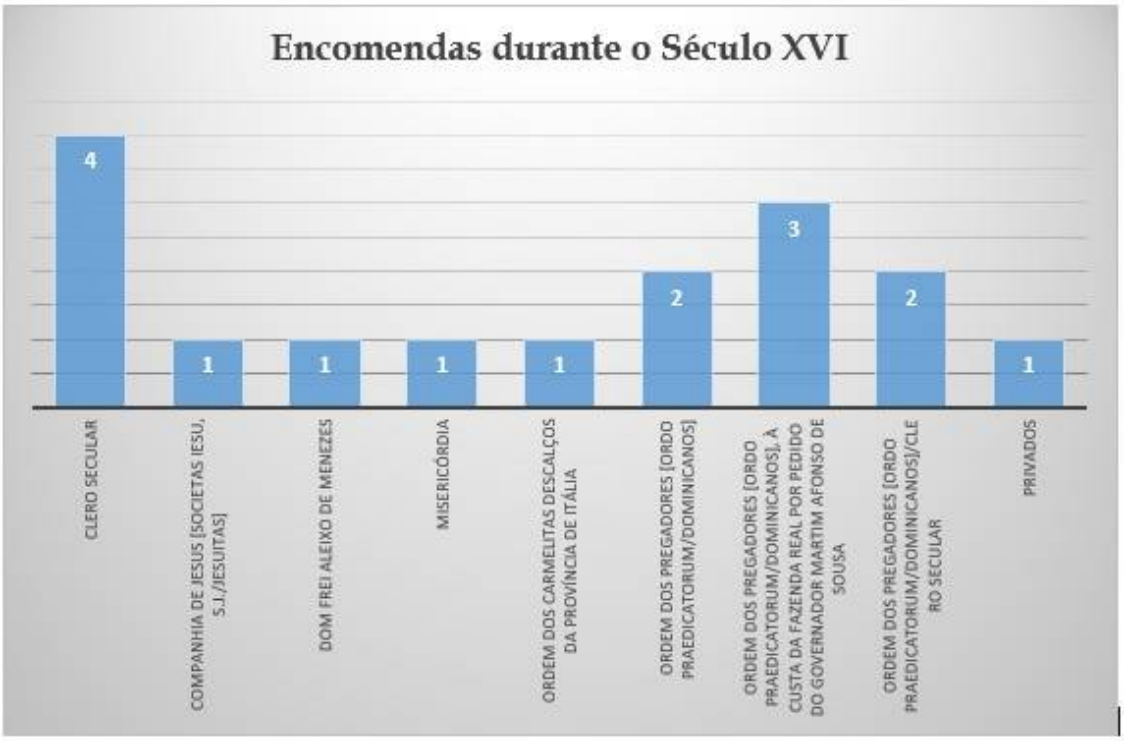


Gráfico 4 - Encomendas durante o Século XVI

As mais importantes obras promovidas por encomenda do Clero Secular durante o século XVI são inevitavelmente os retábulos da Capela da Senhora do Monte (Ella-Tiswadi), juntamente com os retábulos de São Pedro e de Nossa Senhora das Necessidades nas capelas da Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi), datados de finais do século XVI-Princípio do século XVII.

[382] Para compreender todos os movimentos relacionados com as regiões eclesiásticas, consultar o gráfico «Génese Eclesiástica de Goa, Damão, Diu, Vasai e Bombaim» no final do Capitulo II.

Durante o século XVII as encomendas por parte do clero secular passam a ser mais significativas:

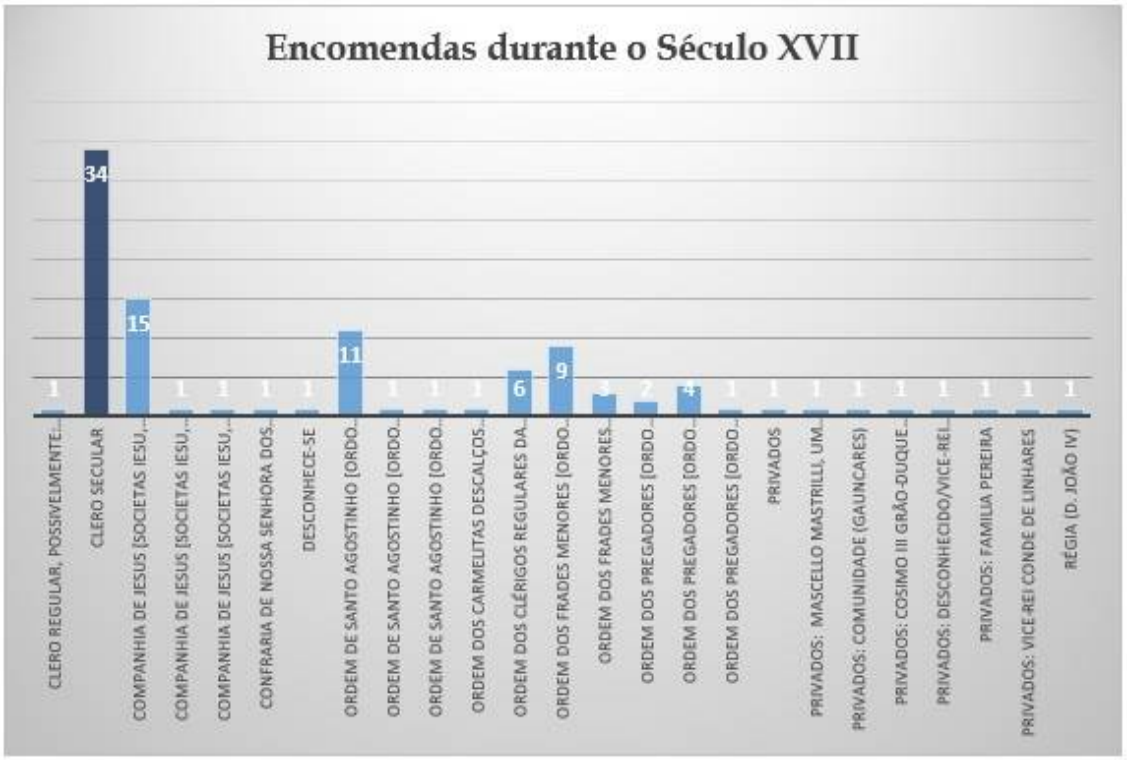


Gráfico 5 - Encomendas durante o Século XVII

Durante este período, os retábulos que merecem destaque encontram-se igualmente na Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi) datando da 2ª metade do século XVII. Outros importantes conjuntos encontram-se na Igreja de São Pedro (Panelim-Tiswadi), Igreja de Santo Estevão (Santo Estevão-Tiswadi) e Capela de Nossa Senhora de Livra Febres (Chimbel-Tiswadi), datando do final do século XVII-princípio do século XVIII.

Com a extinção das ordens religiosas, em que o clero secular passa a predominar na administração da fé, registamos o seguinte processo de encomenda na 2ª metade do Século XVIII:



Gráfico 6 - Encomendas durante o Século XVIII

Neste período temos inevitavelmente de destacar os retábulos da Igreja de Nossa Senhora da Piedade (Divar-Tiswadi) datados de c.1724 e o retábulo de Nossa Senhora do Rosário na Ousia da Capela com o mesmo orago (Malwara-Tiswadi) datado do 2º quartel do século XVIII.

2.3. Patrocínio Régio

Um dos responsáveis pelo pagamento das encomendas religiosas era a Fazenda Real, um órgão central encarregue do governo financeiro da monarquia portuguesa na Ásia desde finais do século XVI até 1773. Em Goa era constituído pelo Conselho da Fazenda da Índia. A este se atribuíam os despachos relacionados com as cobranças de foros. Reuniam-se de forma regular já desde 1580 em reuniões que se denominaram "mesas da fazenda". A partir da 2ª década do século XVII passam a ter um corpo normativo constituído por dois ministros de fazenda e três desembargadores da Relação, presididos pelo vice-rei ou na inexistência desde, o governador. Este órgão foi extinto em 1773, no âmbito da criação da Junta da Real Fazenda[383].

Verificámos casos de encomendas a cargo de arcebispos que acumularam o cargo de governadores da Índia. É o caso de Dom Frei Aleixo de Menezes que desempenhou o

[383] Gune 1979; Miranda 2007; Miranda 2009., «Fazenda Real», ed. José Vicente Serrão, Márcia Mota, e Susana Munch Miranda, *e-Dicionário da Terra e do Território no Império Português* (Lisboa, 2014), DOI:10.15847/cehc.edittip.2014v050, http://edittip.net/?s=fazenda+real&submit=.

cargo de arcebispo de Goa (1595-1612) e de governador da Índia (1607-1609), considerado por Sanjay Subrahmanyam uma das maiores figuras da Índia portuguesa do final do século XVI[384]. Antes de partir para as suas funções na Índia já actuava como mecenas e patrono[385]. Um dos retábulos que certamente será de sua encomenda é o que está presente na Ousia da Capela de São Sebastião (Fontainhas-Tiswadi). O retábulo foi mandado executar para a Igreja de São Tomé em Diu aproximadamente na 2ª década do século XVI, correspondendo ao final da prelazia no arcebispado. Ainda na senda das encomendas de arcebispos-governadores, atribuímos a Dom Frei Agostinho da Anunciação[386] a encomenda do retábulo da Capela de Nossa Senhora do Monte Carmelo do Palácio Arquiepiscopal (Velha Goa-Tiswadi), também conhecida como Capela dos Cónegos.

Também os vice-reis se propuseram a encomendas retabulares. A mais conhecida de todas é naturalmente o retábulo da Ousia da Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi) encomendado em 1632 (terminado em 1634) por Dom Miguel de Noronha, Conde de Linhares e Vice-rei da Índia[387].

2.4. Privados

Os privados detêm uma considerável quota-parte na responsabilidade da encomenda retabular em Goa, actuando como indivíduos ou como comunidades locais, denominadas de gancares. Este título (*gāunkār*), diz respeito a grupo agrupados por linhagem que por razões de ordem política, mitológica e ritual dominavam as chamadas gancarias, ou comunidades aldeãs de Goa, gozando de acesso privilegiado ao solo e

[384] Sanjay Subrahmanyam, «Dom Frei Aleixo de Meneses (1559-1617) et l'échec des tentatives d'indigénisation du christianisme en Inde / Dom Frei Aleixo de Meneses (1559-1617) and the Failure of Attempts to Indigenise Christianity in India», *Archives des sciences sociales des religions* 103, n. 1 (1998): 21, doi:10.3406/assr.1998.1193.

[385] Carla Alferes Pinto, «"Traz à memória a excelência de suas obras e virtudes" Dom Frei Aleixo de Menezes (1559-1617), mecenas e patrono», *Anais de História de além-mar*, n. XII (2011): 161.

[386] Frei Agostinho da Anunciação (1691-1713), Frade Conventual da Ordem de Cristo e conselheiro do Governo Interino da Índia Portuguesa no 7º e 8º Conselho da Índia Portuguesa (1691-2 e 1701-2).

[387] Dom Miguel de Noronha, 4º Conde de Linhares (1585-1647) foi um nobre e militar português. Durante a sua vida foi governador de Tânger (1624 a 1628). Foi o 44.º Governador da Índia e 23.º Vice-rei da Índia, cargo que exerceu de 1629 a 1635.

demais recursos naturais e humanos no interior da aldeia a que estavam afectos. Do ponto de vista da casta, as gancarias eram maioritariamente dominadas por linhagens sudra, ainda que algumas áreas do território fossem, a este respeito, controladas por brâmanes, chardós e outros grupos. Com a presença portuguesa na Índia foram incorporados nas estruturas políticas do Estado da Índia e progressivamente despidos das funções que desempenhavam sob os regimes de Bijapur e Vijayanagar, processo que coincidiu com a transferência maciça de direitos (cuntos ou khunts) sobre os saldos das gancarias para as mãos de investidores externos alheios às respectivas "comunidades". O estatuto de gancar passou a ter um significado quase exclusivamente ritual, posição que se mantém até aos dias de hoje[388].

Como exemplos de encomendas por parte destas comunidades destacamos:

a) Retábulo da Ousia igreja de São Bartolomeu (Chorão-Tiswadi), mandado executar pela comunidade gancar entre 1642-49.
b) Retábulos da Igreja de Nossa Senhora do Amparo (Mandur-Tiswadi) mandados executar por Dionísio Rodrigues e Angélica Rodrigues, gancares de Mandur por volta de 1710.
c) Retábulo das Santas Almas na capela do orago na Igreja de São João Facundo (Corlim-Tiswadi) mandado executar por Francisco de Aguiar, gancar, em 1702 para se fazer sepultar nesta.
d) Retábulo de Nossa Senhora da Vitória na Capela de Nossa Senhora da Vitória (Portais [Pangim]-Tiswadi) mandado executar por José da Silva Gouveia em 1715.
e) Retábulos da Capela de Nossa Senhora da Piedade (Mercês-Tiswadi) mandados executar por Sebastião Leonardo de Souza Monteiro e sua esposa Ana Stella de Oliveira em 1885[389].

[388] Magalhães 2013; Pereira 1981; Rubinoff 1997, «Gancares», ed. José Vicente Serrão, Márcia Mota, e Susana Munch Miranda, *e-Dicionário da Terra e do Território no Império Português* (Lisboa, 2014), DOI:10.15847/cehc.edittip.2014v057, http://edittip.net/2014/04/29/gancares/.

[389] Sebastião Leonardo de Souza Monteiro foi uma proeminente figura a filantropo. Sua esposa Ana Stella de Oliveira foi a única filha do Dr. Pedro António de Oliveira, um dos primeiros médicos-cirurgiões que passaram pelo Goa Medical College. A capela é actualmente mantida por Caetano de Oliveira Fernandes, em memória dos seus pais Dr. Sirvulo D. Geraldo Fernandes e Vitória Catharina de Oliveira.

A partir do século XVIII registamos uma maior encomenda por parte de privados, pelo menos é o que nos diz a documentação que subsistiu. É o exemplo do retábulo da Capela de Santo António de Lisboa (Sant Anton Vaddo-Goa Velha) mandado executar por D. António de Melo Souto Maior Telles[390] para a Ousia da sua capela, actualmente uma das capelas da paróquia de Goa Velha.

2.5. Confrarias

No que respeita à encomenda por parte das confrarias as informações de que dispomos foram praticamente todas coligidas da obra de Filipe Neri Xavier, "Bosquejo Histórico das Comunidades"[391] e de Leopoldo da Rocha. Nestas obras se inscrevem nomes de diversas confrarias, os seus gastos e algumas actividades.

Os dois primeiros séculos de presença portuguesa na Índia foram bastante propícios à doação de dinheiros. As confrarias, embebidas deste espírito corporativo deram um importante contributo para o desenvolvimento do culto cristão na mesma medida que financiaram a Fazenda Real em momentos de aperto financeiro e a própria comunidade[392]. Diz Leopoldo da Rocha sobre as confrarias de Goa:

> *«As confrarias, como associações de neo-convertidos para incremento e maior esplendor do culto público, enquadravam-se admiravelmente nesta teoria de conversão seguida no século XVI e seguinte. E acrescente-se um outro factor que explica em parte, as raízes fundas que as confrarias deitaram no solo goês como árvores de velha data. É que como associações propícias a manter grupos*

[390] Não foi possível encontrar dados biográficos acerca do referido "conselheiro" Dom António de Melo Soto Maior Telles a que Ricardo Michael Telles atribui a execução da capela em epígrafe (Ricardo Michael Telles, «Capela de Santo António de Goa Velha», *O Oriente Português*, n. 5 (1933): 80–84.) Encontramos apenas dados biográficos para o brigadeiro António José de Melo Soto-Maior Teles (1776-1848) coronel do Primeiro Regimento de Infantaria de Goa que sabemos igualmente ter feito parte do Conselho do Governo de 1842 e que possuía na sua casa uma capela dedicada a Santa Ana que já desapareceu. O segundo não poderia ser o autor da encomenda nem da capela nem do retábulo muito apesar tudo indique que se tratem da mesma pessoa. Mantivemos a informação de Ricardo Michael Telles por falta de mais dados mas sobretudo pelo facto do retábulo em causa corresponder estilisticamente à data avançada.

[391] Filipe Nery Xavier, *Bosquejo Histórico das Comunidades das Aldeias dos Conselhos das Ilhas, Salcete e Bardez (Facsimile 1903 edition)*, ed. Maria de Lurdes Bravo da Costa, vol. II (Goa: L&L, 2012).

[392] Leopoldo da Rocha, *As confrarias de Goa (séculos XVI-XX): conspecto histórico-jurídico* (Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1973), XXI.

fechados e a fomentar tendências de emulação e rivalidade, falavam bastante às castas e preeminências, herança hindú, preconceitos dum código social típico da Índia, os quais é mister se reconheça eram assumidos com uma mentalidade bastante diferente da dos homens do presente século em que vivemos»[393].

A Igreja do Priorado de Nossa Senhora do Rosário (Monte Sacro-Tiswadi) foi edificada em 1526 em terrenos doados pelo Capitão de Malaca, Pedro de Faria a mareantes que recorreram à Fazenda Real para patrocínio de edificação da referida Igreja. Esta documentação que data de 1543 está ligada à elevação a paróquia desta igreja. A igreja é entregue aos religiosos da Ordem dos Pregadores (Dominicanos) provavelmente logo após a sua edificação. Erecta nesta igreja em 1548, a Confraria do Rosário apelava para a esmola de El-Rei e pedia-lhe que mandasse um retábulo para o altar-mor, com as seguintes indicações:

«bem empeçado de maneyra que ha humydade do mar o nam dane, nem faça nojo as imagens e tymtas».

As razões deste pedido prendiam-se com a remodelação da pequena capela e o retábulo existente era por isso muito pequeno:

«segundo a grandura da capella nova e mais por ser qua feyto per mão e pymtores da terra e os oleos e tymtas não muy perfeytas».

As medições do retábulo que estava ser pedido em que a traça fora também remetida ao Rei eram:

«vymte cymquo palmos de altura, com seu pe e guarda pe, he dezanove de largo com os paynes e figuras que a obra requer», tudo segundo o modelo da «capella de Nosa Senhora de Rosario do Mosteiro de Sam Domymgos de Lysboa, ou como a Vosa Alteza parecer melhor»

O retábulo em questão que se aprecia actualmente contem as características físicas (dimensões) e aponta igualmente para uma execução durante a 2ª metade do século XVI sendo por isso o retábulo tratado no pedido ao rei.

Apesar de atribuirmos a encomenda a confraria em variados retábulos presentes neste estudo, foram apenas identificadas as seguintes confrarias na encomenda retabular:

[393] Ibid., 2.

a. Confraria da Senhora da Boa Vida, que encomendou no 2º Quartel Século XVIII o Retábulo do mesmo orago para a Igreja de Santo Aleixo (Velha Goa-Tiswadi), actualmente localizado no corpo da Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi).
b. Confraria de Nossa Senhora dos Remédios, que encomendou em finais do século XVII-princípio século XVIII, o Retábulo do mesmo orago para a igreja do Colégio Dominicano de São Tomás de Aquino, actualmente na Igreja de São Pedro (Panelim-Tiswadi)
c. Confraria do Senhor Redentor, que encomendou entre c.1860-1875, os retábulos da Capela do mesmo Nome.

Acerca das confrarias que se conhecem ter mandado executar retábulos para as igrejas e capelas do *taluka* de Tiswadi que não subsistiram até aos dias de hoje, referimos as seguintes:

a) Confraria das Onze Mil Virgens que mandou executar *«hum rico retabolo d'oleos»* para receber a relíquia trazida pelo Padre António Gomes em 1541[394].
b) Confraria da Imaculada Conceição que mandou executar um retábulo do mesmo orago para a sua capela na Igreja do Espírito Santo do Convento de São Francisco (Velha Goa-Tiswadi). No documento já aqui citado de Frei António Padrão, seguem instruções de encomenda específicas bem como a indicação sobre algumas das formas de pagamento: *"Hantonio de Salldanha leva oitenta [pa]rdaos ou mercadaria pera huum retavollo da Concepção da com[fra]ria do nosso mosteiro de Goa "*[395]. A princípio não terá subsistido até aos dias de hoje. Neste espaço – que corresponde actualmente a uma terceira edificação – existe uma estrutura retabular já com falta de vários elementos que pode corresponder a um retábulo mandado erigir por esta ou outra confraria. A falta de documentação e mais elementos retabulares nesta estrutura não nos permite avançar com demais suposições sobre a sua encomenda.
c) Confraria de Nossa Senhora dos Milagres constituída pelos mareantes do estado e erecta em 1661 que mandou executar o retábulo do mesmo orago na capela na Igreja do Espírito Santo do Convento de São Francisco (Velha Goa-Tiswadi). A

[394] Ibid., 11.

[395] Shurhammer, «Carta Inédita sobre a Fundação do Convento de São Francisco de Goa», 65.

confraria passou depois para a Igreja de São Pedro (Panelim-Tiswadi). Será lógico afirmar que com a passagem da confraria igualmente passou o retábulo. Se tal aconteceu, actualmente não existe essa estrutura retabular.

Estes são os casos em que temos a informação provida pela bibliografia mas falta o objecto de estudo para a comprovar. A partir de finais do século XIX, a encomenda por parte das confrarias aumenta, estando aliada quase em exclusividade a retábulos localizados no corpo da igreja, no caso das igrejas e capelas edificados no século XVI-XVIII ou para retábulos da Ousia quando se trata de igrejas ou capelas de edificação durante o Século XIX-XX.

Usos e Funções

3. Usos e Funções

3.1. Introdução

O retábulo, é uma peça de arte que é condicionada no espaço religioso às necessidades, quer litúrgicas quer estéticas, e que é subordinada às necessidades físicas do espaço em que insere, às necessidades litúrgicas, às tendências artísticas e desenhos específicos dos seus promotores. Nos territórios ultramarinos, assiste-se a uma inversão da norma que se habituou a ver para os retábulos dos mesmos períodos artísticos em território nacional. Independentemente da periodização, o que aconteceu no *taluka* de Tiswadi demonstra como os retábulos de maior aceitação e que adquiriram mais relevância no território foram os retábulos devocionais a um tema. Naturalmente que temos de conter nesta análise que os grandes retábulos narrativos ou didácticos que seriam de grande aceitação nos primórdios da presença portuguesa já não existem, mesmo que durante a sua existência fizessem uma pequena contribuição[396]. Analisemos a totalidade da amostra, independentemente da sua periodização:



Gráfico 7 - Usos e Funções: o total da amostra

Analisemos agora por conjunturas artísticas como se distribuem por usos e funções os retábulos do *taluka* de Tiswadi.

[396] Tome-se em conta que apesar de trazermos neste estudo os retábulos do *taluka* de Tiswadi, consideramos nas nossas análises todos os territórios que já foram inventariados ao abrigo deste estudo que ascendem a cerca de 970 retábulos inventariados localmente entre 2007 e 2013 num total de 4 temporadas. Referimo-nos aos territórios de Damão, Diu, Silvassá, Nagar-Aveli, Baçaim, Taná, Bombaim e à totalidade do território de Goa as onze *taluka*s, a saber: Tiswadi, Bardez e Salcete (as Velhas Conquistas) e Pernem, Bicholim, Satari, Ponda, Mormugão, Sanguém, Quepem e Canacona (as Novas Conquistas).

3.2. Retábulos do 1º Maneirismo

3.2.1. Retábulos Narrativos ou Didácticos

Foi identificado um único retábulo destes usos e funções nesta conjuntura. Data da 2ª metade do século XVI o retábulo da Ousia da Igreja do Priorado do Rosário, Monte Sacro-Tiswadi (ver Catálogo – nº642) que corresponde a uma encomenda ao reino pela Confraria do Rosário. Pelas indicações que temos terá sido executado no reino à imagem do retábulo da Igreja de São Domingos em Lisboa que não sobreviveu às remodelações depois do terramoto de 1755. O retábulo era originalmente constituído por painéis com pinturas nos seus três corpos e três tramos. Actualmente, esses painéis foram substituídos por fasquias simples com uma pintura uniforme. Estes retábulos permitiam que comunidades iletradas na devoção cristã pudessem ter acesso a ciclos narrativos dedicados a santos, por exemplo. Desconhecemos que pinturas se encontravam neste retábulo mas inferimos que fossem dedicadas a Nossa Senhora e a Jesus Cristo, tema habitual de devoção desta conjuntura artística.

3.3. Retábulos do 2º Maneirismo

Nesta conjuntura artística verificámos a existência de Retábulos Devocionais a um Tema, Narrativos, Três Temas, Vários Temas e Eucarístico:



Gráfico 8 – Usos e Funções: panorama na conjuntura do 2º Maneirismo

3.3.1. Retábulos Devocionais a Um tema

A discrepância que desde já se nota na contagem de retábulos desta conjuntura revela a preferência a retábulos devocionais a um tema. A intenção mantém-se: proporcionar aos fiéis uma aprendizagem global acerca dos temas cristãos e prova disso é a variedade de temas que se verificam. Denotamos a preferência para temas Cristíferos: Cristo Crucificado, Última Ceia, Salvador do Mundo. E temas marianos: Nossa Senhora da

Purificação, Nossa Senhora da Graça. Igualmente a devoção a santos, a saber: Santo Antão Abade, Santo António de Lisboa e São Lourenço. Os temas desenvolviam-se no seu tramo central por meio de pintura sobre tela ou madeira alusivo ao tema ou por um nicho onde se expunha para devoção uma figura de vulto perfeito do respectivo santo. Destacamos como exemplos os retábulos de Santo Antão Abade na Capela de Nossa Senhora do Monte, Ella-Tiswadi (ver Catálogo – nº684) e o da Ousia da Capela de Nossa Senhora da Vitória, Fondem-Tiswadi (ver Catálogo – nº808).

3.3.2. Retábulos Devocionais a Três Temas

Os retábulos desta categoria estão presentes no transepto da Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria, Velha Goa-Tiswadi. São o Retábulo de São Pedro (Lado da Epístola) e o Retábulo das Três Necessidades (Lado do Evangelho), datados de final do século XVI-princípio do século XVII, adoptam a estrutura de um corpo e três tramos expondo para devoção figuras de vulto perfeito de santos – no caso do de São Pedro – e um nicho central com figura de vulto perfeito e painéis entalhadas em médio-relevo nas ilhargas – no caso do das Três Necessidades.

3.3.3. Retábulos Eucarísticos

Inicialmente esta tipologia retabular restringia-se a locais de maior importância para neles se celebrarem o jubileu. Entre as características comuns adoptadas nesta devoção estão as tribunas (que se irão desenvolver em Goa sobretudo durante o Barroco Pleno).

Igualmente, identificamos apenas um retábulo eucarístico, muito embora esta função tenha sido adquirida durante a 1ª metade do século XVIII com a adição do sacrário no tramo central. Não se exclui igualmente a hipótese de que existisse um outro sacrário de execução coeva ao retábulo. Situa-se no corpo da Capela do Priorado do Rosário, Monte Sacro-Tiswadi (ver Catálogo – nº648). Um exemplar único de quatro corpos e cinco tramos que apesar de truncado de partes integrantes constitui um excelente caso de estudo.

3.3.4. Retábulos Narrativos

Dos dois retábulos que se apresentam nesta conjuntura/usos e funções o mais importante é o da Ousia da Capela de Nossa Senhora do Monte, Ella-Tiswadi (ver Catálogo – nº682) datado de final do século XVI-princípio do século XVII. Infelizmente, os painéis que constituíam o retábulo foram danificados num fogo provocado durante trabalhos de remoção de andaimes da obra civil que recuperava a abóbada desta capela em 1999. A opção cromática neutra que apresenta actualmente foi a solução encontrada pelos técnicos de conservação e restauro chamados a solucionar o problema, resultando numa obra de excelência, exemplo dos melhores casos de intervenção quando a conservação preventiva não é possível[397].

O segundo exemplar é o retábulo da Ousia da Igreja de São João Evangelista em Neurá Pequeno-Tiswadi (ver Catálogo – nº384) que admitiu já várias alterações sendo que a estrutura – os corpos e os tramos e respectivos painéis nos intercolúnios – correspondem a um retábulo que foi erguido por volta de 1614 mas tanto os elementos arquitectónicos como o trono de degraus são duas adições posteriores, no 2º quartel do século XVIII e no século XX respectivamente.

3.3.5. Retábulos Devocionais a Vários Temas

O exemplar em destaque – e único nestas circunstâncias – é o retábulo da Ousia da Igreja de Nossa Senhora do Pilar, Pilar-Tiswadi (ver Catálogo – nº357), na tipologia de dois corpos e três tramos e com algumas alterações estruturais mas que mantém a essência da traça original.

3.4. Retábulos Proto-Barrocos

Nesta conjuntura, a tendência mantém-se o que é expectável, uma predominância para retábulos devocionais a um tema, dado que foram os de maior aceitação. Verifica-se igualmente que os retábulos narrativos e devocionais a vários temas começam a ganham alguma relevância:

[397] Miguel Mateus e José Artur Pestana, «Capela de Nossa Senhora do Monte -Um desafio estimulante», Relatório Final | Fundação Oriente (Panjim, 2001).

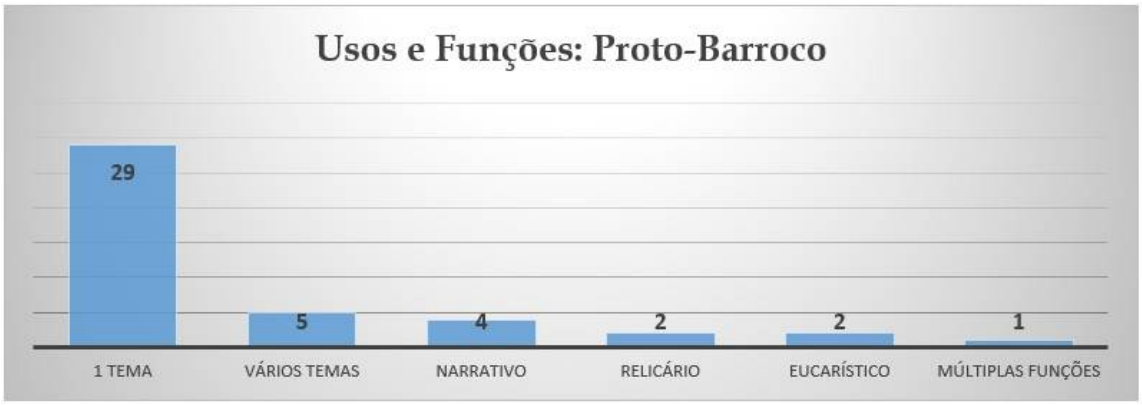


Gráfico 9 – Usos e Funções: panorama na conjuntura do Proto-Barroco

3.4.1. Retábulos Devocionais a Um Tema

Nesta conjuntura existe uma maior concentração de retábulos devocionais a um tema na Vigariaria de Velha Goa com destaque para parte do conjunto retabular na Igreja de Santa Maria do Real Mosteiro de Santa Mónica (Monte Sacro-Tiswadi), nomeadamente os retábulos colaterais (ver Catálogo – nº656) e o retábulo na Capela da Enfermaria do seu Claustro (ver Catálogo – nº662). Igualmente o nosso destaque para os retábulos colaterais da extinta igreja do Convento do Carmo (Velha Goa-Tiswadi) que foram relocalizados na Igreja de Nossa Senhora da Penha de França, Britona-Bardez (ver Catálogo – nº914), quer pela execução quer pelo facto de constituírem o único testemunho da extinta igreja.

Incluem-se nesta categoria o Retábulo das Santas Almas no corpo da Igreja de São Miguel Arcanjo, Taleigão-Tiswadi (ver Catálogo – nº842)

3.4.2. Retábulos Eucarísticos

Existe nesta conjuntura e uso e função um retábulo incontornável, o da Ousia da Igreja do Espírito Santo do Convento de São Francisco (Velha Goa-Tiswadi). Este retábulo de um corpo e três tramos é uma imponente e majestosa obra que deverá ter sido executado por volta de 1661 (ver Catálogo – nº608). O sacrário exposto na tribuna – que alguns autores locais designam por "nicho-capelinha" – é carregado por quatro santos Evangelistas. Uma das excepcionais características deste sacrário são as portinholas que se abrem para permitir a passagem de luz.

Na igreja do Bom Jesus, a capela do falso transepto, lado do Evangelho, está o retábulo do Santíssimo Sacramento (ver Catálogo – nº580). Desta conjuntura, o Proto-Barroco, será apenas a base, mais clássica, onde assenta o sacrário de execução posterior.

3.4.3. Retábulos com Múltiplas Funções

Situa-se na Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria, Velha Goa-Tiswadi, o retábulo de Santa localizado no transepto, lado da Epistola (ver Catálogo – nº548). Neste assentam na mesa de altar as relíquias dos beatos mártires de Cuncolim bem como se veneram figuras de vulto perfeito da santa do orago.

3.4.4. Retábulos Narrativos

Dos quatro retábulos narrativos que se identificaram nesta conjuntura levamos a nossa atenção para o retábulo da Ousia da Igreja de São Bartolomeu (Chorão-Tiswadi). Nos seus dois corpos e três tramos ainda se veneram as pinturas sobre madeira, apesar de extremamente repintadas, que narram o ciclo de vida do Santo (ver Catálogo – nº704). Os restantes três retábulos estão na Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria, Velha Goa-Tiswadi: o retábulo da Ousia e o retábulo de Nossa Senhora da Esperança (ver Catálogo – nº534 e 540) e na Igreja de São João Baptista em Carambolim-Tiswadi, o retábulo da Ousia (ver Catálogo – nº416)

3.4.5. Retábulos Relicários

A função deste tipo de retábulos, tal como indica o nome, serve para devoção in loco do corpo do santo a que se destinam ou para veneração de relíquias de santo ou santos, usualmente expostas para veneração em recipientes que geralmente emulam a relíquia venerada (ex. braço, cabeça, tronco, etc.). Nesta conjuntura artística, a contagem que o gráfico nos fornece é relativa ao conjunto tumular da Capela de São Francisco Xavier na Igreja do Bom Jesus (Velha Goa-Tiswadi). É constituído pela base em mármore executada em Florença pelo escultor italiano Giovanni Baptista Foggini em 1686 por encomenda de Cosimo III e pelo relicário em prata que contem o corpo incorrupto do santo, (ver Catálogo – nº 582 e 584) mandado executar por Mascello Mastrilli, um dos

futuros mártires jesuítas do Japão e um grupo de cristãos goeses a artistas goeses em 1636. Ambos os trabalhos são de excepcional execução.

3.4.6. Retábulos Devocionais a Vários Temas

Os retábulos devocionais a vários temas nesta conjuntura localizam-se em maioria na Vigariaria de Velha Goa. Dos mais relevantes a destacar temos o magnifico retábulo oriundo do Real Mosteiro de Santa Mónica (Monte Sacro-Tiswadi) e que se venera actualmente na sacristia da Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria, Velha Goa-Tiswadi (ver Catálogo – nº566)

3.5. Retábulos do Barroco Pleno

Durante o Barroco Pleno os retábulos Narrativos são pouco procurados, no entanto, no *taluka* de Tiswadi ainda é possível verificar a existência de um exemplar. Mantém-se quase em exclusivo a preferência para retábulos devocionais a um tema mas em relação à conjuntura anterior há mais retábulos Eucarísticos:

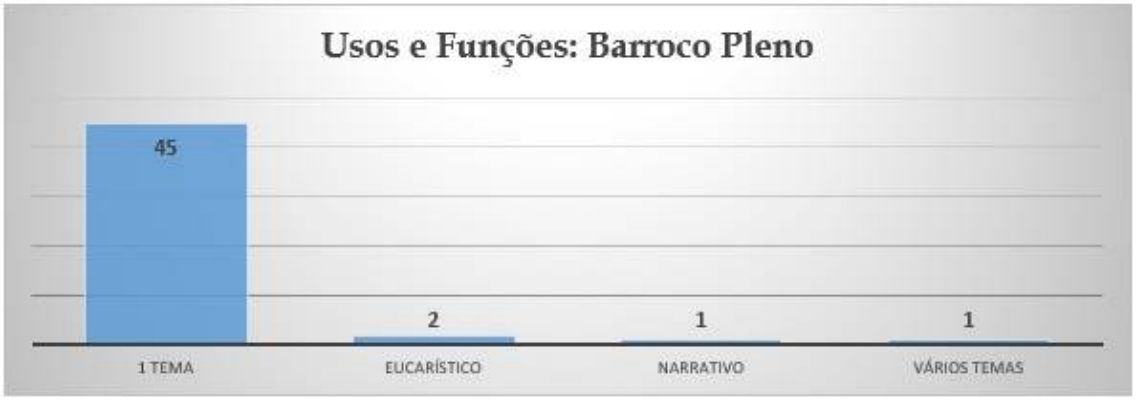


Gráfico 10 – Usos e Funções: Panorama na conjuntura do Barroco Pleno

3.5.1. Retábulos Devocionais a Um tema

Neste imenso conjunto retabular destacamos um dos retábulos oriundo de um local extinto. Falamos do retábulo de Nossa Senhora das Angústias na Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria, Velha Goa-Tiswadi que veio da Igreja de Nossa Senhora da Graça no Monte Sacro-Tiswadi (ver Catálogo – nº546). Este é um exemplar de finais do século XVII-principio do século XVIII que pode ser representativo do gosto goês do modelo compositivo de colunas triplas (desenvolvido mais adiante neste estudo).

Destacamos igualmente, pela perspectiva e gramática decorativa dos elementos arquitectónicos (que desenvolveremos mais adiante), o retábulo que veio transferido do extinto Colégio Dominicano de São Tomás de Aquino (Panelim-Tiswadi) e que se venera na Igreja de São Pedro na mesma região (ver Catálogo – nº512) datado do final do século XVII-princípio do século XVIII.

3.5.2. Retábulos Eucarísticos

Um dos mais imponentes será certamente o retábulo da Ousia da Igreja de Santa Ana em Talaulim-Tiswadi (ver Catálogo – nº403) datado de cerca 1695, mandado executar pelo Padre António Francisco da Cunha que sucedeu ao Padre Francisco do Rego nas obras da Igreja. Este retábulo apresenta uma tribuna onde expõe o sacrário de grandes dimensões. Igualmente, o retábulo de Nossa Senhora do Cabo na Ousia da Igreja da Mãe de Deus, Cabo Raj Bhavan-Tiswadi (ver Catálogo – nº870).

3.5.3. Retábulos Narrativos

Temos apenas um retábulo que atende a estas características. Um exemplar impar sito na sacristia da Capela de Nossa Senhora da Vitória, Portais-Tiswadi (ver Catálogo – nº 776). É um retábulo portátil que apresenta nas portas painéis entalhados em médio-relevo com cenas da vida de Cristo e no seu interior a figura de vulto perfeito de Cristo Crucificado e nichos onde se expõem pequenas figuras de vulto. Em todo o território inventariado de Goa, Damão, Diu, Baçaim, Bombaim e Taná não se encontrou outro retábulo das mesmas características.

3.5.4. Retábulos Devocionais a Vários Temas

Nestes usos e funções e nesta conjuntura temos o retábulo em alvenaria na técnica de esgrafito na sacristia da Igreja de São Matias, Naroa-Tiswadi (ver Catálogo – nº502).

3.6. Retábulos do Barroco Final

Continuamos a ter nesta conjuntura, retábulos maioritariamente devocionais a um tema. Noutros usos e funções existem apenas um só representante de cada:

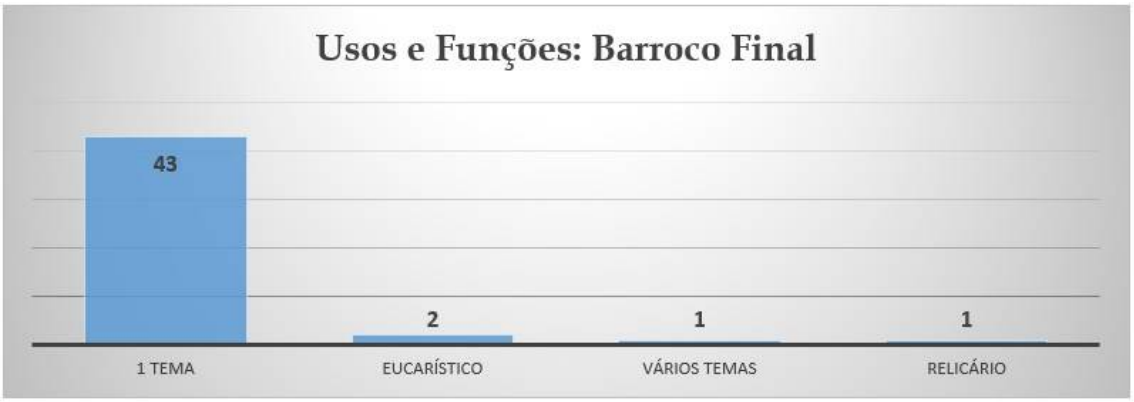


Gráfico 11 – Usos e Funções: Panorama da conjuntura do Barroco Final

3.6.1. Retábulos Devocionais a Um Tema

De entre o conjunto de retábulos destas características fomos presenteados com uma informação que habitualmente é parca considerando as condicionantes deste tipo de investigação. Falamos do Retábulo das Santas Almas na capela do lado do Evangelho do corpo da Igreja de São João Facundo em Corlim-Tiswadi (ver Catálogo – nº 426). Sabemos com exactidão a data de execução deste retábulo: 1702. Foi mandado executar por Francisco de Aguiar, gancar da aldeia para se fazer sepultar na capela. É um retábulo de execução artística aprimorada. Contem um belíssimo painel entalhado em médio-relevo com o tema do orago.

3.6.2. Retábulos Eucarísticos

O retábulo da Divina Providência em Velha Goa-Tiswadi (ver Catálogo – nº598) executado por volta de 1710 e que é o cabeça de lista para esta conjuntura abrindo o capítulo do Barroco Final em Goa. Na ilha de Divar temos igualmente um retábulo cuja execução data de cerca de 1724. É o retábulo da Ousia da Igreja de Nossa Senhora da Piedade (ver Catálogo – nº450).

3.6.3. Retábulos Relicários

Nesta conjuntura conseguimos identificar o Trono das Relíquias que foi pertença da Igreja da Santa cruz dos Milagres (Boa Vista-Tiswadi) e que se venera actualmente na tribuna do retábulo da Ousia da Igreja de Nossa Senhora do Socorro em Socorro-Bardez, apesar de que despojado das relíquias que o constituíam (ver Catálogo – nº636).

3.6.4. Retábulos Devocionais Vários Temas

O retábulo que se segue, apesar de o termos considerado devocional a vários temas tem grandes possibilidades de ter desempenhado funções Eucarísticas. Trata-se do retábulo da Ousia na Igreja de São Matias em Azossim. (ver Catálogo – nº324). A este retábulo, datado do 2º quartel do século XVIII, foi adicionado um trono de degraus no século XX que tapa uma grande parte da sua traça original. A excepcionalidade do retábulo reside no seu magnífico sacrário que inclui um ciclo de pinturas alusivas à vida de Cristo num núcleo rotativo. Este é um exemplar único. Conhecemos apenas mais dois com estas características. Encontram-se em território nacional, um na Igreja de Santa Maria em Setúbal (núcleo circular rotativo com ciclo de pinturas) e na Igreja Matriz de Caminha (núcleo rotativo heptagonal com ciclo de médios-relevos).

3.7. Retábulos do Tardo-Barroco e Rococó

Não são surpreendentes os resultados que dispomos acerca dos usos e funções nesta conjuntura. Por um lado o decréscimo de execução artística e por outro a permanência do gosto por retábulos devocionais a um tema:



Gráfico 12 – Usos e Funções: Panorama na conjuntura do Tardo-Barroco e Rococó

3.7.1. Retábulos Devocionais a Um Tema

Nesta conjuntura e usos e funções temos o conjunto retabular que pertenceu à Igreja da Madre de Deus em Dauguim (Dauguim-Tiswadi) e que se venera a Igreja de São Jerónimo em Mapusa-Bardez (ver Catálogo – nº 884 e 886). São os retábulos colaterais e o da Ousia que com os seus elementos *rocailles* são perfeitos exemplares desta conjuntura. O retábulo provavelmente que mais se destaca em termos de monumentalidade e excepcionalidade artística é o retábulo da Ousia da Igreja de Santo Estevão, Santo Estevão-Tiswadi (ver Catálogo – nº 464).

Dois dos retábulos na Capela de Nossa Senhora da Piedade em Panelim-Tiswadi. Um deles na Ousia, datado de cerca de 1776 dedicado ao orago da capela. O outro que destacamos é um retábulo que aqui se venera mas que é oriundo da Igreja de Nossa Senhora do Pilar (Pilar-Tiswadi) datado da 2ª metade do século XVIII (o outro colateral que era seu fronteiro mantem-se ainda in-situ (ver Catálogo – nº 360).

Não podemos deixar de nomear o retábulo da Ousia da Capela de Santo António de Lisboa em Goa Velha-Tiswadi, datado de 1768 que assume uma espécie de *tromp d'oiel* motivado pela gramática decorativa (ver Catálogo – nº 370)

3.7.2. Retábulos Eucarísticos

Este marcador surge nesta conjuntura muita embora corresponda a um retábulo composto de vários elementos de diferentes conjunturas. Falamos do retábulo da capela do falso transepto, lado do Evangelho da Igreja do Bom Jesus (Velha Goa-Tiswadi). O sacrário em questão é um exemplar tardo-barroco e do 2º quartel do século XVIII (ver Catálogo – nº 824).

3.7.3. Retábulos Devocionais a Vários Temas

A título de exemplo do que entretanto se começa a executar – retábulos com pontual douração e de execução simples, destacamos nesta conjuntura e usos e funções o retábulo do corpo da Igreja de Santa Cruz que se supõe ter sido executado na 1ª metade do século XX (ver Catálogo – nº XX).

3.8. Retábulos Revivalistas

A produção retabular no *taluka* de Tiswadi prolongou-se desde o final do século XVIII até ao presente. Existe uma grande percentagem de retábulos neste período, sobretudo para os retábulos executados a partir do final do século XIX, executados para veneração no corpo da igreja e ligados ao culto do Sagrado Coração de Jesus ou Sagrado Coração de Maria. É frequente deixarem de existir elementos arquitectónicos ou destes serem substituídos por pilastras ou colunelos. Nalgumas situações é frequente encontrar retábulos criados a partir de elementos arquitectónicos de outros retábulos mais antigos ou mesmo de outras partes constituintes de retábulos. Vejamos como se distribuem os retábulos nesta conjuntura de acordo com os usos e funções:

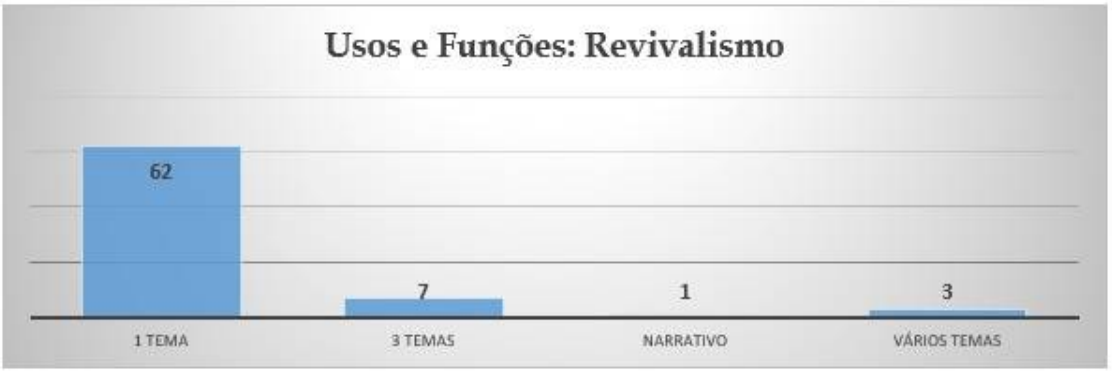


Gráfico 13 – Usos e Funções: panorama na conjuntura do Revivalismo

3.8.1. Retábulos Devocionais a Um Tema

Neste uso e função e conjuntura, o retábulo que merce destaque pertence à Ousia da Igreja de Santo André em Goa Velha-Tiswadi (ver Catálogo – nº 346). Data de c.1868 e apesar de constitui-se de uma simples estrutura e gramática decorativa parca é um exemplar que define a persistência do gosto goês pelo trabalho escultórico e saudosismo das tipologias que marcaram o panorama religioso até então.

Um tipo de retábulo de execução cuidada e que se destaca dos demais nesta conjuntura são o tipo de retábulo que se encontra, por exemplo, no corpo da Igreja da Imaculada Conceição em Pangim-Tiswadi, o Retábulo do Sagrado Coração de Jesus. Neste caso em concreto admitimos que se constitui de elementos que não são coevos, de facto, aparentam ser de execução mais antiga e distinta: um painel entalhado em médio-relevo de Nossa Senhora e uma pintura sobre tela muito deteriorada (ver Catálogo – nº

750). Mesmo com a inclusão destas peças, o retábulo que as alberga foi executado com elevado primor e os trabalhos escultóricos são de elevada qualidade.

3.8.2. Retábulos Devocionais a Três Temas

Trazemos como exemplo o retábulo que sita na Ousia da Capela do Paço Arquiepiscopal no Altinho-Tiswadi (ver Catálogo – nº 766), testemunho que demonstra que neste período deixa-se a técnica de douração e passa-se a apresentar o retábulo na cor da madeira protegido de verniz.

Outra solução que também foi encontrada são os retábulos em alvenaria pintada como é o caso do retábulo de Nossa Senhora de Livra Febres na Capela do mesmo orago em Belbata-Tiswadi (ver Catálogo – nº 730).

3.8.3. Retábulos Narrativos

A surpresa em encontrar um retábulo narrativo nesta conjuntura dissipa-se ao saber que este retábulo é constituído por partes de um retábulo de c.1621 que foi o retábulo da Ousia desta mesma Igreja de São Brás em Gandaulim-Tiswadi (ver Catálogo – nº 480). Referimo-nos naturalmente dos painéis com pintura sobre madeira que apesar de terem variadas repinturas posteriores constituem um testemunho do antigo retábulo.

3.8.4. Retábulos Devocionais a Vários Temas

São dois exemplares que se encontram nestas condições. Seguem a tendência já descrita para os retábulos acima descritos, no entanto, para estes em particular não existem elementos que mereçam destaque.

Técnicas e Materiais

4. Técnicas e Materiais

4.1. Técnicas e Materiais na Produção Retabular

São escassas as fontes que nos fornecem informações precisas acerca do tipo de madeira usada na produção retabular, e a única que encontramos foi-nos deixada por Frei Diogo de Sant'Ana[398] que na sua Apologia descreveu a madeira que foi usada para o madeiramento do convento – a teca:

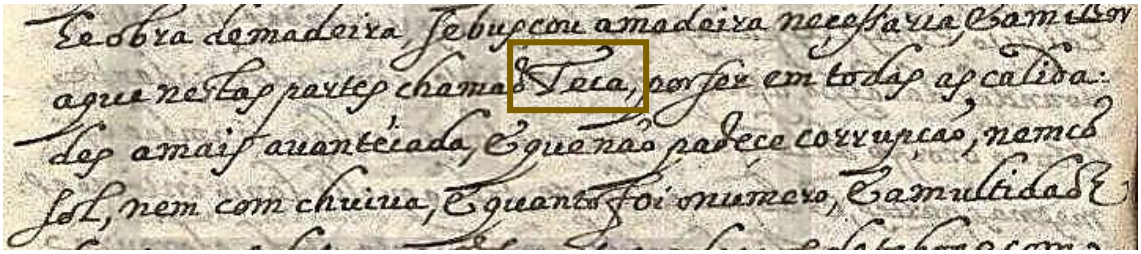


Figura 10 – Detalhe da obra de Frei Diogo de Sant'Ana "Apologia do insigne Mosteiro de Santa Mónica de Goa" onde refere o uso da madeira teca para o madeiramento do Convento

Embora a informação não se refira exactamente à produção retabular, o seu contributo é valioso. Examinemos agora em detalhe os materiais e técnicas utilizadas.

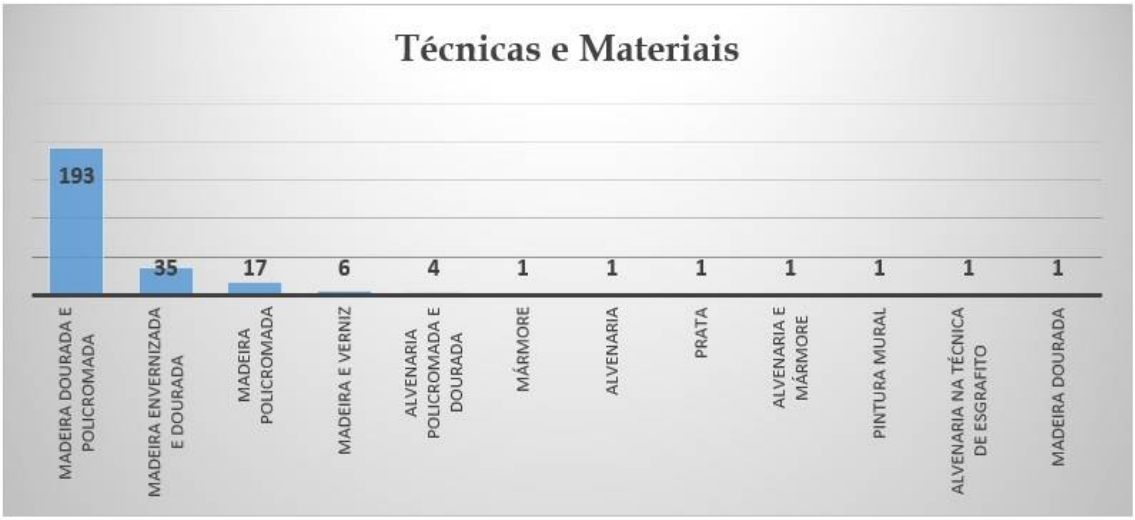


Gráfico 14 – Técnicas e Materiais: panorama geral

[398] Frei Diogo Sant'Ana, «Frei Diogo de Santana, Apologia do insigne Mosteiro de Santa Mónica de Goa» (Goa, 1633), fl.191v, PT/TT/MSLIV/2236, http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4538235.

4.2. Madeira

4.2.1. Introdução

Na índia clássica, o uso da madeira para ornamentação foi descrita em tratados e livros sagrados. Um desses livros é o Matsya Purana[399]. No capítulo que trata da arquitectura desenvolvem-se os princípios de utilização da madeira[400]. Esta deverá ser cuidadosamente escolhida, não deve ser cortada a árvore se tiver ninhos, algumas espécies de árvores nunca deverão ser escolhidas, por exemplo, árvores cujos troncos tivessem sido atingidas por relâmpagos ou desgastadas por elefantes, árvores que cresçam perto de templos e rios ou árvores que cresçam junto de crematórios. Indicam-se igualmente que espécies de árvores não deveriam ser usadas para construir casas, como por exemplo a neem (*azadirachta indica)* e mango *(magnifera indica)*.

Outros tratados, como por exemplo o Brihat Samhitâ do século VI, escrito por Varāha Mihira[401] é conhecido como sendo a grande compilação ou enciclopédia por conter 106 capítulos focando temas de interesse humano, incluindo a astrologia, os movimentos planetários, eclipses, chuvas, nuvens, arquitectura, crescimento de culturas, matrimónio, relações domésticas, pedras preciosas, pérolas e rituais, contendo cento e seis capítulos. Acerca da madeira, o Brihat Samhitâ indica que toda a madeira é sagrada e dá ainda conta dos tipos de madeira a serem utilizados e para que fins[402].

Na arte de entalhe das madeiras a Índia é das nações que desde cedo se destacou. Aqui esta é uma arte muito antiga e das mais nobres. As técnicas que ainda hoje se usam são as mesmas técnicas tradicionais que foram usadas desde os primórdios há séculos atrás.

---

[399] Os livros sagrados são os Puranas. Existem 18 grandes puranas (ou Mahapurana). Os Puranas, juntamente com os épicos do Ramayana e do Mahabharata, constituem as leituras obrigatórias sobre as quais a cultura hindu se baseia. O Matsya Purana é o décimo sexto Purana dos Mahapuranas. Jay Thakkar, *Naqsh : the art of wood carving in traditional houses of Gujarat : a focus on ornamentation* (Ahmedabad [India]: Centre for Environmental Planning and Technology, 2004).

[400] Tradicionalmente, acredita-se que a arte da arquitectura foi passada por dezoito sábios, a saber: Bhrigu, Atri, Vashishtha, Vishvakarma, Maya, Narada, Nagnajita, Vishalaksha, Puranadara, Brahma, Kartikeya, Nandishvara, Shounaka, Garga, Vasudeva, Aniruddha, Shukra and Brihaspati

[401] Varāha Mihira (505-587 d.C) Astrónomo, matemático e astrólogo.

[402] Varāhamihira, *The Brihat Saṃhitâ of Varaha Mihira*, trad. Chidambaram Iyer N., The Bṛihat Saṃhitâ of Varaha Mihira, vol. 1-2 (Printed at the South Indian Press, 1884), https://archive.org/stream/bihatsahitvarah00iyergoog#page/n13/mode/2up.

Os indícios mais remotos de arte entalhada foram detectados na região de Caxemira (Punjab) mais precisamente nas grutas que datam do século III-IV, do período Ganghara[403]. Cada região na índia desenvolveu as suas técnicas e prefere certos tipos de madeira consoante a disponibilidade e tradição e especializou-se no entalhe de peças específicas. Todo o norte da Índia entalha tradicionalmente portas com desenhos intricados bem como painéis em treliça para janelas e embutidos de bronze. Na região do Punjab fazem-se portas e janelas entalhadas. No Tamil Nadu desenvolveram-se técnicas de entalhe fino para a decoração de casas e templos. No Gujarat e no Kerala são as regiões mais tradicionais no entalhe da madeira. O Andhra Pradesh entalha tradicionalmente para vários centros religiosos enquanto o Karnataka especializou-se no entalhe do sândalo, uma madeira perfumada a partir da qual, antigamente, todas as divindades eram entalhadas. Ainda hoje, na região de Caximira, as casas têm tectos com painéis entalhados com desenhos geometrizados. No Bengala, as casas têm colunas finamente decoradas com entalhes minuciosos. No Assam os trabalhos de entalhe passam pelo entalhe de divindades em grande escala[404].

Um olhar sobre os tipos de madeira existentes na região permite avançar com probabilidades baseadas nas suas características e utilizações. Na obra de Maria de Clara de Freitas[405] conhecemos as características da madeira, distribuição geográfica, propriedades e utilização frequente. Existem três tipos de madeira que pelas suas características se prestam à execução de mobiliário e escultura, ou seja, trabalhos de entalhe minucioso e preciso. As espécies *Terminalia tomentosa* (Marêta), *Dalbergia sissoo* (Sissó) e *Tectona grandis* (Teca) reúnem as características ideais para a execução de retábulos.

A espécie *Tectona grandis* (Teca) será provavelmente a madeira mais frequente de entre as três referidas já que era a madeira usada para a execução de embarcações em Damão:

[403] Antigo reino que se desenvolveu no que é hoje o Paquistão e Afeganistão. As principais cidades eram Purushapura (a actual Peshawar) e Takshashila (a actual Taxila). Este reino desenvolveu-se no período védico, desde c.1500-500 a.C. até ao século XI d.C.

[404] Hari Chauhan, «Woodcarvings from Pabbar Valley», *Indian Journal of Traditional Knowledge* 4, n. 4 (Outubro de 2005): 380.

[405] Maria de Clara de Freitas, *Madeiras da Índia Portuguesa*, Memórias da Junta de Investigações do Ultramar (Junta de Investigações do Ultramar, 1963).

> *"A madeira e seus derivados ocupavam uma posição importante no comércio asiático do estado da Índia. Abençoado pela natureza com densas florestas, Damão era proeminente no florescente comércio de madeira do litoral. (...) Damão exportava para Bombaim, Surrate, Amode, Jumbasoor, Dhollera, Gogha, Bhavnagar e Broach na presidência de Bombaim, Mascate, Diu e até Goa. Em Damão faziam-se mobílias e até navios e outras embarcações usadas no comércio asiático e costeiro.* [406] "

A teca vem igualmente referida na obra de Maria de Clara de Freitas como a madeira habitual de construção dos "altares das igrejas"[407]. Sabe-se que é uma madeira de qualidade superior em comparação com a madeira do carvalho ou pinheiro europeus, quer ao nível da resistência quer da durabilidade.

Na tradição indiana, o tipo de entalhe que se deseja executar influi na escolha do tipo de madeira. Tomemos por exemplo a região do norte da Índia: para um entalhe em médio-relevo as madeiras usadas tradicionalmente são o cedro (*cedrus deodada)* e a nogueira (*Juglans regia).* Para entalhes de baixo-relevo são usadas as madeiras de Cedro e Pinho (*pinus)*[408]. Certamente que outros tipos de madeira da região podem igualmente ter sido empregues na execução de retábulos. Conhecemos da obra de Bragança Pereira[409], as madeiras da Índia portuguesa, os seus nomes locais e latinos e a sua utilização. Destacamos as seguintes, listando as suas principais propriedades e usos habituais[410]:

---

[406] Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, *Nova história da expansão portuguesa: O Império Oriental, 1620-1820*, 1. ed., vol. 1 (Lisboa: Ed. Estampa, 2006), 352.

[407] Freitas, Maria de Clara P. G. de, *ob. cit.,* p.83.

[408] Chauhan, «Woodcarvings from Pabbar Valley», 381.

[409] A. B. de Bragança Pereira, *Etnografia da Índia Portuguesa* (Bastorá: Tipografia Rangel, 1940).

[410] Ibid., 165–168.

Embora não seja possível confirmar que tipos de madeiras foram usadas na produção retabular, é possível inferir através das propriedades da madeira que tipos foram usados no entalhe dos retábulos da índia. Os sitios em linha «Indian Wood & Insect Database» pelo Institute of Wood Science and technology http://www.icfre.org:8080/woodsci/Wood.jsp e o «Wood Database» de Eric Meier no sítio em linha http://www.wood-database.com/ são duas óptimas bases de dados para iniciar essa pesquisa.

Nomenclatura Local	*Nome Científico*	Propriedades e Usos Habituais
Anjan	*pentaptera arjuna*	Usada para construção, superior à mareta
Assân	*pterocarpus marsupium*	Resiste à humidade e é utilizada em obras hidráulicas, travamentos e forro das casas.
Babul ou goma da Índia	*acacia arabica*	Aplica-se a rodas de carros e instrumentos agrícolas.
Bel ou marmeleiro da índia	*aegle marmelus*	Usada para construção.
Benteca, fatorfôd ou kamte-assan	*brindelia retusa*	Para construção e alfaias agrícolas.
Combió	*careia arbórea*	Resiste à acção da água e é empregada em cavername de barcos, revestimento de poços e coronhas de espingardas.
Corombôl	*dilema pentagina*	Usada para tabuadas de barcos
Daman	*grevia thiliafolia*	Usada para coronhas
Fanci	*caralia integrifolia*	Própria para tornearia por ser dura.
Edu	*adina cordifolia*	Madeira amarelada usada para taboados, tabiques, instrumentos agrícolas, caixas e forros.
Onvôl	*ulnus integrifolia*	Usada para construção
Hum	*guateria cerassoides*	Madeira avermelhada que é usada para mastros, vergas e obras de marcenaria
Kalicarei	*wrigthia tinctoria*	Madeira branca e compacta
Khoir	*acacia catechu*	Usada como pião ou eixo das noras e engenhos, caixilhos das janelas e portas, pilares, pilões.
Mirió	*polialthia fragans*	Boa madeira para a construção, usada em mastros.
Nagolcoró	*mirium anti-disentericum*	Madeira empregada em objectos de torneiro.
Naguina	*steronlia foetida*	Usada para mastros
Pat-pônos ou jaqueira brava	*artocarpos hirsuta*	Empregada em canoas, alfaias agrícolas, eixos de rodas.
Panri	*bauhinia alba*	Madeira branca própria para obras delicadas de marcenaria, pentes e bengalas.
Conguiró ou folhas da trindade	*erithrina indica*	Usada para imagens de santos e objectos laqueados.
Quinzol	*terminalia paniculata*	Boa madeira para construção de barcos

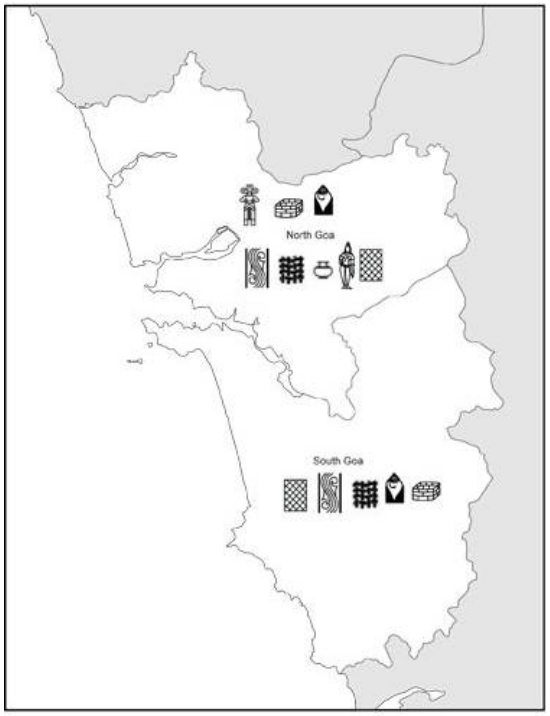
Nomenclatura Local	*Nome Científico*	Propriedades e Usos Habituais
Teca	*tectona grandis*	É a melhor árvore de construção por circunstância de resistir a toda a acção climática.
Sirós	*acacia especiosa*	Madeira escura que se assemelha ao sissó.
Sissó	*dalgergia sisso*	Madeira própria para marcenaria.
Sivan	*gmelina arbórea*	Madeira branca usada no fabrico de caixas de carruagens, estatuetas.
Vonvoleiro	*mimusops elengi*	Madeira forte usada na construção de pontes.
Zambó	*xilia dolabriformes*	Aproveitada para a execução de instrumentos agrícolas. Tem a particularidade de não ser atacada pela térmita.

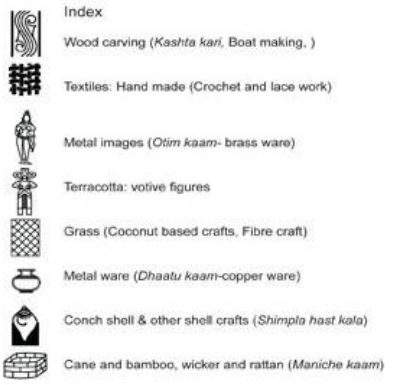
Tabela 4 – Madeiras da Índia Portuguesa, retirado da Obra de A. B. de Bragança Pereira

Durante a ocupação holandesa das regiões de Goa em 1663, foi realizado um embargo comercial às madeiras de teca originárias das províncias a norte de Goa originando *«carência de madeira, associada aos elevados gastos de manutenção e fraca produção arsenal de marinha de Goa,* [e que] *provocou o aumento dos custos de construção* [obrigando] *a Coroa a transferir para os estaleiros da Província do Norte a construção de grande parte dos navios da armada da Índia*"[411]. Esta informação que se refere especificamente da madeira para uso naval, é um valioso contributo para o estudo do uso das madeiras na Índia Portuguesa. Apesar de estar ligado à madeira para uso naval, o embargo certamente terá provocado perturbações nos restantes sectores económicos tais como a produção retabular. Se o embargo à madeira foi global, é possível que os artesãos se tenham sujeitado ao uso de outras madeiras na execução de retábulos. Um estudo com amostras locais, poderia dar-nos mais informações acerca do tipo de madeiras utilizados em cada conjuntura artística. Na impossibilidade de análise que terá de ficar para futuros projectos, ficamos com a informação dos tipos de madeira tradicionalmente usados. Ainda hoje, as diferentes regiões na Índia mantêm o elo de ligação com o passado artesão mantendo de grosso modo as mesmas artes e ofícios que tinham no passado. Em Goa, a

[411] Luis Frederico Dias Antunes, «Província do Norte», em *Nova História da Expansão Portuguesa*, vol. V, Tomo II, O Império oriental (Lisboa, 2006), 243.

actividade de trabalho artístico da madeira está registada pelo Crafts Council of India tanto na região norte como na região sul[412]:





DISTRICT	CRAFT	VILLAGE/SUB-DISTRICT
All over Goa	Coconut based crafts	Villages all over Goa
North Goa District	Boat making	Madkai
North Goa District	Crochet and lace work	Panaji, Mapusa, Asagaon, Mulgaon
North Goa District	Dhaatu kaam copper ware	Mapusa, Sanquelim
North Goa District	Kashta kari wood carving	Bicholim
North Goa District	Maniche kaam bamboo craft	Porvorim, Pernem, Bicholim, Mangues
North Goa District	Menawali candle making	Divar Island, Calangute
North Goa District	Otim kaam brass ware	Mapusa, Sanquelim, Bicholim
North Goa District	Shimpla hast kala seashell craft	Panaji, Porvorim, Mandrem, Manguesh
North Goa District	Terracotta	Bicholim, Calangute
South Goa District	Boat making	Colva, Palolem
South Goa District	Crochet and lace work	Sanguem
South Goa District	Fibre craft	Quepem
South Goa District	Kashta kari wood carving	Canacona, Sanguem, Cuncolim
South Goa District	Maniche kaam bamboo craft	Madgaon, Cuncolim
South Goa District	Shimpla hast kala seashell craft	Madgaon

Figura 11 – Mapa de dispersão das artes manuais em Goa

4.2.2. Madeira Dourada e Policromada

O uso da técnica dourada e policromada no suporte de madeira é transversal a todas as conjunturas artísticas. O seu uso é consistente com o aumento gradual de exemplares durante o Proto-Barroco até ao Barroco Pleno e decresce o seu uso com o Tardo-Barroco e Rococó havendo ainda uma certa predilecção pela técnica nos exemplares Revivalistas sobretudo nos exemplares do final do século XIX.

412 «Goa Crafts Map», *Crafts Council of India*, 27 de Junho de 2015, http://www.craftscouncilofindia.org/indian-crafts-map/goa/.

4.2.3. Madeira Policromada



Gráfico 15 – Técnicas e Materiais – Madeira Policromada em cada conjuntura

Neste caso em concreto os dados negligenciam o facto de alguns retábulos poderem ter anteriormente sido executados sobre a técnica de douração. É o caso do retábulo Proto-Barroco na sacristia da Igreja de São Miguel Arcanjo em Taleigão-Tiswadi (ver Catálogo – nº848) que presentemente se encontra apenas com policromia. O mesmo se sucede para os retábulos das conjunturas seguintes: Barroco Pleno e Final. Considerando que os retábulos do Barroco Final nesta técnica pertencem todos ao mesmo local, a Igreja do Espirito Santo em Naroa-Tiswadi, o facto pode mais não ser que os dados resultem de uma não-intervenção de conservação e restauro nesta igreja há já algumas décadas, logo a douração que se possa ter perdido não foi restaurada.

Já no Revivalismo este facto não consiste em novidade dado que é a opção mais escolhida nesta conjuntura.

4.2.4. Madeira e Verniz

Exceptuando o retábulo da estátua de São Xavier na Igreja do Bom Jesus em Velha Goa-Tiswadi (ver Catálogo – nº590) datado da 1ª metade do século XVIII, todos os retábulos desta técnica são de retábulos desde a 1ª metade do Século XX.

4.2.5. Madeira Envernizada e Dourada

O uso desta técnica verifica-se durante o século XX. São retábulos revivalistas que pontualmente usam douração, maioritariamente para destacar frisos ou gramáticas decorativas.

4.3. Metais Nobres

4.3.1. Prata

Corresponde ao relicário de São Francisco Xavier na Igreja do Bom Jesus (Velha Goa-Tiswadi) executado em Goa por volta de 1636 por artistas goeses não identificados. É um trabalho fino com incrustações de pedras preciosas e painéis batidos em médio-relevo (ver Catálogo – nº 582)

4.4. Materiais Pétreos Nobres

4.4.1. Mármore

Corresponde ao trono que suporta o relicário de prata de São Francisco Xavier. Foi executado em Itália em 1697 e transportado para Goa. É constituído pelos seguintes materiais marmóreos: pedra de veios brancos, pretos e amarelos, e elementos escultóricos em alabastro.

4.5. Outros Materiais Pétreos

O uso da alvenaria está restrito à produção retabular a partir do século XX. Corresponde a retábulos localizados nas Ousias de pequenas capelas, geralmente edificadas durante o século XX.

4.5.1. Alvenaria

Esta entrada no gráfico corresponde a um único altar na Capela de São Sebastião em Neurá-Tiswadi (ver Catálogo – nº 397) na forma de trono de degraus com simples caiação.

4.5.2. Alvenaria na Técnica de Esgrafito

A técnica de esgrafito constitui-se numa técnica que é aplicada a fresco. O pigmento vermelho é aplicado em toda a superfície. Depois procede-se ao *recorte* que é demarcado por stencil sobre a superfície para a obtenção da área que irá ser escavada. Por fim, a área escavada é preenchida por cal e areia de baixa granulometria e toda a superfície limpa para retirar excessos de cal que tenham ficado sobre o vermelho. Toda a operação é efectuada em pequenas janelas ou jornas que surge a partir da palavra *giornata* cujo tamanho depende da capacidade técnica do artista para evitar que a área que está a trabalhar seque antes de ser trabalhável.



Figura 12 – Técnica de Esgrafito em Goa

Temos no *taluka* de Tiswadi um exemplar nestas condições, localizado na sacristia da Igreja de São Matias (Naroa-Tiswadi) datado de cerca de 1700 (ver Catálogo – nº XX).

4.5.3. Alvenaria Policromada e Dourada

Este material e esta técnica associada são usados em exclusivo no século XX correspondendo a retábulos revivalistas.

4.5.4. Alvenaria e Mármore

Este singelo altar está sito na Capela de Nossa Senhora da Saúde (Saúde-Tiswadi) e data do século XX (ver Catálogo – nº 502)

4.6. Técnica de Pintura

4.6.1. Pintura Mural

No *taluka* de Tiswadi encontramos um exemplar executado durante o Proto-Barroco desenvolvimento nesta técnica, na sacristia da Igreja do Bom Jesus (Velha Goa-Tiswadi) e que é datado de 1654 (ver Catálogo – nº 594)

Periodização

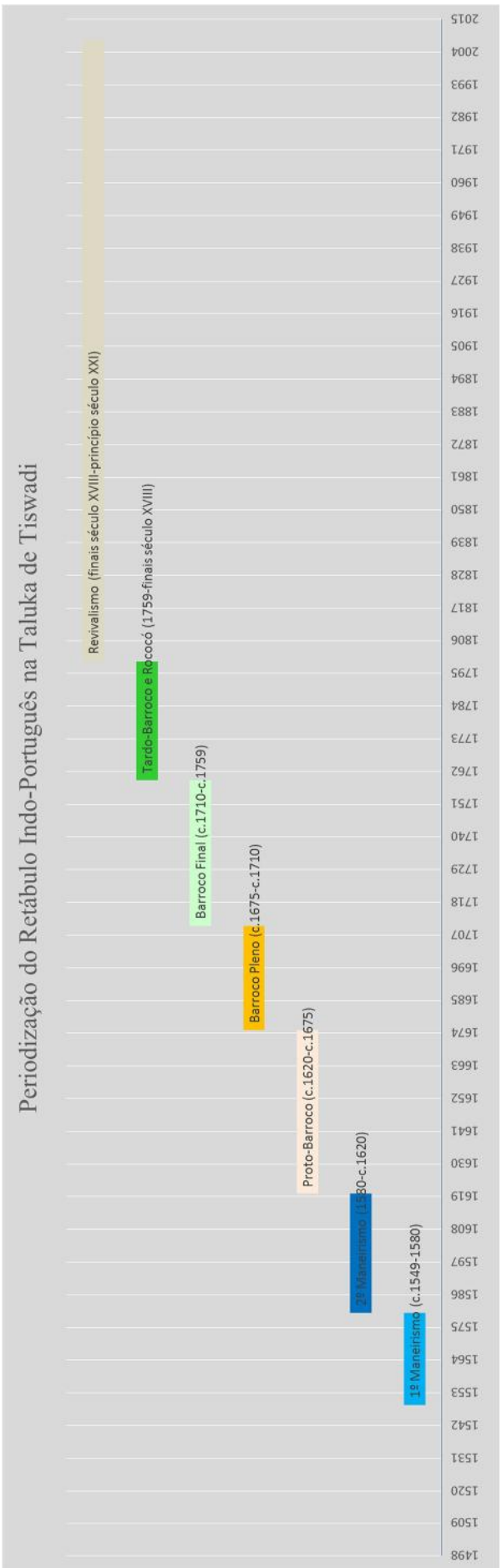


Gráfico 16 - Periodização do Retábulo no taluka de Tiswadi de acordo com as datas de execução que foram apuradas

5. Periodização

No território inventariado assiste-se numa primeira fase a um período em que a produção retabular era produzida no reino e exportada nos navios. Num segundo momento, o retábulo passa a ser executado por artesãos locais no momento em que se toma conhecimento de existirem nestas terras artesãos hábeis na arte do entalhe.

A partir do momento em que se assume que na Índia havia artistas capazes de fazer a arte desejada, e que o transporte de retábulos do reino se considerou se inviabilizou devido às condições a que estavam sujeitos[413], observa-se um aumento da produção retabular que se prolonga até ao Tardo-Barroco e Rococó.

Estas duas realidades deixam-nos com duas conclusões importantes: numa primeira instância os retábulos são importados do reino. Deverá corresponder maioritariamente a pequenos retábulos portáteis mas igualmente outros de grande porte. Posteriormente, num período de cerca de quarenta anos podemos assumir que coexistiram retábulos importados do reino e retábulos executados pelos artistas locais, o que corresponde sensivelmente ao início da terceira conjuntura que verificámos neste *taluka*.

Analisemos agora por conjunturas os dados que a total inventariação dos retábulos nos devolvem.

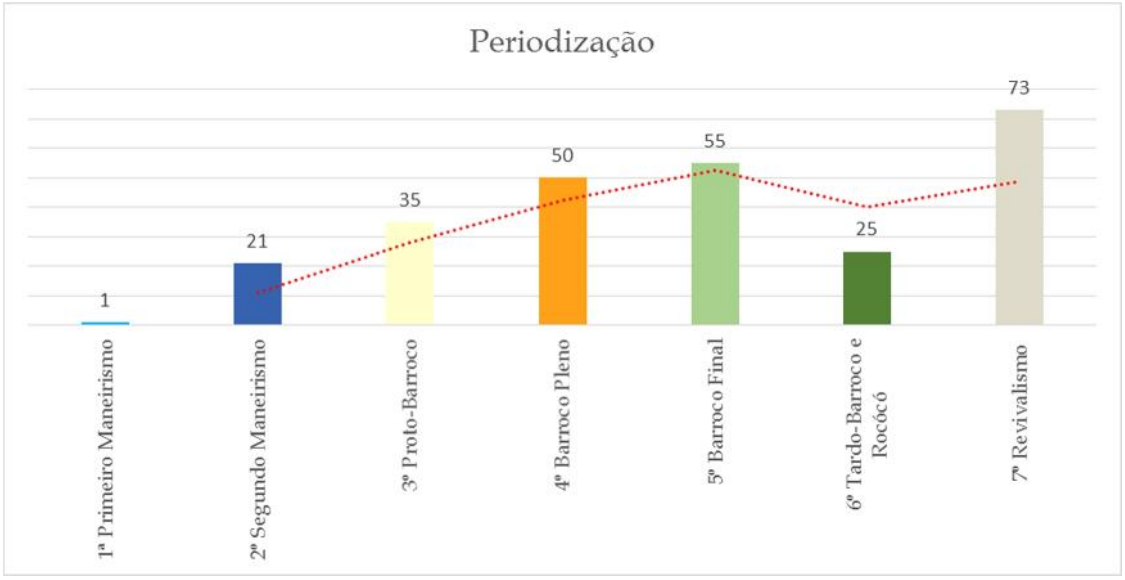


Gráfico 17 – Periodização: produção retabular do taluka de Tiswadi

[413] Pedro Dias, «Retábulos Indo-Portugueses da Renascença ao Início do Barroco», em *El Retablo - Tipologia, Iconografia y Restauration* (IX Simposio Hispano-Portugués de Historia del arte, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2002), 100.

Atitude Anti-Clássica e Decoro Tridentino

Primeiro Maneirismo

c.1549 – 1580

Retábulo da Ousia na Igreja do Priorado do Rosário (c.1549)

Monte Sacro-Tiswadi

5.1. 1º Maneirismo (c.1549 – 1580)

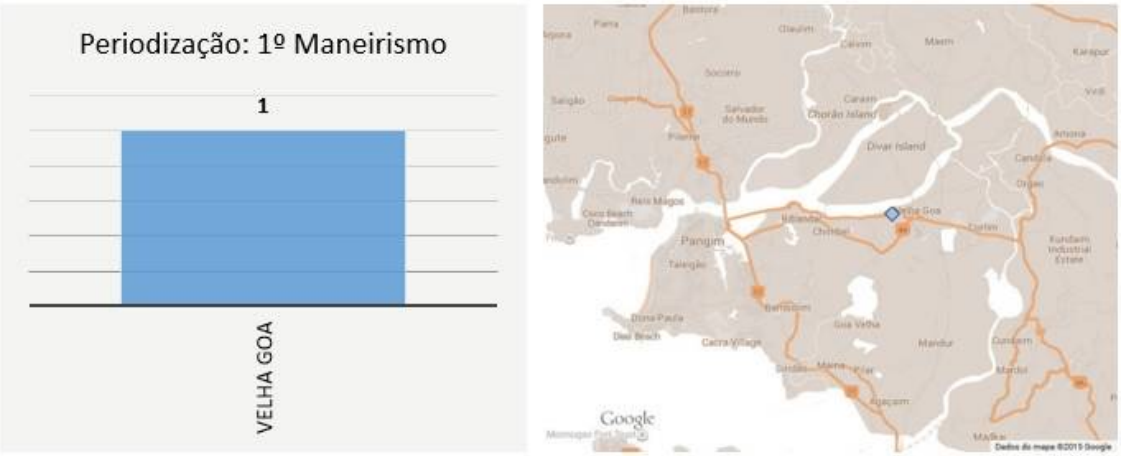


Gráfico 18 - Periodização: o 1º Maneirismo

A investigação presenteou-nos com um dado que não havia ainda sido identificado por outros autores em bibliografias já existentes que nos permite com toda a fiabilidade posicionar a periodização para os retábulos do 1º maneirismo.

O retábulo que se venera na Ousia da Capela do Priorado do Rosário no Monte Sacro-Tiswadi foi mandado executar no reino em 1549. É o único nesta conjuntura, um retábulo que seria composto de pinturas nos intercolúnios – hoje inexistentes – com colunas de fuste estriado e diferenciação do imoscapo. Sobre o ciclo de pinturas não nos podemos debruçar, pelas óbvias razões acima indicadas.

A gramática decorativa, para além dos imoscapos, situa-se em exclusivo no embasamento, entablamentos e ático e compõe-se de grinaldas florais mescladas com figuras fantásticas, fénixes e pelicanos, o tipo de linguagem ornamental que vem descrita nas gravuras, por exemplo de Hans Vredeman de Vries[414] tal como podemos ver nestes exemplos comparados retirados de duas estampas[415]:

[414] Hans Vrederman de Vries, *Multarum variarum'que protractionum ... libellus vtilissumus, iam recens delineatus per Iohannem Vreedmannum Frisius:* (Antuerpia: Gerardus Iudaeus, 1555), http://books.google.pt/books?id=d4lFywAACAAJ.

[415] Hans Vrederman de Vries, *Grottescho, in diversche manieren (E.1200-1923)*, Gravura, 1560 de 1555, E.1200-1923, http://collections.vam.ac.uk/item/O119307/grottesco-in-diversche-manieren-engraving-hans-vredeman-de/; Hans Vrederman de Vries, *Grottescho, in diversche manieren (E.360-1926)*, Gravura, 1560 de 1555, E.360-1926, http://collections.vam.ac.uk/item/O119307/grottesco-in-diversche-manieren-engraving-hans-vredeman-de/.



Figura 13 - Detalhes iconográficos no Retábulo da Ousia na Capela do Priorado do Rosário (Velha Goa-Tiswadi) comparados com os brutescos projectados por Vries: dragões (cima, esquerda) e pelicanos e frutos (cima, direita) e fénixes (baixo).

Nesta conjuntura a gramática decorativa na talha restringe-se aos embasamentos, entablamentos. É um retábulo narrativo, exemplo do que era habitual nesta conjuntura. Apesar de corresponder a uma encomenda, mas que surge no irromper da conjuntura em Portugal, vem provar que não existem razões para perpetuar a ideia de um lapso estilístico de 20-30 anos entre Portugal e a Índia Portuguesa, ideia que já tinha sido expressada por Paulo Varela Gomes[416].

[416] Paulo Varela Gomes, *Whitewash, red stone : a history of church architecture in Goa* (New Delhi: Yoda Press, 2011), 34.

Prenúncios do Triunfalismo Católico
Segundo Maneirismo

1580 – c.1620

Retábulos Colaterais na Igreja de Nossa Senhora de Belém (1580)

Bambolim-Tiswadi

Retábulo da Ousia na Igreja de São João Evangelista (c.1614)

Neurá Pequeno-Tiswadi

5.2. 2º Maneirismo (1580 – c.1620)

Os retábulos pertencentes a esta conjuntura estão maioritariamente concentrados na Velha Cidade – Velha Goa distribuindo-se posteriormente pelas seguintes paróquias:

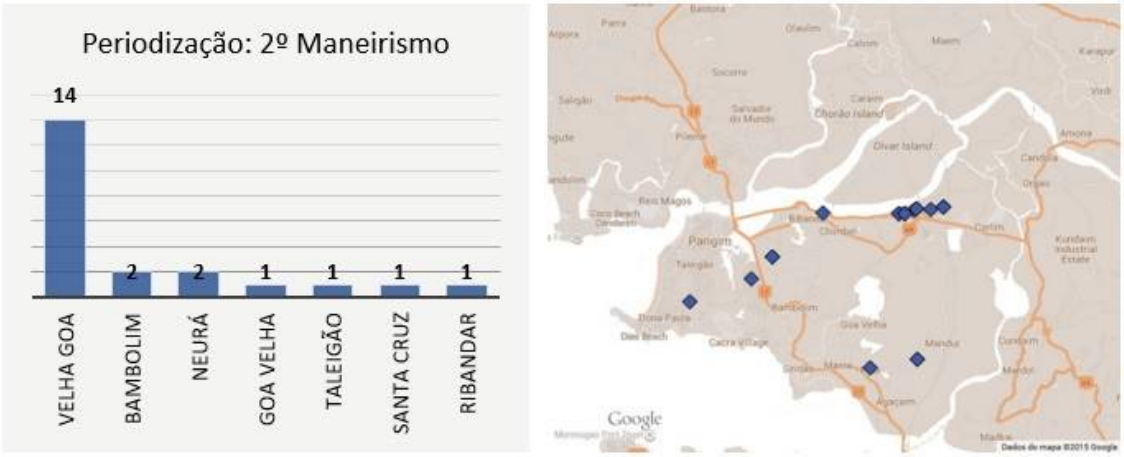


Gráfico 19 – Periodização: o Segundo Maneirismo distribuído por paróquias

Aparte da centralização de exemplares em Velha Goa, podemos ver que que a distribuição é consistente com as datas de edificação dos primeiros edifícios religiosos: Bambolim (1613), Neurá (1514), Goa Velha (1583), Taleigão (1544), Santa Cruz (1565), Ribandar (1551). Predominam os retábulos de um corpo e um tramo (15 exemplares) cujo modelo compositivo é quase invariavelmente de intercolúnio entre duas colunas (7 exemplares), uma de cada lado, e entre colunas duplas (5 exemplares), duas colunas de cada lado. Como exemplo desta conjuntura destacamos o retábulo do Senhor Crucificado na sacristia da Igreja de São João Evangelista em Neurá-Tiswadi (ver Catálogo – nº390). Seguem-se por ordem de quantidade os retábulos de dois corpos e três tramos. Um dos exemplares nesta tipologia é o retábulo da Ousia da Igreja de São João Evangelista em Neurá-Tiswadi (ver Catálogo – nº XX). Posteriormente de um corpo e três tramos na Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria em Velha Goa-Tiswadi, os retábulos de São Pedro e de Nossa Senhora das Necessidades, e um apenas de quatro corpos e cinco tramos que corresponde ao retábulo do corpo da Capela do Priorado do Rosário (ver Catálogo – nº 384).

Os retábulos desta conjuntura continuam a utilizar os formulários artísticos que já eram conhecidos. As colunas são igualmente de fuste estriado com diferenciação do imoscapo, a gramática decorativa faz bastante uso das clássicas cartelas com

enrolamentos, presentes nos já referidos tratados. Os retábulos são quase exclusivamente devocionais a um tema. Os seguintes usos e funções que subsistem nesta conjuntura são por ordem de quantidade: devocionais a três temas, Narrativos, Eucarístico e Vários Temas.

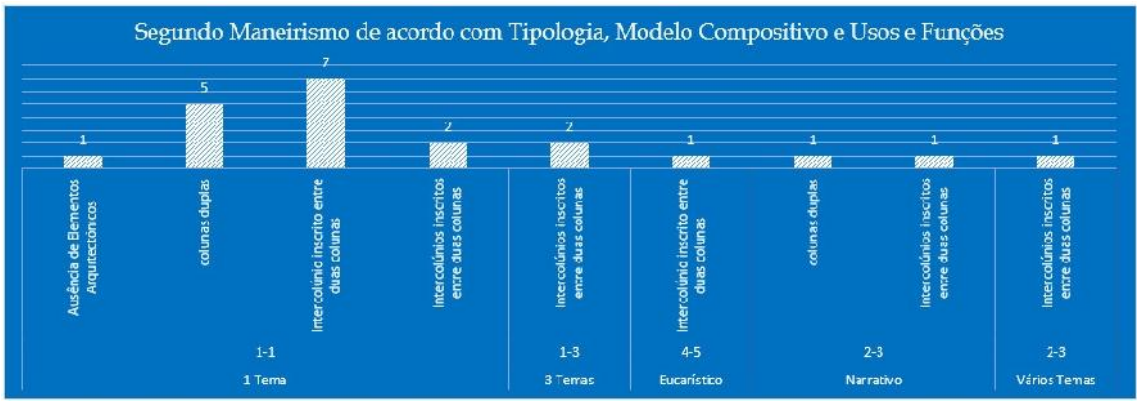


Gráfico 20 – Segundo Maneirismo de acordo com Tipologia, Modelo Compositivo e seus Usos e Funções

Destacamos os retábulos da Capela de Nossa Senhora do Monte (Ella-Tiswadi) que apresentam ainda ciclos de pintura com excelente qualidade e muito bem preservadas (ver Catálogo – nº384) e os retábulos colaterais da Capela do Priorado do Rosário, Monte Sacro-Tiswadi (ver Catálogo – nº646). Destacamos a título de exemplo o embasamento nos retábulos colaterais, que demonstra a influência das composições nas estampas artísticas de Vries[417]:

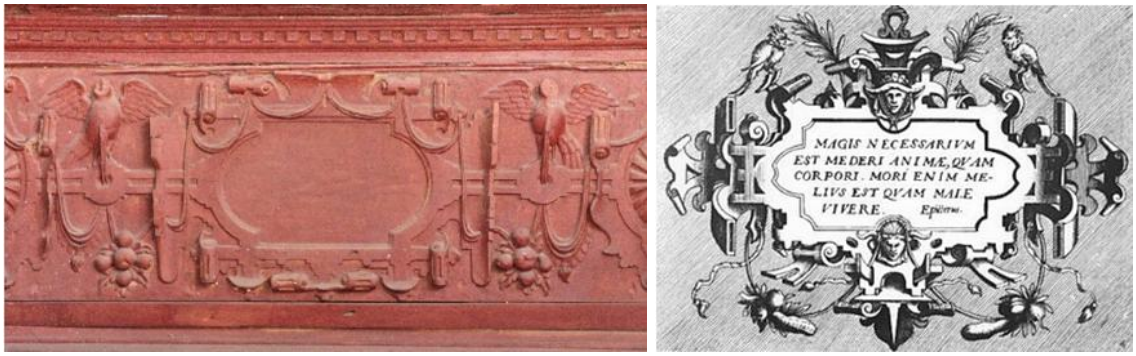


Figura 14 – Detalhe no embasamento dos retábulos colaterais da Capela do Priorado do Rosário (Monte Sacro-Tiswadi) e uma estampa da referida obra de Jan Vredeman de Vries "Multarum variarumque protactionum (…)"

[417] J.V. Vries, *Recueil de cartouches inventées par Jan Vredeman de Vries: Reproduction facsimile de l'édition originale. [Faksimile-Titel:] Multarum variarumque protactionum (Compartimenta vuglus pictorum vocat) libellus utilissimus, i am recens delineatus per Johannem Vreedmannum Frisium [Jan Vredeman de Vries]. Geraldus Judacus excudebat Antverpiae M. D. L V* (G. A. van Trigt, 1870), 5, https://books.google.pt/books?id=eo5SAAAAcAAJ.

Nesta conjuntura foi ainda possível identificar um sacrário das extintas igrejas de Goa, neste caso, o sacrário que pertenceu ao Convento de Nossa Senhora do Carmo (Velha Goa-Tiswadi) e que foi relocalizado no retábulo colateral da Igreja de Nossa Senhora de Penha de França (Britona-Bardez) e que pode ser consultado no Apêndice Fotográfico (figura nº63, p.1041).

Proto-Barroco
c.1620 – c.1675

Retábulo da Ousia na Igreja de Santa Maria do Convento de Santa Mónica (c.1620-25)

Monte Sacro-Tiswadi

Arco Triunfal na Igreja do Bom Jesus (c.1655-98)

Velha Goa-Tiswadi

5.3. Proto-Barroco (c.1620 – c.1675)

Os retábulos pertencentes a esta conjuntura estão maioritariamente concentrados na Velha Cidade – Velha Goa distribuindo-se posteriormente pelas seguintes paróquias:

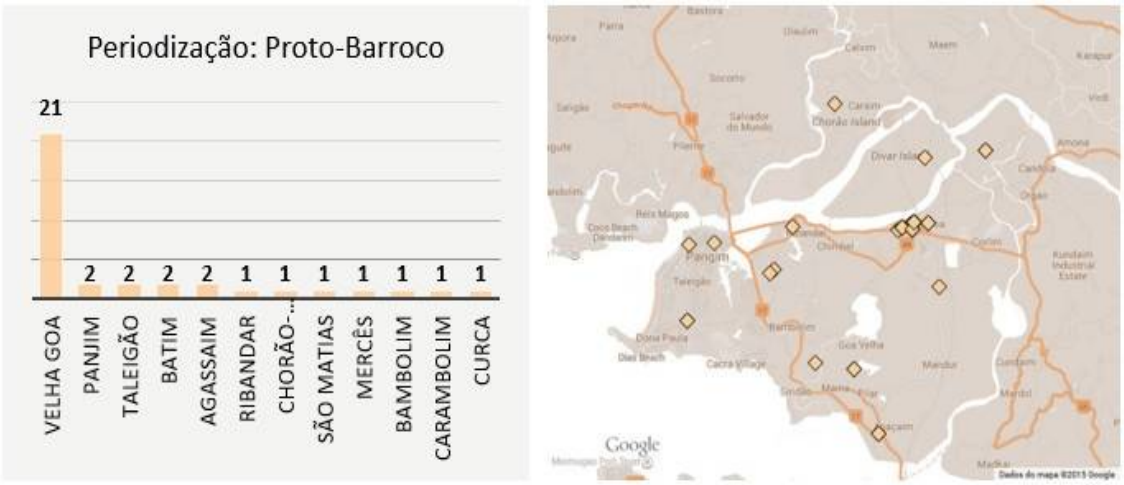


Gráfico 21 - Periodização: o Proto-Barroco distribuído por paróquias

Excluindo o núcleo de Velha Goa, os dados são consistentes com as datas de edificação dos primeiros edifícios religiosos durante o século XVI. Já durante o século XVII edificaram-se novas igrejas, reedificaram-se alguns outros locais e elevaram-se outros a paróquias: Santo Estevão (reedificado em 1683), Pangim (reedificado em 1619), Bambolim (1613), Curca (1650), Chorão-São Bartolomeu (reedificado em 1642), Mercês (elevada a paróquia em 1613).

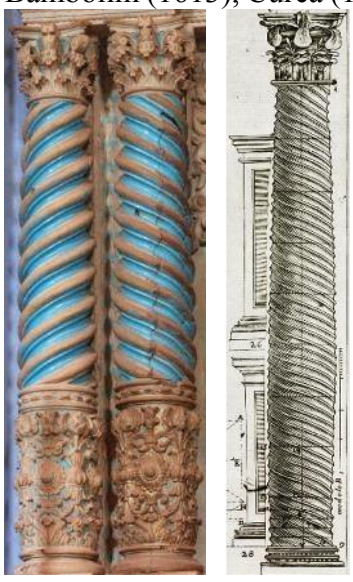


Figura 15 – Colunas dos retábulos do corpo da Igreja do Espírito Santo (Naroa-Tiswadi) e estampa de Guarino Guarini (1683)

Nesta conjuntura assume-se a predilecção de retábulo de um só corpo e tramo com colunas duplas como modelo compositivo, condições excelentes para a devoção a um só tema. Como exemplos temos os retábulos do corpo da Igreja do Espirito Santo em Naroa-Tiswadi. As colunas duplas – na particularidade de estrias com ritmo helicoidal – são exemplo de conhecimento dos tratados de arquitectura neste caso em concreto do Tratado de Guarino Guarini de 1683 editado postumamente mas que circulou no meio artístico antes de ter ido à prensa[418].

[418] Guarino Guarini, *Architettura Civile Del Padre D. Guarino Guarini Cherico Regolare Opera Postuma Dedicata a Sua Sacra Reale Maesta*, Facsimile edition [1737] (Turim: Gregg

Denota-se com bastante clareza a circulação de variados tratados de arquitectura durante o Proto-Barroco. Podemos distinguir, por exemplo, no retábulo das Santas Almas localizado no corpo da Igreja de São Miguel Arcanjo em Taleigão-Tiswadi a influência das estampas de Juan Baptista Villalpando[419]:

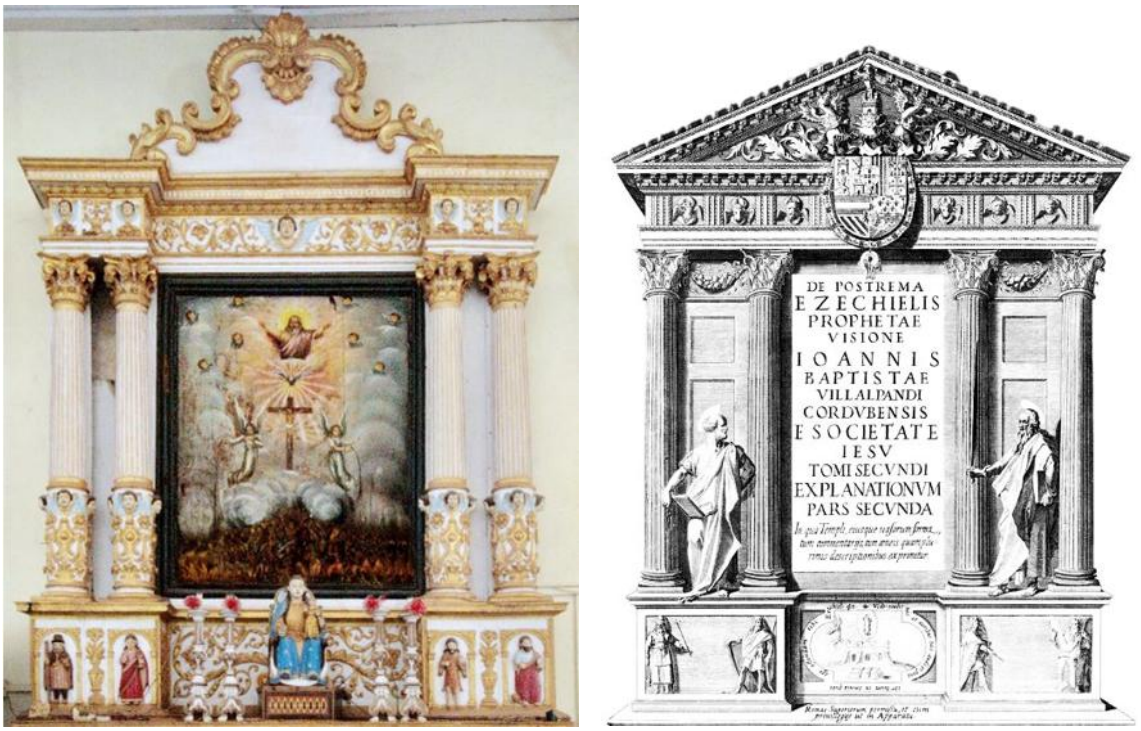


Figura 16 – Retábulo das Santas Almas, possivelmente da Quinta Jesuita em Cullanvaiguinim-Tiswadi, denota a influência das estampas de Villalpando

Tal como o as estampas de Sebastiano Serlio[420], nos retábulos colaterais na Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe em Batim-Tiswadi. Vejamos a solução do frontão curvo:

International, 1964); Susan Klaiber, «Guarini e Parigi: Intercambio culturali e critici», em *Sperimentare l'architectura. Guarini, Juvarra, Alffieri, Borra e Vittone*, G. Dardanello ed. (Turim, 2001), 15–36.

419 J. Prado e Chapitre cathédral, *Hieronymi Pradi et Joannis Baptistae Villalpandi... In Ezechielem explanationes et apparatus urbis ac templi Hierosolymitani commentariis et imaginibus illustratus...*, Hieronymi Pradi et Joannis Baptistae Villalpandi... In Ezechielem explanationes et apparatus urbis ac templi Hierosolymitani commentariis et imaginibus illustratus (ex typographia Aloysij Zannetti, 1596), http://books.google.pt/books?id=9QFTZCaaj9oC.

420 Sebastiano Serlio, *Tutte l'opere d'architettura*, 1600, liv. 6, http://books.google.pt/books?id=5upPAAAAcAAJ.



Figura 17- Frontão dos retábulos colaterais na Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe (Batim-Tiswadi) e estampa do Livro 6 de Sebastiano Sérlio

Identificamos igualmente nos retábulos da Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi) o conhecimento dos tratados serlianos. Neste exemplo, conjugamos duas estampas do livro VI – a estampa XX (mostrando o frontão com o óculo) e a estampa VIII (com as colunas duplas assentes duas a duas em pedestais). Tanto este retábulo de São Sebastião mas igualmente nos retábulos de São Bernardo, Espirito Santo e de Nossa Senhora das Virtudes (ver Catálogo – nº554, 556 e 558) podemos ver a influência do tratado e das estampas que mencionamos:

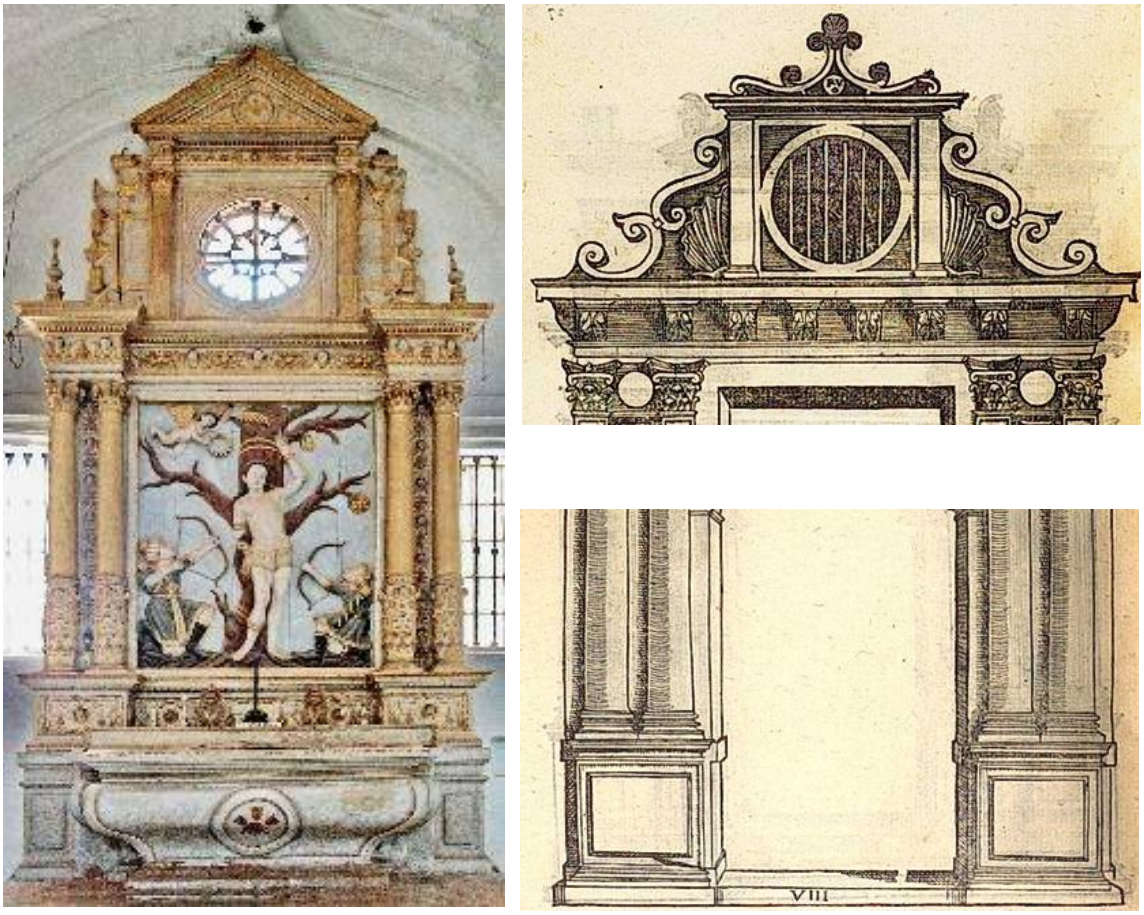


Figura 18 – Retábulo de São Sebastião na Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi) e uma montagem das estampas serlianas do Livro VI: estampa XX (esquerda, cima) e VIII (esquerda, baixo).

Os retábulos devocionais a vários temas são nesta conjuntura os que a seguir aos anteriores mais exemplares subsistiram. O modelo compositivo adoptado é o de intercolúnio (s) inscrito (s) entre duas colunas. Destes destacamos o retábulo da Ousia da Igreja de Santa Maria do Convento de Santa Mónica (Velha Goa-Tiswadi) que corresponde igualmente ao retábulo cabeça de lista para esta conjuntura.

Os retábulos Narrativos, na tipologia de um corpo e três tramos ou de dois corpos e três tramos, adoptando igualmente as colunas duplas como modelo compositivo subsistem três exemplares e o mais significativo é o da Ousia da Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria, Velha Goa-Tiswadi (ver Catálogo – nº 534).

No caso dos retábulos Eucarísticos – os dois que subsistem nesta conjuntura – adoptam a tipologia de um corpo e um tramo (retábulo da Ousia da Igreja do Espírito Santo do Convento de São Francisco, Velha Goa-Tiswadi, ver Catálogo – nº608) e de dois corpos e dois tramos (este último na realidade corresponde a uma composição de dois elementos de conjunturas artísticas diferentes; corresponde ao Trono do sacrário do Santíssimo Sacramento na Igreja do Bom Jesus, Velha Goa-Tiswadi, ver Catálogo – nº 580). Ainda nesta conjuntura subsistem dois retábulos relicários e um retábulo com Múltiplas Funções.

Esta conjuntura artística, de acordo com os modelos compositivos, tipologias e seus usos e funções está representada no gráfico que pode ser consultado nos Anexos

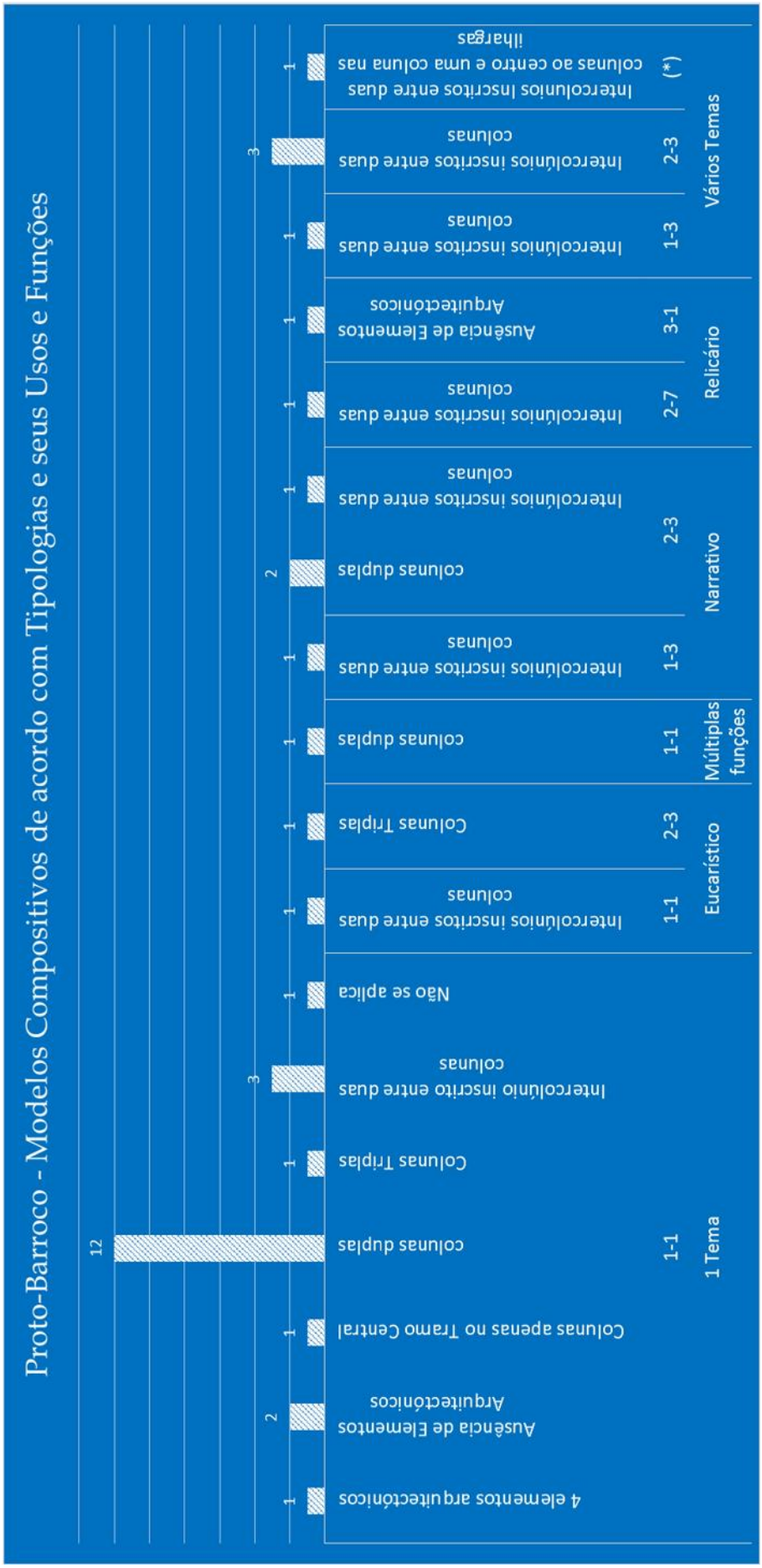


Gráfico 22 - A conjuntura do Proto-Barroco de acordo com Tipologias, Modelos Compositivos e Usos e Funções

(*) Baldaquino com 3 faces e Domo

Barroco Pleno
C.1675 – c.1710

Retábulos do Corpo da Igreja da Divina Providência (c.1675)

Velha Goa-Tiswadi

Retábulo de Nossa Senhora do Cenáculo (c.1710)

Naroa-Tiswadi

5.4. Barroco Pleno (c.1675 – c.1710)



Gráfico 23 - Periodização: o Barroco Pleno distribuído por paróquias

O Barroco Pleno em Goa terá sido impulsionado pela campanha de obras na Igreja da Divina Providência em Velha Goa-Tiswadi, nomeadamente a execução da sua fachada entre 1673-75[421], data em que os retábulos do corpo da igreja terão igualmente sido executados. Uma das inovações artísticas que é transversal a todo o território europeu é a inclusão da coluna torsa. Em Goa esta inovação é aceite e implementada em dois modelos compositivos predominantes – retábulos com colunas triplas ou colunas duplas. Pelo que conseguimos apurar, os retábulos do corpo da Igreja da Divina Providência em Velha Goa-Tiswadi terão sido os primeiros exemplares a adoptarem o modelo compositivo de colunas triplas bem como os primeiros a implementarem uma solução de colunas diferenciadas em três terços[422].

[421] Para este tema, consultar as obras dos autores: Moreira, «A Igreja de São Caetano de Goa e a Arquitectura Portuguesa do Século XVII»; Joaquim Rodrigues dos Santos, «Da Roma Eterna à Roma do Oriente: Sobre a Problemática do Enquadramento Visual de Fachadas de Duas Torres com Zimbórios Centrais na Arquitectura Religiosa Goesa», *Cadernos PPG-AU - Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia*, Interfaces entre a arquitectura religiosa e a construção da paisagem urbana nas colónias lusitanas, n. 11 (2014): 39–58; Gomes, *Whitewash, red stone*, 119.

[422] Os dois outros exemplares que se detectaram com elementos arquitectónicos com diferenciação de três terços são posteriores, já no Barroco Final: Retábulo da Ousia da Igreja de São João Evangelista em Neurá Pequeno-Tiswadi (ver Catálogo – nº XX) e Retábulo da Estátua de São Francisco Xavier no corpo da Igreja do Bom Jesus em Velha Goa-Tiswadi (ver Catálogo – nº XX).

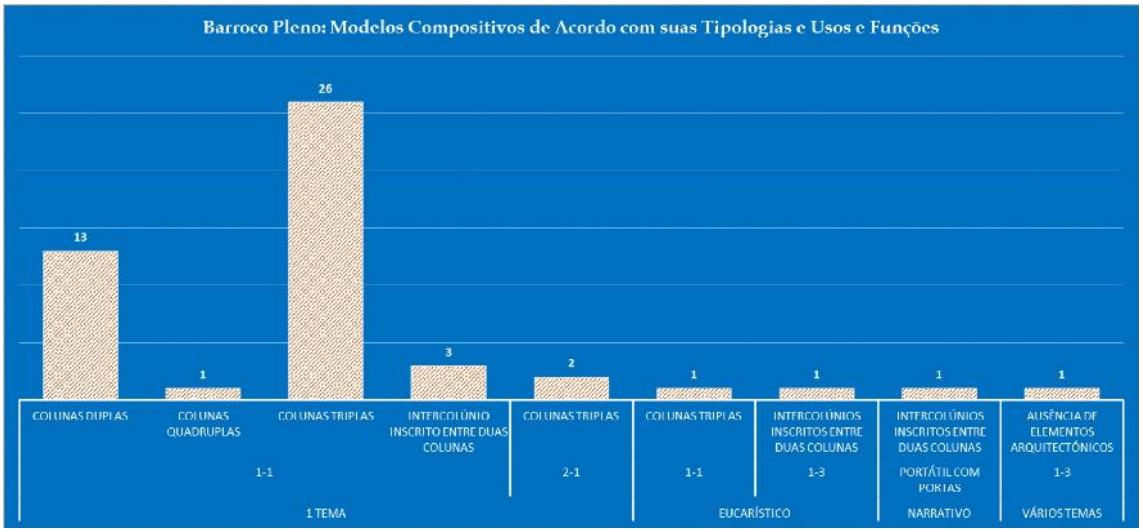


Gráfico 24 – O Barroco Pleno de acordo com os Modelos Compositivos, Tipologias e Usos e Funções

Outra das novidades já testadas nalguns exemplares do Proto-Barroco[423] é o aumento de exemplares com camarins, localmente designados por *nichos-capelinhas* – dada a configuração que têm: grandes dimensões, entrada de luz, abóbadas forradas a talha, etc. um dos exemplos nesta conjuntura é o retábulo da Ousia de São Pedro em São Pedro-Tiswadi (ver Catálogo – nº 508).

Num momento inicial a coluna torsa é revestida com todos os elementos iconográficos característicos da liturgia: cachos de uvas, parras, cabeças de serafins ou *putti*, fénixes. Vejamos a diversidade da gramática decorativa nos elementos arquitectónicos que podem encontrar-se em retábulos do *taluka* de Tiswadi:



Figura 19 – Elementos arquitectónicos dos retábulos na Capela de Nossa Senhora da Boa Ventura (Toldó-Tiswadi) e retábulos do corpo da Igreja da Divina Providência (Velha Goa-Tiswadi)

[423] Por exemplo, o retábulo da Ousia da Igreja do Espírito Santo do Convento de São Francisco (Velha Goa-Tiswadi). Ver Catálogo – nº608.

Predominam os retábulos com uso de colunas torsas com diferenciação do imoscapo cujo modelo compositivo são as colunas triplas. O segundo grupo com mais aceitação são retábulos com uso de colunas torsas com diferenciação do imoscapo cujo modelo compositivo corresponde a colunas duplas.

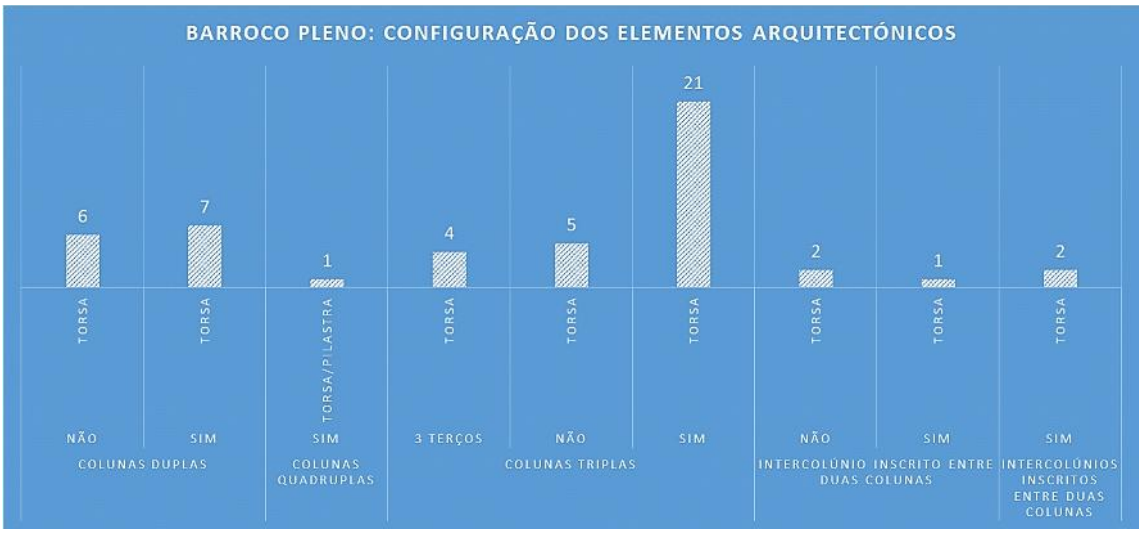


Gráfico 25 – Os elementos arquitectónicos durante o Barroco Pleno

O exemplar desta conjuntura que destacamos pelas características formais é o da Ousia da Igreja do Bom Jesus em Velha Goa-Tiswadi (ver Catálogo – nº570) datado do 2º quartel do século XVII, um exemplar que apresenta um modelo compositivo singular, de quatro elementos arquitectónicos, na sequência de duas colunas + pilastra + coluna (leitura das ilhargas para o centro).

A produção retabular no *taluka* de Tiswadi é homogénea, ou seja, é a mesma que depois se vai verificar nos *taluka* adjacentes, quer das Velhas ou das Novas Conquistas. É uma talha que difere, por exemplo, da talha da Província do Norte, sobretudo nesta conjuntura. No entanto, existem alguns exemplares que não se encaixam no conjunto retabular goês deixando-nos a pensar se algum artista habituado a encomendas nesses territórios mais a norte terá executado esses retábulos em Goa. As diferenças entre uma e outra produção retabular residem sobretudo na gramática decorativa surgindo o preenchimento total dos elementos arquitectónicos mas igualmente ao nível da perspectiva, dinamizando o retábulo para perspectivas convexas.

O retábulo de Nossa Senhora dos Remédios localizado na Igreja de São Pedro (São Pedro-Tiswadi) e que é oriundo do extinto Colégio de São Tomás de Aquino (Panelim-Tiswadi) é um desses casos (ver Catálogo – nº512).

Barroco Final
c.1710 – c.1759

Retábulo da Ousia na Igreja da Divina Providência (c.1710)

Velha Goa-Tiswadi

Retábulos das Santas Almas e de Nossa Senhora do Monte (2ª metade século XVIII)

Boa Vista-Tiswadi

Actualmente em Calangute-Bardez

5.5. Barroco Final (c.1710 – c.1759)



Gráfico 26 - Periodização: o Barroco Final distribuído por paróquias

Tal como se verificou na conjuntura anterior, é pelas mãos dos Teatinos que se abre o capítulo do Barroco Final em Goa. O retábulo da Ousia da Igreja da Divina Providência em Velha Goa-Tiswadi é um exemplar único em todo o território e abre precedentes na produção retabular goesa, influenciando pelo menos dois outros retábulos, o da Ousia da Igreja de São Lourenço em Agassaim-Tiswadi (ver Catálogo – nº 311) e o da Ousia da Igreja de Santa Cruz em Verna-Salcete (ver Apêndice Fotográfico, Fig. 67, p. 1045).



Figura 20 - Retábulos da Ousia nas Igrejas da Divina Providência em Velha Goa-Tiswadi (esquerda), Igreja de São Lourenço em Agassaim-Tiswadi (centro) e Igreja de Santa Cruz em Verna-Salcete (direita)

No que respeita à gramática decorativa, assistimos a inclusão de elementos iconográficos de grande erudição introduzidos pelo retábulo da Divina Providência. Trazemos o exemplo que é uma cópia fiel da consulta das estampas, um detalhe iconográfico no embasamento do retábulo da Ousia na Igreja da Divina Providência em

Velha Goa-Tiswadi (ver Catálogo – nº598) as fénixes entrelaçando as caudas debaixo da representação de um querubim com suas quatro asas abertas[424], os cachos de frutos. Esta gramática decorativa é retirada directamente de uma estampa de Juan Baptista Villalpando[425]:



Figura 21 – Detalhe do embasamento no retábulo da Ousia da Igreja da Divina Providência (Velha Goa-Tiswadi)



Figura 22 – Estampa de Juan Baptista Villalpando de onde se filia o detalhe iconográfico citado na Fig. anterior

[424] Os querubins são citados na Bíblia como seres com asas e uma forma semelhante a humana (Êxodo 25. 20). Nalgumas passagens os querubins assumem a forma de animais (Ezequiel 41. 18-19). Noutras são descritos tendo formas estranhas, com características de pessoas e animais. Na passagem de Ezequiel 1. 5- 8, tinham 4 rostos, 4 asas, mãos que saiam de debaixo das asas, etc. São seres que estão ligados a glorificação da majestade e grandeza de Deus (Apocalipse 4. 6-8).

[425] Prado e cathédral, *Hieronymi Pradi et Joannis Baptistae Villalpandi... In Ezechielem explanationes et apparatus urbis ac templi Hierosolymitani commentariis et imaginibus illustratus...*

Outros tratados, como de Jean Le Pautre[426], podem igualmente ter fornecido inspiração para o imaginário retabular tal como o exemplo que aqui vemos comparado, retirado do retábulo da Ascensão de Nossa Senhora no Museu do A.S.I. em Velha Goa-Tiswadi (ver Catálogo – nº624).



Figura 23 – Detalhe no Retábulo da Ascensão de Nossa Senhora no Museu do A.S.I. (Velha Goa-Tiswadi) e estampa da obra de Jean Le Pautre.

A composição retabular durante esta conjuntura consiste no prolongamento do léxico decorativo e formal que já havia sido testado durante a conjuntura anterior. As alterações dão-se na perda de algum desse léxico nos exemplares charneira com a conjuntura seguinte. Nos elementos arquitectónicos desaparecem as fénixes e os anjos, *putti* e cachos de uvas. Passa a decorar-se a coluna com acantos, muitas vezes indiferenciados, quase sempre na garganta da coluna. Nestas características são exemplares de relevo o retábulo das Santas Almas no transepto da Sé Catedral de Santa Catarina em Velha Goa-Tiswadi (ver Catálogo n.º544).

[426] Jean Le Pautre, *Oeuvres D'Architecture de Jean Le Pautre (1625-1659)*, vol. Tome Second (Paris Rue Dauphine: Chez Charles-Antoine Jombert, Libraire du Roi, 1751).



Figura 24 – dossel do retábulo colateral na Igreja de Santo Estevão (Santo Estevão-Tiswadi)

Um dos gostos particulares nesta conjuntura é a inclusão de dosséis aos retábulos, que ocorrem nos localizados colateralmente ou no corpo das igrejas. Em Goa não chegamos a verificar os espectaculares dosséis que se vêm em Damão ou Bombaim que emulam caudas de pavão (ver Apêndice Fotográfico – Fig. 66, p.1044). Nestes exemplares goeses os dosséis são mais contidos, adoptando uma configuração rectilínea e gramática decorativa sóbria.

A solução de arcos salomónicos a emoldurar o tramo central, que foi uma tendência do Barroco Pleno em retábulos do reino, surge em Goa tardiamente já no período do Barroco Final. Foi igualmente identificada no retábulo da Capela dos Cónegos ou do Monte Carmelo (Velha Goa-Tiswadi):



Figura 25 – Detalhe do ático no retábulo da Ousia da Capela de Nossa Senhora do Monte Carmelo (Velha Goa-Tiswadi)

Testam-se igualmente novas soluções, sobretudo nas perspectivas e conjugação de vários elementos. O retábulo da Ousia da Igreja de São Lourenço em Agassaim-Tiswadi (ver Catálogo – nº310) é um dos exemplos de inclusão de vários elementos do léxico decorativo do Barroco Final em Goa e do conhecimento de tratadística coeva e antiga: dossel, volutas, cartelas, vegetalismos gordos, elementos que enunciam o rocaille típico da conjuntura seguinte, duplo registo no embasamento configurando o retábulo de maior imponência[427].



Figura 26 – Detalhes no retábulo da Ousia na Igreja de São Loureço (Agassaim-Tiswadi), da esquerda para a direita: pilastras serlianas das ilhargas, dossel sobre resplendor, mísula e detalhe ornamental.

Durante esta conjuntura permanece o gosto pelos modelos compositivos anteriores: colunas triplas com diferenciação do imoscapo. No modelo compositivo de colunas duplas a diferenciação do imoscapo já não é tão relevante.

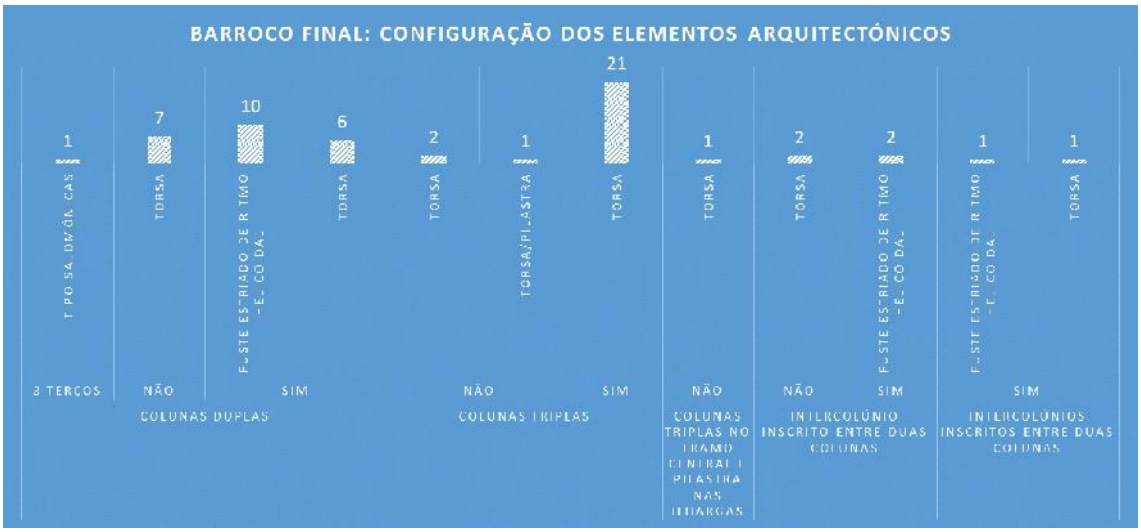


Gráfico 27 – Barroco Final: configuração dos elementos arquitectónicos segundo os Modelos Compositivos, tipo de coluna e diferenciação do imoscapo.

[427] As pilastras Serlianas têm assim o seu nome dos terem sido difundidas nos seus tratados de arquitectura durante o século XVI. É um dos elementos típicos do maneirismo que é adoptado pelo léxico barroco.

Em alguns retábulos assistimos a uma espécie de laboratório de arte, experimentando-se a conjugação dos vários estilos de elementos arquitectónicos que então estariam vigentes. É o caso do retábulo de Santa Isabel Rainha de Portugal localizado Igreja da Senhora do Pilar (Seraulim-Salcete) e que é oriundo da Igreja do Espirito Santo do Convento de São Francisco em Velha Goa-Tiswadi (ver Catálogo – nº614). Neste retábulo são apresentados quatro diferentes soluções de elementos arquitectónicos:

* *Colunas de secção circular*, fuste estriado com estrias helicoidais e diferenciação do imoscapo por meio de anel e pontas de diamante. Imoscapo formado por medalhões, acantos e cachos de frutos.
* *Colunas de secção poligonal*, fuste estriado com estrias helicoidais. Imoscapo com gramática decorativa igual à coluna de secção circular.
* *Colunelos torsos* assentes em mísulas. Diferenciação do imoscapo por meio de anel com pontas de diamante. Gramática decorativa cinge-se à garganta e é composta por medalhões e acantos.
* *Quartelões* com terminação em acantos.

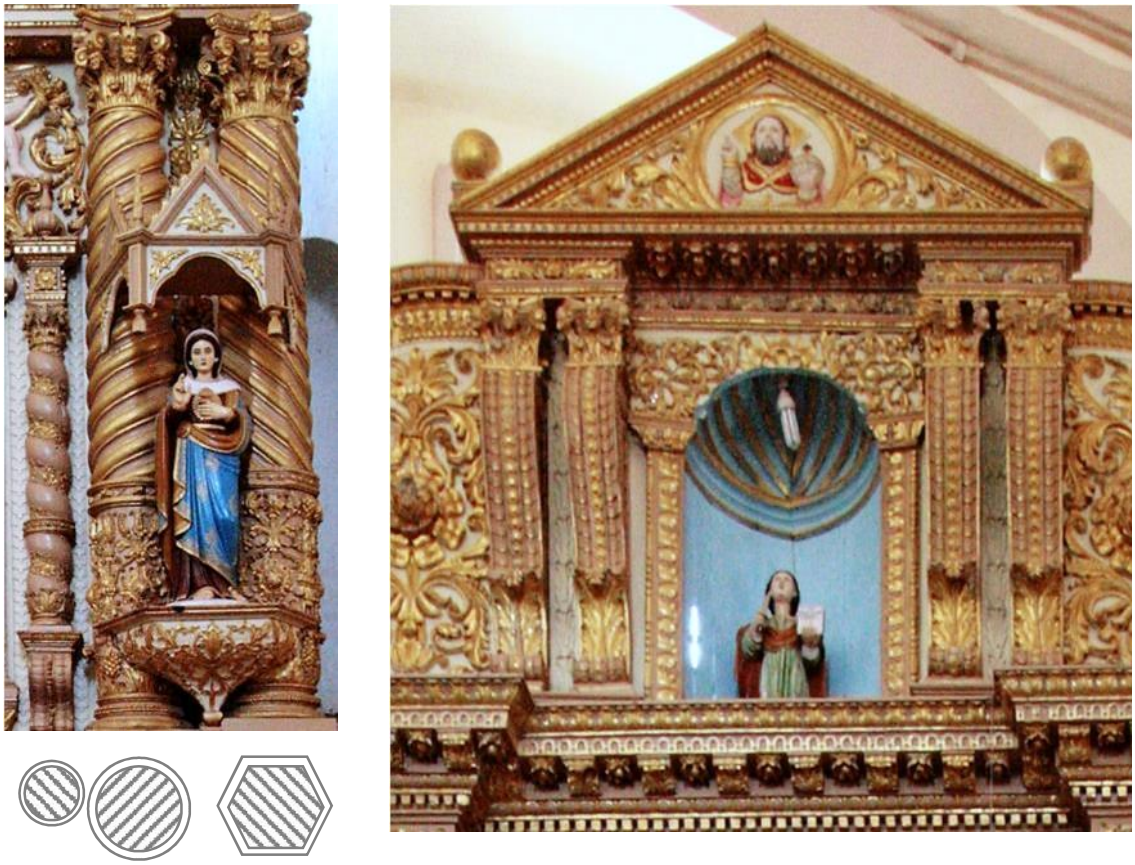


Figura 27 – Quatro elementos arquitectónicos no retábulo de Santa Isabel Rainha de Portugal localizado Igreja da Senhora do Pilar (Seraulim-Salcete), oriundo da Igreja do Espirito Santo do Convento de São Francisco em Velha Goa-Tiswadi

Este elemento arquitectónico que balizamos para esta conjuntura[428], nestas características formais (secção poligonal) é detectado quase em exclusividade nesta igreja detectando-se apenas um outro, o retábulo de Santo António da Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (ver Catálogo –nº564, 618, 620 e 622), elevando a nossa atenção para a possibilidade de presença de uma oficina a trabalhar para estes religiosos durante esta conjuntura.

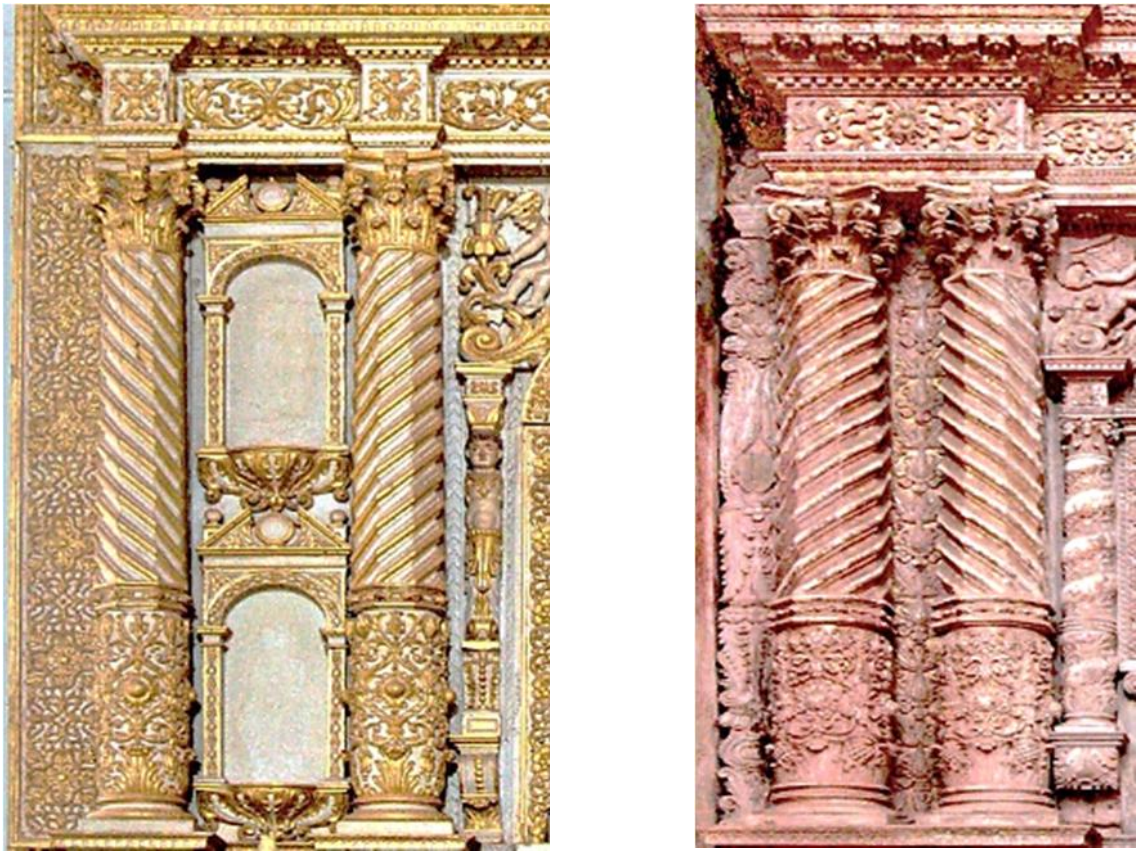


Figura 28 – Colunas de fuste estriado e secção poligonal na Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (esquerda) e Igreja do Espírito Santo do Convento de São Francisco (direita) em Velha Goa-Tiswadi

[428] Datámos os retábulos com colunas de fuste estriado de ritmo helicoidal no 1º quartel do século VIII atendendo à circulação dos tratados onde surgem este tipo de coluna bem como a alguns elementos externos à produção retabular, tal como a inclusão de um brasão real num dos retábulos com estas características que permitiu confirmar a datação.

Foi possível encontrar um só documento relativo a este tipo de colunas na produção tratadística. Referimo-nos às estampas de Guarino Guarini mais precisamente a Lastra IV e Lastra X que demonstram tanto a estria de ritmo helicoidal como a secção poligonal[429]:

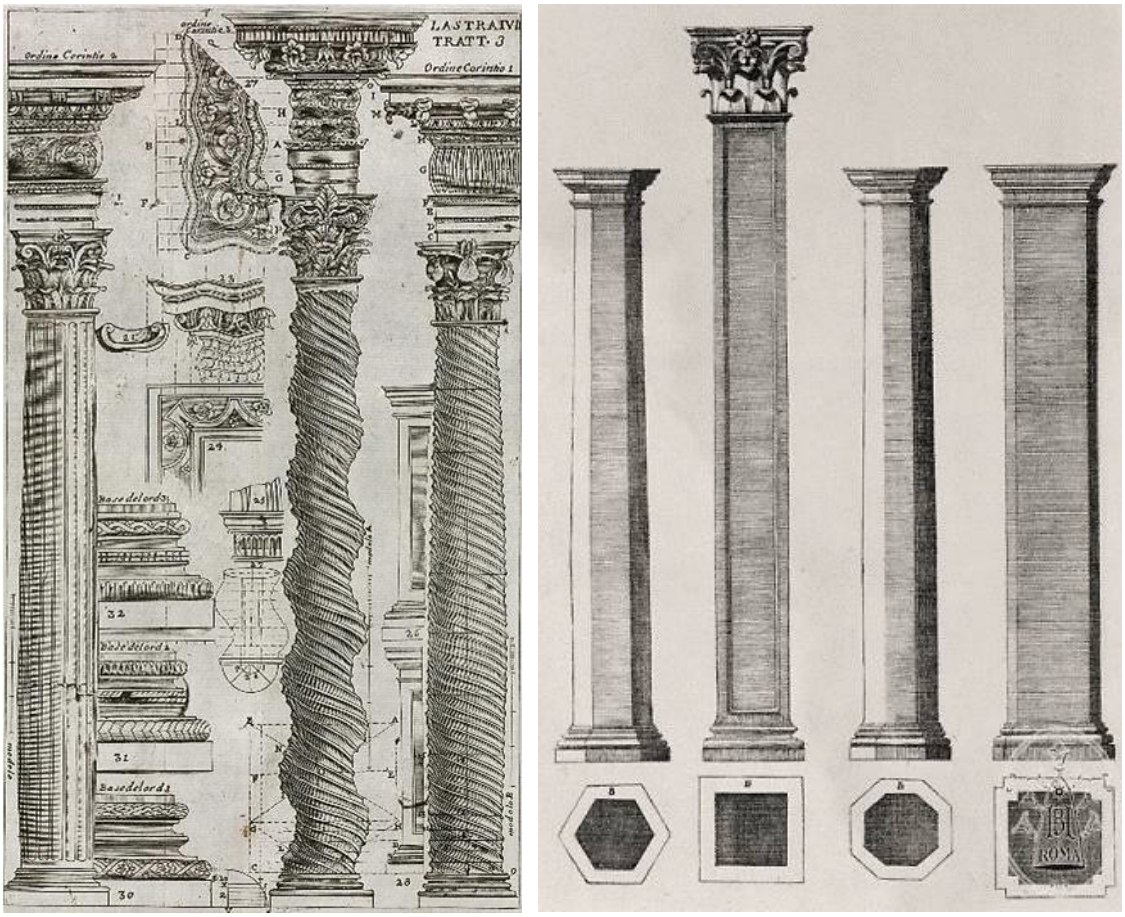


Figura 29 – Estampas retiradas da obra de Guarino Guarini: Guarini, Architettura Civile Del Padre D. Guarino Guarini Cherico Regolare Opera Postuma Dedicata a Sua Sacra Reale Maesta – estampa IV (esquerda) e estampa X (direita)

No que respeita aos seus usos e funções permanece o gosto pêlos retábulos devocionais a um tema sobretudo na tipologia de um corpo e um tramo, e de um corpo e três tramos. Seguem-se os retábulos eucarísticos, relicários e devocional a vários temas, com um exemplar de cada.

[429] Guarini, *Architettura Civile Del Padre D. Guarino Guarini Cherico Regolare Opera Postuma Dedicata a Sua Sacra Reale Maesta*, fig. IV, X.

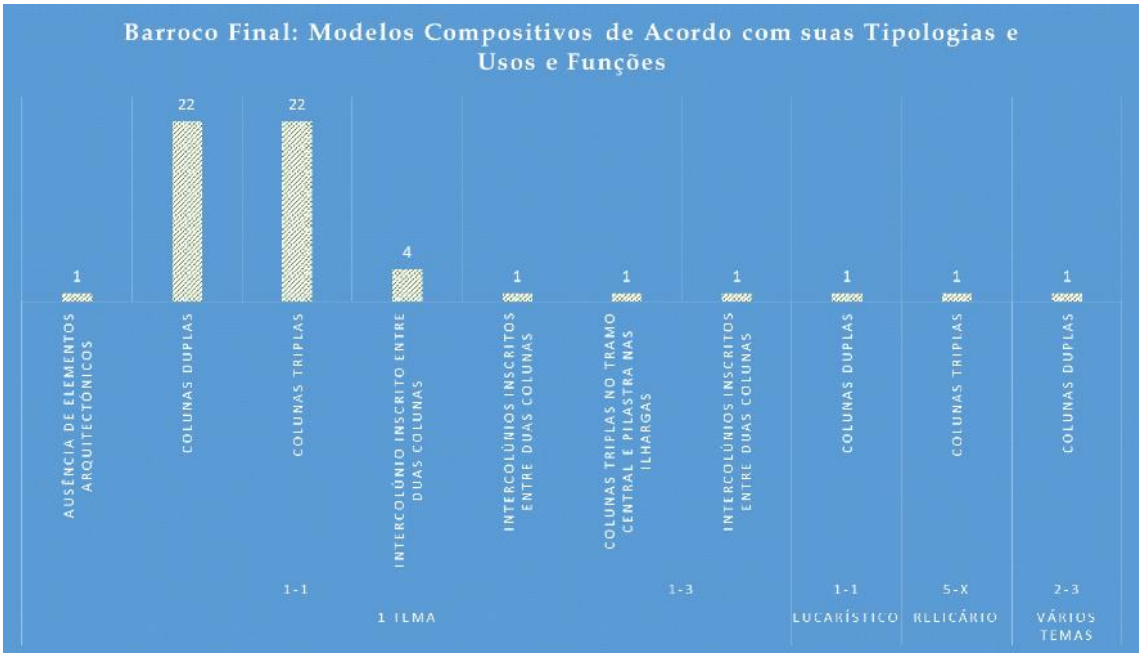


Gráfico 28 – Barroco Final: Modelos Compositivos de acordo com as tipologias e Usos e Funções

Tardo Barroco e Rococó
1759 – finais século XVIII

Retábulo da Ousia na Igreja de Santo Estevão (c.1759)

Santo Estevão-Tiswadi

Retábulo de Santo António, no Corpo da Igreja do Bom Jesus (c.1784)

Velha Goa-Tiswadi

5.6. Tardo-Barroco e Rococó (1759 – finais século XVIII)

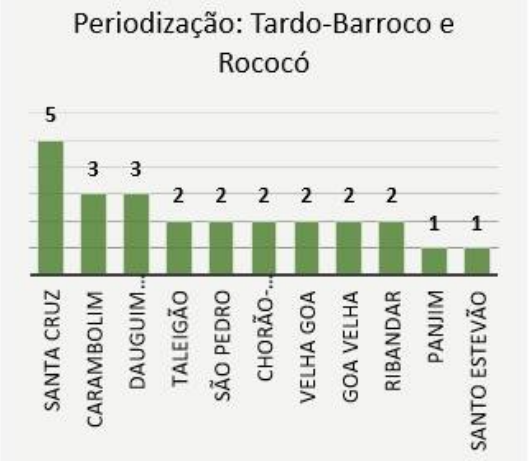




Gráfico 29 - Periodização: o Tardo-Barroco e Rococó distribuído por paróquias

Durante esta conjuntura assiste-se a um decréscimo de produção. A tendência que até aqui se verifica ascendente é pela primeira vez descendente. Terá certamente a ver com o facto de se entrar, precisamente em 1759, numa época de perturbação social, em que se decreta a suspensão formal da Companhia de Jesus nos territórios portugueses[430] tendo sido formalmente expulsos de Goa em 1762. Outras Ordens Religiosas vêm igualmente os seus locais serem entregues a outras Ordens ou ao Clero Secular. Acresce que em 1787 dá-se uma revolta social encabeçada por clérigos e nobres numa tentativa de suprimir a governação portuguesa de Goa que fica conhecida como a Conjuração dos Pintos[431].

Os vinte e cinco retábulos que subsistem nesta conjuntura encontram-se, no que respeita à geografia, homogeneamente espalhados, existindo uma natural concentração em Velha Goa. A produção retabular do Tardo-Barroco em Goa caracteriza-se, sobretudo, pela simplificação da gramática decorativa surgindo pontualmente novas gramáticas decorativas, como por exemplo, os panejamentos fingidos. Os elementos de *rocaille* são agora abundantes ficando geralmente associados a preenchimentos de espaços nos embasamentos e entablamentos.

[430] «Lei dada para a proscrição, desnaturalização e expulsão dos regulares da Companhia de Jesus, nestes reinos e seus domínios», 3 de Setembro de 1759, Armário Jesuítico, liv. 1, nº 19, ANTT-Arquivo Nacional Torre do Tombo, URL: http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4436286.

[431] Para saber sobre este tema vejam-se as obras de: Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, *A Conjuração de Goa de 1787 em Goa e várias cousas desse tempo* (Goa: Nova Goa: Imprensa Nacional, 1875); Maria de Jesus dos Mártires Lopes, «A colónia goesa em Lisboa e o ideário da conspiração dos Pintos (1787)», *Arquipélago. História*, 2ª, 1, n. 1 (1995): 247–58.

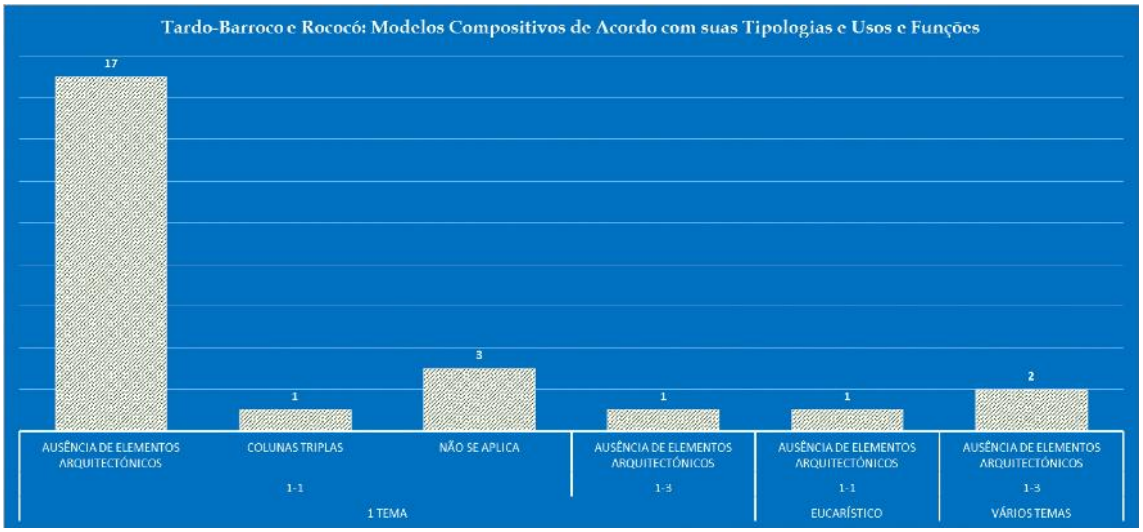


Gráfico 30 – Tardo-Barroco e Rococó: Modelos Compositivos de acordo com as tipologias e Usos e Funções

Os elementos arquitectónicos tendem a desaparecer, mantendo-se a predominância de retábulos devocionais a um tema. Verificamos apenas um retábulo que mantém os elementos arquitectónicos. Falamos do Retábulo de Santo António no corpo da Igreja do Bom Jesus em Velha Goa-Tiswadi (ver Catálogo – nº 592). Parece ser uma solução particular considerando o local e o propósito a que se destinou, querendo-se provavelmente harmonizar todos os retábulos desta igreja[432].

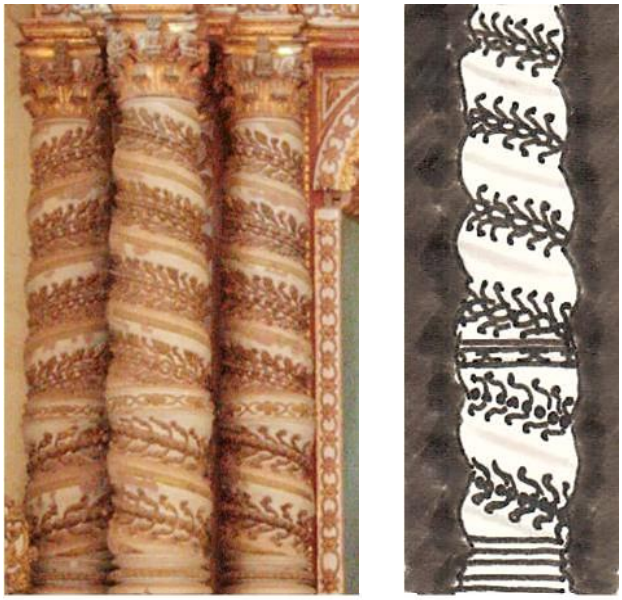


Figura 30 – Detalhe dos elementos arquitectónicos do retábulo de Santo António de Lisboa na Igreja do Bom Jesus (Velha Goa-Tiswadi)

Talvez por essa razão a gramática decorativa que percorre a garganta da coluna ser distinta de toda a encontrada em todo o território: no imoscapo uma espécie de espinha, na realidade são pontilhados gordos de onde saem acantos muito estilizados. No restante fuste da coluna: uma corrente de onde saem os mesmos acantos estilizados e uvas – um elemento retardatário que é incluído nesta composição.

[432] Antes de existirem a totalidade de sete retábulos nesta igreja visitavam-se dois deles (o do altar-mor e o do Santo Xavier) para perfazer a quantia de sete, tal como acontecia na Igreja de São Pedro de Roma. A colocação deste retábulo e do seu fronteiro (Retábulo da Estátua de São Francisco Xavier) pelos Padres Vicentinos que tomaram a administração do seminário em 1784 após a expulsão dos religiosos da Companhia de Jesus, veio eliminar a necessidade de cumprimento do despacho.

Os retábulos da extinta Igreja da Madre Deus (Dauguim-Tiswadi) localizados na Igreja de São Jerónimo em Mapusa-Bardez (ver Catálogo – nº 882) constituem um importante conjunto da produção retabular desta conjuntura. No retábulo da Ousia é possível distinguir o entablamento interrompido, segmentos de frontão e os elementos rocaille característicos.

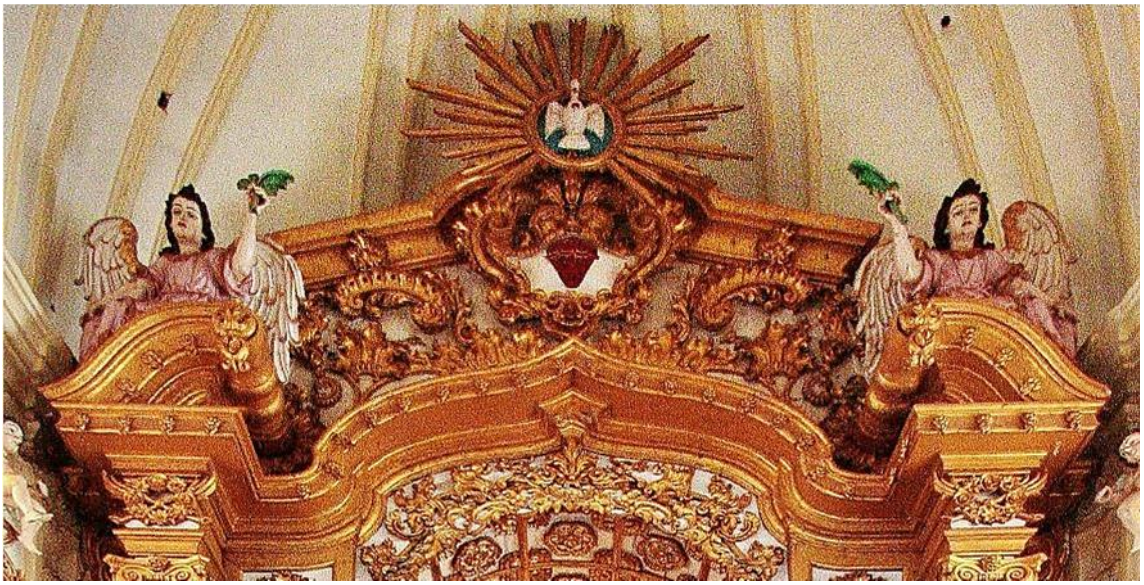


Figura 31 – Ático no retábulo oriundo da Igreja da Madre de Deus (Dauguim-Tiswadi) relocalizado na Ousia na Igreja de São Jerónimo (Mapusa-Bardez)

Neste exemplo do retábulo da Ousia da Igreja de Santa Cruz em Santa Cruz-Tiswadi (ver Catálogo – nº 816) podemos ver vários elementos característicos: coroa em género de dossel, panejamentos fingidos e segmentos de frontão.

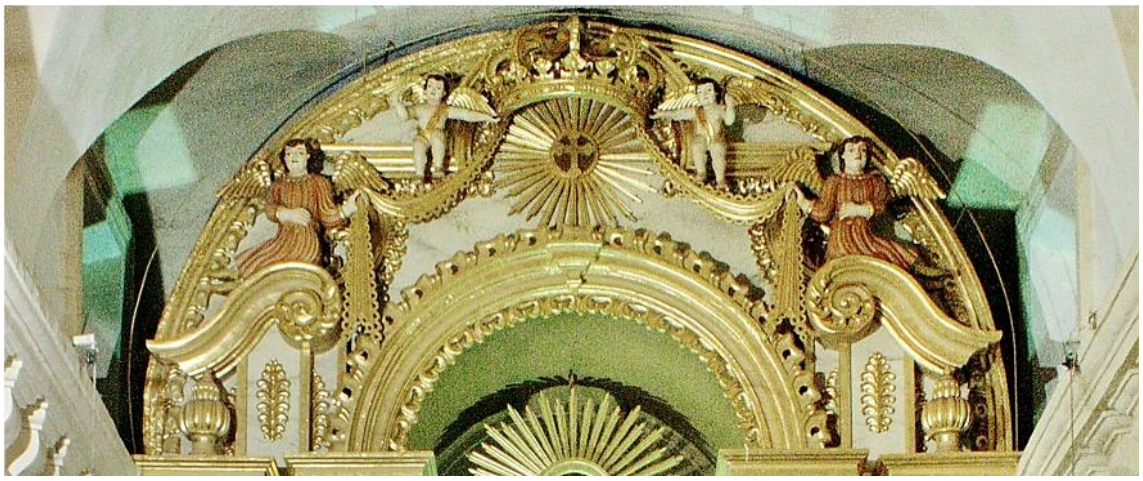


Figura 32 – Ático do retábulo da Ousia da Igreja de Santa Cruz (Santa Cruz-Tiswadi)



Figura 33 - Retábulo de Santo António de Lisboa na Igreja com o mesmo orago (Santanton Vaddo-Tiswadi)

O exemplar que faz uma entrega total ao diálogo rococó é o da Ousia da Capela de Santo António de Lisboa (Santanton Vaddo-Tiswadi) mandado executar em 1768 (ver Catálogo –nº 370).Repare-se na composição curvilínea que constitui todo o retábulo, uma volumetria excepcional que cria através da colocação pensada estrategicamente para dar a sensação de nicho central virtual, tudo motivado pelo *rocaille* concêntrico, uma espécie de *tromp d'oeil* escultórico.

Igualmente, a abóbada da capela denota a mesma linguagem da conjuntura.

Por esta altura começam a adicionar-se trono monumentais aos retábulos já existentes, cortando-se a leitura de pinturas sobre tela, tapando-se nichos ou mesmo tribunas. É exemplo o retábulo da Ousia da Igreja de São Matias em Naroa-Tiswadi (ver Catálogo – nº XX) que tapa a quase totalidade da tribuna.



Figura 34 – Detalhe do trono colocado a frente da tribuna no retábulo da Ousia da Igreja de São Matias (Naroa-Tiswadi)

Revivalismos
Finais século XVIII – princípio século XXI

Retábulo da Cruz dos Milagres na Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (1845)

Velha Goa-Tiswadi

Retábulos Colaterais na Igreja de Nossa Senhora do Rosário (2008)

Curca-Tiswadi

5.7. Revivalismo (Finais século XVIII – princípio século XXI)



Gráfico 31 - Periodização: o Revivalismo distribuído por paróquias

Estabelecemos o início desta conjuntura para 1845, coincidindo com a execução do que terá sido a primeira estrutura retabular no *taluka* de Tiswadi. Falamos do retábulo da Santa Cruz dos Milagres no corpo da Sé Catedral de Santa Catarina em Velha Goa-Tiswadi (ver Catálogo – nº 560). Nesta estrutura auferimos a data de execução do seu trono considerando os elementos decorativos e a data de passagem da cruz para esta igreja em 3 de Maio de 1845.

De um modo geral, a produção retabular desta conjuntura é coesa no que respeita a tipologia e técnicas e materiais. Os retábulos adoptam maioritariamente a tipologia de um corpo e um tramo ou três tramos tendo ausência de elementos arquitectónicos.

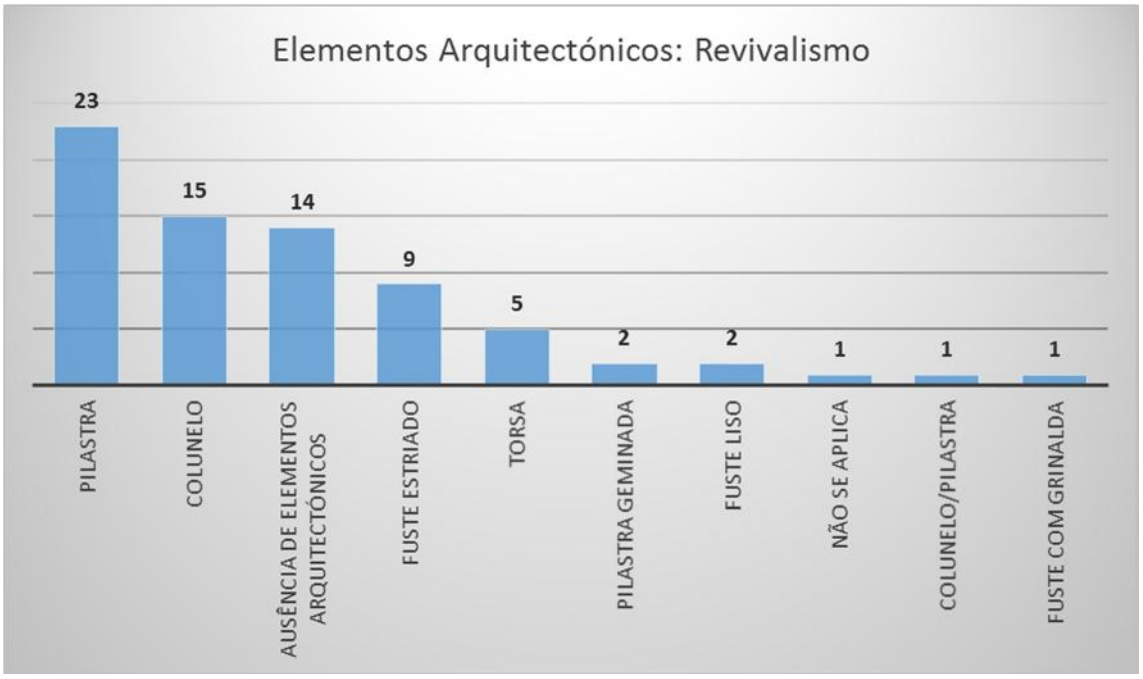


Gráfico 32 – Os elementos Arquitectónicos durante o Revivalismo



Figura 35 – Pilastra geminada nos retábulos colaterais da Igreja de Santo André (Goa Velha-Tiswadi)

O mais habitual é o uso da pilastra em substituição da coluna. Os colunelos são a segunda opção mais usada e posteriormente a total ausência de elementos arquitectónicos. Um caso curioso que remete para o gosto goês de colunas triplas é o caso dos retábulos colaterais na Igreja de santo André em Goa Velha-Tiswadi (ver Catálogo – nº 348). Neste caso em particular, as colunas foram substituídas por pilastras geminadas assentes sobre um pequeno nicho que por sua vez assenta sobre pedestal triplo. Esta composição particular pode constitui um exemplo de como uma solução muito adoptada por permanecer e transmutar-se através das conjunturas.

Alguns modelos que foram usados durante a conjuntura anterior são perpetuados durante a vigência desta conjuntura. Vejamos o caso do retábulo da Ousia da Capela de Nossa Senhora da Graça em Madel-Tiswadi (ver Catálogo – nº 724). Este retábulo foi mandado executar por volta de 1860 e ocupa a totalidade da parede testeira. Os vários elementos que apontam para o gosto retardatário estão no ático (os segmentos de frontão) e no trono de degraus ocupando a visão do tramo central. A particularidade está na forma como o trono foi colocado que tendo sido executado na totalidade podia ter sido colocado dentro da tribuna. A tendência que se verificou anteriormente – adição de tronos

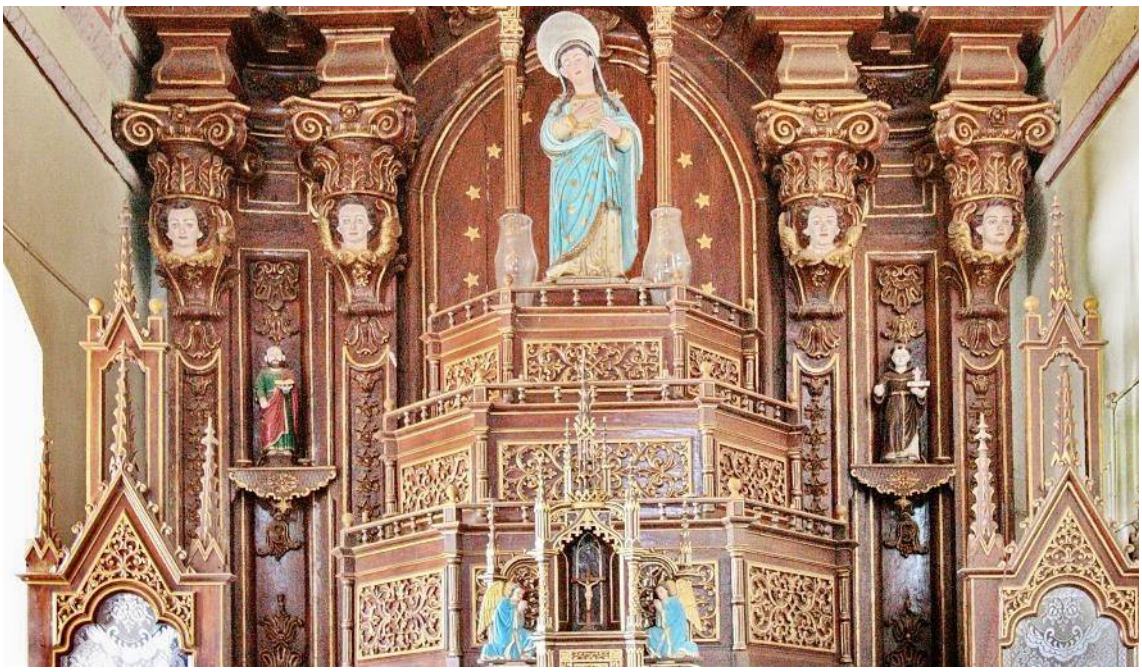


Figura 36 – Detalhe do trono de degrau no retábulo da Ousia da Capela de Nossa Senhora da Graça em Madel-Tiswadi

a retábulos de execução anterior na frente da tribuna – parece ter formado um gosto. Já neste exemplo seguinte do retábulo da Ousia da Igreja de Santo André em Goa Velha-Tiswadi e o da Ousia da Capela de Nossa Senhora da Piedade em Mercês-Tiswadi (ver Catálogo – nº346 e 734) usa o mesmo modelo mas conciliou o trono no espaço da tribuna.



Figura 37 – Detalhe dos tronos nos retábulos da Ousia da Igreja de Santo André (Goa Velha-Tiswadi) e Capela de Nossa Senhora das Mercês (Mercês-Tiswadi)

É igualmente frequente encontrar retábulos que usam apenas o trono como estrutura retabular, tal como no retábulo da Ousia da Igreja de São João Facundo (Corlim-Tiswadi) ou no da Ousia da Capela do Jesus Redentor (Goltim-Tiswadi).

Houve ainda um modelo com alguma aceitação, um retábulo que é colocado sobretudo nos corpos das igrejas que adopta a composição de dois corpos e um tramo, só com acabamento de verniz ou incluindo alguns apontamentos de douração e sem qualquer elemento arquitectónico. Falamos, por exemplo, do retábulo do Sagrado Coração de Jesus no corpo da Igreja de São Miguel Arcanjo (Taleigão-Tiswadi) ou do retábulo do Sagrado Coração de Jesus no corpo da Igreja De Nossa Senhora da Conceição em Pangim-Tiswadi (ver Catálogo – nº 750 e 846).

No que respeita aos materiais e técnicas, começam a verificar-se retábulos em materiais pétreos, sobretudo alvenarias que são posteriormente pintadas. Este tipo de materiais está associado sobretudo a retábulos de execução já muito próxima da era presente.



Gráfico 33 – Técnicas e materiais usados durante a conjuntura revivalista

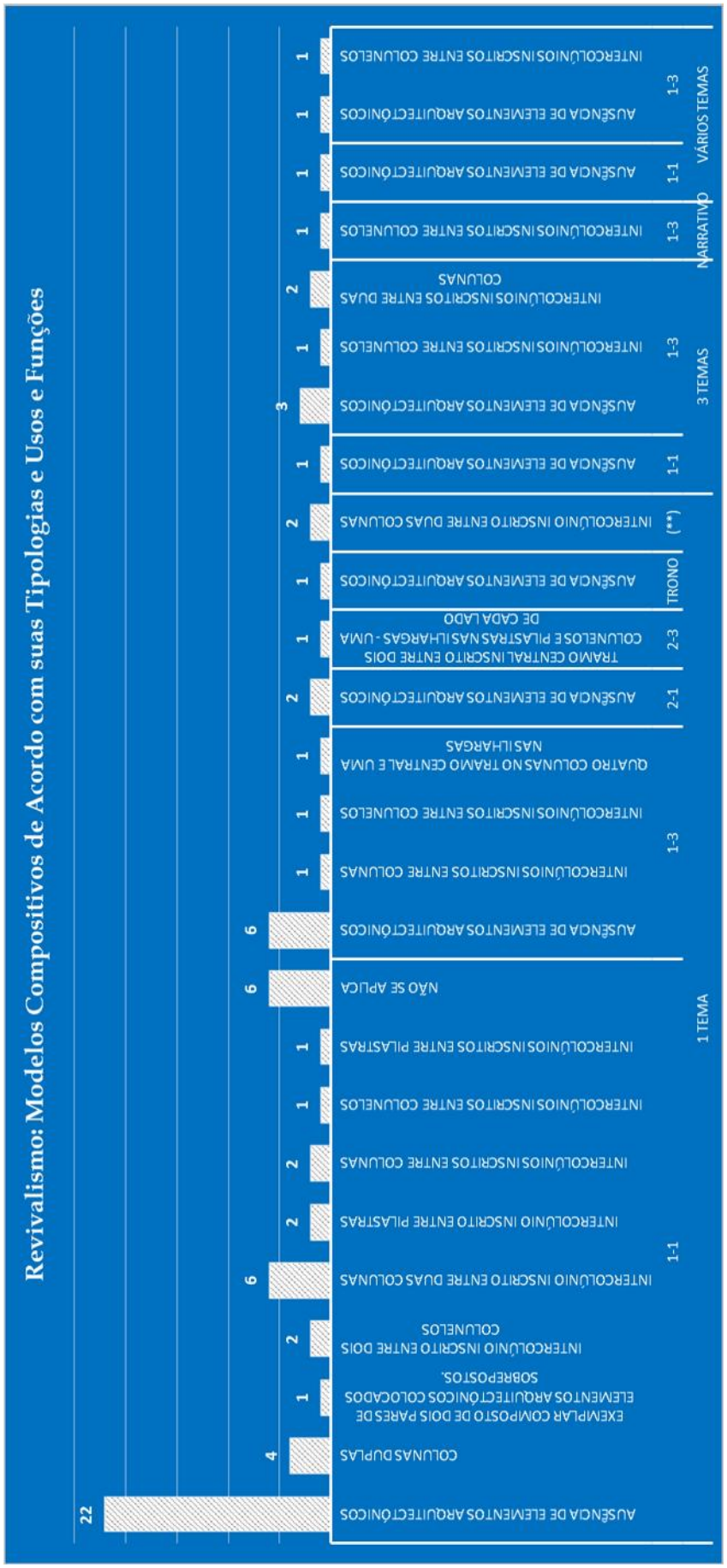


Gráfico 34 - Revivalismo: Modelos Compositivos de acordo com suas tipologias e usos e funções

(**) Retábulo Sarcófago

Filiação Artística

6. Filiação Artística

De um modo geral, os retábulos do *taluka* de Tiswadi são filiados na produção retabular do reino, mais concretamente da cidade de Lisboa, local de onde partiam os religiosos após receberem beneplácito régio. Esta era a condição para que missionários europeus, sobretudo de Espanha, Inglaterra, França, Bélgica, Holanda, Irlanda, Alemanha, Suíça, Itália e Polónia pudessem integrar a missão de evangelização portuguesa, mas sobretudo, integrarem o sistema de Padroado. Para tal, o percurso missionário era iniciado em Portugal de onde podiam embarcar para os territórios além-mar[433].

Desta imposição se forma igualmente o percurso da filiação artística. As estampas que circulavam pela europa seguiam com os missais dos religiosos. Numa primeira fase, a produção retabular é produzida no reino e exportada por navios. Nestas situações tanto a obra como a inspiração para a obra advêm de um panorama artístico e cultural europeu. O exemplo mais antigo que detectamos em Goa com estas características é o retábulo da Ousia da Capela do Priorado do Rosário (Monte Sacro-Tiswadi)

Sabemos pela documentação que foi mandado executar pela Confraria do Rosário à custa da Fazenda Real sob orientação dos religiosos de São Domingos por volta de 1549. Conhece-se a carta datada de 25 de Outubro de 1549 que foi enviada ao rei solicitando um retábulo *«bem empeçado de maneyra que ha humydade do mar o nam dane, nem faça nojo as imagens e tymtas»* para substituir o retábulo existente que era muito pequeno. Solicitava-se igualmente que tivesse *«vymte cymquo palmos de altura, com seu pe e guarda pe, he dezanove de largo com os paynes e figuras que a obra requer», tudo segundo o modelo da «capella de Nosa Senhora de Rosario do Mosteiro de Sam Domymgos de Lysboa, ou como a Vosa Alteza parecer melhor».* Apesar de se desconhecer a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe, podemos afirmar que se trata de um retábulo executado em Portugal.

Este é um caso extraordinário não só pela antiguidade e pelo facto de este retábulo ter subsistido até hoje mas igualmente pelo facto de não existir já o retábulo em que se

[433] Caio Boschi, «Estruturas Eclesiásticas e Inquisição», em *História da Expansão portuguesa. Do Índico ao Atlântico (1570-1697)*, Círculo de Leitores, vol. 2 (Lisboa, 1998), 437–38.

filiou. A capela da Igreja conventual de São Domingos em Lisboa resistiu ao terramoto de 1536, no entanto ficou arruinada no de 1755. Sabe-se que a capela-mor resistiu mas igualmente que a igreja foi reconstruída na totalidade e esse retábulo no qual se filiou o do Priorado do Rosário em Goa já não existe. A obra desapareceu mas permanece além-mar a obra que nela se inspirou.

As encomendas de retábulos ao reino eram comuns durante o século XVI e ocorriam quer pela encomenda do *risco* ou pela encomenda de *risco* e sua execução por artistas no reino. Quando só o *risco* era encomendado, acontecia que a chegar a Goa era colocado em causa pelos religiosos. Vejamos os Frades Eremitas de Santo Agostinho que para além de intervirem directamente na escolha do retábulo da Ousia da Igreja de Nossa Senhora da Graça (Velha Goa – Tiswadi/Goa), colocam o desenho em causa quando o recebem e encomendam novo risco ao artista da terra mais competente, Júlio Simão[434]. Infelizmente não subsistem informações acerca de como terá sido este retábulo. Sabemos apenas que esta igreja no total tinha doze retábulos à maneira da Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria[435]. Seriam só no cruzeiro cinco retábulos. O retábulo da Ousia seria da mesma traça e majestade que o de Lisboa e teria uma tribuna do Santíssimo Sacramento com tabernáculo de grandes dimensões com um pavilhão de ouro em filigrana. Pelo teor das informações aferimos ter sido um retábulo eucarístico[436]. Esta é uma descrição do



Figura 38 - Painel em médio-relevo alegadamente pertencente ao retábulo da Ousia da Igreja de Nossa Senhora da Graça (Monte-Sacro-Tiswadi)

[434] «Livro dos Assentos do Convento de Nossa Senhora da Graça, 1605-1636» (Goa, 1620), f. 91, cota 2765, HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

[435] C. Lopes Alpoim, «VARIA QUAEDAM Ruinas da Igreja do Convento de Santo Agostinho na Velha Cidade», *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, n. 10 (1931): 69–70.

[436] «Memoria da Congregação Agostinha da Índia Oriental» (Goa, sem data), ms. nº176, Biblioteca Nacional; Ricardo Michael Telles, «Convento de Santo Agostinho», *O Oriente Português* XXX, n. 26 (1939): 445.

Provincial Frei António de Morais acerca do desaparecido retábulo. Em 2012 circulava no meio antiquário[437] um painel que alegadamente terá pertencido ao altar da Ousia desta igreja ou a um altar colateral. Na documentação compulsada por Vítor Serrão, verifica-se que se decidiu por um retábulo de andares, dourado, com edículas integrando esculturas de vulto douradas e encarnadas, e a imagem de Santo Agostinho no nicho principal, e que a referida «traça de Lisboa», caso viesse, devia ser repensada[438].

O painel que veio a público é por isso o único elemento visual de que dispomos acerca deste exemplar deixando-nos para a campo da imaginação como poderia ter sido este magnífico retábulo executado entre 1615-28.

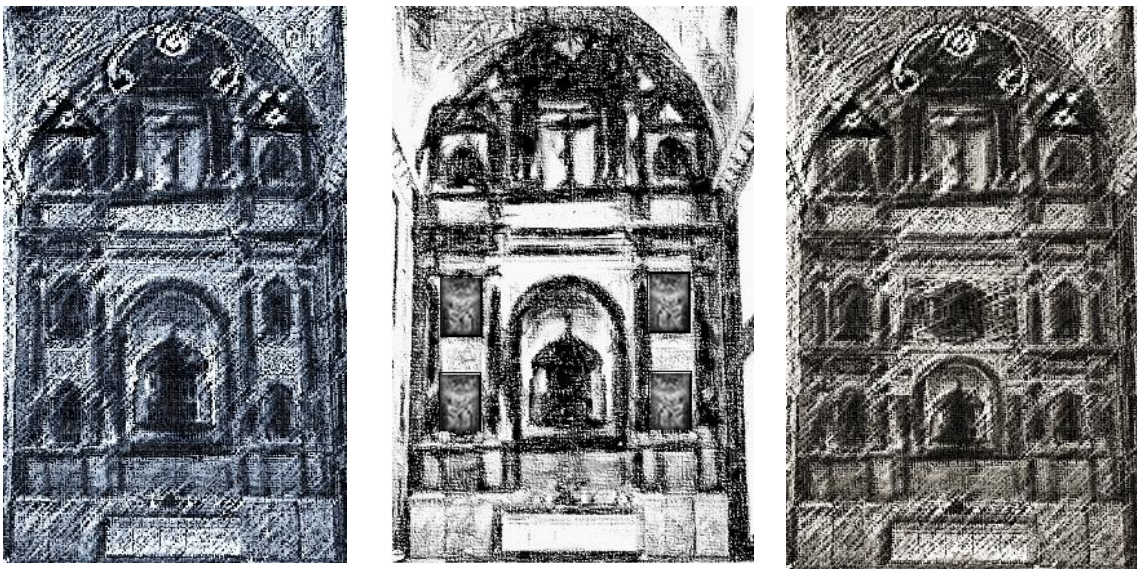


Figura 39 – Esboços hipotéticos de retábulo da Ousia da Igreja de Nossa Senhora da Graça (Monte Sacro-Tiswadi)

Os religiosos Franciscanos também pediram retábulos ao reino que foram em parte financiados pelas confrarias. O pedido é realizado em 1520 quando se construía o primeiro edifício religioso desta ordem:

[437] É possível que este painel seja uma das peças do retábulo que refere Ricardo Michael Telles que em 1934 estava no coro da Igreja do Bom Jesus, nomeadamente o Cristo Crucificado do remate do retábulo e que teriam sido executadas pelo mestre Babuxa. Telles, «Convento de Santo Agostinho».

O painel terá sido adquirido por um particular nos E.U.A. nesse mesmo ano, segundo informações fornecidas pelos responsáveis. Esta peça está listada nos seus catálogos: http://www.antiguidadessaoroque.com/arquivo.html

[438] Vitor Serrão, «Pintura e Devoção em Goa no tempo dos Filipes: o mosteiro de Santa Mónica no "Monte Santo" (c.1606-1639) e os seus artistas», *Fundação Oriente*, 2010.

> *"Senhor, eu pera este mosteiro de Goa de Sam Francisco tenho necessidade de muitos retavollos: hum grande pera o altar-mor e dez pera os altares das capellas" (...) "Hantonio de Salldanha leva oitenta [pa]rdaos ou mercadaria pera huum retavollo da Concepção da com[fra]ria do nosso mosteiro de Goa "; "o ouvidor que qua foi leva ... quintais de cravo pera hum retavollo de Sant'António [dian]te seu mosteiro. Eu, Senhor, cada ano ei de trabalhar [de m]andar allgu[m]a esmola pera estes retavollos."* [439].

Este cenário de encomendas no reino de *riscos* e retábulos prontos começa a diminuir a partir do momento em que os artistas locais são contratados para a execução de retábulos.

Na Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi) existe um conjunto retabular de grande erudição que denota conhecimento doa tratadística erudita. Podíamos convencionar chamar estes retábulos como os do *mestre serliano* por eles terem todos terem a sua inspiração dos tratados por ele realizados[440]. Infelizmente não temos mais informação do que a documentação visual nos oferece mas existem casos em que apenas estas bastam para fruir a arte.



Figura 40 – Retábulos do corpo da Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi)

[439] Shurhammer, «Carta Inédita sobre a Fundação do Convento de São Francisco de Goa», 65.

[440] Serlio, *Tutte l'opere d'architettura*.

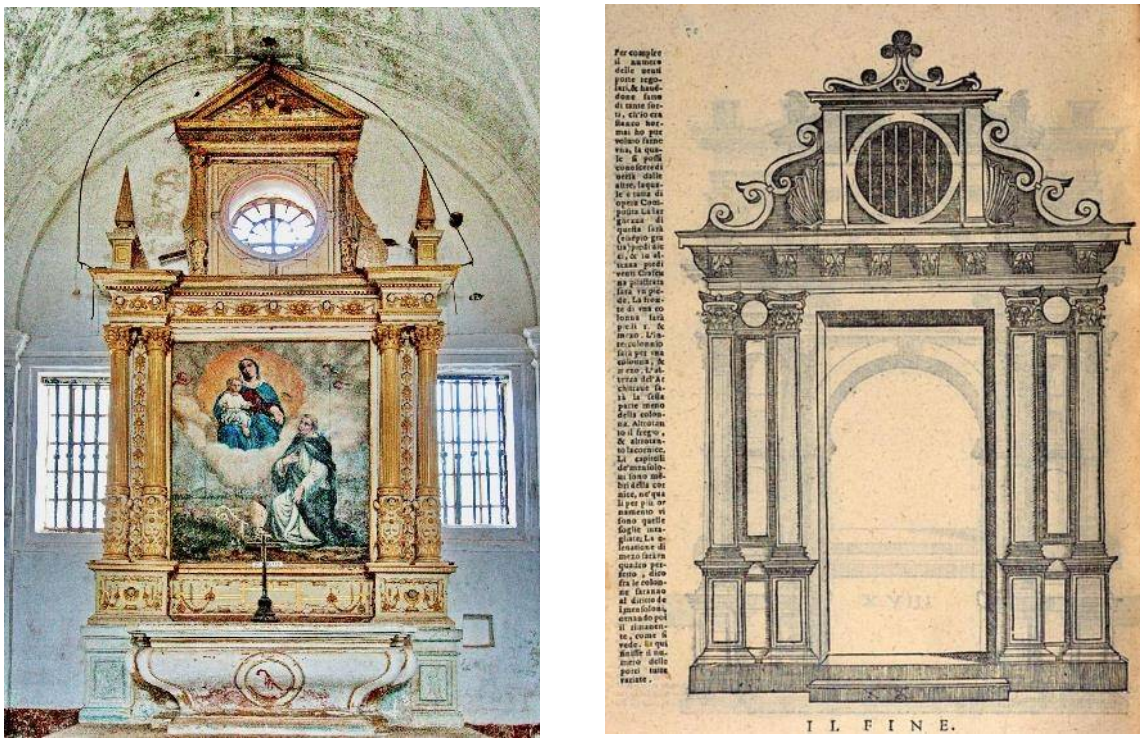


Figura 41 – Retábulos do corpo da Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi) e estampa de Sebastiano Sérlio

Os Padres Teatinos, ligados às artes, promoviam o estudo académico dos seus religiosos. Em Portugal tiveram, desde a sua implementação, relacionados à corte de D. João V e depois à Academia Real da História e promoviam o saber científico e o estudo das artes dos Teatinos quer nas Academias, como na própria Ordem[441]. Considerando a importância da produção retabular nesta igreja – quer a de 1675 ou a de 1710 que definem a abertura de duas conjunturas artísticas em Goa – devemos debruçar-nos largamente sobre o tema.

Os padres Teatinos partem de Itália em 1639 e chegam a Goa a 25 de Outubro de 1640, à revelia do Padroado alojando-se no Convento de Nossa Senhora do Carmo da Ordem dos Carmelitas Descalços da Província de Itália que os receberam com grande estima. Eram estes Teatinos os Padres Pedro Avitabile de Nápoles, D. Francisco Manco de Lecce e António Ardizzone Spinola de Génova. Em Goa permaneceria o padre Avitabile e Ardizonne enquanto que o padre Manco seguiria para missão. Acabaria por falecer. Sabemos que à data do seu falecimento (1646), já havia casa erecta ainda que

[441] Sara Bravo Ceia, «Os Académicos Teatinos no Tempo de D. João V - construir saberes enunciando poder» (Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2011), 73.

pobre, suficiente para viver[442], dado que o seu corpo aí foi enterrado. Poucos meses depois os padres Teatinos recebem ordem de expulsão por não estarem integrados no regime de Padroado. Coincide o facto de que ocorria por esta data a restauração e todos os religiosos estrangeiros tinham ordem de expulsão. Dada a controvérsia, António Ardizone Spinola viaja em 1648 para Lisboa para tentar uma aproximação com o rei D. João IV. Este episódio motivou uma mudança nas intentas dos Teatinos que embora se quisessem estabelecer no oriente propunham agora fundar casa em Lisboa. Acabam por se estabelecer tanto em Goa como em Lisboa. Em Lisboa projectam a Igreja da Divina Providência. O plano executado por Guarino Guarini jamais seria terminado. Lançou-se a primeira pedra a 7 de Abril de 1698, 37 anos depois da Igreja de Goa estar em funcionamento, edificada entre 1656 e 1661 tirando a fachada, que viria a ser terminada entre 1673 e 1675.



Figura 42 – Pormenor do modelo compositivo implementado em Goa durante o Barroco Pleno e coluna do templo de Salomão em Roma

[442] Frei Thomaz Caetano do Bem, *Memorias historicas chronologicas da sagrada religiao dos Clerigos regulares em Portugal, e suas conquistas na India Oriental*, 2 vols. (Lisboa: Regia Officina Typografica, 1792), Google Livros.

Dada esta introdução necessária veremos os retábulos do corpo da igreja que constituem o elemento de abertura do Barroco Pleno. O modelo compositivo de colunas triplas, com a coluna central avançada, é inovador e motivador de gosto que perdurará em conjunturas posteriores. Sobre a origem do uso destas colunas, nesta composição particular não temos qualquer informação. Conseguimos porém identificar a origem da coluna com terços diferenciados. Em 1699, Charles I de Inglaterra adquire uma série de estampas que foram executadas por Rafael para uma série de tapeçarias que se destinavam à Capela Sistina. A encomenda veio directamente do Papa Leão X em 1515-18. Um dos desenhos mostra São Pedro e São João Evangelista abordando um homem entre colunatas[443]. Rafael tinha-se inspirado nas colunas do suposto Templo de Salomão, razão pela qual são conhecidas de salomónicas[444].



Figura 43 – A Cura do Homem Coxo (1515-6) por Rafael, criado a partir da leitura dos Actos dos Apóstolos, 3:6. (direita) e a reprodução realizada em 1719 por Nicolas Dorigny (esquerda). Créditos: Victoria & Albert Museum

Foram doze colunas as que se conhecem ter sido trazidas para a Basílica de São Pedro das quais subsistem algumas[445]. Estas colunas são curiosamente semelhantes às que encontramos em Goa e apenas nesta igreja, em quatro dos seus retábulos perfazendo um

[443] Os desenhos foram colocados no Hampton Court Palace em 1699 estando actualmente no Museu Victoria & Albert. Nicolas Dorigny (1658 - 1746) foi para a Inglaterra entre 1711-1719, e gravou as estampas que foram depois largamente difundidas.

[444] Estas colunas, que ficaram conhecidas como salomónicas, foram na realidade executadas durante o século II. A historiografia mais recente indica seis delas que terão sido trazidas da Grécia por Constantino e as outras seis oferecidas por Eutíquio, exarca de Ravena ao Papa Gregório III (731-41). De todas as possíveis conclusões, pode afirmar-se com toda a certeza que terão sido originalmente executadas para um uso não-cristão por não conterem iconografia especificamente cristã.

[445] Algumas destas colunas permaneceram no altar até a antiga estrutura de São Pedro ser demolida durante o século XVI. Oito dessas colunas continuaram a fazer parte da estrutura de São Pedro. Uma das colunas pode ser observada no Museu de São Pedro. As outras colunas, num conjunto total de doze, foram perdidas ao longo do tempo. J. B. Ward Perkins, «The Shrine of St. Peter and Its Twelve Spiral Columns», *Journal of Roman Studies* 42, n. 1–2 (Novembro de 1952): 21–33, doi:10.2307/297506.

total de doze colunas nos retábulos do topo e doze colunas nos retábulos do coro baixo. São vinte e quatro colunas, inspiradas certamente em São Pedro de Roma, tal como a fachada da igreja – executada nesta mesma data – teve a sua inspiração. Esta Ordem Religiosa de assentamento quase marginal redefine após trinta e cinco anos a sua posição no panorama religioso da Índia portuguesa. De indesejados e expulsos por não fazerem parte do Padroado a definidores de vários estilos que se irão repetir: alteram a paisagem urbana goesa influenciando as fachadas das igrejas que a tentam reproduzir, iniciam a conjuntura do Barroco Pleno em Goa e implementam o modelo compositivo de colunas triplas, uma solução que se torna tão comum em Goa mas que na realidade é uma particularidade que ocorre apenas nestas longitudes.

Numa segunda campanha de obras executa-se o retábulo da Ousia. A extraordinária e rara tipologia deste retábulo, levanta algumas hipóteses interessantes relativamente à circulação da informação no século XVII no que concerne o retábulo. Faremos primeiro uma narração dos factos que é necessária para ligar os temas.

A consulta à documentação visitada por Rafael Moreira[446] e revisitada por nós[447], não permite avançar com autorias de riscos, quer para a obra arquitectónica quer para os trabalhos de talha. Sabemos existirem vários carpinteiros de Guadalupe, pedreiros de Salcete, chunambeiros de Ribandar (Caiadores) e mestres para os trabalhos de argamassa, capitéis, molduras e moldes. Existe uma única referência a um Manuel Pereira, contramestre, mas esse é o contratado para a execução da fachada. O que parece ser consensual é que o projecto de Goa foi certamente discutido em Lisboa e a disposição em planta da igreja teria sido copiada do projecto de Guarini o que prova a ligação artística dos autores confirmados do projecto da igreja da Divina Providência com as ideias de Guarini: Padre Dom Carlo Ferrarini de Regio-Emilia e seu assistente o irmão leigo Francesco Maria Milazzo de Abruzzi que chegaram a Velha Goa em 1650-51.

[446] Moreira, «A Igreja de São Caetano de Goa e a Arquitectura Portuguesa do Século XVII».

[447] «Contas do Convento de São Caetano (1657-1674)»; «Contas do Convento de São Caetano (1720)».

Resta-nos saber quando foram terminados os retábulos da igreja. Infelizmente não existe documentação linear que aponte para datas exactas. Iremos supor que o primeiro retábulo da Ousia terá sido terminado quando se fizeram os santos dos nichos (1661) já que em Abril desse ano e novamente em 1662 pagam-se a mestres para pintar retábulos e painéis de santos fundadores. Já nas contas de Outubro de 1659 se encontrava um pagamento de "vermelhão" que seria certamente uma das matérias-primas para a execução desses painéis. Desse primeiro retábulo restam pelo menos seis painéis que se encontram junto aos retábulos do corpo da igreja e da Ousia.

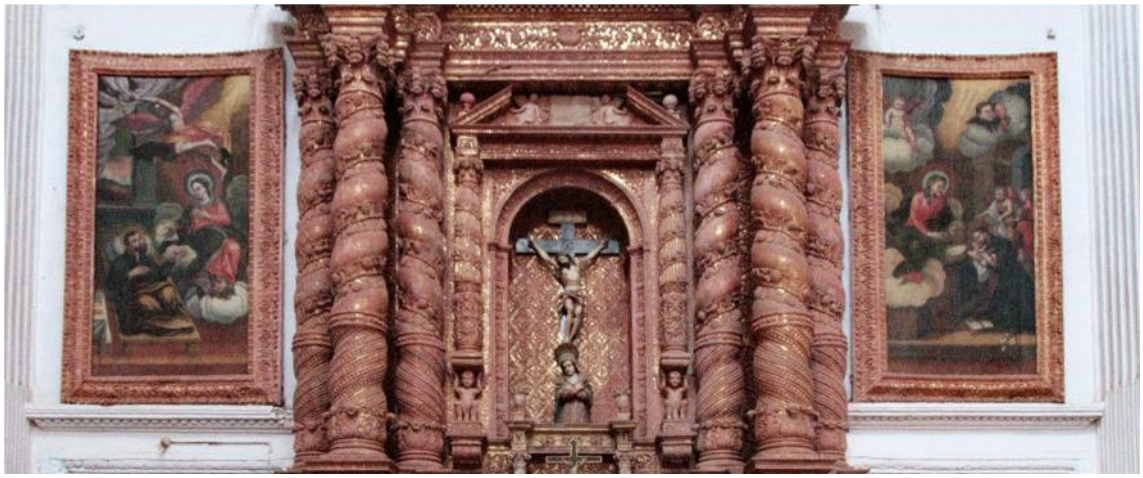


Figura 44 - Dois dos seis painéis que ainda subsistem e que terão pertencido ao primeiro retábulo da Ousia (c.1661)

Apesar de não termos mais informações sobre o primeiro retábulo, seria ingénuo descartar o facto de estes painéis apresentarem uma ligeira curvatura, o que só pode explicar-se na razão de terem sido pertença de um retábulo narrativo constituído de painéis, certamente com 2 corpos e 3 tramos, com uma perspectiva muito particular, acompanhando a curvatura da capela testeira, um pouco ao estilo da capela dos Jerónimos em Lisboa, salvaguardando-se o óbvio salto temporal.

É neste mesmo ano que se pagam alvíssaras a Manuel Pereira Contramestre que Rafael Moreira já tinha referido nos seus trabalhos. Um dado curioso na consulta a esta documentação é que Manuel Pereira é pago em Outubro de 1659 pela compra de "um compasso de ferro e de uma figura de óleo de pavão". Só pode estar a referir-se a uma pintura a óleo de um Pavão. Só isto não chega para deduzir que Manuel Pereira fosse capacitado nas artes da pintura e o autor dos painéis das pinturas do retábulo. Pelo Livro de Contas sabemos que em Dezembro de 1660 faz-se um gasto substancial para madeira e este pode ser o indicador que nos faltava para indicar o término de execução do retábulo.

Com estes dados finais ficamos com uma noção do que poderá ter sucedido: em 1659 – compra de matérias-primas, como por exemplo, o vermelhão, 1660 – compra de madeira, 1661 – execução dos santos dos nichos, 1662 – execução da pintura dos painéis. Hipoteticamente terá sido terminado neste ano de 1662 e com isto nos quedamos no que concerne ao retábulo primitivo da Ousia.

Diz a documentação que após terminar a obra da Divina Providência o irmão leigo Francesco Maria Milazzo entrou em desacordo com o Carlo Ferrarini que decide pagar-lhe pelos seus serviços e enviá-lo a Roma. A intenção fica por ai. Não viria a sair de Goa, pois fez-se padre franciscano, precisamente quando a igreja destes estava em remodelação profunda[448]. No que respeita à talha, certamente este irmão leigo Teatino tornado padre pelos franciscanos, não teve qualquer influência pois não existe qualquer denominador entre os retábulos dos dois espaços, nem mesmo nos retábulos que foram do Espírito Santo e que estão agora dispersos por outros locais em Goa.

Chegamos à questão central, o segundo Retábulo da Ousia. Numa fase posterior, a partir de 1710, os livros de despesas da Divina Providência registam a entrada de dinheiro do Grão Duque da Toscana, Cosimo III, o mesmo nobre que em 1698 ofereceu o mausoléu para deposição do corpo incorrupto de São Francisco Xavier na Igreja do Bom Jesus[449]. Cosimo II era um grande impulsionador das artes e seu vigoroso patrono. Criou a Academia Fiorentina em Roma por onde passaram vários pintores e escultores. Viajou por toda a Europa tendo passado igualmente por Lisboa. Com esta entrada de fundos nos cofres da Divina Providência, é visível como as obras levaram um grande impulso nos anos posteriores desde Maio de 1711 até c.1713, pagando-se a carpinteiros, chunambeiros, pedreiros e oleiros. Este é certamente o mecenas deste retábulo.

[448] Bartolomeu Ferro, *Istoria delle missioni de Chierici relogari Teatini*, Indie Orientali, vol. 2, 1705, 296, http://books.google.pt/books?id=h1dQAAAAcAAJ.

[449] «Contas do Convento de São Caetano (1720)», f. 223.

Juntando todos os factores – Ordem Teatina a funcionar na margem do Padroado, mecenas de alta instância ligado às artes num centro nevrálgico de desenvolvimento e difusão e um retábulo de tipologia singular que abre precedentes em Goa – fomos levados a pesquisar com maior pertinácia este assunto em concreto. A pertinácia devolveu os seus frutos quando identificamos em Itália o retábulo no qual se filia o da Divina Providência em Goa. Está na Igreja de San Nicolo em Verona construída em 1607, um retábulo de mármore[450] que se filia nas estampas do padre Teatino Guarino Guarini, mais precisamente na estampa 22 da sua obra publicada postumamente[451].



Figura 45 - Retábulo da Ousia da Igreja de San Nicoló (Verona, Veneto-Itália) Créditos: Tijs Huisman, 2009.

As coincidências não terminam aqui. Este retábulo é executado entre 1675-80 com partes escultóricas a serem completas nas décadas seguintes[452], depois de a igreja ter sido ocupada pelos religiosos Teatinos em 1627 e de nessa data terem iniciado uma campanha de obras, (incluindo o já referido retábulo). Sabemos que esta igreja terá sido consagrada por volta de 1697.

[450] Tijs Huisman, *Verona - de kerk San Nicolo*, Fotografia Suporte Digital, 20 de Julho de 2009, http://www.huismanfoto.eu/Album%20232%20Verona%20een%20impressie%201/slides/20J0020%20Verona%20San%20Nicolo%2020079.html.

[451] Guarini, *Architettura Civile Del Padre D. Guarino Guarini Cherico Regolare Opera Postuma Dedicata a Sua Sacra Reale Maesta*, fig. 22.

[452] Susan Klaiber, «Shopping for Marble in Venice», *Susan Klaiber - Architectural Historian*, acedido 25 de Julho de 2015, https://susanklaiber.wordpress.com/2015/03/31/shopping-for-marble-in-venice/.



Figura 46 – Retábulo da Ousia da Igreja da Divina Providência, Velha Goa-Tiswadi (esquerda), Estampa 22 de Guarino Guarini (centro) e Retábulo da Ousia da Igreja de San Nicoló, Verona, Veneto-Itália (direita)

Quando Plácido Francesco Ramponi chega em 1698 a Goa para aparelhar o trono de mármore para o caixão de São Francisco Xavier já o retábulo de San Nicoló estava no seu local. Lemos extensivamente o seu diário de viagem[453] na esperança de encontrar uma referência a San Nicoló já que Ramponi havia sido enviado por Cosimo III não só para levar o trono de mármore mas igualmente para levar de Florença umas pias de água benta feitas em mármore para a Igreja da Divina Providência. Não existe qualquer referência no seu diário sobre o retábulo de San Nicoló. Podemos apenas imaginar se na sua bagagem ou na sua memória seguiram descrições da obra que serve de inspiração à Divina Providencia em Velha Goa e que tenham sido passadas ao padre Dom Hipólito Visconti Milanese, o perfeito dos Teatinos, durante os serões que se deleitaram à conversa.

No que respeita ao material com que o retábulo foi executado e à confusão que circulou em relação a Carrara o arquitecto e Carrara a região dos mármores italianos. É provável que a informação que circulou desde pelo menos 1792[454] e que foi repetida à exaustão por outros autores de que o retábulo era feito de mármore de Carrara tenha a ver com o facto de se ter conhecimento do retábulo de San Nicoló, esse sim, executado com mármores de Itália[455].

[453] Carlos de Azevedo, *Um Artista Italiano em Goa: Plácido Francesco Ramponi e o túmulo de São Francisco Xavier* (Lisboa: Ministério do Ultramar | Junta de Investigações do Ultramar, 1956), 19; Carla Sodini e Placido Francesco Ramponi, *I Medici e le Indie orientali: il diario di viaggio di Placido Ramponi emissario in India per conto di Cosimo III*, Studi / Accademia toscana di scienze e lettere «La Colombaria» 148 (Firenze: L.S. Olschki, 1996).

[454] Bem, *Memorias historicas chronologicas da sagrada religiao dos Clerigos regulares em Portugal, e suas conquistas na India Oriental*, vols. 2, p.276.

[455] Klaiber, «Shopping for Marble in Venice».

As estampas de Guarini foram publicadas postumamente, em 1686, três anos após a sua morte mas o facto de a igreja de San Nicoló estar sob a alçada Teatina e de Guarini pertencer à mesma ordem, as estampas que já circulavam antes de irem à prensa mais facilmente seriam conhecidas pelos seus confrades. Assim, apesar de não ser atribuir uma intervenção directa de Guarino Guarini em Goa, podemos aferir que a obra de San Nicolo e a estampa constituem de facto elementos de inspiração para a obra goesa[456].

[456] Deixo um agradecimento especial a Susan Klaiber pela muito produtiva discussão académica que fomos tendo no decorrer desta investigação acerca dos trabalhos de Guarino Guarini e que proporcionaram alcançar informações que de outra forma não teria sido possível.

Oficinas e Artistas

7. Oficinas e Artistas

7.1. Introdução

A investigação neste campo em particular revelou-se particularmente parca de informações. Conhecem-se apenas alguns artistas a trabalhar em Goa e são todos artistas a trabalhar durante o século XVI-XVII. Infelizmente, no que respeita aos períodos seguintes não existe documentação específica que possa atestar formalmente a autoria e execução artística dos retábulos em Goa, no entanto, foi possível atribuir através de vários elementos a execução artística do risco a alguns dos intervenientes da encomenda do retábulo. Temos varias realidades a destacar, desde peças produzidas por artistas noutros países como Portugal e Itália a exemplares executados localmente. Veremos quem são esses intervenientes da produção retabular goesa numa lista elaborada a partir das contribuições de outros autores em obras já publicadas e das contribuições que esta investigação produziu.

7.2. Artistas Compulsados

7.2.1. Artistas portugueses não identificados (1549) [457]

Executam o retábulo da Ousia da Capela do priorado do Rosário no Monte Sacro-Tiswadi por volta de 1549

7.2.2. Giovani Baptista Foggini (1686)[458]

(Florença, 1653 – 1737)

Escultor formado na Academia Florentina que foi criada por Cosimo III que lhe comissiona a encomenda do trono em mármore para o mausoléu de São Francisco Xavier na Igreja do Bom Jesus (Velha Goa-Tiswadi). A obra é aparelhada em Goa por Plácido Francesco Ramponi em 1698.

7.2.3. *Mestre Serliano (2ª metade do século XVII)*

[457] António da Silva Rego, «Carta da Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Goa a El-Rey (25 Outubro 1549)», em *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente (Índia)*, Edição Facsimilar do original de 1952, vol. 4 (Lisboa: Agencia Geral das Colónias, 1991), pp.359–61.

[458] Azevedo, *Um Artista Italiano em Goa: Plácido Francesco Ramponi e o túmulo de São Francisco Xavier*.

Executa quatro retábulos do corpo da Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria na 2ª metade do século XVII.

7.2.4. Júlio Simão[459]

a. **1562-1619**
Obras na Sé de Goa

b. **1597**
Autor do Arco dos Vice-reis (restaurado em 1609 devido a actos de vandalismo. Nesse ano pede-se igualmente figura de vulto para o arco). Assina *IVLIVS SIMON ING. MAG. INV.*

c. **1605**
Autor do Risco do convento de NS da Graça. Manuel Coelho dirigiu a empreitada de pedraria. É pago para ir medir as obras em 1607[460].

d. **1620**
Retábulo da Capela-mor da Igreja de Nossa Senhora da Graça[461]

e. **1620-25**
Supõe-se que tenha sido os responsáveis pelo risco e execução do retábulo da Ousia e retábulos colaterais na Igreja de Santa Maria do Real Mosteiro de Santa Mónica no Monte Sacro-Tiswadi.

f. **1632-34**
Autor do risco para o retábulo da Ousia da Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria em Velha Goa. Obra executada pelo designado *Mestre Babuxa* entre 1632 e 1634.

g. **1632**
Restauro da Capela de São Francisco Xavier. Será a antiga capela onde esteve previamente exposto o corpo do santo até 1659, data em que passou para a capela sua fronteira.

h. **Outras obras, sem data**

---

[459] Serrão, «Pintura e Devoção em Goa no tempo dos Filipes: o mosteiro de Santa Mónica no "Monte Santo" (c.1606-1639) e os seus artistas».

[460] «Livro de Despesas do Convento de Santo Agostinho 1606-1637» (Goa, 1607), f. 6616051605, HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim; «Livro dos Assentos do Convento de Nossa Senhora da Graça, 1605-1636», f. 25, 25v.

[461] «Contas do Convento de Nossa Senhora da Graça 1615-1636» (Goa, 1620), Cota 7900, HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

Risco do Convento de NS do Pópulo

Sacrário-Custódia de Santa Mónica

7.2.5. Padre Francisco do Rego (c.1695)

(Goa, 1638-1689)

Autor do risco do retábulo da Ousia da Igreja de Santa Ana em Talaulim-Tiswadi

7.2.6. Padre João de Frias

(c.1700-1724)

Autor do risco do retábulo da Ousia por volta de 1700 e dos retábulos do corpo da igreja por volta de 1724 na Igreja de Nossa Senhora da Piedade em Divar-Tiswadi.

7.2.7. Aleixo Godinho[462]

a. **1600-1622**
Alguns dos retratos dos vice-reis.

b. **1603-07**
Pinturas do Retábulo do Convento de Nossa Senhora do Pópulo

c. **1612**
Pinturas do refeitório monacal de Nossa Senhora da Graça[463]

d. **1614**
Pinturas das Tábuas do Retábulo de Santa Ana no Convento de Nossa Senhora da Graça[464]

Encarnação da Imagem de Cristo Crucificado da Ousia de Nossa Senhora da Graça[465]

e. **1616**

[462] Serrão, «Pintura e Devoção em Goa no tempo dos Filipes: o mosteiro de Santa Mónica no "Monte Santo" (c.1606-1639) e os seus artistas».

[463] «Despesas do Convento de Nossa Senhora da Graça, 1608-1627» (Goa, 1623), f. 110, cota 2785, HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

[464] Ibid., f. 130v.

[465] Ibid., f. 131v, 132.

Retábulo de Nossa Senhora da Luz e de São João de Sahagúm para a Igreja de Nossa Senhora da Graça[466]

Painéis das armadas da Índia, obra que é iniciada por Diogo do Couto em 1514[467]

f. **1618**
7 Painéis da livraria do Colégio de Nossa Senhora do Pópulo[468]

g. **1620**
Concerto de painéis na livraria de Nossa Senhora do Pópulo[469]

h. **1628**
Painel da Última Ceia do Refeitório do Colégio do Pópulo[470]

i. **1631**
Ornamentação do altar da Capela da Madre Deus no Convento de Santa Mónica a mando da Madre Soror do Espirito Santo[471]

Pinturas murais da Capela da Enfermaria

7.2.8. Mestre Babuxa[472]

a. **Sem data**
Imagem de Nossa Senhora da Graça do nicho do andar nobre e o Cristo Crucificado do remate do retábulo de Nossa Senhora da Graça

Retábulo e imagens do retábulo do refeitório do Real Mosteiro de Santa Mónica

b. **1621**

---

[466] Ibid., f. 110, 153v.

[467] Pedro Dias refere que esta obra foi executada pelo cartógrafo desenhador Manuel Godinho de Herédia. Pedro Dias, *Arte indo-portuguesa : capítulos da história* (Coimbra: Livraria Almedina, 2004), 143.

[468] «Livro de Despesas do Colégio de Nossa Senhora do Pópulo 1617-1636» (Goa, 1618), f. 43, 56v, cota 7871, HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

[469] Ibid.

[470] Ibid., f. 155v.

[471] Frei Agostinho de Santa Maria, *Santuario Mariano e historia das imagens milagrosas de nossa senhora e das milagrosamente aparecidas em a India Oriental & mais Conquistas de Portugal, Ásia Insular, África & Ilhas Fellipinas* (Oficina de António Pedrozo Galram, 1720), liv. I, Título L, p.473.

[472] Serrão, «Pintura e Devoção em Goa no tempo dos Filipes: o mosteiro de Santa Mónica no "Monte Santo" (c.1606-1639) e os seus artistas».

Execução do altar-mor da Igreja de Nossa Senhora da Graça[473]

c. **1623**
Sacrário de madeira e prata com risco de Júlio Simão[474]

d. **c.1625**
Esculturas do retábulo da Ousia da Igreja de Santa Maria do Real Mosteiro de Santa Mónica[475]

7.2.9. Outros artistas conhecidos a laborar em Goa

Nome	Ofício	Obras	Data
Santopa	Mestre de Imaginária		
Jerónimo da Costa	Ourives		
António da Costa[476]	Dourador	Douramento do Retábulo do Altar de São José na NS da Graça, nicho central da capela-mor, arco da madre que fecha a capelinha do sacramento e a imagem de Santo Agostinho do centro do altar, entre outras obras em altares do templo	
Manuel Coelho	Mestre de Pedraria	Convento de Nossa Senhora da Graça: Acrescento da Capela Mor, Dormitório, escada da Castra com o refeitório.	1605[477]
		Pago por empreitada na NS da Graça, juntamente com António Rodrigues mestre pedreiro)	1607[478]
João Teixeira	Mestre de Pedraria		

[473] «Despesas do Convento de Nossa Senhora da Graça, 1608-1627, fl. 207» (Goa, 1621), cota 2785, HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

[474] «Despesas do Convento de Nossa Senhora da Graça, 1608-1627, fl. 219» (Goa, 1623), cota 2785, HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

[475] «Despesas do Convento de Nossa Senhora da Graça, 1608-1627», f. 153, 154.

[476] Ibid., f. 199v, 201v.

[477] «Livro dos Assentos do Convento de Nossa Senhora da Graça, 1605-1636», f. 15–25.

[478] «Receita do Dinheiro do Convento de Nossa Senhora da Graça, 1608-1627» (Goa, 1620), f. 66, cota 7492, HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

Manuel Moniz	Mestre de Carpintaria		
Manuel Rodrigues	Mestre de Carpintaria	Cadeiral do Coro Alto de NS da Graça	1617
		Estantes da Livraria do Colégio do Pópulo	1617
Diogo Pereira	Mestre Marcenaria		
Domingos Pereira	Mestre de Ferragem		
Bartolomeu Fontebuoni[479]	Mestre Pintor	Painéis do tecto do Bom jesus de Goa (desaparecidos por desabamento no XIX)	1613-1617
		Painel do retábulo de São Paulo Novo	1621
		Obras na missão de Changragiri, Vinaynagar	
Irmão Manuel Alves Chega a Goa em 1562.	Pintor	Conversão de São Paulo, para o Colégio de São Paulo Velho	
		Pinturas da Igreja da Graça de Chorão	
Irmão Manuel Godinho, passa por Goa em 1581	Pintor	Quadros da Missão de Mogor	
		Rei de Agra	
		Não é o mestre "godinho" da galeria das armadas no palácio dos vice-reis.	
James Story, na india em 1583[480]	Pintor		
Alexander Frey, na Índia a	Pintor	Na Corte do Rei Venkata, Chandiagiri produz cenas religiosas e retratos	

[479] Maria Cristina Osswald, «Jesuit art in Goa between 1542 and 1655 : from "Modo Nostro" to "Modo Goano"» (Doutoramento, European University Institute, 2003), 289–90 e 312–3, http://hdl.handle.net/1814/5927.

[480] Graeme Whitehall, «The Paintings of Velha Goa 1538-c.1700. The Formation of an Indo-European Art», *Purabhilekh-puratatva: journal of the Directorate of Archives, Archaeology and Museum, Panaji-Goa.* 2, n. 2 (2001): 32–55, http://catalog.hathitrust.org/Record/001078824.

partir de 1600[481]			
Janas[482]	Pintor	Obras para o Paço dos Inquisidores: portal de escadaria nova, parede da Capela em argamassa e esgrafito e na Capela do Santo Ofício	1646-47
		Paço do Sabaio	
Salvador de Bonifácio[483]	Pintor	Actuava em Baçaim	1616

Tabela 5 - Quadro com súmula dos artistas conhecidos

[481] Ibid.

[482] «Conselho Geral do Santo Ofício» (Goa, sem data), liv. 500, fl 239, 239v, 242, 245v, 248, cota, HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

[483] «Livro dos Assentos da Fazenda Geral 1613-21» (Goa, 1616), f. 58, cota 1159, HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

Processo Produtivo

8. Processo Produtivo

8.1. Introdução

O processo de execução ou remodelação de um retábulo compreende diversas fases que são desencadeadas pelos responsáveis da administração do local a provir de retábulo – confrarias, particulares, religiosos do clero regular ou secular. O primeiro passo desse processo era a consecução do *risco* ou *traça* que era comissionada a um ou mais artistas ou mestres. Por vezes o risco encomendado não seguia de acordo com as vontades de quem fazia a encomenda. Nesses momentos procedia-se ao comissionamento de um novo risco ou à alteração do primeiro risco. Este cenário ocorreu pelo menos para o retábulo da Ousia da Igreja de Nossa Senhora da Graça no Monte Sacro-Tiswadi (ver Catálogo – nº 899). Quem fazia a encomenda do risco podia igualmente solicitar a execução de um retábulo à maneira de um outro do reino. Veja-se o caso por exemplo do retábulo da Ousia da Capela do Priorado do Rosário no Monte Sacro-Tiswadi (ver Catálogo – nº 642). Neste caso, a confraria de Nossa Senhora do Rosário solicita um retábulo no reino e que seja feito à maneira do que se vê na Igreja da Ordem de São Domingos em Lisboa.

8.2. Risco

Para o panorama da produção retabular no *taluka* de Tiswadi detectamos que a responsabilidade do risco ou traça foi entregue a mestres com formação erudita. Um dos mais importantes e estudados mestres a trabalhar em Goa foi Júlio Simão, nascido em Goa no século XVI. Esteve brevemente em Portugal entre 1590 e 1596 voltando a Goa com a armada de Francisco da Gama que vinha para ocupar o cargo de Vice-rei. Júlio Simão, porém, vinha para substituir o engenheiro mor da Índia, João Baptista Cairato.

8.3. Execução

Na posse do risco, o retábulo era depois executado por mestres na arte do entalhe. Numa primeira fase, os retábulos eram executados por artistas do reino e exportados nos navios para Goa. Numa segunda fase, considerando que os artistas locais eram hábeis na arte do entalhe, pensamos que apenas os riscos fossem solicitados a mestres eruditos e fossem entregues aos mestres ou artistas locais. Algumas referências desses factos estão por exemplo os retábulos em Cochim já no ano de 1511:

> *"Desde os primeiros anos do século XVI que se começaram a enviar retábulos para as igrejas da Índia, sabendo-se a existência de alguns em Cochim*

já no ano de 1511. Outras referências em documentos (...) falam-nos de pinturas existentes nas igrejas em datas bastante recuadas e de outras que as irmandades pediam que lhes fossem enviadas de Portugal. Estas obras distinguem-se das que depois se executaram em Goa, não só pelo estilo, mas até pela qualidade das madeiras."[484]

A partir do momento em que se assume que na Índia havia artistas capazes de fazer a arte desejada, e que o transporte de retábulos do reino se considerou se inviabilizou devido às condições a que estavam sujeitos[485], observa-se um aumento da produção retabular que se prolonga até ao Tardo-Barroco e Rococó.

A implantação do retábulo nestes territórios, embora com a mesma função, mesma estrutura e mesmos materiais, respondia a uma sociedade que se formava no culto cristão e que transportava da antiga devoção as suas formas de interpretação da arte que invariavelmente se percutia na arte. Com isso chega a proibição no I Concílio Provincial de Goa em 1567, que proíbe que nenhum cristão permitisse que artistas gentios executassem algum objecto do culto divino:

"nenhum cristão mandasse pintar imagens nem outra coisa alguma pertencente ao culto divino aos pintores gentios, nem mandasse fazer a ourives, fundidores ou latoeiros infiéis, cálices, cruzes, castiçais ou coisas que fossem para usar nas igrejas[486]*"*

No entanto, nem esta medida veio a demover quem faz a encomenda de entregar aos artesãos locais, de tal forma que durante o V Concílio em 1606[487] é obrigado a alterar as normas para acabar com uma regulamentação que não era cumprida.

Noutras geografias, sabe-se que em 1591 os Jesuítas de Cochim conseguiram acabar o púlpito que tinha sido entalhado por um hindu que prometeu converter-se caso

[484] Carlos de Azevedo, *A Arte de Goa, Damão e Diu*, Comissão Executiva do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama (Lisboa, 1969), 31.

[485] Dias, «Retábulos Indo-Portugueses da Renascença ao Início do Barroco», 100.

[486] Pedro Dias, *O Espaço do Índico*, História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) (Lisboa: Circulo de Leitores, 1998), 101.

[487] Os concílios Provinciais de Goa decorreram nos de 1567, 1575, 1585, 1592 e 1606. Patrícia Souza de Faria, «Os concílios provinciais de Goa: reflexões sobre o impacto da "Reforma Tridentina" no centro do império asiático português (1567-1606)», *Revista Brasileira de História* 14, n. 27 (2013), http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882002000100002&script=sci_arttext#back19..

fosse presenteado com a cura dos seus olhos. Para tal tinha invocando Santa Luzia por insistência dos Padres da Companhia e curou-se rapidamente, podendo terminar a obra do púlpito[488]. Este conto certamente não terá sido o único, apenas não temos para Goa semelhantes relatos.

Estes factos deixam-nos com duas conclusões importantes: numa primeira instância os retábulos são importados do reino. Deverá corresponder maioritariamente a pequenos retábulos portáteis mas igualmente outros de grande porte. Posteriormente, num período de cerca de quarenta anos podemos assumir que coexistiram retábulos importados do reino e retábulos executados pelos artistas locais, o que corresponde sensivelmente ao início da terceira conjuntura que verificámos neste *taluka*.

Sabemos da existência de mestres nas variadas fases de execução do retábulo. Nomeando apenas alguns, mestre Babuxa na arte do entalhe, responsável pela execução de variadas figuras de vulto perfeito para os Agostinhos em Goa. Na douração, o mestre António da Costa, dourador também para os Agostinhos. E mestres ourives não identificados responsáveis pelo risco e pela execução do sarcófago de prata de São Francisco Xavier na Igreja do Bom Jesus em Velha Goa-Tiswadi (ver Catálogo – nº583).

Igualmente, a presença de mecenas de Itália proporcionaram a entrada de obras projectadas e executadas em Florença, como o caso do trono de mármore para o sarcófago de São Francisco Xavier na Igreja do Bom Jesus em Velha Goa-Tiswadi (ver Catálogo – nº584).

Existe ainda hoje no vizinho estado de Karnataka, uma comunidade denominada de *gudigar* que desde há muito tempo é conhecida pela execução de templos. A palavra *Gudi* significa templo e na língua Kannada, *gudigar* significa artesão do templo. Estes artesãos foram historicamente empregados pela corte da dinastia Kanada em várias regiões costeiras, uma delas Goa. Estes artesãos sabiam esculpir, pintar e moldar barro. Num outro momento iniciam a arte de esculpir madeira, mais precisamente ébano e sândalo bem como marfim. Com a proibição de trabalhar o marfim e com a escassez de sândalo, esta tradição de artesãos desta região da Índia foi perdendo-se no tempo.

[488] Dias, *O Espaço do Índico*, 289.

Esses artistas eram designados mediante a sua especialização nas artes[489]:

a. *shilpin* – artista
b. *pratimakara* – execução de imagens
c. *sutragahi*-tasharas – entalhador
d. *vardahaci* – marceneiro
e. *sutradhara* – carpinteiro
f. *rupakara* – ornamentador

[489] Thakkar, *Naqsh : the art of wood carving in traditional houses of Gujarat : a focus on ornamentation*, 27.

Conclusões

9. Conclusões

O projecto português de expansão, um projecto de forte componente comercial viu, na propagação da fé cristã na Índia, um veículo para a hegemonia do território além-mar. Partiu-se então de Lisboa em busca dos cristãos perdidos e com a motivação religiosa justificaram-se os actos de cariz economicista. Não se passaria para além dos territórios costeiros mas tal não impediu que a presença portuguesa não se afirmasse grandiosa.

Goa torna-se imponentemente na Roma do Oriente. Em cada navio de Lisboa chegam mais e mais religiosos que irão suportar para a coroa portuguesa o peso das conversões religiosas e consequentemente a coesão de um território alcançado mas tão longe para ser governado. Ajustados no sistema de Padroado, as Ordens Religiosas distribuem-se e dividem o território entre si. Os viajantes europeus que aportam a Goa pasmam em ver a quantidade de igrejas, o frenesim do comércio e gestão urbanística que os confunde e remete para uma cidade na europa. Tomando a si a população de crenças locais, as ordens religiosas foram somando novas almas, crescendo em cristãos e em território nas igrejas improvisadas e pequenas ermidas que se viriam a tornar importantes igrejas. Depressa se torna emergente dotar estes locais de mobiliário litúrgico.

O retábulo, que é o instrumento primordial do diálogo com a população indouta na doutrina cristã, era essencial para prover a população dos ensinamentos necessários para a condução de uma nova vida, numa nova fé. A arte religiosa surge como catalisador da fé mostrando nas imagens os benefícios da conversão sendo o retábulo o seu veículo principal. O retábulo é nesta perspectiva o representante da fé pela arte, um livro em imagens.

De início a produção retabular vem a bordo dos navios. Privados, Confrarias e Ordens Religiosas Regulares solicitam por carta o envio de *riscos* ou de retábulos completos e manifestam as suas vontades nos pedidos que fazem. Pretendem dotar as igrejas do Oriente com retábulos à feição dos que conhecem em Lisboa. Em algumas ocasiões, depois de terem comissionado o *risco* as Ordens Religiosas mudam de opinião e comissionam a sua alteração a artistas e engenheiros em Goa. É um dos momentos de viragem na produção retabular indo-portuguesa. Torna-se obvio que, as terras onde esta fé se espraiava, eram ricas em hábeis artesãos na arte do entalhe que podem assumir as

funções dos artistas europeus. Para isto contribui a escassa fixação de artistas do reino ou de quaisquer outras partes da Europa.

É nesse momento que a arte retabular indo-portuguesa começa a sua individualização no cenário da produção retabular do Mundo Português, em consequência do contacto de uma nova cultura europeia com a Índia, milenar e multicultural, ganho pelo contacto de outros povos que chegaram antes dos portugueses, quer por via terrestre, quer por via marítima.

Esta herança multidisciplinar veio de todos os povos que sucessivamente se foram estabelecendo na Índia deixando o seu contributo cultural, processo que se estabeleceu desde os povos Dravídicos, Ários, Gregos, Kushanas, Árabes, Afegãos e Mogóis. Este processo de contribuição cultural na Índia nunca anulou a sua própria essência, aliás enriqueceu-a. Este processo tem vindo a ser denominado de várias formas – miscigenação, assimilação, aculturação, confluência, inculturação, hibridismo querendo no fundo justificar a forma como os povos de contacto entenderam, aceitaram ou declinaram os códigos culturais e religiosos de parte a parte.

Iletrados na fé cristã mas grandes mestres na arte do entalhe, os artistas locais assumem a execução da produção retabular. Por vezes, motivados pela fé dos responsáveis da encomenda, estes artistas convertiam-se à fé que trabalhavam com as suas mãos. Mas o peso da herança cultural destes artistas foi demasiado para que o Clero não tardasse a legislar sobre quem podia ser o criador desta arte do divino.

No final do Século XVI, decide-se em Concílio Provincial em Goa que, nenhum artista infiel fosse permitido de executar qualquer peça que se destinasse ao culto divino – quer fosse pintor, ourives, fundidor ou latoeiro. Desde que o seu estatuto perante a fé cristã estivesse marginalizado, a sua intervenção na produção retabular estaria vetada. Na realidade os artistas nunca deixaram de receber encomendas, nem de as executar. Logo no início do Século XVII um novo Concílio Provincial altera a regra que nunca tinha sido cumprida. Estes artistas locais podiam executar peças do culto divino, desde que respeitassem duas condições – que não havia outro artista cristão capaz de executar a obra e que os trabalhos eram executados nas casas ou instituições dos cristãos.

A arte produzida na Goa portuguesa, de carácter essencialmente religioso, é um novo ponto na enorme manta de retalhos que constitui a tradição artística na Índia e que, durante algum tempo, não recebeu a atenção e estudos necessários. A percepção do que

é indo-português, termo que é usado, pelo menos desde 1883, foi-se alterando ao longo da história, ganhando e perdendo estatuto mediante o que os investigadores percepcionavam das peças que conheciam. O termo e o estudo das formas de arte indo-portuguesa estiveram de forma volátil ligados à produção paralela de arte – cópias do original – e posteriormente às políticas da primeira metade do Século XX. Nesses últimos estudos protagonizados por Mário Tavares Chicó e Carlos de Azevedo não foi possível ver a arte indo-portuguesa pela sua génese porque a intenção política era justificar e manter português um território ameaçado de se perder para a União Indiana. Por isso mesmo falhou-se em perceber a amálgama artístico-cultural dos artesãos, e do seu peso na criação da arte retabular indo-portuguesa que estabeleceram um precedente que não se verificou no restante Mundo Português. Os desenhos e tratados com origem na Europa são assimilados e interpretados por estes artesãos que irão inevitavelmente subordinar a gramática litúrgica que desconhecem à sua própria.

A produção retabular em Goa durante o século XVII-XVIII denota o conhecimento da tratadística e a influência das formas mais eruditas de arte. Um dos elementos que se destaca são os elementos arquitectónicos presentes sobretudo nas igrejas de Velha Goa. Uma coluna de secção poligonal com estridas helicoidais é, em número bastante inferior ao que se encontra na amostra total, no entanto, constitui um exemplo notável de como estampas de autores como Guarino Guarini chegaram até estas longitudes. O retábulo indo-português em Goa, como um todo, foi igualmente buscar inspiração a Sebastiano Serlio. Existem vários exemplares que denotam a influência do seu tratado no autor do risco destes retábulos de tal forma que convencionamos designar de *mestre serliano* aquele que terá sido o responsável pela sua execução.

Pelo que conseguimos apurar, os religiosos de São Caetano terão sido os responsáveis pela introdução do Barroco Pleno e do Barroco Final em Goa. É interessante verificar que, é uma Ordem Religiosa que funcionou inicialmente à margem do sistema de Padroado, e que recebe ordens de expulsão de Goa, que define o início de duas conjunturas artísticas e introduz, no Barroco Pleno, uma matriz de produção retabular única – o modelo compositivo de colunas triplas, estando a do centro mais avançada em plano em relação às restantes.

Buscámos a génese deste tipo de coluna e deste tipo de solução compositiva. Através da documentação remanescente verificámos que a introdução do Barroco Pleno em Goa terá sido motivada pela campanha de obras da fachada da Igreja da Divina

Providência, dos referidos Teatinos. Essa fachada foi deliberadamente executada para se assemelhar à Igreja de São Pedro em Roma. Os símbolos alusivos a São Pedro em Roma impregnados na fachada entraram igualmente portas adentro e inundaram a produção retabular. As colunas, para além de assumirem um modelo compositivo totalmente novo, são do género salomónicas, compostas de quatro terços que alternam entre motivos e estrias helicoidais. Este tipo de elementos arquitectónicos, que se verificou quase na exclusividade Teatina é uma cópia das colunas doadas do templo de Salomão a Roma. São Pedro em Roma teve um total de 12 colunas deste suposto templo, do qual actualmente restam apenas algumas. Os Teatinos tinham 24 colunas em quatro retábulos da Divina Providência que se mantêm para a prosperidade.

Na conjuntura artística seguinte, a presença de um mecenas de Florença proporciona as bases para o estabelecimento de mais um precedente, protagonizado por esta mesma Ordem Religiosa. O novo retábulo da Ousia, que substitui um primeiro, é um exemplar único que, tal como a fachada na conjuntura artística anterior influenciou fachadas de muitas outras igrejas em Goa, também este retábulo influenciou outros depois dele. Não sabemos muito sobre este retábulo, nem o autor do risco nem o mestre entalhador, mas sabemos quando entrou a doação de Cosimo III e sabemos igualmente que será filiado num retábulo projectado pelo Padre Teatino Guarino Guarini em San Nicoló em Verona-Itália, tudo foram informações suficientes para aceitar a grandiosidade da acção destes religiosos no panorama da produção retabular indo-portuguesa do período Barroco. De *indesejados* a definidores de conjunturas artísticas, a Ordem dos Clérigos Regulares da Divina Providência assumem um papel categórico no panorama artístico de Goa.

O número de exemplares que conseguimos inventariar denotam uma tendência crescente desde o primeiro momento atingindo o apogeu durante o Barroco Final. Durante o período do Tardo-Barroco e Rococó assiste-se a uma diminuição da produção retabular situação que estará intimamente relacionada com o clima de tensão criado pela expulsão da Companhia de Jesus e a posterior extinção das Ordens Religiosas. A produção retabular, no entanto, supera as conjunturas anteriores durante o período do Revivalismo.

Aceitando os dados que nos são fornecidos pelos exemplares remanescentes, durante a conjuntura da Atitude Anticlássica e Decoro Tridentino, o 1º Maneirismo, detectamos apenas um exemplar em Velha Goa, mais precisamente no Monte Sacro, o que é consistente quer com a data de implantação da capela onde se localiza, quer com o

local de implantação portuguesa. Já durante a conjuntura seguinte – Prenúncios do Triunfalismo Católico – o 2º maneirismo, a produção retabular é maior. Coincide historicamente com as acções tomadas em Concílio, de proibição e recuo na decisão da proibição, de artistas não cristãos executarem objectos de devoção cristã, facto que tal como demonstramos não foi acarretado no período de vigência dessa proibição. É ainda na Velha Goa onde se concentram a maior parte desses exemplares.

Durante o Proto-Barroco, Barroco Pleno e Barroco Final continua igualmente uma maior expressão em Velha Goa, ilhas e aldeias costeiras do taluka de Tiswadi. A diferença está no aumento gradual de paróquias com exemplares destas conjunturas no seu decorrer. O Tardo-Barroco e Rococó, apesar de ser a conjuntura com menos exemplares deste inventário, está representada na maioria das principais paróquias que já existiam desde o Barroco Pleno. O Revivalismo é sem dúvida a conjuntura que mais se espalhou em território, muito pese a proximidade temporal ao nosso tempo e uma maior capacidade financeira por parte dos responsáveis pela encomenda.

No que respeita à encomenda, o Clero Secular foi o maior responsável pelo pedido de comissionamento de retábulos em qualquer conjuntura. Depois do Clero Secular, durante o século XVI a Ordem dos Pregadores comissionou o maior número de encomendas, seguidos dos privados. Durante o século XVII os segundos maiores promotores de encomendas foram as Ordem Regulares. Destas é a Companhia de Jesus, a Ordem de Santo Agostinho, Ordem dos Frades Menores e os Clérigos Regulares de São Caetano quem encomendaram mais retábulos. Registam-se igualmente muitas encomendas por parte de privados e de pelo menos uma confraria. Durante o século XIX são as confrarias e os privados quem a seguir ao Clero Secular fez mais encomendas.

Durante o Barroco Pleno, assume-se definitivamente a predilecção pelo modelo compositivo de colunas triplas sendo esta a maior expressão, seguida posteriormente do modelo de colunas duplas, tendência que se mantém pelo Barroco Final. Relativamente aos seus usos e funções o modelo com mais aceitação foi devocional a um tema em todas as conjunturas artísticas. Durante a vigência do 2º Maneirismo registaram-se ainda exemplares narrativos, devocionais a três temas, vários temas e Eucarístico. No Proto-Barroco igualmente, adicionando-se ainda exemplares relicários e de Múltiplas Funções. Durante o Barroco Pleno, Barroco Final e Tardo-Barroco e Rococó a expressão é quase na totalidade para retábulos devocionais a um tema, sendo ainda possível verificar alguns

exemplares narrativos, Eucarísticos e relicários. É durante o Revivalismo que notamos um maior número de retábulos devocionais a três temas.

Os materiais de execução na produção retabular foram desde sempre a madeira no acabamento de dourada e policromada. Já durante o revivalismo dá-se preferência ao acabamento com policromias ou apenas com verniz. Registam-se ainda a presença de materiais pétreos como o mármore italiano, de uma encomenda e execução artística da região de Florença e metais nobres, como a prata. Relativamente à alvenaria e mais precisamente à técnica de esgrafito, conseguimos apurar apenas um retábulo nessa técnica. Durante o período do Revivalismo começam a verificar-se outros tipos de materiais como a alvenaria policromada, com outros materiais pétreos aplicados. Existe apenas um exemplar na técnica de pintura mural, datado do século XVII.

A talha do *taluka* de Tiswadi é um excelente representante da produção retabular de todo o território goês, que difere da talha produzida no norte, nas regiões de Damão, Diu, Bombaim, Vasai e Taná. É inevitável dizer que o retábulo indo-português tem um grande peso na herança patrimonial que começou a ser criada pela presença portuguesa na Índia. Durante os primeiros contactos dessa presença, resiste-se à permeabilidade das influências culturais e artísticas que os artesãos locais têm para contribuir, no entanto, a necessidade de mão-de-obra obriga que, quem comissiona a obra aceite quem existe para a fazer, e esses artesãos foram os hábeis executantes de uma arte de devoção que não dominavam.

A Glória da Roma do Oriente perdura na arte retabular através dos testemunhos das igrejas, capelas, conventos e mosteiros de todo este *taluka* e também pelas igrejas, capelas e conventos que já não existem mas que continuam de viva voz através dos retábulos que lhes sobreviveram.

Inventário Artístico do Retábulo Indo-Português
Taluka de Tiswadi

Preâmbulo

O presente inventário artístico do retábulo indo-português encontra-se organizado de acordo com a delimitação administrativa da Arquidiocese de Goa, Damão e Diu e a delimitação geográfica da taluka de Tiswadi.

A Arquidiocese está dividida em dezoito vigariarias que se encontram na zona geográfica de Goa, e nos territórios mais a norte, uma missão e um paróquia – Damão e Diu, respectivamente. Igualmente atribui três zonas ao território eclesiástico: zona norte, com seis vigariarias, correspondendo às talukas de Pernem, Bardez, Bicholim e Satari, a zona central, com quatro vigariarias, correspondendo às talukas de Tiswadi e Ponda e a zona sul, com oito vigariarias, uma missão e uma paróquia, com as talukas de Mormugão, Salcete, Sanguém, Quepem e Canacona e a missão de Damão (com sete paróquias) e a paróquia de Diu. Cada zona é dirigida por um Vigário Episcopal.

A taluka de Tiswadi está compreendida em três vigariarias compreendendo vinte e nove paróquias. Todas as paróquias pertencem a localidades pertencentes à taluka de Tiswadi à excepção da paróquia de Marcela que por estar no limite geográfico da taluka Tiswadi com a Taluka Ponda, ficou eclesiasticamente ligada à zona central. As paróquias encontram-se distribuídas da seguinte forma:

1. Vigariaria de Goa Velha, com as paróquias de:
   1.1. Agassaim
   1.2. Azossim
   1.3. Batim
   1.4. Curca
   1.5. Goa Velha
   1.6. Mandur
   1.7. Neurá
   1.8. Siridão
   1.9. Talaulim

2. Vigariaria de Velha Goa, com as paróquias de:
   2.1. Carambolim
   2.2. Corlim
   2.3. Marcela

2.4. Naroa
2.5. Piedade
2.6. Santo Estevão
2.7. São Brás
2.8. São Matias
2.9. São Pedro
2.10. Vanxim
2.11. Velha Goa

3. Vigariaria de Pangim, com as paróquias de:
   3.1. Bambolim
   3.2. Chorão – São Bartolomeu
   3.3. Chorão – Nossa Senhora da Graça
   3.4. Mercês
   3.5. Pangim
   3.6. Ribandar
   3.7. Santa Cruz
   3.8. Santa Inês
   3.9. Taleigão

Destes referidos locais, foi possível relocalizar algum do seu património retabular noutras igrejas de Goa. Nestes casos, o inventário artístico irá organizar-se da seguinte forma: nos casos em que o património retabular foi relocalizado numa outra igreja ou capela, a localização em planta irá referenciar a relocalização por sistema de cores e legenda.

Tomemos este caso concreto como exemplo: o Retábulo da Senhora dos Milagres, original da Igreja do Espírito Santo do Convento de São Francisco (Velha Goa-Tiswadi), foi relocalizado na Igreja do Espirito Santo (Margão-Salcete). Na imagem de capa do inventário da igreja é possível encontrar na legenda esta mesma informação bem como na localização em planta. A planta deste retábulo, indicado como nº3, foi colocada fora do espaço da igreja, ao lado do espaço onde se achava originalmente:

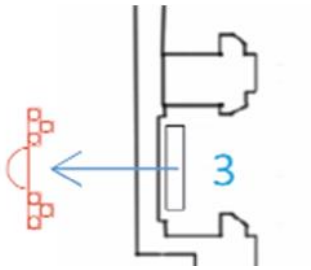


Figura 47 – demonstração de ilustração de um retábulo relocalizado.

3 |Retábulo de Nossa Senhora dos Milagres
Actualmente: na Igreja do Espírito Santo, Margão-Salcete

No caso acima referido, a capela da igreja não tem qualquer talha, apenas uma mesa de altar. Existem igualmente casos em que a capela original de um retábulo relocalizado contém ela mesma outro retábulo oriundo de um outro espaço religioso, como é o caso de um retábulo de uma outra capela desta mesma igreja, indicado pelo nº4. Neste caso, a capela alberga o retábulo da Capela de Nossa Senhora da Purificação do Convento de Santa Mónica (Monte Sacro-Tiswadi) enquanto o original foi relocalizado na Igreja de Nossa Senhora do Pilar (Seraulim-Salcete). Nesses casos a legenda e desenho em planta irão reflectir-se da seguinte forma:

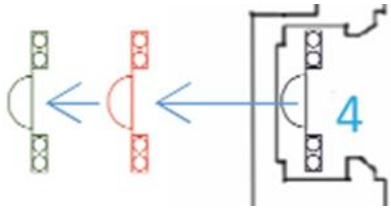


Figura 48 – demonstração de ilustração de dois retábulos relocalizados.

4 |Retábulo de Santa Isabel
No local: Retábulo da Capela de Nossa Senhora da Purificação, Convento de Santa Mónica, Monte Sacro-Tiswadi.
Actualmente: na igreja de Nossa Senhora do Pilar, Seraulim-Salcete.

A fotografia do retábulo relocalizado noutra igreja será igualmente acompanhada com uma pequena gravura no canto superior esquerdo com a fotografia do espaço ao qual o retábulo pertenceu originalmente.

Estes são os casos em que as relocalizações de retábulo se deram em igrejas do inventário artístico da taluka Tiswadi. Nos casos em que a relocalização se dá em locais fora da taluka Tiswadi, são abertas fichas de inventário no nome do local desaparecido dando-se a indicação da sua relocalização actual. Nestes casos não se efectuaram as localizações em planta.

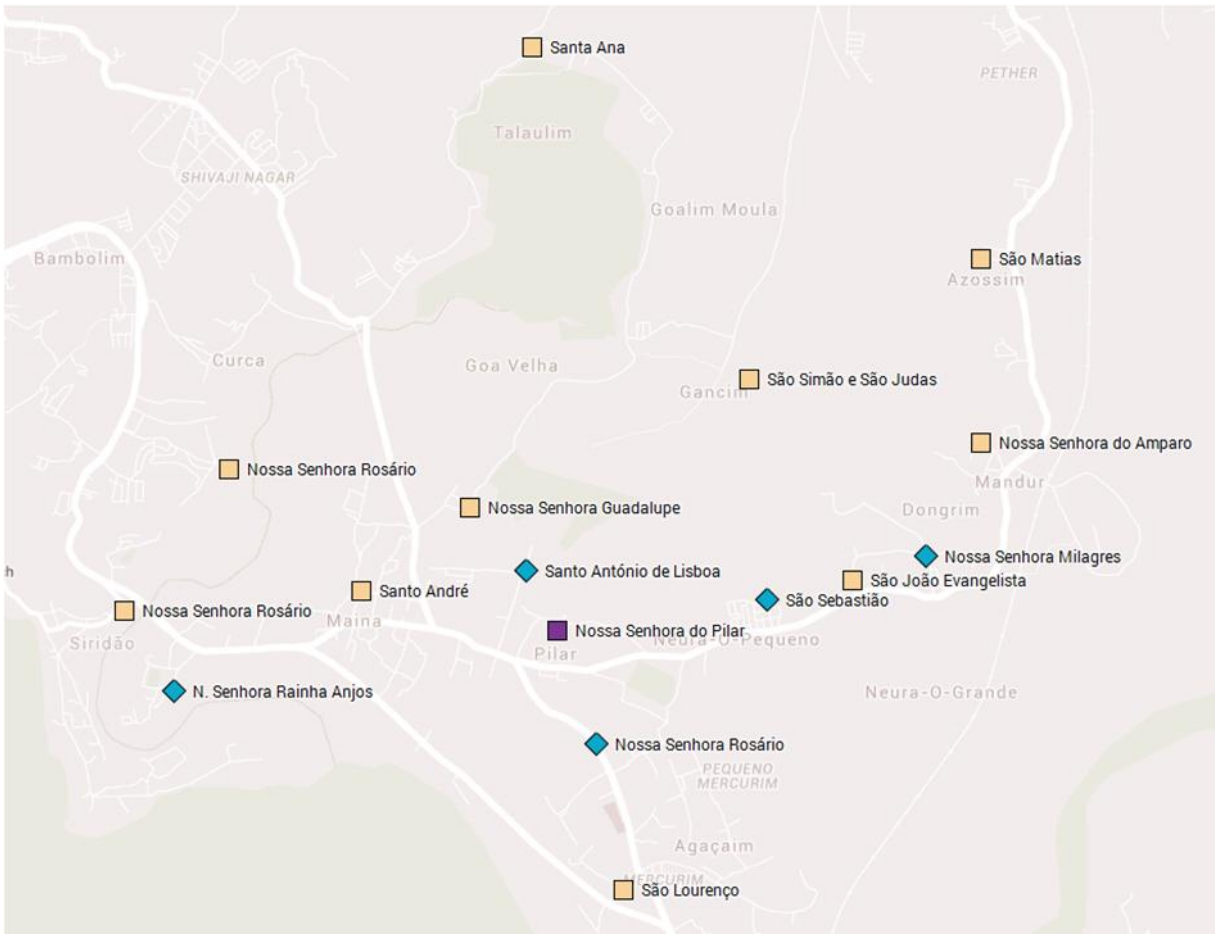
Inclui-se ainda neste inventário os locais extintos, incluindo-se na frente do orago (entre parênteses) a indicação sobre a geolocalização referida na tabela e mapa:

1. Local de Dauguim:
    1.1. Igreja do Convento da Madre de Deus (1)
    1.2. Igreja de São José (2)

2. Local de Ella:
    2.1. Igreja de Santa Luzia (3)
    2.2. Convento de São Domingos (4)
3. Local de Velha Goa e Monte Sacro:
    3.1. Igreja de Santo Amaro (6)
    3.2. Capela do Hospital Real (7)
    3.3. Capela dos Santos Mártires (8)
    3.4. Capela das Cinco Chagas de Cristo (9)
    3.5. Convento/Igreja de Nossa Senhora da Graça (16)
    3.6. Igreja da Senhora da Serra (18)
    3.7. Capela da Misericórdia (19)
    3.8. Igreja de Santo Aleixo (20)
    3.9. Capela do Hospital dos Pobres (21)
    3.10. Capela do Seminário de São Paulo dos Arcos (22)
    3.11. Igreja de São Lázaro (23)
    3.12. Capela da Santíssima Trindade (24)
    3.13. Igreja da Senhora da Luz (25)
    3.14. Igreja de Santo André (26)
    3.15. Hospital de São Roque/Seminário de São Paulo Novo (29)
    3.16. Convento de Nossa Senhora do Carmo (31)
    3.17. Convento de São Boaventura (32)
    3.18. Capela do Palácio da Inquisição (36)
    3.19. Convento de Nossa Senhora do Pópulo (39)
    3.20. Convento de São Tomás de Aquino (45)
4. Pangim:
    4.1. Capela da Imaculada Conceição, no Palácio do Governo (34)
5. Chorão:
    5.1. Seminário e Capela de Nossa Senhora da Graça (38)
    5.2. Igreja de Nossa Senhora da Graça (50)
6. Cullavaiguinim:
    6.1. Capela de Nossa Senhora do Loreto (65)

Vigariaria de Goa Velha

Vigariaria de Goa Velha – Geolocalização dos Locais



Legenda:

- Igreja
- Capela
- Convento/Igreja

Vigariaria de Goa Velha

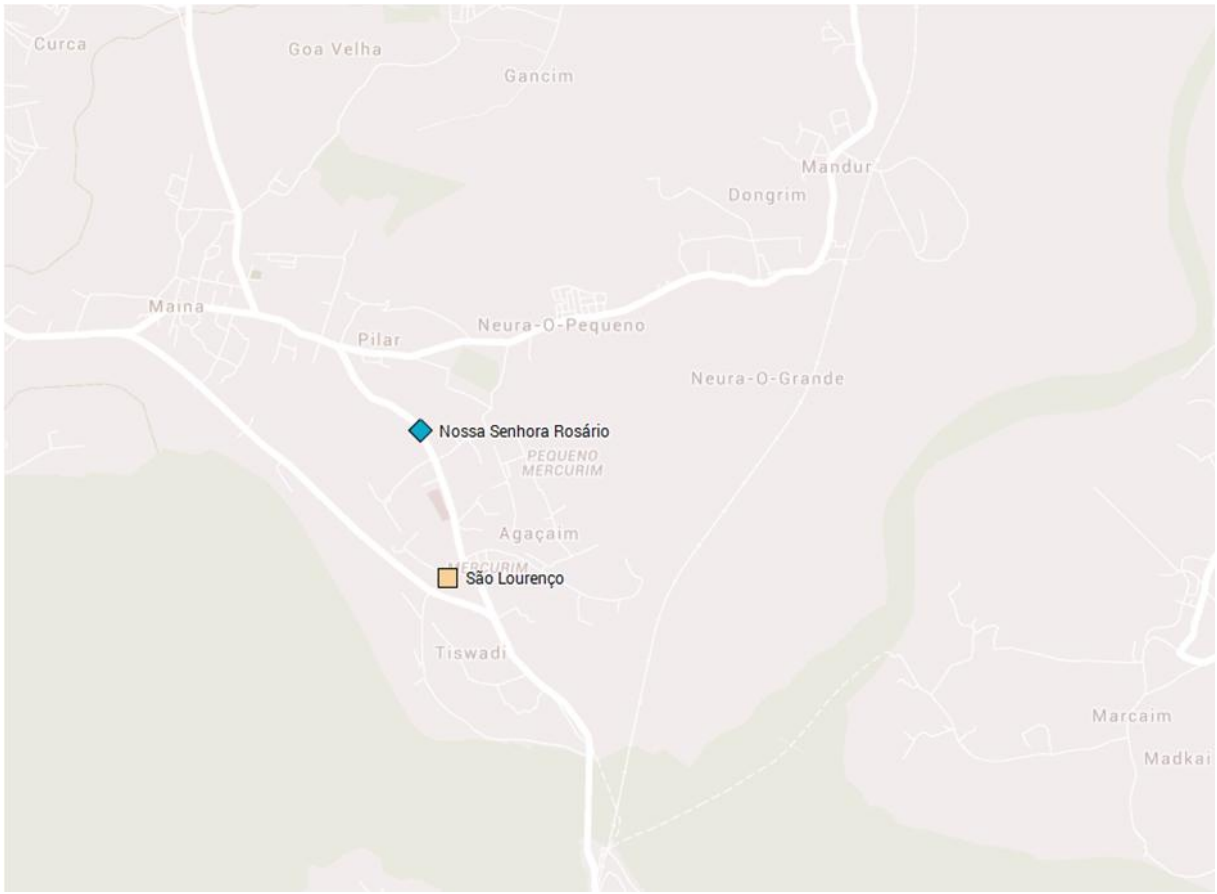
A vigariaria de Goa Velha tem a sua sede paroquial na Igreja de Santo André em Goa Velha compreendendo as seguintes paróquias:

1. **Agassaim**
   1.1. Igreja de São Lourenço, Agassaim.
   1.2. Capela de Nossa Senhora do Rosário, Malwara.
2. **Azossim**
   2.1. Igreja de São Matias, Azossim.
3. **Batim**
   3.1. Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, Batim.
   3.2. Igreja de São Simão e São Judas, Gauxim.
4. **Curca**
   4.1. Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Curca.
5. **Goa Velha**
   5.1. Igreja de Santo André, Goa Velha.
   5.2. Igreja do Convento de Nossa Senhora do Pilar, Pilar.
   5.3. Capela de Santo António de Lisboa, Sant Anton Vaddo.
   5.4. Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos, Palmar Zuari.
6. **Mandur**
   6.1. Igreja de Nossa Senhora do Amparo, Mandur.
7. **Neurá**
   7.1. Igreja de São João Evangelista, Neurá Pequeno.
   7.2. Capela de Nossa Senhora dos Milagres, Neurá Grande.
   7.3. Capela de São Sebastião, Neurá Pequeno.
8. **Siridão**
   8.1. Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Siridão.
9. **Talaulim**
   9.1. Igreja de Santa Ana, Talaulim.

1. AGASSAIM

1.1. Igreja de São Lourenço, Agassaim.

1.2. Capela de Nossa Senhora do Rosário, Malwara.



Legenda:

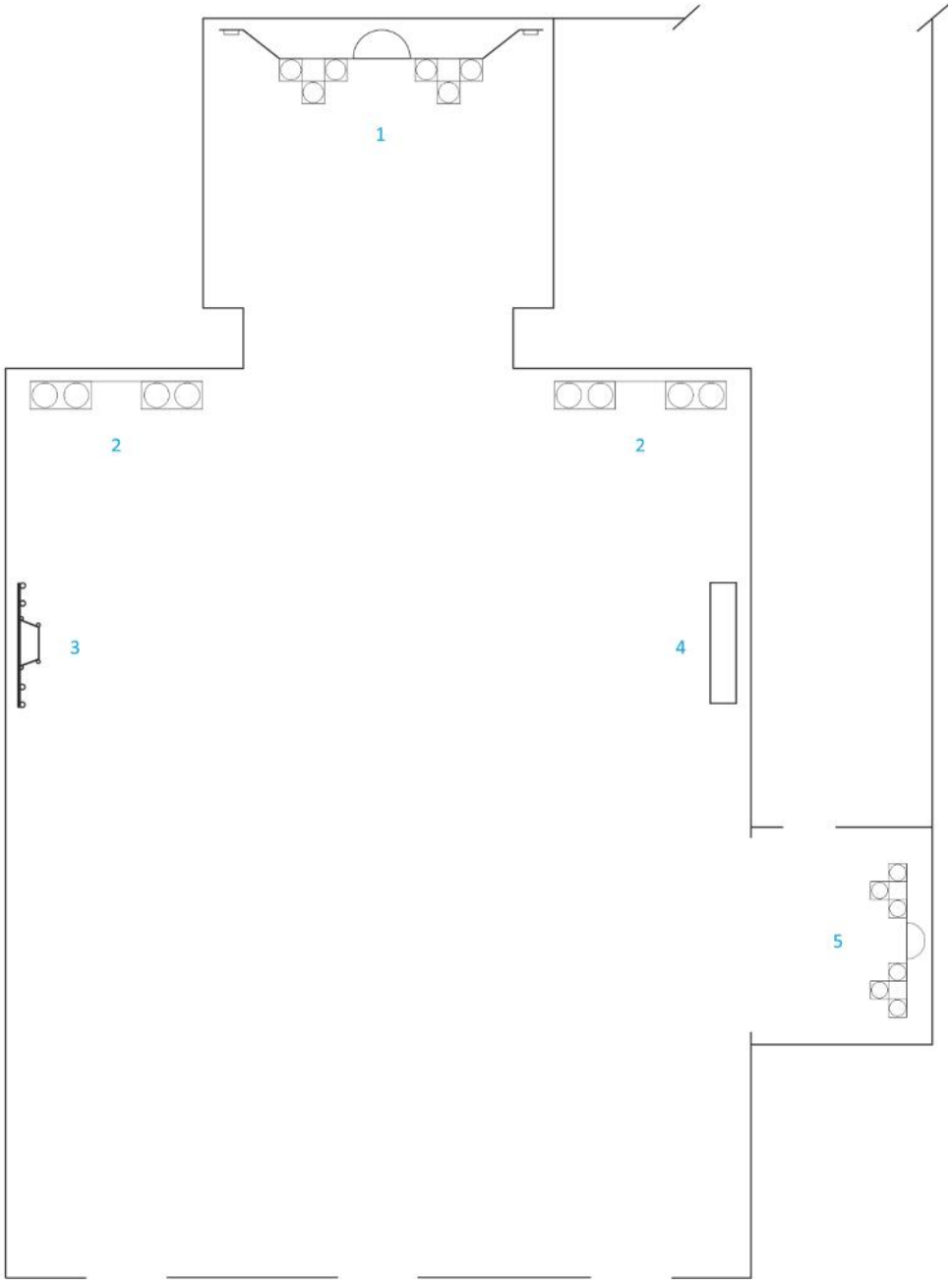
Igreja

Capela

Igreja de São Lourenço

(Agassaim-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.425425, Long. 73.897697

1 |Retábulo de São Lourenço
2 |Retábulos Colaterais: São José (Evangelho) Nossa Senhora do Socorro (Epístola)
3 |Retábulo do Senhor Crucificado
4 |Retábulo do Sagrado Coração de Jesus
5 |Retábulo da Capela de Nossa Senhora do Carmo





1 |Retábulo de São Lourenço

Risco e Entalhe*:* 2º Quartel do século XVIII

Está localizado na ousia. Foi mandado executar por religiosos de São Francisco de Assis no 2º Quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é tramo central ladeado por colunas triplas e tramos das ilhargas por pilastra. Como especificidade refere-se o triplo registo do embasamento.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco, composto por dois registos, há uma mísula no primeiro registo e no segundo registo. A gramática decorativa no banco inclui enrolamentos e elementos vegetalistas. A interromper o banco, ao centro, expõe-se o sacrário de duplo registo. Neste assentam colunas torsas a ladear o tramo central. A ornamentação das colunas situa-se na espira e compõe-se de elementos vegetalistas. No tramo central, o nicho emoldurado por entablamento, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Neste se inclui a inscrição latina *Tantum ergo sacramentum veneremur cernui* sobre o entablamento e a inscrição *lanrentius [inqre] sus est mártir et confessus est nomen d¨ni iesu Christi* no embasamento. Os tramos das ilhargas compõem-se de painéis que não apresentam hoje qualquer temática figurativa. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático evidencia-se o resplendor, coberto por baldaquino, que expõe uma pequena figura de vulto perfeito de Cristo Ressuscitado.

Encontra-se em bom estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Igreja de São Lourenço de Agassaim', *A Voz de São Francisco Xavier*, IV (1937), 390 (p. 390).


I.N.R.I.

2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* 3º Quartel do século XVII

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a Nossa Senhora do Socorro (Evangelho) e a São José (Epístola). Foram mandados executar pelos religiosos de São Francisco de Assis no 3º Quartel do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é intercolúnio inscrito entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo composto de elementos do tipo vegetalista. A gramática decorativa do banco constitui-se de elementos florais e vegetalistas. No tramo central dos dois retábulos, o nicho está emoldurado por uma arquivolta plena, onde se expõe a figura de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático que apresenta a mesma composição arquitectónica do corpo do retábulo – edícula entre duas colunas assentes duas a duas em pedestais. Nestas se expõem pequenas figuras de vulto de São Francisco Xavier (Evangelho) e de São João Baptista (Epístola). O frontão é entrecortado, por uma cartela. A emoldurar o ático estão volutas e concheados. Os retábulos são encimados com um dossel de adição posterior.

Encontram-se em bom estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, p. 390.


INRI
IHS

3 e 4 |Retábulos do corpo da Igreja

Risco e Entalhe*:* 1ª metade do Século XX

Localizam-se no corpo da igreja e são dedicados a Cristo Crucificado (Evangelho) e ao Sagrado Coração de Jesus (Epístola). Foram provavelmente mandados executar por uma das confrarias da igreja na 1ª metade do século XX, sabendo-se que o retábulo da Epístola estava já executado e colocado em 1934. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo.

Constitui-se de madeira entalhada que se apresenta envernizada e pontual douração de alguns elementos, apresentando planta plana. O retábulo do Evangelho tem 3 nichos onde se expõe pequenas figuras de vulto perfeito de Santa teresa, São Sebastião e Nossa Senhora com o menino e uma grande figura de vulto de Cristo Crucificado. O Retábulo da Epístola tem 3 pedestais onde se colocam as figuras de vulto de Cristo, Maria e São João Baptista. Enquanto o retábulo do Evangelho apresenta colunelos (podendo considerar-se este um retábulo na tipologia de um corpo e três tramos), o da Epístola tem apenas duas pilastras. Neste existe igualmente um dossel.

Encontram-se em bom estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, p. 390.



5 |Retábulo da Capela de Nossa Senhora do Carmo

Risco e Entalhe*:* 2º Quartel do Século XVIII

Está localizado no corpo da igreja no lado do Evangelho. Foi mandado executar por religiosos de São Francisco de Assis no 2º Quartel do Século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade refere-se a solução do pedestal incluso entre os pedestais principais.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui elementos do tipo vegetalista e floral, que aliás, preenche toda a superfície do retábulo à excepção das espiras das colunas. Neste assentam colunas torsas com imoscapo diferenciado por meio de anel e pontilhados de ponta e losango alternadamente. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras já muito estilizadas. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. A ladear o nicho e assentes sobre mísulas estão duas figuras orantes de religiosos franciscanos. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas triplas assentes em pedestais – à excepção da coluna do centro que assenta em mísula – evidencia-se uma pintura sobre madeira alusiva às Santas Almas. Estão ainda sobre o entablamento dois painéis em género de aletas nas ilhargas deste ático. O frontão é entrecortado por uma cabeça de serafim e apresenta uma cartela com as cinco chagas de Cristo.

Encontra-se em bom estado de conservação. A abóbada da capela onde está inserido é de arestas.

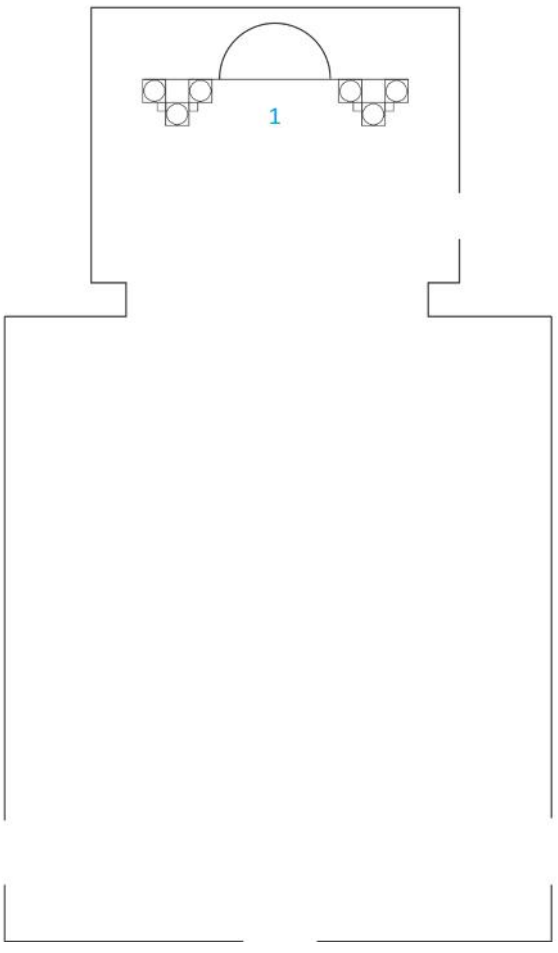
Bibliografia Específica:

Telles, p. 390.

Capela de Nossa Senhora do Rosário

(Malwara-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.434488, Long. 73.896051

1 |Retábulo de Nossa Senhora do Rosário





1 |Retábulo de Nossa Senhora do Rosário

Risco e Entalhe*:* 2º Quartel do Século XVIII

Está localizado na ousia ocupando parcialmente a parede testeira. Foi mandado executar pelo clero secular no 2º Quartel do Século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade refere-se a solução nos pedestais – acrescento de elemento extra no pedestal central para criar maior impacto visual.

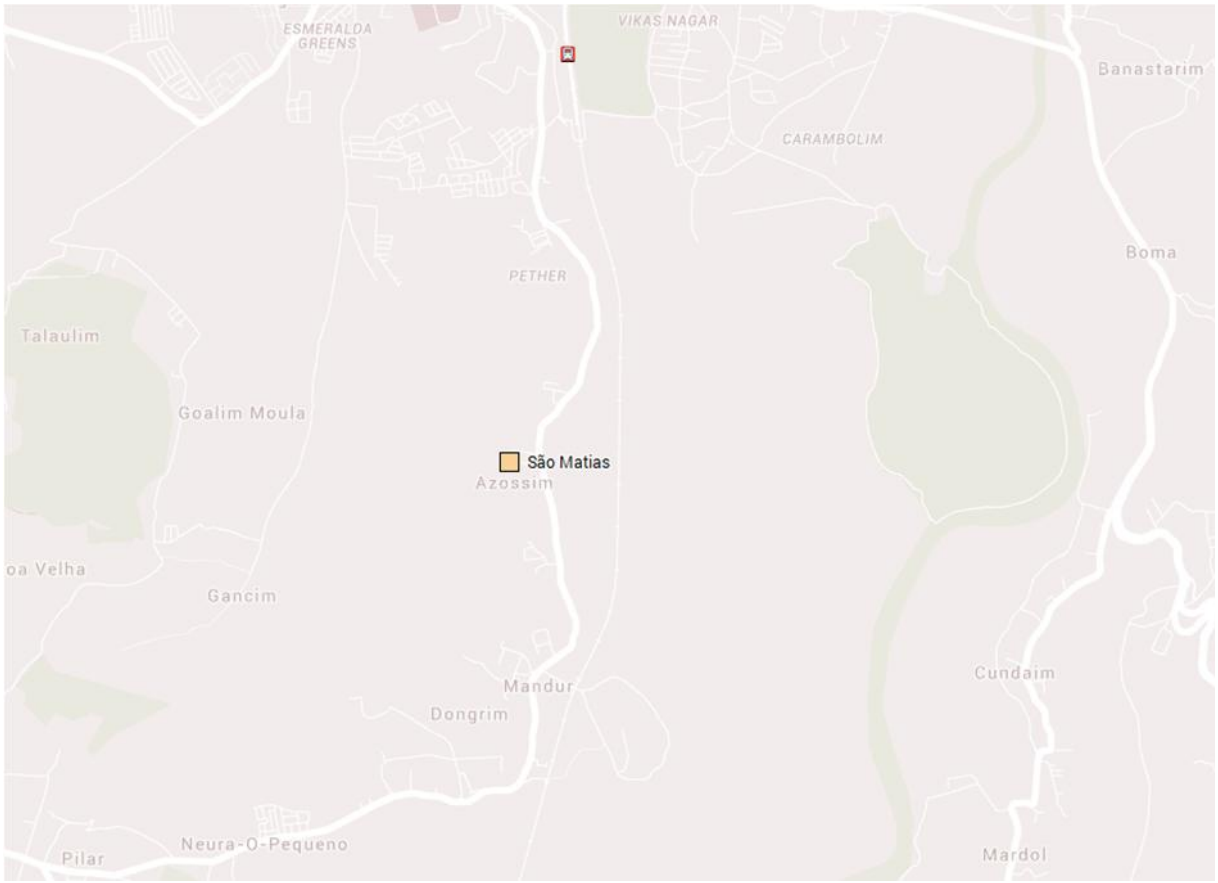
Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui elementos vegetalistas bastante estilizados e com grande volume. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel com pontilhados. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de elementos vegetalistas. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas triplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes em seus pedestais, evidencia-se a edícula onde se expõe uma pequena figura de vulto. O frontão de volutas compõe-se de um painel entalhado onde se representam uvas e acantos extremamente estilizados.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

2. AZOSSIM

2.1. Igreja de São Matias, Azossim.



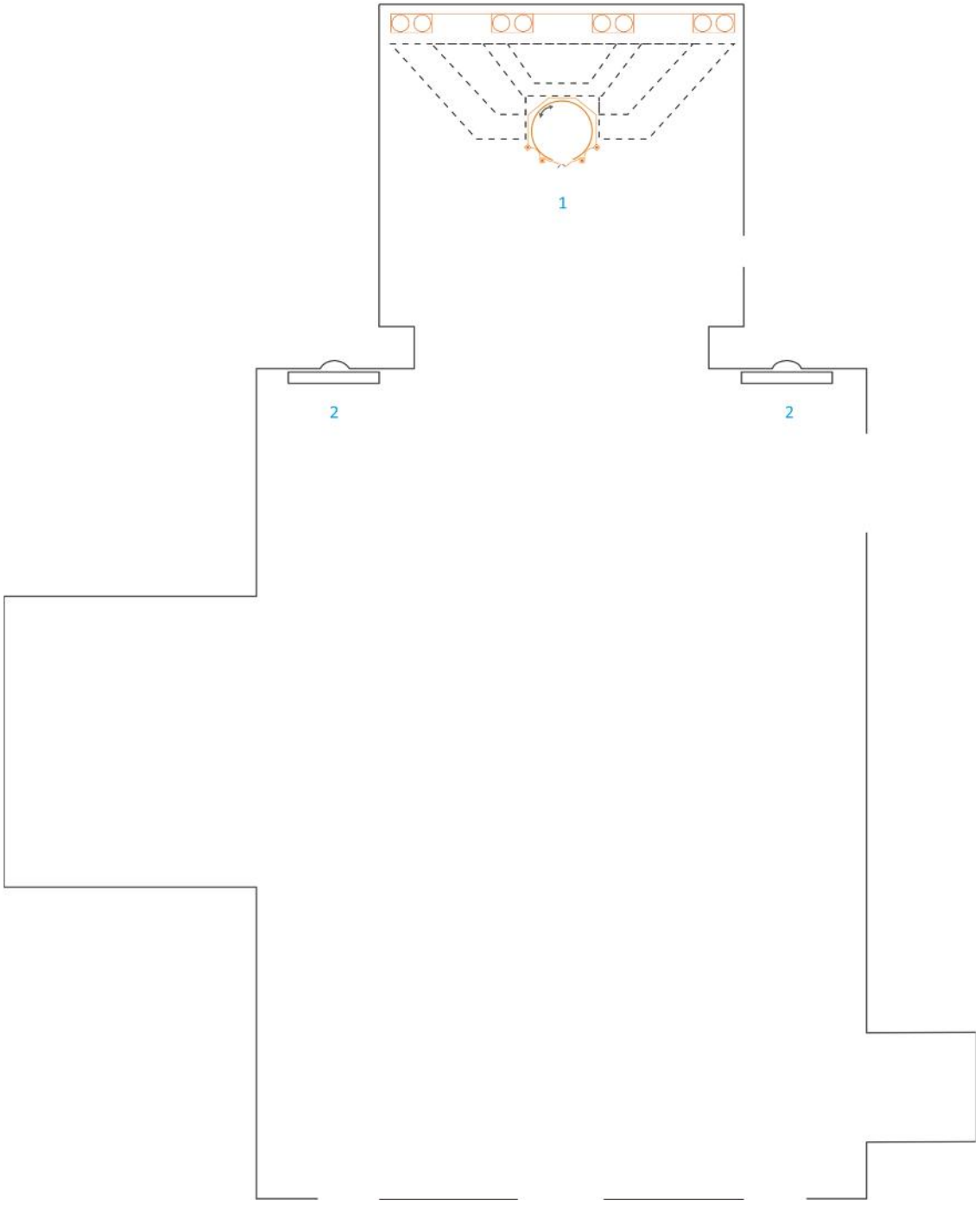
Legenda:

Igreja

Igreja de São Matias

(Azossim-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.464873, Long. 73.920932

1 |Retábulo da Ousia
2 |Retábulos Colaterais



Consultar no Apêndice Fotográfico: 2|

Retábulos Colaterais, Fig. 68, p. 1048



1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* 2ª Quartel do século XVIII (Retábulo), Século XX (Trono)

Está localizado na ousia. Foi mandado executar pelos padres da Companhia de Jesus na 1ª metade do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a vários temas na tipologia menos frequente de dois corpos e três tramos cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Como especificidade refere-se o magnifico sacrário com seu núcleo rotativo com cenas da vida de Cristo.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. O retábulo tem actualmente um enorme trono de degraus como adição posterior, que cobre a totalidade do primeiro corpo e o tramo central do segundo corpo. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam colunas torsas. A decoração das colunas situa-se na espira e compõe-se de elementos vegetalistas. No primeiro corpo, o tramo central foi despojado de duas colunas (que estão actualmente na Ousia) e a tribuna onde se colocava o sacrário foi enchida com uma estrutura em alvenaria para suportar o referido trono que deverá ter sido executado aquando da transferência deste retábulo da igreja original. Nas ilhargas estão painéis que outrora albergaram pinturas. Sobre o entablamento contínuo assenta o segundo corpo. Neste segundo corpo, o tramo central continha uma pintura sobre madeira. Actualmente apresenta dois anjos orantes a uma custódia. Nas ilhargas estão outros dois painéis com o baptismo de Cristo e Cristo no Monte das Oliveiras. No centro do ático, inscrito entre duas colunas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes em pedestais, evidencia-se a edícula com uma figura de vulto de vulto perfeito do orago. Nas ilhargas estão dois painéis entalhados com a figura de São Pedro e de São Paulo de Tarso. O frontão é curvo e inclui um tondo com a representação do Espírito Santo.

O sacrário é de execução distinta. A parte externa do sacrário é de planta poligonal e tem duas edículas nas ilhargas e uma porta na frente. Esta abre-se dando visão ao núcleo rotativo e uma segunda porta falsa. Rodando o mesmo é possível apreciar cinco cenas da Vida de Cristo: Nascimento, Adoração dos Reis Magos, Última Ceia, Crucificação e Ressurreição. Terminadas as cenas abre-se o núcleo para o seu interior

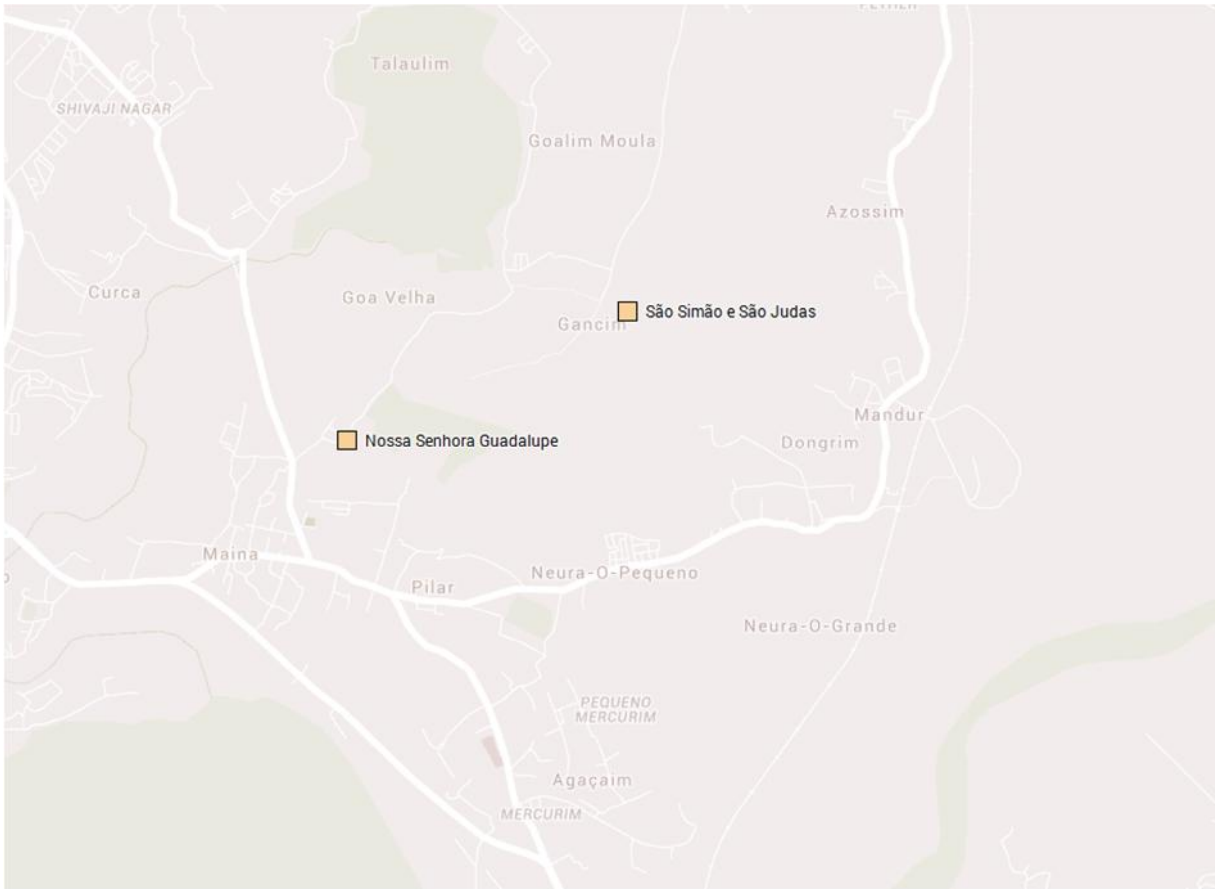
Encontra-se em razoável estado de conservação. A capela onde se insere tem abóbada de caixotões.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

3. BATIM

3.1. Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, Batim.

3.2. Igreja de São Simão e São Judas, Gauxim.



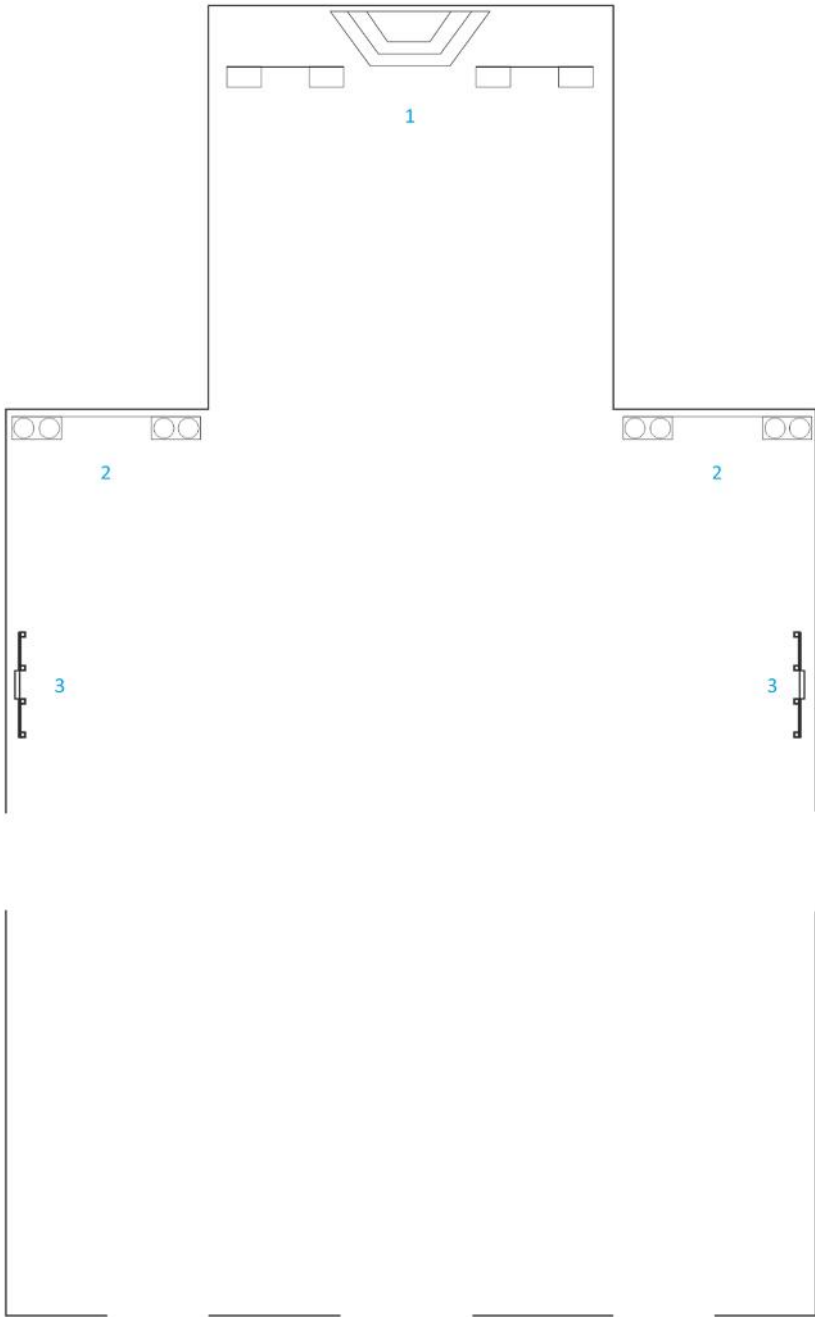
Legenda:

Igreja

Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe

(Batim-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.449256, Long. 73.887794

1 |Retábulo de Nossa Senhora de Belém
2 |Retábulos Colaterais: Ascensão de Nossa Senhora (Evangelho) e Jesus Crucificado (Epístola)
3 |Retábulos do Corpo da Igreja: São Gonçalo (Evangelho) e Sagrado Coração de Jesus (Epístola)





1 |Retábulo de Nossa Senhora de Guadalupe

Risco e Entalhe*:* c.1867

Está localizado na ousia. Terá sido mandado executar pelo clero secular em c.1867, data em que se reedifica esta igreja. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

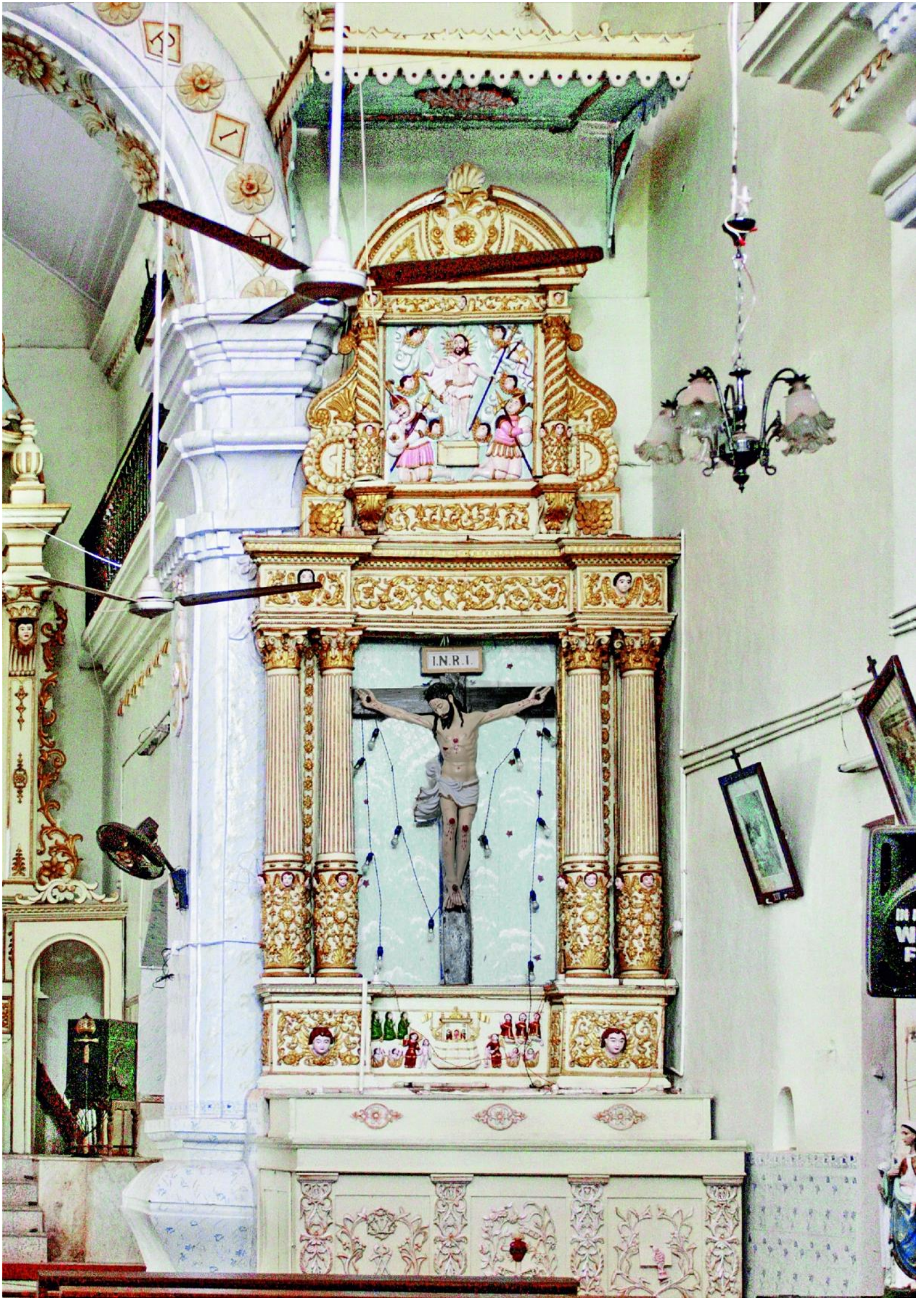
É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há quatro pedestais. Neste assenta igualmente o sacrário do mesmo estilo arquitectónico e periodização, encimado por crucifico com a figura do Senhor. A gramática decorativa no banco inclui elementos vegetalistas muito estilizados. Não existem elementos arquitectónicos. No tramo central, a tribuna emoldurada por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago colocada num trono de degraus e em seu nicho que é de execução anterior (provavelmente do Barroco Pleno). Entre as mísulas – de um e outro lado – estão peanhas e pequenos dosséis que albergam pequenas imagens de vulto perfeito de santos. As ilhargas do retábulo contêm uma moldura que ocupa o comprimento do tramo central com trabalho escultórico de vegetalismos estilizados. O entablamento restringe-se às ilhargas e assenta sobre mísulas com cabeças de serafins. O ático – cujo frontão é curvo inclui um medalhão com a representação da Santíssima Trindade, uma coroa real encimada por cruz, dois anjos que a seguram e dois arcanjos nas ilhargas reclinados sobre volutas.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Igreja de Batim', *A Voz de São Francisco Xavier*, V (1936), 325–28 (p. 325).


I.N.R.I.

2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* 3º Quartel do século XVII

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a Ascensão de Nossa Senhora (Evangelho) e ao Senhor Crucificado (Epístola). Foram mandados executar pelo clero regular (provavelmente religiosos da Companhia de Jesus) no 3º Quartel do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo que apresenta cabeças de serafins, grinaldas, cajus, romãs e acantos. A gramática decorativa do banco constitui-se de cabeças de serafins e vegetalismos (Evangelho) e o retábulo da Epístola apresenta um painel em médio relevo com uma cena alusiva às santas almas. No tramo central do retábulo do Evangelho, o painel em médio relevo está emoldurado por uma arquivolta plena, e é alusivo ao orago. No retábulo da Epístola está a representação do Senhor Crucificado. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático composto de painel em médio relevo ladeado por uma coluna de fuste decorado em padrão espiralado e imoscapo decorado da mesma gramática decorativa das do corpo, assentes em mísulas. Os painéis são alusivos à Santíssima Trindade (Evangelho) e à Ressurreição de Cristo (Epistola). Sobre esta composição assenta o entablamento e frontão que é curvo e interrompido.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, ‘Igreja de Batim’, *A Voz de São Francisco Xavier*, V (1936), 325–28 (p. 325).


IN MEMORY OF
WILSON
FERRAO

3 |Retábulos do corpo da Igreja

Risco e Entalhe*:* 1ª metade do século XX (posterior a 1936)

Localizam-se no corpo da igreja e são dedicados a vários Santos. Foram provavelmente mandados executar por uma das confrarias da igreja na 1ª metade do século XX, provavelmente depois 1936 (data do artigo que menciona os restantes retábulos desta igreja, mas que não faz referencia a estes). Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a três temas, na tipologia usual de um corpo e três tramos em que o modelo compositivo é de intercolúnios inscritos entre colunas – uma de cada lado.

Constitui-se de madeira entalhada que se apresenta envernizada e pontual douração de alguns elementos, apresentando planta plana. Apresentam no tramo central um nicho onde se expõe a figura de vulto perfeito maior e duas peanhas – uma de cada lado – onde se colocam outras duas figuras de vulto perfeito. Apresentam colunelos assentes em pedestais. O entablamento é contínuo e o ático é agudo encimado por cruz. Ao centro apresenta a representação da visão de um religioso enquanto deitado (Evangelho) e Sagrado Coração de Jesus (Epístola)

Encontram-se em bom estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Igreja de São Simão e São Judas

(Gaunxim-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.457361, Long. 73.905866

O património retabular desta igreja foi levado para vários outros espaços, não existindo referências a retábulos. Entre as várias outras peças que foram relocalizadas destacam-se o púlpito em pedra azul que está na Igreja de São João Evangelista (Neurá-Tiswadi).



Presentemente, a ousia possui um altar de execução simples e descontextualizada onde se expõe uma figura de vulto perfeito de Nossa Senhora.

Restante património relocalizado:

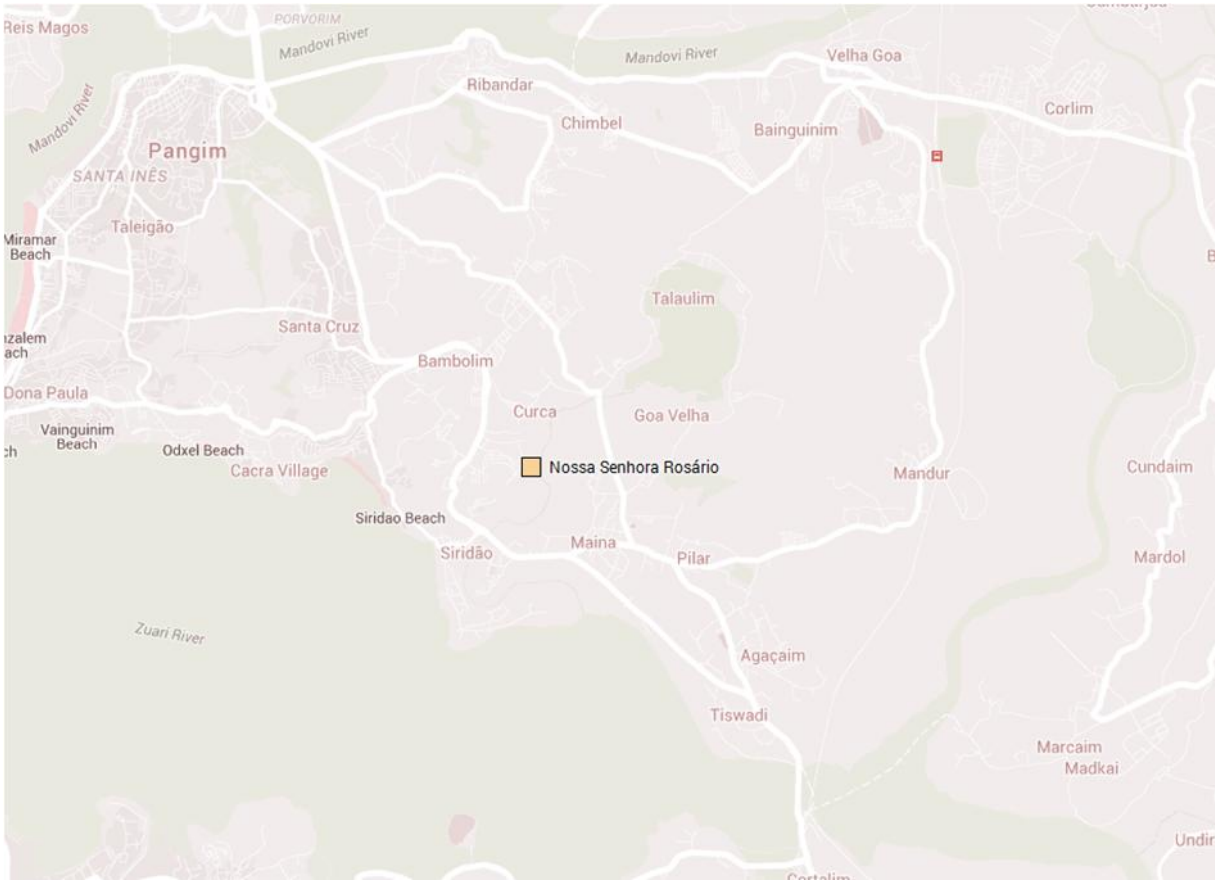
- Na Capela de S. Tomé de Pangim: Imagem do Senhor Morto.
- Na Casa da Administração das Confrarias das Ilhas: Moldura de granito. (Moldura da porta principal da Igreja de S. Simão e S. Judas de Gauxim)
- Na Igreja de Batim: Imagens de S. Simão e S. Judas, no altar de Cristo Crucificado; - Imagens de N. Sra. da Glória e de Cristo Crucificado, no corpo da igreja.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Paróquias Extintas Nas Ilhas de Goa: Igreja de São Simão E São Judas de Gancim', *A Voz de São Francisco Xavier*, 3 (1934), 478 (p. 478).

4. CURCA

4.1. Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Curca.



Legenda:

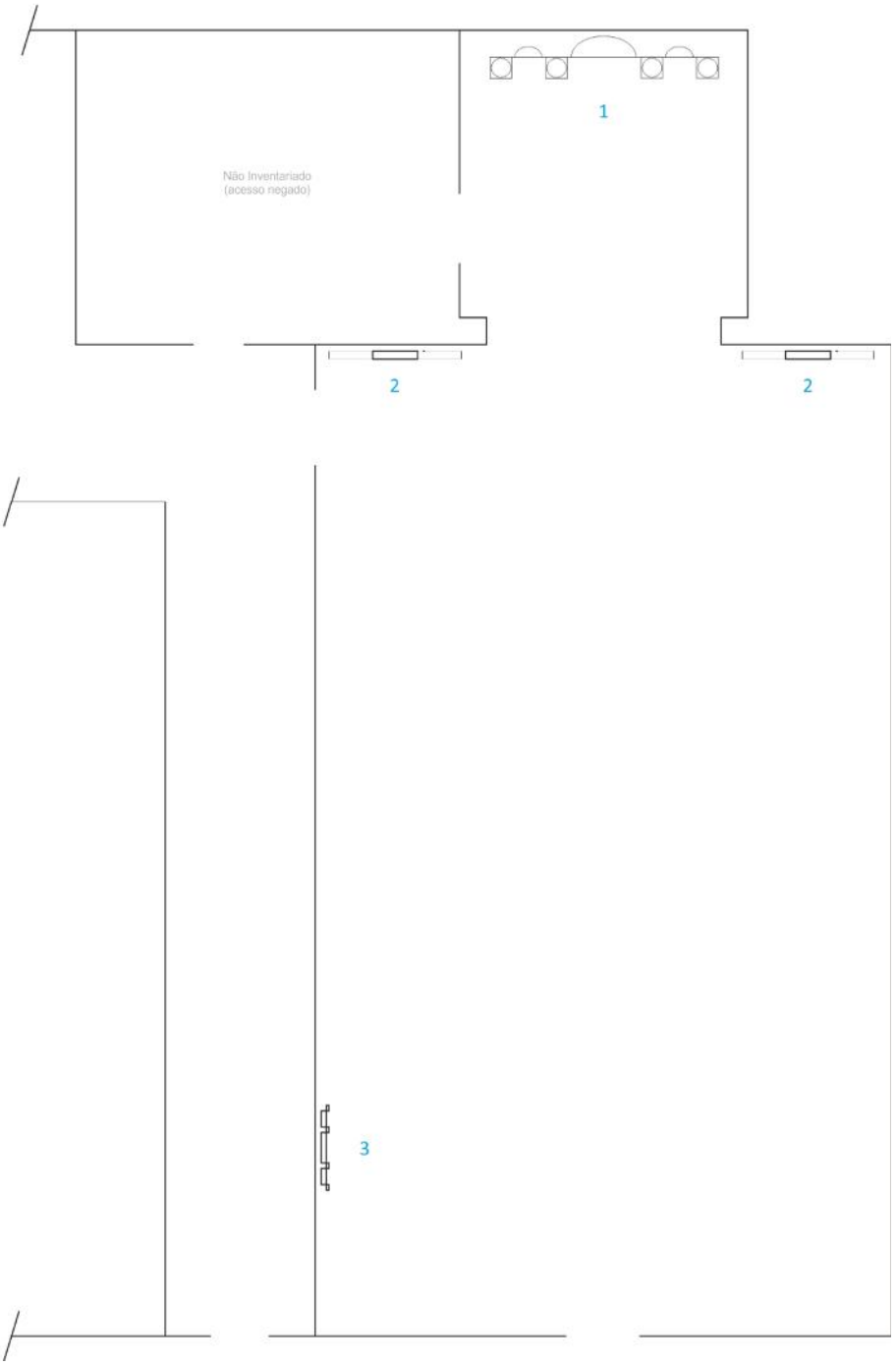
Igreja

Igreja de Nossa Senhora do Rosário

(Curca-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.451707, Long. 73.872186

1 |Retábulo de Nossa Senhora do Rosário
2 |Retábulos Colaterais
3 |Retábulo do Sagrado Coração de Jesus



Consultar no Apêndice Fotográfico:

Andor (oriundo do Convento de Santa Mónica, Velha Goa-Tiswadi)

Fig. 38 e 39, p.1005



1 |Retábulo de Nossa Senhora do Rosário

Risco e Entalhe*:* c.1650

Está localizado na ousia. Foi mandado executar por licença régia de D. João IV para os religiosos dominicanos em c.1650, data de conclusão da igreja e entrega da administração do vigariato à Ordem Dominicana. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a vários temas na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é intercolúnios inscritos entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há quatro pedestais A gramática decorativa no banco inclui cartelas com enrolamentos em volta de uma flor central. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo composto de acantos, flores e cajus. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Os tramos das ilhargas incluem dois nichos sobrepostos verticalmente onde se expõe pequenas figuras de vulto de santos. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas (de fuste estriado e imoscapo diferenciado e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes duas a duas em pedestais, evidencia-se a edícula que expõe uma pequena figura de vulto de uma santa. O frontão é curvo e nele se inclui a representação do Espírito Santo, rematado por um jarrão de flores e frutos.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* c.2008

Estão localizados junto ao arco da ousia. Foram mandados executar pelo padre vigário em c.2008. São exemplares devocionais a um tema na tipologia de um corpo e um tramo. Constituem-se de madeira envernizada.

Desconhece-se o paradeiro dos retábulos originais que aqui estiveram até à sua substituição.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



3 |Retábulo do Sagrado Coração de Jesus

Risco e Entalhe*:* 1ª metade século XX

Localiza-se no corpo da igreja e é dedicado ao Sagrado Coração de Jesus (Evangelho) Foi provavelmente mandado executar por uma das confrarias da igreja na 1ª metade do século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e três tramos.

Constitui-se de madeira entalhada que se apresenta envernizada e pontual douração de alguns elementos, apresentando planta plana. O nicho do tramo central expõe a figura de vulto perfeito do orago enquanto os nichos das ilhargas estão vazios.

Encontra-se em bom estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

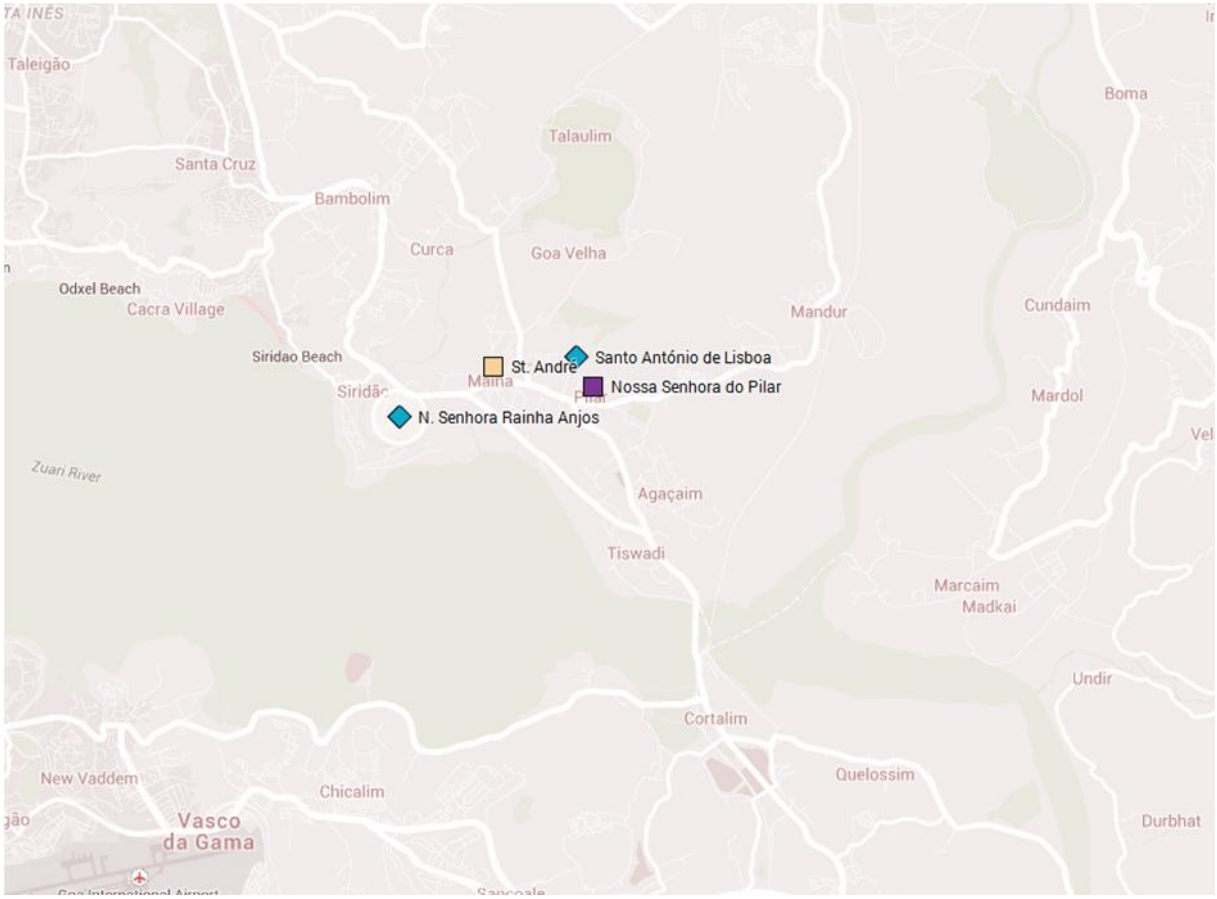
5. GOA VELHA

5.1. Igreja de Santo André, Goa Velha.

5.2. Igreja do Convento de Nossa Senhora do Pilar, Pilar.

5.3. Capela de Santo António de Lisboa, Sant Anton Vaddo.

5.4. Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos, Palmar Zuari.



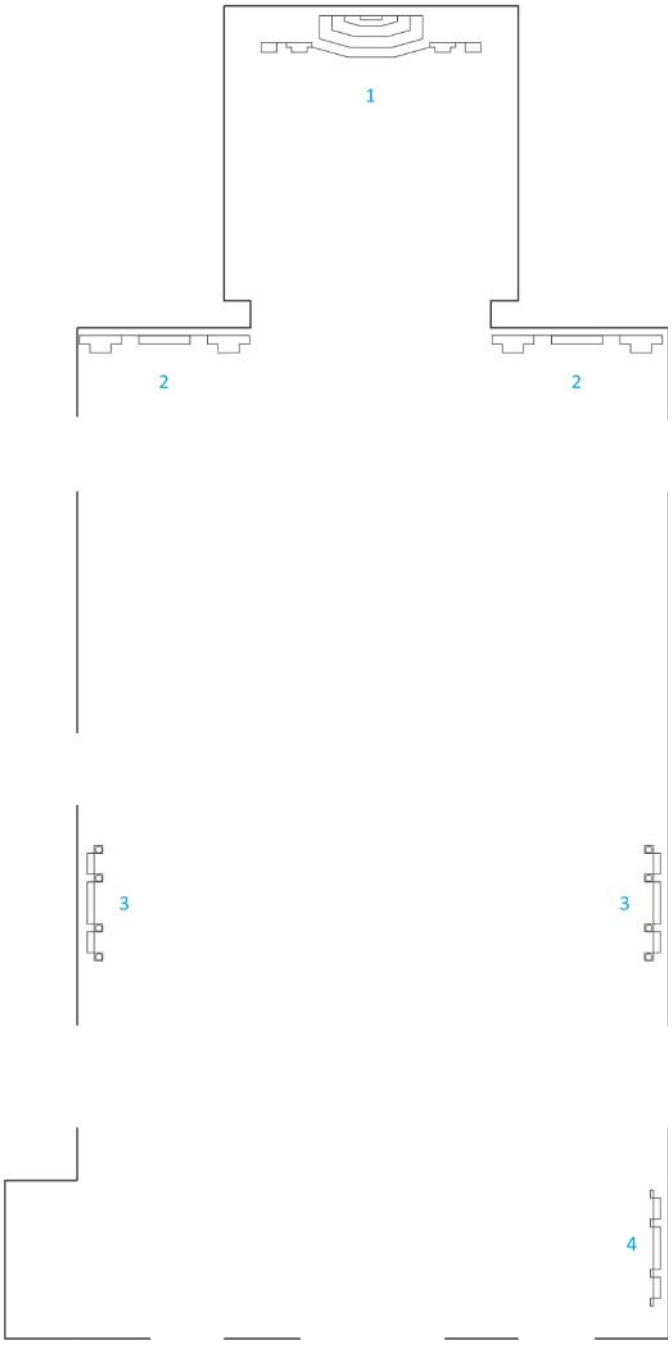
Legenda:

- Igreja
- Capela
- Convento/Igreja

Igreja de Santo André

(Goa Velha-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.444107, Long. 73.880727

1 |Retábulo de Santo André
2 |Retábulos Colaterais: Senhor Crucificado (Evangelho) e Nossa Senhora do Rosário (Epístola)
3 |Retábulos do Corpo da Igreja: São Francisco Xavier (Evangelho) e Sagrado Coração de Jesus (Epístola)
4 |Altar de Nossa Senhora e São José




I.N.R.I

1 |Retábulo de Santo André

Risco e Entalhe*:* c.1868

Está localizado na ousia. Foi mandado executar pelo Clero Secular em c.1868 quando a igreja, de edificação anterior a 1583 é reconstruída. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há quatro pedestais em que assentam pilastras. No tramo central, a tribuna emoldurada por um arco, expõe a imagem de vulto perfeito do orago colocada no topo de um trono de três degraus. O entablamento restringe-se às ilhargas. No topo do arco uma coroa real e um resplendor rematam a composição.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* c.1868

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados ao Senhor Crucificado (Evangelho) e a Nossa Senhora do Rosário (Epístola). Foram mandados executar pelo Clero Secular em c.1868. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é intercolúnio inscrito entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam colunas apilastradas, interrompidas verticalmente por um nicho que expõe a figura de vulto perfeito de santos. No tramo central do retábulo do Evangelho está colocado um nicho com uma figura de vulto perfeito de Nossa Senhora da Piedade. Sobre este o Senhor Crucificado. No retábulo da Epístola o nicho está sobreelevado e expõe a figura de vulto perfeito do orago. O entablamento restringe-se às ilhargas. O ático inclui ainda uma edícula onde se expõe pequenas figuras de vulto de santos. O frontão é uma composição fluida do ático. Toda a composição tem pequenos apontamentos decorativos de acantos bastante estilizados.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



3 |Retábulos do Corpo da Igreja

Risco e Entalhe*:* 1ª metade do século XX

Localizam-se no corpo da igreja e são dedicados a São Francisco Xavier (Evangelho) e a Sagrado Coração de Jesus (Epístola). Foram mandados executar pelo clero secular na 1ª metade do século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a três temas, na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é intercolúnios inscritos entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada e policromada com pequenos apontamentos de douração, apresentando planta mista. No banco há quatro pedestais sobre os quais assentam colunelos torsos helicoidais. O tramo central contém nicho que expõe uma figura de vulto perfeito do orago. Os nichos das ilhargas contêm igualmente figuras de vulto perfeito de santos.

Sobre o entablamento contínuo assenta o ático tripartido composto de frontões agudos e pináculos

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



4 |Altar de Nossa Senhora e São José

Risco e Entalhe*:* 1ª metade do século XX

Está localizado no corpo da igreja, lado da Epístola. Foi mandado executar pelo clero secular na 1ª metade do século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a vários temas na tipologia usual de um corpo e três tramos.

Constitui-se de madeira entalhada e envernizada com breves apontamentos de douração apresentando planta mista. Os intercolúnios constituem-se de nichos com arco apontado onde se expõem as figuras de vulto perfeito de santos.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Igreja de Nossa Senhora do Pilar

(Pilar-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.441601, Long. 73.893479

1 |Retábulo da Ousia

2 |Retábulo do Crucifixo e Nossa Senhora das Dores

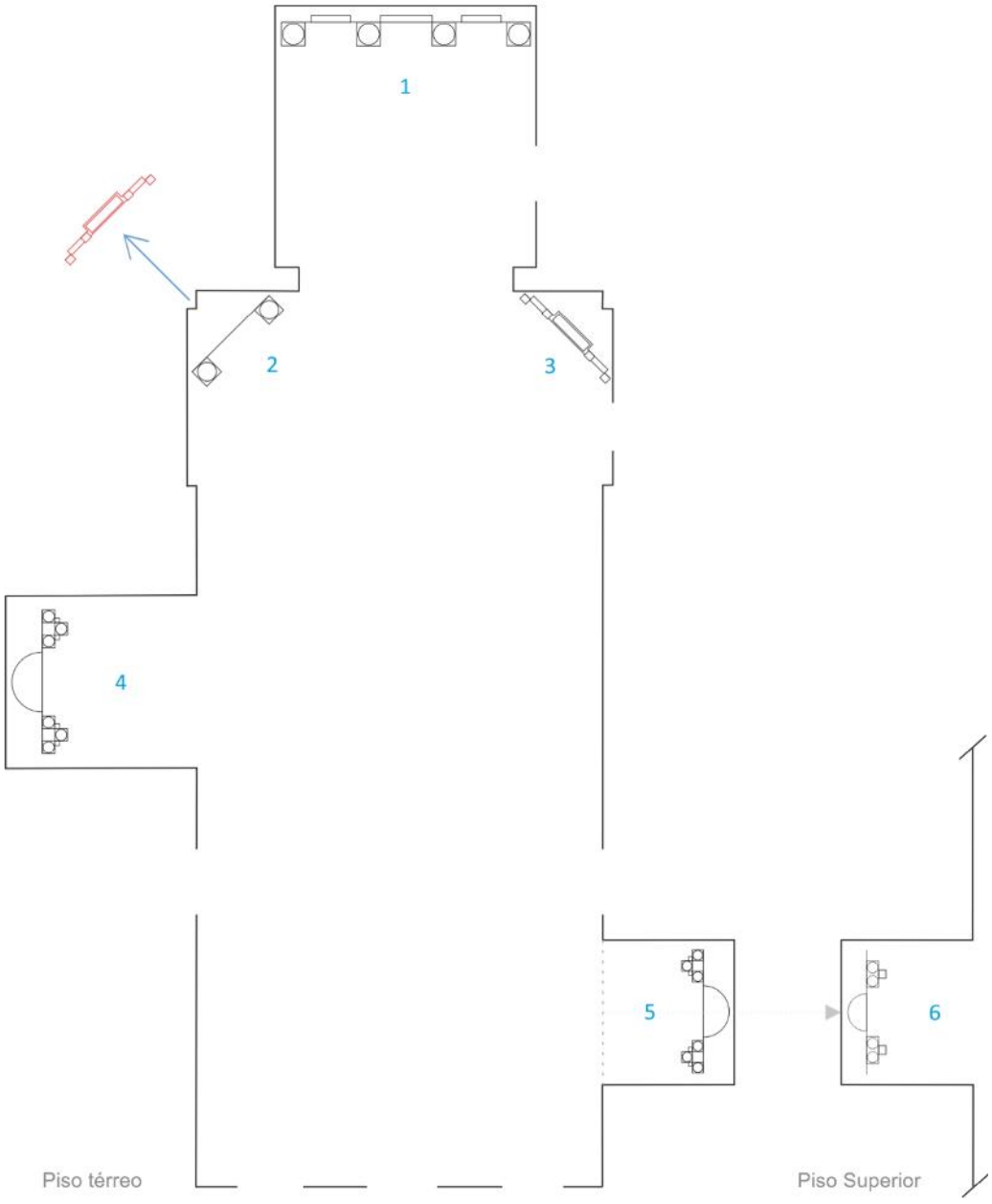
o retábulo original encontra-se na Capela de Nossa Senhora da Piedade (Panelim-Tiswadi)

3 |Retábulo da Imaculada Conceição e Santo António de Lisboa

4 |Capela do Santíssimo: Retábulo de Nossa Senhora do Carmo

5 |Retábulo de São Pascoal Baylon

6 |Retábulo de Santa Ana




PILAR

1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* c.1613

Está localizado na ousia ocupando a totalidade da parede testeira. Foi mandado executar por Franciscanos Recolectos em c.1613, data de edificação da igreja. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a vários temas na tipologia menos frequente de dois corpos e três tramos cujo modelo compositivo é de intercolúnios inscritos entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há quatro pedestais. A gramática decorativa no banco inclui cartelas com grinaldas e frutos. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo que inclui cartelas, grinaldas, frutos e cabeças de serafins.

No tramo central do primeiro corpo, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de São Francisco Xavier. Originalmente expunha-se o tabernáculo que já não está presente na igreja. Nas ilhargas, em seus nichos, expõem-se as imagens de vulto perfeito de São Francisco de Assis (Evangelho) e de Santa Clara de Assis (Epístola). Sobre o entablamento contínuo assenta o segundo corpo. O tramo central expõe a imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora do Pilar. Nos tramos das ilhargas, as de São Diogo de Alcalá e de Santa Isabel de Portugal, no nicho do Evangelho e da Epístola respectivamente.

No centro do ático, inscrito entre duas colunas (de fuste estriado e da mesma gramática decorativa das do corpo), evidencia-se uma pintura sobre madeira com cena do Calvário. O frontão apresenta enrolamentos e contém um tondo com a inscrição N. S. Pilar. Nas ilhargas, dois painéis com enrolamentos finalizam a composição.

Encontra-se em razoável estado de conservação. Foi alvo de uma acção de conservação e restauro em 2013.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, ‘Convento Do Pilar’, *A Voz de São Francisco Xavier*, VIII (1939), 208, 216 (p. 208).


INRI
KRISTI BHAVARTH
KHOLAUM - YA,
JEZU PORZOLL
XIMPDDAUM - YA
ROOTED IN FAITH, GO,
SPREAD
THE JESUS GLOW

2 |Retábulo do Crucifixo e de Nossa Senhora das Dores

Risco e Entalhe*:* elementos arquitectónicos Proto-barrocos e Tardo-barrocos. Ajustado em c.1888

Está localizado junto ao arco da ousia, lado do Evangelho. Foi ajustado por religiosos da Sociedade de Pilar c.1888 em substituição do que passou para a Capela da Imaculada Conceição (Panelim-Tiswadi). A sua ficha de inventário pode aí ser consultada. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe. Este é um exemplar composto de dois pares de elementos arquitectónicos colocados sobrepostos. Na base: duas colunas de fuste torso. No topo (por cima destas): duas colunas de fuste estriado e imoscapo diferenciado.

É devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é intercolúnio inscrito entre duas colunas. Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. A morfologia do banco indicia terem existido quatro colunas dado existirem quatro pedestais.

A gramática decorativa no banco inclui acantos e outros elementos vegetalistas. Neste assentam as colunas na sequência que acima descrevemos. No tramo central, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de Cristo Crucificado. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático que deve inspiração ao seu fronteiro mas que é claramente o resultado do ajuste de várias partes de retábulos.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, p. 208.



3 |Retábulo da Imaculada Conceição e Santo António de Lisboa

Risco e Entalhe*:* na 2ª metade do século XVIII.

Está localizado junto ao arco da ousia, lado da Epístola. Foi mandado executar por Franciscanos Recolectos na 2ª metade do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos. Como especificidade refere-se o entablamento com segmentos de frontão com enrolamento e a sobreposição de nichos no tramo central.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. Os intercolúnios são marcados por pilastras. As das ilhargas têm capitéis seráficos. No tramo central, o nicho foi adaptado para receber dois nichos sobrepostos verticalmente, expondo no inferior uma figura de vulto perfeito de Santo António de Lisboa e o superior a da Imaculada Conceição.

O entablamento é modelado assumindo o aspecto de frontão com enrolamentos. Sobre este assentam dois arcanjos que seguram palmas de martírio. Ao centro expõe-se uma coroa real.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, p. 208.



4 |Retábulo de Nossa Senhora do Carmo

Risco e Entalhe*:* 2ª quartel do século XVIII

Está localizado na Capela do Santíssimo, lado do Evangelho. Foi mandado executar por Franciscanos Recolectos no 2º quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade refere-se a solução nos pedestais – acrescento de elemento extra no pedestal central para criar maior impacto visual.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos bastantes estilizados. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel e pontilhado. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de elementos vegetalistas. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas triplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes em pedestais, evidencia-se a edícula onde se expõe uma pequena figura de vulto perfeito de Cristo Crucificado e São Francisco de Assis. O frontão é inexistente. Ao invés, uma coroa real ladeada por dois anjos está assente sobre a edícula.

Encontra-se em mau estado de conservação. Existem partes constituintes em falta, nomeadamente nos pedestais das colunas do ático.

Bibliografia Específica:

Telles, p. 208.



5 |Retábulo de São Pascoal Baylon

Risco e Entalhe*:* Final do século XVII/Princípio do século XVIII

Está localizado no corpo da igreja, lado da Epístola. Foi mandado executar por Franciscanos Recolectos em finais do século XVII/Princípios do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade refere-se a solução nos pedestais – acrescento de elemento extra no pedestal central para criar maior impacto visual.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos dispostos em padrão. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras e uvas (o imoscapo compõe-se de pontilhado helicoidal). No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes em pedestais, evidencia-se a edícula onde se expõe uma pequena figura de vulto perfeito de São Paulo. O frontão é abaixado e de volutas e tem ao centro uma cabeça de serafim.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, p. 208.



6 |Retábulo de Santa Ana

Risco e Entalhe*:* 2º quartel do século XVIII

Está localizado no piso superior do claustro. Foi mandado executar por Franciscanos Recolectos no 2º quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Como especificidade refere-se as mísulas na frente dos pedestais para exposição de figuras de vulto perfeito.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos com grande estilização. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel. A ornamentação das colunas situa-se na espira e compõe-se de elementos vegetalistas. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena e frontão abaixado, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático composto de frontão de volutas e cabeça de serafim.

Encontra-se em mau estado de conservação. O tramo central está em perigo de colapso.

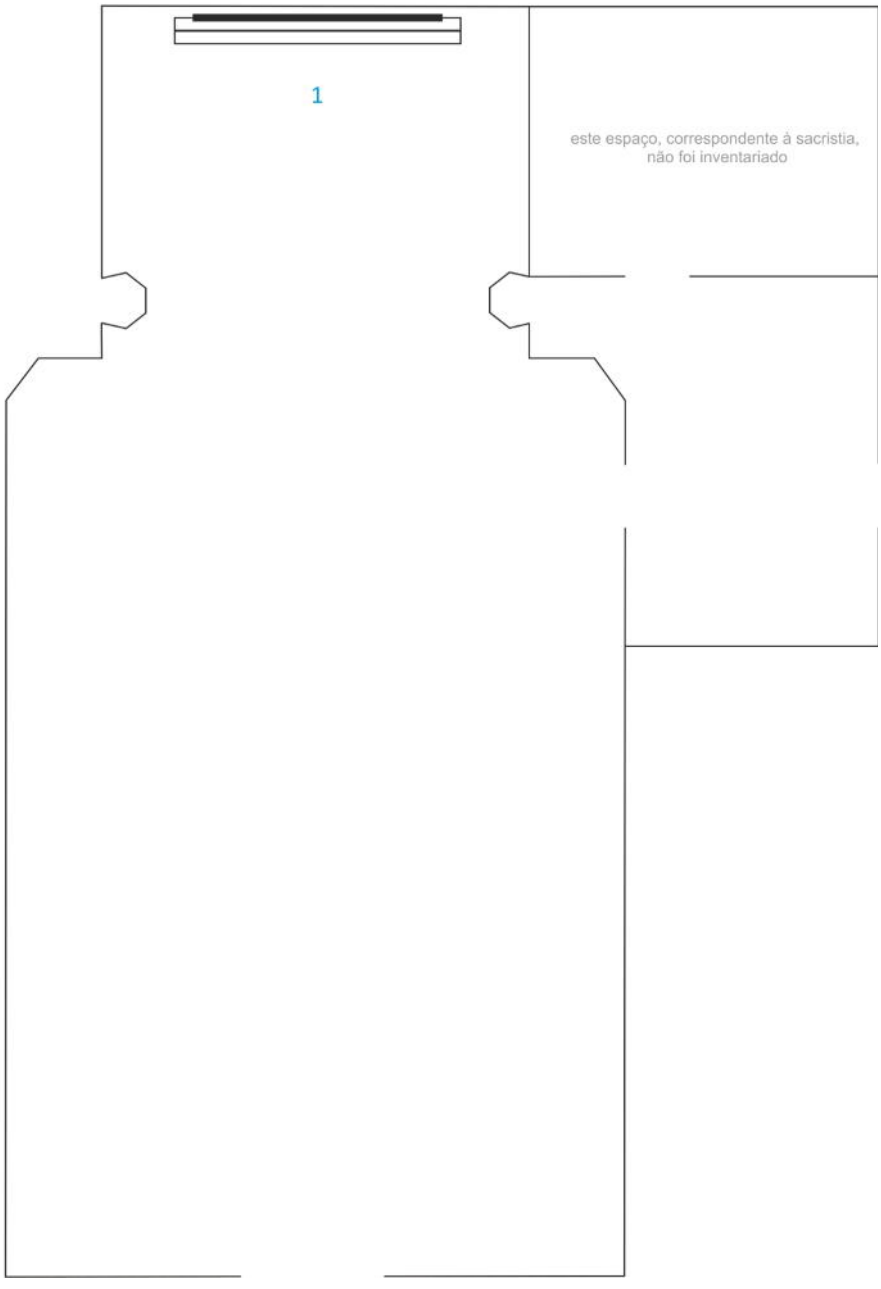
Bibliografia Específica:

Telles, p. 208.

Capela de Santo António de Lisboa

(Santanton Vaddo [Goa Velha]-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.445291, Long. 73.891505

1 |Retábulo da Ousia




DONATION
BOX

1 |Retábulo de Santo António de Lisboa

Risco e Entalhe*:* 1768

Está localizado na ousia. Foi mandado executar por D. António de Melo Souto Maior Telles para esta capela da sua residência (de que ainda subsistem alguns vestígios), em 1768. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é a ausência de elementos arquitectónicos. É um exemplar impar para todo o território inventariado.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. A partir do tramo central – onde se expõe a figura de vulto perfeito de Santo Antonio de Lisboa – desenvolve-se o retábulo num só tramo e praticamente num só plano. A volumetria desenvolve-se apenas ao nível do entablamento (que se restringe às ilhargas) e à arquivolta plena do nicho que se assume pelos baixos-relevos no tramo, uma espécie de *tromp d'oeil* motivado pela gramática decorativa.

A modelação particular do retábulo é reforçada pela aplicação de acantos do tipo rocaille que percorre toda a sua extensão. Sobre a arquivolta plena desenvolve-se uma gramática decorativa distinta do tipo padronado de losangos com flores. O ático compõe-se de frontão de volutas rematado por grandes acantos. No centro, uma edícula expõe uma pequena figura de vulto perfeito.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

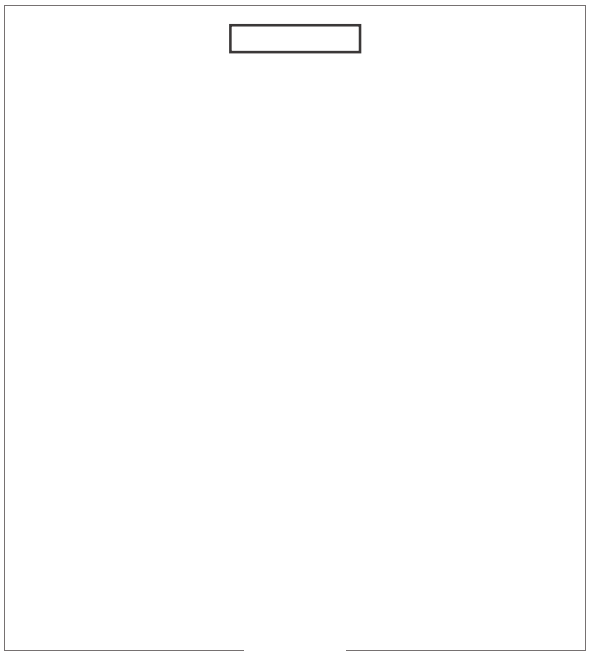
Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Capela de Santo António de Goa Velha', *O Oriente Português*, 1933, 84 (p. 84).

Capela de Nossa Senhora Rainha dos Anjos

(Palmar Zuari [Goa Velha]-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.437795, Long. 73.868640





1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* 1ª metade do século XX

Localiza-se no corpo da igreja e é dedicado a Nossa Senhora Rainha dos Anjos. Foi provavelmente mandado executar pelo Clero Secular na 1ª metade do século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a três temas, na tipologia usual de um corpo e três tramos.

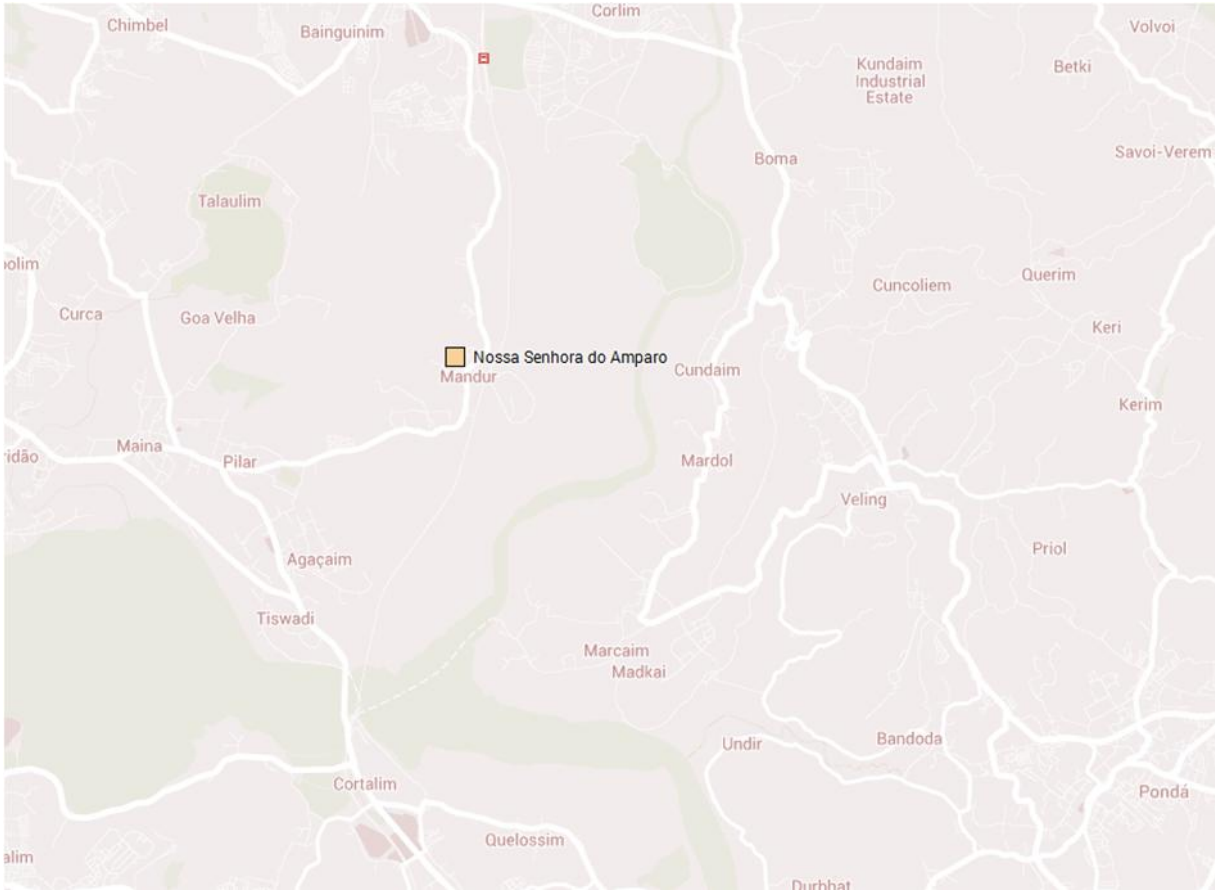
Constitui-se de madeira entalhada que se apresenta envernizada e pontual douração de alguns elementos, apresentando perspectiva convexa. O tramo central contém nicho contendo a figura de vulto perfeito do orago. Os tramos das ilhargas expõem outras figuras de vulto perfeito – São Sebastião (Evangelho) e Santo António (Epístola). O ático, tripartido, inclui no centro um nicho com uma pequena figura de vulto de São José e contém frontões agudos.

Encontra-se em bom estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

6. MANDUR

6.1. Igreja de Nossa Senhora do Amparo, Mandur.



Legenda:

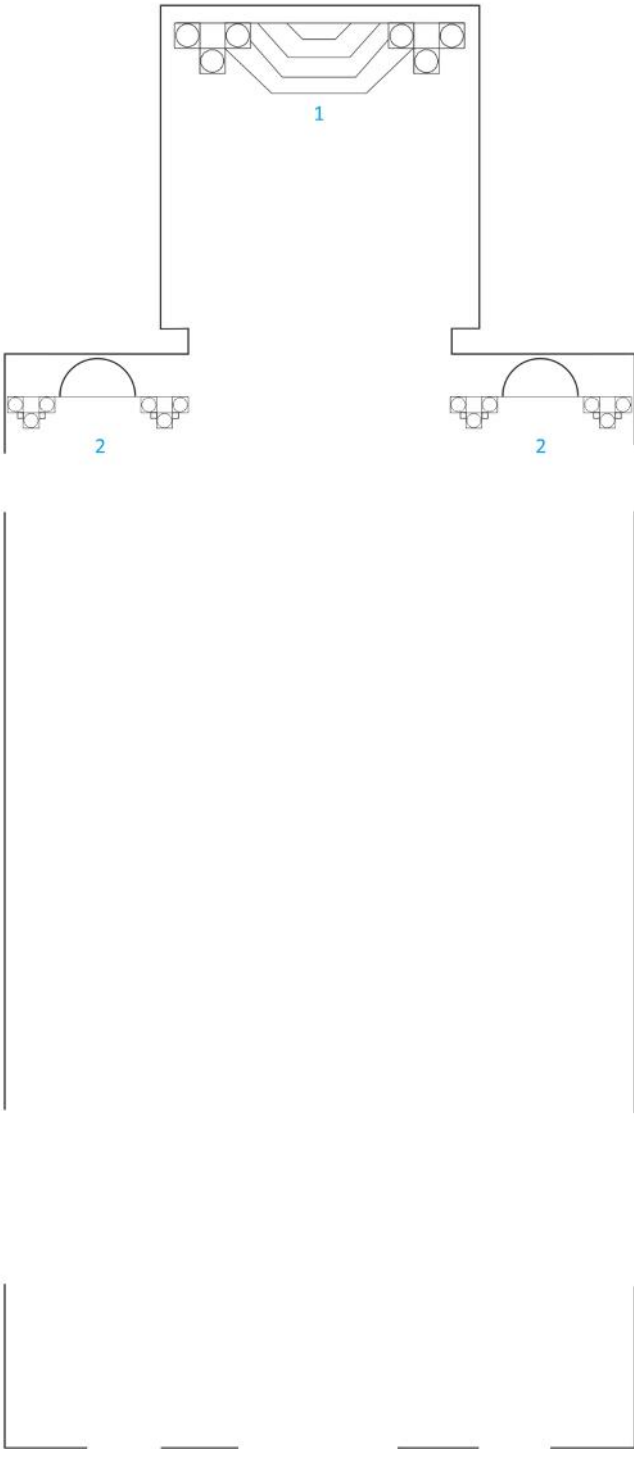
Igreja

Igreja de Nossa Senhora do Rosário

(Mandur-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.453384, Long. 73.920946

1 |Retábulo de Nossa Senhora do Rosário
2 |Retábulos Colaterais





1 |Retábulo de Nossa Senhora do Rosário

Risco e Entalhe*:* retábulo: c.1710. Trono de degraus: 1ª metade do século XX

Está localizado na ousia ocupando a totalidade da parede testeira. Terá sido mandado executar por Dionísio Ribeiro e Angélica Rodrigues, gauncares de Mandur por volta de 1710. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. Nestes assentam colunas torsas com imoscapo diferenciado por meio de anel com grinalda. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras, uvas e fénixes. No tramo central foi adicionado um trono de degraus sobre o fundo que aparenta ter recebido uma grande tela ou pintura sobre madeira. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas triplas (torsas e da mesma morfologia), evidencia-se a edícula onde se expõe a figura de vulto perfeito do orago. O frontão é entrecortado e inclui a representação do Espírito Santo sendo encimado por uma cabeça de serafim.

Encontra-se em bom estado de conservação. A capela-mor onde se insere tem um belo trabalho de estuque na abóbada e paredes.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* c.1710

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a Santo António (Evangelho) e a Santa Ana (Epístola). Foram mandados executar por Dionísio Ribeiro e Angélica Rodrigues, gauncares de Mandur por volta de 1710. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade destaca-se a solução nos pedestais – acrescento de elemento extra no pedestal central para criar maior impacto visual.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais sobre os quais assentam colunas torsas com imoscapo diferenciado por meio de anel com grinaldas. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras, uvas e fénixes A gramática decorativa do banco constitui-se de elementos vegetalistas e florais. No tramo central inscrito entre arquivolta plena, está o nicho que exibe a figura de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático com edícula inscrita entre colunas triplas da mesma morfologia. Contém frontão que é entrecortado, encimado por cabeças de serafim.

Encontram-se em bom estado de conservação.

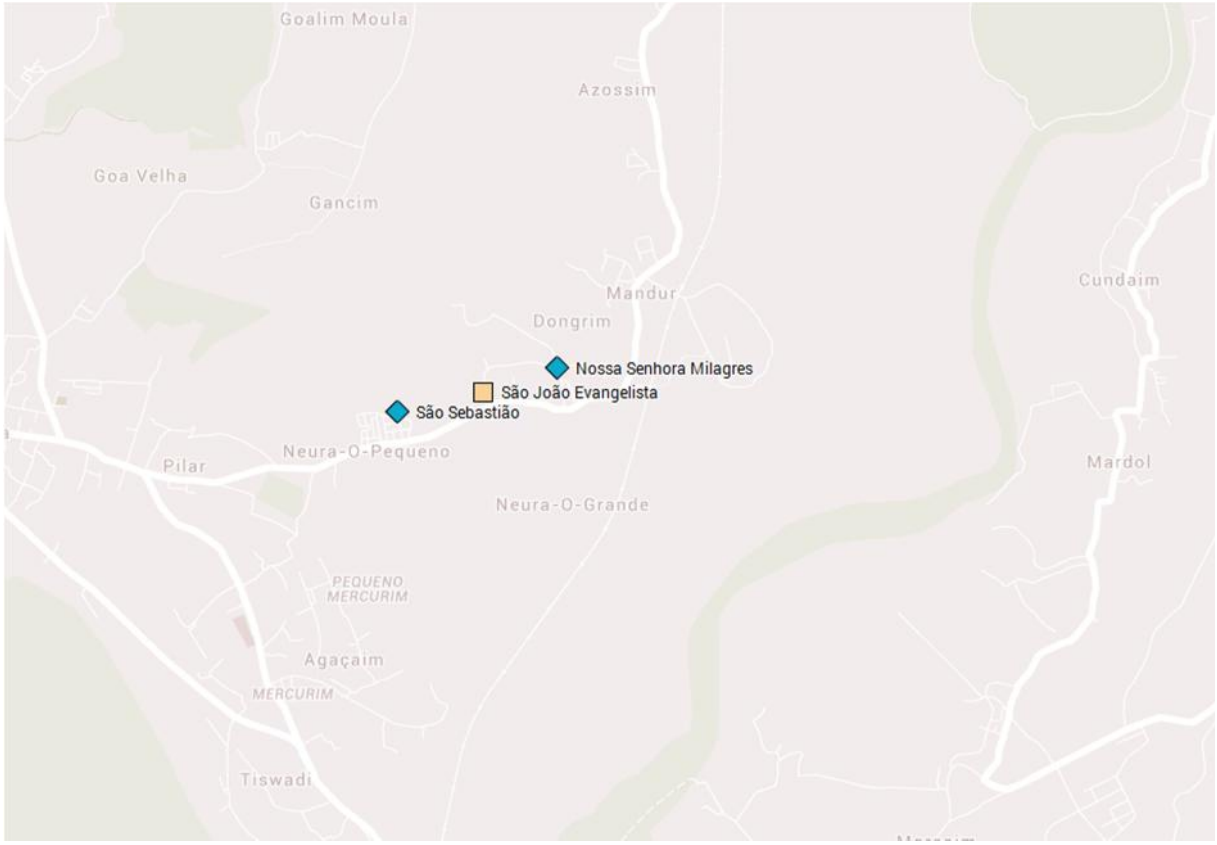
Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

7. NEURÁ

7.1. Igreja de São João Evangelista, Neurá Pequeno.

7.2. Capela de Nossa Senhora dos Milagres, Neurá Grande.

7.3. Capela de São Sebastião, Neurá Pequeno.



Legenda:

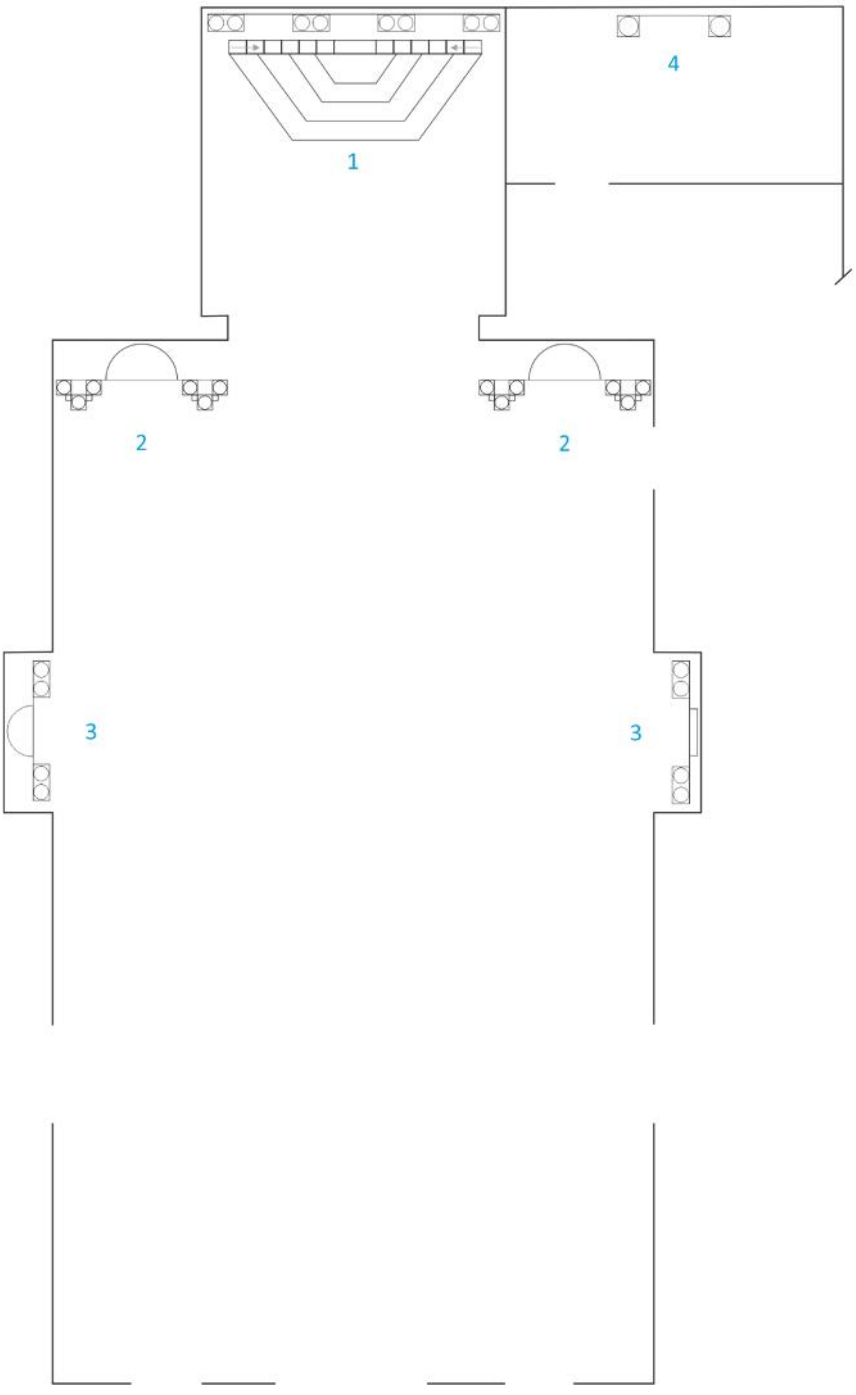
Igreja

Capela

Igreja de São João Evangelista

(Neurá Pequeno-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.443485, Long. 73.907093

1 |Retábulo da Ousia
2 |Retábulos Colaterais: Sagrado Coração de Jesus (Evangelho) e Nossa Senhora (Epístola)
3 |Retábulos do Corpo da Igreja: Nossa Senhora da Piedade (Evangelho) e Santas Almas (Epístola)
4 |Retábulo do Senhor Crucificado





1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* c.1614 (Retábulo), 2º quartel do século XVIII (Colunas), século XIX (trono de degraus e arco abobadado)

Está localizado na ousia ocupando a totalidade da parede testeira. Relativamente à sua execução são identificados três momentos relacionados com diferentes partes constituintes. A estrutura retabular – os tramos e os painéis – são de encomenda da Ordem de Santo Agostinho em c.1614. posteriormente foram trocadas as colunas durante o 2º quartel do século XVIII ainda durante a vigência desta ordem (que aqui vigorou até 1776). Finalmente o trono e arco abobadado (que trunca parte do retábulo ao nível do ático) terão sido adicionados durante o século XIX pelo clero secular. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar narrativo na tipologia menos frequente de dois corpos e três tramos cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Como especificidade refere-se as colunas do tipo salomónicas com três terços diferenciados, raras para o território inventariado.

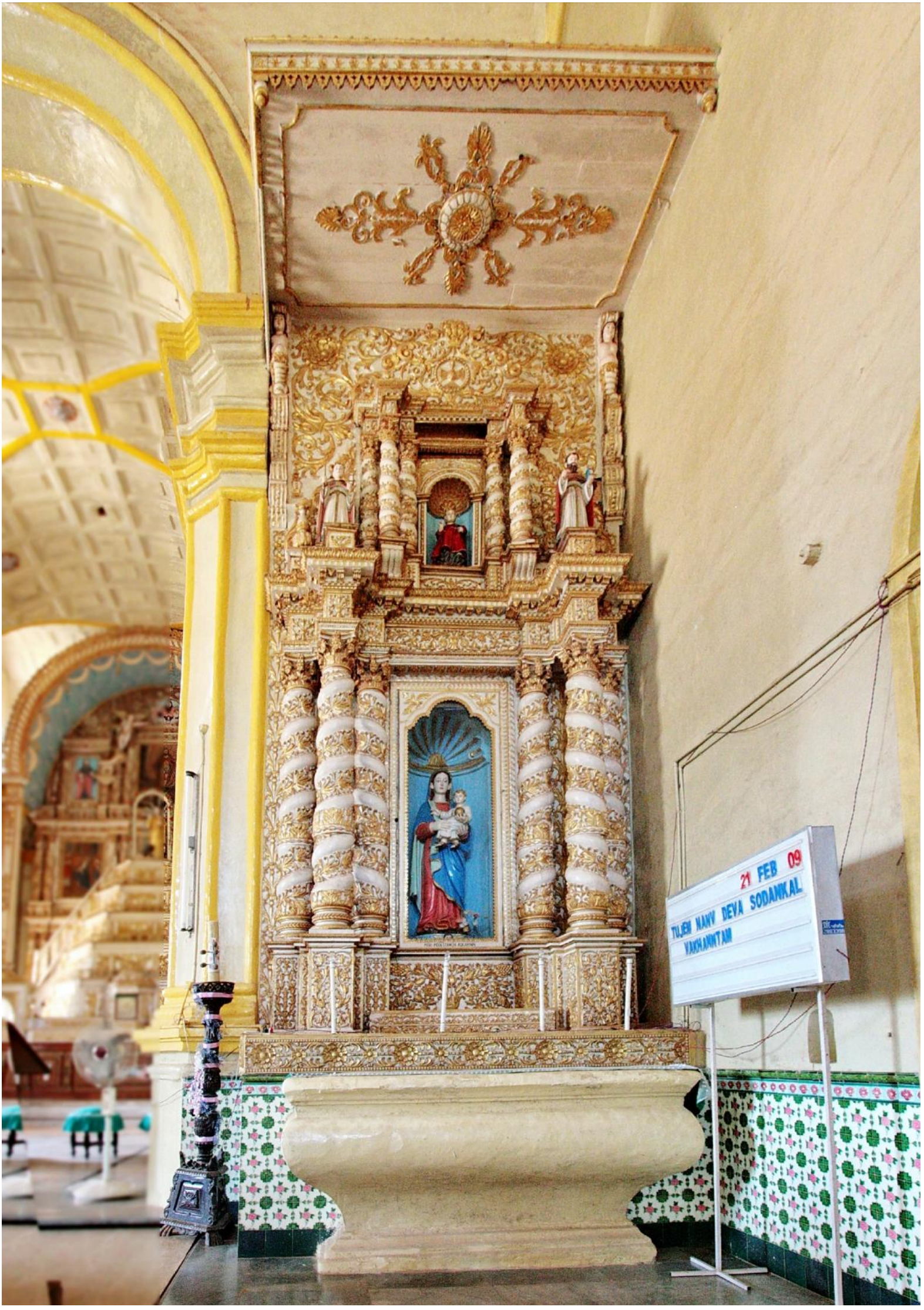
Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há quatro pedestais onde assentam as colunas em pares de duas. A gramática decorativa no banco inclui elementos de cariz vegetalista. Neste assentam colunas do tipo salomónicas. A ornamentação das colunas ocupa a totalidade do fuste dispostos em três terços sendo os dois primeiros ocupados com motivos florais e vegetalistas e o último com estrias helicoidais.

O primeiro corpo (e o tramo central do segundo corpo) está escondido pelo enorme trono de cinco degraus que foi acomodado posteriormente e que culmina na exposição de uma figura de vulto perfeito do orago. Tal como no segundo corpo compunha-se de pinturas sobre madeira. No segundo corpo são visíveis as pinturas sobre madeira nos tramos das ilhargas alusivos avida de santos (tramo do Evangelho) e às Santas Almas (tramo da Epístola).

Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas triplas (do tipo salomónicas e da mesma gramática decorativa das do corpo), evidencia-se uma pintura sobre madeira de Cristo Ressuscitado. Nas ilhargas estão dois painéis em médio-relevo de São Pedro (Evangelho) e São Paulo (Epístola). O frontão é inexistente pois é substituído por um painel

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar


21 FEB 09
TUJEH NAMV DEVA SODANKAL
VAKHANKTAM

2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* 2º quartel do século XVIII

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a Sagrado Coração de Jesus (Evangelho) e a Nossa Senhora (Epístola). Foram mandados executar pelos religiosos de Santo Agostinho no 2º quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe. Como especificidade destaca-se a solução nos pedestais – acrescento de elemento extra no pedestal central para criar maior impacto visual.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais sobre os quais assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel com ponta de diamante e decoração que se cinge à garganta da coluna composta de elementos vegetalistas. A gramática decorativa do banco constitui-se de acantos com grande estilização. No tramo central, o nicho expõe a figura de vulto perfeito do orago.

Sobre o entablamento contínuo assenta o ático que inclui uma edícula para exposição de uma pequena figura de vulto de santos, ladeada por colunas triplas de morfologia idêntica às do corpo. Nas ilhargas, outras duas figuras de vulto perfeito estão colocadas em pedestais. O frontão de volutas inclui um tondo com a representação do Espirito Santo. Atrás, um painel entalhado com padrão vegetalista completa a composição. Nas ilhargas deste, duas nagas do género feminino, aparentam sustentar o dossel colocado a 90º em relação ao retábulo.

Encontram-se em razoável estado de conservação. Algumas partes constituintes estão em falta, sobretudo no ático.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



3 |Retábulos do Corpo da Igreja

Risco e Entalhe*:* 2º quartel do século XVIII

Localizam-se no corpo da igreja e são dedicados a Nossa Senhora da Piedade (Evangelho) e as Santas Almas (Epístola). Foram mandados executar pelos religiosos de Santo Agostinho no 2º quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe. Como especificidade destacamos a representação de serafins com seis asas no ático (a forma mais clássica de representação).

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam colunas torsas cuja gramática decorativa se cinge à garganta e é composta de acantos estilizados. A gramática decorativa do banco constitui-se de elementos florais e vegetalistas. No tramo central do retábulo do Evangelho, o nicho expõe a figura de vulto perfeito do orago. No retábulo da Epístola está uma pintura sobre tela alusiva ao orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. Ladeado por colunas duplas de morfologia igual às do corpo fica a edícula onde se expõe uma figura de vulto perfeito de santos. O frontão, que é entrecortado, é rematado por uma cabeça de serafim com três pares de asas.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar


PATER, DIMITTE ILLIS: NON ENIM SCIUNT QUID FACIUNT
SITIO JOAN XIX
AMEN, DICO TIBI: HODIE ME .. CUM ERIS IN PARADISO
CONSUMMATUM EST
JOAN XIX
·I·N·R·I·
ECCE FILIUS TUUS JOANXIX
PATER IN MANUS TUAS COMMENDO SPIRITUM MEUM

4 |Retábulo do Senhor Crucificado

Risco e Entalhe*:* Final do século XVI/Princípio do século XVII

Está localizado na sacristia. Foi mandado executar pela Companhia de Jesus em finais do século XVI/princípios do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é intercolúnio inscrito entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada e dourada, apresentando planta mista. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui cartelas, grinaldas e frutos. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo que inclui cartelas, grinaldas, uvas e cabeças de serafins. No tramo central expõe-se a figura de vulto perfeito do orago e no fundo está uma descontextualizada pintura de fundo. Sobre o entablamento contínuo (com cachos de frutos como motivos decorativos) assenta o ático com frontão sem retorno.

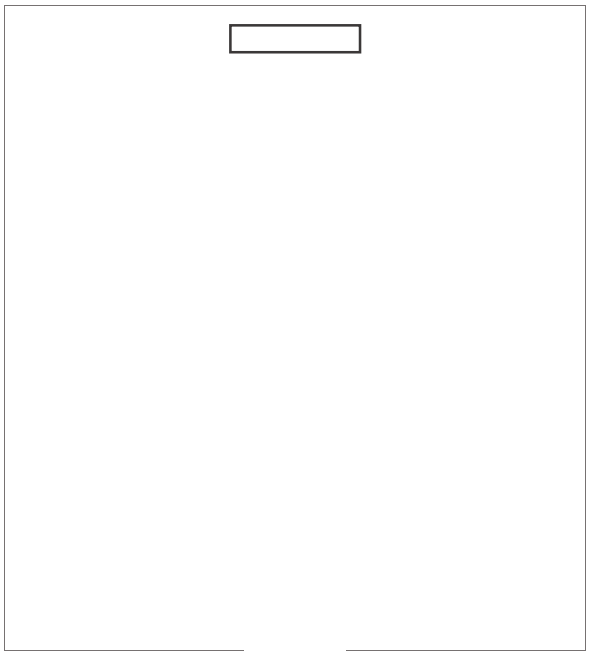
Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Capela de Nossa Senhora dos Milagres

(Neurá Grande-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.445346, Long. 73.920792





1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* 1ª metade do século XX

Localiza-se na Ousia e é dedicado ao orago. Foi provavelmente mandado executar por uma das confrarias da igreja na 1ª metade do século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema, na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é de intercolúnios entre dois colunelos – um de cada lado que apresentam fuste liso e decoração do tipo xaquetado e flores

Constitui-se de madeira entalhada e policromada com pontual douração de alguns elementos, apresentando planta plana. Os intercolúnios incluem as figuras de vulto de santos colocadas em peanhas à excepção do tramo central em que a figura de vulto perfeito

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

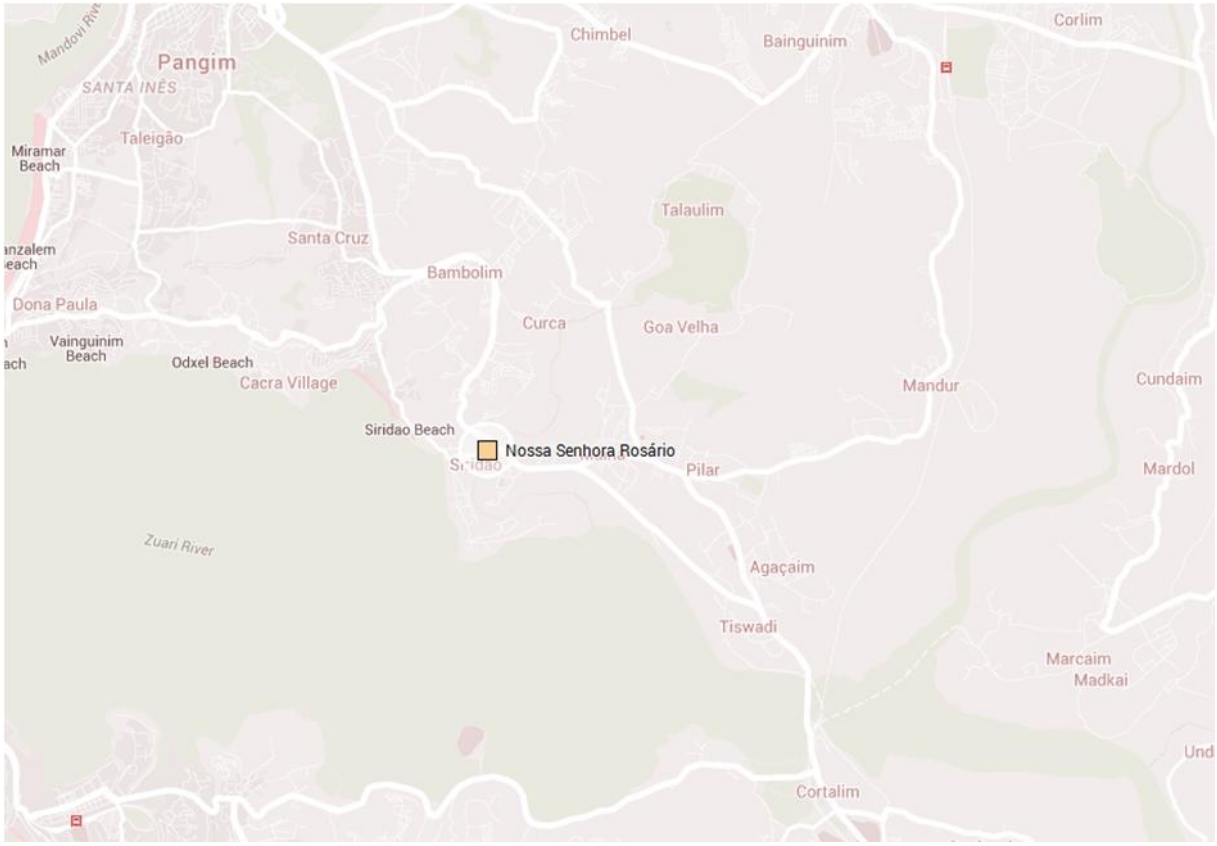
Capela de São Sebastião

(Neurá Pequeno-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.443485, Long. 73.907093

Consultar no Apêndice Fotográfico (Figura 49, página 1015)

8. SIRIDÃO

8.1. Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Siridão.



Legenda:

Igreja

Igreja de Nossa Senhora do Rosário

(Siridão-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.442835, 73.865386

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário foi edificada entre 1554 e 1603 por religiosos dominicanos. Depois de se ter arruinado e colapsado em 1869 a comunidade passou o culto para uma capela que foi erguida em 1767 e reconstruída em 1874 e a paróquia suprimida à de Goa Velha. Em 1906 reestabeleceu-se a paróquia.

A presente igreja foi edificada em 1973 não tendo talha.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

9. TALAULIM

9.1. Igreja de Santa Ana, Talaulim.



Legenda:

Igreja

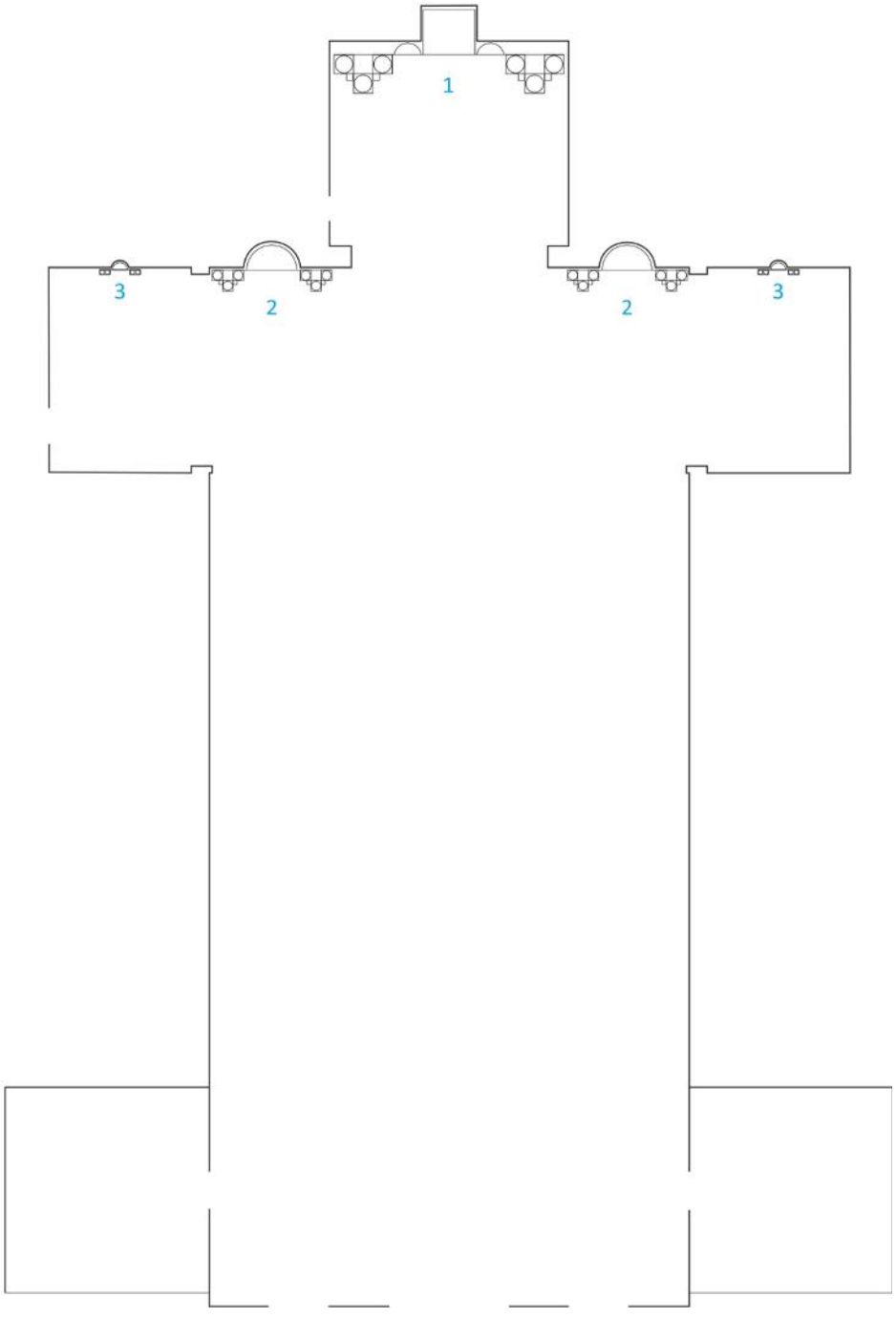
Igreja de Santa Ana

(Talaulim-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.478095, Long. 73.891820

1 |Retábulo de Santa Ana

2 |Retábulos Colaterais: Nossa Senhora da Boa Viagem (Evangelho) e Santo Crucifixo (Epístola)

3 |Retábulos do Transepto: Santo António (Evangelho) e Nossa Senhora do Bom Sucesso (Epístola)




JESUS
KRIST
JIVO
DEU
MONIS
ANCA
ASA

1 |Retábulo de Santa Ana

Risco e Entalhe*:* c.1695

Está localizado na ousia ocupando a totalidade da parede testeira. Terá sido mandado executar por volta de 1695 pelo Padre António Francisco da Cunha que sucedeu ao Padre Francisco do Rego após a sua morte, concluindo as obras desta igreja. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo entalhe existindo grande possibilidade do *risco* pertencer ao referido Padre Francisco do Rego.

É um exemplar eucarístico na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade refere-se o facto de este retábulo marcar o início do período Barroco em Goa. Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos finamente trabalhados ao redor de uma estrela floral de oito pontas e fénixes. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo (com pontilhados helicoidais). A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras, uvas, fénizes e anjos. No tramo central, a tribuna emoldurada por uma arquivolta plena, expõe-se o tabernáculo que adopta a morfologia de dois corpos poligonais e tramos entre colunas triplas, com frontão interrompido em três das faces e culminando em domo. Cada intercolúnio tem seu nicho com arquivolta plena à excepção do frontal que tem uma porta. Ainda no tramo central, quatro nichos com arquivolta plena e frontão triangular de cada lado da tribuna (dispostos dois a dois, verticalmente) expõe figuras de vulto perfeito de santos.

Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes duas a duas em pedestais, evidencia-se a edícula onde se expõem-se as figuras de vulto perfeito de Maria, Menino Jesus e Santa Ana. Nas ilhargas, dois nichos – um de cada lado – expõem figuras de vulto perfeito de santos. O frontão é abaixado e de volutas e inclui a representação do Espírito Santo encimado por uma cabeça de serafim. Sobre as volutas descansam dois arcanjos.

Encontra-se em razoável estado de conservação. O tramo central contém ainda um trono de degraus que foi resultado de um acrescento em finais do século XIX. Foi intervencionado em 2009 tal como os restantes retábulos desta igreja.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Igreja de Santa Ana de Talaulim', *A Voz de São Francisco Xavier*, VI (1937), 357, 366 (p. 357).


KRISTI
K
JEZU
XI
ROOTE
THE

2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* 2º quartel do século XVIII

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a Santo António (Evangelho) e a Nossa Senhora do Bom Sucesso (Epístola). Foram mandados executar pelo clero secular no 2º quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas.

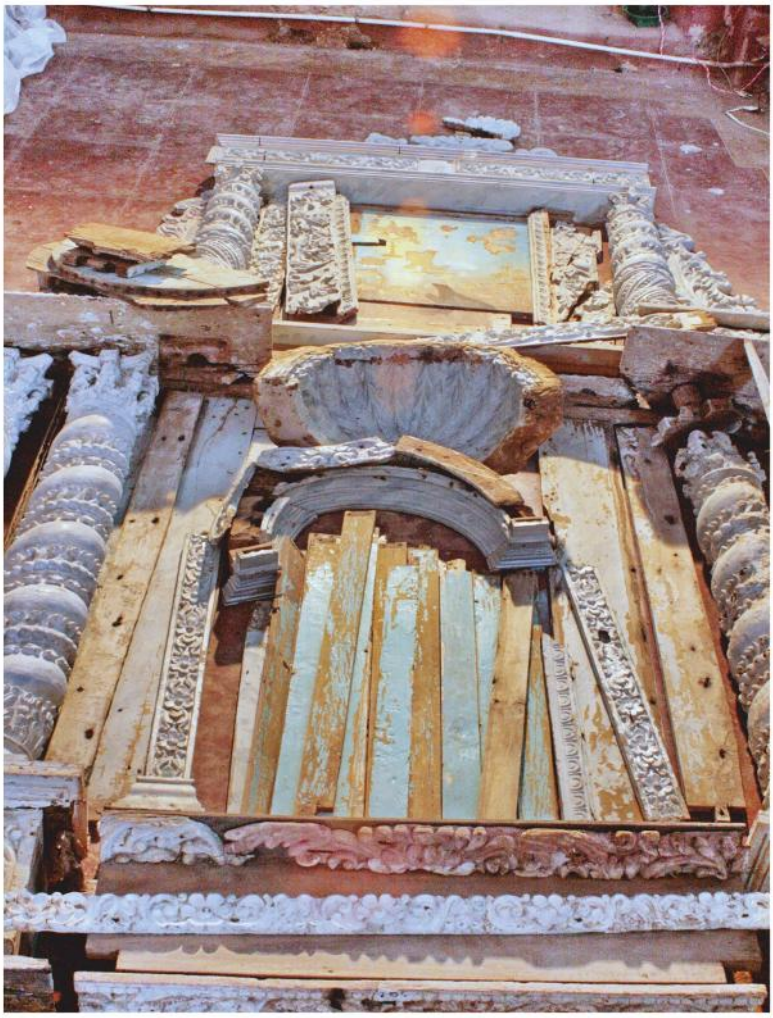
Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais sobre os quais assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel e pontilhado. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de elementos vegetalistas com grande estilização. A gramática decorativa do banco constitui-se de acantos que irradiam de um feixe central. No tramo central está o nicho emoldurado por arquivolta plena.

Sobre o entablamento contínuo assenta o ático onde se inclui uma edícula para exposição de figura de vulto perfeito de santos. Esta é ladeada por colunas triplas da mesma gramática decorativa das do corpo. Acima expõe-se o frontão que é curvo e com gramática decorativa semelhante ao restante conjunto. É rematado por dossel curvo.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, p. 357.



2009



1961





2011

3 |Retábulos do Transepto

Risco e Entalhe*:* 2º quartel do século XVIII

Localizam-se no transepto e são dedicados a Santo António (Evangelho) e a Nossa Senhora do Bom Sucesso (Epístola). Foram mandados executar pelo clero secular no 2º quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada – que originalmente foi dourada e policromada – apresentando planta plana. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam colunas torsas cuja gramática decorativa se restringe à garganta e é composta de acantos e pontilhado. A gramática decorativa do banco constitui-se de acantos e elementos florais. No tramo central, o nicho, emoldurado por arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático que inclui um painel com pintura sobre madeira ladeada por duas colunas torsas e de morfologia semelhante às do corpo. O frontão é curvo, composto de acantos e outros elementos vegetalistas.

Encontram-se em razoável estado de conservação. A visita realizada em 2009 encontrou estes dois retábulos desmantelados para efeito de intervenção de conservação e restauro a que estavam a ser submetidos. Em 2011 verificamos a colocação dos retábulos no local devido, no entanto, a policromia usada – cinzento com efeitos marmoreados – descontextualizou a sua leitura.

Bibliografia Específica:

Telles, p. 357.

Bibliografia para a Vigariaria de Goa Velha

Telles, Ricardo Michael, 'Capela de Santo António de Goa Velha', *O Oriente Português*, 1933, 84

———, 'Convento Do Pilar', *A Voz de São Francisco Xavier*, VIII (1939), 208, 216

———, 'Igreja de Batim', *A Voz de São Francisco Xavier*, V (1936), 325–28

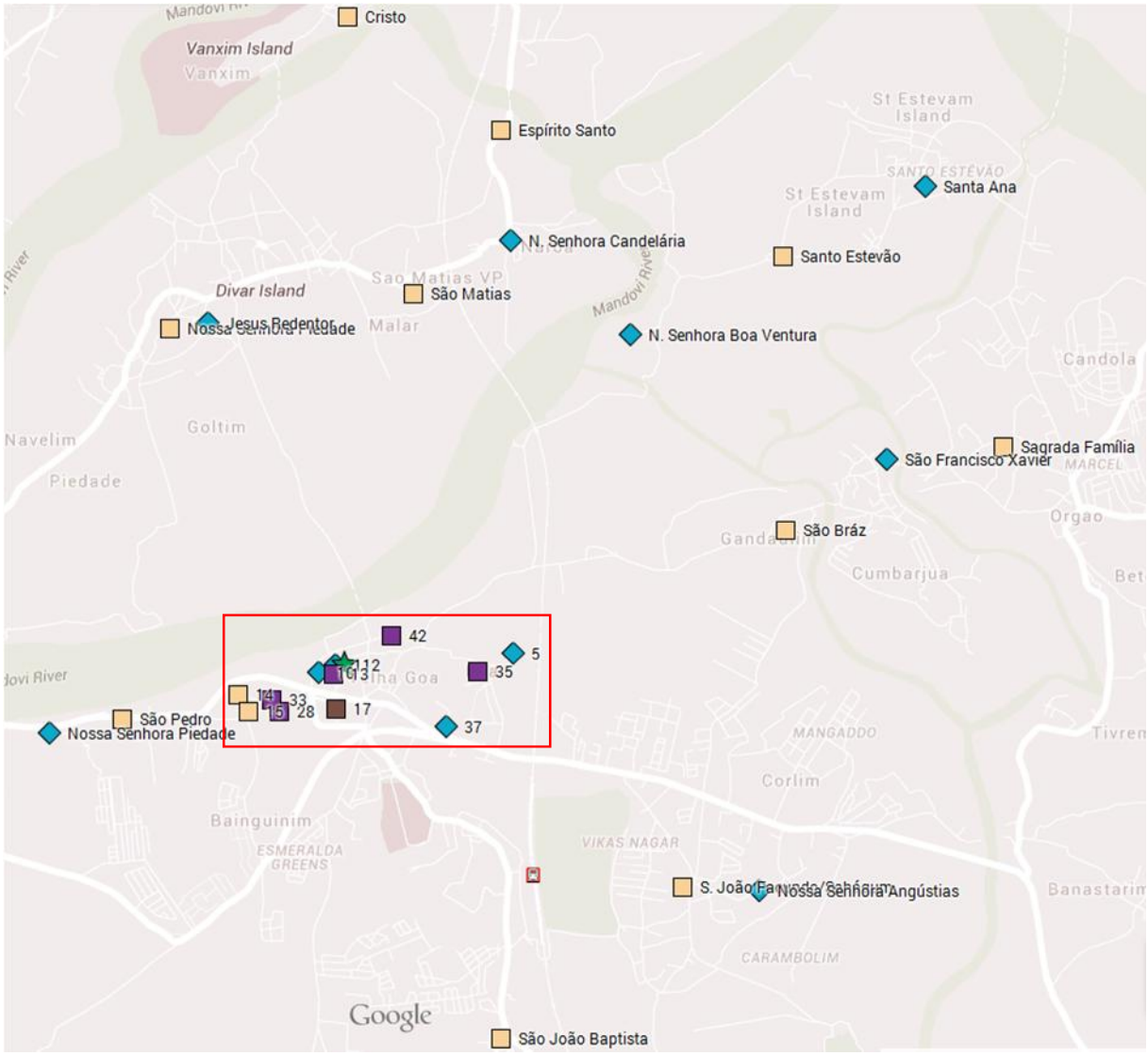
———, 'Igreja de Santa Ana de Talaulim', *A Voz de São Francisco Xavier*, VI (1937), 357, 366

———, 'Igreja de São Lourenço de Agassaim', *A Voz de São Francisco Xavier*, IV (1937), 390

———, 'Paróquias Extintas Nas Ilhas de Goa: Igreja de São Simão E São Judas de Gancim', *A Voz de São Francisco Xavier*, 3 (1934), 478

Vigariaria de Velha Goa

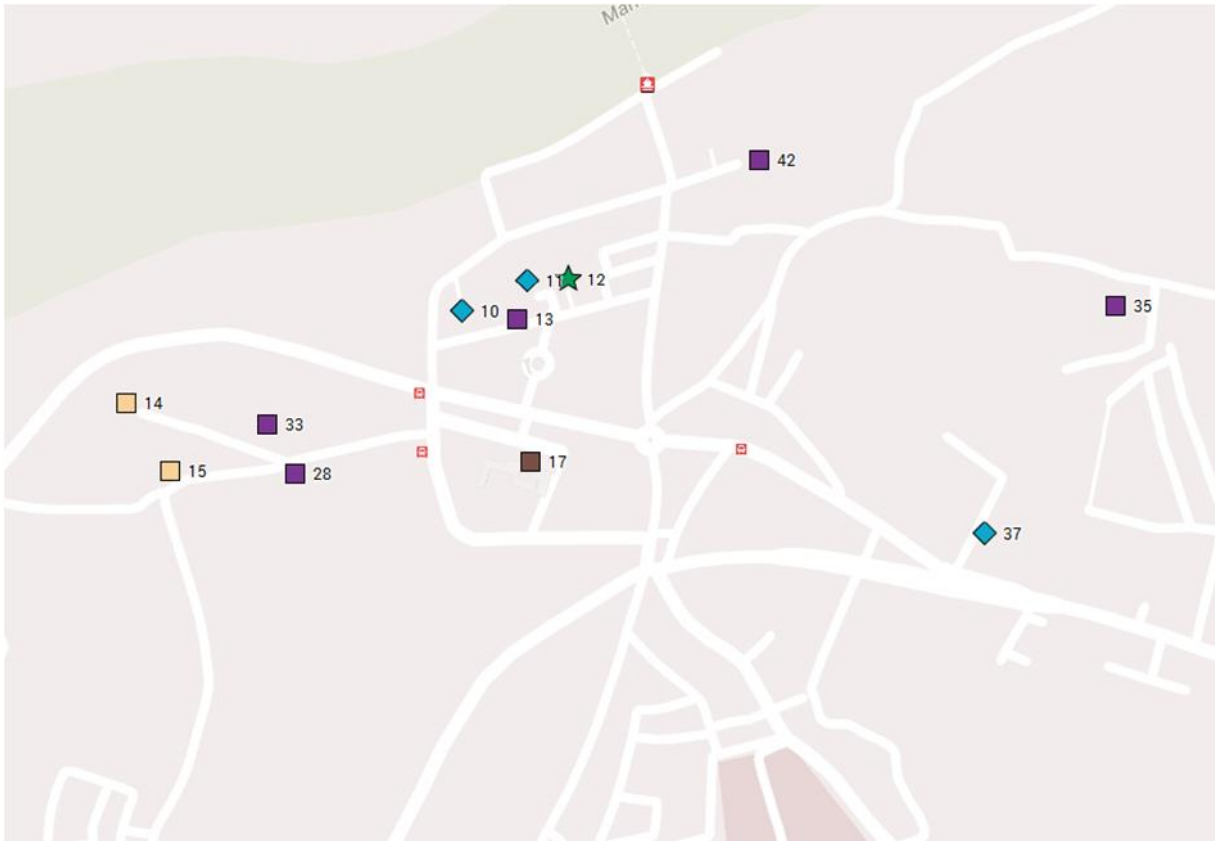
Vigariaria de Velha Goa – Geolocalização dos Locais



Legenda:

- Igreja
- Capela
- Convento/Igreja
- Catedral
- Casa Professa/Igreja

Localidade de Velha Goa



Legenda:

- Igreja
- Capela
- Convento/Igreja
- Catedral
- Casa Professa/Igreja

#	Tipo	Orago	Localização
5	Capela	Senhora do Monte	Ella
10	Capela	Santa Catarina	Velha Goa
11	Capela	Cónegos/Monte Carmelo	Velha Goa
12	Catedral	Santa Catarina de Alexandria	Velha Goa
13	Convento/Igreja	São Francisco/Espírito Santo	Velha Goa
14	Igreja	Priorado do Rosário	Monte Sacro
15	Igreja	Real de Santo António	Monte Sacro
17	Casa Professa/Igreja	Bom Jesus/Bom Jesus	Velha Goa
28	Convento/Igreja	João Deus/Senhora do Bom Sucesso	Monte Sacro
33	Convento/Igreja	Santa Mónica/Santa Maria	Monte Sacro
35	Convento/Igreja	Santa Cruz dos Milagres	Boa Vista
37	Capela	São Francisco Xavier	Velha Goa
42	Convento/Igreja	São Caetano/Divina Providência	Velha Goa

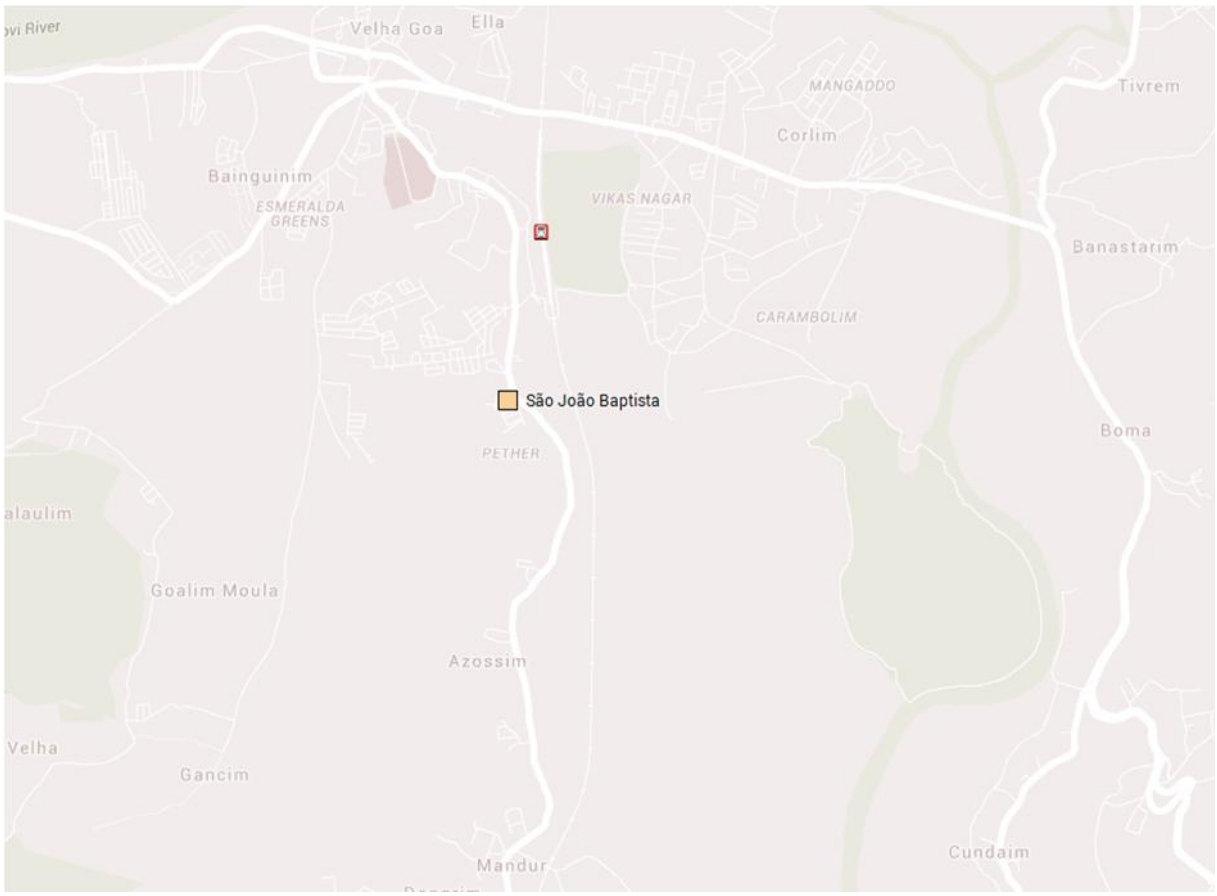
A vigariaria de Velha Goa tem a sua sede paroquial na Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria em Velha Goa compreendendo as seguintes paróquias:

1. **Carambolim**
   1.1. Igreja de São João Baptista, Carambolim.
2. **Corlim**
   2.1. Igreja de São João Facundo, Corlim.
   2.2. Capela de Nossa Senhora das Angústias, Corlim.
3. **Marcela**
   3.1. Igreja da Sagrada Família, Marcela.
4. **Naroa**
   4.1. Igreja do Espírito Santo, Naroa.
   4.2. Capela de Nossa Senhora da Candelária, Naroa.
5. **Piedade**
   5.1. Igreja de Nossa Senhora da Piedade, Divar.
   5.2. Capela do Jesus Redentor, Goltim.
6. **Santo Estevão**
   6.1. Igreja de Santo Estevão, Santo Estevão.
   6.2. Capela de Nossa Senhora da Boa Ventura, Toldó.
   6.3. Capela de Santa Ana, Mangueiral.
7. **São Brás**
   7.1. Igreja de São Brás, Gandaulim.
   7.2. Capela de São Francisco Xavier, Cumbarjua.
8. **São Matias**
   8.1. Igreja de São Matias, Naroa.
9. **São Pedro**
   9.1. Igreja de São pedro, Panelim.
   9.2. Capela de Nossa Senhora da Piedade, Panelim.
10. **Vanxim**
    10.1. Igreja de Cristo, Vanxim
11. **Velha Goa**
    11.1. Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria, Velha Goa.

11.2. Casa Professa/Igreja do Bom Jesus, Velha Goa.
11.3. Convento/Igreja da Divina Providência, Velha Goa.
11.4. Convento de São Francisco/Igreja do Espirito Santo, Velha Goa.
11.5. Capela de Nossa Senhora do Monte Carmelo, Velha Goa.
11.6. Capela de São Francisco Xavier, Velha Goa.
11.7. Convento/Igreja da Santa Cruz dos Milagres, Boa Vista.
11.8. Capela de Nossa Senhora do priorado do Rosário, Monte Sacro.
11.9. Convento de Santa Mónica/Igreja de Santa Maria, Monte Sacro.
11.10. Convento/Igreja de São João de Deus, Monte Sacro.
11.11. Capela Real de Santo António, Monte Sacro.
11.12. Capela de Nossa Senhora do Monte, Ella.

1. CARAMBOLIM

1.1. Igreja de São João Baptista, Carambolim.



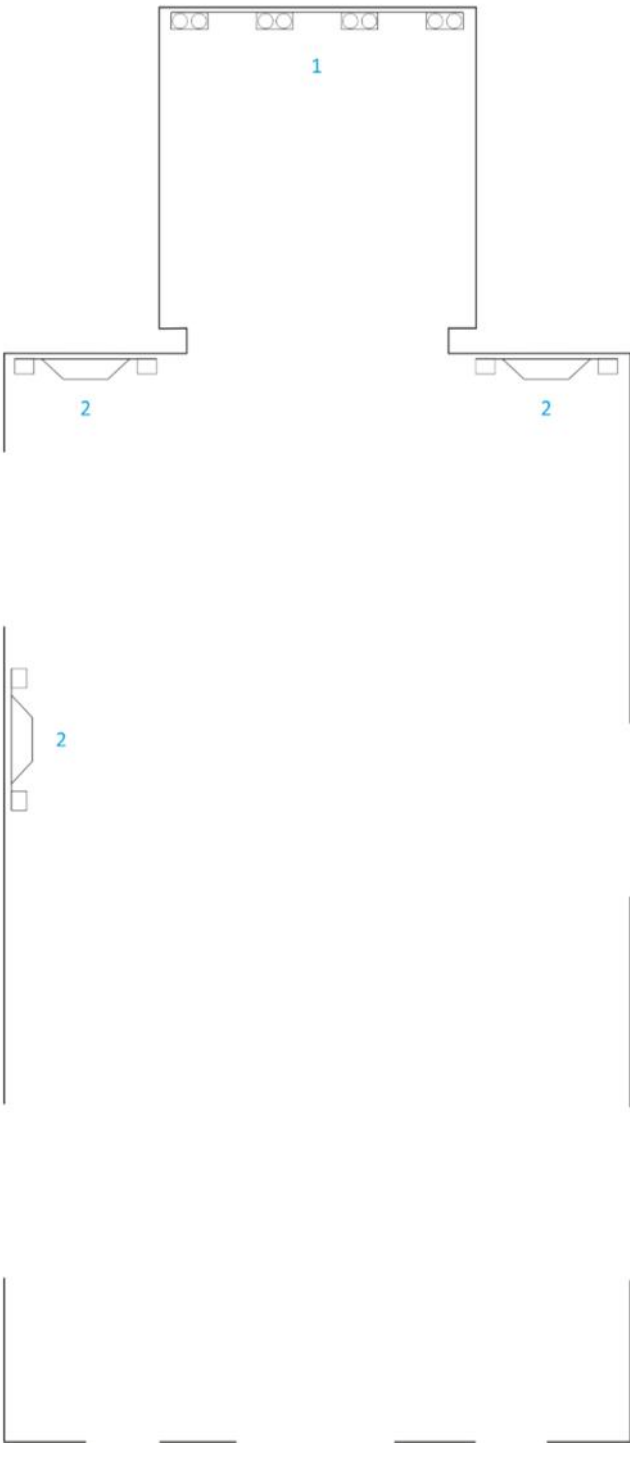
Legenda:

Igreja

Igreja de São João Baptista

(Carambolim-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.479825, Long. 73.922519

1 |Retábulo de São João Baptista
2 |Retábulos Colaterais: Cristo Crucificado (Evangelho) e Nossa Senhora (Epístola) e Retábulo do Corpo da Igreja: Nossa Senhora da Vitória (Evangelho)





1 |Retábulo de São João Baptista

Risco e Entalhe*:* 2º Quartel do século XVII

Está localizado na ousia. Foi mandado executar pelo clero secular no 2º Quartel do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe, no entanto, dadas as particulares singulares neste retábulo que o aproximam dos retábulos de Santa Mónica, Sé Catedral e Senhora do Monte, é possível que tenha sido projectado e executado

É um exemplar narrativo na tipologia menos frequente de dois corpos e três tramos cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há quatro pedestais A gramática decorativa no banco inclui cabeças de serafins, acantos e cachos de uvas. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo com cabeças de serafins, cajus, romãs acantos e outros vegetalismos. Sobre mesa do altar está igualmente um sacrário de planta poligonal que inclui nichos nas faces laterais para exposição de pequenas figuras de vulto de santos. No tramo central do primeiro corpo está um nicho que foi tapado na intervenção de 2014 e que já em 2009 estava tapado por um pano. Nos tramos das ilhargas estão duas pinturas sobre madeira com cenas da vida de São João Baptista: a cabeça servida numa bandeja (no lado do Evangelho) e seu nascimento (lado da Epístola). Sobre o entablamento contínuo, o segundo corpo contém no tramo central um nicho com arquivolta plena onde se expõe a figura de vulto perfeito do orago. Nas ilhargas outras duas pinturas sobre madeira: sua cabeça a ser cortada (Evangelho) e baptizando Jesus Cristo (Epístola).

Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas da mesma morfologia das do corpo, evidencia-se um painel com a exposição da figura de vulto perfeito de Cristo Crucificado. Nas ilhargas e em seus nichos estão duas figuras de santos – uma de cada lado. O frontão é interrompido contendo o símbolo do Espírito Santo ao centro. As ilhargas têm um acabamento trilobado.

Em 2009, data do inventário, encontravam-se em razoável estado de conservação. Em 2014 foram alvo de uma acção de restauro com recurso a materiais pouco convencionais que colocaram em causa a integridade cromática dos retábulos.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar


INRI

2 |Retábulos Colaterais e Retábulo do Corpo da Igreja

Risco e Entalhe*:* último quartel do século XVIII

Os retábulos colaterais localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados ao Senhor Crucificado (Evangelho) e a a Nossa Senhora (Epístola). O retábulo do corpo da igreja localiza-se no lado do Evangelho e é dedicado a Nossa Senhora da Vitória. Foram mandados executar pelo clero secular a partir do último quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo que para modelo compositivo apresentam ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam pilastras com peanhas para exposição de pequenas figuras de vulto perfeito de santos. A gramática decorativa do banco constitui-se de vegetalismos muito estilizados. No tramo central dos retábulos estão peanhas onde assentam as figuras de vulto perfeito dos oragos. No intradorso dos retábulos colateral da Epístola e do corpo da Igreja surgem molduras com arquivolta plena que acompanham a exposição dos santos. O entablamento cinge-se às ilhargas e sobre este assentam anjos. No ático está uma edícula onde se expõe figuras de santos. Todos os retábulos têm um dossel de execução coeva dos retábulos.

A documentação existente indica que o retábulo de Nossa Senhora da Vitória (corpo da igreja) veio do Colégio de São Paulo Velho (Velha Goa-Tiswadi), no entanto, apenas a figura de vulto da santa terá subsistido dado que – para além da cronologia tardia – a morfologia deste retábulo é exactamente a mesma da dos colaterais.

Em 2009, data do inventário, encontravam-se em razoável estado de conservação. Em 2014 foram alvo de uma acção de restauro com recurso a materiais pouco convencionais que colocaram em causa a integridade cromática dos retábulos.

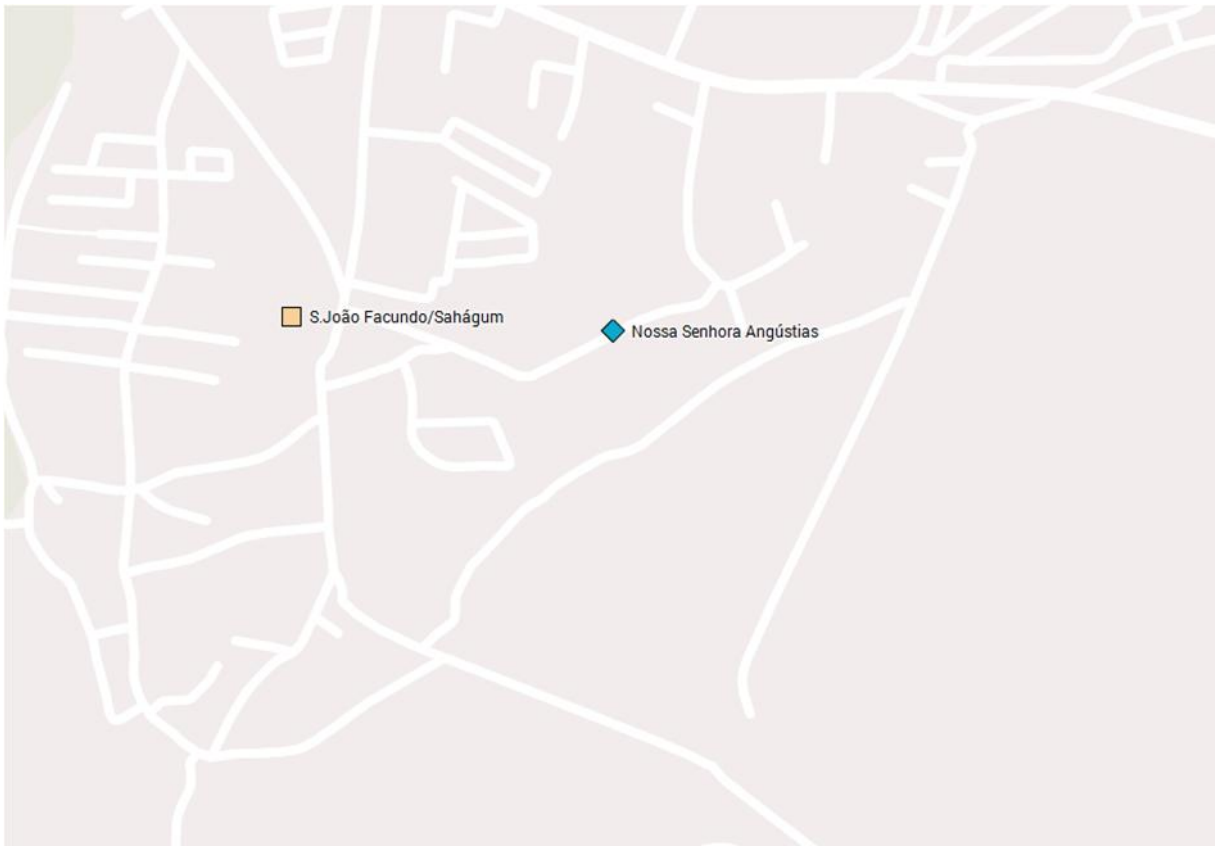
Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Colégio de São Paulo O Velho', *A Voz de São Francisco Xavier*, XI (1942), 255 (p. 255).

2. CORLIM

2.1. Igreja de São João Facundo, Corlim.

2.2. Capela de Nossa Senhora das Angústias, Corlim.



Legenda:

Igreja

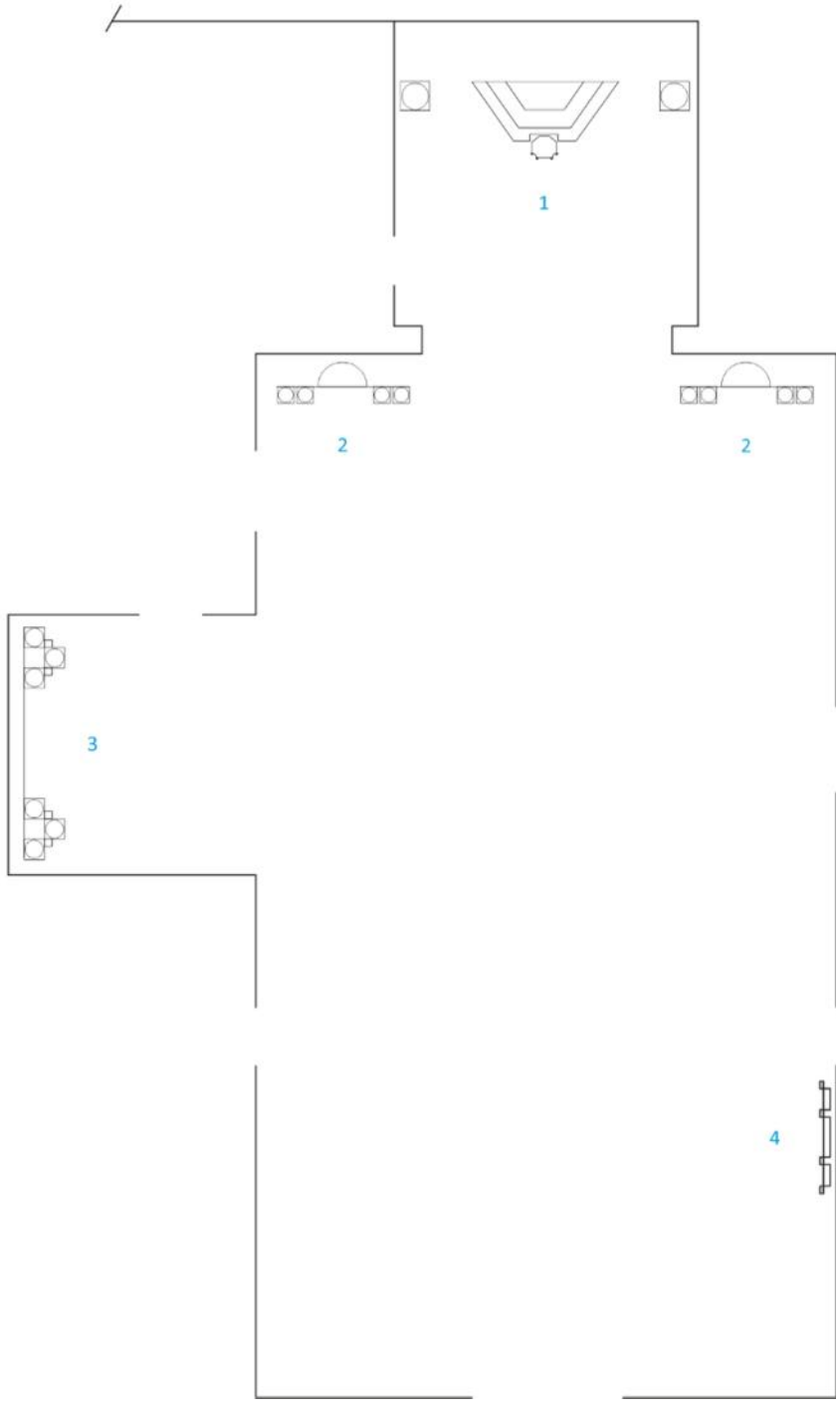
Capela

Igreja de São João Facundo [Sahagum]

(Corlim-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.489515, Long. 73.934609

1 |Retábulo da Ousia
2 |Retábulos Colaterais: Bom jesus (Evangelho) e Nossa Senhora da Penha de França (Epístola)
3 |Retábulo da Capela das Santas Almas
4 |Retábulo do Corpo da Igreja





1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* 1ª metade do Século XX

Está localizado na ousia. Foi mandado executar pelo clero secular durante a 1ª metade do século XX, substituindo o retábulo original que deveria ter dois corpos e três tramos com um ciclo narrativo do orago por via de pintura sobre madeira ("*o antigo retábulo mor era de caixilhos com quadros da vida do patrono que foi religioso agustiniano*"). Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de intercolúnio entre duas colunas – uma de cada lado, com imoscapo estriado e grinalda floral ascendente.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando perspectiva convexa. O conjunto define-se por trono de 4 degraus disposto em mesa de altar onde se expõe a figura de vulto perfeito do orago. Esta estrutura é emoldurada por duas colunas que suportam um arco do tipo abóbada: uma estrutura em madeira formando uma falsa-abóbada que é suportada pelas colunas e descarregando no entablamento das paredes da capela.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Igreja de Corlim', *A Voz de São Francisco Xavier*, IV (1935), 315 (p. 315).



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* final do século XVII/princípio do século XVIII

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados ao Bom Jesus (Evangelho) e a Nossa Senhora da Penha de França (Epístola). Foram mandados executar pelo clero secular em finais do século XVII/princípios do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Como especificidade destacam-se os colunelos do tramo central – um de cada lado – que emolduram o nicho.

Constituem-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam colunas torsas cuja gramática decorativa se cinge à garganta e é composta de flores, parras, uvas e acantos. Têm diferenciação do imoscapo composto igualmente de acantos, flores, parras e uvas. A gramática decorativa do banco constitui-se de padrão floral e vegetalista. No tramo central estão os nichos, inscritos em arquivolta plena e fechados em redoma de vidro onde se expõem as figuras de vulto perfeito do orago, ladeado de colunelos de gramática decorativa idêntica às colunas do corpo. Acima da arquivolta estão dois anjos que seguram uma coroa real.

Sobre o entablamento contínuo assenta o ático com uma edícula inscrita entre colunas duplas (da mesma gramática decorativa das do restante retábulo) que expõe uma pequena figura de vulto de Santa Ana (Evangelho) e de São Sebastião (Epístola). O frontão de volutas contém elementos vegetalistas e acantos e é encimado por um jarrão de frutos.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, ‘Igreja de Corlim’, p. 315.



3 |Retábulo da Capela das Santas Almas

Risco e Entalhe*:* 1702

Está localizado na capela lateral, lado do Evangelho. Foi mandado executar por Francisco de Aguiar, gancar da aldeia para se fazer sepultar nela no ano de 1702. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade refere-se a solução nos pedestais – acrescento de elemento extra no pedestal central para criar maior impacto visual.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui padronizado de elementos vegetalistas e florais. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel floral (o imoscapo compõe-se de pontilhado em espiral). A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras e uvas. No tramo central, o painel em médio relevo emoldurado por entablamento, expõe o temo do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas triplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes em pedestais, evidencia-se a edícula que expõe uma figura de vulto perfeito de um santo. O frontão é interrompido e com volutas, contém ao centro uma cabeça de serafim.

Encontra-se em mau estado de conservação. Existem peças constituintes do retábulo em risco de derrocada.

Bibliografia Específica:

Telles, 'Igreja de Corlim', p. 315; Filipe Nery Xavier, *Bosquejo Histórico Das Comunidades Das Aldeias Dos Conselhos Das Ilhas, Salcete E Bardez* (Goa: Nova Goa: Imprensa Nacional, 1852), p. 132.



4 |Retábulo do corpo da Igreja

Risco e Entalhe*:* 2ª metade do século XX

Localiza-se no corpo da igreja e é dedicado ao Sagrado Coração de Jesus. Foi provavelmente mandado executar por uma das confrarias da igreja na 2ª metade do século XX. Até 1935 não existe referência a este retábulo na bibliografia. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema, na tipologia usual de um corpo e três tramos.

Constitui-se de madeira entalhada que se apresenta envernizada e pontual douração de alguns elementos, apresentando planta plana. Não tem elementos arquitectónicos e apresenta três nichos – um por tramo – que expõem pequenas figuras de vulto de Santos sendo o do tramo central o de Sagrado Coração de Jesus.

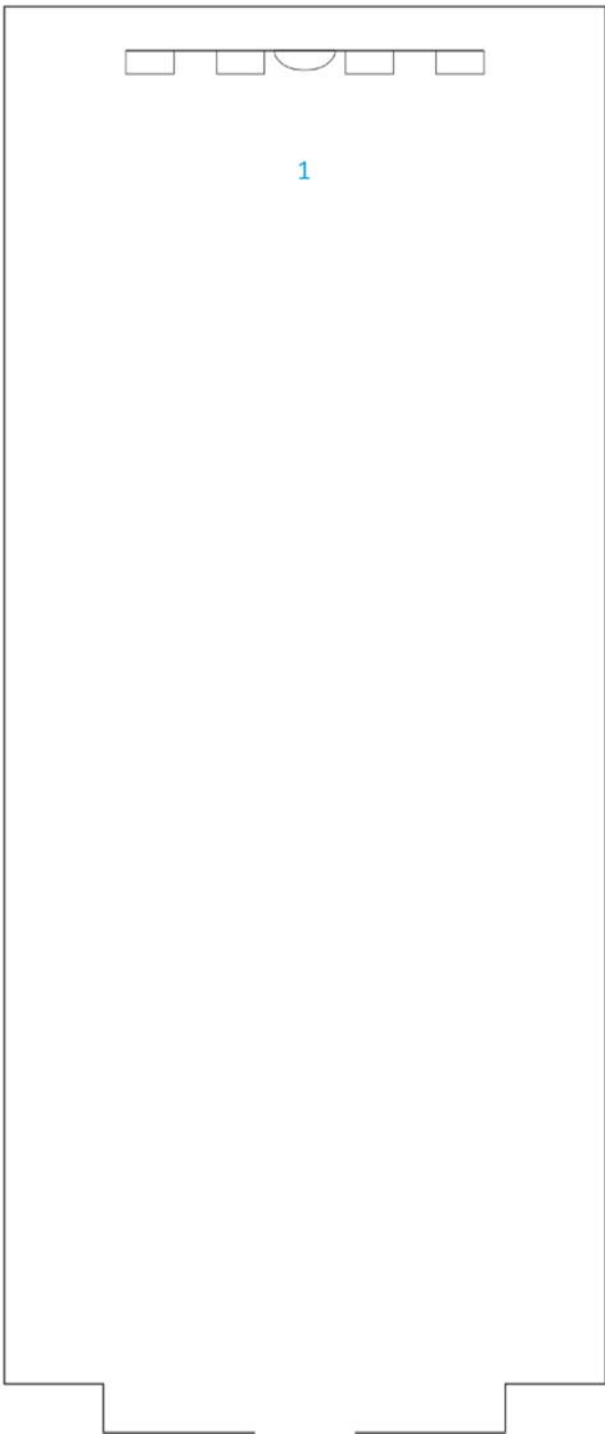
Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Igreja de Nossa Senhora das Angústias

(Corlim-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.489291, Long. 73.939824

1 |Retábulo de Nossa Senhora das Angústias





1 |Retábulo de Nossa Senhora das Angústias

Risco e Entalhe*:* Século XX

Está localizado na ousia. Foi mandado executar pelo clero secular ou confraria associada à Capela durante o século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos.

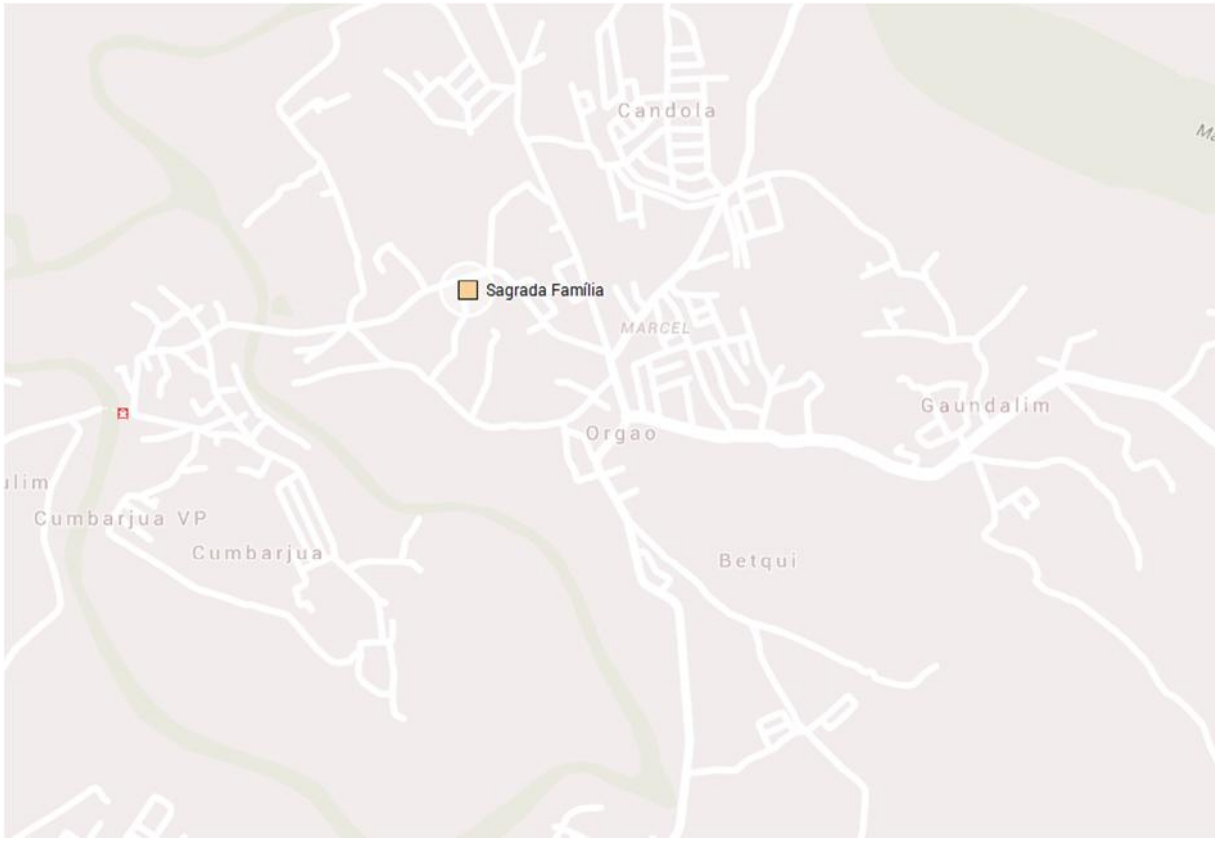
Constitui-se de alvenaria pintada, apresentando perspectiva convexa. No banco há quatro pedestais e o entablamento restringe-se às ilhargas. No tramo central, o nicho emoldurado, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. No centro do ático evidencia-se o símbolo do Espírito Santo no centro de um resplendor. O frontão é interrompido e apresenta igualmente volutas.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

3. MARCELA

3.1. Igreja da Sagrada Família, Marcela.



Legenda:

Igreja

Igreja da Sagrada Família

(Marcela-Ponda, Goa, Índia)
Lat. 15.517764, Long. 73.956020



A Igreja da Sagrada Família, apesar de se encontrar na taluka de Ponda, por se achar na fronteira geográfica entre as talukas de Tiswadi e Ponda, encontra-se vinculada à vigariaria de Velha Goa.

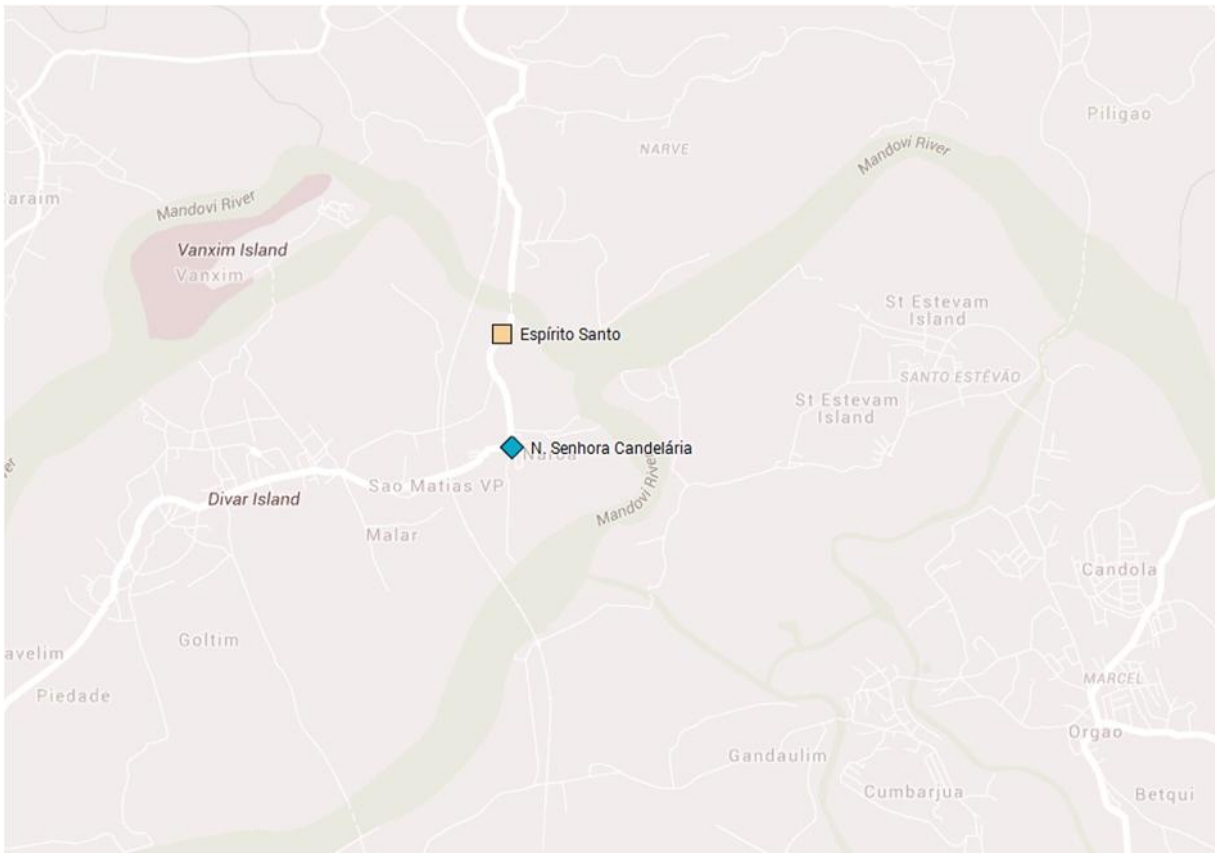
A primeira igreja – que data de 1630 – era afiliada à paróquia de São Brás. Até se tornar uma paróquia independente em 1831 foi reedificada mais duas vezes desconhecendo-se as datas exactas. Não se conhece se até à reedificação do presente edifício em 1998, existia ainda alguma talha, certo é que presentemente a igreja está desprovida da mesma.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

4. NAROA

4.1. Igreja do Espírito Santo, Naroa.

4.2. Capela de Nossa Senhora da Candelária, Naroa.



Legenda:

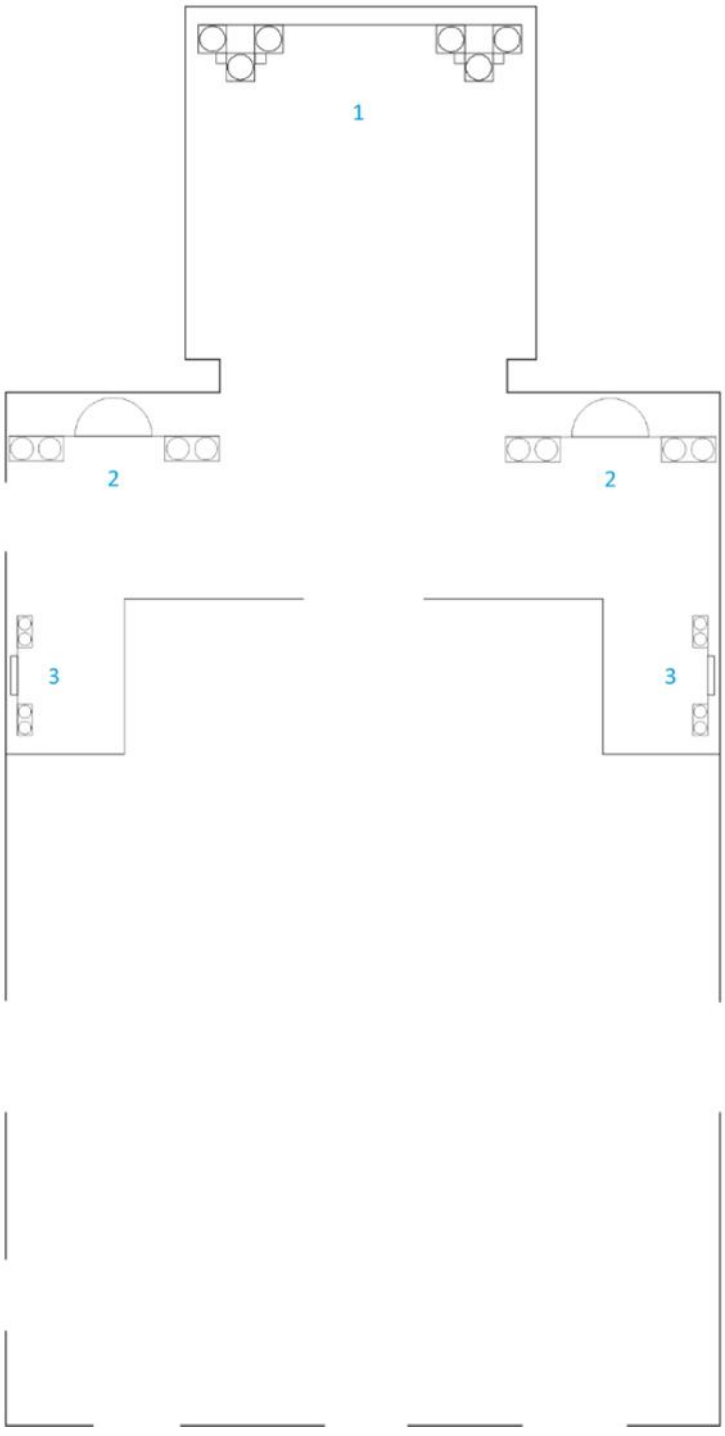
Igreja

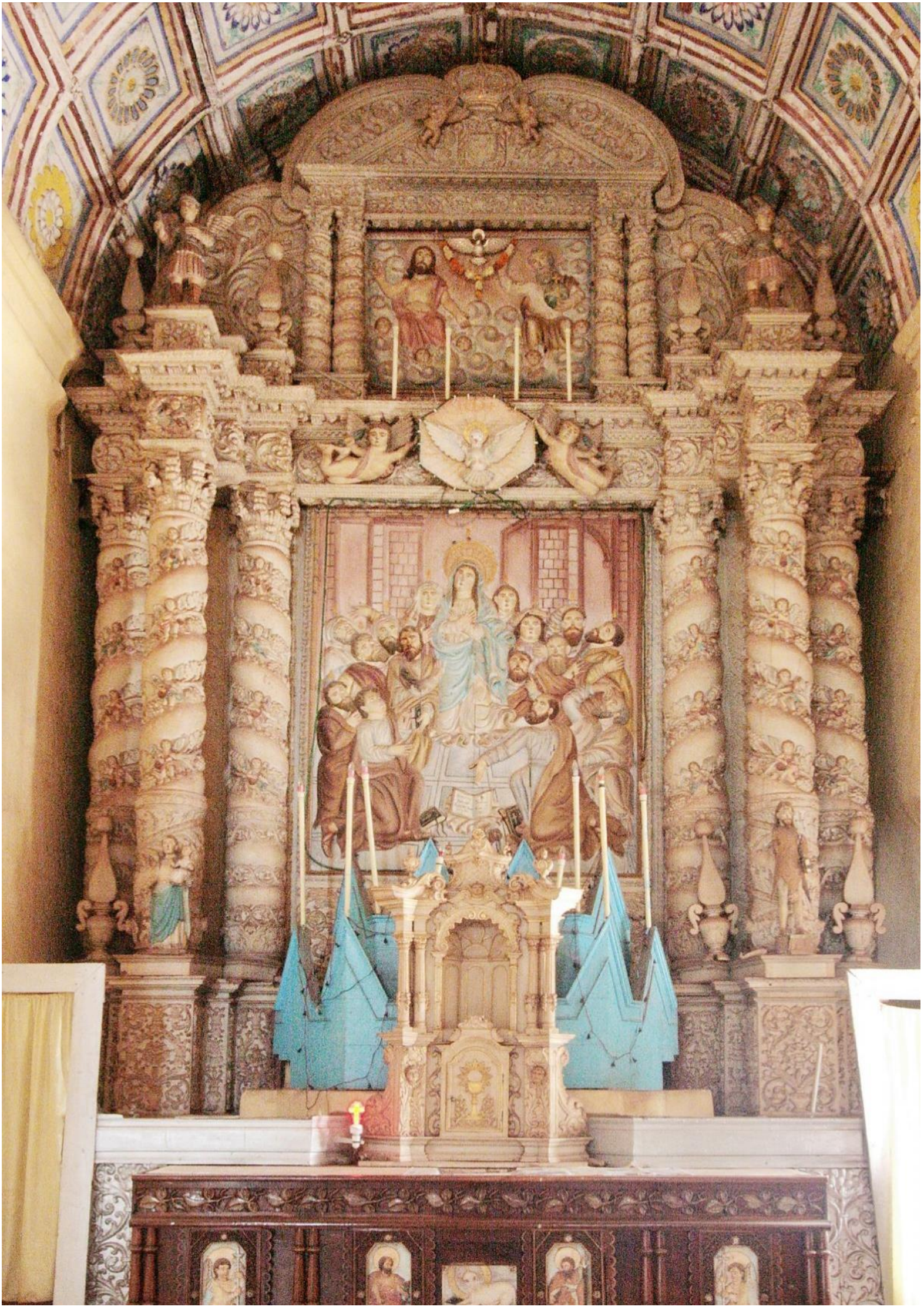
Capela

Igreja do Espírito Santo

(Naroa [Divar]-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.538092, Long. 73.922556

1 |Retábulo de Nossa Senhora do Cenáculo
2 |Retábulos Colaterais: Nossa Senhora da Guia (Evangelho) e Santo André (Epístola)
3 |Retábulos do Corpo da Igreja (Oragos originais): São Miguel (Evangelho) e Santas Almas (Epístola)





1 |Retábulo de Nossa Senhora do Cenáculo

Risco e Entalhe*:* c.1710

Está localizado na ousia ocupando a totalidade da parede testeira. Foi mandado executar pelo clero secular por volta de 1710, data em que se fundou a igreja. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade refere-se a solução nos pedestais – acrescento de elemento extra no pedestal central para criar maior impacto visual.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui elementos florais e vegetalistas a brotar de jarrões. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel com pontilhados. A coluna central – a mais avançada – contém acantos espiralados no imoscapo, enquanto as mais afastadas têm três anéis vegetalistas. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras, uvas e anjos músicos. No tramo central, o painel em médio relevo com tema do orago está emoldurado por entablamento. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes duas a duas em pedestais, evidencia-se um painel em medio-relevo com a representação da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. O frontão é entrecortado e inclui dois anjos a coroar um medalhão com as chagas de Cristo.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Igreja de Naroa Das Ilhas', *A Voz de São Francisco Xavier*, V (1936), 73 (p. 73).



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* 1º quartel do século XVIII

Localizam-se junto ao arco da Ousia e são dedicados a Nossa Senhora da Guia (Evangelho) e a Santo André (Epístola). Foram mandados executar pelo clero secular no 1º quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam colunas de fuste helicoidal com diferenciação do imoscapo por meio de anel e grinalda floral (e motivos florais e vegetalistas e folhas de acanto no imoscapo). A gramática decorativa do banco constitui-se de elementos florais e vegetalistas em padrão. No tramo central o nicho é ladeado por dois colunelos assentes em mísulas que têm a mesma morfologia das colunas duplas. Contém ainda dois anjos escupidos em médio-relevo que sustentam uma coroa real (Evangelho) e a insígnia IHS (Epístola).

Sobre o entablamento contínuo assenta o ático que inclui uma edícula para exposição de uma pequena figura de vulto perfeito, ladeada por colunas duplas assentes duas a duas em pedestais, de morfologia idêntica às do corpo. O frontão que é entrecortado, inclui um medalhão estrelado e uma cabeça de serafim. Dois painéis entalhados em médio-relevos com motivos florais e vegetalistas rematam as ilhargas do ático, juntamente com duas najas de feição masculina – uma de cada lado – que dão a aparência de sustentar o dossel.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, ‘Igreja de Naroa Das Ilhas’, p. 73.



3 |Retábulos do Corpo da Igreja

Risco e Entalhe*:* 1º quartel do século XVIII

Localizam-se no corpo da Igreja e foram originalmente dedicados São Miguel (Evangelho) e Santas Almas (Epístola). Foram mandados executar pelo clero secular no 2ª quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam colunas de fuste helicoidal com diferenciação do imoscapo por meio de anel e pontas de diamantes (e motivos florais e vegetalistas e folhas de acanto no imoscapo). A gramática decorativa do banco constitui-se de acantos e outros elementos florais e vegetalistas em padrão. O tramo central foi adaptado a nicho, certamente depois de 1936 (data do artigo que menciona os retábulos), eliminando os painéis ou pinturas que se dedicavam aos oragos que mencionamos. Presentemente os nichos expõem figuras de vulto perfeito de santos. No nicho do retábulo da Epístola, os elementos vegetalistas em médio-relevo presentes foram retirados do entablamento que presentemente está truncado pois não foi adaptada nenhuma solução alternativa.

Sobre o entablamento contínuo assenta o ático que inclui uma edícula para exposição de uma pequena figura de vulto perfeito (Evangelho), ladeada por colunas duplas assentes duas a duas em pedestais, com decoração vegetalista cingida à garganta e imoscapo com acantos. O frontão que é entrecortado, inclui um medalhão floral e uma cabeça de serafim. Dois painéis entalhados em médio-relevos com motivos florais e vegetalistas rematam as ilhargas do ático.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

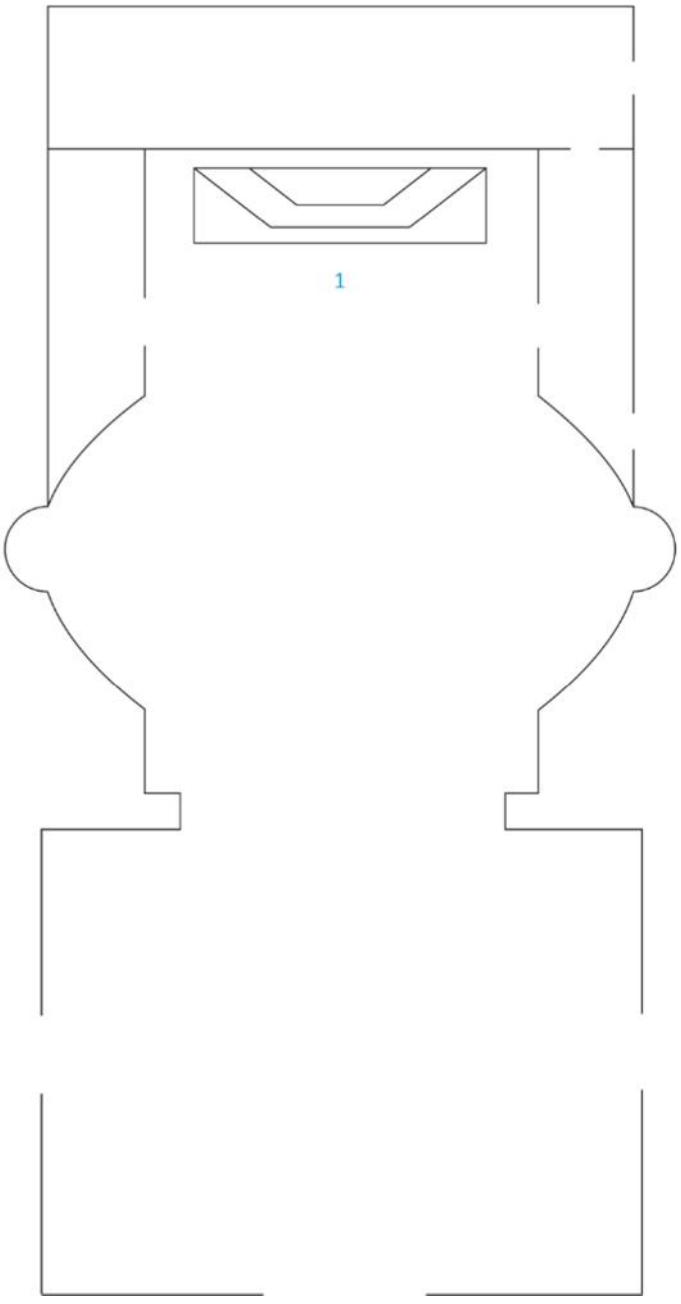
Bibliografia Específica:

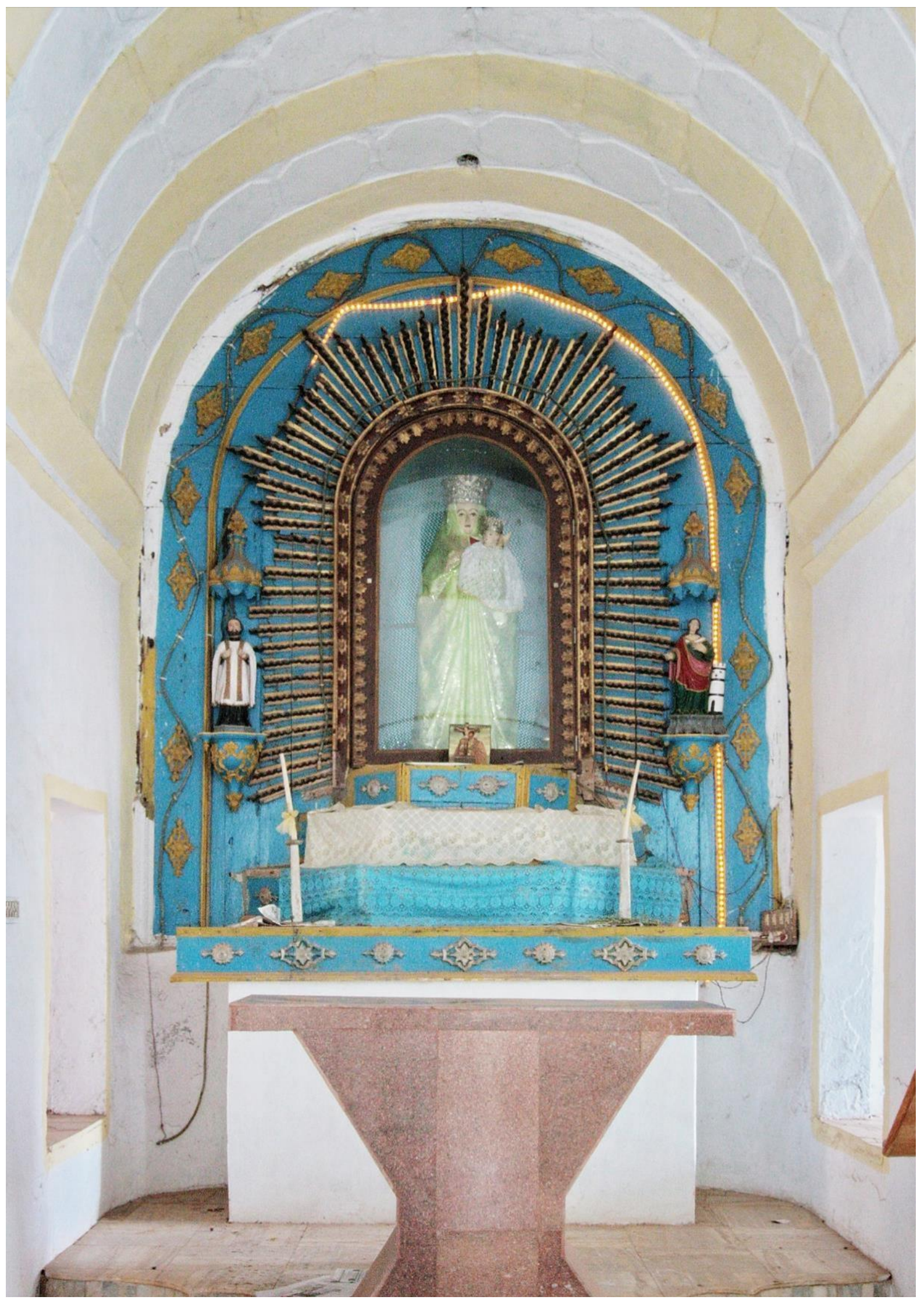
Telles, ‘Igreja de Naroa Das Ilhas’, p. 73.

Capela de Nossa Senhora da Candelária

(Naroa [Divar]-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.530979, Long. 73.923223

1 |Retábulo da Ousia





1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* século XX

Está localizado na ousia. Foi mandado executar pela comunidade durante o século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

Compõe-se de uma mesa de altar sobre a qual assentam três banquetas e um resplendor a envolver um nicho com a figura de vulto perfeito de Nossa Senhora. Nas ilhargas do resplendor estão duas mísulas – uma de cada lado – onde se expõem duas pequenas figuras de vulto.

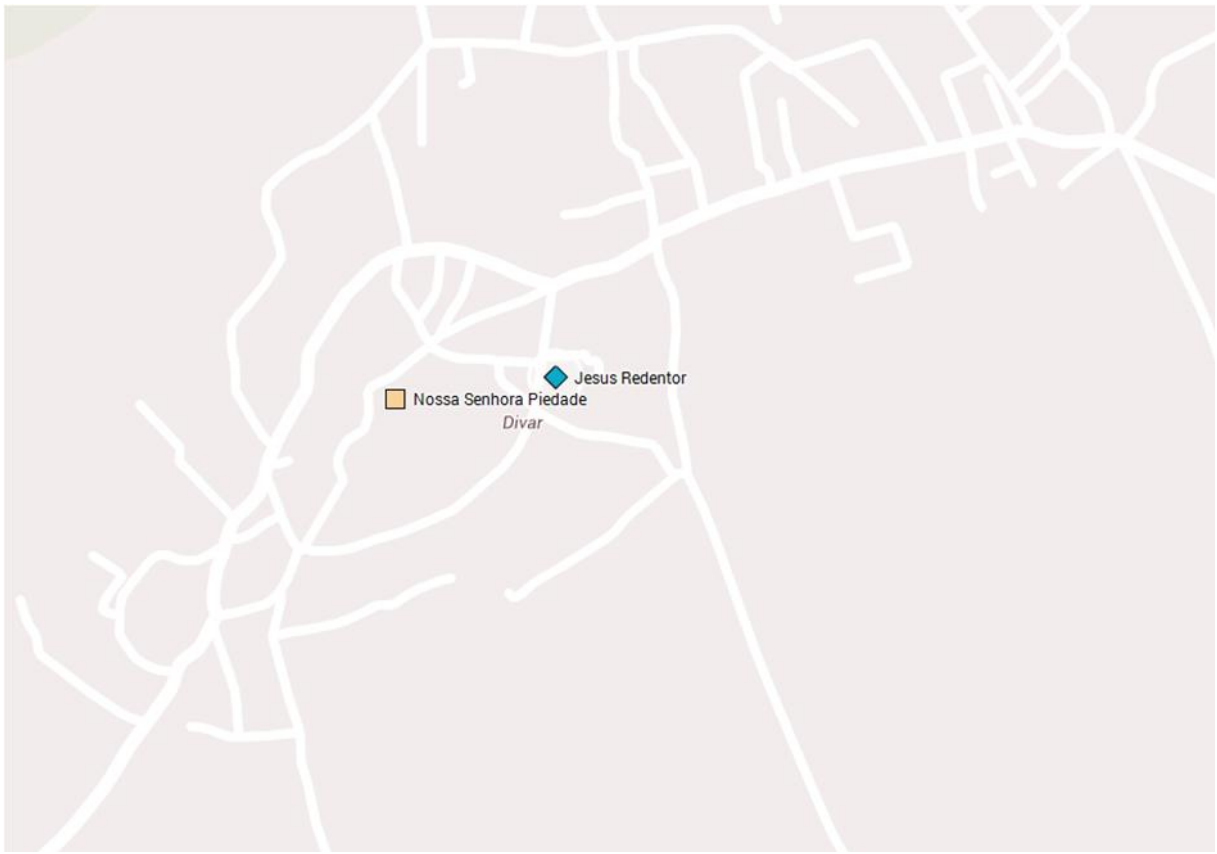
Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

5. PIEDADE

5.1. Igreja de Nossa Senhora da Piedade, Divar.

5.2. Capela do Jesus Redentor, Goltim.



Legenda:

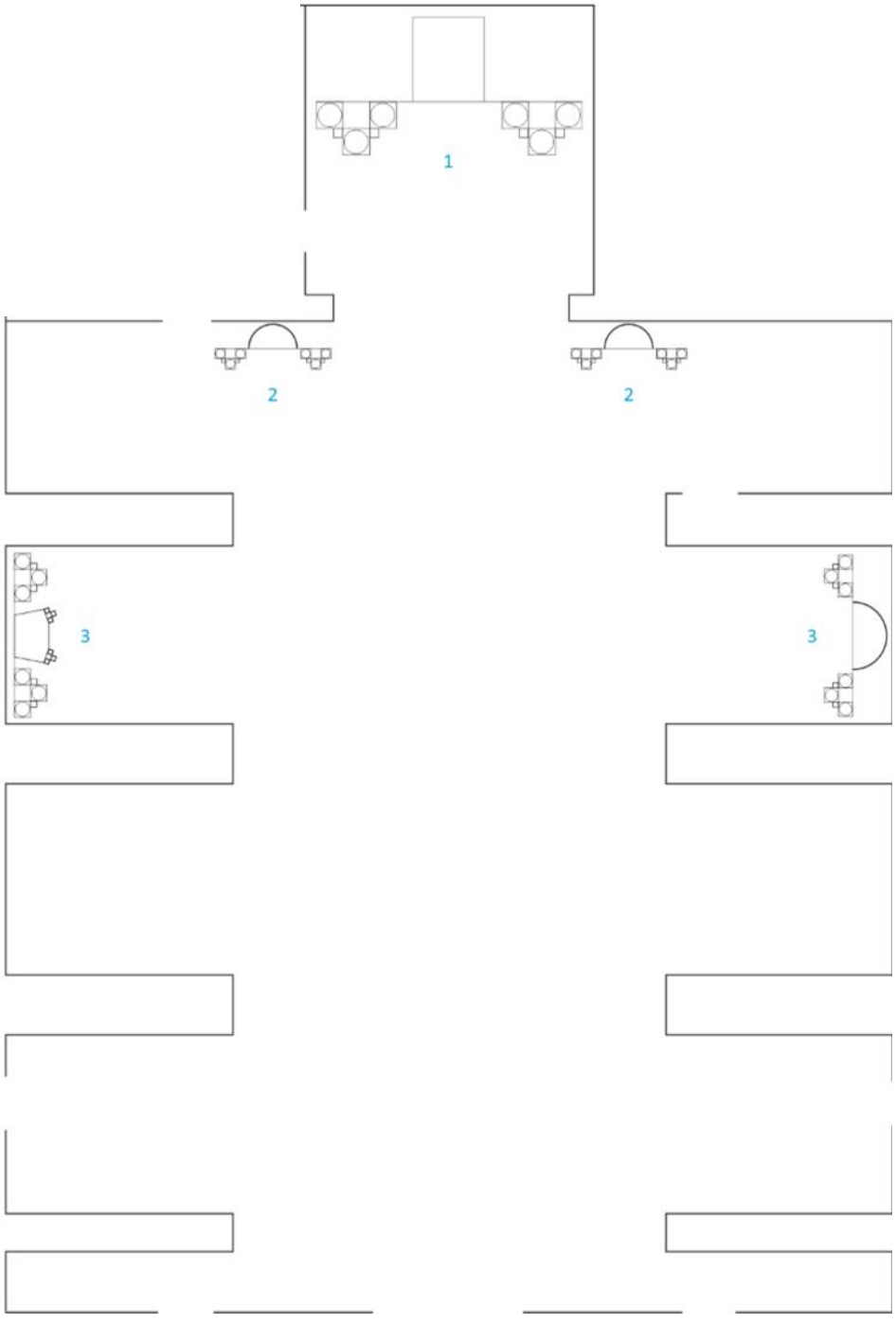
Igreja

Capela

Igreja de Nossa Senhora da Piedade

(Divar-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.525385, Long. 73.900445

1 |Retábulo da Ousia
2 |Retábulos Colaterais: Menino Jesus entre Doutores (Evangelho) e Santa Ágata (Epístola)
3 |Retábulos do Corpo da Igreja: Santas Almas (Evangelho) Nossa Senhora da Boa Morte (Epístola)





1 |Retábulo da Ousia – *Risco e* Entalhe*:* c.1700

Está localizado na ousia ocupando a totalidade da parede testeira. Foi mandado executar pelo Padre António João de Frias por volta de 1700, data em que a presenta igreja inicia a sua construção. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe, no entanto, existe a possibilidade de ter sido projectado pelo próprio Padre Frias. É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade refere-se a solução nos pedestais – acrescento de elemento extra no pedestal central para criar maior impacto visual. Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui decoração padronizada com motivos fitomórficos. Neste assentam colunas torsas com imoscapo diferenciado (por meio de anel e pontas de diamante e com pontilhado e linha em espiral). A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras, uvas e fénixes. No tramo central, a tribuna emoldurada por uma arquivolta plena, expõe o tabernáculo ladeado pelos quatro Evangelistas. Destaca-se ainda os colunelos de morfologia idêntica às doas restantes colunas do corpo, assentes sobre mísulas e que suportam arcanjos. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas triplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes em pedestais, evidencia-se a edícula que expõe uma figura de vulto perfeito da Pietá. O frontão de volutas apresenta a representação do Espírito Santo e é encimado por uma cabeça de serafim. Nas ilhargas assentes no entablamento estão arcanjos – um de cada lado. Encontra-se em razoável estado de conservação. Os retábulos desta igreja foram alvo de uma intervenção de restauro (anterior a 2009). O relatório da intervenção indica as seguintes acções: raspagem das camadas de tinta, remoção e substituição de peças constituintes danificadas, limpeza e preparação da superfície para aplicação de tintas, aplicação de primário, aplicação de tinta de efeito ouro, aplicação de verniz lavável. Esta última acção dotou o retábulo de um inadequado brilho. Após contacto com a equipa de restauro denotamos que, apesar de bem reputada no mercado, acabou por ceder à vontade da comissão da igreja. Consta que a mesma equipa irá reverter este processo após sensibilização da população para adequadas formas de intervenção, tarefa que devia ter sido primordial.

Bibliografia Específica:

Cipriano Peregrino Gomes, Cipriano Peregrino, 'Estudo Histórico-Archeologico Da Igreja de Nossa Senhora Da Piedade Da Ilha de Divar', in *Antiguidades Pátrias* (Bastorá: Tipografia Rangel, 1902), p. 32; Ricardo Michael Telles, 'Igreja de Nossa Senhora Da Piedade Da Ilha de Divar', *A Voz de São Francisco Xavier*, V (1936), 384 (p. 384).



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* c.1724

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados ao Menino Jesus entre Doutores (Evangelho) e a Santa Ágata (Epístola). Foram mandados executar pelo Padre António João de Frias por volta de 1724, data de conclusão da presente igreja. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe, no entanto, existe a possibilidade de ter sido projectado pelo próprio Padre Frias.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade destaca-se a solução nos pedestais – acrescento de elemento extra no pedestal central para criar maior impacto visual.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais sobre os quais assentam colunas torsas com diferenciação de imoscapo por meio de anel, no entanto a gramática decorativa não é interrompida e constitui-se de elementos fitomórficos que se restringem à garganta. A gramática decorativa do banco constitui-se de padrão fitomórfico. No tramo central o nicho emoldurado por arquivolta plena, expõe-se a figura de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático que ao centro inclui uma edícula entre colunas triplas (da mesma gramática decorativas das do retábulo assentes em seu pedestal) que expõe uma pequena figura de vulto de São Sebastião (Evangelho) e de composto de frontão de volutas, com anjos que repousam nas ilhargas. No centro do frontão estão as insígnias IHS (Evangelho) e uma coroa e palmas de martírio (Epístola). Nas ilhargas estão ainda dois painéis em forma de aletas com baixos-relevos de anjos entre fundo fitomórfico.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, ‘Igreja de Nossa Senhora Da Piedade Da Ilha de Divar’, p. 384.



3 |Retábulos do Corpo da Igreja

Risco e Entalhe*:* c.1724

Localizam-se no corpo da igreja e são dedicados a Santas Almas (Evangelho) e a Nossa Senhora da Boa Morte (Epístola). Foram mandados executar pelo Padre António João de Frias por volta de 1724, data de conclusão da presente igreja. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe, no entanto, existe a possibilidade de ter sido projectado pelo próprio Padre Frias.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais sobre os quais assentam colunas torsas com diferenciação de imoscapo por meio de anel, no entanto a gramática decorativa não é interrompida e constitui-se de elementos fitomórficos que se restringem à garganta. A gramática decorativa do banco constitui-se de padrão fitomórfico. No tramo central do retábulo do Evangelho, a pintura sobre madeira com tema do orago, está emoldurada por entablamento. No retábulo da Epístola está um nicho emoldurado por uma arquivolta plena com uma pequena imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático que ao centro inclui uma edícula entre colunas triplas (da mesma gramática decorativas das do retábulo assentes em seu pedestal) que expõe uma pequena figura de vulto de São João Baptista (Evangelho) e de um outro santo (Epístola) composto de frontão de volutas. No centro do frontão está um medalhão em forma de flor de lótus (Evangelho) e a representação do Espírito Santo (Epístola). Nas ilhargas estão ainda dois painéis em forma de aletas com baixos-relevos fitomórficos.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

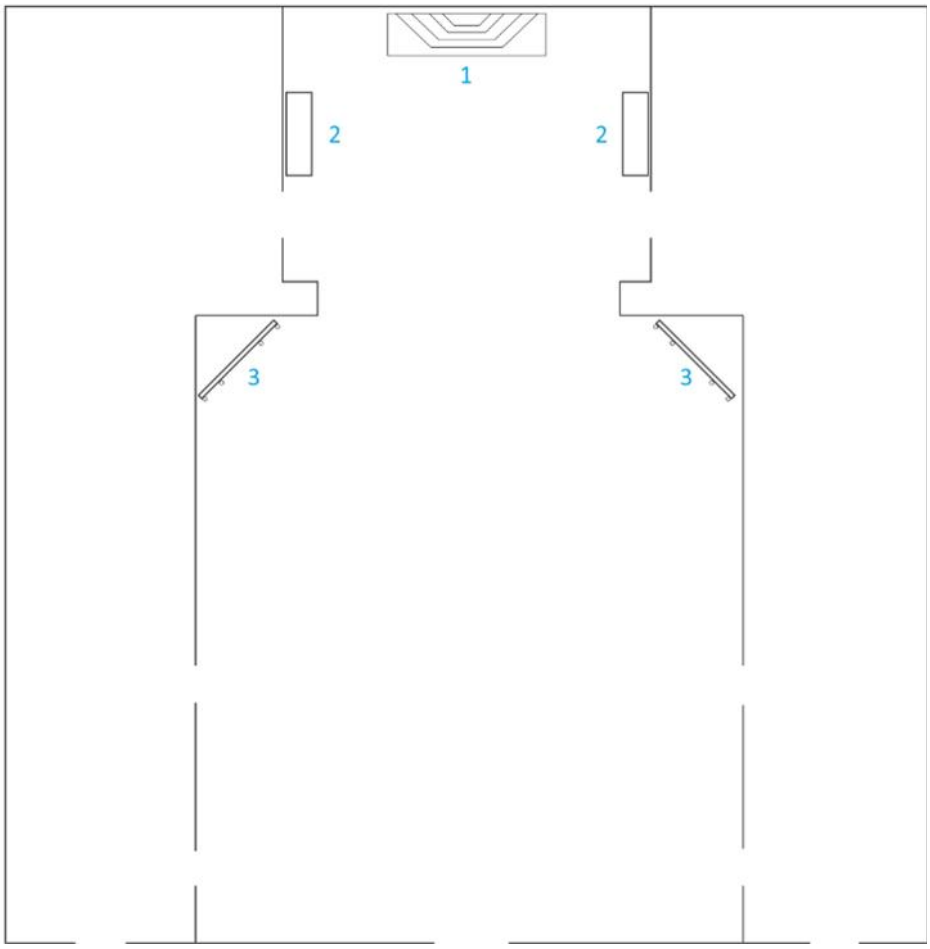
Bibliografia Específica:

Telles, ‘Igreja de Nossa Senhora Da Piedade Da Ilha de Divar’, p. 384.

Capela de Jesus Redentor

(Goltim[Divar]-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.525732, Long. 73.903036

1 |Retábulo da Ousia
2 |Retábulos-sarcófago
3 |Retábulos Colaterais



Consultar no Apêndice Fotográfico: 2|

Retábulos-Sarcófago, Fig. 51, p.1007


INRI

1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* c.1860-1875

Está localizado na ousia. Foi mandado executar pela Confraria do Senhor Redentor em c.1860-1875, datas que correspondem à edificação da igreja e ao compromisso dos estatutos da confraria, respectivamente. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia de Trono cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando perspectiva convexa. Compõe-se de quatro degraus com gradeamento em cada um deles expondo no topo a imagem de Nossa Senhora. Toda a superfície da talha tem médios-relevo compostos de acantos e outros vegetalismos bastante estilizados mas de surpreendente qualidade dada a data tardia da execução.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, 'Igreja de Nossa Senhora Da Piedade Da Ilha de Divar', p. 384.



3 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* c.1860-1875

Estão localizados junto do arco da ousia. Foram mandados executar pela Confraria do Senhor Redentor em c.1860-1875, datas que correspondem à edificação da igreja e ao compromisso dos estatutos da confraria, respectivamente. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocional a um tema na tipologia de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de intercolúnio entre colunelos duplos, sem motivos decorativos. Constitui-se de madeira entalhada e envernizada e expõe ao centro um quadro com representação de um santo (Evangelho) e um nicho para exposição de figura de vulto perfeito (Epístola). Nas ilhargas expõe-se duas pequenas figuras de vulto perfeito de santos, uma de cada lado.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

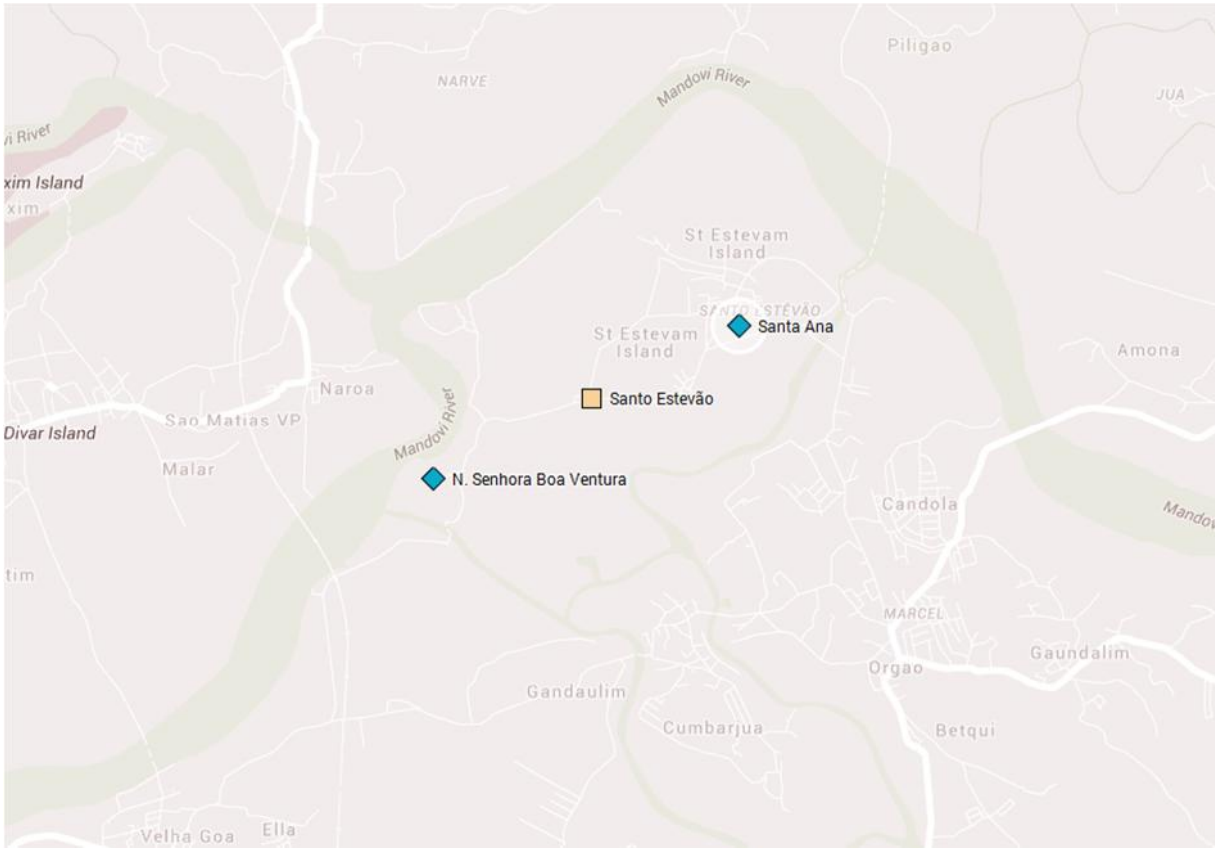
Telles, 'Igreja de Nossa Senhora Da Piedade Da Ilha de Divar', p. 384.

6. SANTO ESTEVÃO

6.1. Igreja de Santo Estevão, Santo Estevão.

6.2. Capela de Nossa Senhora da Boa Ventura, Toldó.

6.3. Capela de Santa Ana, Mangueiral.



Legenda:

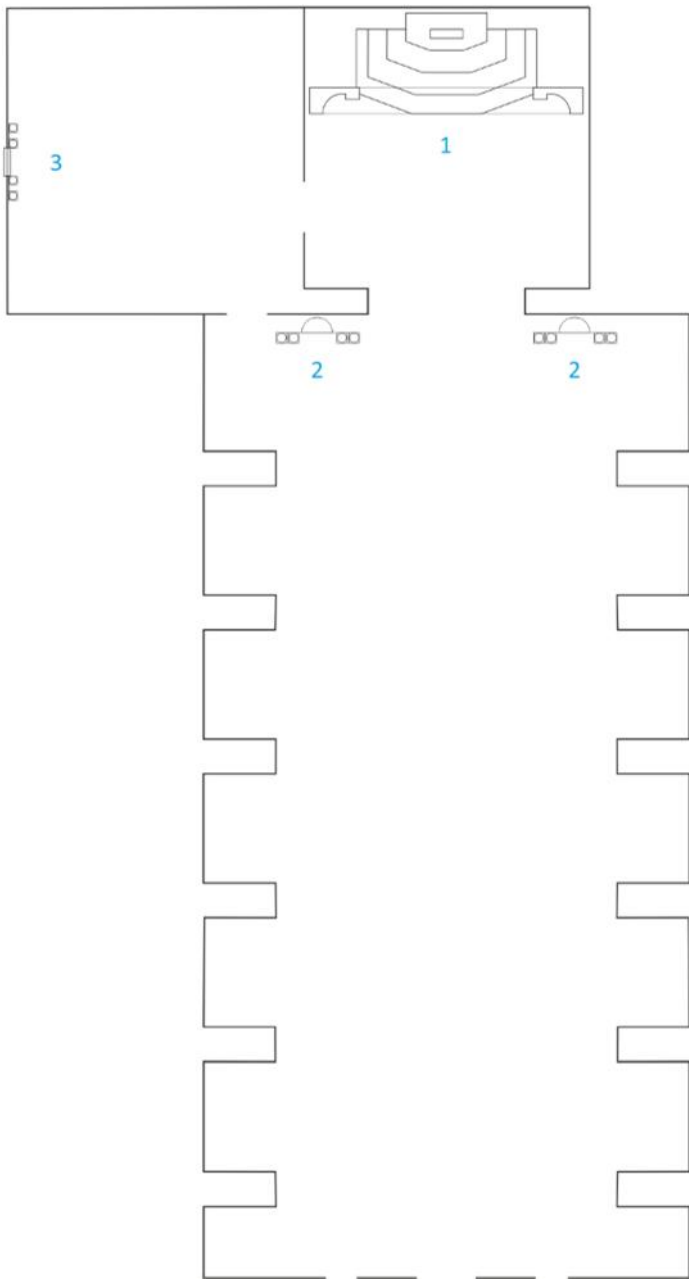
Igreja

Capela

Igreja de Santo Estevão

(Santo Estevão-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.529995, Long. 73.941354

1 |Retábulo da Ousia
2 |Retábulos Colaterais
3 |Retábulo da Sacristia




'TUMCHEA SANGATA HANV SODANKAL ASAM'
(Mt.28,20)

1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* 1759

Está localizado na ousia. Foi mandado executar por clero secular por volta de 1759, após a 3ª reconstrução desta igreja depois de ter sido destruída pelos maratas em 1739. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar impar, devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos. Como especificidade refere-se a modelação do ático.

Constitui-se de madeira entalhada e dourada, apresentando perspectiva côncava. No tramo central, a tribuna emoldurada por uma arquivolta plena, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de Santo Estevão disposta num trono de quatro degraus debaixo de um templete de quatro colunas. No espaço da tribuna representa-se a abóbada celestial. O entablamento restringe-se às ilhargas. Neste assenta o ático que desenvolve uma modelação que pelas suas características se pode considerar a expressão máxima dos elementos rocaille do rococó em tamanho descomunal.

Encontra-se em razoável estado de conservação. Em 2009 tomámos conhecimento de que iria ser realizada uma intervenção de restauro neste e restantes retábulos da igreja. Em 2012 decorria essa intervenção.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar


SORVESPORAK 20
A 36 C 14 D 16 T 21

2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* 1º quartel do século XVIII

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados ao Senhor Crucificado (Evangelho) e a Nossa Senhora (Epístola). Foram mandados executar pelo clero secular no 1º quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há quatro pedestais sobre os quais assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo por meio de anel e pontas de diamante (a gramática decorativa do imoscapo compõe-se de acantos, pinhas e elementos florais). As estrias que percorrem o fuste são do tipo helicoidal. A gramática decorativa do banco constitui-se de elementos do tipo vegetalistas e acantos que envolvem uma estrela de oito pontas. No tramo central, o nicho, emoldurado por uma arquivolta plena, expõe uma figura de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático que inclui uma edícula ladeada por colunas duplas da mesma morfologia das do corpo onde se expõe uma pequena figura de vulto perfeito. O frontão que é abaixado, e de volutas e inclui um tondo com a insígnia "IHS" (Evangelho) e a representação do Espírito Santo (Epístola). Duas nagas do género feminino – uma de cada lado – medeiam as ilhargas do ático. Acima, um dossel curvo com a mesma gramática decorativa, compõe o conjunto.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



3 |Retábulo da Sacristia

Risco e Entalhe*:* finais do século XVII /princípio do século XVIII

Está localizado na sacristia. Foi mandado executar por clérigos seculares, após a terceira reedificação deste local (1759). Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Como especificidade refere-se a integração do retábulo com a janela.

Constitui-se de madeira entalhada e policromada, apresentando planta plana. No banco há quatro pedestais. A gramática decorativa no banco inclui vegetalismos, acantos e outros elementos florais. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo. A ornamentação das colunas situa-se na espira e compõe-se de parras e uvas, sendo que a espira não é muito pronunciada. No imoscapo a gramática decorativa compõe-se de estrias helicoidais. O tramo central abre-se para a entrada de luz da janela perfeitamente enquadrada e está emoldurado por entablamento. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre duas colunas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes em pedestais, evidencia-se a edícula expondo a figura de vulto perfeito de Nossa Senhora do Carmo. O frontão de volutas apresenta as insígnias marianas

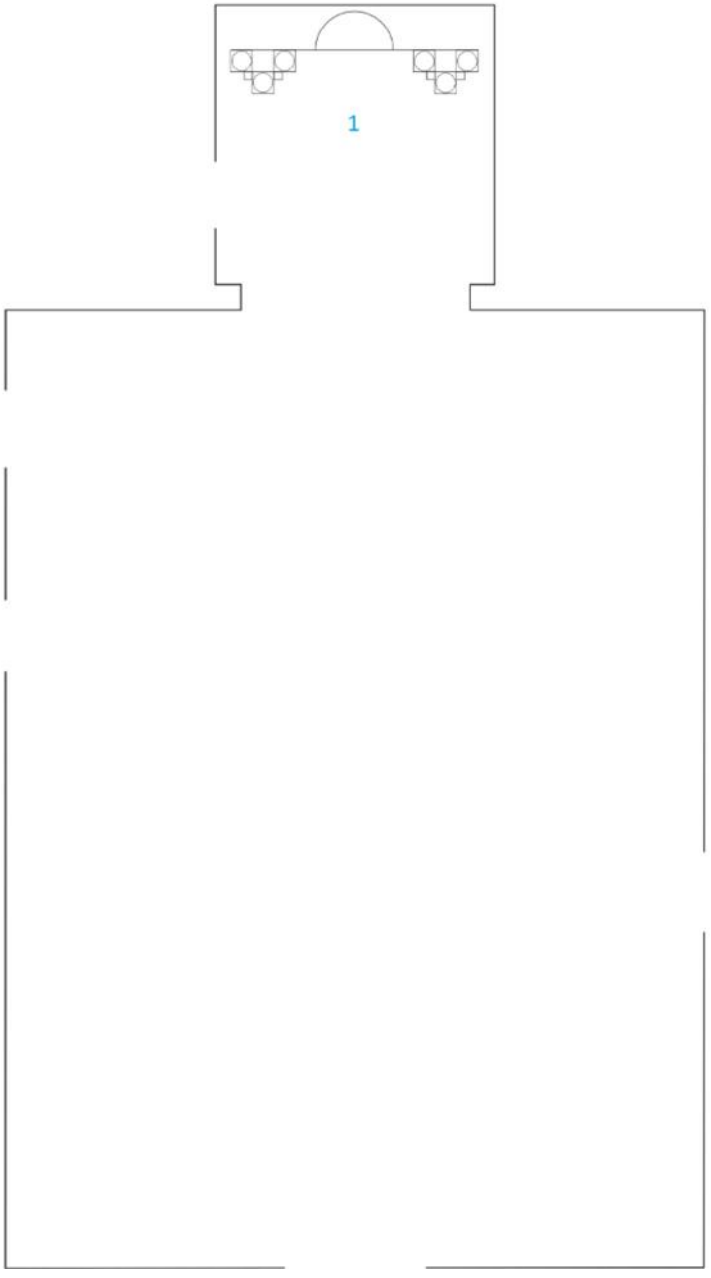
Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Capela de Nossa Senhora da Boa Ventura

(Toldó [Santo Estevão]-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.524990, 73.931235

1 |Retábulo da Ousia





1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* finais do século XVII/princípios do século XVIII

Está localizado na ousia. Foi mandado executar pelo clero secular em finais do seculo XVII/princípio do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade refere-se a gramática decorativa das colunas que apresenta anjos (solução típica dos territórios da antiga Província do Norte) e a solução nos pedestais – acrescento de elemento extra no pedestal central para criar maior impacto visual.

Constitui-se de madeira entalhada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras, uvas e anjos. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora. Ainda no tramo central um painel entalhado em médio-relevo apresenta seis anjos músicos – três de cada lado, sobreposto um sobre o outro. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes duas a duas em pedestais, evidencia-se a edícula que expõe uma figura de vulto perfeito de Santa Teresa de Jesus. O frontão é abaixado e de volutas e encimado por uma cabeça de serafim.

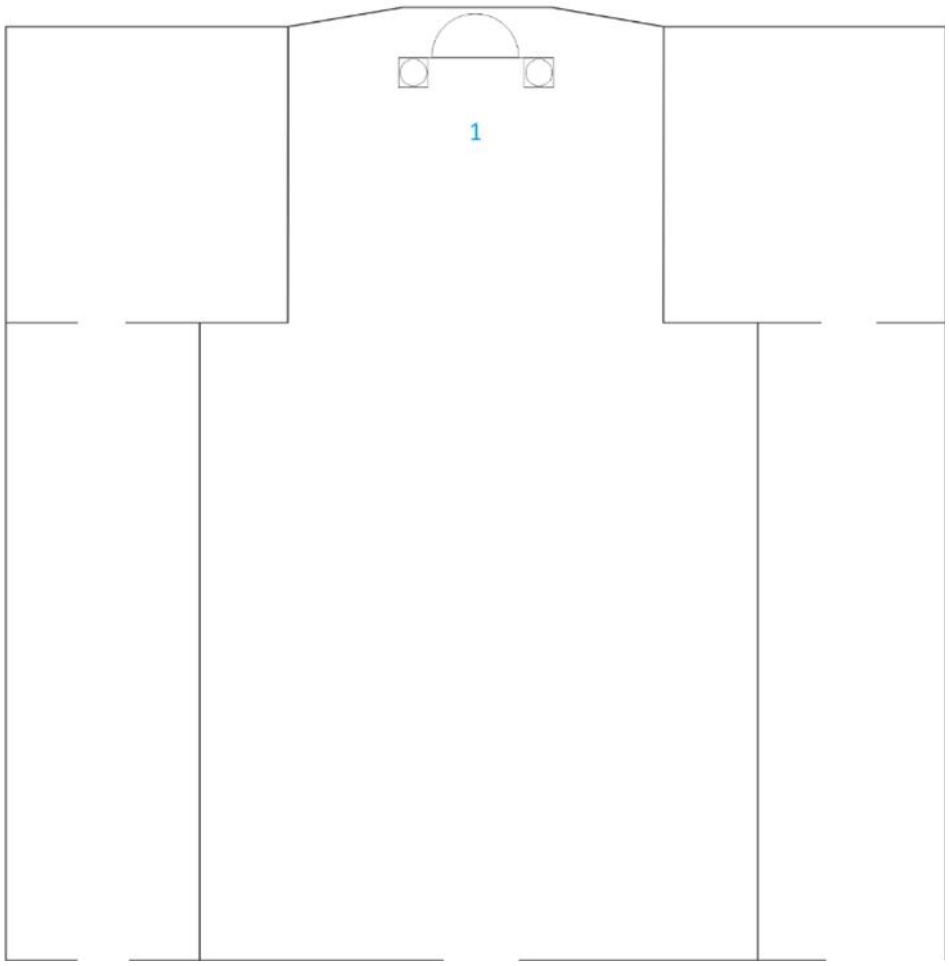
Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Capela de Santa Ana

(Mangueiral [Santo Estevão]-Tiswadi, Goa, Índia)
Localização não detectada

1 |Retábulo da Ousia





1 |Retábulo e Santa Ana

Risco e Entalhe*:* 1690-1710 com eventuais alterações posteriores.

Está localizado na ousia ocupando parte da parede testeira. Foi mandado executar pela comunidade entre 1690-1710 podendo ter-se registado alterações posteriores, nomeadamente no tramo central, adaptado a arco ogival. É igualmente possível que este retábulo possa ter vindo de uma das igrejas extintas de Velha Goa e adaptado a este novo espaço. Deverá ter sido trazido para este local, vindo de uma das igrejas de Goa, possivelmente da Igreja de Santo Estevão. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é intercolúnio inscrito entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. Uma mesa de altar e uma banqueta de execução recente sobrepõem-se ao banco não sendo possível visionar a gramática decorativa. As colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel com acantos. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras, uvas e fénixes. O tramo central – que deverá ter recebido um painel entalhado em médio-relevo – foi adaptado a nicho com arco agudo onde se expõe a figura de vulto perfeito do orago. No topo está um friso em médio-relevo com anjos e nuvens que poderá corresponder a um painel agora truncado, quiçá o deste mesmo retábulo.

Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, evidencia-se uma pintura sobre madeira do Sagrado Coração. O frontão é entrecortado e encimado com uma cabeça de serafim.

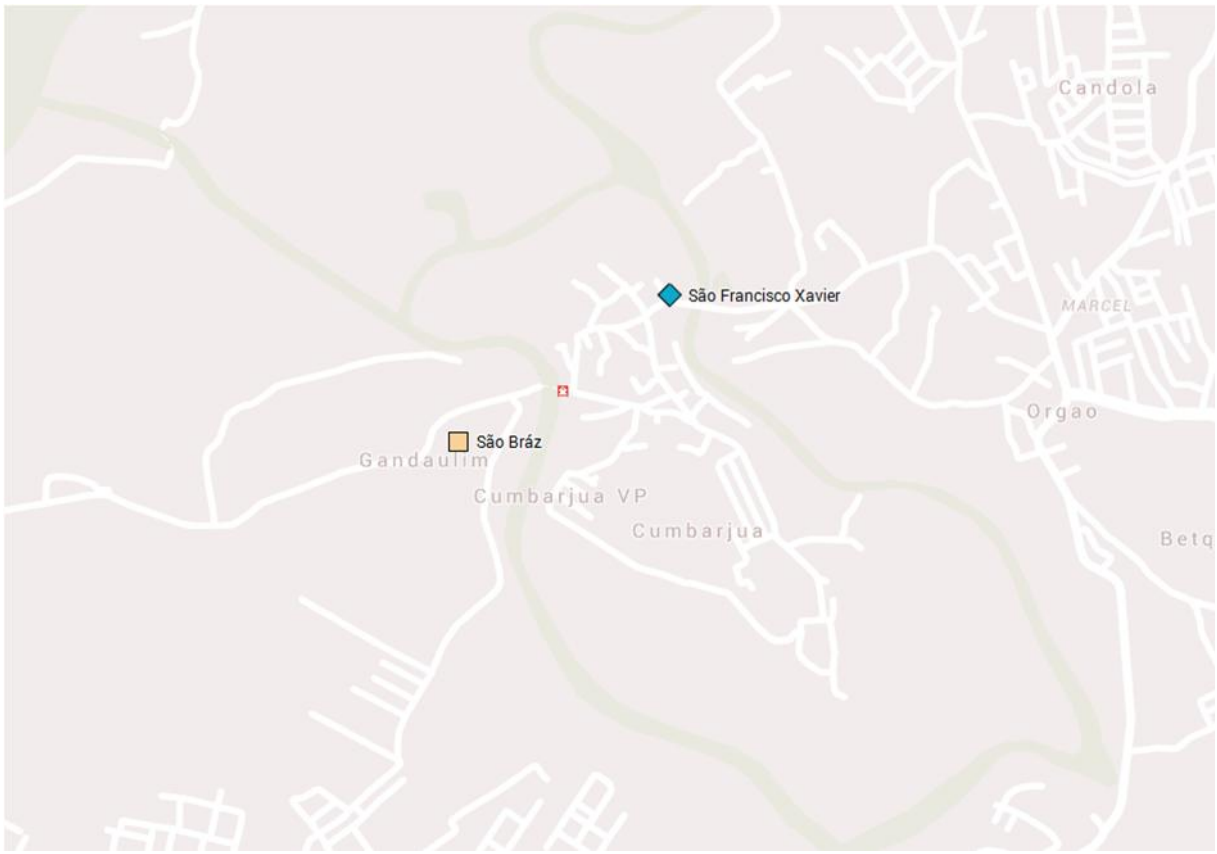
Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

7. SÃO BRÁS

7.1. Igreja de São Brás, Gandaulim.

7.2. Capela de São Francisco Xavier, Cumbarjua.



Legenda:

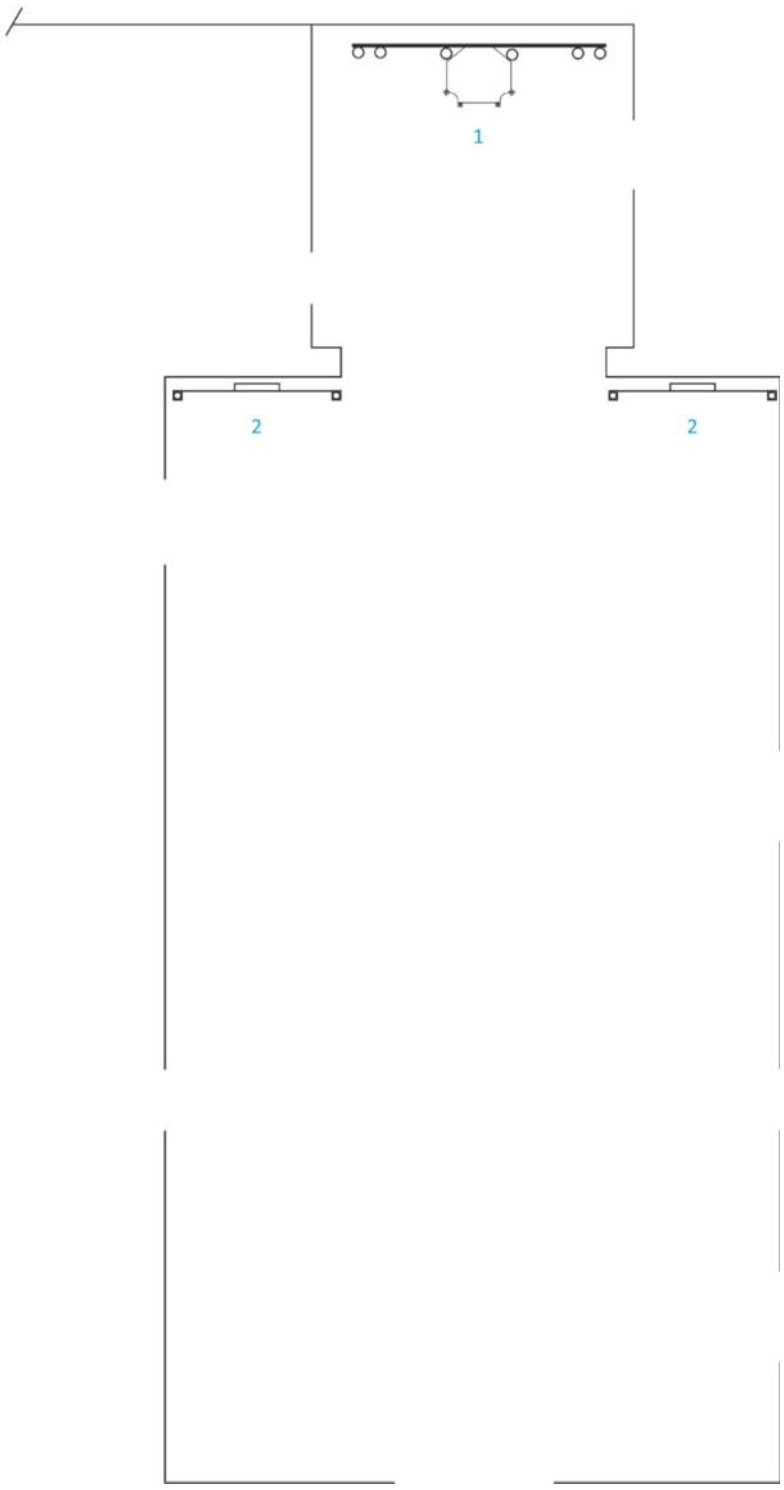
Igreja

Capela

Igreja de São Braz

(Gandaulim [Cumbarjua]-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.512383, Long. 73.941491

1 |Retábulo de São Braz
2 |Retábulos Colaterais: Nossa Senhora da Saúde (Evangelho) e Nossa Senhora da Vitória (Epístola)





1 |Retábulo de São Brás

Risco e Entalhe*:* 1936, com elementos constituintes datados de c.1621.

Localiza-se na ousia e é dedicado a São Brás Foram provavelmente mandados executar por uma das confrarias da igreja em 1936 segundo data entalhada na estrutura retabular. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar narrativo na tipologia usual de um corpo e três tramos, cujo modelo compositivo é de intercolúnios entre colunelos.

Constitui-se de madeira entalhada que se apresenta envernizada e pontual douração de alguns elementos, apresentando planta plana. Apesar de ser de execução recente, contém elementos do retábulo original (que teria sido executado em c.1621), tais como, as pinturas sobre madeira do ciclo narrativo da vida de São Brás, as figuras de vulto perfeito e o sacrário – este que se encontra no retábulo ou o que está na sacristia, maior e mais elaborado, sendo que um deles é igualmente da extinta igreja de Santa Luzia (Velha Goa-Tiswadi). Igualmente as colunas que servem de suporte à mesa de altar são do retábulo original (fuste estriado com diferenciação do imoscapo com cabeças de serafins, grinaldas e frutos).

A estrutura encontra-se em razoável estado de conservação. As pinturas originais estão desadequadamente repintadas.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Igreja de São Braz', *A Voz de São Francisco Xavier*, VII (1938), 296 (p. 296).


ZOB B 06
UDG

2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* 1936

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a Nossa Senhora da Saúde (Evangelho) e a Nossa Senhora da Vitória (Epístola). Foram mandados executar por uma das confrarias da igreja em 1936. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada, envernizada e com apontamentos dourados, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam pilastras. No tramo central estão nichos que expõem figuras de vulto perfeito dos oragos. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático composto de frontão agudo que inclui uma edícula para exposição de uma pequena figura de vulto de santos.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

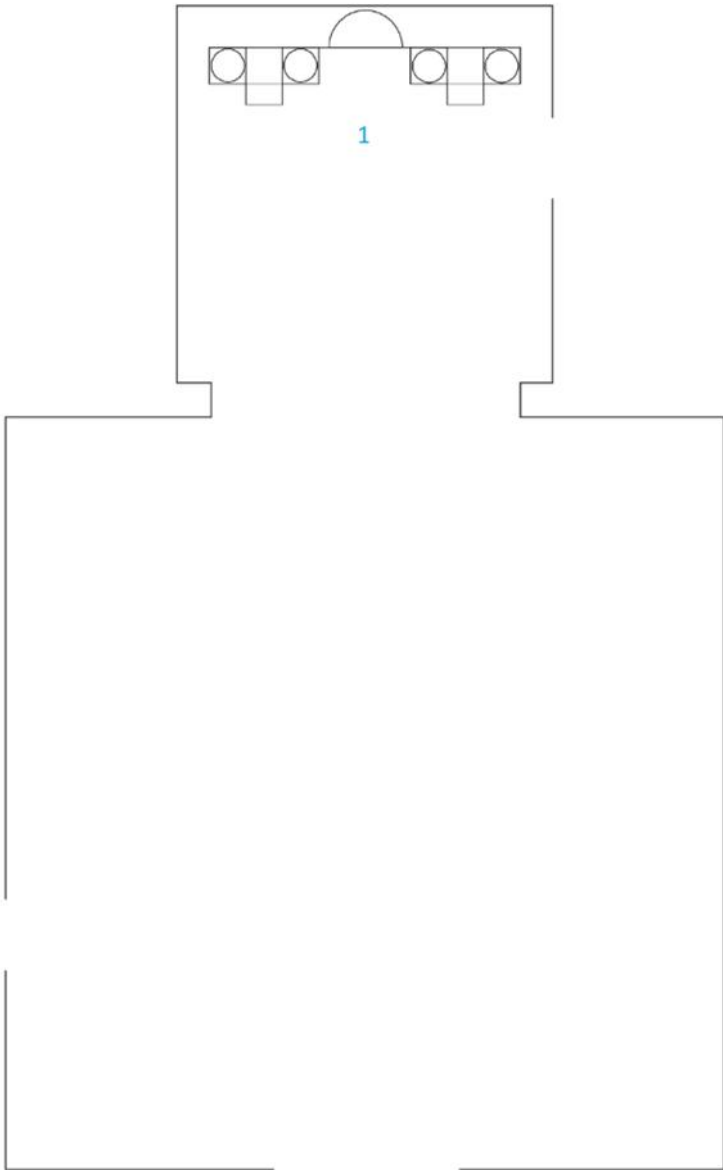
Bibliografia Específica:

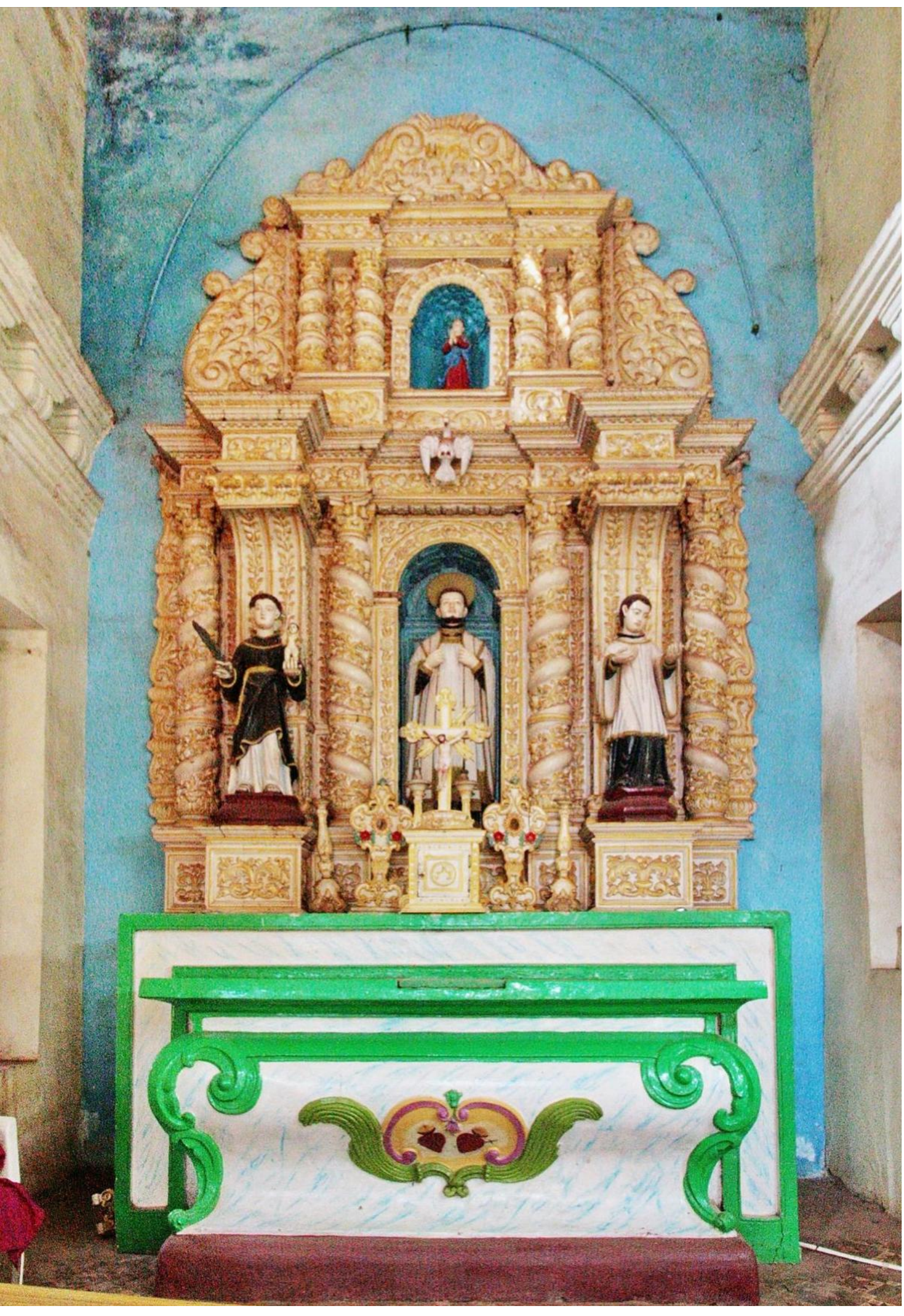
Telles, 'Igreja de São Braz', p. 296.

Capela de São Francisco Xavier

(Cumbarjua-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.516958, Long. 73.948362

1 |Retábulo da Ousia





1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* 2° quartel do século XVIII

Está localizado na ousia. Foi mandado executar pelo clero secular no 2° quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é intercolúnios inscritos entre duas colunas. É um exemplar único em todo o território inventariado por apresentar como especificidade pilastras fingidas nos tramos das ilhargas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui padrão vegetalista. Nos pedestais das ilhargas assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de elementos florais e vegetalistas. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de São Francisco Xavier (a atribuição do orago a esta figura de vulto fez-se recorrendo ao orago da Capela, dado que esta figura em particular não apresenta os atributos e colocação corporal típicos para este santo). No intradorso do nicho denotam-se caixilhos e molduras simples, uma solução distinta para os retábulos neste território. Nos tramos das ilhargas e assentes sobre os pedestais centrais estão figuras de vulto perfeito de Santo António (Evangelho) e de um santo com casula (Epístola). Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes duas a duas em pedestais, evidencia-se a edícula que expõe uma pequena figura de vulto de um santo. O frontão de volutas prolonga-se e desce até às ilhargas.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

8. SÃO MATIAS

8.1. Igreja de São Matias, Naroa.



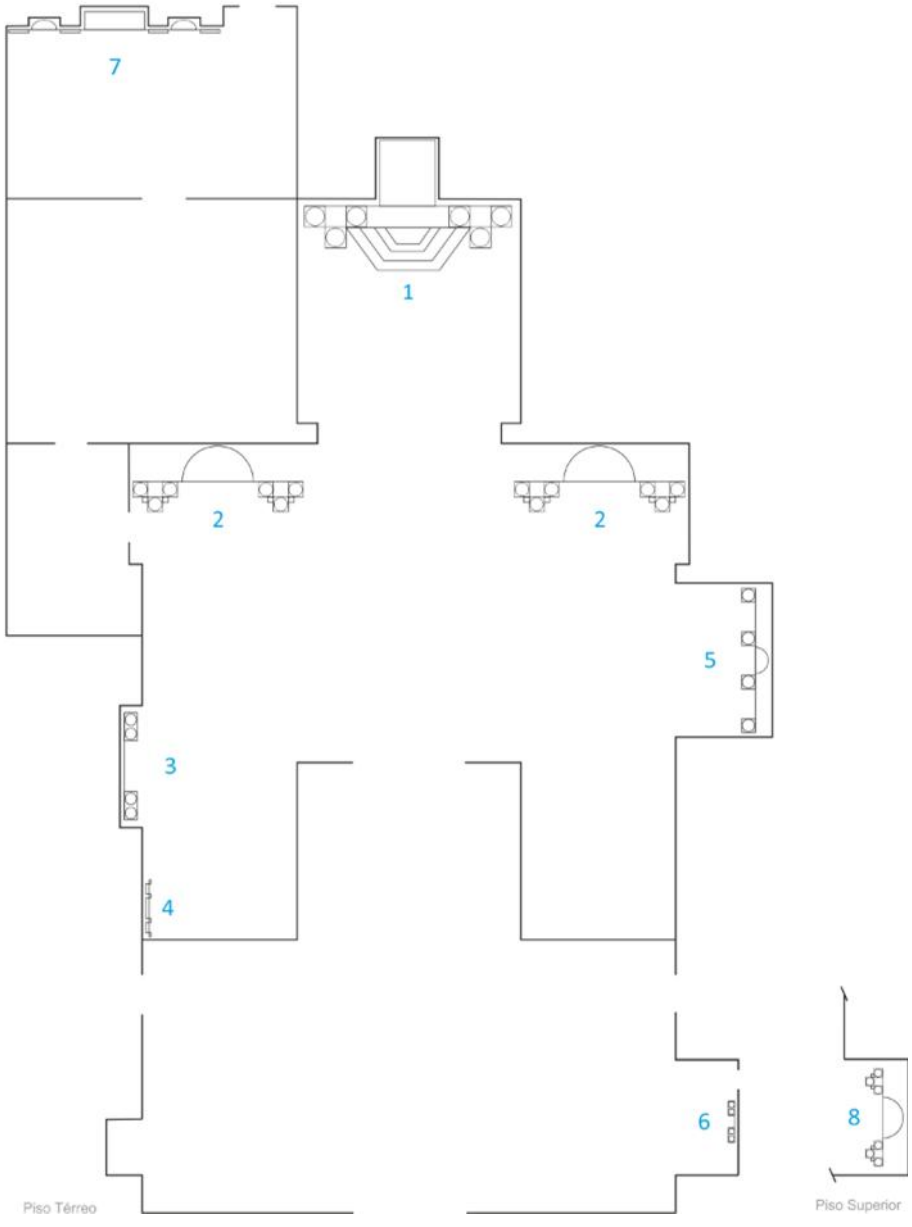
Legenda:

Igreja

Igreja de São Matias

(São Matias [Naroa]-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.527617, Long. 73.916702

1 |Retábulo da Ousia
2 |Retábulos Colaterais: Nossa Senhora (Evangelho) e Santo Doutor da Igreja (Epístola)
3 |Retábulo das Santas Almas
4 |Altar do Sagrado Coração de Jesus
5 |Retábulo da Capela do Corpo da Igreja
6 |Retábulo Mariano
7 |Retábulo da Sacristia
8 |Retábulo do Piso Superior




INRI

1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* finais do século XVII/princípio do século XVIII

Está localizado na ousia. Foi mandado executar por clero secular em finais do século XVII/princípio do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui elementos florais e vegetalistas envolvendo uma estrela de oito pontas. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo que possui estrias helicoidais. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras, uvas e fénixes. No tramo central, a tribuna emoldurada por uma arquivolta plena, está tapada por um enorme trono de quatro degraus que expõe uma figura de vulto perfeito de Cristo Crucificado. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes duas a duas em pedestais, evidencia-se a edícula que expõe a figura de vulto perfeito de Santo Estevão. O frontão é abaixado e de volutas e inclui em entalhe de médio-relevo a figura de Nossa Senhora.

Encontra-se em razoável estado de conservação. A abóbada de arestas da capela-mor possui um fino trabalho de estuque.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* finais do século XVII/princípio do século XVIII

Localizam-se junto ao arco da ousia no falso transepto e são dedicados a Nossa Senhora (Evangelho) e a um Santo Doutor da Igreja (Epístola). Foram mandados executar pelo clero secular em finais do século XVII/princípio do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade destaca-se a solução nos pedestais – acrescento de elemento extra no pedestal central para criar maior impacto visual.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais sobre os quais assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel e pontas de diamante. A gramática decorativa das colunas restringe-se à garganta e compõe-se de parras, uvas e fénixes. No banco a gramática decorativa constitui-se de acantos e elementos florais que brotam de um molho de acantos. No tramo central, o nicho expõe a figura de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático que inclui uma edícula ladeada por colunas torsas, duplas e de gramática decorativa semelhante. Compõe-se de frontão que é interrompido, e rematado por uma cabeça de serafim. No centro está um tondo com a representação do Espírito Santo (Evangelho) e do Véu de Verónica (Epístola). No topo, o dossel curvo é suportado por modilhões.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



3 |Retábulo das Santas Almas

Risco e Entalhe*:* 2º quartel do século XVIII

Está localizado no corpo da igreja, lado do Evangelho. Foi mandado executar pelo clero secular no 2º quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos em composição cuidada. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel e pontas de diamante. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de acantos com grande estilização. No tramo central, a pintura sobre madeira alusiva ao orago está emoldurada por entablamento. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes duas a duas em pedestais, evidencia-se a edícula que expõe uma pequena figura de vulto perfeito de uma Santa. O frontão é interrompido e também tem edícula para exposição da figura de vulto perfeito de São Miguel Arcanjo. Remata-se este frontão com uma cabeça de serafim.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



4 |Altar Sagrado Coração de Jesus

Risco e Entalhe*:* século XX

Localiza-se no corpo da igreja e é dedicado ao Sagrado Coração de Jesus. Foi provavelmente mandado executar por uma das confrarias da igreja durante o século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a três temas, na tipologia usual de um corpo e três tramos. Cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada que se apresenta envernizada e pontual douração de alguns elementos, apresentando planta plana. Em cada tramo há um nicho expondo figuras de vulto perfeito. No tramo central está a do Sagrado Coração de Jesus e nas ilhargas a do Sagrado Coração de Maria e de uma santa religiosa. O ático é tripartido formado por frontões agudos e rematado por pináculos.

Encontra-se em bom estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



5 |Retábulo da Capela do Corpo da Igreja

Risco e Entalhe*:* entre a 2ª e última década do século XVII.

Está localizado numa capela do corpo da igreja, lado da Epístola. Foi mandado executar pelo clero secular entre a 2ª e última década do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe. Considerando a sua datação e alguns elementos truncados, este retábulo poderá ser o retábulo primitivo da capela-mor agora colocado nesta capela.

É um exemplar devocional a vários temas na tipologia menos frequente de dois corpos e três tramos cujo modelo compositivo é intercolúnios inscritos entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há quatro pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos e frutos que medeiam uma cabeça de serafim. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo composto de acantos, cabeças de serafins e outros elementos vegetalistas. No primeiro corpo, o tramo central apresenta o nicho emoldurado por uma arquivolta plena que expõe-se uma imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora. Nos tramos das ilhargas estão painéis com pintura sobre madeira alusivos a Nossa Senhora do Carmo (Evangelho) e a Adoração dos Reis Magos (Epístola). Sobre entablamento contínuo, o segundo corpo apresenta a mesma configuração: no tramo central a figura de vulto perfeito de Santo António de Lisboa e nas ilhargas as pinturas sobre madeira de São Francisco Xavier e São Francisco de Assis agarrado a Cristo Crucificado. O ático assenta sobre entablamento contínuo. No centro do ático, inscrito entre duas colunas (fuste estriado e da mesma gramática decorativa das do corpo), evidencia-se uma pintura sobre madeira Cristo Menino Salvador do Mundo. Nas ilhargas, duas pinturas sobre madeira de arcanjos: São Miguel no lado do Evangelho e Arcanjo Gabriel no lado da Epístola. O frontão apresenta enrolamentos e denuncia a falta de alguns elementos. Contém frutos, parras e uvas e nas ilhargas estão igualmente dois painéis com os mesmos enrolamentos e gramática decorativa.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



6 |Retábulo Mariano

Risco e Entalhe*:* 2º quartel do século XVIII

Está localizado num anexo ao corpo da igreja, lado da Epístola. Foi mandado executar pelo clero secular no 2º quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos de elevada estilização. Neste assentam colunas torsas. A ornamentação das colunas situa-se na espira e compõe-se de acantos de grande estilização. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, encontra-se vazio. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, evidencia-se um tondo com as insígnias marianas.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar


I.N.R.I.

7 |Retábulo da Sacristia

Risco e Entalhe*:* c.1700

Está localizado na sacristia. Foi mandado executar por volta de 1700 pelo clero secular desconhecendo-se a data da sua execução e identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a vários temas na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de alvenaria na técnica do esgrafito, apresentando planta plana. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de Cristo Crucificado. Nas ilhargas, sobrepostos um sobre o outro, estão dois nichos de cada lado, para exposição de figuras de vulto perfeito de santos. Termina esta composição com entablamento contínuo.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



8 |Retábulo do Piso Superior

Risco e Entalhe*:* 2º quartel do século XVIII

Está localizado no piso superior. Foi mandado executar pelo clero secular no 2º quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos de cuidado tratamento. Neste assentam colunas torsas. A ornamentação das colunas situa-se na espira e compõe-se de acantos de grande estilização. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, encontra-se vazio. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, evidencia-se a edícula ladeada por colunas torsas duplas de morfologia idêntica às do corpo. O ático, é de volutas e encimado por uma cabeça de serafim.

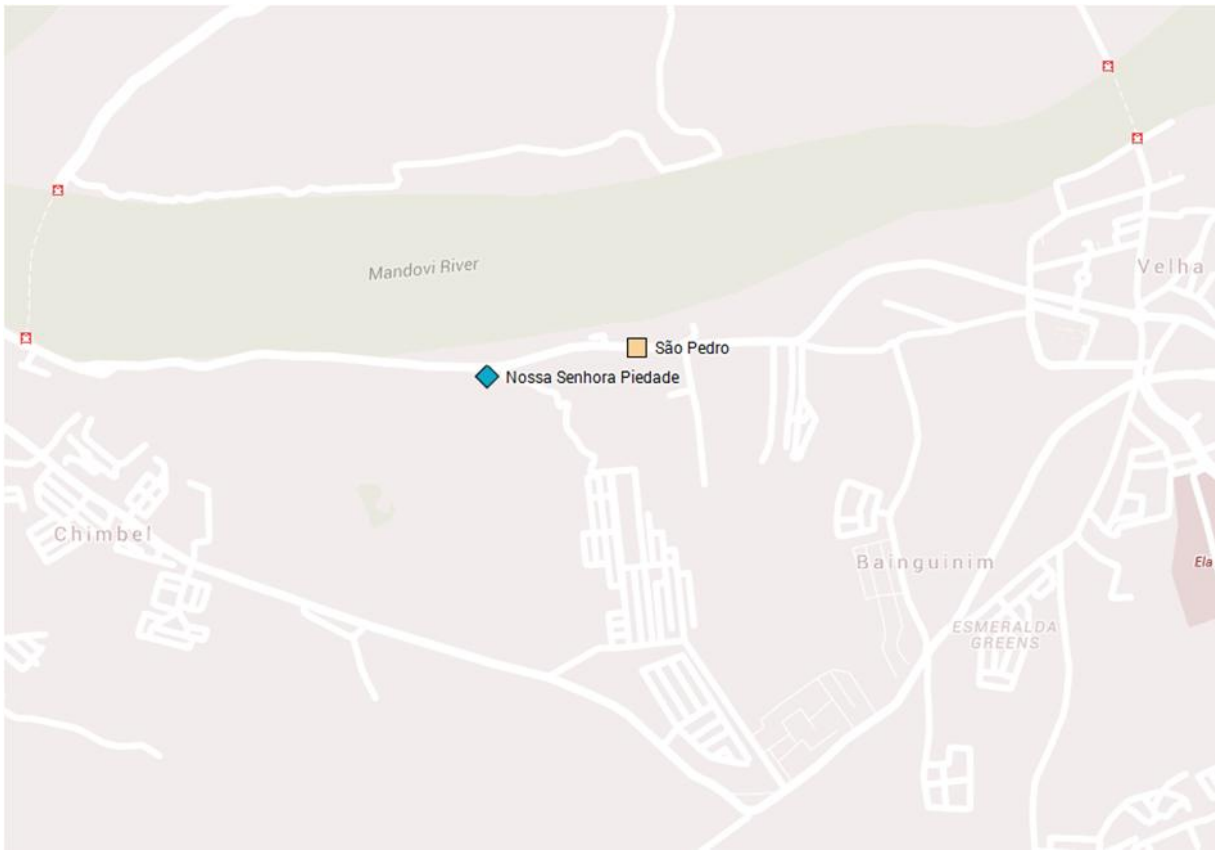
Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

9. SÃO PEDRO

9.1. Igreja de São pedro, Panelim.

9.2. Capela de Nossa Senhora da Piedade, Panelim.



Legenda:

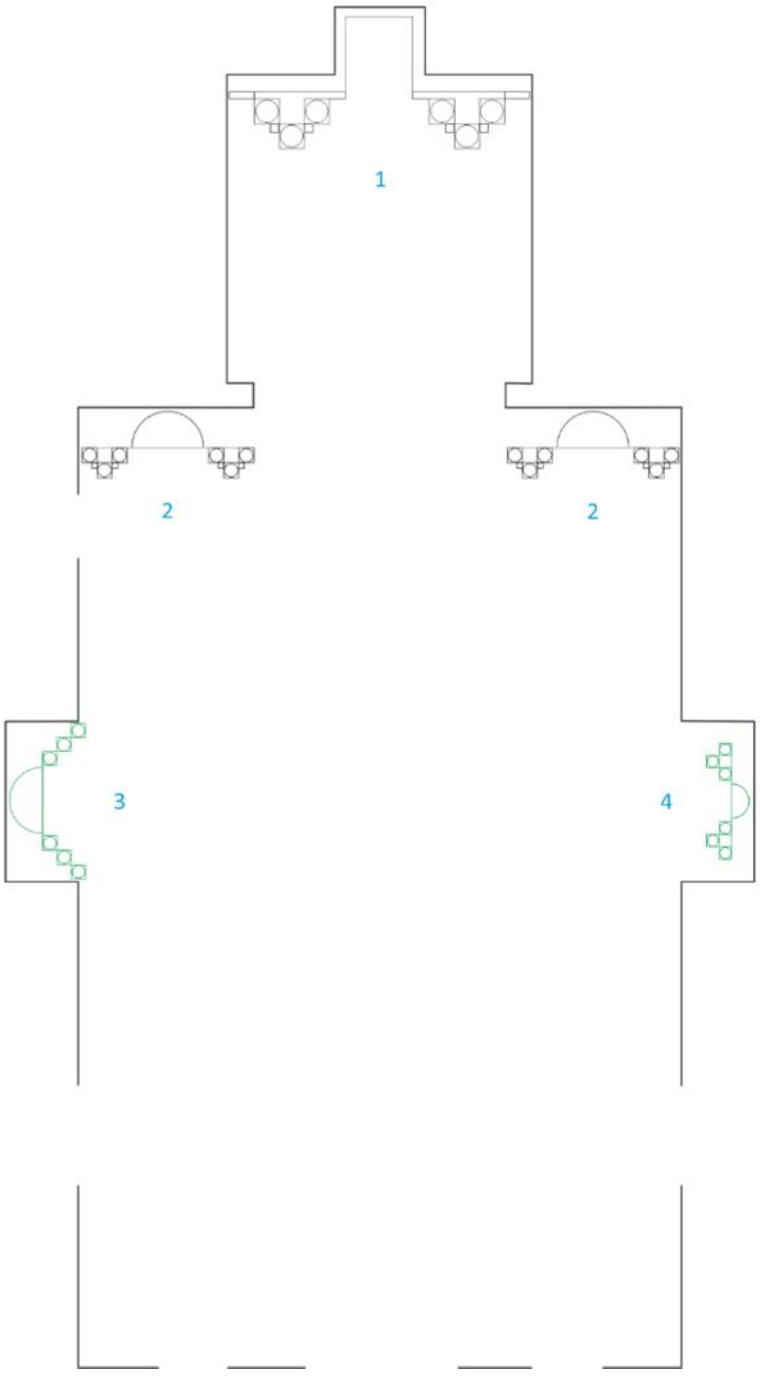
Igreja

Capela

Igreja de São Pedro

(Panelim-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.500282, Long. 73.897307

1 |Retábulo de São Pedro
2 |Retábulos Colaterais: Crucificado (Evangelho) e Nossa Senhora das Boas Novas (Epístola)
3 |Retábulo de Nossa Senhora dos Remédios (Evangelho)
Oriundo do Colégio de São Tomás de Aquino
4 |Retábulo de Nossa Senhora da Luz (Epístola)
Oriundo da Igreja de Nossa Senhora da Luz




2/2009
ORACHER
TTHEVTA TO
HAGI
1 F-15 R-31
I·N·R·I

1 |Retábulo de São Pedro

Risco e Entalhe*:* final do século XVII/princípio do século XVIII

Está localizado na ousia ocupando a totalidade da parede testeira. Foi mandado executar pelo Clero Secular em finais do século XVII/princípio do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas quadruplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos e motivos florais. Neste assentam três colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel de acantos e uma pilastra igualmente com diferenciação e imoscapo e uma pilastra nas ilhargas. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras e uvas. A pilastra é estriada e culmina em seu capital. No tramo central, a tribuna emoldurada por uma arquivolta plena, expõe o sacrário e uma imagem de vulto perfeito do Ecce Homo. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas triplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes em pedestais, evidencia-se a edícula onde se expõe a figura de vulto perfeito de São Pedro sentado no trono. O frontão é interrompido. O arranque deste fica junto aos pedestais das colunas e restringido às ilhargas. Este elemento repete-se no topo, local onde um tondo com as armas do orago estão esculpidas em médio-relevo. Nas ilhargas, dois painéis esculpidos em médio-relevo e de volutas (um de cada lado) finalizam a composição.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, ‘Igreja de S. Pedro, Panelim’, *O Oriente Português*, 1933, 79–82 (p. 79).



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* final do século XVII/princípio do século XVIII

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados ao Senhor Crucificado (Evangelho) e a Nossa Senhora das Boas Novas (Epístola). Foram mandados executar pelo Clero Secular em finais do século XVII/princípio do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais sobre os quais assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel e pontas de diamante. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras e uvas. A gramática decorativa do banco constitui-se de vegetalismos e elementos floral que brotam de jarrões. No tramo central do retábulo do Evangelho, o nicho foi tapado e actualmente tem um painel azul que serve de fundo à figura de vulto perfeito do Crucificado, mantendo a moldura por uma arquivolta plena. No retábulo da Epístola o nicho expõe a figura de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático que inclui uma edícula ladeada por colunas triplas (da mesma morfologia das do corpo) assentes em mísulas. Nessa edícula expõe-se figuras de vulto perfeito de santos. O frontão de volutas, encimado por um jarrão de flores, culmina esta composição.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, ‘Igreja de S. Pedro, Panelim’, p. 79.



3 |Retábulo de Nossa Senhora dos Remédios

Risco e Entalhe*:* final do século XVII/princípio do século XVIII

Está localizado no corpo da igreja, lado do Evangelho. Este retábulo, datado de final do século XVII/princípio do século XVIII, esteve colocado no extinto Colégio dominicano de São Tomás de Aquino (Panelim-Tiswadi) quando passou a esta igreja depois de 1846 juntamente com sua Confraria. Terá sido mandado executar pela referida Confraria de Nossa Senhora do Remédios entre a última década do século XVII e a primeira do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade refere-se o ático com aduelas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando perspectiva côncava. No banco há dois pedestais, ao invés de seis como resultado da adaptação do retábulo a este espaço pela colocação do banco que destoa do conjunto. Neste assentam colunas torsas. A ornamentação das colunas ocupa a totalidade do fuste e compõe-se de parras, uvas, fénixes e putti. No tramo central, o nicho emoldurado por um arco lobado, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, 'Igreja de S. Pedro, Panelim', p. 79; Ricardo Michael Telles, 'Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa', *O Oriente Português*, 1933, 373–400 (p. 376); Ricardo Michael Telles, 'Os Dominicanos E Os Seus Conventos', *Boletim Do Instituto Vasco Da Gama*, 1942, 195–211 (p. 201).



4 |Retábulo de Nossa Senhora da Luz

Risco e Entalhe*:* 2º quartel do século XVIII

Está localizado no corpo da igreja, lado da Epístola. Este retábulo, executado no 2º quartel do século XVIII, esteve colocado na extinta Igreja de Nossa Senhora da Luz (Velha Goa-Tiswadi) quando passou a esta igreja depois de 1831. Terá sido mandado executar pelo Clero Secular. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade refere-se o entablamento formado por dois registos.

Constitui-se de madeira entalhada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo. A ornamentação das colunas situa-se na espira e compõe-se de elementos vegetalistas com relevo pronunciado e elevada estilização. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena rematada de acantos que se assemelham a chamas, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo, formado por dois registos horizontais, assenta o ático. No centro do ático evidencia-se a edícula onde se expõe uma figura de vulto perfeito de São Sebastião. O frontão compõe-se dos mesmos elementos vegetalistas. A sensação visual de chama do tramo central é repetida sobre o entablamento pela colocação de seis *acantos-chamas* (três de cada lado).

Encontra-se em razoável estado de conservação.

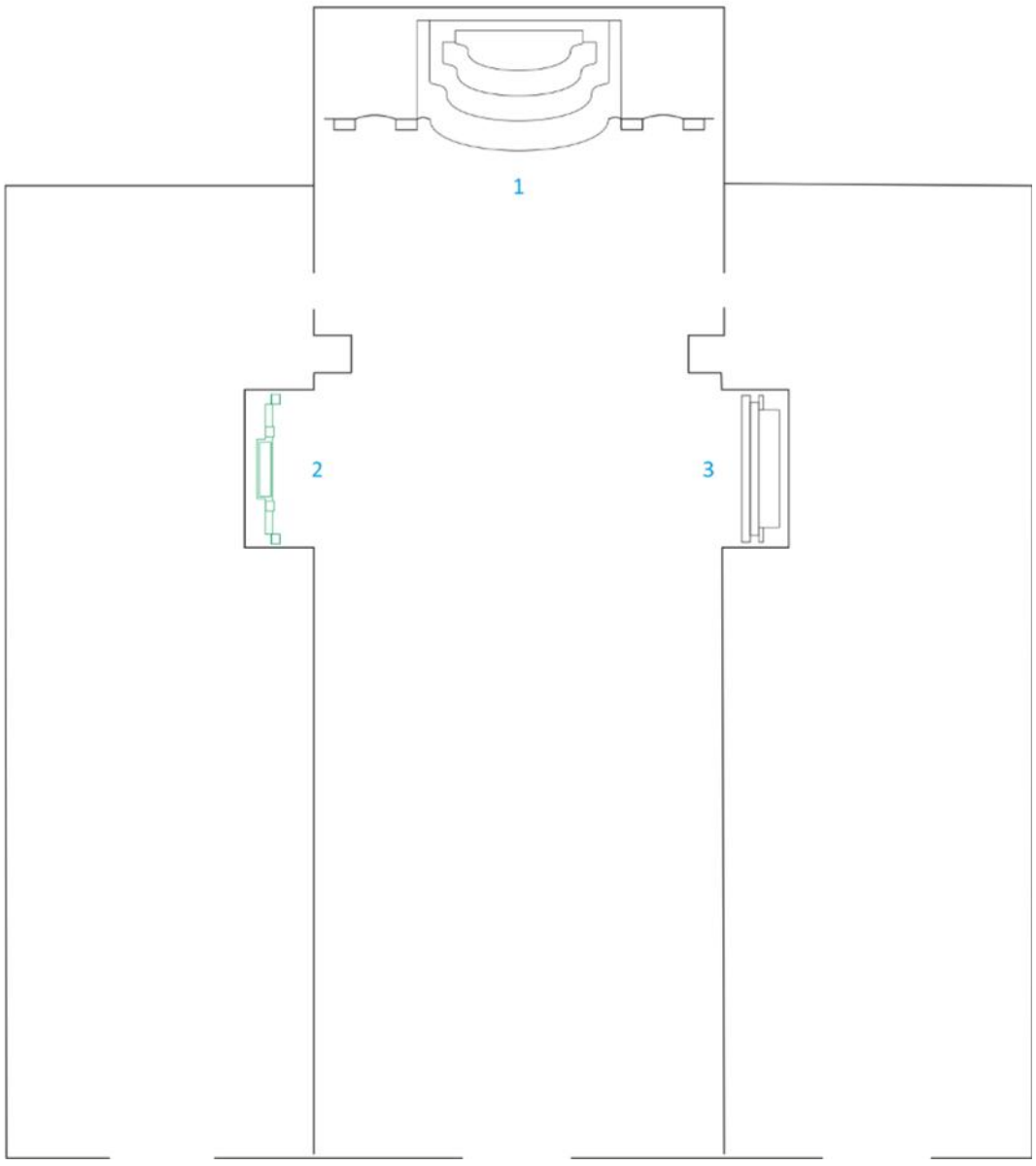
Bibliografia Específica:

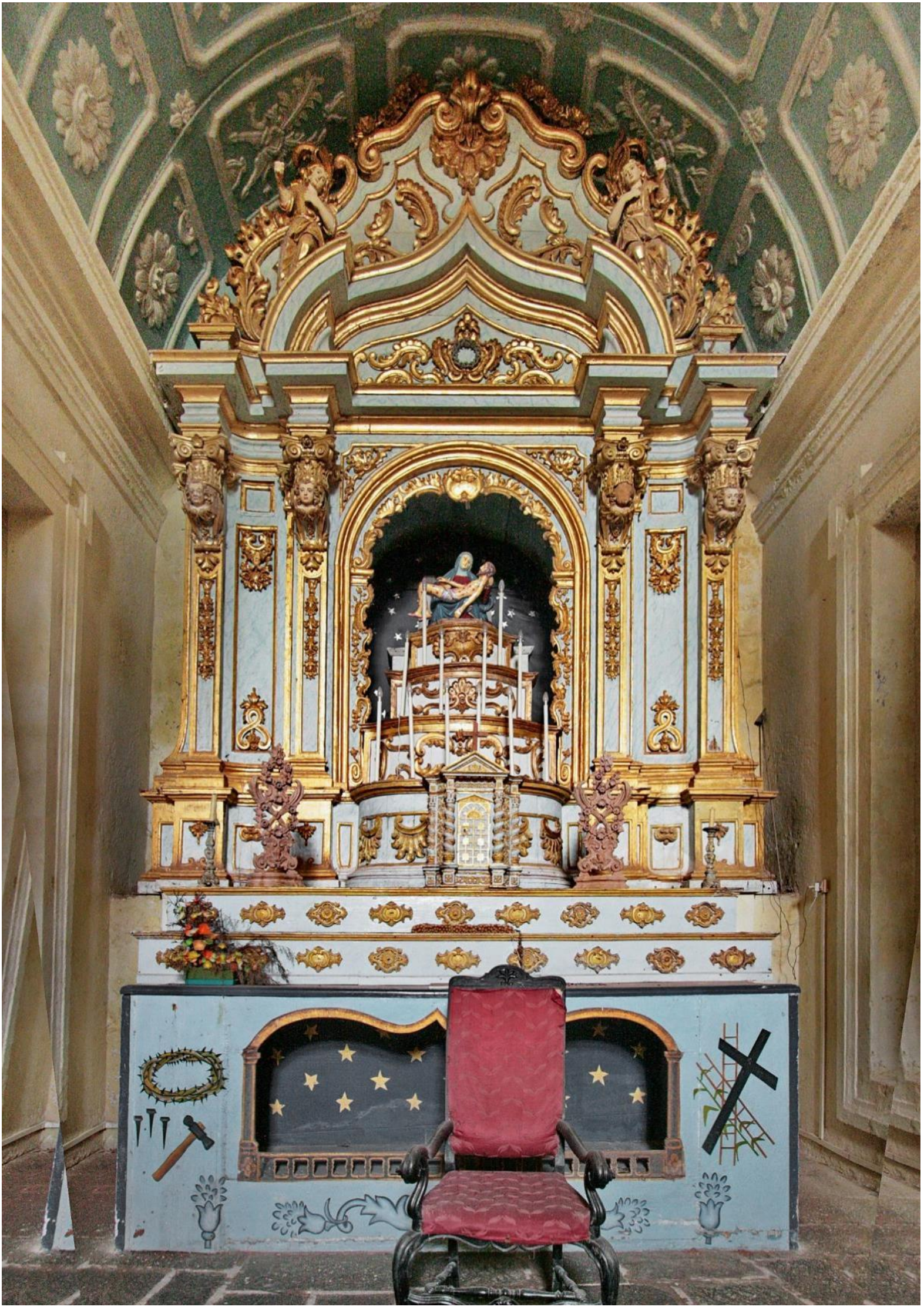
Telles, ‘Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa’, p. 384; Telles, ‘Igreja de S. Pedro, Panelim’, p. 79.

Capela de Nossa Senhora da Piedade

(Panelim-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.499365, Long. 73.892499

1 |Retábulo de Nossa Senhora da Piedade
2 |Retábulo de Nossa Senhora do Milagres
oriundo de uma das capelas internas do Convento do Pilar (Pilar-Tiswadi)
3 |Retábulo do Santo Crucifixo
Origem desconhecida





1 |Retábulo de Nossa Senhora da Piedade

Risco e Entalhe*:* c.1776

Está localizado na ousia. Foi provavelmente mandado executar por uma confraria por volta de 1776, data em que é concedida a indulgência plenária para que os fiéis assistissem à festa da padroeira. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos. Como especificidade refere-se a modulação do banco que marca a perspectiva mista do retábulo.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há quatro pedestais em que assentam pilastras com capitéis seráficos. O banco alterna a sua perspectiva modelando a linha entre os pedestais e o tramo central. No tramo central, o nicho, emoldurado por uma arquivolta plena, expõe num trono de quatro degraus a figura de vulto perfeito do orago. O trono tem os degraus modelados à semelhança do retábulo. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. Aqui, o frontão é interrompido e nos arranques das ilhargas assentam dois arcanjos. Num plano posterior, um painel assume identidade de ático de volutas com uma gramática decorativa do tipo rocaille.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Capela de Nossa Senhora Da Piedade, de Panelim', *O Oriente Português*, 1933, 82–84 (p. 82).


DONATION BOX

2 |Retábulo de Nossa Senhora dos Milagres

Risco e Entalhe*:* 2ª metade do século XVIII

Está localizado no corpo da capela, lado do Evangelho. Esteve colocado numa das capelas internas do Convento dos Frades Capuchos do Pilar (Pilar-Tiswadi) e terá sido mandado executar por esses religiosos na 2ª metade do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos. Como especificidade refere-se o entablamento que assume uma composição com enrolamento.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. Os intercolúnios são marcados por pilastras. As das ilhargas têm capitéis seráficos. No tramo central, o nicho foi adaptado para receber dois nichos sobrepostos verticalmente, expondo no inferior uma figura de vulto perfeito do orago e o superior um pano bordado com a imagem de Nossa Senhora dos Remédios de Jafanapatão que outrora aqui se venerou e está presentemente na igreja desta paróquia.

O entablamento é modelado assumindo o aspecto de frontão com enrolamentos. Sobre este assentam dois arcanjos que seguram palmas de martírio. Ao centro expõe-se uma coroa real.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, 'Capela de Nossa Senhora Da Piedade, de Panelim', p. 82; Telles, 'Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa', p. 375.



3 |Retábulo do Santo Crucificado

Risco e Entalhe*:* 2º quartel do século XVIII

Está localizado no corpo da capela, lado da Epístola. Foi mandado executar pelo clero secular ou uma confraria no 2º quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe. Pela bibliografia existente sabemos que o retábulo foi ajustado nesta capela não sendo possível saber a sua origem.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando perspectiva côncava. A composição retabular é atípica, certamente devido ao seu ajuste neste espaço.

O tramo central, emoldurado por entablamento, constitui-se de nicho que deverá ter exposto uma tela ou um painel entalhado em médio relevo alusivo ao orago. Presentemente está vazio. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, o frontão é ondulado.

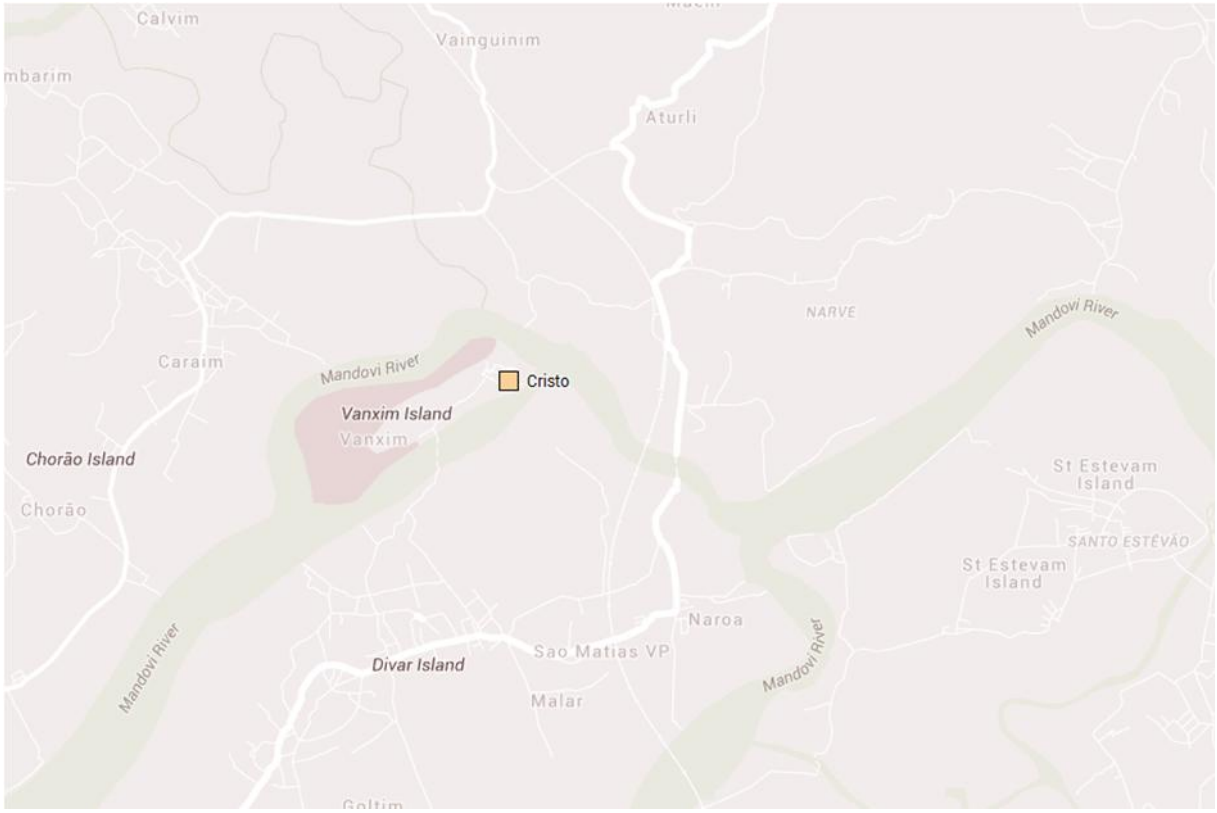
Encontra-se em mau estado de conservação. Na visita em 2009 era visível um dos painéis das ilhargas completamente solto e em perigo de queda.

Bibliografia Específica:

Telles, 'Capela de Nossa Senhora Da Piedade, de Panelim', p. 82.

10. VANXIM

10.1. Igreja de Cristo, Vanxim



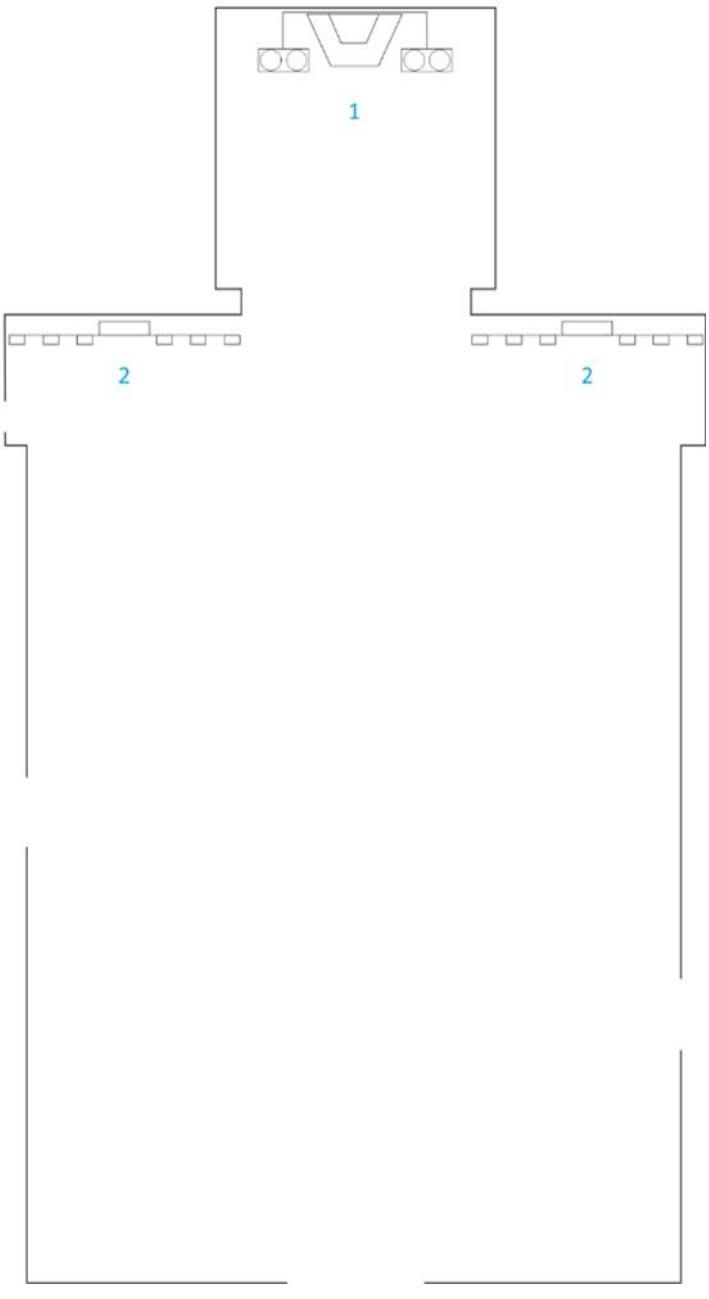
Legenda:

Igreja

Igreja de Cristo

(Vanxim-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.545417, Long. 73.912300

1 |Retábulo da Ousia
2 |Retábulos Colaterais




I. N. R. I.

1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* 1ª metade século XX

Está localizado na ousia. Terá sido mandado aparelhar pelo clero secular, a partir de peças retabulares e elementos arquitectónicos de retábulo (ou retábulos) barrocos. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos que se desenvolvem em torno de uma flor. Neste assentam colunas torsas com imoscapo diferenciado por meio de coroa de acantos. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras e uvas. No tramo central, o nicho, emoldurado por uma arquivolta plena, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de Cristo Crucificado. O entablamento restringe-se às ilhargas e o ático corresponde à arquivolta tendo por isso frontão curvo.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* século XX

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a Nossa Senhora (Evangelho) e a Santo António (Epístola). Foi provavelmente mandado executar pelo Clero Secular durante o século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é a ausência de elementos arquitectónicos.

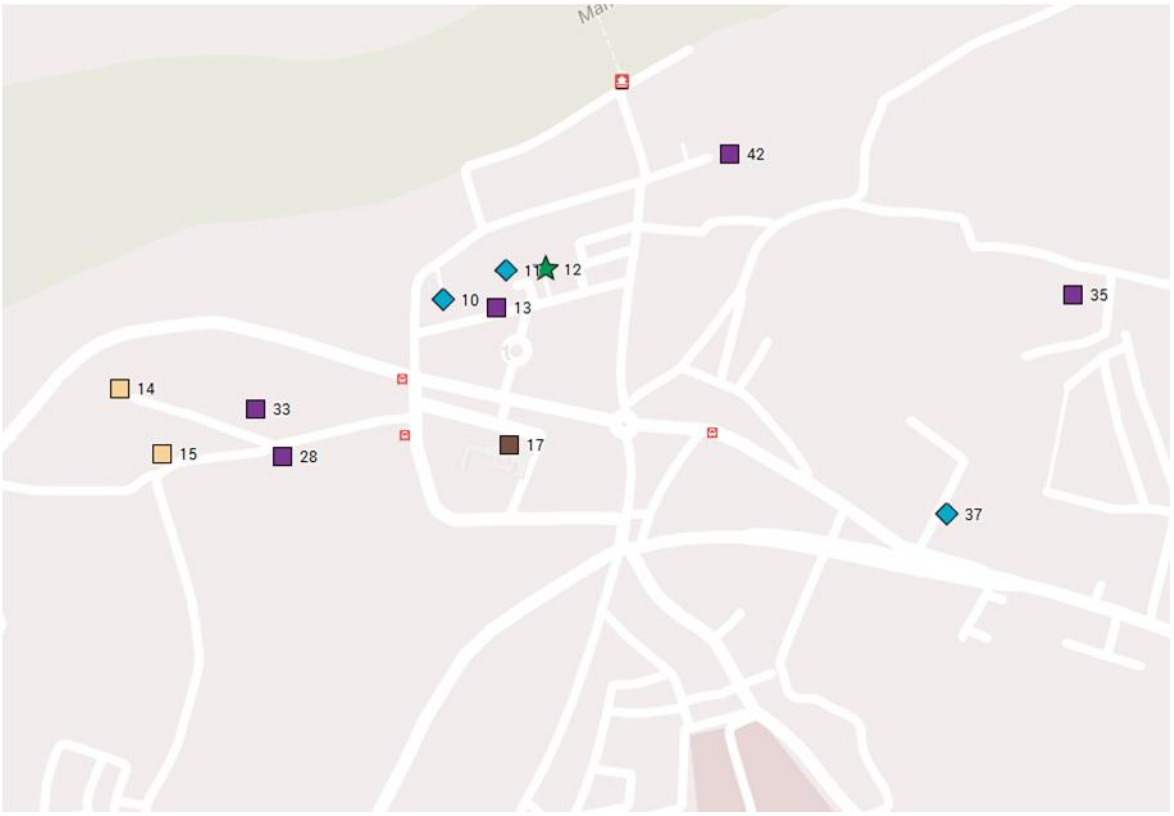
Constitui-se de madeira entalhada que se apresenta envernizada e pontual douração de alguns elementos, apresentando planta plana. Tem pedestais onde se colocam as figuras de vulto de santos.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

11. VELHA GOA

11.1. Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria, Velha Goa.
11.2. Casa Professa/Igreja do Bom Jesus, Velha Goa.
11.3. Convento/Igreja da Divina Providência, Velha Goa.
11.4. Convento de São Francisco/Igreja do Espirito Santo, Velha Goa.
11.5. Capela de Nossa Senhora do Monte Carmelo, Velha Goa.
11.6. Capela de São Francisco Xavier, Velha Goa.
11.7. Convento/Igreja da Santa Cruz dos Milagres, Boa Vista.
11.8. Capela de Nossa Senhora do priorado do Rosário, Monte Sacro.
11.9. Convento de Santa Mónica/Igreja de Santa Maria, Monte Sacro.
11.10. Convento/Igreja de São João de Deus, Monte Sacro.
11.11. Capela Real de Santo António, Monte Sacro.
11.12. Capela de Nossa Senhora do Monte, Ella.



Legenda:

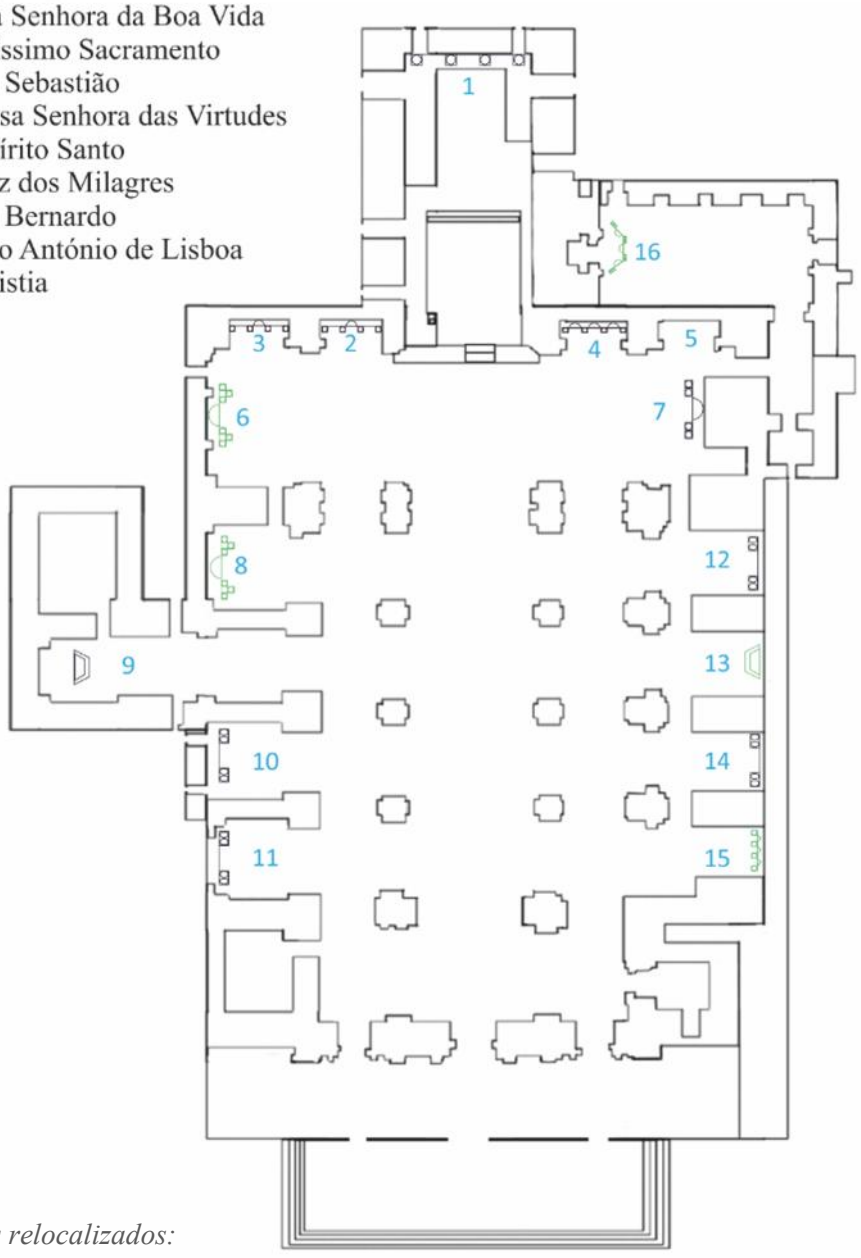
Igreja
Capela
Convento/Igreja
Catedral
Casa Professa/Igreja

#	Tipo	Orago	Localização
5	Capela	Senhora do Monte	Ella
10	Capela	Santa Catarina	Velha Goa
11	Capela	Cónegos/Monte Carmelo	Velha Goa
12	Catedral	Santa Catarina de Alexandria	Velha Goa
13	Convento/Igreja	São Francisco/Espírito Santo	Velha Goa
14	Igreja	Priorado do Rosário	Monte Sacro
15	Igreja	Real de Santo António	Monte Sacro
17	Casa Professa/Igreja	Bom Jesus/Bom Jesus	Velha Goa
28	Convento/Igreja	João Deus/Senhora do Bom Sucesso	Monte Sacro
33	Convento/Igreja	Santa Mónica/Santa Maria	Monte Sacro
35	Convento/Igreja	Santa Cruz dos Milagres	Boa Vista
37	Capela	São Francisco Xavier	Velha Goa
42	Convento/Igreja	São Caetano/Divina Providência	Velha Goa

Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.503748 Long. 73.912183

1 |Retábulo da Ousia
2 | Retábulo de Nossa Senhora das Necessidades
3 | Retábulo de Nossa Senhora da Esperança
4 | Retábulo de São Pedro
5 | Retábulo das Santas Almas
6 | Retábulo de Nossa Senhora das Angústias
7 | Retábulo de Santa Ana
8 |Retábulo de Nossa Senhora da Boa Vida
9 | Retábulo do Santíssimo Sacramento
10 | Retábulo de São Sebastião
11 | Retábulo de Nossa Senhora das Virtudes
12 | Retábulo do Espírito Santo
13 | Retábulo da Cruz dos Milagres
14 | Retábulo de São Bernardo
15 |Retábulo de Santo António de Lisboa
16| Retábulo da Sacristia



Origem dos retábulos relocalizados:

6 |Igreja de Nossa Senhora da Graça (Velha Goa-Tiswadi); 8 |Igreja de Santo Aleixo (Velha Goa-Tiswadi) ; 13 |Igreja do Convento de Santa Cruz dos Milagres (Boa Vista-Tiswadi) ; 15 | Local dos religiosos da Companhia de Jesus (hipótese); 16 |Convento de Santa Mónica (Monte Sacro-Tiswadi)



1 |Retábulo da Ousia da Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria

Risco e entalhe*: 1632, terminado em 1634*

Está localizado na parede testeira da ousia, ocupando a sua totalidade Foi mandado executar por encomenda do Vice-rei Conde de Linhares em 1632, estando terminado em 1634. Os responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe terão sido Julio Simão e Mestre Babuxa, respectivamente.

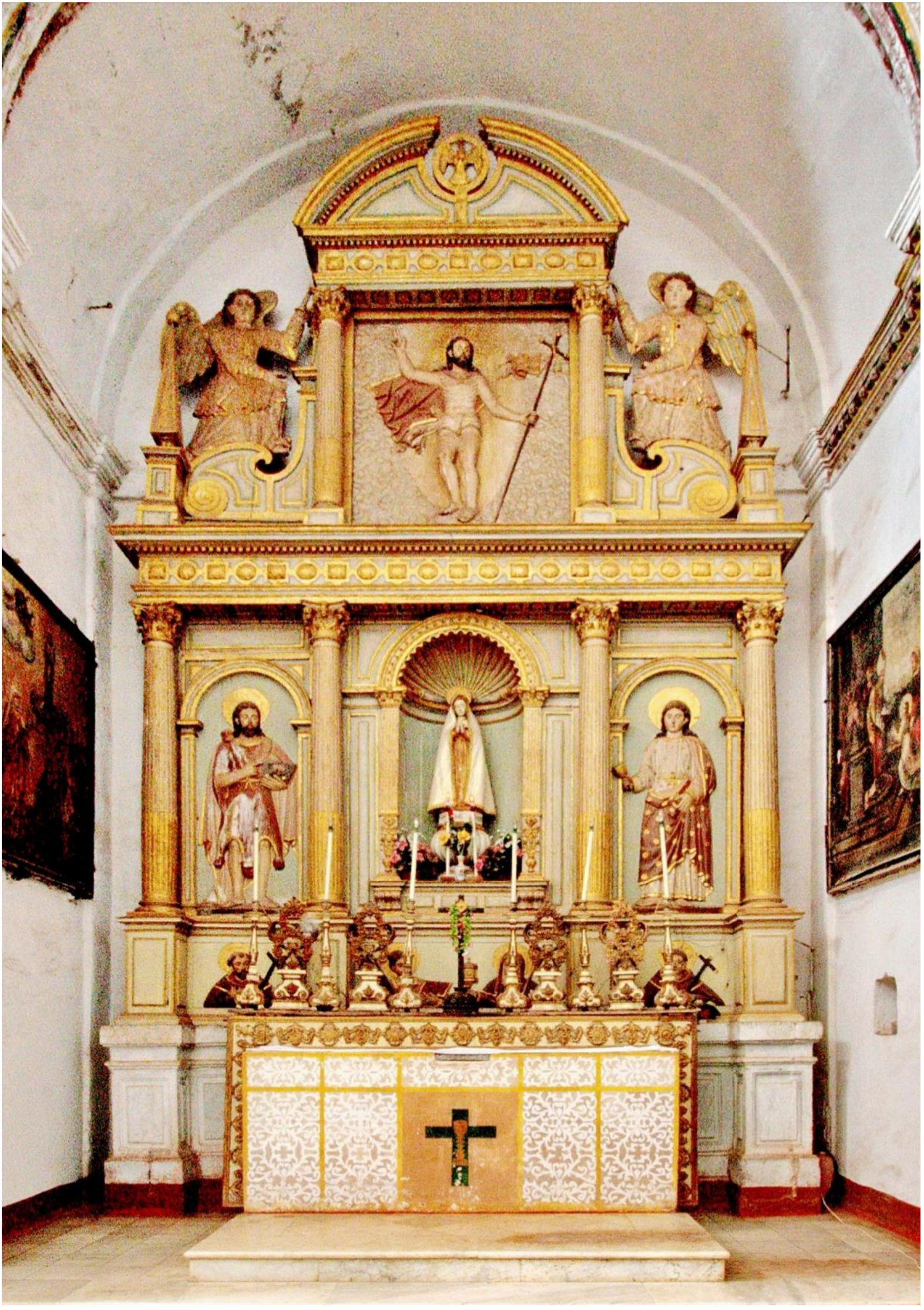
É um exemplar narrativo na tipologia menos frequente de dois corpos e três tramos cujo modelo compositivo é intercolúnios inscritos entre duas colunas. Como especificidade refere-se as colunas que diferem de corpo para corpo.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há quatro pedestais sobre os quais assentam colunas de fuste padronado. O embasamento contém um friso com a representação em médio relevo dos apóstolos, evangelistas e patriarcas da igreja. No segundo corpo, sobre entablamento contínuo, as colunas adoptam fuste estriado com diferenciação do imoscapo que se apresenta liso. No centro do ático trilobado, e inscrito entre cariátides, evidencia-se o nicho com a representação do calvário inscrito numa arquivolta plena. Os painéis das ilhargas são em médio-relevo com a representação de arcanjos. Terminando, o frontão é curvo e apresenta painel em médio relevo com a representação do Espirito Santo. Todos os intercolúnios contêm painéis entalhados em médio-relevo. De forma a não quebrar a leitura lógica dos mesmos, faremos agora a sua identificação a partir do corpo superior: No segundo corpo (superior), o painel da ilharga representa Santa Catarina reunida com o imperador Maximiano discutindo sobre o Cristianismo. No painel da epístola vemos a Santa, enclausurada e atada a um poste sendo martirizada. O painel central é dedicado a assunção da virgem. Os painéis do primeiro corpo são todos dedicados a Santa Catarina de Alexandria. No painel central surge a santa representada com um livro na mão esquerda e a roda do martírio. No painel do evangelho a execução e decapitação da santa e no painel da epístola a sua ascensão aos céus – a cabeça sendo levada pelos anjos e o corpo a ser enterrados pelos arcanjos no sagrado monte Sinai, informação que é simbolizada pela representação de Deus a entregar as tábuas da lei a Moisés.

Encontra-se em bom estado de conservação. Este é o retábulo que substitui o inicial, que havia sido executado por Garcia Fernandes por volta de 1541. Sabe-se que custou 61000 xerafins e que as imagens eram encarnadas com vestes a cores próprias com fundo a ouro tendo sido posteriormente todo forrado a ouro por ocasião de um pagamento de um cónego por sanação dos seus prédios.

Bibliografia Específica:

Patrick J. Lobo, *Magnificent Monuments of Old Goa*, Marie Yvette Albuquerque & Avelar Barreto (Pangim: Prabhakar D. Bhide, 2004), p. 32; José Carvalho Henriques, *Velha Goa, Catedral*, 1951, Fundo Mário e Alice Chicó, 124516 <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07098.000.018>; Ricardo Michael Telles, *Velha Cidade de Goa* (Nova Goa: Tipografia Rau e Irmãos, 1922), p. 6.



2 |Retábulo das Três Necessidades no transepto da Sé Catedral de Santa Catarina

Risco e Entalhe*:* final do século XVI/princípio do século XVII

Está localizado no transepto, no lado do Evangelho. Foi mandado executar pelo clero secular em final do século XVI/princípio do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a três temas na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é intercolúnios inscritos entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há quatro pedestais. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo liso. No friso do embasamento estão representados vários bustos. Na ilharga do evangelho o de São Francisco de Assis com uma cruz na mão e na ilharga da epístola, outro franciscano com uma chave a cruz na mão. Ao centro os bustos de Santa Catarina e de Santa Clara. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora. Nas ilhargas dois painéis em médio relevo de São João Baptista e São João Evangelista na epístola e evangelho respectivamente. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre duas colunas, evidencia-se um painel em medio-relevo de Cristo Ressuscitado. O frontão é interrompido e contém a simbologia do Espírito Santo

Encontra-se em bom estado de conservação. Nas paredes da capela estão pinturas alusivas à vida de Nossa Senhora e no chão os epitáfios de Dr. Luis João de Goes, Luis Fonseca São Paio, João de Lemos Vale, Gaspar Barbosa Denis, Luis de Abreu Bustamante, Inquisidor António Manuel Fragoso de Barros e Dom Filipe de Sousa. A imagem de Nossa Senhora das Necessidades foi aqui colocada em 1845 depois da transferência do retábulo da Cruz dos Milagres para a Sé e ao consequente rearranjo dos retábulos no espaço.

Bibliografia Específica:

Pedro Dias, *A Talha Indo-Portuguesa*, Amigos do Museu Nacional Soares dos Reis - Circulo Dr. José de Figueiredo (Coimbra, 2014), p. 23; Lobo, p. 41; José Nicolau da Fonseca, *An Historical and Archaeological sketch of the city of Goa: preceded by a short statistical account of the territory of Goa* (Bombaim: Thacker & Amp Co., 1878), p. 206; Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 6; José Carvalho Henriques, *Catedral de Goa, C^{a} de N.S^{a} Das Necessidades*, 1951, Fundo Mário e Alice Chicó, 121447 <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07127.000.060>.


OUR LADY OF HOPE

3 |Retábulo da Esperança no transepto da Sé Catedral de Santa Catarina

Risco e entalhe*: 2ª metade do século XVII*

Está localizado no transepto, no lado do evangelho. Foi mandado executar por (?) entre a 2ª e última década do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar narrativo na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é intercolúnios inscritos entre duas colunas. Como especificidade refere-se a permanência da divisão para pinturas sobre madeira nas ilhargas, dando a ilusão de dois corpos.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há quatro pedestais A gramática decorativa no banco inclui cartelas, cabeças de serafins, grinaldas e frutos. Neste assentam colunas de fuste liso com diferenciação do imoscapo contendo cabeças de serafins, cartelas e frutos. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático, inscrito entre duas colunas da mesma gramática decorativa, evidencia-se uma pintura sobre madeira. Nas ilhargas estão painéis com volutas e cruciformes. O frontão é abaixado e contém a simbologia do Espírito Santo.

Encontra-se em razoável estado de conservação. As pinturas estão todas repintadas e algumas estão muito danificadas. O embasamento tem falhas no suporte. Conhece-se porém uma intervenção anterior a 2009 executada pelo Archaeological Survey of India (A.S.I). No espaço desta capela estão ainda presentes pinturas alusivas a vários temas.

Bibliografia Específica:

Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 6; Lobo, p. 41; Dias, p. 25.


TV ES CHRISTVS FILIVS DEI VIVI
EGO TIBI DABO CLAVES REGNI CÆLORVM
IHS
MXI

4 |Retábulo de São Pedro no transepto da Sé Catedral de Santa Catarina

Risco e entalhe*:* final do século XVI/princípio do século XVII

Está localizado no transepto no lado da epístola. Foi mandado executar pelo clero secular em final do século XVI/princípio do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a três temas na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é intercolúnios inscritos entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há quatro pedestais. Nas ilhargas do embasamento estão bustos de santos entalhados em médio-relevo. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo que se apresenta liso. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Nas ilhargas expõe-se em nichos, figuras de vulto de Santos. O entablamento contínuo contém *uma expressão latina: ego tibi dabo claves regni caelorum (eu te darei as chaves do reino dos céus).*No centro do ático, inscrito entre duas colunas de gramática decorativa igual à do corpo, evidencia-se um painel em medio-relevo com a representação de Cristo a entregar as chaves a São Pedro. Abaixo do frontão interrompido surge nova inscrição latina: *tu es christus filius dei vivi* (tu és cristo, filho dos vivos).

Encontra-se em bom estado de conservação. Este retábulo, juntamente com o da nossa senhora da Esperança, constitui um exemplar clássico das primeiras fases de conjuntos retabulares nesta sé, após a campanha de obras que a dotou destas configurações finais.

Bibliografia Específica:

Fonseca, p. 206; Ricardo Michael Telles, 'Sé Primacial E Patriarcal de Goa', *Boletim Do Instituto Vasco Da Gama*, 1942, 92–128; José Carvalho Henriques, *Santa Catarina, Retábulo de São Pedro*, 1951, Fundo Mário e Alice Chicó, 122059 <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05525.000.214>; Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 6; Mário Tavares Chicó, *A Escultura Decorativa E a Talha Dourada Nas Igrejas Da Índia Portuguesa* (Lisboa: Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade, 1954), p. 5; Dias, p. 25.


I·N·R·I
OUR LADY OF DOLOURES

5 |Retábulo das Santas Almas no transepto da Sé Catedral de Santa Catarina

Risco e entalhe: 2º quartel do século XVIII

Está localizado no transepto, lado da epístola. Foi mandado executar pelo clero secular no 2º quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Como especificidade refere-se o dossel ajustado posteriormente ao tramo central.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há quatro pedestais onde assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo (com decoração geometrizada de ponto e linha rematado por um anel). A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de elementos florais e vegetalistas. No tramo central, a pintura sobre madeira emoldurada por entablamento, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de Cristo Crucificado com um resplendor e cabeças de serafins e uma Nossa Senhora das Dores, igualmente com resplendor, assente na mesa de altar. Sobre o entablamento contínuo o ático. A edícula central inscreve-se entre duas colunas morfologicamente iguais às do corpo do retábulo e contém uma figura de vulto perfeito do Arcanjo São Miguel. Nas ilhargas desenvolvem-se duas grandes volutas ascendentes entalhadas em médio relevo. O frontão tem enrolamentos e a representação do espírito santo ao centro.

Encontra-se em bom estado de conservação.

Bibliografia Especifica:

Lobo, p. 40; Pedro Dias, *Arte de Portugal no Mundo - Índia, Artes decorativas e iconográficas*, Público, 15 vols. (Lisboa: Público - Comunicação Social, SA, 2008), XI, p. 22; José Carvalho Henriques, *Santa Catarina, Retábulo Das Santas Almas*, 1951, Fundo Mário e Alice Chicó, 121445 <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07127.000.059>; Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 6.



6 |Retábulo das Angústias no transepto da Sé Catedral de Santa Catarina

Risco e Entalhe*:* finais do século XVII/princípio do século XVIII

Está localizado no transepto no lado do Evangelho. Foi mandado executar por religiosos Agostinhos em finais do século XVII/princípio do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é intercolúnio inscrito entre colunas triplas (três de cada lado).

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista . No banco há seis pedestais e três degraus de banquetas, em trono, certamente uma adição posterior. O banco, ou o que se consegue ver dele, contém motivos vegetalistas e um medalhão no centro. Neste assentam colunas torsas. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático, composto de nicho com a figura de vulto de um santo – embora nos pareça que primitivamente tivesse albergado uma pintura – colunas na mesma morfologia e modelo compositivo do corpo do retábulo e abas nas ilhargas com motivos vegetalistas. O frontão é de volutas e interrompido e contém um medalhão com as insígnias Marianas a serem apontadas por dois anjos que estão sentados sobre o entablamento do ático.

Encontra-se em razoável estado de conservação. Este retábulo está documentado como sendo um dos retábulos transferidos na Igreja Conventual de Nossa Senhora da Graça (Monte Sacro-Tiswadi). O nicho do tramo central denota a adaptação ao local deste retábulo, colocado precariamente, por falta do roço para o nicho na capela, perdendo a simetria com o conjunto.

Bibliografia Específica:

Lobo, p. 43; Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 6; Telles, 'Sé Primacial E Patriarcal de Goa', p. 93; Telles, 'Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa'.


ST. ANNE

7 |Retábulo de Santa Ana no transepto da Sé Catedral de Santa Catarina

Risco e Entalhe*:* 2ª metade do século XVII

Está localizado no transepto, lado da Epístola. Foi mandado executar pelo clero secular durante a 2ª metade do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar com múltiplas funções na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de intercolúnio inscrito entre colunas duplas. Como especificidade refere-se o acrescento de um painel ao ático, dotando o ático original de funções de corpo. A estrutura está emparelhada com um fundo retabular de decoração floral com um encordoado em toda a sua volta como se de uma moldura se tratasse.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui cartelas e frutos Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo com cabeças de serafins, cartelas, grinaldas e frutos. Assente sobre a mesa de altar está um cofre ali colocado em 1907, contendo as ossadas dos mártires de Cuncolim. Uma inscrição numa fita ondulante sobre esse cofre está essa mesma referência: beatos Mártires de Cuncolim. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático original. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas e imoscapo diferenciado (com decoração lisa), evidencia-se a edícula com a figura de vulto de Nossa Senhora com o menino. Acima deste está o segundo ático, uma adição posterior, As pilastras deste ático são em *tromp l'oeil* e foram então adicionadas para aumentar a escala em altura do retábulo. O frontão sem retorno assenta neste e é ladeado de arcanjos

Encontra-se em bom estado de conservação. Existe na capela-mor da Igreja de Rachol uma lápide com epitáfio que corresponde ao local de onde se retiraram estes restos mortais.

Bibliografia Específica:

José Carvalho Henriques, *Santa Ana (Interior de Igreja)*, 1951, Fundo Mário e Alice Chicó, 122139 <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05525.000.228>; Gabriel de Saldanha, *Resumo Da História de Goa* (Goa, 1898), p. 142; Lobo, p. 41; Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 6.


OUR LADY OF LIFE

8 |Retábulo de Nossa Senhora da Boa Vida no corpo da Sé Catedral de Santa Catarina

Risco e Entalhe*:* 2º quartel do século XVIII

Está localizado no corpo no lado do Evangelho. Foi mandado executar pela Confraria da Senhora da Boa Vida no 2º quartel do século XVIII para a já extinta Igreja de Santo Aleixo (Velha Goa-Tiswadi) de onde é oriundo e tendo sido posteriormente transferido para esta capela da Sé. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de intercolúnio inscrito entre colunas triplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel e folhagem e a decoração de carácter fitomórfico percorre o bordo da coluna. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático trilobado, inscrito entre colunas triplas, evidencia-se a edícula que está despojada de imaginária. Este tem uma composição idêntica à do corpo do retábulo em escala reduzida: mesmas colunas com a mesma gramática decorativa, nicho com moldura em *arco* e entablamento clássico. O frontão é curvo e compõe-se de elementos vegetalistas.

Encontra-se em bom estado de conservação.

Bibliografia Específica:

José Carvalho Henriques, *Sé Catedral de Goa: Capela de Boa Vida*, 1951, Fundo Mário e Alice Chicó, 121092 <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07127.000.061>; Telles, 'Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa'; Lobo, p. 42; Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 6; Telles, 'Sé Primacial E Patriarcal de Goa', p. 93; Leopoldo da Rocha, *As Confrarias de Goa (séculos XVI-XX): Conspecto Histórico-Jurídico* (Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1973), p. 73.



9 |Retábulo do Santíssimo Sacramento na capela do corpo da Sé Catedral de Santa Catarina

Risco e Entalhe*:* 2ª metade do século XVIII

Localiza-se numa capela dependente da Sé, no corpo, lado do Evangelho. Foi mandado executar pelo clero secular na 2ª metade do século XVIII. É uma composição retabular eucarística e constitui-se de um trono em degraus no qual se expõe o Santíssimo Sacramento que deverá ter sido construído na 2ª metade do século XVII.

O trono é constituído por quatro degraus, que ficam mais pequenos a cada nível. No primeiro degrau estão colocados dois anjos que seguram os símbolos relacionados com a eucaristia – o anjo da epístola segura um cacho de uvas e o anjo do evangelho segura uma taça. No quarto e último degrau está colocado o *templete* da exposição com 4 anjos sentados em cada coluna que apresenta fuste estriado com diferenciação do imoscapo. É neste *templete* que surgem os únicos elementos arquitectónicos neste conjunto retabular.

Esta capela tem a sua própria sacristia que se localiza no lado da Epístola. Nela se guardam algumas relíquias de santos que outrora estavam noutros espaços religiosos de Velha Goa já extintos. Entre eles, o relicário de prata de Santa Geracina contendo a caveira desta santa africana.

Esta capela prima pela qualidade dos painéis entalhados e dourados, em médio relevo e as pinturas murais que se encontram em todas as paredes. Relativamente aos painéis entalhados em médio relevo, existem no cruzeiro quatro com os seguintes temas: 1) Menino jesus sentado a falar com os doutores, 2) dois orantes ajoelhados e um em pé, 3) um anjo a acordar outro, 4) um orante ajoelhado e três anjos em pé. No corpo estão mais doze painéis: 1) uma pomba a voar por cima das casas, 2) dois anjos a decepar crianças, 3) pastora a apascentar ovelhas, 4) sacerdote a oferecer pão a três reis, 5) uma mulher e dois homens sentados à mesa com pão, 6) judeus a recolher o maná, 7) pão, 8) pão, cálice e uvas, 9) uma árvore a suportar um pão, 10) uma mulher a mostrar um pão a outra e individuo estendido no chão, 11) um anjo no alto vigiando a recolha de flores ou maná no chão, 12) um mitrado a dar pão a quatro guerreiros.

Está em bom estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Uma Relíquia Histórica', *A Voz de São Francisco Xavier*, VII (1938), 264; Ricardo Michael Telles, 'Capela Do Santíssimo Sacramento Na Sé de Goa', *A Voz de São Francisco Xavier*, XI (1941), 79; Lobo, p. 44; Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 6.



10 |Retábulo de São Sebastião no corpo da Sé Catedral de Santa Catarina

Risco e Entalhe*:* 2ª metade do século XVII

Está localizado no corpo, lado do Evangelho. Foi mandado executar pelo clero secular na 2ª metade do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe pensando-se que o artista que executou este retábulo deverá ser o mesmo que executou os retábulos do Espírito Santo, Nossa Senhora das Virtudes e São Bernardo nesta mesma Sé.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de intercolúnio inscrito entre colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana . No banco há dois pedestais. As colunas de fuste liso e imoscapo diferenciado com cartelas, cabeças de serafins e elementos vegetalistas, assentam duas a duas em pedestais.

No tramo central, o painel em médio relevo emoldurado por entablamento, é alusivo ao tema do orago – a flagelação de São Sebastião. Em toda a sua extensão vemos as representações de cabeças de serafins e frutos. O ático tem aberto no tramo central um círculo para a janela-óculo desta capela, ladeado por pilastras. Nas ilhargas tem cartelas com enrolamento dentro da mesma gramática decorativa do embasamento. O frontão é abaixado e tem a representação do Espírito Santo.

Encontra-se em bom estado de conservação. Podemos considerar que este retábulo, pelas características formais e compositivas se filia nos tratados de Sebastiano Sérlio (Tutte l'opere d'architecttura, 1600, Livro VI, Fig. XIX, p. 18).

Existem nesta capela os epitáfios brasonados de Nicolau Pinto.

Bibliografia Específica:

Lobo, p. 44; Dias, p. 24; Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 6.


DOMINA VIRTVTVM IPSA EST REGINA GLORIÆ

11 |Retábulo de Nossa Senhora das Virtudes no corpo da Sé Catedral de Santa Catarina

Risco e Entalhe*:* 2ª metade do século XVII

Está localizado no corpo da igreja, lado do Evangelho. Foi mandado executar pelo clero secular na 2ª metade do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe pensando-se que o artista que executou este retábulo deverá ser o mesmo que executou os retábulos do Espírito Santo, São Sebastião e São Bernardo nesta mesma Sé.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de intercolúnio entre colunas duplas.

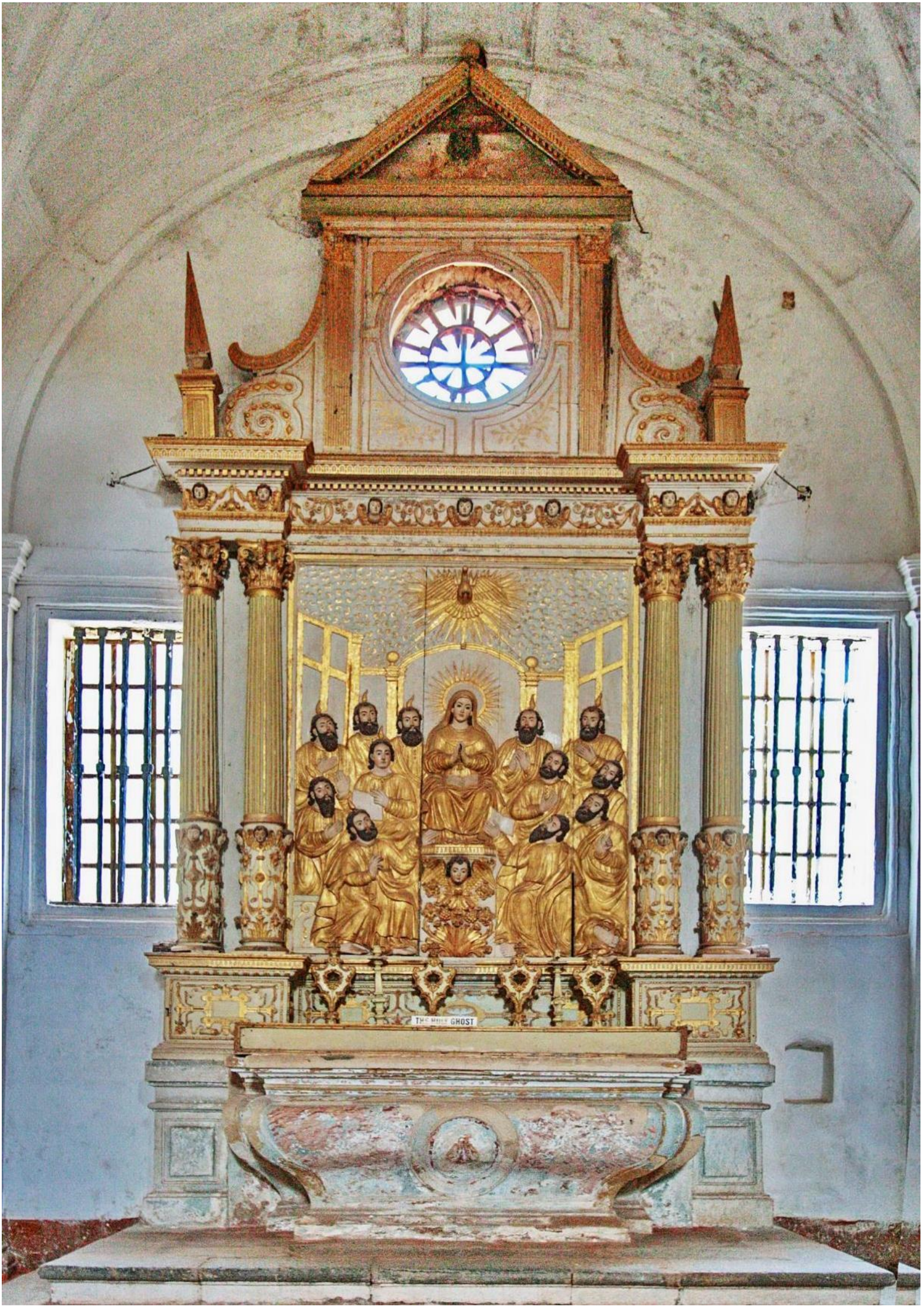
Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana . No banco há dois pedestais. Neste assentam colunas de fuste estriado e imoscapo diferenciado com cartelas, cabeças de serafins e frutos, que assentam duas a duas em pedestais. O tramo central contém um painel em médio relevo, entalhado e dourado, com uma temática que não foi encontrada em nenhum outro exemplar dos territórios inventariados. Abaixo do tema central estão duas figuras orantes ajoelhadas. A partir de um jarrão, nasce uma árvore com Nossa Senhora ao centro, envolta em uma grande medalha, numa variante de Árvore de Jessé. Rodeando-a estão outros sete medalhões com figuras que pelos seus atributos simbolizam as três virtudes cardeais: fé, esperança e caridade, e as quatro virtudes teologais: justiça, prudência, fortaleza e temperança

Sobre o entablamento contínuo, que inclui a inscrição latina *domina virtutu ipsa est regina gloriae* (senhora rainha da glória), assenta a ático tem aberto no tramo central um círculo para a janela-óculo desta capela. Nas ilhargas tem volutas e pináculos. O frontão é abaixado e tem a representação do Espírito Santo.

Encontra-se em razoável estado de conservação. No ático há sinais de deterioração, nomeadamente nas aletas das ilhargas.

Bibliografia Específica:

Mónica Esteves Reis, 'O Retábulo Indo-Português E a Miscigenação Iconográfica', in *Actas Do 3º Colóquio de Artes Decorativas* (presented at the Iconografia e Fontes de Inspiração: Imagem e Memória da Gravura Europeia, Lisboa: FRESS, 2009), pp. 263–74; Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 6; Lobo, p. 45.


GHOST

12 |Retábulo do Espírito Santo no corpo da Sé Catedral de Santa Catarina

Risco e Entalhe*:* 2ª metade do século XVII

Está localizado no corpo da igreja, lado da Epístola. Foi mandado executar pelo clero secular na 2ª metade do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe pensando-se que o artista que executou este retábulo deverá ser o mesmo que executou os retábulos de Nossa Senhora das Virtudes, São Sebastião e São Bernardo nesta mesma Sé.

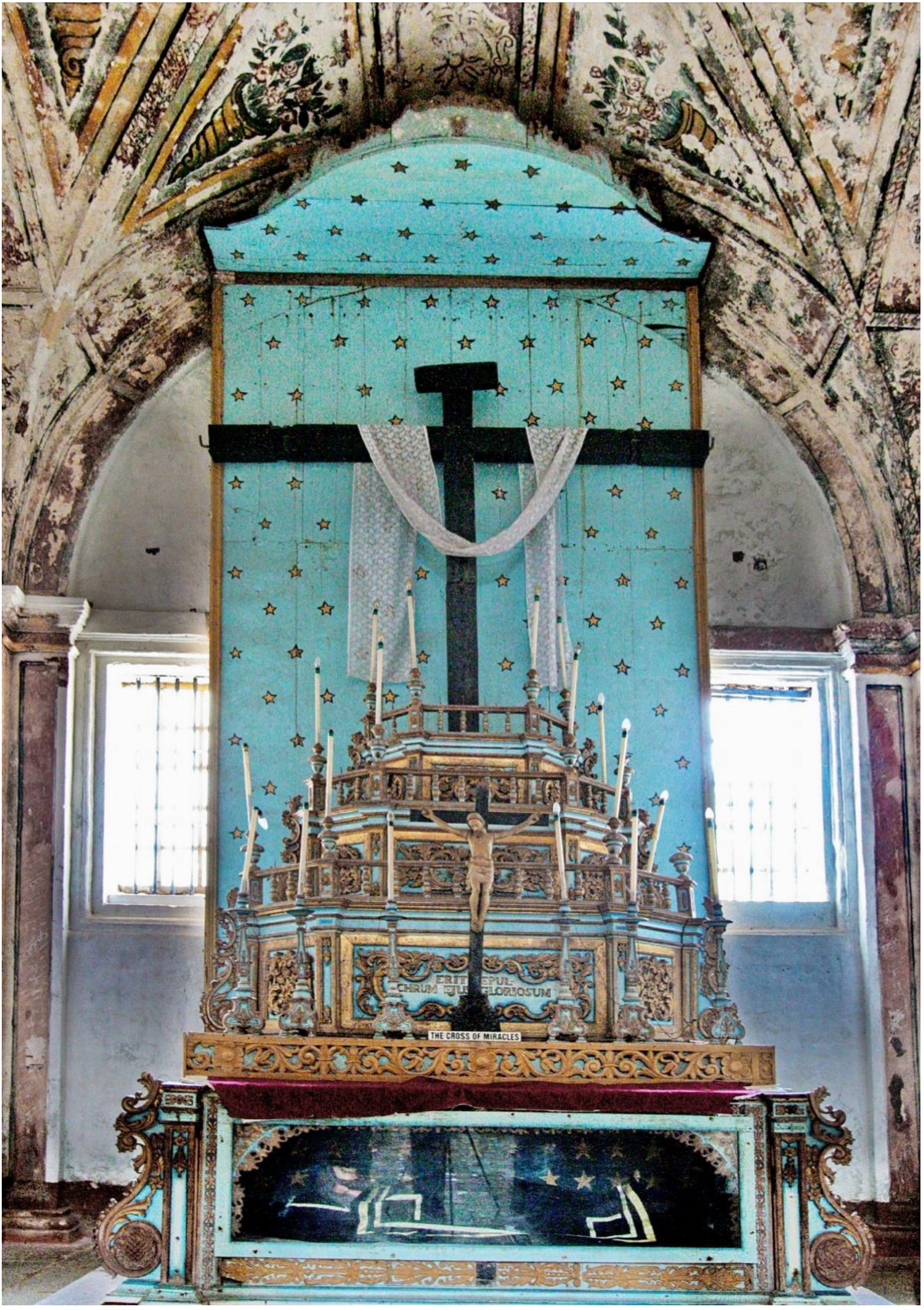
É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de intercolúnio inscrito entre colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. As colunas assentam duas a duas em pedestais, são de fuste estriado e imoscapo diferenciado com cabeças de serafins, cartelas e vegetalismos. No tramo central, o painel em médio relevo emoldurado por entablamento, está a cena da descida do espírito santo sobre os apóstolos, na forma de línguas de fogo.

Sobre o entablamento contínuo, que inclui cabeças de serafins em toda a sua extensão, assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre pilastras, está o óculo aberto providenciando a entrada de luz nesta capela. Nas ilhargas tem volutas e pináculos. O frontão é abaixado.
Encontra-se em mau estado de conservação. Está com indícios de degradação, sobretudo no ático. Podemos considerar que este retábulo, pelas características formais e compositivas se filia nos tratados de Sebastiano Sérlio (Tutte l'opere d'architecttura, 1600, Livro 6, Fig. XIX, p. 18)

Bibliografia Específica:

Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 6; Lobo, p. 43; Telles, 'Sé Primacial E Patriarcal de Goa', p. 93.


THE CROSS OF MIRACLES

13| Retábulo da Cruz Milagrosa no corpo da Sé Catedral de Santa Catarina

Risco e Entalhe*: estrutura original – c.1619 (Cruz), c.1671 (Trono). Estrutura actual – 1845.*

Está localizado no corpo da igreja, lado da Epístola. Diz-se que foi mandado executar pelo Padre Manuel Rodrigues em 1619 e colocada no que viria a ser o Convento da Cruz dos Milagres (Boa Vista [Velha Goa]-Tiswadi) em 1671, no entanto, a estrutura actual aparenta ser coevo da passagem da cruz para esta Sé a 3 de Maio de 1845. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo. Não tem ordens arquitectónicas, compõe-se de trono, cruz, respaldo e guarda-pó. No trono está disposta a milagrosa Cruz dos Milagres e inclui a seguinte inscrição latina: *Erit sepulchrum ejus gloriosum* (o descanso será glorioso). É de madeira entalhada, dourada e policromada.

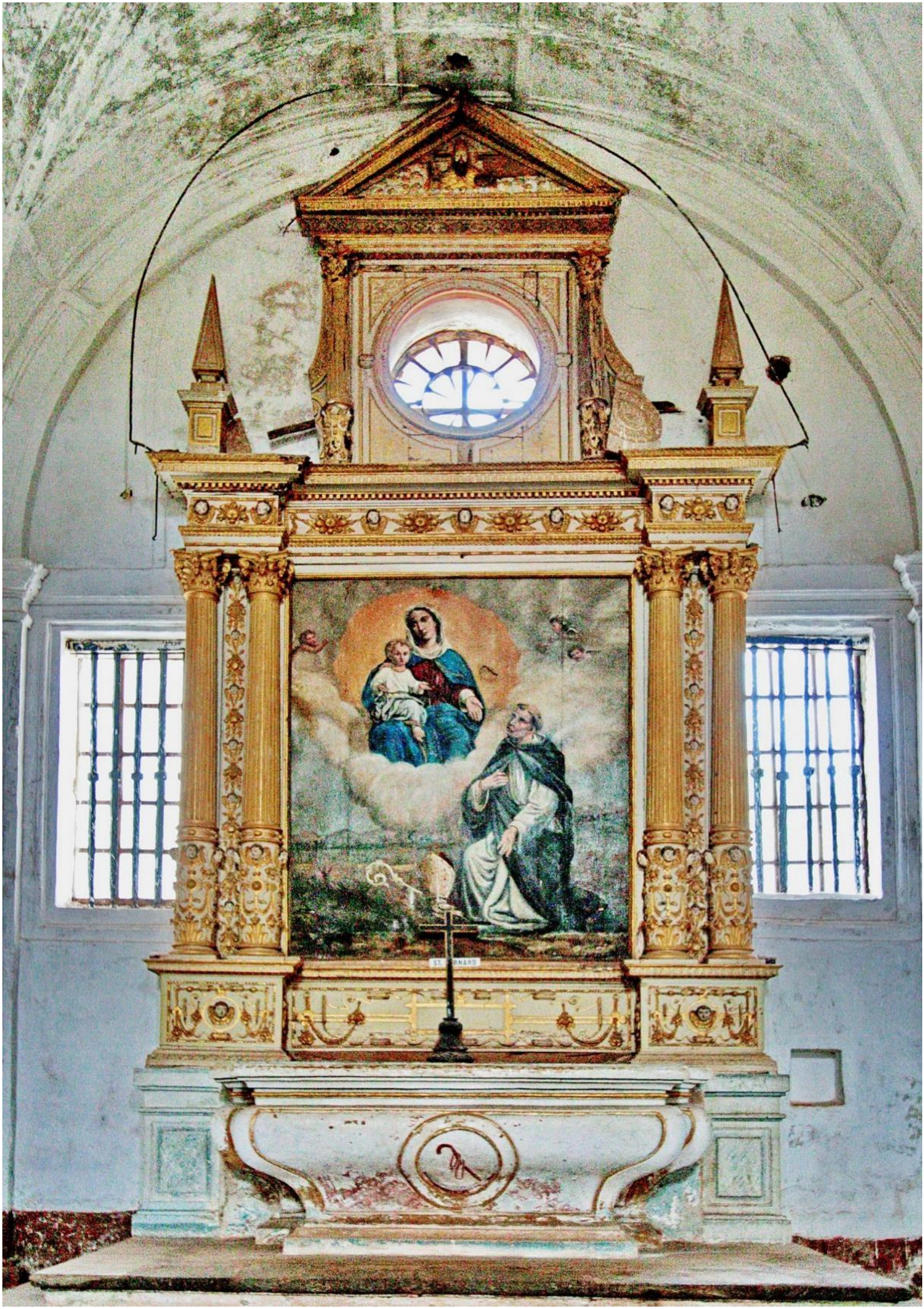
Encontra-se em razoável estado de conservação.

Diz-se que foi em 1619 que o Padre da Sé Manuel Rodrigues que pegou num tronco de teca seco e o colocou numa rocha no monte da Boa Vista. Mais tarde, esse tronco cresceu e atingiu a altura de 10 côvados (cerca de 4,5 mt) aparecendo nele a imagem do Divino Crucificado por várias vezes olhando para várias direcções. Nessa rocha começou também a jorrar água com abundância. Desde então a cruz é conhecida como a Santa Cruz dos Milagres. Esteve na Igreja da Luz (Velha Goa) até que se construísse uma capela no local da aparição, mais tarde substituída por uma igreja que se desmoronou em 8 de Agosto de 1658.

Em 1671 lança-se a pedra da nova igreja e Convento da Cruz dos Milagres onde se instalam os religiosos da Congregação do Oratório (Confoederatio Oratorii Sancti Philippi Nerii). A igreja entrou em declínio e finalmente em 1845 a Cruz dos Milagres é transportada com grande solenidade para a Sé e colocada na Capela que era do retábulo da Nossa Senhora das Três Necessidades. A porta que encerra a capela constitui-se de uma excepcional qualidade de entalhe e perfeição.

Bibliografia Específica:

Caetano Filipe de Albuquerque, *A Santa Cruz Dos Milagres de Goa - Memória Histórica* (Bastora: Tipografia Rangel, 1899); Lobo, p. 43; Telles, 'Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa'.



14 |Retábulo de São Bernardo no corpo da Sé Catedral de Santa Catarina

Risco e Entalhe*:* 2ª metade do século XVII

Está localizado no corpo, lado da Epistola. Foi mandado executar pelo clero secular na 2ª metade do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe pensando-se que o artista que executou este retábulo deverá ser o mesmo que executou os retábulos de Nossa Senhora das Virtudes, São Sebastião e Espírito Santo nesta mesma Sé.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de intercolúnio inscrito entre colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. As colunas de fuste estriado e imoscapo decorado com cartelas, cabeças de serafins e motivos vegetalistas que assentam, duas a duas em pedestais. A gramática decorativa no banco inclui cartelas, grinaldas, cabeças de serafins e frutos. No tramo central, a pintura sobre madeira do tema do órgão está emoldurada por entablamento. Sobre o entablamento contínuo o ático que tem aberto no tramo central um círculo para a janela-óculo desta capela. Nas ilhargas tem volutas e pináculos. O frontão é abaixado e tem a representação de Deus Pai.

O retábulo está com indícios de degradação, sobretudo no ático, sendo as volutas já parcialmente desaparecidas. Podemos considerar que este retábulo, pelas características formais e compositivas se filia nos tratados de Sebastiano Sérlio (Tutte l'opere d'architecttura, 1600, Livro 6, Fig. XIX, p. 18. Nesta capela incluem-se as tumulárias de Dona Leonor Mascarenhas (mulher de D. Francisco de Melo e Castro) e de Vicente Henrique da Paz.

Bibliografia Específica:

Telles, 'Sé Primacial E Patriarcal de Goa', p. 93; Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 6; Lobo, p. 43.


INRI
ST. ANTHONY

15 |Retábulo de Santo António no corpo da Sé Catedral de Santa Catarina

Risco e Entalhe*:* 1º quartel do século XVIII

Está localizado no corpo, lado da Epistola. Foi provavelmente mandado executar por religiosos da Companhia de Jesus, no 1º quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é intercolúnios inscritos entre duas colunas. Como especificidade refere-se os colunelos compostos de anjos-ervados que medeiam o tramo central, assentes em mísulas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há quatro pedestais no qual assentam as colunas de secção poligonal e fuste helicoidal com imoscapo diferenciado com motivos vegetalistas. O tramo central deveria ser composto por nicho que agora se encontra tapado por um painel simples e nele está a figura de vulto de Santo António de Lisboa, a ser coroado por dois anjos. Nas ilhargas estão duas edículas, sobrepostas e igualmente tapadas por painéis simples, não contendo qualquer imaginária. Todas estas edículas têm pilastras, entablamento e ático com seu frontão interrompido e tondo. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático, de composição trilobada, tendo ao centro uma imagem de Jesus Crucificado ladeada por duas colunas da mesma morfologia das do corpo e assentes igualmente duas a duas em pedestais. Nas ilhargas estão dispostos arcanjos que deveriam em tempos ter segurado tochas na mão. O frontão é de volutas e ao centro uma cartela com as insígnias da Companhia de Jesus.

Está a necessitar de intervenção já que algumas partes estão a destacar-se, nomeadamente no embasamento e no ático. Dado este retábulo ser díspar dos restantes desta Sé, ter indícios de ter sido ajustado a novas funções e de conter no ático a insígnia da Companhia de Jesus, leva-nos a suspeitar poderá efectivamente ter pertencido a um dos espaços desses religiosos.

Bibliografia Específica:

Lobo, p. 44; Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 6.



16 |Retábulo da Sacristia da Sé Catedral de Santa Catarina

Risco e Entalhe*:* 1ª metade do Século XVII

Está localizado na sacristia. Foi mandado executar por religiosos da ordem de Santo Agostinho na 1ª metade do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a vários temas, do tipo baldaquino com três faces e domo cujos intercolúnios se inscrevem entre duas colunas ao centro e uma coluna nas ilhargas, apresentando planta convexa. É de madeira entalhada e dourada e constitui-se de sotobanco, banco, corpo, entablamento, ático e domo.

No embasamento, o sotobanco apresenta quatro modilhões decorados com acanto. No banco estão os pedestais que sustentam as colunas de fuste estriado com imoscapo diferenciado, duas a duas no centro e uma nas ilhargas. Os intercolúnios são definidos por nichos com arquivolta plena onde se encontram figura de vulto perfeito. Ao centro São Tomé metendo os dedos nas chagas de Cristo e nas ilhargas figuras de santos.

O entablamento é contínuo e contém a todo o seu comprimento várias cabeças de serafins e medalhões. Sobre o tramo central está o ático composto de seu frontão quebrado com óculo e a representação do Espírito Santo. Nas ilhargas está um varandim. Assenta sobre o entablamento a cúpula constituída por duas partes: o domo e o zimbório. O domo está decorado com elementos fitomórficos. O zimbório de forma poligonal, ostenta pilastras em cada face que assentam em modilhões com os mesmos acantos dos do embasamento.

Sabemos que foi do Convento de Santa Mónica e supomos que terá pertencido à capela do claustro do lado sul no piso superior.

Está com sinais de deterioração e a necessitar de intervenção. Entre os referidos sinais de deterioração estão as colunas com avançados destacamentos e a estrutura do domo que ameaça ruir.

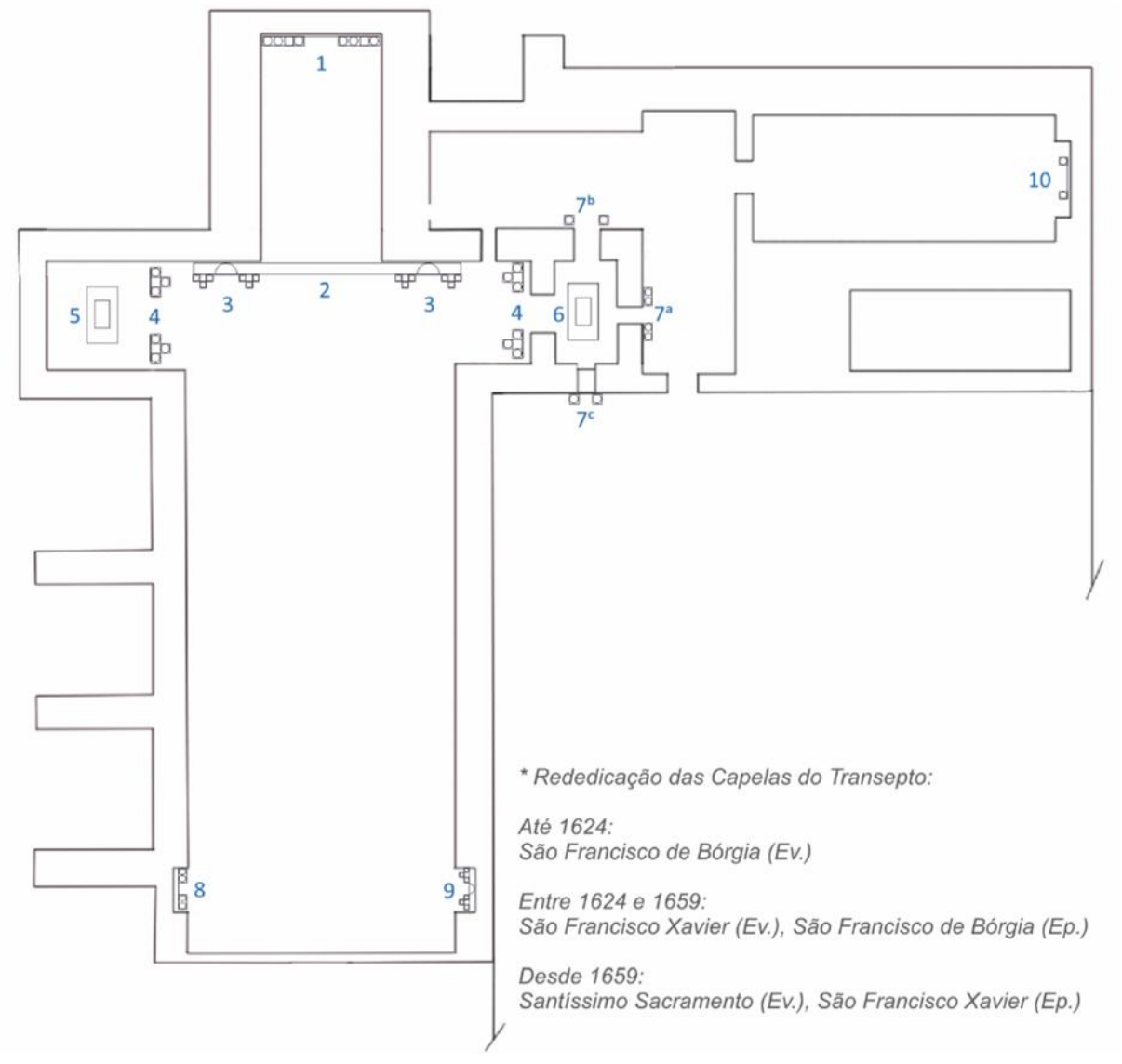
Bibliografia Específica:

Telles, 'Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa'; Telles, *Velha Cidade de Goa*; Lobo, p. 45.

Igreja do Bom Jesus (Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.500903 Long. 73.911562

1 |Retábulo de São Francisco Xavier
2 |Arco Triunfal
3 |Retábulos Colaterais: Nossa Senhora (Evangelho) e São Miguel Arcanjo (Epístola)
4 |Arcos Retabulares: Santíssimo Sacramento (Evangelho) e São Francisco Xavier (Epístola)*
5 |Trono do Santíssimo Sacramento
6 |Relicário de São Francisco Xavier
7 Arcos Retabulares do Relicário de São Francisco Xavier
8 |Retábulo da Estátua de São Francisco Xavier
9 |Retábulo de Santo António
10 |Retábulo de São José





1 |Retábulo da Ousia do Bom Jesus

Risco e Entalhe*:* 2º quartel do século XVII

Está localizado na ousia ocupando a totalidade da parede testeira. Foi mandado executar pela Companhia de Jesus. Dos vários eventos históricos que poderiam proporcionar uma campanha de obras, a colocação do trono de mármore na capela do transepto (Epístola) em 1698 leva a concluir que o retábulo já fosse existente à data, pelo que estabelecemos o 2º quartel do século XVII para a data de execução deste retábulo. Desconhece-se, no entanto, a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de intercolúnio inscrito entre oito elementos arquitectónicos (três colunas e uma pilastra de cada lado). Constitui-se de madeira entalhada e dourada apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos que se desenvolvem a partir de uma flor central. Neste assentam os elementos arquitectónicos. Existem de cada lado três colunas torsas e uma pilastra. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras, uvas e fénixes. As pilastras são estriadas com imoscapo em anel de acantos.

No tramo central está exposto São Francisco Xavier, vestido de sua casula, sob um trono que está assente em peanha. Nesse trono estão representações de cabeças de serafins e um pequeno Bom Jesus aos pés do santo patriarca das Índias. O dorso do tramo central imita em talha, um *tromp l'oeil* de nicho com abóbada de arquivolta plena. O entablamento é contínuo, e filia-se nos modelos serlianos. Entre as folhagens, dispõem-se duas cestas de pão, uma de cada lado nas ilhargas. Sentados sobre o entablamento estão dois meninos anjos que seguram o símbolo solar da Companhia de Jesus. Atrás destes está um frontão quebrado que não se desenvolve para as ilhargas. Num outro plano mais encostado à parede testeira e sobre um novo entablamento está o segundo ático. No centro, entalhado em médio relevo está a representação da Santíssima Trindade nas figuras da pomba, Deus Pai e Deus Filho. Esta cena está entre modilhões e nas ilhargas as figuras em pé de santos. O frontão é interrompido. Encontra-se em bom estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Lobo, p. 71; Dias, p. 57.



2 |Arco Triunfal

Risco e Entalhe*:* c.1655-1698

Está localizado no arco da ousia e compõe-se um arco em talha que ocupa a totalidade da parede ao qual são adicionados dois retábulos colaterais. A sua encomenda é da Companhia de Jesus. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe. Não existe documentação que valide uma datação exacta para a execução deste arco. Os momentos históricos chave neste local não fornecessem igualmente certezas absolutas neste sentido. Como não existem elementos arquitectónicos a nossa análise ficou-se na gramática decorativa. Um estudo comparativo com outros elementos cuja data é conhecida – a cartela no topo da porta da sacristia terminada em 1655 – permitem-nos avançar com a data de c.1655 como início de possível execução deste trabalho de talha. A presença de uma pintura sobre madeira do mausoléu (caixão de prata executado em 1636 e trono de mármore executado em 1698) no centro deste arco demarca o período de execução. Pelo meio, a data de 1659, data de acabamento da capela de São Francisco Xavier no transepto, lado da Epístola que contém a mesma gramática decorativa e o mesmo tipo de molduras octogonais das pinturas sobre madeira, reforçam a datação deste arco triunfal para o período indicado.

Neste conjunto incluem-se quatro pinturas sobre madeira (duas de cada lado, dispostas verticalmente). No lado do Evangelho, em moldura rectangular encontra-se a do Pentecostes e abaixo desta, com moldura octogonal a ascensão de Nossa Senhora. No lado da Epístola está a Ressurreição de Cristo e a Nossa Senhora Rainha nos mesmos tipos de moldura, respectivamente.

No centro do arco triunfal está colocada uma cartela com as insígnias da Companhia de Jesus.

Está em razoável estado de conservação.

Nesta composição se incluem os retábulos colaterais cuja ficha de inventário é realizada em separado.

Bibliografia Específica:

Lobo, p. 71; Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 6.



3 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* c.1698

Localizam-se no arco triunfal e são dedicados a Nossa Senhora das Mercês (Evangelho) e a São Miguel (Epístola). É certo que foram mandados executar pela Companhia de Jesus, no entanto não temos consenso quanto à sua data de execução. Numa planta executada em 1652 por um jesuíta anónimo, há já referência a estes dois retábulos mas certamente não se trataria destes presentemente na igreja. Dos vários eventos históricos que poderiam proporcionar uma campanha de obras, a colocação do trono de mármore na capela do transepto (Epístola) em 1698 é a data que fornece mais lógica. Desconhece-se, no entanto, a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe. São exemplares devocionais a um tema, na tipologia menos frequente de dois corpos e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas.

Constituem-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. Estão assentes sobre uma mesa de altar onde se expõem doze relíquias de vários santos dispostas em dois corpos e seis tramos dessa mesa de altar, cada secção ladeada por colunelos de fuste estriado com diferenciação do imoscapo (no segundo corpo) assentes em mísulas (primeiro corpo). No banco há seis pedestais sobre os quais assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel de acantos. A gramática decorativa cinge-se à garganta e compõe-se de parras e uvas. A gramática decorativa do banco constitui-se de padrão vegetalista tendo ao centro uma estrela de oito pontas. O tramo central constitui-se de nicho com arquivolta plena onde está exposta a imagem da Senhora – no retábulo do evangelho – e a imagem de São Miguel Arcanjo – no retábulo da epístola. O entablamento é contínuo pujado de decorativismo do tipo floral e surge em duplo registo (arquitrave, friso, cornija e mais friso e cornija). No segundo corpo e ao centro está o nicho que segue as regras estabelecidas no primeiro corpo com a imagem e um santo – no do evangelho – e de Nossa Senhora – no da epístola. O entablamento é contínuo e sobre este está o frontão de volutas com uma cartela de enrolamentos ao centro com uma inscrição latina sob a cabeça de um serafim: *Spes Nostra* (nossa esperança) – no do evangelho – e a inscrição latina que já só temos uma leitura parcial: Lac […] – no retábulo da epístola. Encontram-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Lobo, p. 71; Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 6.



4 |Arcos Retabulares do Transepto

Risco e Entalhe*:* final do século XVII

Localizam-se no transepto e foram alterando o orago de acordo com a sucessão de eventos históricos:

1) Antes de 1624 – Evangelho: não temos indicação do orago nesta capela. Epístola: São Francisco de Bórgia.
2) 1624 – As relíquias de São Francisco Xavier são trazidas para a Igreja (estavam no 3º andar da Casa Professa). Evangelho: São Francisco Xavier. Epístola: São Francisco de Bórgia.
3) 1652 – Já existem planos para reformular as capelas do transepto de forma acomodar definitivamente as relíquias de São Francisco Xavier mas mantêm-se ainda as antigas funções e oragos (HAG, Cod. 2118, (1652), fl 130r). Uma planta desenhada em 1652 dá indicação das capelas e seus oragos.
4) 24 Abril 1659 – Evangelho: Santíssimo Sacramento. Epístola: São Francisco Xavier.

Foram mandados executar pela Companhia de Jesus mas desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe. Por falta de documentação que auxilie na datação, estabelecemos o final do século XVII como período de execução dos arcos retabulares, independentemente das re-dedicações e eventos históricos anteriores (a mais representativa seria em 1659 quando se aumentou em um tramo as capelas deste falso transepto mas a morfologia das colunas não se coaduna com esta datação).

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. Sendo que se trata de uma porta retabular, o embasamento está restringido às ilhargas – os pedestais num total de seis (três de cada lado). A sua gramática decorativa compõe-se de fénixes debicando frutos que brotam de jarrões. Nestes assentam colunas torsas com diferenciação no imoscapo por meio de anel com pontas diamante. A sua gramática decorativa cinge-se à garganta da coluna e compõe-se de fénixes, frutos e folhagens.

(Continua na página seguinte)


PLEASE KEEP SILENCE
DO NOT LIGHT CANDLES
CANDLES

(Continuação da página anterior)

O tramo central com arquivolta plena corresponde à abertura para a qual se visiona o trono e o tabernáculo (Evangelho) e o Relicário de São Francisco Xavier (Epístola). Na arquivolta encaixa-se um trabalho de talha rendilhada com o tema das colunas e dois anjos a segurar a cartela com a inscrição latina: *manet ultima caelo* – "o início do último céu" – (Evangelho) e *servato [servabimuripsi]* (Epístola). Ainda no entablamento estão dispostas seis figuras de vulto perfeito, uma em cada coluna, correspondendo a santos (Evangelho) e a Arcanjos (Epístola).

Sobre o entablamento contínuo expõe-se o ático composto de três tramos e colunas de morfologia semelhante às do corpo assentes em pedestais. Aqui repete-se a cartela com a inscrição e os anjos que a suportam. Ao centro, uma edícula expõe uma figura de vulto perfeito (Evangelho) e uma cartela em médio-relevo com as insígnias da Companhia (Epístola). Nos tramos das ilhargas e assentes em mísulas, estão arcanjos. Os arranques de frontão nas ilhargas suportam ainda mais duas figuras de vulto perfeito de santos (Epístola) e Arcanjos (Evangelho). Sobre os capitais destas colunas do ático ficam anjos (um total de quatro). O frontão é curvo e expõe as insígnias da Companhia (Evangelho) e o sol (Epístola).

Está em razoável estado de conservação. Já perdeu praticamente toda a sua douração.

Bibliografia Específica:

'Inventário Da Sacristia Do Bom Jesus' (Goa, 1698); Panduronga S. S. Pissurlencar, 'O Túmulo, O Caixão E O Bastão de São Francisco Xavier', *Boletim Do Instituto Vasco Da Gama*, 1935, 68–81 (p. 78); Dias, p. 55; Ricardo Michael Telles, 'Capelas Do Cruzeiro Da Igreja Do Bom Jesus', *A Voz de São Francisco Xavier*, IV (1935), 574 (p. 574); 'ARSI - Archivium Romanum Societatis Iesu, Epp. Gen (Planta Da Igreja Do Bom Jesus Em Velha Goa)' (Goa), Pasta 34 (1679-1699), I-II, fl 477.


INRI

5 |Trono com Tabernáculo

Risco e Entalhe*:* anterior a 1659 (trono do embasamento), 2º quartel do século XVIII (tabernáculo).

Está localizado no falso transepto, lado do Evangelho. Foi mandado executar pela Companhia de Jesus antes de 1659 (trono do embasamento) mas apresenta alterações datáveis do 2º quartel do século XVIII (tabernáculo). Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

Compõe-se de trono com dois registos sobre o qual assenta o tabernáculo. O trono compõe-se de seis compartimentos para relíquias cujos intercolúnios estão inscritos entre dois modilhões, um de cada lado. O segundo registo compõe-se de quatro edículas com representação de arcanjos, edículas que estão ladeadas entre meios corpos de anjos sobre mísulas. Nas ilhargas estão duas *torres* com quatro registos. O primeiro registo tem uma decoração do tipo vegetalista e cabeças de serafins, o segundo registo compõe-se de anjos ervados em cada um dos seus cantos, que suportam o terceiro registo – uma espécie de urna encimada por pináculo, o último registo.

No centro deste trono está colocado o tabernáculo do Santíssimo Sacramento, uma peça com dois corpos e três tramos frontais e planta poligonal. O embasamento contém decoração do tipo vegetalista. Sobre este assentam as colunas torsas com ornamentação vegetalista a cingir-se à garganta da coluna. Os intercolúnios inscrevem-se entre colunas triplas.

No primeiro corpo, o tramo central contém a porta para se guardar o santíssimo. Nela está a representação do Agnus Dei. Sobre a porta um alto-relevo representando um pano de cena. Nas ilhargas os tramos estão decorados com uma gramática decorativa do tipo vegetalista e ao centro as iniciais IHS (Jesus) – no do Evangelho – e AM (Avé Maria) no da Epístola. O entablamento é contínuo e compõe-se de arquitrave, friso e cornija. Assentes sobre cada coluna, estão pináculos a ajudar a composição.

No segundo corpo repetem-se os elementos compositivos. Igualmente há uma porta mas com a figuração do sagrado coração e sem o pano de cena. As ilhargas têm de ambos os lados as iniciais AM (Avé Maria). No topo está uma figura de vulto de Cristo Crucificado.

Está em razoável estado de conservação. Denota-se em alguns colunas a acção das térmitas bem como o destacamento de elementos constituintes, nomeadamente na porta do segundo corpo.

Bibliografia Específica:
Lobo, p. 71.



6 |Relicário de São Francisco Xavier

Data: 1636 (Caixão de Prata), 1686 (mausoléu de Mármore), 1952 (alterações ao caixão de prata)

Está localizado no falso transepto, lado da Epístola. Foi mandado executar por Mascello Mastrilli (um dos futuros mártires jesuítas do Japão) e um grupo de cristãos goeses em 1636 como pagamento de sua promessa. Sabe-se que custou 14 mil xerafins. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe sabendo-se no entanto que foi executado por artistas locais. Um documento datado de 1744 refere fazer-se aqui missa no dia da festa do santo.

É um exemplar relicário na tipologia de dois corpos e sete tramos (com domo e cúpula) cujo modelo compositivo é intercolúnios inscritos entre duas colunas. Actualmente, devido ao facto de se abrir com vidro o interior do relicário, retirou-se uma coluna no espaço onde fica a cabeça do santo pelo que se ficou com seis tramos. Essa alteração foi feita para a exposição do corpo do santo em 1952; duas fotografias a que tivemos acesso – um de 1951 e outra na data da exposição – balizam e confirmam essa alteração (ver imagens respectivas no Ap. Fotográfico,Fig.1,p. 968. Como especificidade refere-se ser o único exemplar relicário em prata.

No banco há oito mísulas (no primeiro corpo) e oito pedestais (no segundo corpo). Entre os rendilhados decorativos todos os tramos incluem originalmente trinta e duas cenas reais e fictícias da vida do santo, todas em médio-relevo. As colunas do segundo corpo são de fuste estriado com diferenciação do imoscapo que inclui cabeças de serafins, cartelas e grinaldas. Para a abertura com vidro foram retirados os médio-relevos deste corpo para se poder ver o corpo do santo que está no interior, exceptuando as partes que foram cortadas para servirem como relíquias em Roma. No seu corpo estão vários adornos paramentais e pedras preciosas que lhe foram acrescentados em 1630. A composição é culminada por um domo com o mesmo trabalho de rendilhados e uma cúpula que assume a forma rectangular com quatro tramos cujos intercolúnios contém o mesmo trabalho rendilhado. Sobre esta cúpula fica ainda novo domo e cruz.

Este relicário era composto de incrustações de esmeraldas, pérolas, safiras e topázios, que já não fazem parte do conjunto. Igualmente a balaustrada que foi de prata foi roubada e substituída por uma de chumbo. Em 1859 deu-se por falta de 150 engastes e 251 pedras que foram substituídas por falsas bem como a grade de prata que foi substituída pela de chumbo. O inventário de 1875 dá conta de 30 guarnições de prata e 3 pedras preciosas (1 topázio grande na parte superior da peanha da cruz do lado sul, 1 topázio pequeno na caixa no mesmo lado e 1 safira grande no centro da caixa na base) e 724 pedras falsas de diferentes cores e tamanhos.

O inventário de 1926 refere que as pedras são todas “coradas”. Poderá ser consequência de um restauro executado em 1900, após queda do sarcófago ao ser içado, após a exposição do santo. Sabe-se que o seu restauro foi demorado e dispendioso.

Este caixão de prata está disposto sobre um trono de mármore, mandado executar em 1686 ao escultor florentino Giovanni Battista Foggini por Cosimo III Grão-duque da Toscânia como promessa depois de ter sido ofertada pelo Padre Francisco Sarmento (que em viagem por Itália passou por Florença) ao seu antecessor Fernando II, a almofada onde repousava a cabeça do santo.

(continua na página seguinte)


NON INIMICA FUGA

(continuação da página anterior)

Nessa ocasião, o Grão-duque promete mandar executar um mausoléu com as mais finas pedras de Itália com embutidos em troca da oferta. Este falece em 1670 e a promessa é cumprida pelo seu predecessor.

Em 1697 achava-se concluído e em exposição em Florença. Em 1698 é mandado desmantelar e enviar a Goa e assemblado nesse mesmo ano. Foi Giovanni Battista Ramponi que acompanhou e aparelhou a obra na Igreja tendo sido reduzido do seu tamanho original por falta de dimensões expectáveis na capela que estava destinada para a exposição do seu corpo. Juntamente com o relicário de prata, mede cerca de 6 metros em altura da base até ao topo e 3x2,5 metros de base e constituído de mármores de várias cores.

Divide-se em três corpos: o primeiro (base) é uma urna em pedra vermelha decorada com cartelas, o segundo forma um quadrângulo com pedra de veios brancos, pretos e amarelos com a adição de vários painéis de bronze com cenas pictóricas: no painel do topo está a representação de São Francisco pregando nas Molucas, noutro painel está a representação do Santo descalço. O painel do lado sul mostra o santo a atravessar um rio a fugir dos habitantes da ilha de Moro. O último painel está do lado onde repousam os pés do santo e representa a sua morte na ilha de Sanchian. Incluem-se ainda anjos em alabastro que suportam cartelas com inscrições latinas. O terceiro corpo é formado por uma balaustrada onde se expõe o relicário de prata.

A capela está toda forrada a talha. Em 1623, um ano antes da celebração da canonização do santo, mandou-se executar inúmeras pinturas. São no total 29 pinturas alusivas à vida do santo e milagres operados.

Bibliografia Específica:

Telles, 'Capelas Do Cruzeiro Da Igreja Do Bom Jesus', p. 574; Lobo, p. 71; Pissurlencar; Ricardo Michael Telles, *Igrejas, Capelas, Conventos E Palácios Na Velha Cidade de Goa*, Nova Goa (Goa: Imprensa Gonçalves, 1931), p. 40; Fonseca, p. 279; 'Inventário Da Sacristia Do Bom Jesus', f. 84, 131v.; desconhecido, *Tomb of St Francis Xavier in the Church of Bom Jesus, Goa*, 1880, 85 <http://www.bl.uk/onlinegallery/onlineex/apac/photocoll/t/019pho0000002s2u00085000.html>; José Carvalho Henriques, *Velha Goa : Igreja Do Bom Jesus*, 1951, Fundo Mário e Alice Chicó, 120848 <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07127.000.161>; Time Inc., 'Saint Is Displayed', *Life Magazine*, 19 January 1953, 59–60.


DIMIDIVM CERNIS QVEM MAGNVM SVSPICIT ORBIS

7 |Arcos Retabulares do Relicário de São Francisco Xavier da Igreja do Bom Jesus

Risco e Entalhe*:* final do século XVII

Estão localizados nas três faces da capela funcionando como aberturas de luz. Foi mandado executar pela Companhia de Jesus no final do século XVII por se achar que a capela do santo estava muito escura. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

No inventário da sacristia do Bom Jesus temos a informação de que as capelas de fora – neste caso, as portas retabulares – foram *reformadas* e *renovadas* a expensas dos bens testamentais de Baltazar da Veiga, que deveriam ter sido efectuadas após 1654 e antes de 1659.

Desta nota não conseguimos saber se os arcos retabulares estavam já executados e que nesta data se executaram obras menores para preparação da capela ao novo orago e função.

São exemplares devocionais a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas (7a) e de intercolúnio entre duas colunas (7b e 7c).

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há quatro pedestais (7a) e dois pedestais (7b e 7c).

O modelo compositivo adoptado é o de intercolúnio inscrito entre colunas duplas, duas de cada lado (7a) e de intercolúnio inscrito entre duas colunas, uma de cada lado (7b e 7c). Nos exemplares 7b e 7c – com os intercolúnios inscritos entre duas colunas, uma de cada lado – têm pedestais rodados 45º e encastrados na parede enquanto o exemplar 7a – com o intercolúnio entre colunas duplas, duas de cada lado – tem o pedestal na sua rotação original e encostado à parede. As capelas foram recortadas considerando o mausoléu no interior, descartando o efeito visual no exterior – a colocação destas portas não está centrada com as abóbadas do deambulatório o que denota a adaptação do espaço a uma nova função. Todas as colunas têm a mesma morfologia e gramática decorativa – colunas torsas com decoração que se cinge à garganta da coluna cuja ornamentação é composta de parras e uvas.

O tramo central do exemplar 7a, emoldurado por entablamento, abre-se para visualização e entrada de luz. O entablamento é contínuo e incluí a expressão latina: *dimidium cernis quem magnus suspicitor bis xavier est totum nulla tabella capit* – "Vês a metade daquele que o mundo admira grande: É Xavier inteiro nenhum quadro o pode conter". No ático está uma pintura do Santo em meio corpo inscrito entre duas colunas encimado por frontão de aletas e uma cabeça de serafim. Os exemplares 7b e 7c em tudo são iguais exceptuando que o intercolúnio se inscreve entre duas colunas – uma de cada lado, o ático tem um grande janelão para entrada de luz e junto ao embasamento uma aleta em talha de cada lado das ilhargas.



Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

‘Inventário Da Sacristia Do Bom Jesus’.


YOUR
CAIXA DAS OBLATAS
DE
S. FRANCISCO XAVIER
OFFERINGS

8 |Retábulo da estátua de São Francisco Xavier
Risco e Entalhe*:* 1ª metade do século XVIII (execução), posterior à expulsão dos jesuítas, 1759 (colocação)

Está localizado no corpo da igreja, lado da Epístola, próximo da porta da igreja. Foi mandado colocar pelos Padres Vicentinos que tomaram para administração o seminário jesuíta em c.1784 para albergar as relíquias de Santa Paulina que trouxeram de Roma, no entanto, os elementos arquitectónicos terem características de um retábulo executado na 1ª metade do século XVIII. É possível então que este seja um retábulo transferido de um outro local. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Como especificidade refere-se as colunas do tipo salomónicas, raras no território inventariado. Constitui-se de madeira entalhada e policromada não apresentando douração, com planta plana. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos que irradiam do centro em forma de estrela para oito direcções diferentes. Neste assentam colunas do tipo salomónicas com diferenciação de três terços por meio de anel com pontilhado e ponta de diamante em alternado. O primeiro terço é formado por estrias helicoidais e os dois seguintes por padrão floral e de acantos. No tramo central falta o painel ou nicho que outrora fez parte deste conjunto. Actualmente, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de São Francisco Xavier (originalmente exposta para beijo no corpo da igreja até pelo menos 1931) que aqui foi colocada em detrimento das relíquias de Santa Paulina (autenticadas e reconhecidas em 1784 que se veneravam dentro de sarcófago com vidro, dentro de uma figura da mesma santa, em posição de dormir, assente em duas peças de alabastro. Teria ao seu lado as imagens dos Príncipes dos Apóstolos). Sobre o entablamento contínuo assenta o ático formado apenas pelo frontão que é de volutas tendo ao centro uma coroa com duas espigas, simbologia de dedicação a santos mártires. Incluem-se também acantos e frutos. Antes de existirem a totalidade de sete retábulos, foi durante o papado de Urbano VIII (1623-1644) que o Arcebispo Primaz deliberou a visita dos cinco retábulos da igreja, duplicando-se a visita em dois deles (o do altar-mor e o do Santo Xavier) para perfazer a quantia de sete, tal como acontecia na Igreja de São Pedro de Roma. A colocação deste retábulo e do seu fronteiro (Retábulo de Santo António) veio eliminar a necessidade de cumprimento do despacho. Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica: Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 6; Telles, *Igrejas, Capelas, Conventos E Palácios Na Velha Cidade de Goa*, p. 46; Monsenhor Francisco Xavier Gomes Catão, 'Basílica Do Bom Jesus, a Sua Sacristia', ed. by Castilho de Noronha, *Boletim Eclesiástico Da Arquidiocese de Goa*, XXVI, 1967, 37–65 (p. 61).


INSDEMP
OFFERINGS

9 |Retábulo de Santo António

Risco e Entalhe*:* c.1784

Está localizado no corpo da igreja, lado do Evangelho, próximo da porta da igreja. Foi mandado executar pelos Padres Vicentinos por volta de 1784 depois de tomarem a administração do seminário jesuíta. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade refere-se a solução nos pedestais – acrescento de elemento extra no pedestal central para criar maior impacto visual.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos estilizados que irradiam do centro. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel com grinalda. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de um padrão formado por uma corrente de onde irradiam acantos e uvas (no imoscapo o decorativismo é formado por pontilhado de onde irradiam acantos). No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe-se uma imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes duas a duas em pedestais, evidencia-se um painel em medio-relevo com dois arcanjos a sustentar uma coroa real. O frontão é entrecortado e inclui as siglas N.S.D.E.M.P. e uma cabeça de serafim.

Antes de existirem a totalidade de sete retábulos, foi durante o papado de Urbano VIII (1623-1644) que o Arcebispo Primaz deliberou a visita dos cinco retábulos da igreja, duplicando-se a visita em dois deles (o do altar-mor e o do Santo Xavier) para perfazer a quantia de sete, tal como acontecia na Igreja de São Pedro de Roma. A colocação deste retábulo e do seu fronteiro (Retábulo de Santo António) veio eliminar a necessidade de cumprimento do despacho. Encontra-se em razoável estado de conservação.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, *Igrejas, Capelas, Conventos E Palácios Na Velha Cidade de Goa*, p. 46; Lobo, p. 71; Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 17.



10 |Retábulo de Jesus, Maria e José (ou da Senhora das Dores) na Sacristia da Igreja do Bom Jesus

Data: 1654

Lançou-se a pedra de fundação desta capela a 29 de Setembro de 1652, esta sacristia foi sagrada a 19 de Março de 1654 e dedicada a São José. Foi graças ao testamento de Baltazar da Veiga, um nobre natural do Lumiar que fez sua vida em Goa, aí morrendo e deixando as suas poupanças para a edificação de uma capela dedicada a Jesus, Maria e José que se deve a sua construção. Por esse feito, concedeu-se-lhe morada perpétua na sacristia. Esta sacristia é abobadada e contém ao longo de toda a sua extensão várias pinturas murais alusivas a santos.

A parede que serve de arco a esta capela tem em ambos os colaterais, armários com embutidos onde se guardam relíquias de santos. Sobre estes estão dois quadros com a representação de Nossa Senhora (Evangelho) e Jesus Cristo (Epístola). O arco apresenta um belíssimo trabalho de pintura mural encimado com a representação do Santíssimo. No topo da sacristia, e ainda no arco, está uma tela do Bom Jesus que é venerada por Inácio de Loiola e Francisco Xavier.

Na parede testeira, está a dita capela que se compõe de mesa de altar e nicho com uma figura de vulto perfeito de Cristo Crucificado e imagens de santos, pousadas nas ilhargas. Igualmente, este arco da capela apresenta o mesmo trabalho de pintura. Dentro desta foram colocados nos anos 1960' restos dos mosaicos e azulejos que foram do Convento de Nossa Senhora da Graça e do altar da sacristia da Igreja do Espírito Santo.

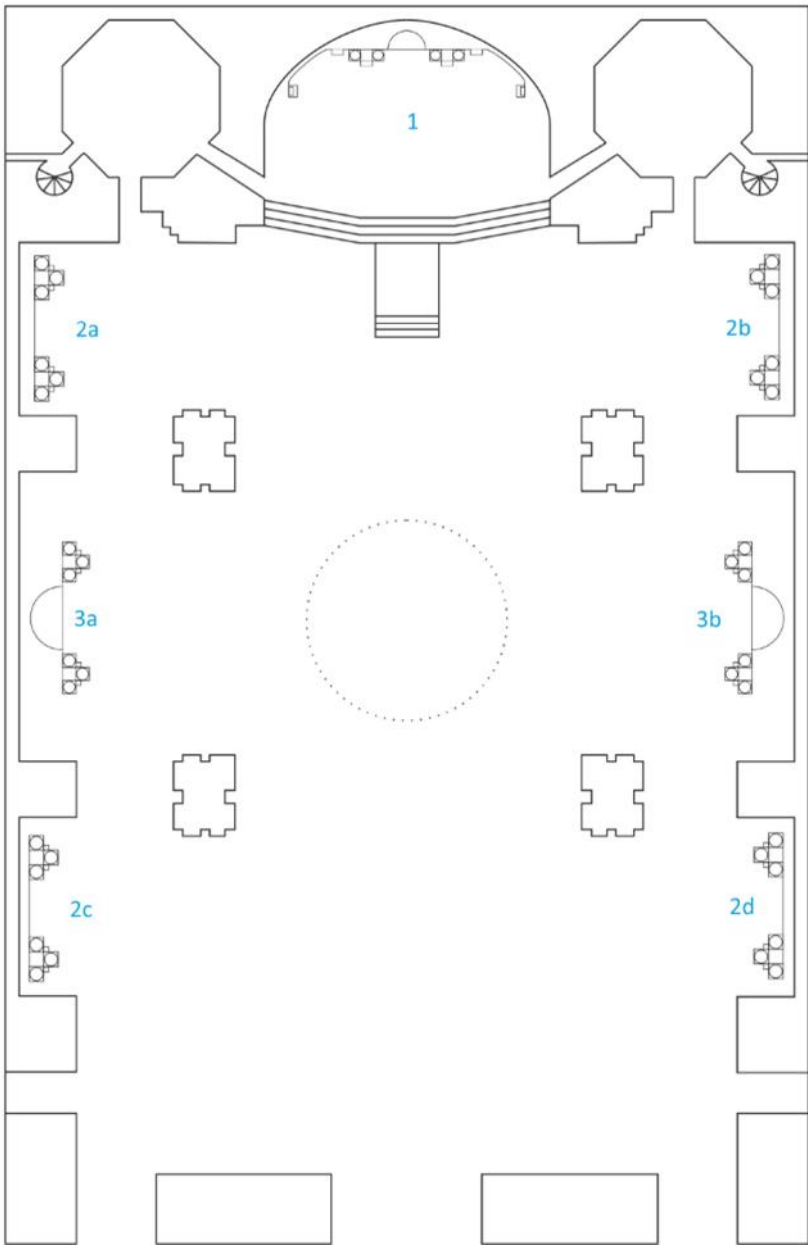
Bibliografia Específica:

Catão, p. 58.

Igreja da Divina Providência

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.505599 Long. 73.915247

1 |Retábulo da Ousia
2a |Retábulo da Sagrada Família
2b |Retábulo de Santo André Avelino
2c |Retábulo de São Gregório
2d |Retábulo de Santa Catarina
3a |Retábulo do Redentor
3b |Retábulo de São Caetano





1 |Retábulo de Nossa Senhora da Divina Providência

Risco e Entalhe*:* c.1710

Está localizado na ousia. Foi mandado executar por religiosos teatinos a expensas do Grão Duque da Toscana Cosimo III (o mesmo nobre que em 1698 ofereceu o trono de mármore para o mausoleu de São Francisco Xavier na Igreja do Bom Jesus, Velha Goa-Tiswadi) em c.1710. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe, no entanto, o retábulo filia-se no retábulo da ousia da Igreja de San Nicolo em Itália, igualmente regida por religiosos teatinos e cujo desenho foi executado por Guarino Guarini.

É um exemplar eucarístico na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Como especificidade refere-se o banco semicircular, que ocupa e segue a perspectiva da parede testeira. Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista.

No banco há quatro pedestais e seis modilhões. Nos pedestais, e em dois modilhões, assentam figuras de vulto perfeito de arcanjos (três de cada lado), quatro destes apresentando uma cartela com inscrições latinas: *se regras dat in praemium; se moriens in praemium; cun vescens in edulium; se nascens dedit soc[um]*. Nos restantes assentam colunas torsas, cuja ornamentação inscreve-se na garganta e compõe-se de acantos. A gramática decorativa no banco está dividida entre banco e sotobanco. O sotobanco apresenta três registos. Nas ilhargas da frente estão as portas de acesso às sacristias encimadas por um ático de motivos florais. No centro expõe-se o tabernáculo de planta poligonal com dois corpos, três tramos frontais e domo, assente em mesa de altar. Nas laterais do sotobanco – que avançam para o orador – incluem-se temas iconográficos clássicos. O banco acompanha toda a estrutura do sotobanco. Na frente estão modilhões triplos a ladear o tabernáculo e que servem de apoio às colunas e à figura de vulto do arcanjo ao centro dessas colunas que sustentam bastões. Nas ilhargas da frente estão mais dois arcanjos que sustentam escudos com inscrições latinas, sucedendo-se o mesmo nas ilhargas das laterais.

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago acompanhada de arcanjos. Sobre a arquivolta estão anjos que sustentam uma coroa real. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. O ático é uma composição côncava ladeada por colunas duplas onde se expõe um enorme resplendor de talha com coroa real que corta o frontão e o obriga a restringir-se às ilhargas. Assentam nele dois anjos, um de cada lado, que seguram turíbulos. A dimensão das estruturas – embasamento, corpo e ático – vai ficando reduzida na medida em que se investe o olhar para cima.

Apresenta ainda restos de douração e está em bom estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Lobo, p. 88; Telles, *Igrejas, Capelas, Conventos E Palácios Na Velha Cidade de Goa*, p. 52.



2 |Retábulos do corpo da Igreja

Risco e Entalhe*:* c.1675

Estão localizados no corpo da igreja e são dedicados a Sagrada Família (2a – Lado do Evangelho), Santo André Avelino (2b – Lado da Epístola), São Gregório (2c – Lado do Evangelho) e Santa Catarina (2d – Lado da Epístola). Foram mandados executar por religiosos teatinos por volta de 1675. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade refere-se a diferenciação de três terços nas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos e motivos florais. Neste assentam colunas torsas com diferenciação de três terços, delimitados por anel de acantos. O primeiro compõe-se de linhas com pontilhado helicoidal (duas colunas fluem para a direita e uma para a esquerda). Os restantes contêm uvas, parras e anjos. No tramo central, a pintura sobre madeira emoldurada por entablamento, expõe-se uma pintura alusiva ao orago (no retábulo de Santa Catarina [2d] está igualmente uma figura de vulto perfeito de Cristo Crucificado). Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes duas a duas em pedestais, evidencia-se a edícula que expõe figuras de vulto perfeito de santos (identificou-se a do retábulo de Santo André Avelino [2b]: Papa IV enquanto arcebispo na Ordem Teatina e companheiro de São Caetano na fundação da Ordem). O frontão é entrecortado e inclui a representação do Espírito Santo e uma cabeça de serafim, à excepção do retábulo de Santa Catarina [2d] que apresenta uma cruz e uma cabeça de serafim. Em todos os retábulos (excepto o de São Gregório [2c]) o frontão e rematado por uma coroa de metal.

Encontram-se em razoável estado de conservação. Apresentam ainda alguma douração.

Bibliografia Específica:

Lobo, p. 65; Telles, *Igrejas, Capelas, Conventos E Palácios Na Velha Cidade de Goa*, p. 52.



3 |Retábulos do corpo da Igreja

Risco e Entalhe*:* c.1675

Estão localizados no corpo da igreja e são dedicados a São Caetano (3a – Lado do Evangelho) e ao Senhor Redentor (3b – Lado da Epístola). Foram mandados executar por religiosos teatinos por volta de 1675. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade refere-se os colunelos torsos que assentam em mísulas a ladear o tramo central.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui um padrão floral que desenvolve a partir de um jarrão e circunda uma estrela. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo (composto de pontilhado e linhas helicoidais, sendo que duas colunas fluem para a direita e uma para a esquerda). A gramática decorativa inscreve-se na garganta das colunas e compõe-se de parras, uvas e fénixes. No tramo central, o nicho emoldurado por entablamento, expõe-se a figura de vulto perfeito alusiva ao orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes duas a duas em pedestais, evidencia-se uma pintura sobre madeira com a Visão de Nossa Senhora aos Teatinos (3b) e Ecce Homo (3a). Nas ilhargas dispõem-se duas figuras de vulto perfeito (uma de cada lado) de arcanjos (3a) e de São Pedro e São Paulo (3b). O frontão é curvo.

O retábulo apresenta ainda um guarda-pó em talha na mesma gramática decorativa, incluindo inclusive uma cartela clássica de enrolamentos e a representação do Espírito Santo.

Encontram-se em razoável estado de conservação. Apresentam ainda alguma douração.

Bibliografia Específica:

Lobo, p. 65; Telles, *Igrejas, Capelas, Conventos E Palácios Na Velha Cidade de Goa*, p. 52.

Igreja do Espírito Santo
do Convento de São Francisco (Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.503121, Long. 73.911344

1 |Retábulo da Ousia

2 |Retábulos Colaterais

3 |Retábulo da Senhora dos Milagres
Actualmente: na Igreja do Santo Espírito, Margão-Salcete

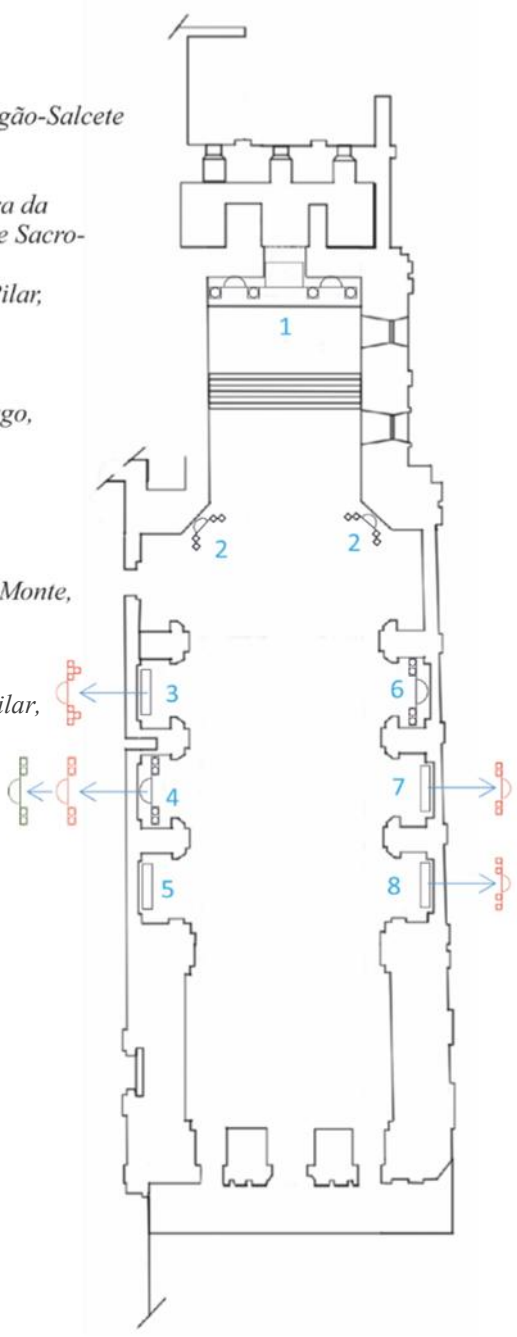
4 |Retábulo de Santa Isabel
no local: Retábulo da Capela de Nossa Senhora da Purificação, Convento de Santa Mónica, Monte Sacro-Tiswadi
Actualmente: na Igreja de Nossa Senhora do Pilar, Seraulim-Salcete

5 |Retábulo de Nossa Senhora da Porciúncula
Actualmente: na Igreja de São Filipe e São Tiago, Cortalim-Mormugão (Vestígios)

6 |Retábulo da Imaculada Conceição

7 |Retábulo de Nossa Senhora das Dores
Actualmente: na Capela de Nossa Senhora do Monte, Monte-Salcete

8 |Retábulo das Chagas de São Francisco
Actualmente: *na Igreja de Nossa Senhora do Pilar, Seraulim-Salcete*



Consultar no Apêndice Fotográfico:

3 |Capela de Nossa Senhora dos Milagres (estrutura existente nesta igreja, veja-se Fig. 71, p. 1035)
5 |Capela de Nossa Senhora da Porciúncula (estrutura existente nesta igreja, veja-se Fig. 6, p. 973)



1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* posterior a 1661

Está localizado na capela-mor ocupando a totalidade da parede testeira. Foi mandado executar por religiosos franciscanos depois de 1661. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar eucarístico na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é intercolúnios inscritos entre duas colunas. Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há quatro pedestais. A gramática decorativa no banco (disposta no banco e sotobanco) inclui decoração composta de relevos geometrizados e o segundo é de madeira entalhada contendo a representação de santos franciscanos (sotobanco). No centro surge um pequeno nicho que recorta a moldura da tribuna contendo uma imagem de Nossa Senhora das Neves. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo (com acantos, uvas e medalhões florais). Ao centro, abre-se uma grande tribuna toda forrada a talha, com luz natural posterior, onde se aloja o tabernáculo de planta octogonal sustentado pelos quatro Evangelistas e tem a particularidade de se constituir de portinholas que abrem e dão visibilidade a vidraças que deixam passar a luz. Nas ilhargas estão dispostos nos nichos dos intercolúnios, figuras de vulto dos santos São Boaventura, São Luis de Toulouse, São João Cupertino e São Bernardino de Sena.

Sobre o entablamento contínuo, o ático tem no centro as figuras de vulto de Francisco de Assis abraçado ao Cristo Crucificado, inseridos entre colunas duplas de decoração helicoidal assentes em mísulas e que sustentam um frontão aberto ladeado de aletas. Sobre pedestais estão duas figuras de vulto perfeito de São Pedro e de São Paulo. O topo é rematado com figuras celestes de corpo inteiro. O frontão é abaixado e inclui a simbologia do Espírito Santo.

A capela-mor contém nas paredes, dezasseis quadros alusivos à vida de São Francisco de Assis. Segundo alguns autores, este retábulo seria filiado do retábulo da ousia da Igreja de Nossa Senhora da Graça do Convento de Santo Agostinho que não subsistiu até aos dias de hoje

Encontra-se em bom estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, *Os Franciscanos No Oriente E Seus Conventos* (Goa: Tipografia Rau e Irmãos, 1922), p. 14; António Nunes Pereira, 'Convento de São Francisco E Igreja Do Espírito Santo', *Portal HPIP*, 2012 <http://www.hpip.org/Default/pt/Homepage/Obra?a=612> [accessed 24 January 2014].



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* finais do século XVII/princípios do XVIII

Localizam-se junto ao arco e são dedicados a Santo António de Lisboa (Evangelho) e ao Senhor Crucificado (Epístola). Foram mandados executar por religiosos franciscanos em finais do século XVII/princípios do XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Como especificidade destacam-se os colunelos assentes em mísulas que ladeiam o nicho do tramo central.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando perspectiva côncava. No banco há quatro pedestais sobre os quais assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo. A ornamentação das colunas situa-se na garganta e constitui-se de parras, acantos e outros elementos vegetalistas. A gramática decorativa do banco constitui-se de acantos que irradiam do centro. No tramo central, o nicho está emoldurado por uma arquivolta plena, e expõe a figura de vulto perfeito do orago. No retábulo da Epístola, esse nicho está emoldurado com uma série de anjos músicos que percorrem a arquivolta plena. Sobre a arquivolta expõe-se uma pequena moldura levada por dois anjos esvoaçantes com as insígnias franciscanas (Epístola)

Sobre o entablamento contínuo assenta o ático, que inclui uma edícula ladeada por colunas duplas de morfologia semelhante às do corpo, expondo uma figura de vulto perfeito de santas monjas. Compõe-se igualmente de frontão interrompido, onde assenta um anjo e outros dois – assentes em pedestais no entablamento – o sustentam. Inclui-se neste espaço um molho de frutos suspensos das mãos dos anjos. No topo da composição existem dosséis, um acrescento posterior.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, *Os Franciscanos No Oriente E Seus Conventos*, p. 15.


VIDI
SUBTUS ALTARE
ANIMAS

3 |Retábulo da Capela de Nossa Senhora dos Milagres

Risco e Entalhe*:* 2º quartel do século XVIII

Esta capela no lado do Evangelho está actualmente desprovida de talha. A consulta da bibliografia indica que o retábulo foi enviado para a capela do transepto da Igreja do Santo Espírito (Margão-Salcete). O retábulo original que deu o orago à capela terá sido mandado executar pela Confraria dos Milagres erecta em 1661 pelos mareantes da carreira do Estado. A estrutura existente nesta capela (no Apêndice Fotográfico, figura 71, p.1035) dificilmente corresponderá ao retábulo original dado que a Confraria, e provavelmente o retábulo, passaram para a Igreja de São Pedro (Panelim-Tiswadi) do qual já não existe vestígios. O retábulo da imagem terá sido mandado executar pelo clero secular no 2º quartel do século XVIII, desconhecendo-se a autoria do risco e do entalhe. É um retábulo de madeira entalhada, de um corpo e um tramo, devocional a um tema e modelo compositivo definido pelas colunas triplas a limitar o intercolúnio.

As colunas torsas assentam cada uma em seu pedestal. A gramática decorativa situa-se na espira e é composta de acantos e elementos florais. O tramo central apresenta um nicho que está hoje encerrado com vidro com a figura de vulto perfeito de São Miguel Arcanjo. O entablamento contínuo contém segmentos de frontão a ladear a edícula com arquivolta plena que por sua vez é circunscrita por colunas triplas (torsas e na mesma morfologia das anteriores). Nas ilhargas dois painéis entalhados em médio-relevo com enrolamentos ajudam a emoldurar a composição. No topo, o frontão é marcado por uma cartela envolta de aletas e ossadas, com a inscrição em latim *vidi subtus altare animas* – uma referência às almas.

Relativamente ao estado de conservação do suporte está em bom estado, no entanto, quando foi inventariado, estavam a decorrer nesta igreja obras de restauro. A fotografia foi tirada num momento de transição (2009), entre o desbaste das policromias originais e a reposição da policromia, que se resto já decorria noutros retábulos desta igreja. Uma segunda visita (2012) revelou a fraca qualidade da intervenção de restauro, existindo em grandes áreas, destacamentos da folha de ouro falso e escorrimentos de tinta acrílica que foi usada para a aderência da folha de ouro.

Bibliografia Específica:

Telles, *Os Franciscanos No Oriente E Seus Conventos*, p. 16; Ricardo Michael Telles, ‘Dispersão Dos Objectos Religiosos Em Goa’, 1935.



4 |Retábulo de Santa Isabel Rainha de Portugal na Igreja de Nossa Senhora do Pilar (Seraulim-Salcete)

Risco e Entalhe*:* 1º quartel século XVIII

Esta capela no corpo da igreja contém um retábulo oriundo do Convento de Santa Mónica (Monte Sacro-Tiswadi) cuja ficha de inventário é tratada em seguida. O retábulo original, porém, foi relocalizado na Igreja de Nossa Senhora do Pilar (Seraulim-Salcete) estando localizado junto ao arco da ousia, lado do Evangelho. Foi mandado executar por religiosos franciscanos no 1º quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Como especificidades referem-se os colunelos torsos assentes em mísulas que ladeiam o tramo central, a secção poligonal das colunas das ilhargas e a presença de quatro tipos de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos que irradiam de um centro floral. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo que inclui acantos e elementos florais. A ornamentação das colunas ocupa a totalidade do fuste e compõe-se de estrias helicoidais. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora. Sobre a arquivolta, dois anjos esvoaçantes seguram uma coroa de flores. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre modilhões duplos, evidencia-se a edícula onde se expõe uma imagem de vulto perfeito. Nas ilhargas dois painéis lobados, entalhados em médio-relevo com acantos e elementos florais, compõem o conjunto. O frontão é abaixado e apresenta a figura de Deus Pai no centro.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia específica:

Telles, ‘Dispersão Dos Objectos Religiosos Em Goa’; Telles, *Os Franciscanos No Oriente E Seus Conventos*, p. 16.



4 |Retábulo da Capela de Nossa Senhora da Purificação do Real Convento de Santa Mónica (Velha Goa-Tiswadi)

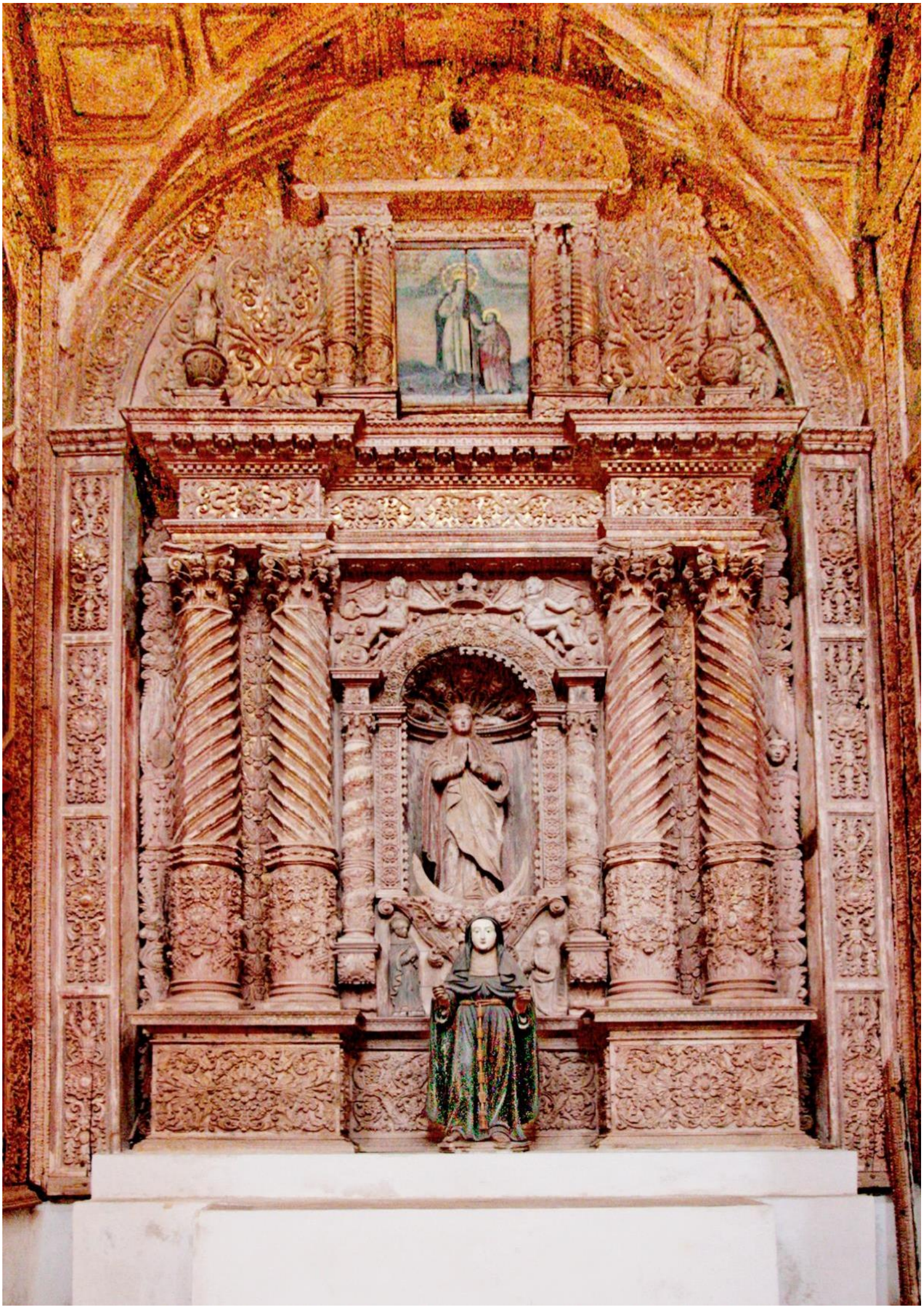
Risco e Entalhe*: c.1613*

Está localizado no corpo da igreja, lado da Epístola. Foi mandado executar por religiosos agostinhos depois de 1661. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe. Graças à produção fotográfica da Brigada de Monumentos da Índia Portuguesa liderada por Mário Tavares Chicó (equipa constituída por Carlos de Azevedo, Martinho Humberto Reis e José Carvalho Henriques), foi possível identificar a origem deste retábulo que é oriundo de uma das capelas abobadadas dos baixos, na ala norte do convento de Santa Mónica. Terá sido levado para aqui após 1951 data que corresponde à fotografia de José Carvalho Henriques.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Como especificidade refere-se a gramática decorativa das colunas – um padrão enxaquetado que é raro no território inventariado. Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui a expressão latina**:** *suscepimus deus misericordiam tuam medio templi tui secundu nomen tuum deus ita [laustan] fines terrae iustitia plena est dextera tua* (Recebemos sua misericórdia no meio de vosso templo para teu nome, ó Deus, para que *[laustan]* confins da terra; a tua mão direita está cheia de justiça). Neste assentam colunas de fuste padronado que assume um padrão enxaquetado floral e diferenciação do imoscapo com acantos e cabeças de serafins. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora. O entablamento contínuo inclui uma nova inscrição latina: *nunc dimittis servun tu un domine secundum verbum tu un in pace (de acordo com a palavra do senhor deixar agora este servo em paz….?)*. Neste assenta o ático. No centro, inscrito entre duas colunas (da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes em mísulas, evidencia-se um painel em medio-relevo com a representação da apresentação ao templo. O frontão é interrompido pela representação em médio-relevo de Deus Pai. Encontra-se em razoável estado de conservação. Algumas cabeças de serafim estão desaparecidas e o frontão apresenta destacamento.

Bibliografia Específica:

Telles, *Os Franciscanos No Oriente E Seus Conventos*, p. 16; Mário Tavares Chicó, *Convento Das Mónicas, Interior, Altar*, Brigada Dos Monumentos Da Índia Portuguesa (Índia, Goa, Velha Goa: Junta das Missões, 1951), Fundo Mário e Alice Chicó, 121082 <HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_121082 (2015-3-6)>; Frei Diogo Sant'Ana, 'Frei Diogo de Santana, Apologia Do Insigne Mosteiro de Santa Mónica de Goa' (Goa, 1633), PT/TT/MSLIV/2236 <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4538235>.



6 |Retábulo da Imaculada Conceição
Risco e Entalhe*:* 1º quartel do século XVIII

Está localizado no corpo da Igreja, lado da Epístola. Foi mandado executar por religiosos franciscanos. A bibliografia consultada aponta a datação deste retábulo para c.1638, no entanto, é mais provável que seja um exemplar do 1ª quartel do século XVIII. A documentação existente regista em 1520 um pedido de Frei António Padrão a solicitar ao rei a execução de onze retábulos (e em particular um da Imaculada) enviando os necessários fundos para a sua execução. Todos estes retábulos do pedido ao rei são para o primeiro edifício de 1521. Em 1638 a Confraria da Imaculada Conceição que ficava nesta capela muda-se com os seus pertences para a Igreja de São Pedro (Panelim-Tiswadi). Não existe referência de transferência do retábulo com a confraria nem existe na Igreja de São Pedro um exemplar que possa corresponder pelo que deduzimos que esse retábulo terá desaparecido. O retábulo que aqui vemos deverá ter sido executado após a mudança da confraria. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Como especificidades referem-se os colunelos torsos assentes em mísulas a ladear o tramo central e a secção poligonal das colunas. Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando perspectiva côncava. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui um padrão de acantos e motivos florais. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo que inclui uvas e acantos que se desenvolvem a partir de um centro floral. A ornamentação das colunas ocupa a totalidade do fuste e compõe-se de estrias helicoidais. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. A abóbada da arquivolta é composta de cabeças de serafins. Abaixo, esculpidas em médio-relevo, estão duas figuras orantes Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas (de fuste estriado e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes duas a duas em pedestais, evidencia-se uma pintura sobre madeira da Imaculada e de Cristo. O frontão é interrompido. Encontra-se em razoável estado de conservação. A capela onde se insere é toda forrada a talha e contém quadros do Mistério da Assunção da Senhora.

Bibliografia específica:
Georg SJ Shurhammer, ‘Carta Inédita Sobre a Fundação Do Convento de São Francisco de Goa’, *Boletim Do Instituto Vasco Da Gama*, 1957, 56–66 (p. 65); Telles, *Os Franciscanos No Oriente E Seus Conventos*, p. 16.



7 |Retábulo da Senhora das Dores na Capela de Nossa Senhora do Monte (Monte-Salcete)

Risco e Entalhe*:* 1º quartel do século XVIII

O retábulo, original desta capela do corpo da igreja, foi relocalizado na Capela de Nossa Senhora do Monte (Monte-Salcete). Está localizado na ousia. Foi mandado executar por religiosos franciscanos durante o 1º quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Como especificidades referem-se os colunelos estriados assentes em mísulas que ladeiam o tramo central, a secção poligonal das colunas e a presença de quatro tipos de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos que irradiam de um centro floral. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo que inclui acantos e elementos florais. A ornamentação das colunas ocupa a totalidade do fuste e compõe-se de estrias helicoidais. A secção das colunas é poligonal. No tramo central, o nicho emoldurado por um arco lobado, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora. Sobre a arquivolta, dois anjos esvoaçantes seguram uma coroa de flores. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas (torsas com decoração na garganta do fuste e imoscapo diferenciado), evidencia-se a edícula onde se expõe uma imagem de vulto perfeito de Cristo Rei. Nas ilhargas dois painéis, entalhados em médio-relevo com acantos e elementos florais, compõem o conjunto. O frontão é abaixado e apresenta a figura do Espírito Santo no centro.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia específica:

Telles, 'Dispersão Dos Objectos Religiosos Em Goa'; Telles, *Os Franciscanos No Oriente E Seus Conventos*, p. 16.



8 |Retábulo das Chagas de São Francisco na Igreja de Nossa Senhora do Pilar (Seraulim-Salcete)

Risco e Entalhe*:* 1º quartel do século XVIII

O retábulo, original desta capela do corpo da igreja, foi relocalizado na Igreja de Nossa Senhora do Pilar (Seraulim-Salcete). Está localizado junto ao arco da ousia, lado da Epístola Foi mandado executar por religiosos franciscanos no 1º quartel do século XVIII, confirmando-se pela iconografia do brasão real que se inclui neste retábulo (que foi usado durante parte do reinado de D. Pedro II, entre 1667-1707). Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Como especificidades referem-se os colunelos estriados assentes em mísulas que ladeiam o tramo central, a secção poligonal das colunas das ilhargas e a presença de quatro tipos de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos que irradiam de um centro floral. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo que inclui acantos e elementos florais. A ornamentação das colunas ocupa a totalidade do fuste e compõe-se de estrias helicoidais. A secção das colunas das ilhargas é poligonal. No tramo central, o nicho emoldurado por um arco lobado, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de São Sebastião. Sobre a arquivolta, dois anjos esvoaçantes seguram uma coroa real com brasão real do reinado de Dom Pedro II. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas (torsas com decoração na garganta do fuste e imoscapo diferenciado), evidencia-se a edícula onde se expõe uma imagem de vulto perfeito de um santo monge. Nas ilhargas dois painéis, entalhados em médio-relevo com acantos e elementos florais, compõem o conjunto. O frontão é abaixado e com volutas e apresenta as insígnias franciscanas no centro.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia específica:

Telles, ‘Dispersão Dos Objectos Religiosos Em Goa’; Telles, *Os Franciscanos No Oriente E Seus Conventos*, p. 16.



6 |Retábulo da Ascensão de Nossa Senhora
Risco e Entalhe*:* 2º quartel do século XVIII

Está localizado no antigo claustro, hoje instalações do Archaeological Museum do A.S.I. Foi mandado executar por religiosos franciscanos. É um exemplar do 2ª quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

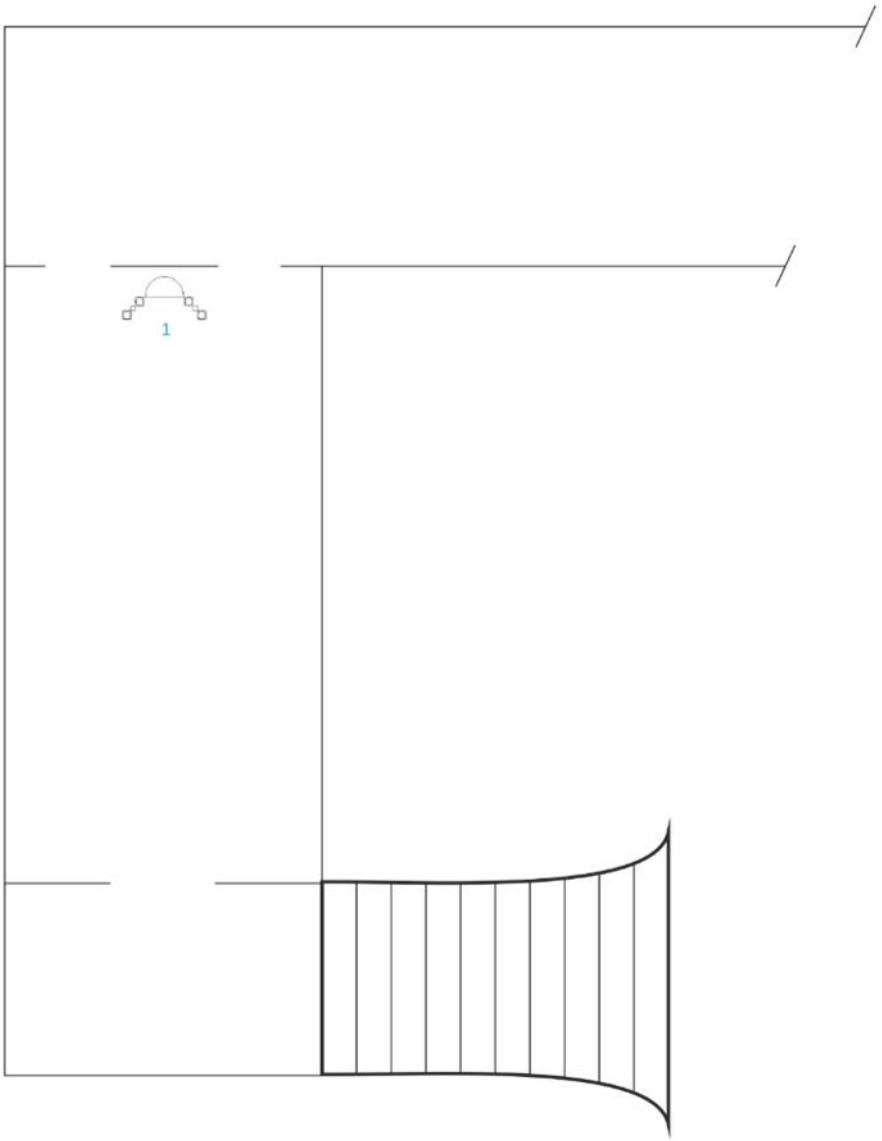
É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é intercolúnio inscrito entre duas colunas. Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui um padrão de acantos e motivos florais. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo que inclui cabeças de serafins e acantos. A ornamentação das colunas ocupa a totalidade do fuste e compõe-se de estrias com ritmo helicoidais. Nas ilhargas, duas figuras ervadas – uma de cada lado – fazem pender cachos de frutos envoltos em folhagens. No tramo central, a pintura sobre madeira emoldurada por entablamento, expõe-se uma cena alusiva a Nossa Senhora. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático, composto de frontão de volutas. Encontra-se em razoável estado de conservação.

Foto: Natasha Fernandes

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Capela de Nossa Senhora do Monte Carmelo
do Palácio Arquiepiscopal (Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.503718 Long. 73.911519

1 |Retábulo de Nossa Senhora do Carmo





1 |Retábulo de Nossa Senhora do Carmo no Palácio Arquiepiscopal

Data: c.1713

Sabemos pelas crónicas de Pyrard de Laval que o Palácio e capela estavam terminados em 1608 estando já a residir Dom Frei Aleixo de Menezes. Da sua época é o excelente trabalho de esgrafito que inclui figuração da emblemática Agostinha – as águias bicéfalas. O retábulo, porém, é de execução posterior, certamente já no final da prelazia de Dom Frei Agostinho da Anunciação (1691-1713), dos Frades Conventuais da Ordem de Cristo, acumulando o cargo de conselheiro no 7º e 8º Conselho de Governo Interino da Índia Portuguesa (1691-2 e 1701-2).

Está localizado na ousia. Terá sido mandado executar por Dom Frei Agostinho da Anunciação entre 1691-1713, data em que presidiu ao Arcebispado. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de elementos arquitectónicos triplos (duas colunas e uma pilastra). Como especificidade refere-se a arquivolta plena no ático, formada pela continuidade das colunas.

Constitui-se de madeira entalhada e policromada, apresentando perspectiva côncava. No banco há quatro pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos com grande estilização. Neste assentam duas colunas torsas e uma pilastra entre estas. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de acantos. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago.

O entablamento restringe-se aos elementos arquitectónicos apresentando os três elementos clássicos: arquitrave, friso e cornija. O ático consiste no seu ático de arquivoltas que se desenvolve a partir das colunas e da pilastra criando o efeito visual de arco entrecortado por cinco aduelas.

Encontra-se em bom estado de conservação. Não apresenta douração.

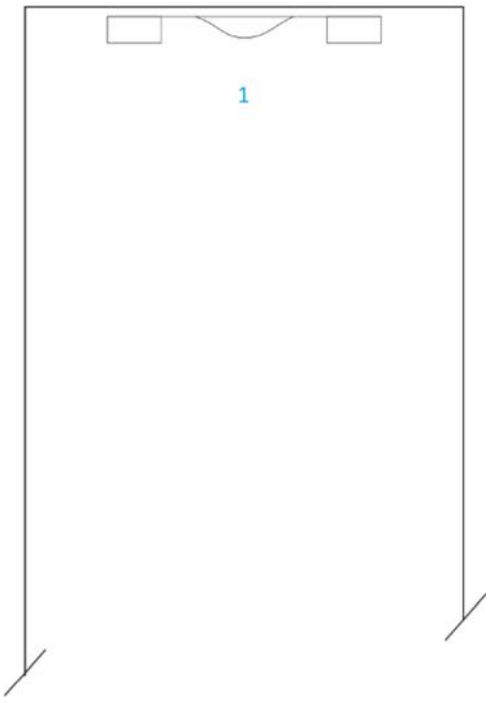
Bibliografia específica:

José Meco, 'A Talha Indo-Portuguesa', in *Actas Do 2º Colóquio de Artes Decorativas* (presented at the As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa: Imaginário e Viagem, Lisboa: ESAD, 2010), I, p. 320.

Capela de São Francisco Xavier

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.499795 Long. 73.918891

1 |Retábulo da Ousia





1 |Retábulo da Ousia da Capela de São Francisco Xavier

Risco e Entalhe*:c.1859*

Esta capela é uma das que pode corresponder a original Capela de São Jerónimo onde Francisco Xavier costumava fazer as suas orações e onde teve visões místicas, tendo a capela sido dedicada depois da canonização.

É um retábulo devocional a um tema, de um corpo e um tramo, de madeira entalhada e policromada de feição simples, colocado na parede testeira da ousia da capela mandado executar em c.1859 pelo clero secular, quando se fizeram obras nesta capela. Não se exclui que as partes constituintes possam ter vindo de retábulos mais antigos que tenham sido desmantelados. Compõe-se de banco, corpo e ático. Desconhece-se a identidade do *risco* e do entalhe.

Os pedestais são decorados com uma flor estrelada de oito pontas. Sobre estes estão as pilastras. No tramo central, sobre uma mísula, expõe-se a figura de vulto do santo. O ático é curvo com uma arquivolta de cartelas e expõe as insígnias marianas.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia específica:

Lobo, p. 88.

Igreja do Convento de Santa Cruz dos Milagres (Monte Boa Vista (Velha Goa)-Tiswadi, Goa, Índia)

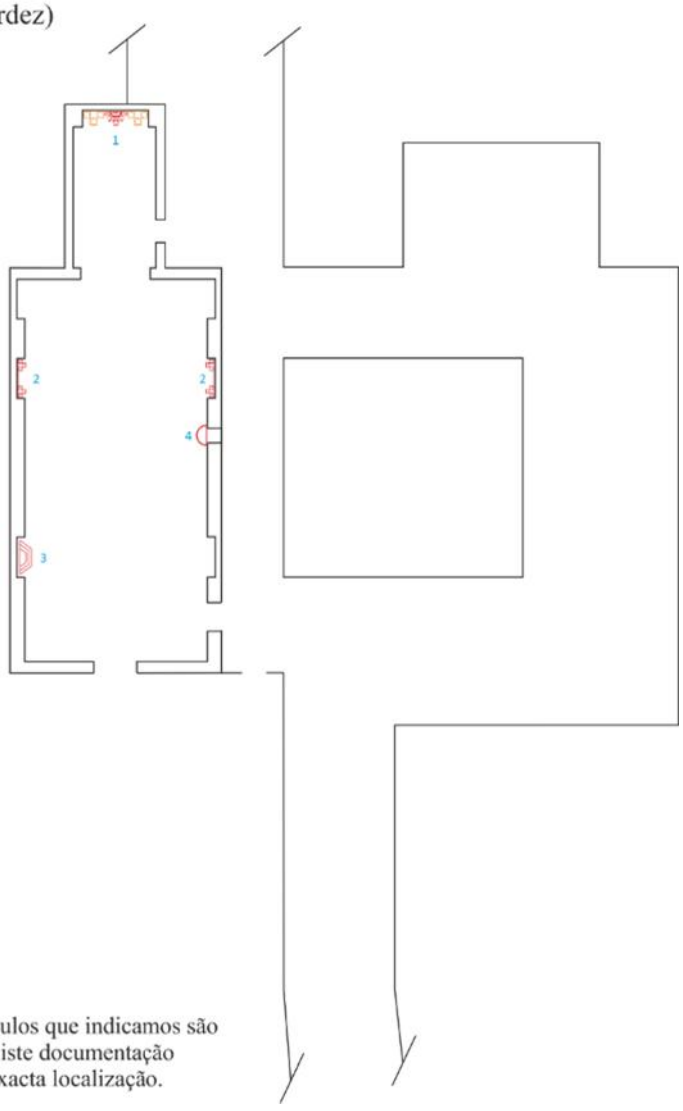
Lat. 15.492231, Long. 73.913232

1 |Retábulo do Trono das Relíquias
Na Igreja do Socorro (Socorro-Bardez)

2 |Retábulos do Corpo da Igreja
Na Igreja de Santo Aleixo (Calangute-Bardez)

3 |Retábulo da Cruz dos Milagres
Na Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi)

4 |Púlpito
Na Igreja do Socorro (Socorro-Bardez)

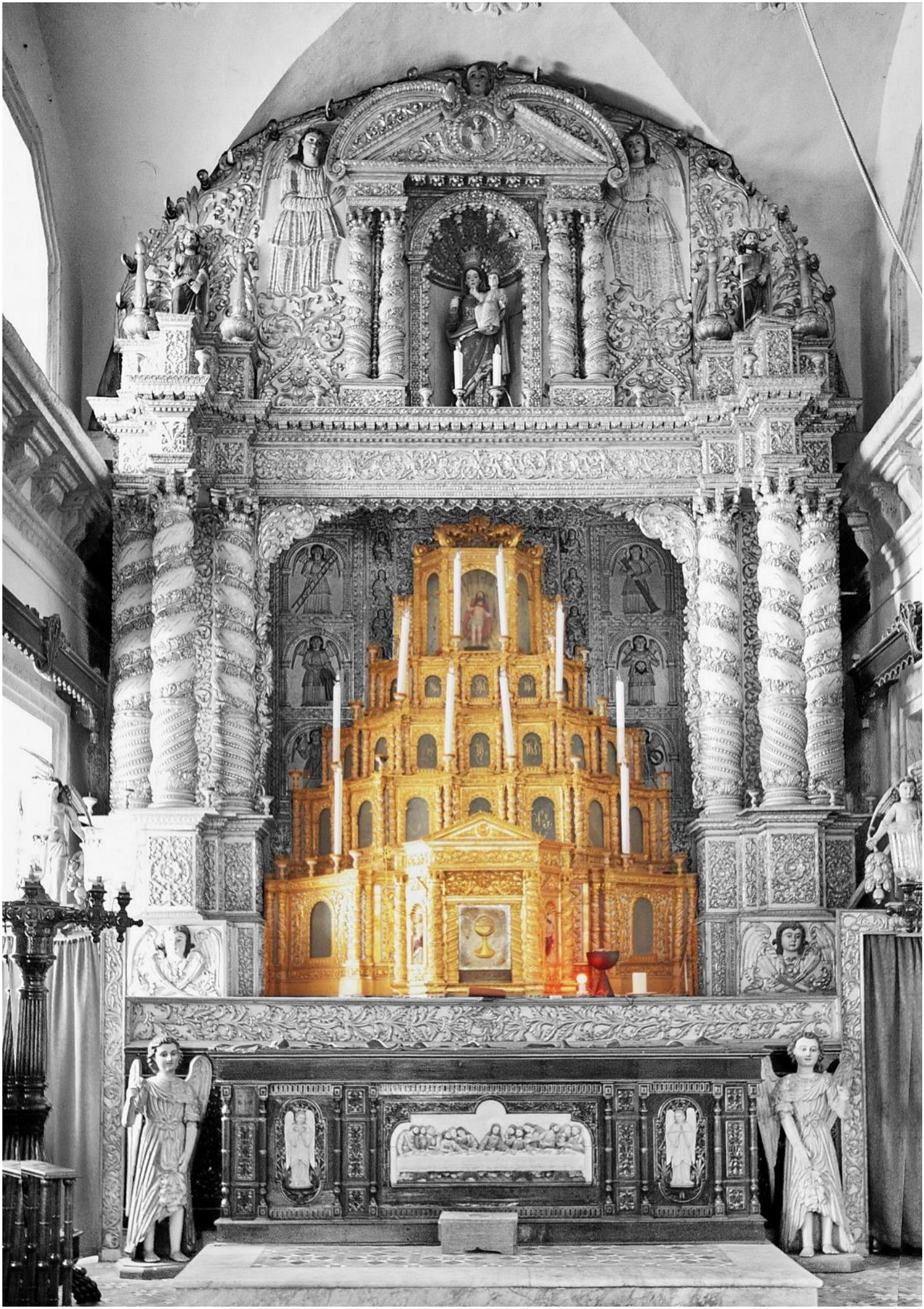


Nota: as localizações em planta dos retábulos que indicamos são meramente informativas dado que não existe documentação satisfatória para definir com rigor a sua exacta localização.

Consultar no Apêndice Fotográfico:

2| Retábulo de Nossa Senhora do Monte, Colateral relocalizado na Igreja de Santo Aleixo 8Calangute-Bardez)
4 | Púlpito, relocalizado na Igreja de Nossa Senhora do Socorro (Socorro-Bardez), Fig. 60, p.1040
- Novos retábulos para a Igreja do Convento da Santa cruz dos Milagres, em execução em 2012 na oficina de Lenny Barreto (Apêndice Fotográfico, Fig. 59, p. 1039

Nota: o retábulo da Santa Cruz dos Milagres pode ser consultado na ficha da Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi)



1 |Retábulo do Trono das Relíquias

Risco e Entalhe*:* 2ª metade do século XVIII

Está localizado na ousia da Igreja do Socorro (Socorro-Bardez). Não se sabe a data exacta da sua transferência mas terá sido após 1835. A documentação indica que apenas o trono das relíquias foi transferido. A análise à morfologia das Ordens Arquitectónicas do retábulo onde se insere (com solução típica do Barroco Pleno) permite concordar com a documentação. Infelizmente não é possível atribuir a sua localização original ou mesmo saber se este trono era complementado com mais alguma estrutura retabular. Foi mandado executar por religiosos da Congregação do Oratório na 2ª metade do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar relicário, com planta convexa, constituído de madeira entalhada e policromada.

O trono é poligonal constituído de 5 corpos. O primeiro corpo tem 4 tramos, formados nos intercolúnios (com colunas torsas e imoscapo definido por anel, num conjunto de três, cuja decoração de motivos vegetalistas se localiza na espira da coluna), com dois nichos visíveis para relíquias. Ao centro está o sacrário que não permite visualizar todos os nichos (o sacrário será original do retábulo onde está este trono). O segundo e terceiro corpo têm 7 tramos, cada um com nichos para relíquias. As colunas triplas seguem o mesmo tipo de morfologia das do registo anterior. O quarto corpo tem 5 tramos, colunas triplas da mesma morfologia. O quinto e último corpo tem 3 tramos, formados nos intercolúnios com uma coluna morfologicamente iguais às dos restantes registos e alberga uma figura de vulto perfeito de santo. O topo é formado por uma composição que se assemelha a uma coroa.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Miguel Caetano de Miranda, 'A Santa Cruz Dos Milagres', *Boletim Eclesiástico Da Arquidiocese de Goa*, II, 1945, p. 352; Telles, 'Dispersão Dos Objectos Religiosos Em Goa'.



2 |Retábulos das Santas Almas e de Nossa Senhora do Monte

Risco e Entalhe*:* 2ª metade do século XVIII

Localizam-se no corpo da Igreja de Santo Aleixo (Calangute-Bardez) e são dedicados a Nossa Senhora do Monte (Evangelho) e a Santas Almas (Epístola). Foram mandados executar pelos religiosos da Congregação do Oratório na 2ª metade do século XVIII. São retábulos que ainda se prendem com uma solução de colunas do período anterior (Barroco Pleno) mas que já adoptam soluções típicas do seu tempo (entablamento). Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais sobre os quais assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel. A decoração nas colunas cinge-se à espira e é composta de elementos vegetalistas. A gramática decorativa do banco constitui-se de elementos vegetalistas. No tramo central do retábulo do Evangelho, o nicho está emoldurado por uma arquivolta plena, e contem a imagem de vulto perfeito do orago, colocada sobre a representação do monte. No retábulo da Epístola o nicho contém um painel entalhado em médio-relevo com a representação das Santas Almas. Ambos os nichos têm um panejamento cenográfico. O entablamento contínuo cinge-se às ilhargas. O ático composto de frontão que de volutas, inclui uma edícula onde se expõem pequenas figuras de vulto.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

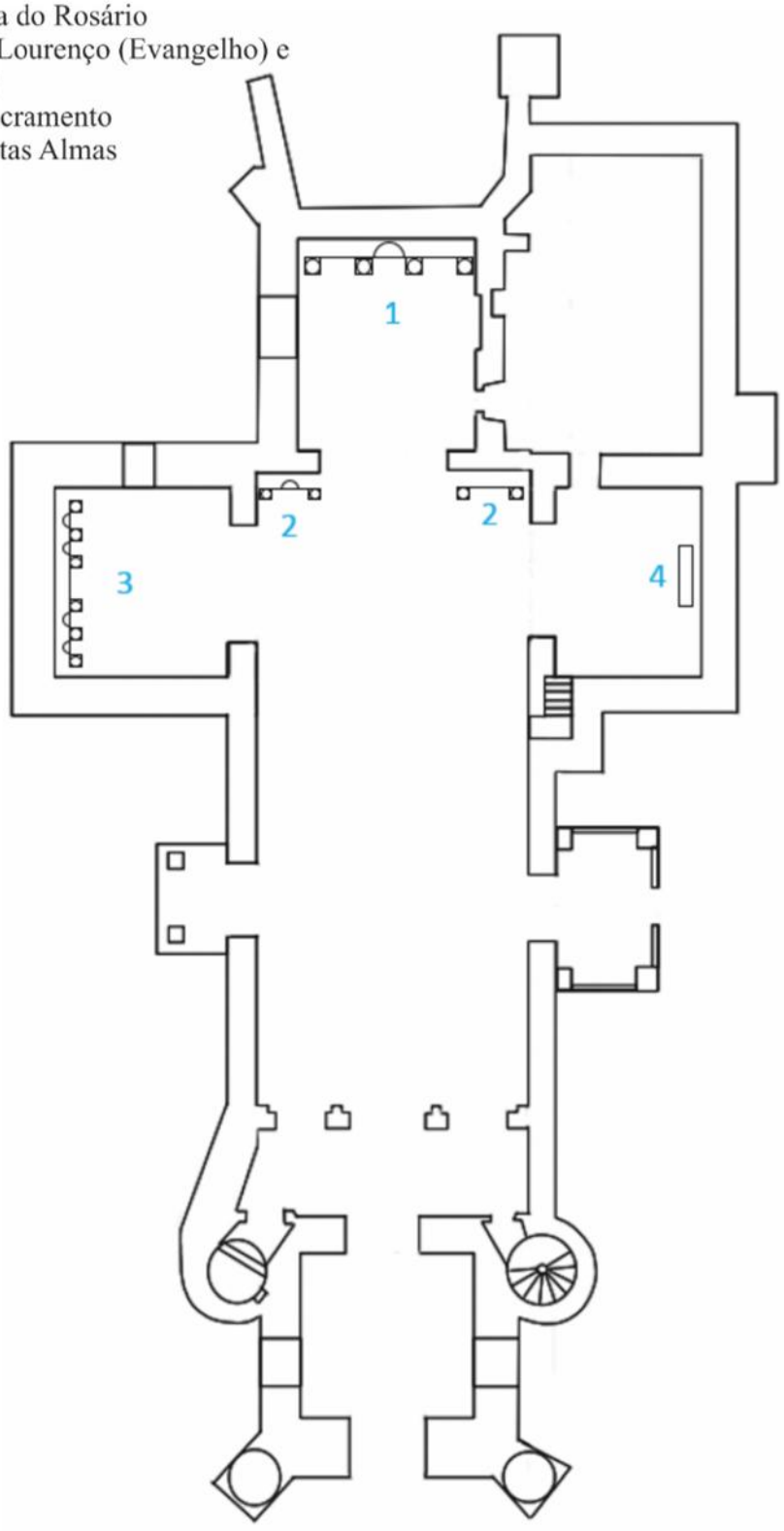
Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, ‘Igrejas de Capelas de Calangute’, *A Voz de São Francisco Xavier*, IV (1935), 566 (p. 566); Telles, ‘Dispersão Dos Objectos Religiosos Em Goa’.

Capela de Nossa Senhora do Rosário

(Monte Sacro-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.501817 Long. 73.905023

1 |Retábulo de Nossa Senhora do Rosário
2 |Retábulos Colaterais: São Lourenço (Evangelho) e Cristo Crucificado (Epistola)
3 |Retábulo do Santíssimo Sacramento
4 |Local do Retábulo das Santas Almas





1 |Retábulo de Nossa Senhora do Rosário

Risco e Entalhe*:* c.1549

Está localizado na parede testeira da Ousia. Foi mandado executar pela Confraria do Rosário à custa da Fazenda Real sob orientação dos religiosos de São Domingos por volta de 1549. Conhece-se a carta datada de 25 de Outubro de 1549 que foi enviada ao rei solicitando um retábulo *«bem empeçado de maneyra que ha humydade do mar o nam dane, nem faça nojo as imagens e tymtas»* para substituir o retábulo existente que era muito pequeno. Solicitava-se que tivesse *«vymte cymquo palmos de altura, com seu pe e guarda pe, he dezanove de largo com os paynes e figuras que a obra requer», tudo segundo o modelo da «capella de Nosa Senhora de Rosario do Mosteiro de Sam Domymgos de Lysboa, ou como a Vosa Alteza parecer melhor».* Apesar de se desconhecer a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe, podemos afirmar que se trata de um retábulo executado em Portugal.

É um exemplar narrativo na tipologia menos frequente de três corpos e três tramos cujo modelo compositivo é intercolúnios inscritos entre duas colunas. Como especificidade refere-se o tramo central que ocupa a medida de dois corpos – o primeiro e segundo. Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há quatro pedestais sobre os quais assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo com cabeças de serafins, grinaldas e frutos. Está ainda uma banqueta de dois degraus com anjos e pelicanos (símbolo da ordem religiosa de São Domingos) a segurar grinaldas de frutos que acreditamos ser uma adição ao retábulo original executada já em solo goês. No primeiro e segundo corpo, o tramo central – que foi rasgado numa alteração posterior – encontra-se o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, onde se expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Nas ilhargas, estariam pinturas sobre madeira que actualmente são representadas por tábuas de cor simples e pinturas descontextualizadas de jarrões. O entablamento entre estes dois corpos compõe-se de vegetalismos e uma cabeça de serafim ao centro. Sobre o entablamento contínuo, composto de anjos e fénixes que expelem, grinaldas, assenta o terceiro corpo. No centro deste entablamento estão dois anjos a segurar uma estrutura que actualmente se encontra vazia de ornamentação mas que corresponde a um brasão real. Neste terceiro corpo, o tramo central contém três painéis simples inscritos entre colunas de igual gramática decorativa. Acima, está o entablamento contínuo composto de várias cabeças de serafins. No ático encontra-se ao centro um painel simples com frontão ondulado, inscrito entre duas colunas de igual gramática decorativa, onde se expõem figuras de vulto perfeito a cena do Calvário.

Encontra-se em razoável estado de conservação. A capela-mor onde se insere tem abóbada de nervuras.

Bibliografia Específica:

Telles, *Igrejas, Capelas, Conventos E Palácios Na Velha Cidade de Goa*, p. 71; Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 22; António da Silva Rego, 'Carta da Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Goa a El-Rey (25 Outubro 1549)', in *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente (Índia)*, Edição Facsimilar do original de 1952 (Lisboa: Agencia Geral das Colónias, 1991), IV, 359–61.



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* final do século XVI/princípio do século XVII

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a São Lourenço (Evangelho) e a Cristo Crucificado (Epístola). Foram mandados executar à custa da Fazenda Real pelos religiosos de São Domingos sob pedido do Governador Martim Afonso de Sousa e por doação de terreno por Pedro Faria, Capitão de Malaca, no final do século XVI/princípio do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é intercolúnio inscrito entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada, apresentando planta plana. No banco há duas mísulas sobre os quais assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo composto de cabeças de serafins, grinaldas e frutos. A gramática decorativa do banco constitui-se de cartelas, grinaldas, cabeças de serafins e frutos. No tramo central do retábulo do Evangelho, o nicho está emoldurado por uma arquivolta plena, cuja abóbada está desaparecida, e quatro cenas pintadas alusivas à vida do Santo. No retábulo da Epístola está disposta uma figura de vulto perfeito de Cristo Crucificado. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático composto de frontão que é interrompido. Este elemento apresenta partes em falta, inclusive, o retábulo do lado do Evangelho não possui ático.

Encontram-se em razoável estado de conservação. Já não apresentam douração ou policromias.

Bibliografia Específica:

Telles, *Igrejas, Capelas, Conventos E Palácios Na Velha Cidade de Goa*, p. 71; Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 22.



3 |Retábulo do Santíssimo Sacramento

Risco e Entalhe*:* final do século XVI/princípio do século XVII (retábulo), 1ª metade século XVIII (Sacrário)

Está localizado no transepto no lado do Evangelho. Foi mandado executar por à custa da Fazenda Real pelos religiosos de São Domingos sob pedido do Governador Martim Afonso de Sousa e por doação de terreno por Pedro Faria, Capitão de Malaca, final do século XVI/princípio do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar eucarístico na tipologia menos frequente de quatro corpos e cinco tramos cujo modelo compositivo é intercolúnios inscritos entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada, apresentando planta plana. No banco há seis pedestais sobre os quais assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo que contém cabeças de serafins, cartelas, frutos e grinaldas. No primeiro e segundo corpo, o tramo central compõe-se de painel que outrora deveria ter pintura, onde se expõe hoje um sacrário poligonal com dois corpos e três faces visíveis e domo, certamente de execução posterior – provavelmente da 1ª metade do século XVIII – dado que apresenta colunas torsas com decoração cingida à garganta de motivos vegetalistas. Sobre o entablamento contínuo assenta o terceiro corpo. No terceiro e no quarto corpo, o tramo central contém um painel simples conde se expõe a figura de vulto de Cristo Crucificado e dois Santos num tema alusivo ao calvário. Nas ilhargas de todos os corpos existem edículas – duas de cada lado – expondo figuras de vulto perfeito dos apóstolos. São um total de dezasseis. Está despojado de ático.

Encontra-se em razoável estado de conservação. Não tem qualquer douração ou policromia. Existem partes constituintes neste retábulo que foram executadas pela equipa do A.S.I. e que são perfeitamente distinguíveis pela diferença cromática da madeira, uma solução propositada da referida equipa.

Bibliografia Específica:

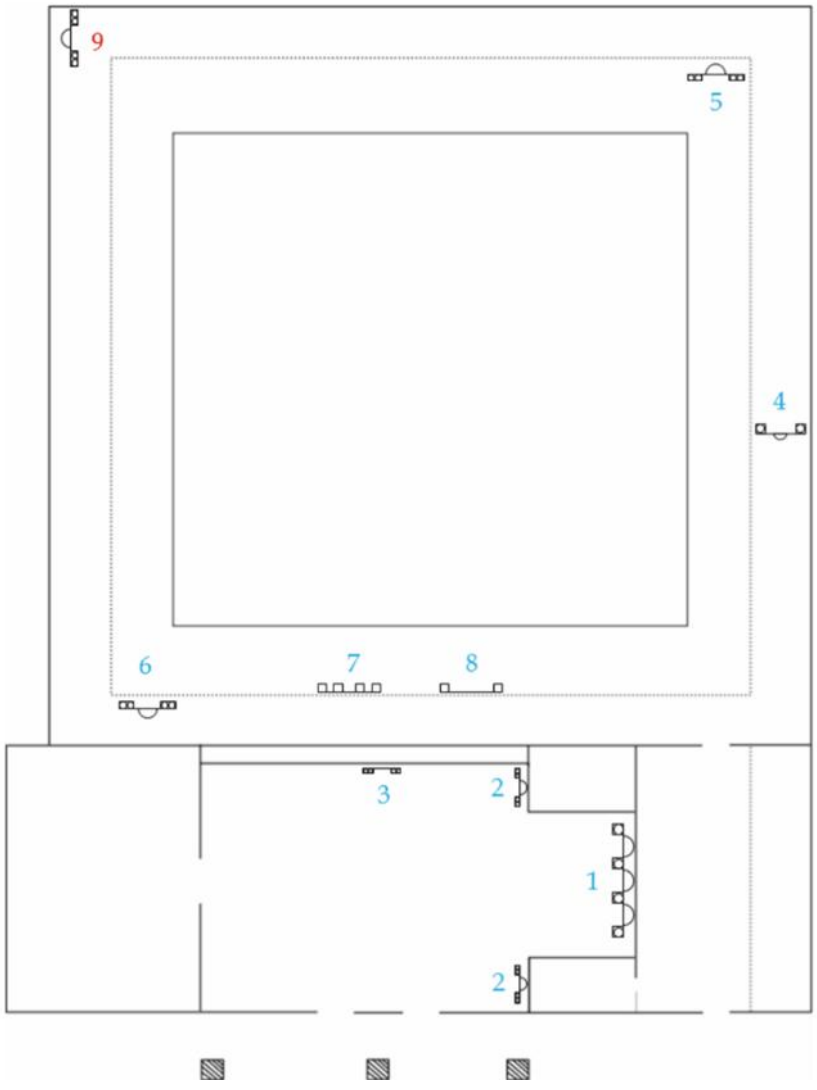
Telles, *Igrejas, Capelas, Conventos E Palácios Na Velha Cidade de Goa*, p. 71; Telles, *Velha Cidade de Goa*, p. 22.

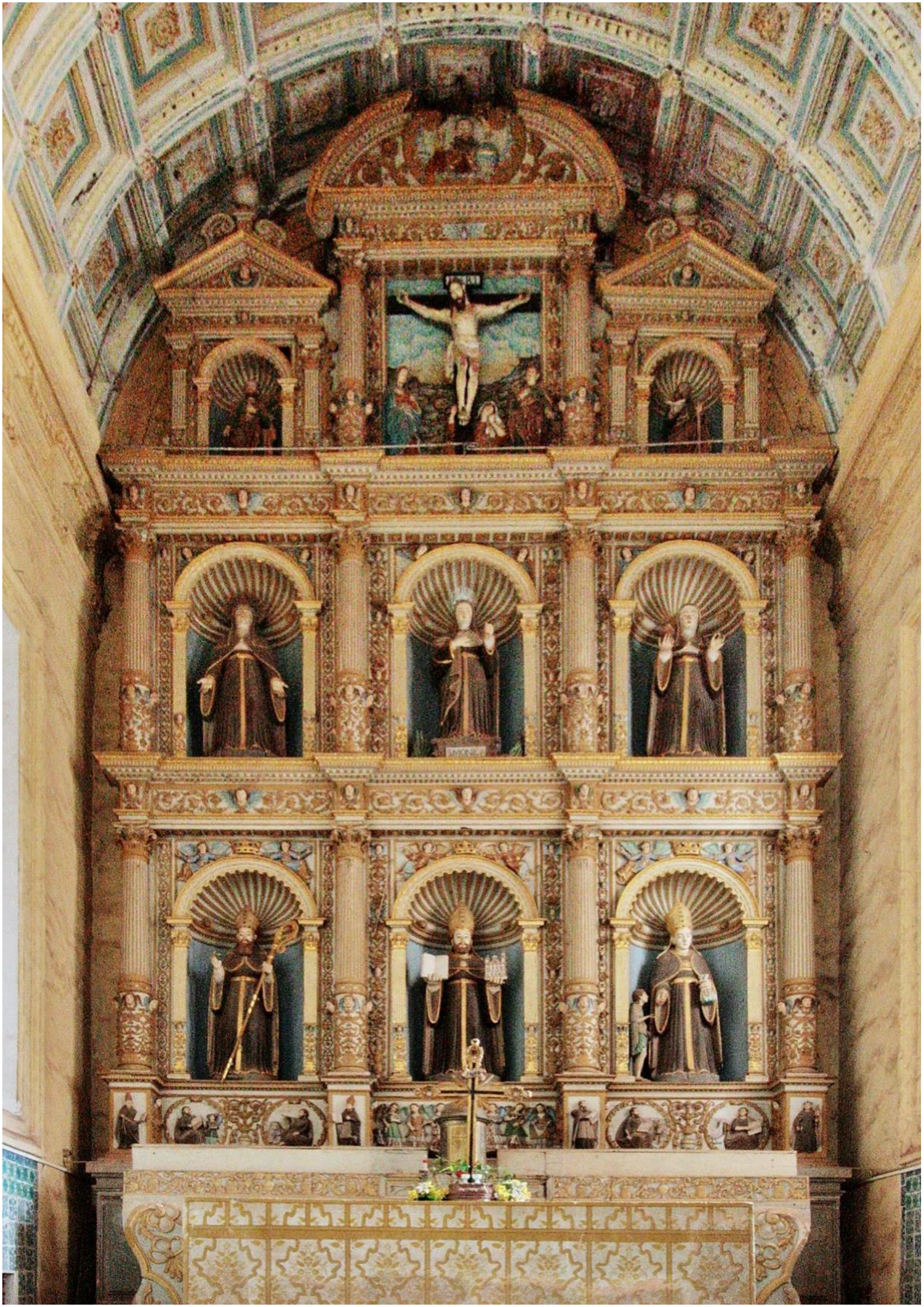
Igreja de Santa Maria

Real Convento de Santa Mónica (Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.501494 Long. 73.907296

1 |Retábulo da Ousia
2 | Retábulos Colaterais
3 |Retábulo da Cruz Milagrosa (Weeping Cross)
4 |Retábulo da Capela da Aula Magna (Ala Este)
5 |Retábulo do Claustro (Ala Norte)
6 |Retábulo do Claustro (Ala Sul)
7 |Altar do Santíssimo Sacramento (Ala Sul)
8 | Altar de Nossa Senhora (Ala Sul)
9 |Retábulo da Capela de Nossa Senhora da Purificação (Baixos, Ala Norte)





1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* 1620-1625

Está localizado na ousia, ocupando a totalidade da parede testeira. Foi mandado executar por religiosos Agostinianos entre 1620-25. A data de execução deste retábulo premeia-o como cabeça de lista do estilo protobarroco para o território goês. Supõe-se que a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe sejam Júlio Simão e Mestre Babuxa, respectivamente, que fizeram trabalhos para a ordem dos Agostinhos incluindo o retábulo da ousia da Igreja de Nossa Senhora da Graça (Monte Sacro) cujo pagamento parcial se registou em 1621.

É um retábulo de madeira entalhada, dourada e policromada. Ocupa a totalidade da parede testeira na ousia e apresenta-se na tipologia de dois corpos e três tramos e os intercolúnios inscrevem-se entre duas colunas, uma de cada lado. É devocional a vários temas e a sua planta é plana. O sotobanco é em pedraria com decoração simples. Sobre este está o banco historiado com médios-relevo de anjos, doutores da igreja e evangelistas na seguinte sequência: ao centro representam-se os sete anjos assistentes da majestade divina. No lado do Evangelho a lei da Escrita, São Mateus e São Marcos, identificáveis pelos atributos – Livro, Anjo e Leão respectivamente. No lado da Epístola: a lei da Graça, São Lucas e São João, identificáveis pelos atributos – Livro, Boi e Aguia respectivamente. As colunas de fuste estriado com imoscapo diferenciado com cabeças de serafins e vegetalismos, assentam cada uma em seu pedestal.

No tramo central em seu nicho emoldurado com arquivolta plena está a figura de vulto perfeito de Santo Agostinho. Nas ilhargas estão São Fulgêncio e São Tomás de Vilanova, no Evangelho e Epístola respectivamente. Sobre os nichos pairam anjos com coroas reais. O entablamento é contínuo apresentando na perfeição arquitrave, friso e cornija.

O segundo corpo apresenta a mesma morfologia e tem as seguintes figuras de vulto: Santa Rita de Cássia, Santa Mónica, Santa Clara do Monte Falco no Evangelho, tramo central e Epístola respectivamente. O ático é tripartido. Ao centro está um painel pintado com uma cena do calvário composta com as figuras de vulto de Cristo Crucificado, Maria Madalena, Virgem maria e São João. O frontão central compõe-se de volutas com a representação do Eterno Pai. Nas ilhargas estão duas edículas com as figuras de vulto de São Pedro no lado do Evangelho e São Paulo na Epístola. Os seus frontões são triangulares com uma cabeça de serafim ao centro.

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

Já não existem as imagens de vulto perfeito de São Nicolau Tolentino e de São João Facundo que estavam colocadas nas ilhargas do ático.

Encontra-se em bom estado de conservação. A igreja e seus retábulos estão a ser intervencionados por uma equipa liderada por Miguel Mateus (na parte da conservação e restauro) e que está a ser inteiramente custeada pelo Governo de Goa.

Bibliografia Específica:

Vitor Serrão and et all, 'Arte e História do Convento de Santa Mónica de Goa: A Luz da Apologia de Fr. Diogo de Santa Ana (1933)', 2007; Frei Agostinho de Santa Maria, *Historia de Fundacão Do Real Convento de Santa Monica Da Cidade de Goa, Corte Do Estado Da India, et Do Imperio Lusitano Do Oriente, Fundado Pelo ... Senhor Dom. Fr. Aleixo de Menezes* (Oficina de António Pedrozo Galram, 1699) <http://books.google.pt/books?id=tzA_AAAAcAAJ>; Dias, XI; Mónica Esteves Reis, 'A Talha Goesa: Inovação Artística Nos Séculos XVII E XVIII', in *Actas Do Congresso Goa: Passado E Presente* (presented at the Iconografia e Fontes de Inspiração: Imagem e Memória da Gravura Europeia, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2011), pp. 369–83; Sant'Ana.



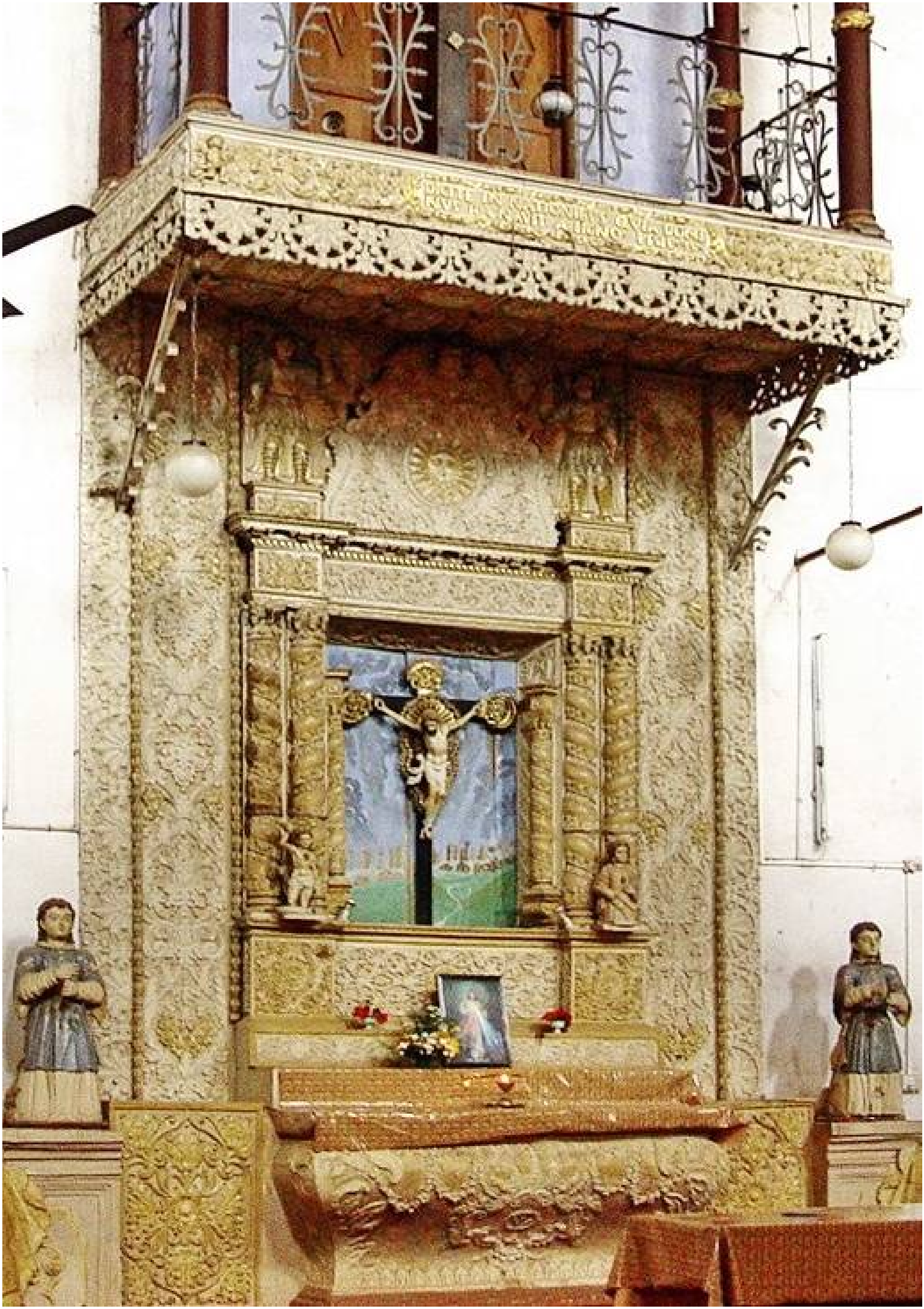
2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* 1620-1625

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados ao Bom Jesus (Evangelho) e à Imaculada Conceição (Epístola). Foram mandados executar por religiosos da ordem de Santo Agostinho entre 1620-25. Supõe-se que a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe sejam Júlio Simão e Mestre Babuxa, respectivamente, que terão igualmente executado o retábulo da ousia nesta igreja. São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando perspectiva côncava. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo com cabeças de serafins, acantos e frutos. A gramática decorativa do banco constitui-se de painéis em médio-relevo com as figuras de santos mártires: São Lourenço e outros e as santas mártires Santa Catarina, Santa Bárbara, Santa Inês (Evangelho). No retábulo da Imaculada Conceição (Epístola) representa-se no banco, o Sol e a Lua, atributos à nossa Senhora. No tramo central do Retábulo Evangelho abre-se um nicho com arquivolta plena em que se expõe a figura de vulto perfeito do Bom Jesus pousado num globo terrestre suportado por anjos. No Retábulo da Epístola está Santa Mónica sobre uma nuvem cercada de cabeças de serafins. O entablamento contínuo contém elementos iconográficos envoltos entre cabeças de serafins: instrumentos de martírio de jesus Cristo e dos Santos Mártires (Evangelho) e uma custódia e um poço (Epístola). O ático compõe-se de tela disposta entre duas colunas da mesma morfologia das do corpo. Os temas são imperceptíveis dado que ambas estão muito degradadas e a sua leitura está impossibilitada devido aos visíveis ataques das térmitas e ao verniz escuro que foi posteriormente adicionado. Frei Diogo de Santana indica-nos na perfeição os temas: as Bodas de Caná e Galileia (Evangelho) e as Santas Virgens e mártires africanas (Epístola). O frontão é curvo, interrompido por um festão com a representação do Espírito Santo. Nas ilhargas expõe-se figuras de vulto de santos. O dossel é uma estrutura decorada, em formato de meia-lua e será uma obra posterior, a julgar pela gramática decorativa que difere do restante conjunto. O seu estado de conservação anterior à intervenção de restauro que decorre é preocupante, existindo risco de destacamento das peças constituintes, nomeadamente do dossel.

Bibliografia Específica:

Santa Maria; Serrão and et all; Sant'Ana.



3 |Retábulo da Santíssima Imagem de Cristo Crucificado

Risco e Entalhe*:* 1705 (Retábulo), c.1611 (Primeira imagem de vulto perfeito), c.1638 (segunda imagem de vulto perfeito), c.1640 (Tribuna).

O retábulo está localizado no corpo da igreja, lado do Evangelho abaixo da famosa imagem milagrosa e sua tribuna. Foi mandado executar por religiosos de Santo Agostinho em 1705. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco dispõe-se no banco e sotobanco. O sotobanco compõe-se de três elementos distintos. Ao centro, encontra-se a mesa de altar em pedraria finamente trabalhada com elementos decorativos. Nas ilhargas estão painéis entalhados com padrão de acantos em torno de elementos florais. Nas ilhargas dois pedestais, um de cada lado, em pedraria com elemento esculpido a fingir panejamentos. O banco compõe-se em três banquetas e pedestais dentro da mesma morfologia decorativa.

Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel com acantos. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras e uvas. No tramo central, a pintura sobre madeira (recente, no tema do Calvário) emoldurada por entablamento, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de Cristo Crucificado que foi mandada executar pelas monjas em c.1638. A ladear o tramo incluem-se dois colunelos de morfologia e gramática decorativa igual à das colunas. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, o frontão de volutas inclui um sol radiante entalhado em médio-relevo. Nas ilhargas, dois arcanjos em médio-relevo emolduram o frontão. Toda esta estrutura está colocada sobre uma espalda de talha com gramática decorativa de folhagens. Sobre o retábulo está o dossel que serve de tribuna à imagem milagrosa, sustentado por dois tirantes de ferro. Na margem está uma inscrição latina. A tribuna tem a sua balaustrada em ferro. As colunas que sustentam o sobrecéu são de fuste liso. Deverão ser a substituição das originais, provavelmente quando se colocou a balastrada e tirantes. O sobrecéu é um trabalho de talha mais clássico coincidente com a data avançada na documentação (c.1640). Na margem está uma inscrição latina: *dicite in nationibus quia dominus regnavit a ligno psal 95.*

(Continua na página seguinte)



(Continuação da página anterior)

A tribuna tem a sua balaustrada em ferro. As colunas que sustentam o sobrecéu são de fuste liso. Deverão ser a substituição das originais, provavelmente quando se colocou a balaustrada e tirantes. Ao centro situa-se a cruz milagrosa que aparece na documentação de Frei Diogo de Santa'Ana e que é conhecida localmente como Weeping Cross (cruz que chora). Consta que a 8 de Fevereiro de 1636, enquanto ainda se venerava no coro alto de frente para a ousia, o Cristo milagroso abriu os olhos vinte e seis vezes, verteu lágrimas, abriu a boca mexendo os lábios e a língua. Durante vários dias se registaram manifestações neste Cristo, até ao dia 12 de Fevereiro em que mexe a cabeça e pende-a para o lado direito. Desse episódio se tira a designação porque é conhecida esta imagem. O sobrecéu é um trabalho de talha mais clássico coincidente com a data avançada na documentação (c.1640).

Primeiramente, a imagem estava no coro alto defronte para a ousia (que Frei Diogo de Santana diz ser o Coro de Cima). Após o incêndio que assolou o convento e parte da igreja, nomeadamente o coro alto onde estava esta imagem, esta é levada para o Convento da Graça (Monte Sacro-Tiswadi), voltando em 1638 e colocado na capela do Santíssimo Sacramento sobre a ousia. Mas como a capela era muito alta e não dava facilidade à oração e veneração, *"depois de passados alguns tempos, no grosso da parede que fica fronteira às portas da igreja (...)* [mandou-se lavrar] *uma ermosa capela e nela uma rica tribuna com porta de comunicação do convento para ela (...)"*

Frei Diogo falece a 6 de Outubro de 1644 e a sua sepultura é colocada no chão abaixo da cruz milagrosa. Sabemos então que nesta data já existia um retábulo, no entanto, em 1705 ocorrem obras para ali colocar "*um altar com retábulo*". Será o que se pode venerar actualmente. Nessa ocasião, as ossadas e epitáfio de Frei Diogo são reposicionados para a parede atrás deste retábulo. Concluímos que o retábulo inicial mandado executar por Frei Diogo de Santana não é o que se vê hoje. Ironicamente, os suportes do novo retábulo danificaram o seu epitáfio.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Sant'Ana; Santa Maria; Dias, XI; Vitor Serrão, 'Pintura E Devoção Em Goa No Tempo Dos Filipes: O Mosteiro de Santa Mónica No "Monte Santo" (c.1606-1639) E Os Seus Artistas', *Fundação Oriente*, 2010, pp. 11–50.


INRI

4 |Retábulo da Capela da Enfermaria (Claustro, Ala Este)

Risco e Entalhe*:* 2ª metade do século XVII

Está localizado na capela da Enfermaria do piso térreo do claustro, ala Este. Adoptamos esta designação em conformidade com os relatos de Frei Diogo de Sant'Ana que vem sido referenciada por outros autores como Capela da Aula Magna ou Capela da Santíssima Trindade (esta última que se localiza na Ala Oeste). Foi mandado executar por religiosos de Santo Agostinho na 2ª metade do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é intercolúnio inscrito entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando perspectiva côncava. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui cartelas com enrolamentos. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo diferenciado com cabeças de serafins, cartelas e frutos. O tramo central compõe-se de nicho com com arquivolta plena onde está hoje exposta uma imagem de Cristo Crucificado. O entablamento é contínuo e não apresenta decoração, senão nas ilhargas, umas cabeças de Serafins. O frontão é constituído por uma cartela de enrolamento com grinaldas de frutos e uma pintura em tondo com a representação da Senhora a ser coroada.

No arco da capela estão várias pinturas murais. Destacam-se as quatro principais – Virgem e o menino e Sant'Ana e a Virgem no lado do Evangelho e Virgem Apocalíptica e Sagrada Família do lado da Epístola.

Encontra-se em razoável estado de conservação. Apresenta várias repinturas inapropriadas.

Bibliografia Específica:

Telles, *Igrejas, Capelas, Conventos E Palácios Na Velha Cidade de Goa*, p. 66; Serrão; Sant'Ana; Santa Maria; José Meco, 'A Talha Indo-Portuguesa', *Actas Do 2º Colóquio de Artes Decorativas. As Artes Decorativas E a Expansão Portuguesa: Imáginário E Viagem*, 2010, p. 297.



5 | Retábulo da Capela da Purificação de Nossa Senhora (Claustro, Ala Norte)

Risco e Entalhe*:* c.1610

Está localizado de frente para a porta de entrada do claustro, Ala Norte. Foi mandado executar por religiosos de Santo Agostinho em c.1610. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada que já perdeu a douração, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui cartelas clássicas do tipo de Vrederman e Vries (1555). Neste assentam colunas de fuste liso com diferenciação do imoscapo com cabeças de serafins, grinaldas e frutos. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. O entablamento é contínuo e decorado com estrelas, frutos e cabeças de serafins. O ático é tripartido. No centro do ático, inscrito entre segmentos de frontão, evidencia-se uma pintura sobre madeira cujo tema é imperceptível dada a degradação que apresenta. O frontão é abaixado e inclui a representação do Espírito Santo.

Encontra-se em mau estado de conservação. Na visita de 2009, o retábulo e a imagem de nossa senhora ainda apresentavam vestígios de douração apesar de seriamente atacado pela acção climatérica a que está diariamente sujeito, dado que que se encontra num espaço aberto. Na segunda visita em 2012, o retábulo tinha sido intervencionado sem qualquer supervisão técnica nem conhecimento das técnicas regulamentadoras de intervenção em património. Como resultado, a talha recebeu uma camada de verniz escuro e a figura de vulto foi repintada de cores e tintas inapropriadas (ver Apêndice Fotográfico, Figura 9, p. 976). O trabalho é de fraquíssima qualidade e a reposição do original só será possível se nesta anterior intervenção não se tiver retirado as camadas originais.

Bibliografia Específica:

Sant'Ana; Santa Maria.



6 | Retábulo da Capela do Salvador do Mundo (Claustro, Ala Sul)

Risco e Entalhe*:* c.1610

Está localizado de frente para a porta de entrada do claustro, Ala Norte. Foi mandado executar por religiosos de Santo Agostinho em c.1610. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada que já perdeu a douração, apresentando planta plana.
No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui cartelas clássicas do tipo de Vrederman e Vries (1555). Neste assentam colunas de fuste liso com diferenciação do imoscapo com cabeças de serafins, grinaldas e frutos. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de Santo Agostinho. Em 1951 ainda figurava a figura de vulto do orago desta capela: Senhor Salvador do Mundo sobre o globo ladeado por dois arcanjos (Ver Ap. Fotográfico, Fig. 11, p.978). O entablamento é contínuo e decorado com cabeças de serafins. O ático compõe-se de painel com representação da Sagrada Família encimado por frontão abaixado com a representação de Deus Pai. Este painel inscreve-se entre duas colunas da mesma morfologia. Nas ilhargas estão aletas a compor o conjunto. O intradorso desta capela está decorado com cabeças de serafins pintadas na parede. Encontra-se em mau estado de conservação. Na visita de 2009, o retábulo e a imagem de nossa senhora ainda apresentavam vestígios de douração apesar de seriamente atacado pela acção climatérica a que está diariamente sujeito, dado que que se encontra num espaço aberto. Na segunda visita em 2012, o retábulo tinha sido intervencionado sem qualquer supervisão técnica nem conhecimento das técnicas regulamentadoras de intervenção em património. Como resultado, a talha recebeu uma camada de verniz escuro e a figura de vulto foi repintada de cores e tintas inapropriadas (ver Ap- Fotográfico, Fig.10, p. 977). O trabalho é de fraquíssima qualidade e a reposição do original só será possível se nesta intervenção não se tiver retirado as camadas originais.

Bibliografia Específica:
Sant'Ana; Santa Maria.



9 | Arco Retabular da Capela de Nossa Senhora da Purificação

Retábulo relocalizado na Igreja do Espírito Santo, Velha Goa-Tiswadi

Risco e Entalhe*:* c.1613

Graças à produção fotográfica da Brigada de Monumentos da Índia Portuguesa liderada por Mário Tavares Chicó (equipa constituída por Carlos de Azevedo, Martinho Humberto Reis e José Carvalho Henriques), foi possível identificar na capela de Santa Isabel Rainha de Portugal da Igreja do Espírito Santo (Velha Goa-Tiswadi) o retábulo que esteve nesta capela dos baixos, Ala Norte. Enquanto a sua ficha de inventário pode ser consultada nessa entrada (ver Ap. Fotográfico Fig.21, p. 988), trataremos agora da ficha da talha remanescente na capela.

Toda a parede testeira – a partir do topo das portas – é revestida a talha. A arquivolta plena que emoldurava o retábulo é composta de pequenos painéis com flores e acantos. No topo da arquivolta estão dois arcanjos que sustentam uma custódia do Santíssimo Sacramento. Nas ilhargas encontram-se seis painéis (três de cada lado), dispostos verticalmente. O primeiro é rectangular e contém um padrão floral. Ao centro, em moldura quadrangular um painel entalhado em médio-relevo, mostra a Adoração dos Reis Magos (Epístola) e a Visita dos Pastores (Evangelho). Os painéis do topo assumem uma forma trapezoidal (de acordo com o espaço em que é permitido desenvolver devido ao arco) contêm a cena da Visitação de Maria a Isabel (Epístola) e Nossa Senhora Rainha segurando um ostensório (Evangelho). Todos estes painéis podem ser consultados em detalhe no apêndice fotográfico, Figuras 16, pg. 983.

Encontra-se em razoável estado de conservação. Alguns elementos decorativos já estão em falta.

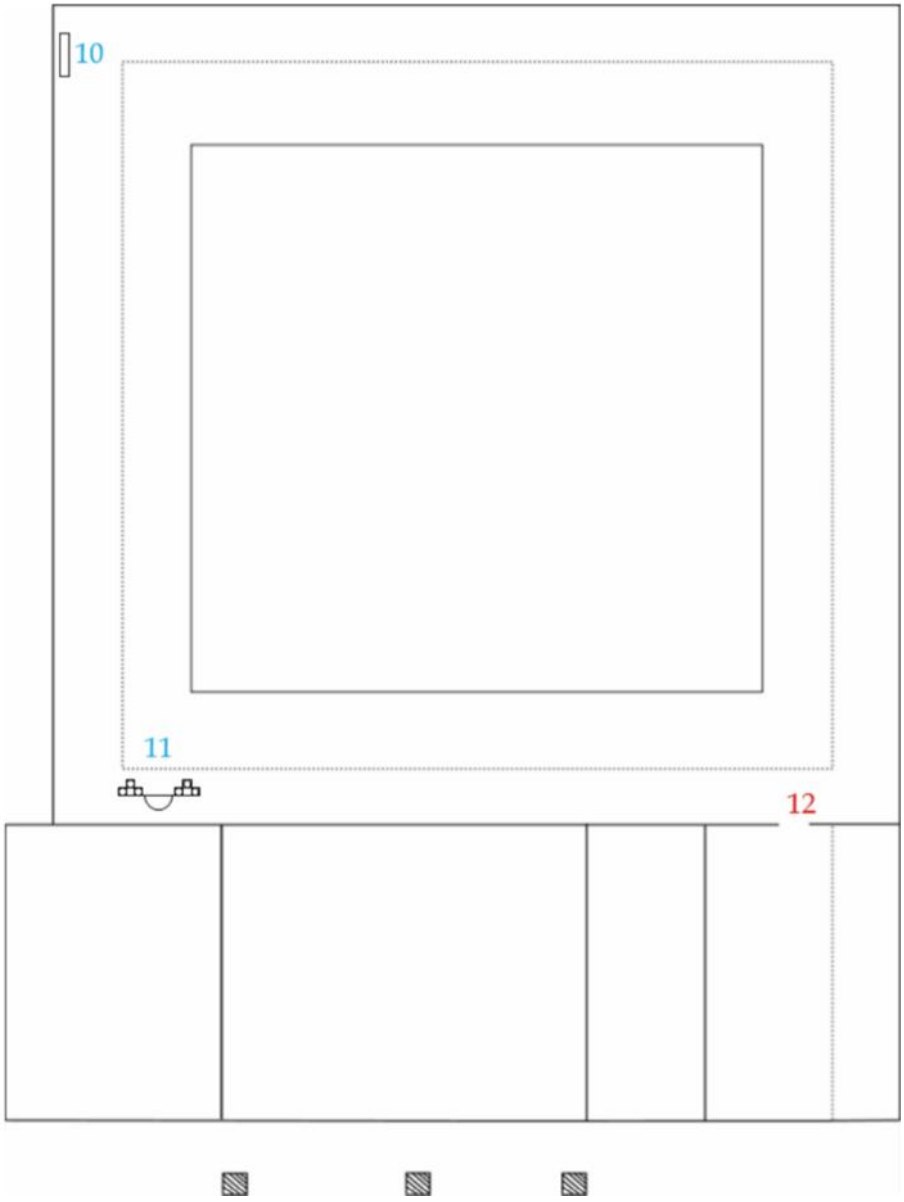
Bibliografia Específica:

Chicó, *Convento Das Mónicas, Interior, Altar*.

Real Convento de Santa Mónica

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.501494 Long. 73.907296

10 | Capela de Nossa Senhora de Belém (Ala Norte)
11| Retábulo de Nossa Senhora da Graça (Ala Sul)
12 |Capela do Santo Sepúlcro (Ala Sul)



Consultar no Apêndice Fotográfico:

10 |Capela de Nossa Senhora de Belém (Ala Norte) – Figura 17, página 984.
12 |Capela do Santo Sepúlcro (Ala Sul) – Figura 19, página 986.

Retábulos Relocalizados: Retábulo da Sacristia na Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi), consultável na ficha desse local; Andor Processional na Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Curca-Tiswadi), consultável no Apêndice Fotográfico (Figura 38 e 39, pagina 1005)



11 |Retábulo Capela de Nossa Senhora da Graça (Claustro, Piso 1, Ala Sul)

Risco e Entalhe*:* c.1610

Está localizado no piso superior do claustro, Ala Sul. Foi mandado executar por religiosos de Santo Agostinho em c.1610. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Como especificidade refere-se as duas peanhas/pedestais encostados aos pedestais das colunas que costumavam ter relicários.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há dois pedestais cuja gramática decorativa é composta de acantos. No banco inclui-se uma inscrição latina: *tota pulchra es maria & macula nonestinte tu gloria hierusalem, tu laettitia Israel. tu honorificentia porui[ ] nostri, vox enim tua dulcis, & fácies tua, decora nimis.*

Neste assentam colunas de fuste liso com diferenciação do imoscapo que contém acantos e cabeças de serafins. A ornamentação das colunas ocupa a totalidade do fuste e compõe-se de uma grinalda de acantos que percorre o fuste até ao topo. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora da Conceição (conforme a inscrição da sua peanha). Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. O ático é composto por dois segmentos de frontão e por um trono que expõe em médio-relevo a figura de Deus Pai e do Espírito Santo, encimado por um jarrão de flores.

Encontra-se em mau estado de conservação. Está despojado de douração e em estado avançado de deterioração devido à sua localização e constante agressão climatérica.

A capela onde se situa contém ainda pinturas murais no seu intradorso.

Bibliografia Específica:

Sant'Ana; Santa Maria; José Carvalho Henriques, *Interior Da Capela de Nossa Senhora Da Graça, Igreja de Santa Mónica*, 1951, Fundo Mário e Alice Chicó, 123782 <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05522.000.111>; Serrão.

Igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso
do Convento de São João de Deus
(Monte Sacro-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.500730, Long. 73.907758

O património retabular desta igreja é inexistente. Em 1942, Ricardo Michael Telles indicava que, entre outros objectos deste espaço, a Igreja de Santa Ana (Talaulim-Tiswadi) tinha um retábulo dedicado a Nossa Senhora do Socorro que poderia ser proveniente deste espaço. Seria então o retábulo que está no transepto no lado da Epístola. A julgar pelo roço grosseiro para ajustar o nicho do tramo central (que tivemos acesso durante a visita de 2009 no qual o retábulo estava desmontado numa operação de conservação e restauro) há grande possibilidade desta informação ser correcta. A ficha de inventário do retábulo está junto às restantes fichas da Igreja de Santa Ana (Talaulim-Tiswadi).

Não existe mais documentação que ateste a passagem de retábulos para outros locais.

Restante património relocalizado:

- Na casa do Professor Luis Xavier Monteiro (Pangim-Tiswadi): imagem de Nossa Senhora do Bom Sucesso
- Na igreja do Convento do Pilar (Pilar-Tiswadi): imagem de São João de Deus

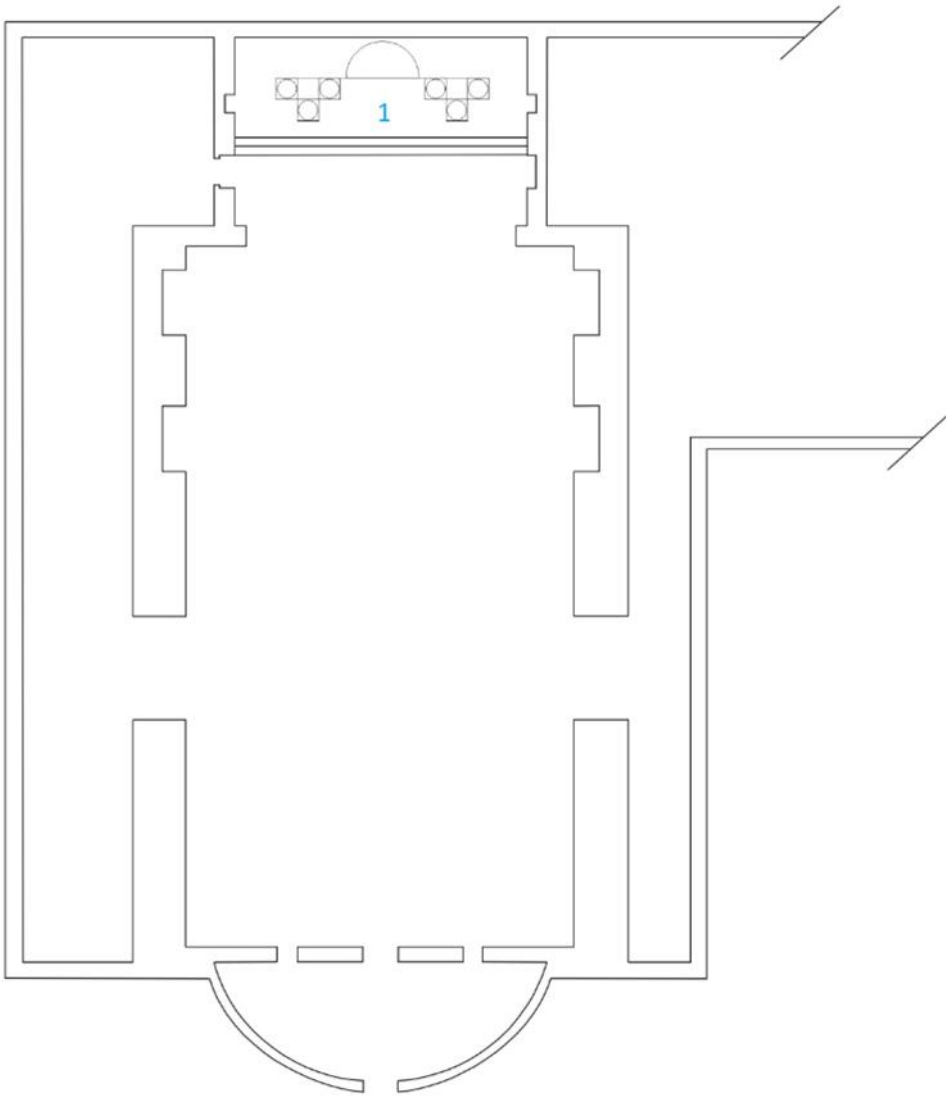
Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Convento de São João de Deus', *A Voz de São Francisco Xavier*, XI (1942), 288 (p. 288).

Real Capela de Santo António

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.500764 Long. 73.905740

1 |Retábulo de Santo António





1 |Retábulo de Santo António

Risco e Entalhe*:* c.1680

Está localizado na ousia ocupando a quase totalidade da parede testeira. Foi mandado executar com patrocínio régio por volta de 1680, data em que a capela é aumentada, criando uma segunda ousia fronteira à inicial (o brasão real no entablamento, vigente durante o reinado de D. Pedro II – 1667-1707 – confirma a datação). Dessa obra resulta a particular fachada da igreja, outrora a parede testeira da ousia. Terá sido promovida pelos religiosos de Santo Agostinho que tomaram esta capela a seu cargo por doação a partir de 16 de Junho de 1606. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um só tema na tipologia de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de intercolúnio entre colunas triplas, uma solução usual para o território goês. Existem duas especificidades neste retábulo, a primeira: dois colunelos de fuste nas ilhargas do nicho do corpo, e a segunda: a solução encontrada nos pedestais (um angulo extra entre cada pedestal) para conferir maior amplitude entre as colunas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais sobre os quais assentam colunas torsas com imoscapo diferenciado com pontilhados e linhas. A decoração das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de uvas, parras e fénixes. No tramo central, o nicho, que expõe a imagem de vulto perfeito do orago, é emoldurado por colunelos de fuste estriado com grinalda de flores e imoscapo com cabeças de serafins que assentam sobre pequenos anjos e mísulas. Sobre o nicho apresenta-se um escudo real envolto entre anjos e acantos. Sobre o entablamento contínuo assenta nas ilhargas um segundo registo de pedestais mimicando a solução do corpo. Ao centro, inscrito entre colunas duplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes duas a duas em pedestais, evidencia-se um nicho decorado com cabeças de serafins onde se expõe a imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora. O frontão apresenta enrolamentos contendo ao centro o símbolo do Espírito Santo. É interrompido ao centro por um florão e cruz.

Encontra-se em razoável estado de conservação. São visíveis destacamentos de partes constituintes e partes atacadas pela formiga caria. A ousia em que se insere contém abóbada de aresta decorada com relevos em estuque.

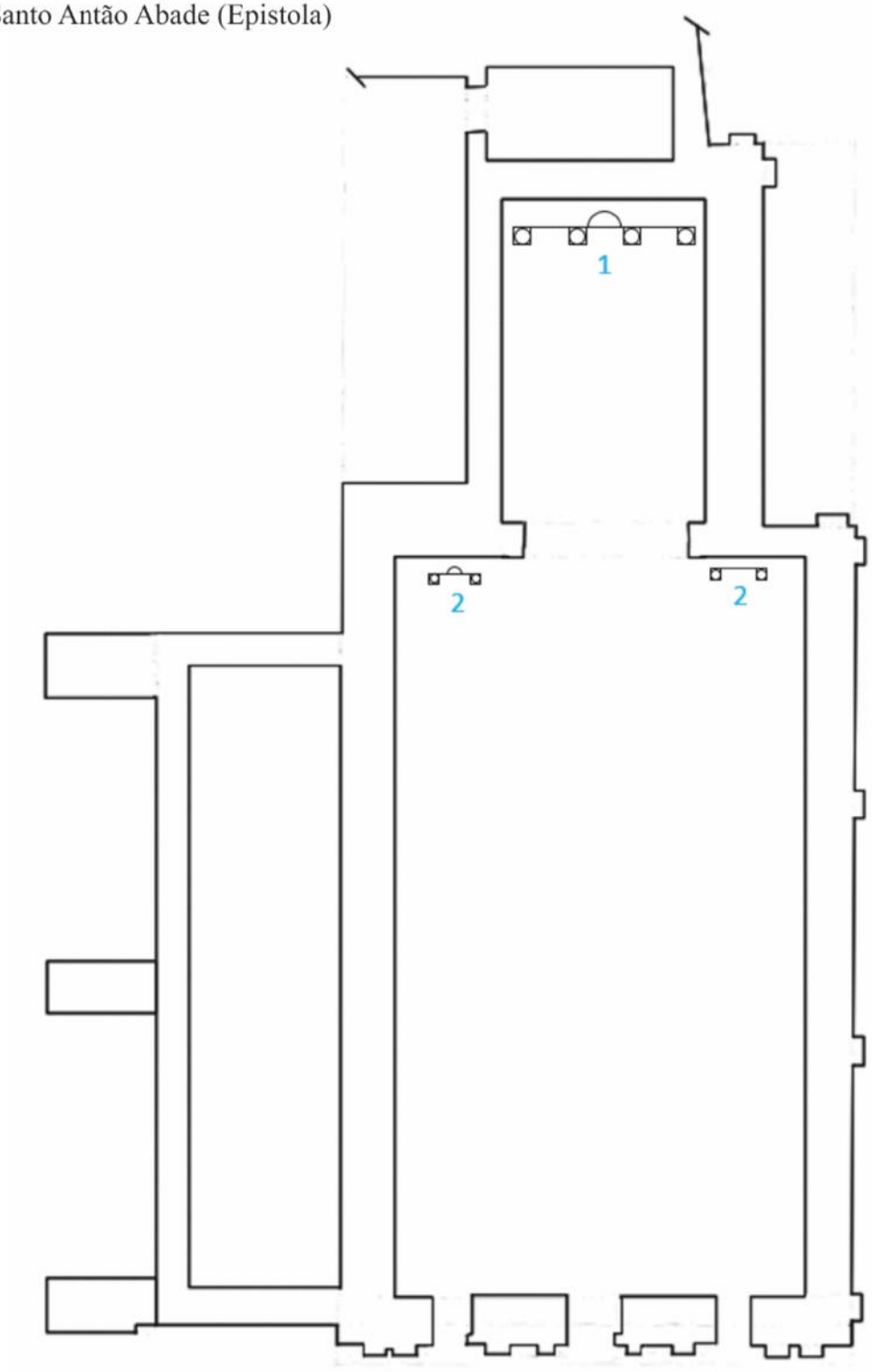
Bibliografia Específica:

Telles, *Igrejas, Capelas, Conventos E Palácios Na Velha Cidade de Goa*, p. 74.

Capela de Nossa Senhora do Monte

(Monte [Ella]-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.504430 Long. 73.923363

1 |Retábulo de Nossa Senhora do Rosário
2 |Retábulos Colaterais: Santo António de Lisboa (Evangelho) e Santo Antão Abade (Epistola)




VENI·DE·LIBANO·VENIES·CORONABERIS

1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* final do século XVI/princípio do século XVII

Está localizado na ousia, ocupando a totalidade da parede testeira. Foi mandado executar por privados no final do século XVI/princípio do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar narrativo na tipologia menos frequente de dois corpos e três tramos cujo modelo compositivo é intercolúnios inscritos entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há quatro pedestais sobre os quais assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe-se uma imagem de vulto perfeito. Nas ilhargas estão dois painéis, um de cada lado, actualmente sem qualquer representação. Sobre o entablamento contínuo cuja gramática decorativa se constitui de padrão floral e vegetalista, assenta o segundo corpo. Ao centro está a edícula com arquivolta plena onde se expõe a imagem de Nossa Senhora. Nas ilhargas dois painéis, um de cada lado, igualmente sem representação. O entablamento do segundo corpo apresentação uma inscrição latina: *veni de libano veni coronaberis*, uma alusão ao cantigo dos cantigos de Salomão (vem comigo do Líbano, ó minha esposa, vem comigo do Líbano; olha desde o cume de Amana, desde o cume de Senir e de Hermom, desde os covis dos leões, desde os montes dos leopardos). Ao centro, inscrito entre duas colunas (da mesma gramática decorativa) e emoldurado por aletas e figuras de santos e arcanjos em médio-relevo, evidencia-se um painel em medio-relevo onde Nossa Senhora está a ser coroada por Deus e Jesus. O frontão é interrompido por um florão.

Encontra-se em bom estado de conservação. Foi alvo de intervenção de restauro entre 1998 e 2001 após ter sofrido grandes danos provocados por fogo acidental durante obras civis que faziam intervenção na abóbada da ousia. Como resultado do acidental fogo perderam-se as pinturas dos painéis e o médio-relevo teve de ser recriado a partir do original carbonizado. A capela em que se insere conserva com grande qualidade o maior conjunto de esgrafito neste território.

Bibliografia Específica:

Telles, *Igrejas, Capelas, Conventos E Palácios Na Velha Cidade de Goa*, p. 77; Adelino Rodrigues da Costa, *Capela de Nossa Senhora Do Monte - Recuperação Patrimonial de 4 Séculos de História* (Pangim, 2001), pp. 21, 69, 75–86.



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* final do século XVI/princípio do século XVII

Localizam-se na parede do arco da ousia e são dedicados a Santo António de Lisboa (Evangelho) e a Santo Antão Abade (Epístola). Foram mandados executar pelo clero secular no final do século XVI/princípio do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é intercolúnio inscrito entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo com cabeças de serafins, frutos e grinaldas. A gramática decorativa do banco constitui-se de cabeças de serafins e cartelas. No tramo central do retábulo do Evangelho, o nicho está emoldurado por uma arquivolta plena, cercada de grinaldas de frutos. No retábulo da Epístola está uma pintura sobre madeira alusiva ao orago, inscrita numa espécie de tondo que deixa libertos os cantos para pequenas representações sobre as visões do santo. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático composto de frontão que apresenta enrolamentos, grinaldas, cabeças de serafins e frutos.

Encontram-se em bom estado de conservação. Foram alvo de intervenção de conservação e restauro em 2001. As mesas de altar onde os retábulos estão colocados apresentam em toda a sua superfície, motivos vegetalistas na técnica de esgrafito do tipo europeu, ou seja, na técnica de fresco.

Bibliografia Específica:

Telles, *Igrejas, Capelas, Conventos E Palácios Na Velha Cidade de Goa*, p. 77; Costa, pp. 21, 69, 75–86.

Bibliografia para a Vigariaria de Velha Goa

Albuquerque, Caetano Filipe de, *A Santa Cruz Dos Milagres de Goa - Memória Histórica* (Bastora: Tipografia Rangel, 1899)

'ARSI - Archivium Romanum Societatis Iesu, Epp. Gen (Planta Da Igreja Do Bom Jesus Em Velha Goa)' (Goa), Pasta 34 (1679-1699), I-II, fl 477

Catão, Monsenhor Francisco Xavier Gomes, 'Basílica Do Bom Jesus, a Sua Sacristia', ed. by Castilho de Noronha, *Boletim Eclesiástico Da Arquidiocese de Goa*, XXVI, 1967, 37–65

Chicó, Mário Tavares, *A Escultura Decorativa E a Talha Dourada Nas Igrejas Da Índia Portuguesa* (Lisboa: Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade, 1954)

———, *Convento Das Mónicas, Interior, Altar*, Brigada Dos Monumentos Da Índia Portuguesa (Índia, Goa, Velha Goa: Junta das Missões, 1951), Fundo Mário e Alice Chicó, 121082 <HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_121082 (2015-3-6)>

Costa, Adelino Rodrigues da, *Capela de Nossa Senhora Do Monte - Recuperação Patrimonial de 4 Séculos de História* (Panjim, 2001)

desconhecido, *Tomb of St Francis Xavier in the Church of Bom Jesus, Goa*, 1880, 85 <http://www.bl.uk/onlinegallery/onlineex/apac/photocoll/t/019pho0000002s2u00085000.html>

Dias, Pedro, *Arte de Portugal no Mundo - Índia, Artes decorativas e iconográficas*, Público, 15 vols. (Lisboa: Público - Comunicação Social, SA, 2008), XI

———, *A Talha Indo-Portuguesa*, Amigos do Museu Nacional Soares dos Reis - Circulo Dr. José de Figueiredo (Coimbra, 2014)

Fonseca, José Nicolau da, *An Historical and Archaeological sketch of the city of Goa: preceded by a short statistical account of the territory of Goa* (Bombaim: Thacker & Amp Co., 1878)

Gomes, Cipriano Peregrino, Cipriano Peregrino, 'Estudo Histórico-Archeologico Da Igreja de Nossa Senhora Da Piedade Da Ilha de Divar', in *Antiguidades Pátrias* (Bastorá: Tipografia Rangel, 1902)

Henriques, José Carvalho, *Catedral de Goa, C^{a} de N.S^{a} Das Necessidades*, 1951, Fundo Mário e Alice Chicó, 121447 <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07127.000.060>

———, *Interior Da Capela de Nossa Senhora Da Graça, Igreja de Santa Mónica*, 1951, Fundo Mário e Alice Chicó, 123782 <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05522.000.111>

———, *Santa Ana (Interior de Igreja)*, 1951, Fundo Mário e Alice Chicó, 122139 <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05525.000.228>

———, *Santa Catarina, Retábulo Das Santas Almas*, 1951, Fundo Mário e Alice Chicó, 121445 <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07127.000.059>

———, *Santa Catarina, Retábulo de São Pedro*, 1951, Fundo Mário e Alice Chicó, 122059 <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05525.000.214>

———, *Sé Catedral de Goa: Capela de Boa Vida*, 1951, Fundo Mário e Alice Chicó, 121092 <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07127.000.061>

———, *Velha Goa, Catedral*, 1951, Fundo Mário e Alice Chicó, 124516 <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07098.000.018>

———, *Velha Goa : Igreja Do Bom Jesus*, 1951, Fundo Mário e Alice Chicó, 120848 <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07127.000.161>

'Inventário Da Sacristia Do Bom Jesus' (Goa, 1698)

Lobo, Patrick J., *Magnificent Monuments of Old Goa*, Marie Yvette Albuquerque & Avelar Barreto (Panjim: Prabhakar D. Bhide, 2004)

Meco, José, 'A Talha Indo-Portuguesa', in *Actas Do 2º Colóquio de Artes Decorativas* (presented at the As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa: Imaginário e Viagem, Lisboa: ESAD, 2010), I

———, 'A Talha Indo-Portuguesa', *Actas Do 2º Colóquio de Artes Decorativas. As Artes Decorativas E a Expansão Portuguesa: Imáginário E Viagem*, 2010

Miranda, Miguel Caetano de, 'A Santa Cruz Dos Milagres', *Boletim Eclesiástico Da Arquidiocese de Goa*, II, 1945

Pereira, António Nunes, 'Convento de São Francisco E Igreja Do Espírito Santo', *Portal HPIP*, 2012 <http://www.hpip.org/Default/pt/Homepage/Obra?a=612> [accessed 24 January 2014]

Pissurlencar, Panduronga S. S., 'O Túmulo, O Caixão E O Bastão de São Francisco Xavier', *Boletim Do Instituto Vasco Da Gama*, 1935, 68–81

Rego, António da Silva, 'Carta da Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Goa a El-Rey (25 Outubro 1549)', in *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente (Índia)*, Edição Facsimilar do original de 1952 (Lisboa: Agencia Geral das Colónias, 1991), IV, 359–61

Reis, Mónica Esteves, 'A Talha Goesa: Inovação Artística Nos Séculos XVII E XVIII', in *Actas Do Congresso Goa: Passado E Presente* (presented at the Iconografia e Fontes de Inspiração: Imagem e Memória da Gravura Europeia, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2011), pp. 369–83

———, 'O Retábulo Indo-Português E a Miscigenação Iconográfica', in *Actas Do 3º Colóquio de Artes Decorativas* (presented at the Iconografia e Fontes de Inspiração: Imagem e Memória da Gravura Europeia, Lisboa: FRESS, 2009), pp. 263–74

Rocha, Leopoldo da, *As Confrarias de Goa (séculos XVI-XX): Conspecto Histórico-Jurídico* (Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1973)

Saldanha, Gabriel de, *Resumo Da História de Goa* (Goa, 1898)

Santa Maria, Frei Agostinho de, *Historia de Fundacão Do Real Convento de Santa Monica Da Cidade de Goa, Corte Do Estado Da India, et Do Imperio Lusitano Do Oriente, Fundado Pelo ... Senhor Dom. Fr. Aleixo de Menezes* (Oficina de António Pedrozo Galram, 1699) <http://books.google.pt/books?id=tzA_AAAAcAAJ>

Sant'Ana, Frei Diogo, 'Frei Diogo de Santana, Apologia Do Insigne Mosteiro de Santa Mónica de Goa' (Goa, 1633), PT/TT/MSLIV/2236 <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4538235>

Serrão, Vitor, 'Pintura E Devoção Em Goa No Tempo Dos Filipes: O Mosteiro de Santa Mónica No "Monte Santo" (c.1606-1639) E Os Seus Artistas', *Fundação Oriente*, 2010, pp. 11–50

Serrão, Vitor, and et all, 'Arte e História do Convento de Santa Mónica de Goa: A Luz da Apologia de Fr. Diogo de Santa Ana (1933)', 2007

Shurhammer, Georg SJ, 'Carta Inédita Sobre a Fundação Do Convento de São Francisco de Goa', *Boletim Do Instituto Vasco Da Gama*, 1957, 56–66

Telles, Ricardo Michael, 'Capela de Nossa Senhora Da Piedade, de Panelim', *O Oriente Português*, 1933, 82–84

———, 'Capela Do Santíssimo Sacramento Na Sé de Goa', *A Voz de São Francisco Xavier*, XI (1941), 79

———, 'Capelas Do Cruzeiro Da Igreja Do Bom Jesus', *A Voz de São Francisco Xavier*, IV (1935), 574

———, 'Colégio de São Paulo O Velho', *A Voz de São Francisco Xavier*, XI (1942), 255

———, 'Convento de São João de Deus', *A Voz de São Francisco Xavier*, XI (1942), 288

———, 'Dispersão Dos Objectos Religiosos Em Goa', 1935

———, 'Igreja de Corlim', *A Voz de São Francisco Xavier*, IV (1935), 315

———, 'Igreja de Naroa Das Ilhas', *A Voz de São Francisco Xavier*, V (1936), 73

———, 'Igreja de Nossa Senhora Da Piedade Da Ilha de Divar', *A Voz de São Francisco Xavier*, V (1936), 384

———, 'Igreja de São Braz', *A Voz de São Francisco Xavier*, VII (1938), 296

———, 'Igreja de S. Pedro, Panelim', *O Oriente Português*, 1933, 79–82

———, *Igrejas, Capelas, Conventos E Palácios Na Velha Cidade de Goa*, Nova Goa (Goa: Imprensa Gonçalves, 1931)

———, ‘Igrejas de Capelas de Calangute’, *A Voz de São Francisco Xavier*, IV (1935), 566

———, ‘Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa’, *O Oriente Português*, 1933, 373–400

———, ‘Os Dominicanos E Os Seus Conventos’, *Boletim Do Instituto Vasco Da Gama*, 1942, 195–211

———, *Os Franciscanos No Oriente E Seus Conventos* (Goa: Tipografia Rau e Irmãos, 1922)

———, ‘Sé Primacial E Patriarcal de Goa’, *Boletim Do Instituto Vasco Da Gama*, 1942, 92–128

———, ‘Uma Relíquia Histórica’, *A Voz de São Francisco Xavier*, VII (1938), 264

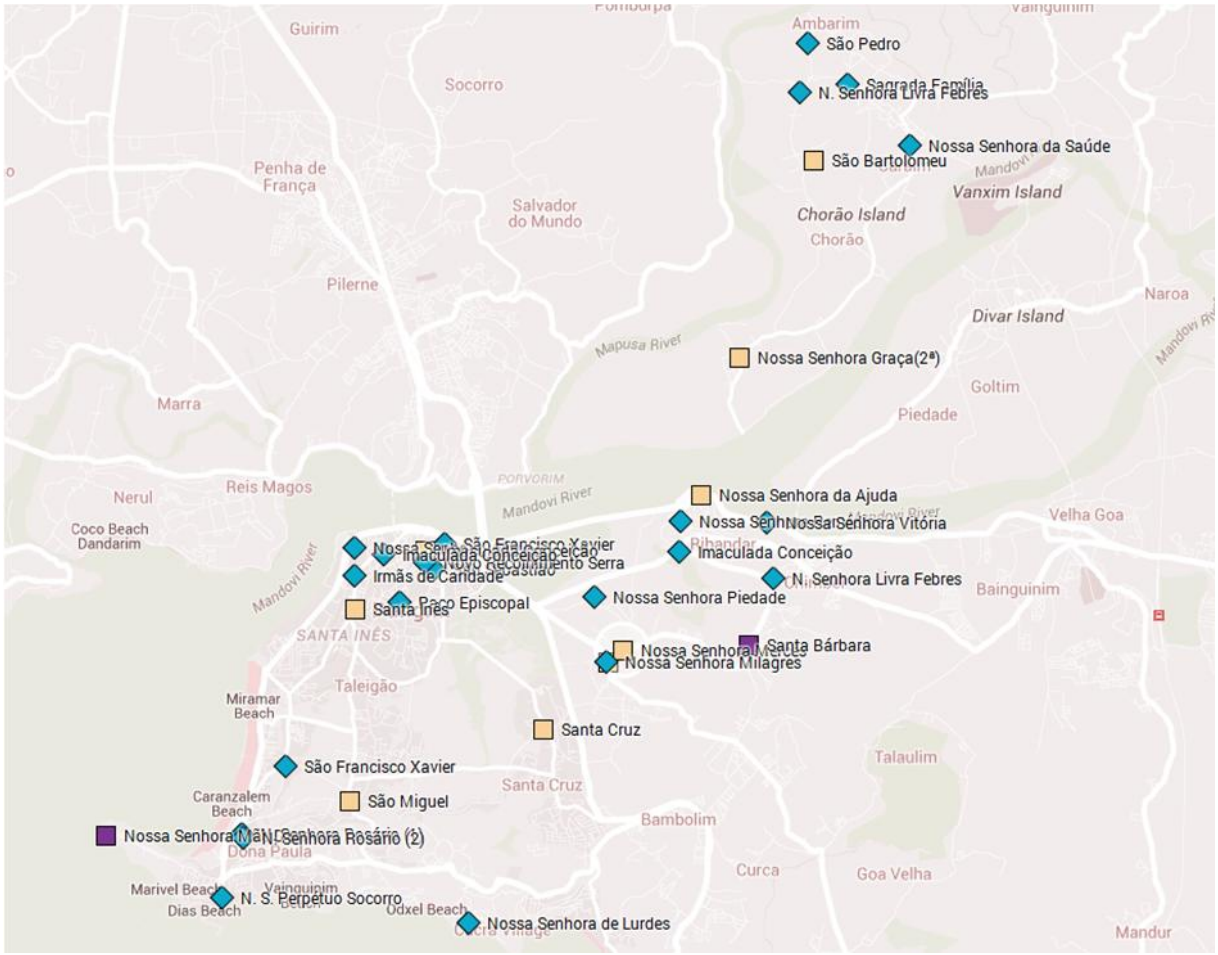
———, *Velha Cidade de Goa* (Nova Goa: Tipografia Rau e Irmãos, 1922)

Time Inc., ‘Saint Is Displayed’, *Life Magazine*, 19 January 1953, 59–60

Xavier, Filipe Nery, *Bosquejo Histórico Das Comunidades Das Aldeias Dos Conselhos Das Ilhas, Salcete E Bardez* (Goa: Nova Goa: Imprensa Nacional, 1852)

Vigariaria de Pangim

Vigariaria de Pangim – Geolocalização dos Locais



Legenda:

- Igreja
- Capela
- Convento/Igreja

Vigariaria de Pangim

A vigariaria de Pangim tem a sua sede paroquial na Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Pangim compreendendo as seguintes paróquias:

1. **Bambolim**
   1.1. Igreja de Nossa Senhora de Belém, Bambolim.
2. **Chorão – São Bartolomeu**
   2.1. Igreja de São Bartolomeu, Chorão.
   2.2. Capela de Nossa Senhora da Saúde, Chorão.
   2.3. Capela da Sagrada Família, Pandavaddo.
   2.4. Capela de São Pedro, Ambarim.
3. **Chorão – Nossa Senhora da Graça**
   3.1. Igreja de Nossa Senhora da Graça, Chorão.
   3.2. Capela de Nossa Senhora de Livra Febres, Belbata.
4. **Mercês**
   4.1. Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Mercês
   4.2. Capela de Nossa Senhora da Piedade, Mercês
   4.3. Capela de Nossa Senhora dos Milagres, Vardi.
5. **Pangim**
   5.1. Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Pangim.
   5.2. Capela de São Sebastião, Fontainhas.
   5.3. Capela do Palácio do Arcebispo, Altinho.
   5.4. Capela das Irmãs de Caridade, Pangim.
   5.5. Capela de Nossa Senhora da Vitória, Portais.
   5.6. Capela de São Francisco Xavier, Portais.
6. **Ribandar**
   6.1. Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, Ribandar.
   6.2. Capela da Imaculada Conceição, Manxir.
   6.3. Capela de Nossa Senhora dos Remédios, Patto.
   6.4. Capela de Nossa Senhora de Livra Febres, Chimbel.
   6.5. Capela de Nossa Senhora da Vitória, Fondem.
   6.6. Capela de Santa Bárbara (do Antigo Convento de Santa Bárbara), Morombim.
7. **Santa Cruz**

7.1. Igreja de Santa Cruz, Santa Cruz.

8. Santa Inês

8.1. Igreja de Santa Inês, Pangim.

8.2. Capela da Imaculada Conceição, Dom Bosco.

9. Taleigão

9.1. Igreja de São Miguel Arcanjo, Taleigão.

9.2. Capela de Nossa Senhora do Rosário (1), Caranzalém.

9.3. Capela de Nossa Senhora do Rosário (2), Caranzalém.

9.4. Capela de São Francisco Xavier, Caranzalém.

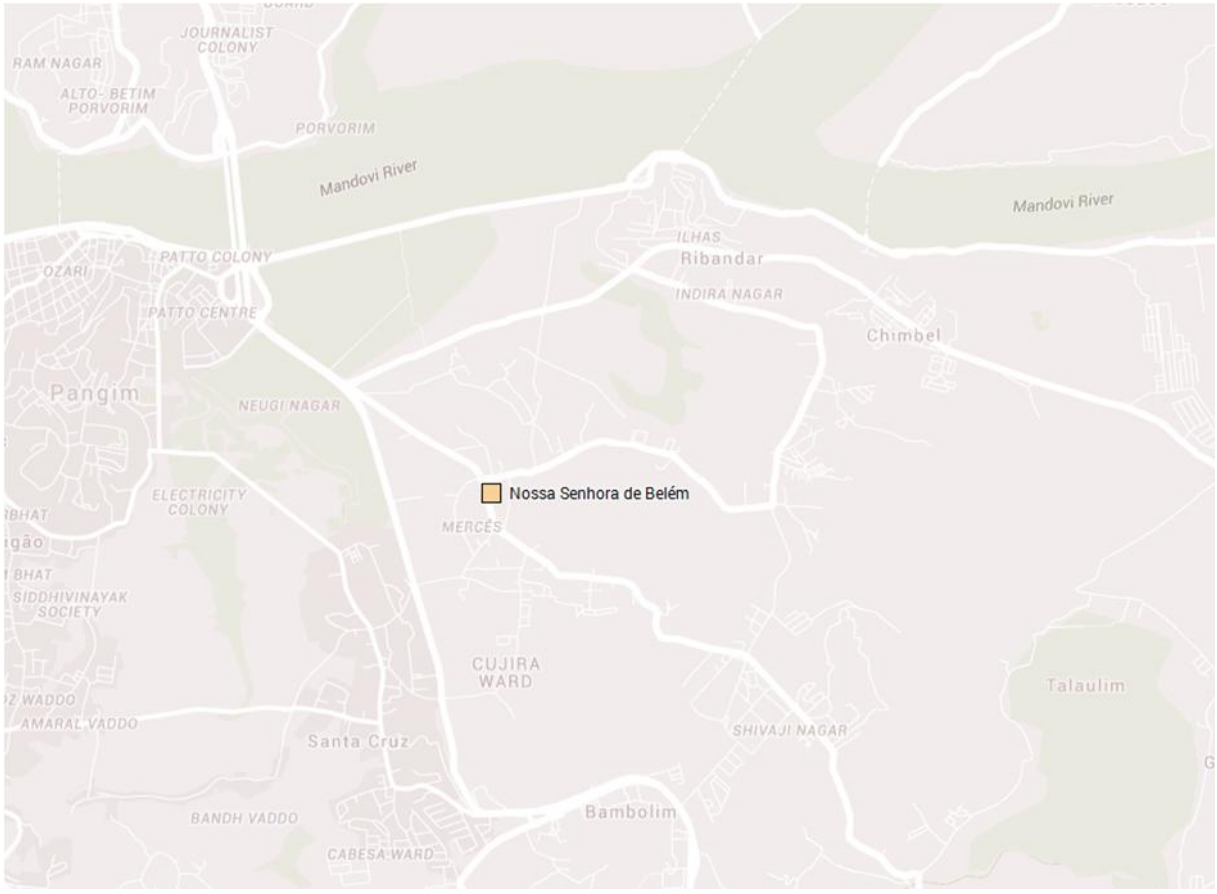
9.5. Capela de Nossa Senhora de Lurdes, Odxel.

9.6. Capela do Perpétuo Socorro, Dona Paula.

9.7. Igreja/Convento da Madre Deus, Raj Bhavan.

1. BAMBOLIM

1.1. Igreja de Nossa Senhora de Belém



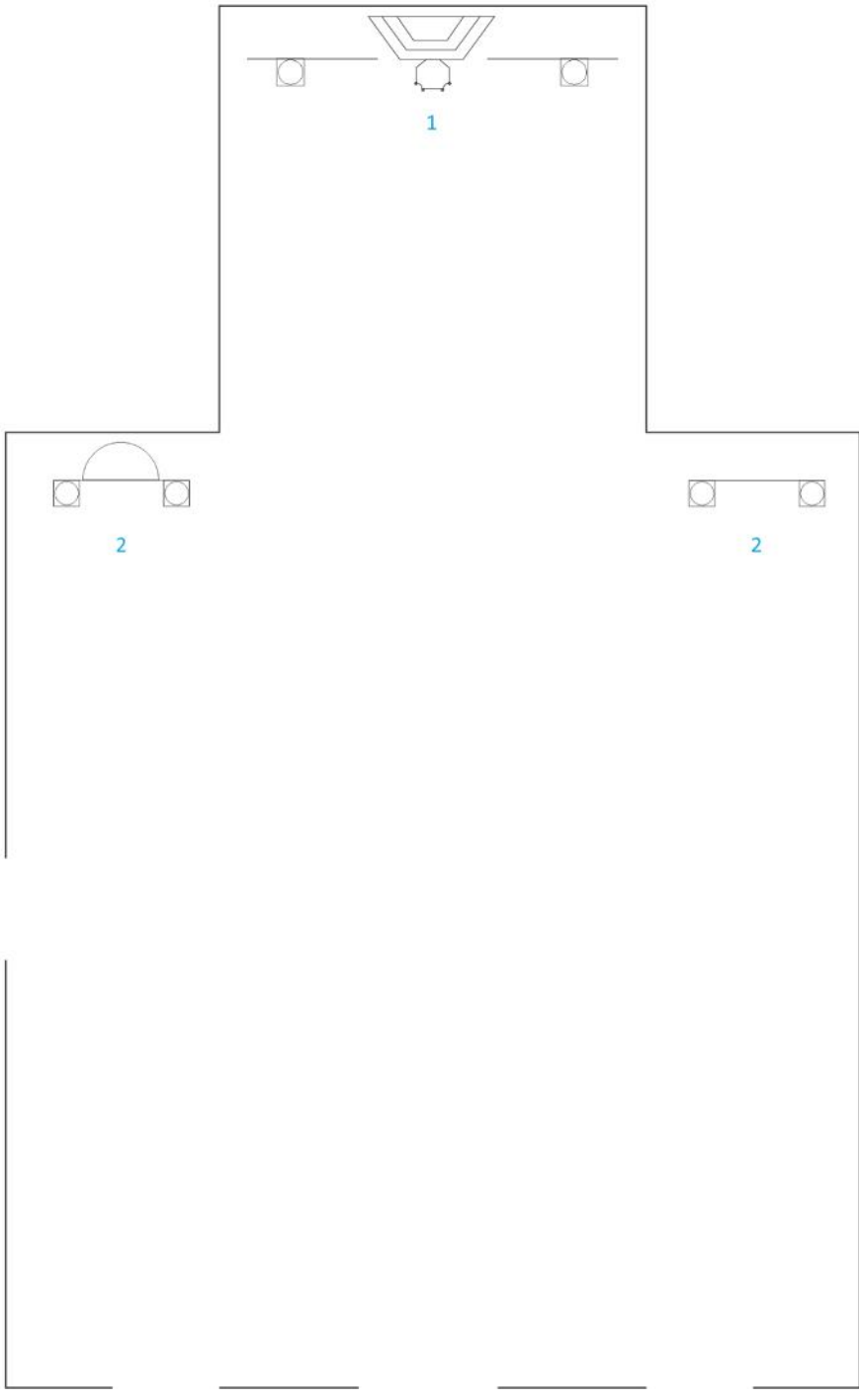
Legenda:

Igreja

Igreja de Nossa Senhora de Belém

(Bambolim-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.484671, Long. 73.853428

1 |Retábulo de Nossa Senhora de Belém
2 |Retábulos Colaterais: Nossa Senhora (Evangelho) e Senhor Crucificado (Epístola)





1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* 2ª metade do século XVII (retábulo original, do qual restam apenas sacrário e elementos arquitectónicos), c.1851 (presente retábulo)

Está localizado na ousia. Foi mandado executar pelo clero secular na 2ª metade do século XIX (e religiosos de São Domingos relativamente ao retábulo original do qual restam apenas os elementos arquitectónicos e o sacrário). Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo as colunas surgem apenas no tramo central, uma solução de modelo compositivo menos comum. Como especificidade refere-se os punhos cerrados aplicados no ático que sustentam parte do pano cenográfico, suspenso desde a coroa real.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. Neste assentam colunas que deverão ter pertencido ao retábulo da original igreja de Nossa Senhora de Belém erecta em 1616 e arruinada em 1850. Estas apresentam fuste estriado com diferenciação do imoscapo (que contém cabeças de serafins, cartelas, grinaldas, acantos, romãs e cajus). Sobre as colunas estão arranques de entablamento que culminam em pináculos. No tramo central, está o sacrário que assenta no banco. Este elemento, que apresenta evidências de alterações à sua traça original (alterações visíveis no domo), é certamente do retábulo original dadas as características arquitectónicas e decorativas que apresenta. Ao centro, a tribuna, alberga um trono de degraus onde se expõe no topo a figura de vulto perfeito do orago, envolta em resplendor. Ainda no tramo central, duas peanhas sustentam pequenas figuras de vulto perfeito de Santa Ana e de São Francisco Xavier. Nas ilhargas, dois nichos – um de cada lado – albergam as figuras de vulto perfeito de São Jerónimo e de São Gonçalo. Não possui entablamento. O ático compõe-se de aletas albergando uma coroa real, a pomba do Espírito Santo e o pano cenográfico sustentado pelos punhos cerrados.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, ‘A Velha Igreja de Bambolim’, *A Voz de São Francisco Xavier*, IV (1934), 88 (p. 88).



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* 1580-1620 com alterações no século XIX

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a Nossa Senhora (Evangelho) e ao Senhor Crucificado (Epístola), correspondendo, muito provavelmente ao retábulo das Santas Almas e ao retábulo de São Gonçalo respectivamente, dois dos 5 retábulos na velha Igreja de Bambolim. Foram mandados executar pelos religiosos de São Domingos 1580-1620 com alterações no século XIX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é intercolúnio inscrito entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando perspectiva côncava (Evangelho) e planta plana (Epístola). No banco há dois pedestais sobre os quais assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo (Evangelho). Este inclui cabeças de serafins, cartelas, grinaldas, acantos e cajus. No retábulo da Epístola as colunas têm fuste padronado espiralado e diferenciação do imoscapo (com cabeças de serafins, cachos de uvas e acantos). A gramática decorativa do banco constitui-se de cabeças de serafins e de uma composição com várias frutas: pêras, cajus, romãs e uvas. No retábulo da Epístola o banco tem dois registos – o primeiro com a mesma gramática decorativa do Evangelho e o segundo com uma cabeça de serafim e acantos. No tramo central do retábulo do Evangelho fica um painel que deverá ter albergado uma pintura e que agora expõe uma figura de vulto perfeito de Cristo Crucificado. No retábulo da Epístola, o nicho inscrito numa arquivolta plena, expõe a figura de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático composto de frontão que é interrompido, sendo o do Evangelho composto de cartelas, grinaldas, frutos e representação do Espírito Santo e o da Epístola com acantos e a mesma representação. Ambos contêm um remate de cesta de frutos. Contém ainda um dossel que difere da restante composição.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, ‘A Velha Igreja de Bambolim’, p. 88.

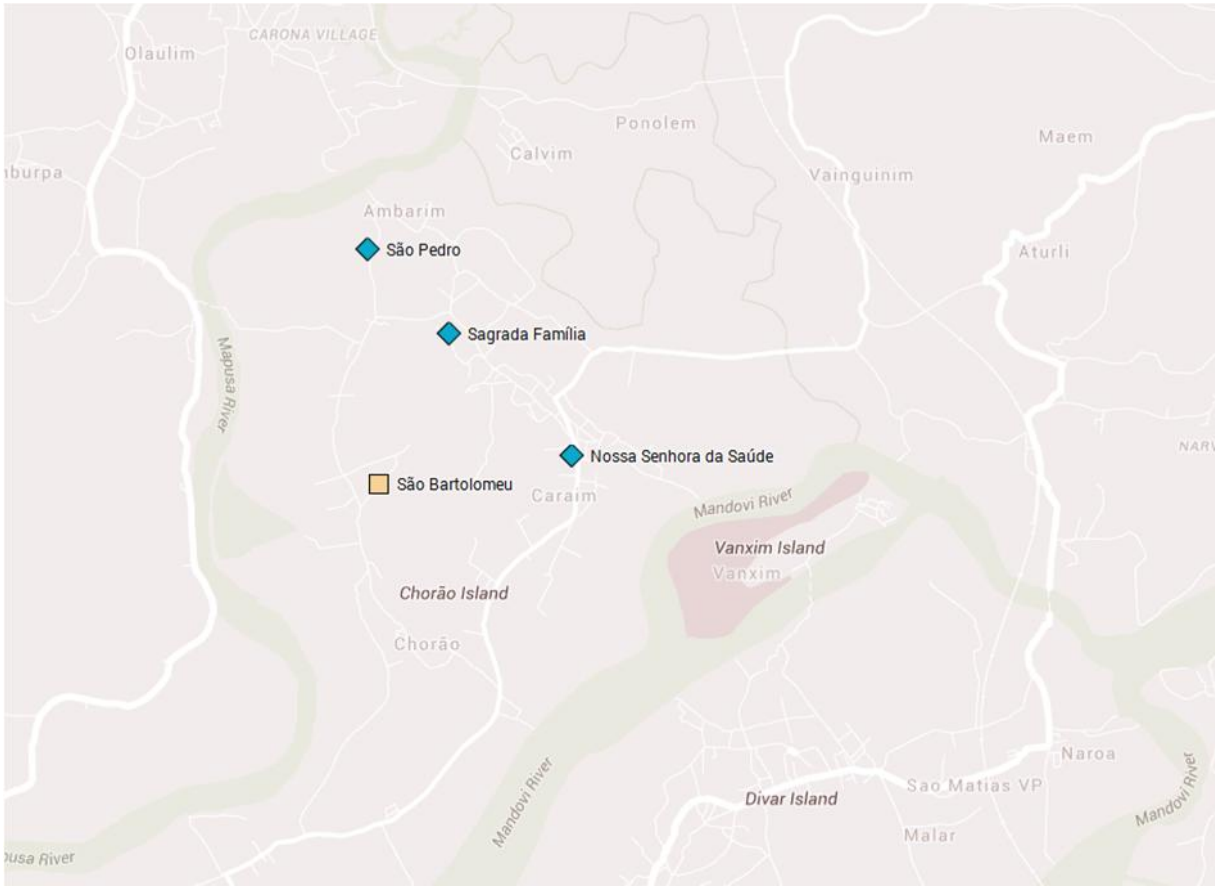
2. CHORÃO – SÃO BARTOLOMEU

2.1. Igreja de São Bartolomeu, Chorão.

2.2. Capela de Nossa Senhora da Saúde, Chorão.

2.3. Capela da Sagrada Família, Pandavaddo.

2.4. Capela de São Pedro, Ambarim.



Legenda:

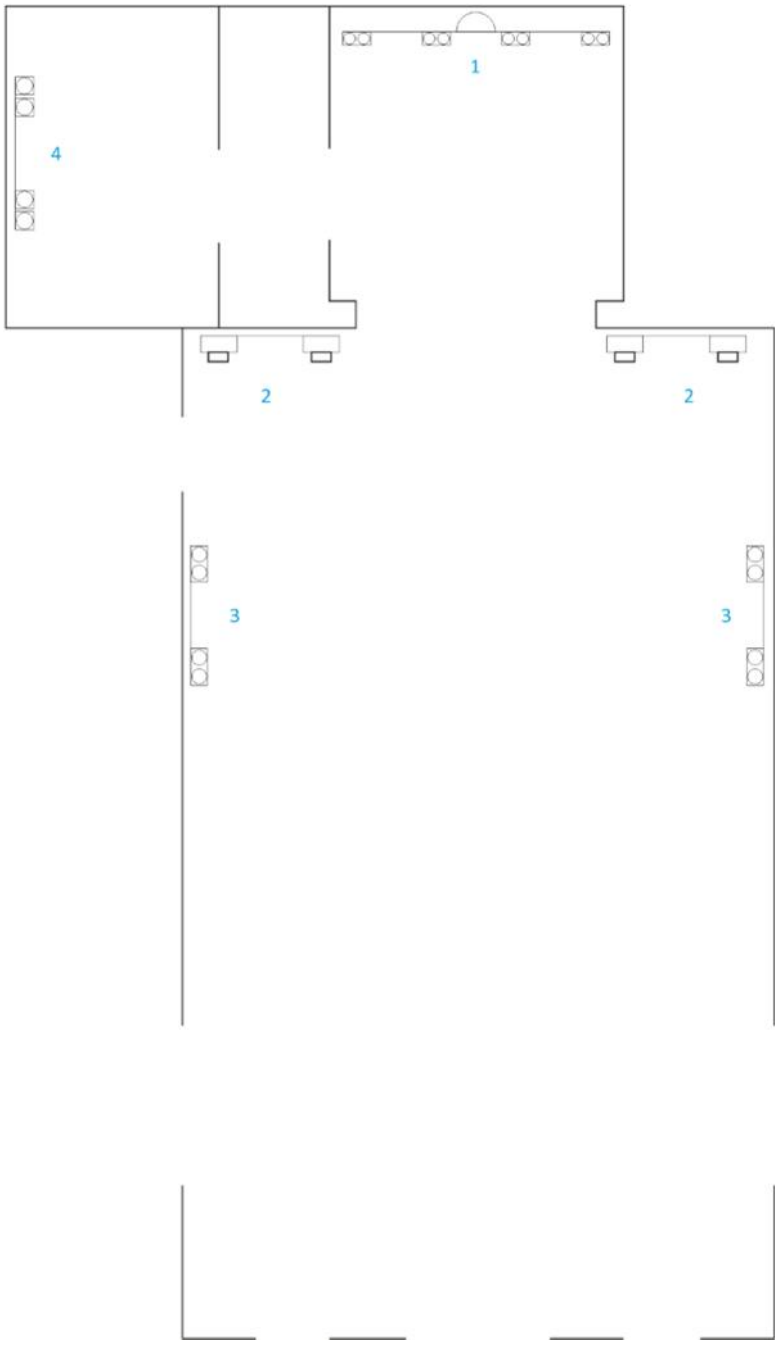
Igreja

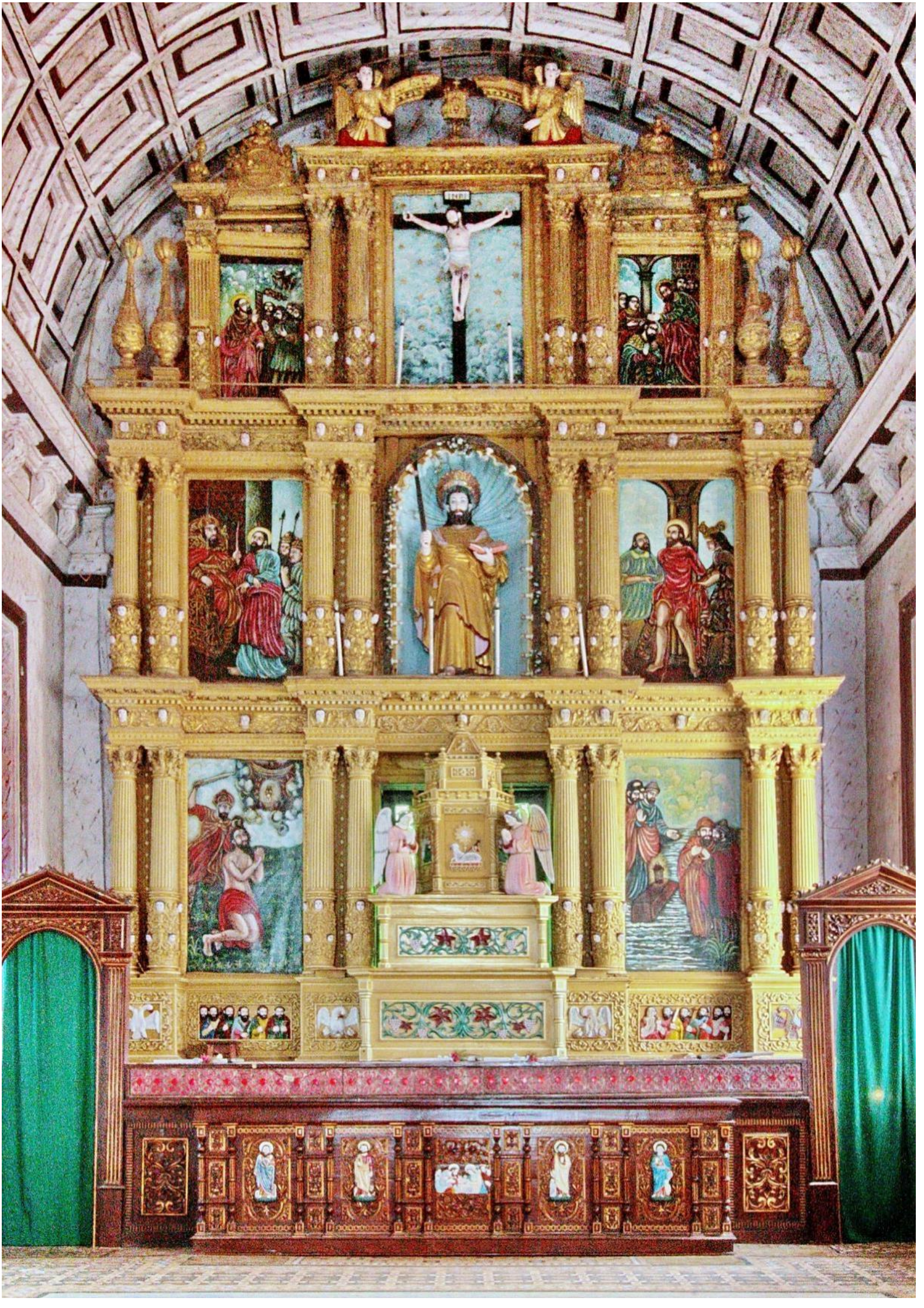
Capela

Igreja de São Bartolomeu

(Chorão-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.547332, Long. 73.879986

1 |Retábulo de São Bartolomeu
2 |Retábulos Colaterais: Nossa Senhora da Consolação (Evangelho) e Santo Inácio (Epístola)
3 |Retábulos do Corpo da Igreja: Imaculada Conceição (Evangelho) e São Miguel Arcanjo (Epístola)
4 |Retábulo do Senhor Crucificado





1 |Retábulo de São Bartolomeu

Risco e Entalhe*:* c.1642-1649

Está localizado na ousia. Foi mandado executar pela comunidade (gauncares) de Chorão entre c.1642 e 1649 aquando da reedificação da igreja. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar narrativo na tipologia menos frequente de dois corpos e três tramos cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista . No banco há quatro pedestais sobre os quais assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo que inclui cabeças de serafins, acantos e outros vegetalismos. No primeiro corpo, o tramo central, o nicho emoldurado por entablamento, expõe o sacrário que assenta sobre duas grandes banquetas. Nas ilhargas estão painéis com pinturas sobre madeira com representações da vida e martírio do santo do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o segundo corpo. Neste segundo corpo, o tramo central contém um nicho, onde se expõe a figura de vulto perfeito do orago. As ilhargas apresentam outros dois painéis com pinturas sobre madeira, continuando a narrativa da vida e martírio do santo. Sobre o entablamento, no centro do ático, inscrito entre colunas duplas (de fuste estriado com imoscapo diferenciado), evidencia-se um painel com a exposição da figura de vulto perfeito de Cristo Crucificado. Nas ilhargas – entre as colunas de fuste estriado do tramo central e a pilastra da ilharga que imita a morfologia da coluna – estão mais dois painéis com pintura sobre madeira completando assim um total de 6 painéis narrativos da vida de São Bartolomeu. O frontão é interrompido e inclui uma escultura do sacrário do Santíssimo Sacramento ladeado por dois arcanjos orantes.

Encontra-se em mau estado de conservação. Os painéis têm repintagens sucessivas, fruto de várias campanhas de restauro realizadas incorrectamente. Existem partes constituintes que ameaçam destacamento, nomeadamente no ático.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* 2ª metade do século XVIII

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a Nossa Senhora da Consolação (Evangelho) e a Santo Inácio (Epístola). Foram mandados executar pelo clero secular na 2ª metade do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é ausência de elementos arquitectónicos. Como especificidade indicamos a colocação de ostiários inclusos no banco.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais sobre os quais estão encostadas peanhas para a exposição de figuras de vulto. Daqui desenvolvem-se pilastras cujos capitéis são formados por cabeças de serafins. A gramática decorativa do banco constitui-se de elementos vegetalistas e concheados. No tramo central dos retábulos surge o nicho que está emoldurado por uma arquivolta plena. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático onde se expõe um nicho com exposição de pequenas figuras de vulto. O frontão, que apresenta enrolamentos, culmina na representação do Sagrado Coração envolto em resplendor. Ambos têm um enorme dossel de morfologia simples que deverá ser adição posterior.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



3 |Retábulos do Corpo da Igreja

Risco e Entalhe*:* Finais do século XVII/Princípios do século XVIII

Localizam-se no corpo da igreja e são dedicados a Imaculada Conceição (Evangelho) e a São Miguel Arcanjo (Epístola). Foram mandados executar pelo clero secular em finais do século XVII/Princípios do século XVIII

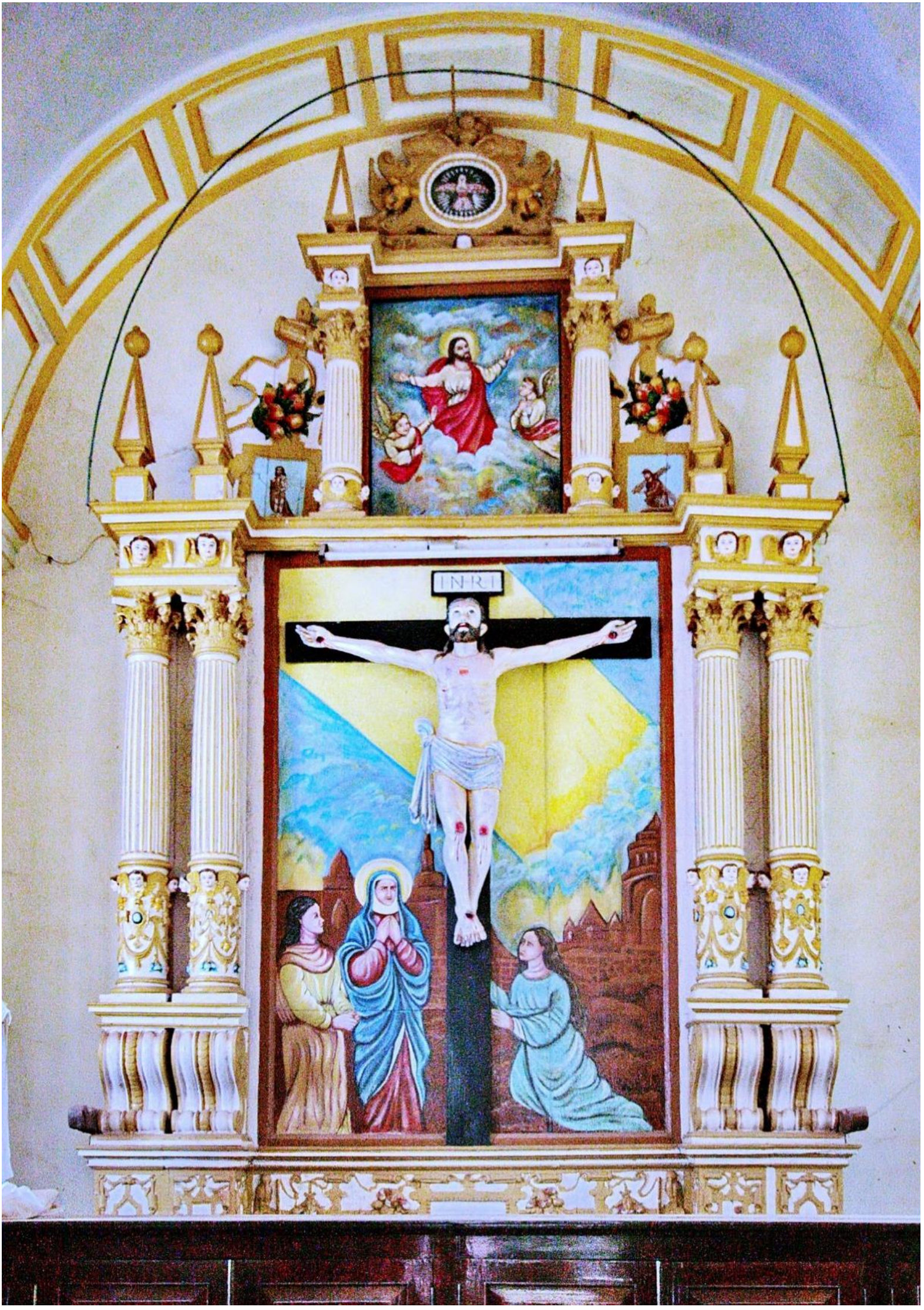
Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe. Como especificidade destacam-se os dosséis em forma de coroa.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam colunas torsas – duas por pedestal – cuja gramática decorativa se cinge à garganta e é composta de parras e uvas. A gramática decorativa do banco constitui-se de um padrão de enrolamentos e vegetalismos. No tramo central do retábulo do Evangelho, a pintura sobre madeira, emoldurada por entablamento, mostra o arcanjo, as Santas Almas, Cristo Ressuscitado e religiosos. No retábulo da Epístola está um nicho emoldurado por uma arquivolta plena que expõe a imagem da Imaculada. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático com edícula, inscrita entre colunas duplas composto de frontão que é interrompido e com volutas.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar


INRI

4 |Retábulo do Senhor Crucificado

Risco e Entalhe*:* entre a 2ª e a última década do século XVII.

Está localizado na sacristia da Igreja. Foi mandado executar por comunidade (gauncares) de Chorão entre a 2ª e última década do século XVII. Poderá ser um dos retábulos da primeira igreja aqui edificada e que foi substituída pela presente. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Como especificidade refere-se os pedestais em forma de modilhões nos quais assentam as colunas.

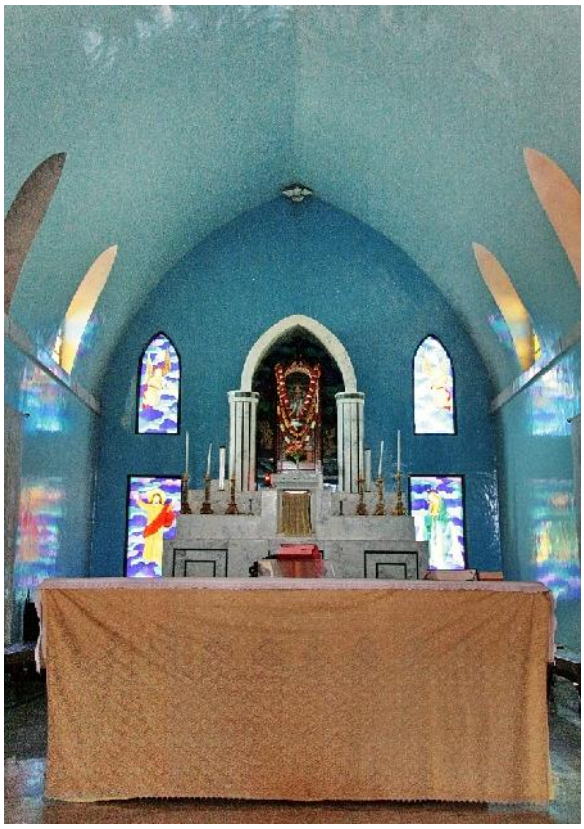
Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana . No banco há quatro pedestais em forma de modilhões. Filia-se por isso no retábulo que se encontra numa das Capelas do Seminário de Rachol (Rachol-Salcete). A gramática decorativa no banco inclui cartelas, fénixes, cajus e grinaldas, à semelhança do se se verifica, por exemplo, no retábulo da Capela de Nossa Senhora do Rosário (Monte Sacro-Tiswadi). Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo com cabeças de serafins, cartelas, grinaldas e cajus. No tramo central, a pintura sobre madeira cujo tema complementa a exposição do orago numa figura de vulto perfeito, está emoldurada por entablamento. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre duas colunas (de fuste estriado e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes em pedestais, evidencia-se uma pintura sobre madeira representado Cristo Ressuscitado. Nas ilhargas estão dois painéis com cartelas – um de cada lado – que incluem representações da Paixão de Cristo e um ramo de frutos em médio-relevo. O frontão de volutas compõe-se de cartelas e tondo com a representação do Espirito Santo.

Encontra-se em mau estado de conservação. As pinturas foram repintadas descontextualizando-as. As colunas do ático foram cortadas ao nível do imoscapo para permitir a colocação do retábulo neste espaço. Várias partes do retábulo denunciam ameaça de desabamento.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Capela de Nossa Senhora da Saúde

(Saúde [Chorão, São Bartolomeu]-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.549056, Long. 73.892420



Esta capela, filial da paróquia de São Bartolomeu não possui talha. Na ousia ergue-se um altar construído em alvenaria e revestido a mármore, executado certamente na 2ª metade do século XX.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Capela da Sagrada Família

(Pandavaddo [Chorão]-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.556687, Long. 73.884502

Esta capela, localizada na paróquia de São Bartolomeu da ilha de Chorão contem apenas os retábulos colaterais de execução recente (1ª metade do século XX) sem douração ou policromia. Na ousia, um nicho adaptado a altar denuncia que já aqui existiu um retábulo.

Existem porém algumas partes de colunas torsas (com gramática decorativa do tipo vegetalista e floral cingida à garganta típicas da 1ª metade do século XVIIII) que servem hoje de apoio à liturgia, podendo corresponder ao retábulo da ousia que aqui existiu.



1 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* 1ª metade do século XX

Estão localizados junto ao arco da ousia. São dedicados ao Sagrado Coração de Jesus (Evangelho) e Sagrado Coração de Maria (Epístola). Foram mandados executar pelo Clero Secular na 1ª metade do século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é intercolúnio inscrito entre pilastras.

Constituem-se de madeira entalhada e envernizada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui mandorlas, parras e uvas. Neste assentam pilastras decoradas de palmas e outros elementos vegetalistas. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Ao redor do nicho, expõe-se outras duas pequenas figuras de vulto perfeito de santos em peanhas com dossel. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático onde se inclui o frontão abaixado rematado por uma cruz

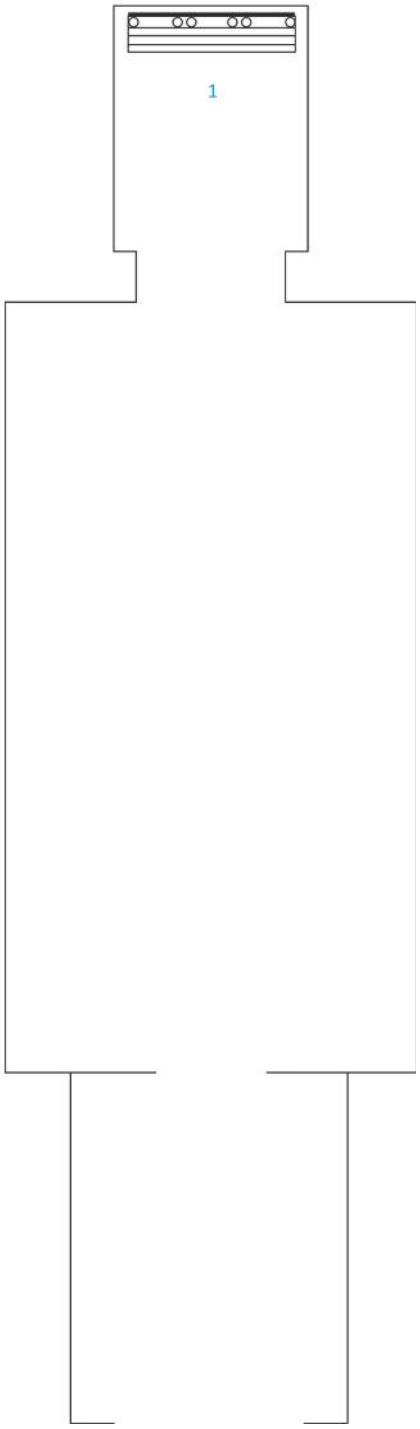
Encontra-se em bom estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Capela de São Pedro

(Ambarim-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.556725, Long. 73.884620

1 |Retábulo de São Pedro





1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* Século XX

Está localizado na ousia. Desconhece-se os dados sobre a sua execução e encomenda bem como a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é tramo central entre duas colunas e tramos das ilhargas com uma coluna.

Constitui-se de alvenaria, apresentando planta plana. O banco constitui-se de 3 banquetas. Na última banqueta assentam os colunelos lisos que ladeiam os nichos em madeira e fechados com vidro, estando no centro a figura de vulto perfeito do orago e nas ilhargas as figuras de Nossa Senhora e de Santo António.

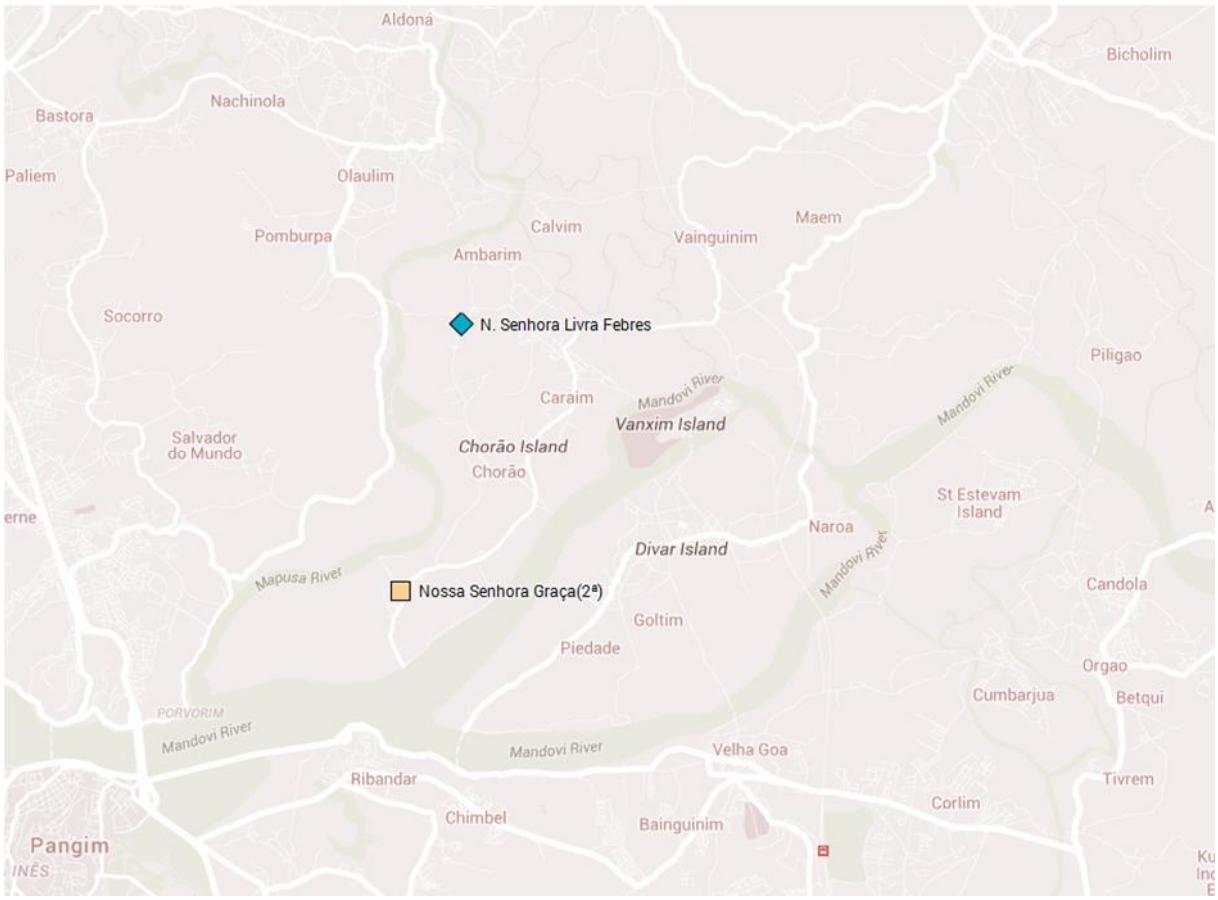
Encontra-se em bom estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

3. CHORÃO – NOSSA SENHORA DA GRAÇA

3.1. Igreja de Nossa Senhora da Graça, Chorão.

3.2. Capela de Nossa Senhora de Livra Febres, Belbata.



Legenda:

Igreja

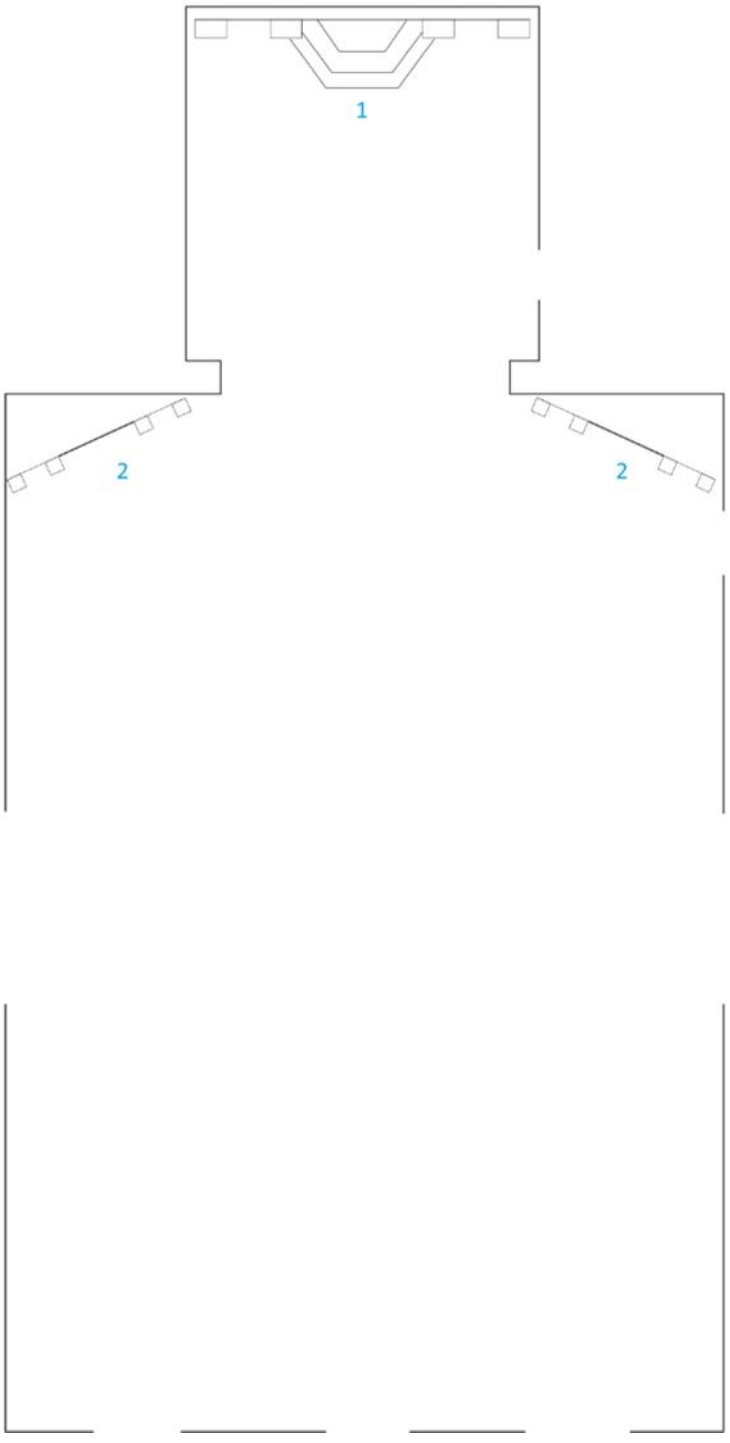
Capela

Capela de Nossa Senhora da Graça

(Madel [Chorão]-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.522635, Long. 73.870274

1 |Retábulo de Nossa Senhora da Graça

2 |Retábulos Colaterais: Senhor Crucificado (Evangelho) e São Roque (Epístola)





1 |Retábulo de Nossa Senhora da Graça

Risco e Entalhe*:* c.1860

Está localizado na ousia. Foi mandado executar pelo clero secular em c.1860, data em que se reedificou a Igreja. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada com pontuais aplicações de douração, apresentando perspectiva convexa . No banco há quatro pedestais. O tramo central expõe um trono de três degraus onde se expõe a figura de vulto perfeito do orago. O entablamento restringe-se às ilhargas e assenta sobre capitéis seráficos. No centro do ático – constituído por frontão interrompido onde repousam dois arcanjos – evidencia-se um resplendor com o símbolo do Espírito Santo.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar


KRISTI BHAVARTH
KHOLAUM - YA,
JEZU PORZOLL
XIMPDDAUM - YA
ROOTED IN FAITH, GO,
SPREAD
THE JESUS GLOW

2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* c.1860

Localizam-se junto ao arco da ousia, dispostos num angulo de 45º e são dedicados ao Senhor Crucificado (Evangelho) e a São Roque (Epístola). Foram mandados executar pelo clero secular em c.1860, data em que se reedificou a igreja. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo.

Constitui-se de madeira entalhada que se apresenta envernizada e pontual douração de alguns elementos, apresentando planta plana. No tramo central está um nicho onde se expõem figuras de vulto perfeito do orago. O entablamento restringe-se às ilhargas e assenta sobre capitéis seráficos. No centro do ático – constituído por frontão interrompido onde repousam dois arcanjos – evidencia-se um resplendor com o símbolo do Sagrado Coração encimado por uma cruz. Contém ainda um dossel, de morfologia idêntica à do retábulo que, devido à colocação dos retábulos no angulo de 45º, apresentam uma disposição triangular.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Igreja de Nossa Senhora de Livra Febres

(Belbata (Chorão)-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.555683, Long. 73.878333

1 |Retábulo de Nossa Senhora de Livra Febres





1 |Retábulo de Nossa Senhora de Livra febres

Risco e Entalhe*:* Século XX

Está localizado na Ousia. Foi mandado executar por uma das confrarias da capela durante o século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a três temas na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de alvenaria pintada, apresentando perspectiva côncava. No banco há dois pedestais. Neste assentam mísulas onde se expõe pequenas figuras de vulto perfeito. No tramo central, o nicho emoldurado por arco apontado expõe num trono de degraus a imagem do orago.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

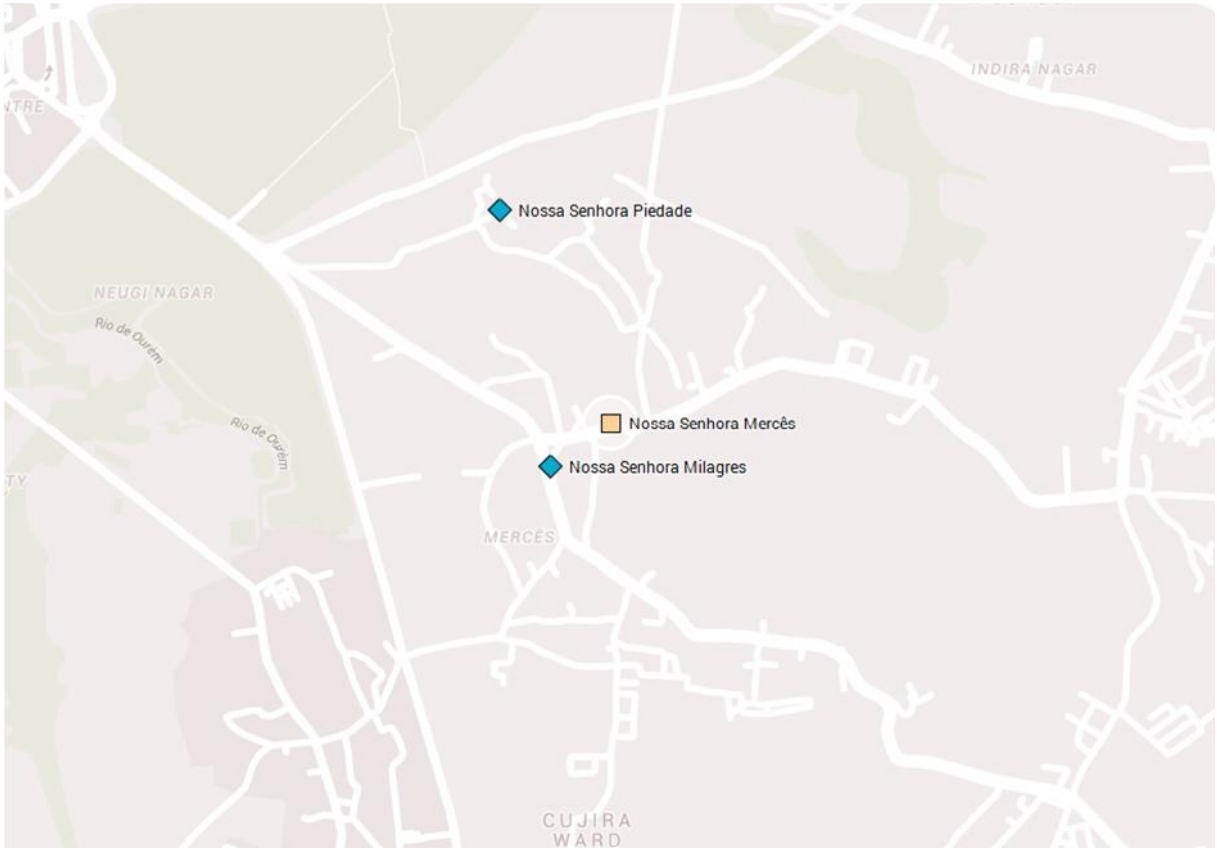
Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

4. MERCÊS

4.1. Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Mercês

4.2. Capela de Nossa Senhora da Piedade, Mercês

4.3. Capela de Nossa Senhora dos Milagres, Vardi.



Legenda:

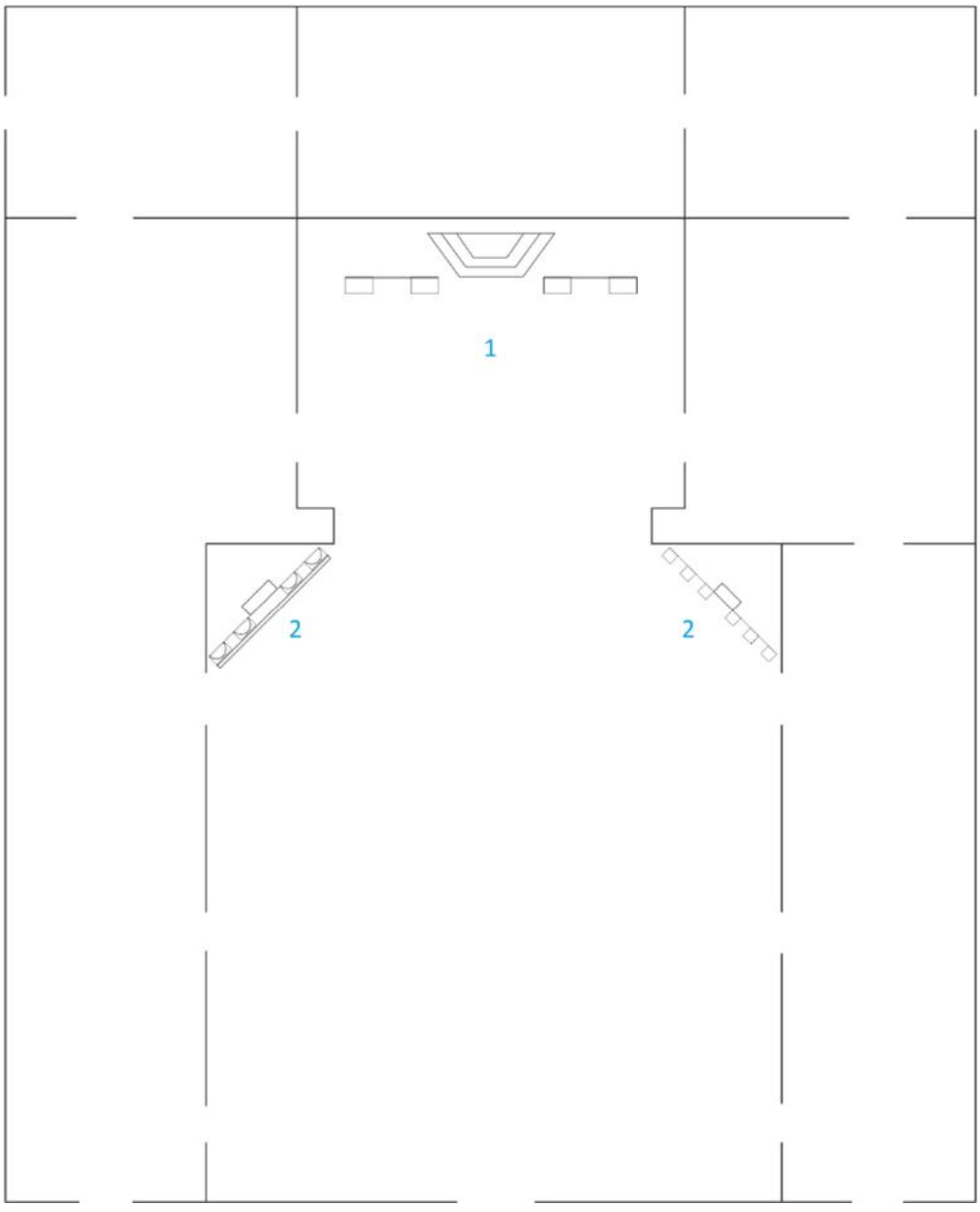
Igreja

Capela

Capela de Nossa Senhora da Piedade

(Mercês-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.492707, Long. 73.851570

1 |Retábulo de Nossa Senhora da Piedade
2 |Retábulos Colaterais: Santa Ana (Evangelho) e São Sebastião (Epístola)





1 |Retábulo de Nossa Senhora da Piedade

Risco e Entalhe*:* 1885

Está localizado na ousia. Foi mandado executar por Sebastião Leonardo de Souza Monteiro e sua esposa Ana Stella de Oliveira, figuras eminentes de Goa em 1885. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há quatro pedestais. A gramática decorativa no banco inclui elementos vegetalistas extremamente estilizados. Neste assentam pilastras com capitéis seráficos. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago sobre um trono de três degraus. Sobre o entablamento – que se restringe às ilhargas – assenta o ático. No centro do ático evidencia-se um resplendor com a pomba do Espírito Santo. O frontão de volutas é coroado com um globo e cruz entre aletas.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* 1885

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a Santa Ana (Evangelho) e a São Sebastião (Epístola). Foram mandados executar por Sebastião Leonardo de Souza Monteiro e sua esposa Ana Stella de Oliveira, figuras eminentes de Goa em 1885. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia de um corpo e três tramos (Evangelho) sendo o modelo compositivo de intercolúnio entre colunas duplas (de fuste estriado com diferenciação dos terços em dois) e um corpo e cinco tramos (Epístola) cujo modelo compositivo é ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais sobre os quais assentam pilastras. No tramo central expõe-se a figura de vulto perfeito do orago.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Capela de Nossa Senhora dos Milagres

(Vardi [Mercês]-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.484695, Long. 73.853214



1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe: 1ª metade do século XX

O retábulo da ousia é característico da 1ª metade do século XX sendo constituído de madeira entalhada e envernizada. Apresenta um corpo e três tramos com nichos para exposição de figuras de vulto perfeito de santos.

Está em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

5. PANGIM

5.1. Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Pangim.

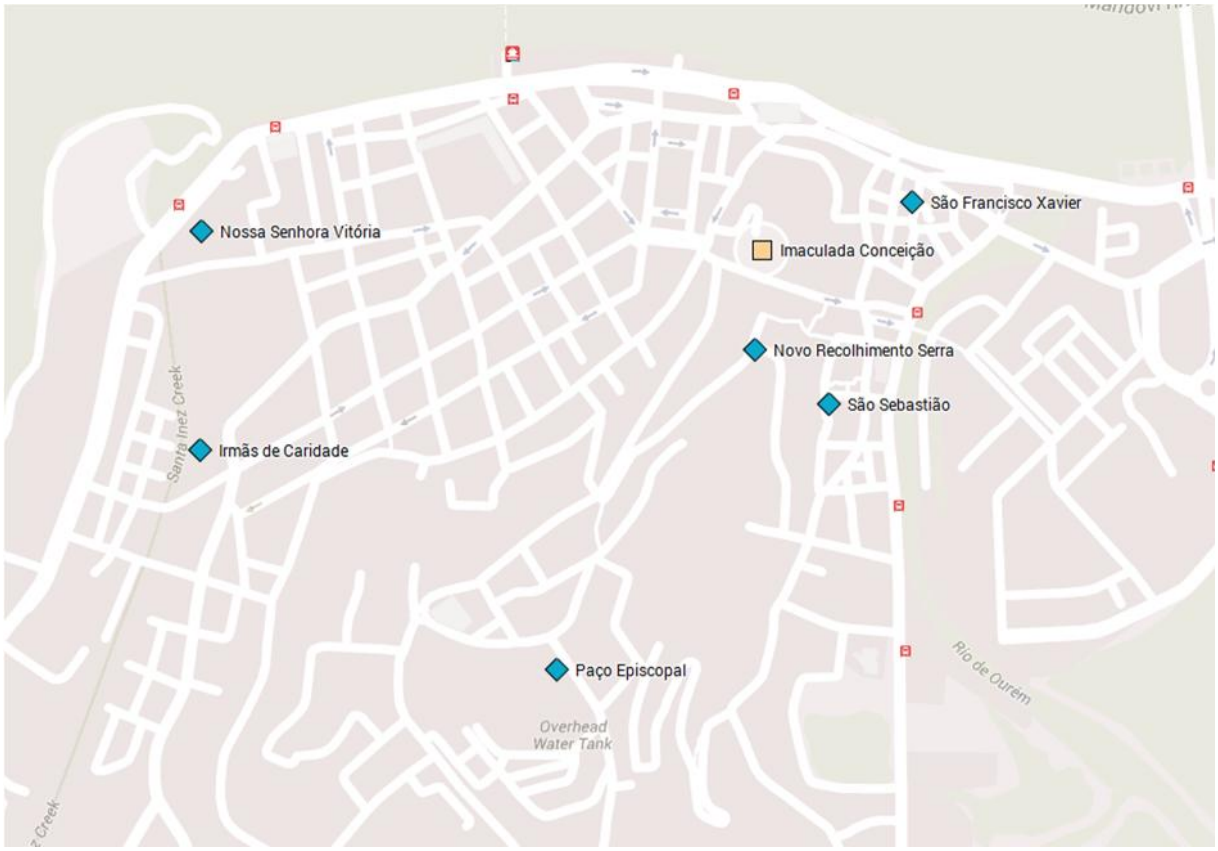
5.2. Capela de São Sebastião, Fontainhas.

5.3. Capela do Palácio do Arcebispo, Altinho.

5.4. Capela das Irmãs de Caridade, Pangim.

5.5. Capela de Nossa Senhora da Vitória, Portais.

5.6. Capela de São Francisco Xavier, Portais.



Legenda:

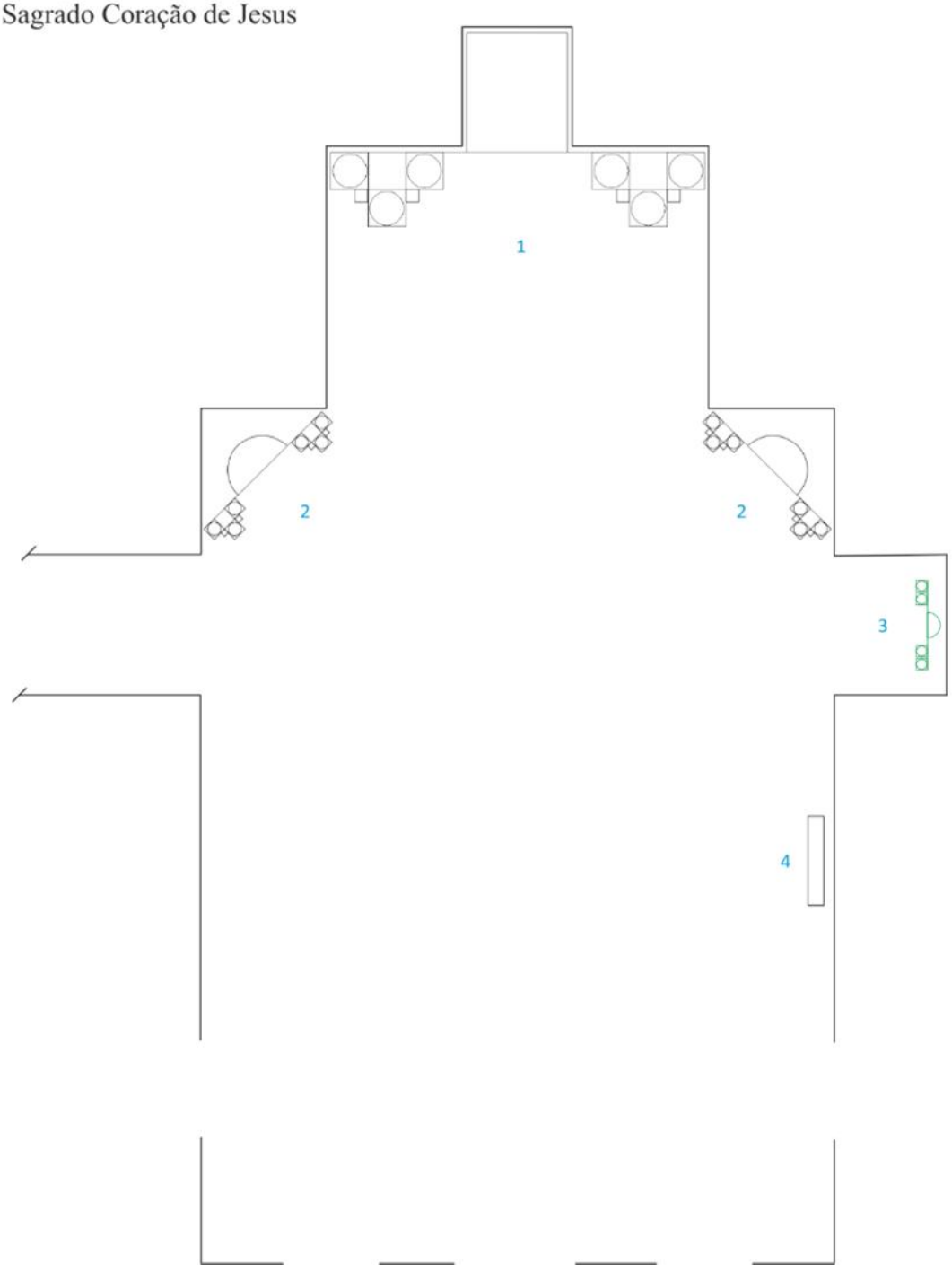
Igreja

Capela

Igreja de Nossa Senhora da Conceição

(Pangim-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.498569, Long. 73.829744

1 |Retábulo de Nossa Senhora da Conceição
2 |Retábulos Colaterais: Nossa Senhora do Rosário (Evangelho) e Jesus Crucificado (Epístola)
3 |Retábulo da Capela do Santíssimo
oriundo da Capela de Nossa Senhora da Imaculada Conceição no Palácio do Governo (Panjim-Tiswadi)
4 |Altar do Sagrado Coração de Jesus





1 |Retábulo de Nossa Senhora da Conceição

Risco e Entalhe*:* final do século XVII/Princípio do século XVIII

Está localizado na ousia. Foi mandado executar pelo clero secular, por alturas da reforma da capela-mor, em finais do século XVII/Princípio do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade refere-se a solução nos pedestais – acrescento de elemento extra no pedestal central para criar maior impacto visual.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui um padronado do tipo vegetalista. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de grinalda floral (no imoscapo a gramática decorativa é formada por uma espira, uvas e parras na garganta da coluna). A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras e uvas. No tramo central, a tribuna emoldurada por uma arquivolta plena, expõe o Santíssimo em trono de três degraus. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes em mísulas, evidencia-se a edícula que expõe a imagem de vulto perfeito do orago. O frontão é entrecortado e expõe a representação do Espírito Santo.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, ‘Igreja de Pangim’, *A Voz de São Francisco Xavier*, VI (1937), 530–31; 542 (p. 530).


DONATION

2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* 2º quartel do século XVIII

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a Nossa Senhora do Rosário (Evangelho) e a Jesus Crucificado (Epístola). Foram mandados executar pelo clero secular no 2º quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe. Filia-se no retábulo de Nossa Senhora da Luz da extinta Igreja de Nossa Senhora da Luz (Velha Goa-Tiswadi) e que se pode venerar hoje na Igreja de São Pedro (Panelim-Tiswadi).

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. Toda a superfície retabular é ocupada por acantos estilizados com grande volumetria. No banco há seis pedestais sobre os quais assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo. Nas colunas essa gramática decorativa ocupa apenas a espira e o imoscapo tem maior volumetria em relação ao restante fuste. No tramo central o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a figura de vulto perfeito do orago. Ao centro, os acantos assumem a forma de chamas que ascendem até ao entablamento.

Sobre o entablamento contínuo assenta o ático com um tondo totalmente dourado (outrora poderia ter pintura). O frontão que é formado pelos mesmos acantos e inclui dois anjos que sustentam uma coroa real (Evangelho) e uma coroa de espinhos (Epístola).

Encontram-se em bom estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, ‘Igreja de Pangim’, p. 530.



3 |Retábulo da Capela do Santíssimo

Risco e Entalhe*:* finais do século XVII com eventuais remodelações por volta de 1759

Este retábulo pertenceu à Capela de Nossa Senhora da Imaculada Conceição no Palácio do Governo (Pangim-Tiswadi). Actualmente está localizado numa capela do lado da Epístola e é dedicado a São Francisco de Xavier. Terá sido mandado executar em finais do século XVII, desconhecendo-se os responsáveis da sua encomenda, com eventuais remodelações por volta de 1759, promovidas pelo Vice-rei Conde de Ega Manuel de Saldanha quando se realizam profundas alterações no palácio com o intuito de aí fixar residência. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando perspectiva côncava. No banco há quatro pedestais. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo. A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras e uvas. No tramo central, o nicho – que é uma adaptação posterior – está emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático cujo frontão é entrecortado tem quatro jarrões de onde brotam acantos.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, 'Igreja de Pangim', p. 530; Ricardo Michael Telles, 'Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa', *O Oriente Português*, 1933, 373–400 (p. 387).



4 |Altar do Sagrado Coração de Jesus

Risco e Entalhe*:* c. 1870

Este altar, dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, foi colocado no corpo da igreja em c.1870.

Está localizado no corpo da igreja, lado da Epístola e é dedicado ao Sagrado Coração de Jesus. Foi mandado executar pelo clero secular ou confraria em c.1870 Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia menos frequente de dois corpos e um tramo cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira envernizada, apresentando perspectiva côncava. Assente sobre mesa de altar, o primeiro corpo contém um nicho ao centro expondo-se a figura de vulto perfeito do orago e nas ilhargas, assentes em mísulas, duas outras figuras de vulto perfeito de santos. O segundo corpo constitui-se de uma pintura cujo tema é indetectável data a sua deterioração. No ático surge um painel entalhado em médio-relevo com sujeito ao tema de Nossa Senhora.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, ‘Igreja de Pangim’, p. 530.

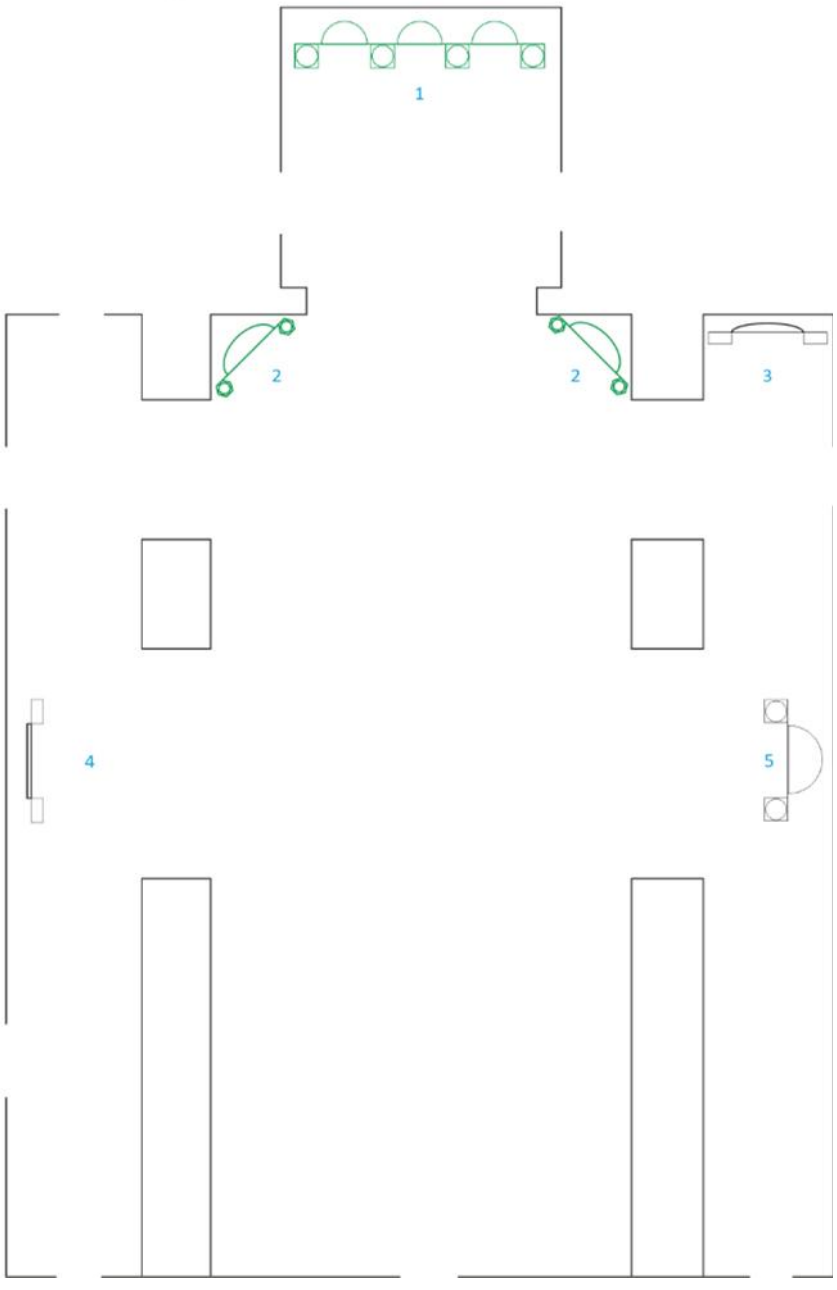
Capela de São Sebastião

(Fontainhas-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.496150, Long. 73.830818

1 |Retábulo da Ousia
Origem: retábulo da Igreja do Convento de São Tomé (Diu-Union Territory)

2 |Retábulos Colaterais: Nossa Senhora do Livramento (Evangelho) e São José (Epístola)
Origem: retábulos da extinta Igreja de São José (Daugim-Tiswadi)

3 |Retábulo do Crucifixo da Inquisição
4 |Retábulo de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa
5 |Retábulo de Nossa Senhora do Bom Despacho





1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* 2ª década do século XVII

Está localizado na ousia, sendo sido trazido da Igreja Matriz de São Tomé (Diu-Union Territory) que foi mandada edificar pelo arcebispo Dom Frei Aleixo de Menezes. O retábulo foi provavelmente mandado executar por este com patrocínio régio durante a 2ª década do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe. É um exemplar devocional a vários temas na tipologia menos frequente de dois corpos e três tramos cujo modelo compositivo é intercolúnios inscritos entre duas colunas. Como especificidade refere-se os pedestais em forma de modilhão e a explicita representação do corpo e sangue de Cristo na gramática decorativa das colunas que junta no mesmo cacho uvas e cajus. Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há quatro pedestais. A gramática decorativa no banco inclui cartelas em médio-relevo representando o Jesus Bom Pastor com figuras míticas expelindo parras e uvas. Neste assentam colunas de fuste estriado com pontilhados até meio fuste e imoscapo diferenciado (com cachos de uvas e cajus, cartelas, flores, grinaldas e cabeças de serafins). No primeiro corpo, os intercolúnios apresentam nichos para exposição de figuras de vulto perfeito de santos. No tramo central, expõe-se a figura de vulto de São Sebastião, e nas ilhargas, Santa Ana (Evangelho) e de São Pedro sentado no trono (Epístola). O entablamento contínuo contém cartelas com cabeças de serafins e míticas figuras expelindo cachos de uvas. No segundo corpo, o tramo central, ladeado por duas colunas (de fuste decorado com parras e uvas e imoscapo com mesma gramática decorativa das do primeiro corpo) – uma de cada lado – contém nicho onde se expõe a figura de vulto perfeito do Bom Jesus. Nas ilhargas, inseridos numa meia-cartela com enrolamentos estão as imagens de esculpidos em meio-relevo da Virgem maria e São José ajoelhados. As colunas das ilhargas são de fuste liso e imoscapo diferenciado. O entablamento do segundo corpo restringe-se ao tramo central. Nas ilhargas as meias-cartelas assumem funções de frontão que culmina no topo e ao centro com uma edícula expondo uma pequena figura de vulto perfeito da Imaculada Conceição, entre cartela e enrolamentos fitomórficos. A proeminência e alta qualidade dos relevos entalhados bem como a iconografia mítica fazem deste um perfeito exemplo da talha da Província do Norte. Encontra-se em bom estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Adriano de Sá, 'Capela de São Sebastião Das Fontainhas', *A Voz de São Francisco Xavier*, 1936, p. 12.


N RI

2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* 2º quartel do século XVIII com alterações no século XX

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a Nossa Senhora do Livramento (Evangelho) e a São José (Epístola). Foram mandados executar pelo clero secular no 2º quartel do século XVIII com alterações efectuadas durante o século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é intercolúnio inscrito entre duas colunas. Como especificidade destacam-se os pedestais de seis faces. A bibliografia existente indica que foram da Igreja de São José (Daugim-Tiswadi), no entanto, a profusão decorativa das colunas e os pedestais são características da talha que se executou na Província do Norte. Considerando a origem do retábulo da ousia (Matriz de São Tomé, Diu-Union Territory) não se coloca de parte a hipótese deste serem igualmente oriundos dessa região.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam colunas torsas com fuste totalmente revestido com baixos-relevos de parras e uvas na espira e grinalda na garganta. A gramática decorativa do banco constitui-se de cabeças de serafins, uvas e cajus e outros elementos vegetalistas. No tramo central dos retábulos, o nicho está emoldurado por uma arquivolta plena, e expõe a figura de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático com frontão composto de concheados, grinaldas e volutas.

Encontram-se em razoável estado de conservação. A estrutura denota a adaptação ao local, na estrutura do tramo central e no ático, partes constituintes que estão simplificadas e truncadas respectivamente.

Bibliografia Específica:

Sá, pp. 15–26.


I·N·R·I

3 |Retábulo do Crucifixo da Inquisição

Risco e Entalhe*:* c.1780 com alterações do século XX (Retábulo), século XVI-XVII (Crucifixo)

Está localizado no transepto, lado da Epístola. Foi mandado executar por volta de 1780 por Francisco da Costa Ataíde, fidalgo da Casa Real e Cavalheiro da ordem de Cristo para, inicialmente, ser colocado na Capela do seu Palácio que recebe uma reestruturação em 1784 (Palácio dos Maquinezes, Panelim-Tiswadi). Entretanto é transferido para esta capela das Fontainhas para acomodar o crucifixo que foi da Capela da Inquisição (Velha Goa-Tiswadi). Terá por essa altura ter recebido algumas alterações. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de ausência de ordens arquitectónicas. Como especificidade refere-se a emulação do entablamento ao retábulo oriundo da Igreja de Nossa Senhora do Pilar que está presentemente na Capela de Nossa Senhora da Piedade (Panelim-Tiswadi). A proximidade geográfica desta capela e da Casa de onde veio este retábulo justifica a filiação.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. É ladeado por pilastras com capitéis seráficos. No tramo central, a pintura sobre madeira, que data de c.1920, serve de pano de fundo para a figura de vulto de cristo crucificado, a peça mais antiga neste conjunto retabular (século XVI-XVII). O frontão de volutas está bastante simplificado reforçando a teoria da filiação artística que avançamos. Contém ainda um dossel.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Sá, pp. 38–39.



4 |Retábulo de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa

Risco e Entalhe*:* 1933

Está localizado no corpo da igreja, lado do Evangelho. Foi mandado executar pelo Padre Basílio Mascarenhas em 1933 para culto da Associação da Medalha Milagrosa. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de ausência de ordens arquitectónicas.

Constitui-se de madeira entalhada e envernizada, apresentando planta plana . No banco há dois pedestais. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. O frontão é abaixado e culmina com a exposição de uma cruz.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Sá, pp. 35–37.


N. S.ª do BOM DESPACHO
Sta TERESINHA
DO
MENINO JESUS

5 |Retábulo de Nossa Senhora do Bom Despacho

Risco e Entalhe*:* século XX com elementos arquitectónicos do século XVII

Está localizado no corpo da igreja, lado da Epístola (esteve, antes do aumento da igreja, no corpo da mesma, lado do Evangelho). Foi mandado executar pelo clero secular a partir do século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe. É um retábulo construído a partir de peças de outro retábulo mais antigo, provavelmente do século XVII, com grande probabilidade de ter vindo da Capela do Tribunal da Relação (Pangim-Tiswadi) dado que a figura de vulto perfeito é desse local.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é intercolúnio inscrito entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada e envernizada, apresentando planta mista . No banco há dois pedestais onde assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo com acantos e outros vegetalismos. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, dois anjos sustentam uma coroa real. O frontão compõe-se de rosas esculpidas em médio-relevo.

Encontra-se em bom estado de conservação.

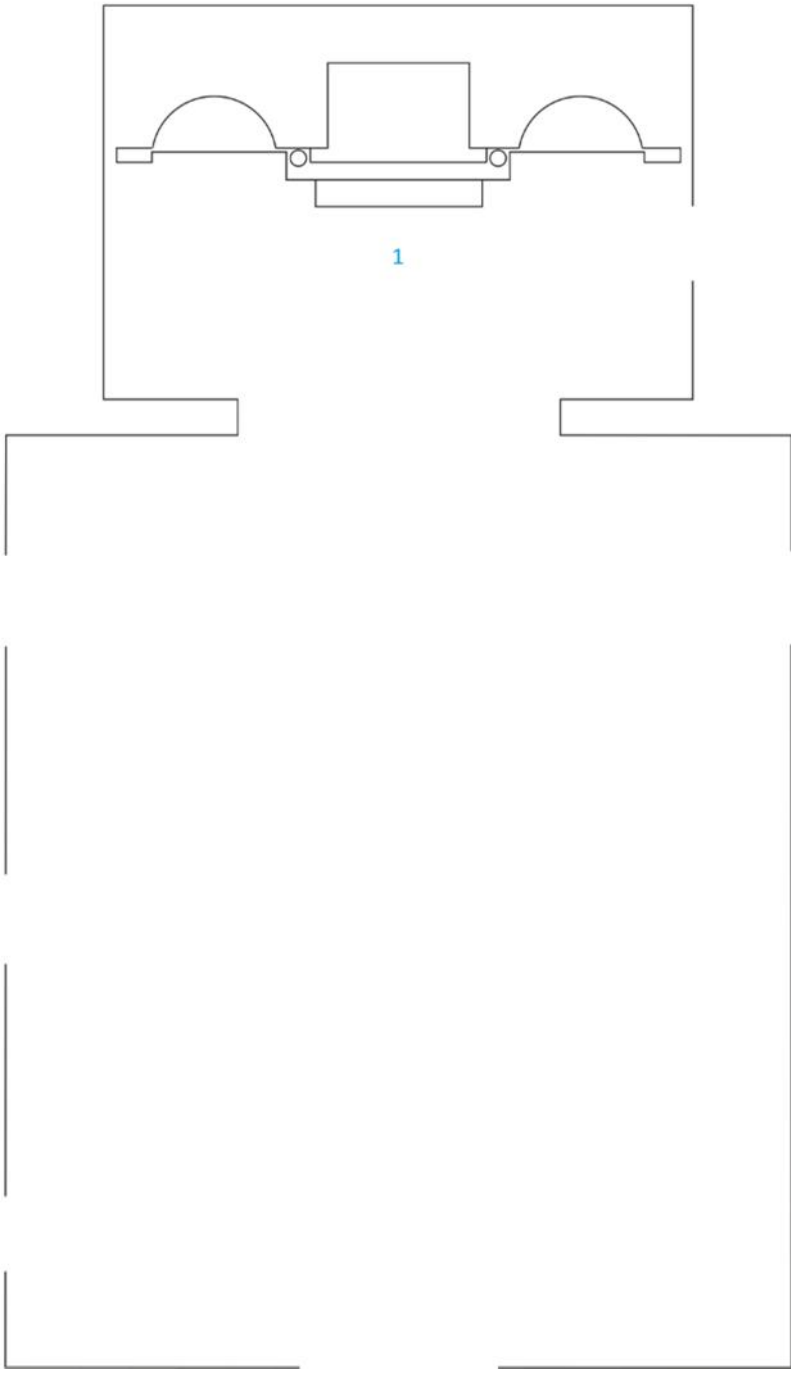
Bibliografia Específica:

Sá, p. 27.

Capela do Paço Episcopal

(Altinho-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.491997, Long. 73.826417

1 |Retábulo da Ousia





1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* 1895

Está localizado na ousia. Foi mandado executar pelo Clero Secular em 1895, data em que se benze a capela construída anexa ao seu edifício benzido um ano antes. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a três temas na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos nas ilhargas e tramo central entre duas colunas (uma de cada lado).

Constitui-se de madeira entalhada e envernizada, apresentando planta plana. O banco restringe-se ao tramo central. Aqui, uma mesa de altar e duas banquetas, suportam as colunas de fuste estriado e diferenciação do imoscapo (revestido a elementos florais e vegetalistas e grinalda helicoidal). Nas ilhargas, duas portas – uma de cada lado – dão acesso ao intradorso do retábulo.

No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe-se uma imagem de vulto perfeito do Sagrado Coração de Jesus no topo de um trono de quatro degraus. Nas ilhargas os outros nichos exibem as figuras de vulto perfeito do Sagrado Coração de Maria (Evangelho) e de São José (Epístola). O ático é tripartido, assumindo frontões agudos.

Encontra-se em bom estado de conservação.

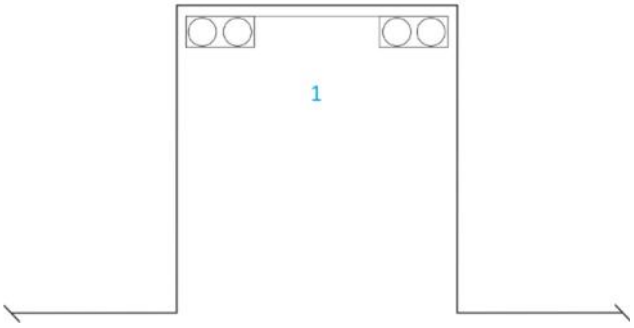
Bibliografia Específica:

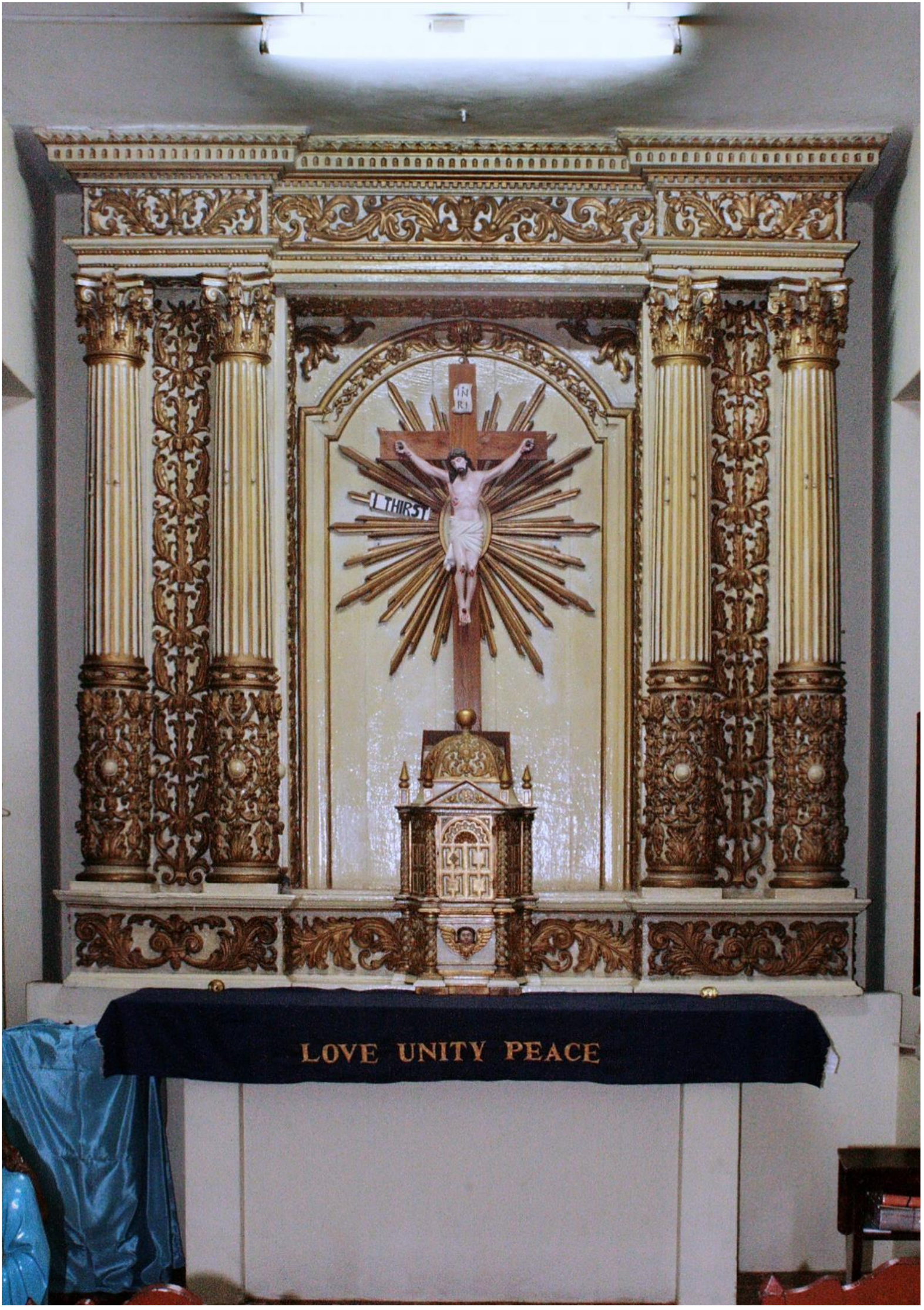
Alice Santiago Faria, 'Palácio Do Arcebispo', *Portal HPIP*, 2012 <http://www.hpip.org/def/pt/Homepage/Obra?a=566> [accessed 26 June 2013].

Capela das Irmãs de Caridade

(Santa Inêz-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.495423, Long. 73.820619

1 |Retábulo da Ousia




INRI
I THIRST
LOVE UNITY PEACE

1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* c.1620-1690

Está localizado na ousia desta capela. Este retábulo foi acomodado nesta capela trazido de uma das igrejas de Goa, desconhecendo-se os responsáveis da encomenda e que terá sido executado entre c.1620-1690. Desconhece-se igualmente a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos com tratamento clássico. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo que se compõe de acantos, pinhas e elementos florais. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de Cristo Crucificado. O entablamento contínuo contém os mesmos acantos do embasamento.

Encontra-se em razoável estado de conservação. Está truncado do seu ático que deverá ter sido descartado aquando da acomodação a este espaço.

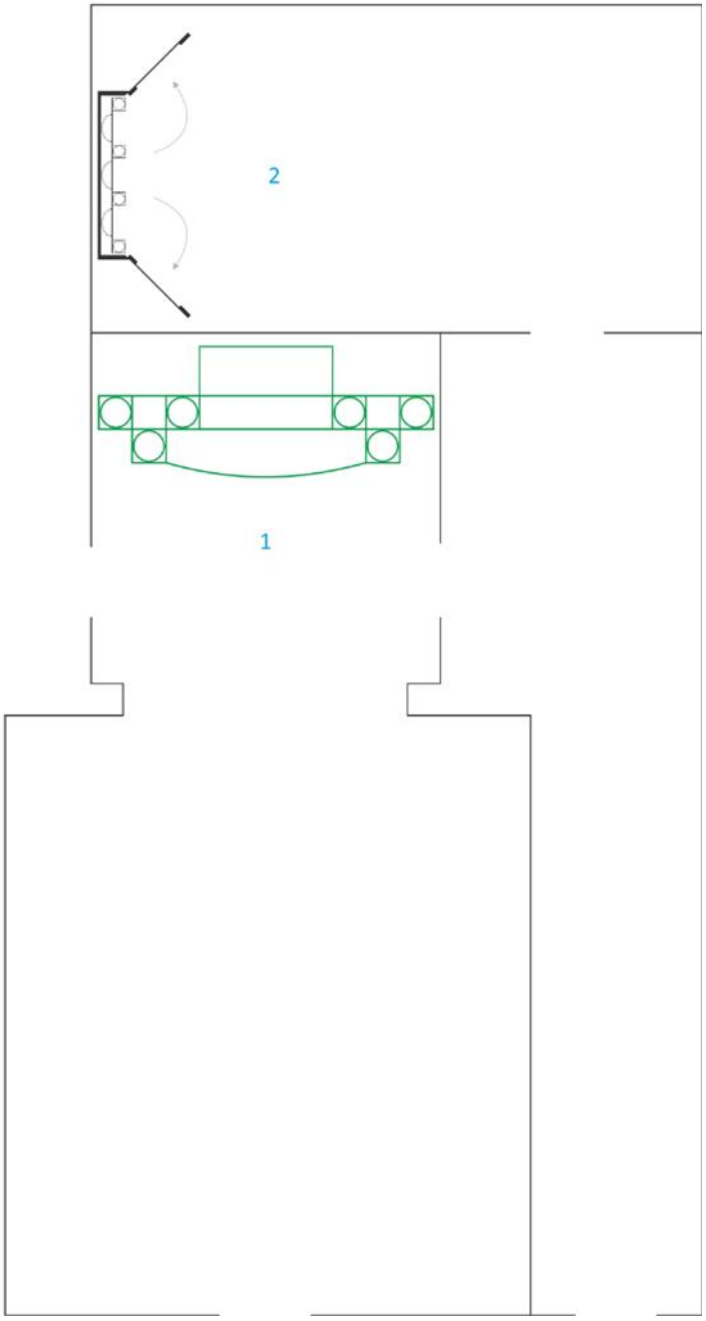
Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Capela de Nossa Senhora da Vitória

(Portais-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.498860, Long. 73.820628

1 |Retábulo da Ousia
Original da Capela de Nossa Senhora da Vitória (Fondem-Tiswadi)

2 |Retábulo da Crucificação de Cristo





1 |Retábulo de Nossa Senhora da Vitória

Risco e Entalhe*:* 2º quartel do século XVIII

Está localizado na ousia ocupado a totalidade da parede testeira. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe. A bibliografia específica dá a impressão de que este retábulo possa ter vindo da casa dos catecúmenos de Betim, colocado depois no Hospital (gerido por religiosos de São João de Deus que após a extinção das ordens religiosas o deixaram para enfermeiros leigos) e posteriormente nesta capela, erguida em 1715 por José da Silva Gouveia. Desconsideramos a informação que dá como origem deste retábulo como sendo da Casa dos Catecúmenos dado que esta foi estabelecida pela Companhia de Jesus apenas em 1762. A data – para além de tardia para a morfologia que o retábulo apresenta – corresponde a um ano de grande agitação em Goa (expulsão da Companhia de Goa), sendo improvável uma encomenda artística. O retábulo será certamente de execução durante o 2º quartel do Século XVIII, certamente pelo responsável da encomenda da capela.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui elementos fitomórficos muito estilizados. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel com pontas de diamante. A ornamentação das colunas situa-se na espira e compõe-se de elementos vegetalistas. No tramo central, a tribuna emoldurada por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago (que veio da Casa dos Catecúmenos de Betim, Bardez) O entablamento restringe-se às ilhargas. Neste assentam colunas triplas da mesma morfologia das do corpo. No centro do ático, evidencia-se o frontão que é curvo.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Gabriel de Saldanha, *Resumo Da História de Goa* (Goa, 1898), p. 189; Telles, 'Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa', p. 379.



2 |Retábulo da Crucificação de Cristo

Risco e Entalhe*:* finais do século XVII/princípio do século XVIII

Está localizado na sacristia tendo estado primeiramente na Ousia da Capela quando esta tinha o orago de Nossa Senhora da Dores. A encomenda poderá ter sido por Padres da Companhia de Jesus que aqui tiveram um colégio, ou mais tarde, pelos adquirentes da propriedade, os Condes de Maquinezes (os irmãos Diogo da Costa Ataíde e Teive e Cristóvão da Costa Ataíde e Teive) para a Ousia da Capela de Nossa Senhora das Dores (anterior à passagem do Hospital Militar para este espaço) em finais do século XVII/princípio do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar narrativo na tipologia de retábulo portátil, com portas, cujo modelo compositivo é intercolúnios inscritos entre duas colunas. Este é um exemplar impar no território inventariado. Como especificidade refere-se as portas com entalhes em médio-relevo. Constitui-se de madeira entalhada a que falta a douração, apresentando planta mista. No banco há quatro mísulas sobre as quais assentam colunas torsas com imoscapo diferenciado por meio de anel e pontilhado. A ornamentação das colunas situa-se na espira e compõe-se de parras e uvas. Apesar de ter apenas um corpo, assume três registos distintos. O primeiro registo compõe-se de três nichos com arquivolta plena onde se expõem figuras de vulto perfeito de santos. O segundo registo, por sua vez, tem dois nichos nas ilhargas. O orago do retábulo está representado ao centro com uma figura de vulto perfeito de Cristo Crucificado. Este nicho onde se expõe a figura envolve e toma a forma de cruz. O último registo contém nas ilhargas duas pinturas descontextualizadas (originalmente deveria conter pequenos painéis entalhados) e ao centro o topo central da cruz. As portas, quando fechadas mostram pintura sobre madeira com motivos florais e vegetalistas. Abertas mostram seis painéis entalhados em médio-relevo – três em cada porta – com cenas da vida de Cristo: Condenação, Pilates a lavar as mãos, Cristo a ser açoitado, Cristo coroado com espinhos, Crucificação e Cristo Ressuscitado.

Encontra-se em mau estado de conservação. São visíveis vários pregos que sustentam partes constituintes.

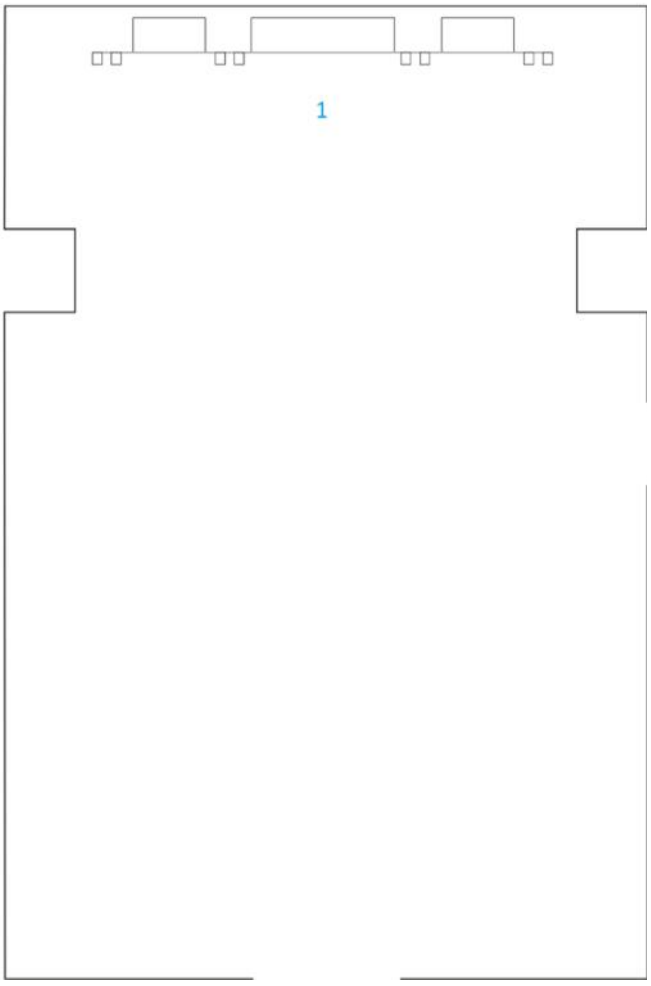
Bibliografia Específica:

Saldanha, p. 189; Ricardo Michael Telles, 'Ordens Religiosas E Seus Conventos', *Boletim Do Instituto Vasco Da Gama*, 1944, 63–153 (p. 151).

Capela de São Francisco Xavier

(Portais-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.499326, Long. 73.832183

1 |Retábulo da Ousia





1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* 1ª metade século XX

Localiza-se no corpo da igreja e é dedicado a São Francisco Xavier. Foi provavelmente mandado executar por uma confraria da igreja na 1ª metade do século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocionais a três temas, na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é de intercolúnios entre colunelos duplos (de fuste estriado).

Constitui-se de madeira entalhada que se apresenta envernizada, apresentando planta plana.

Apresenta três nichos, cada um em seu tramo, expondo figuras de vulto perfeito. No tramo central está a do orago e nos das ilhargas a de Santo António e de São Sebastião. No ático expõe-se três figuras de vulto perfeito, alusivas ao Sagrado Coração, de Jesus e de Maria e a da Virgem Maria. É rematado por pináculos ao estilo gótico.

Encontra-se em bom estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

6. RIBANDAR

6.1. Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, Ribandar.

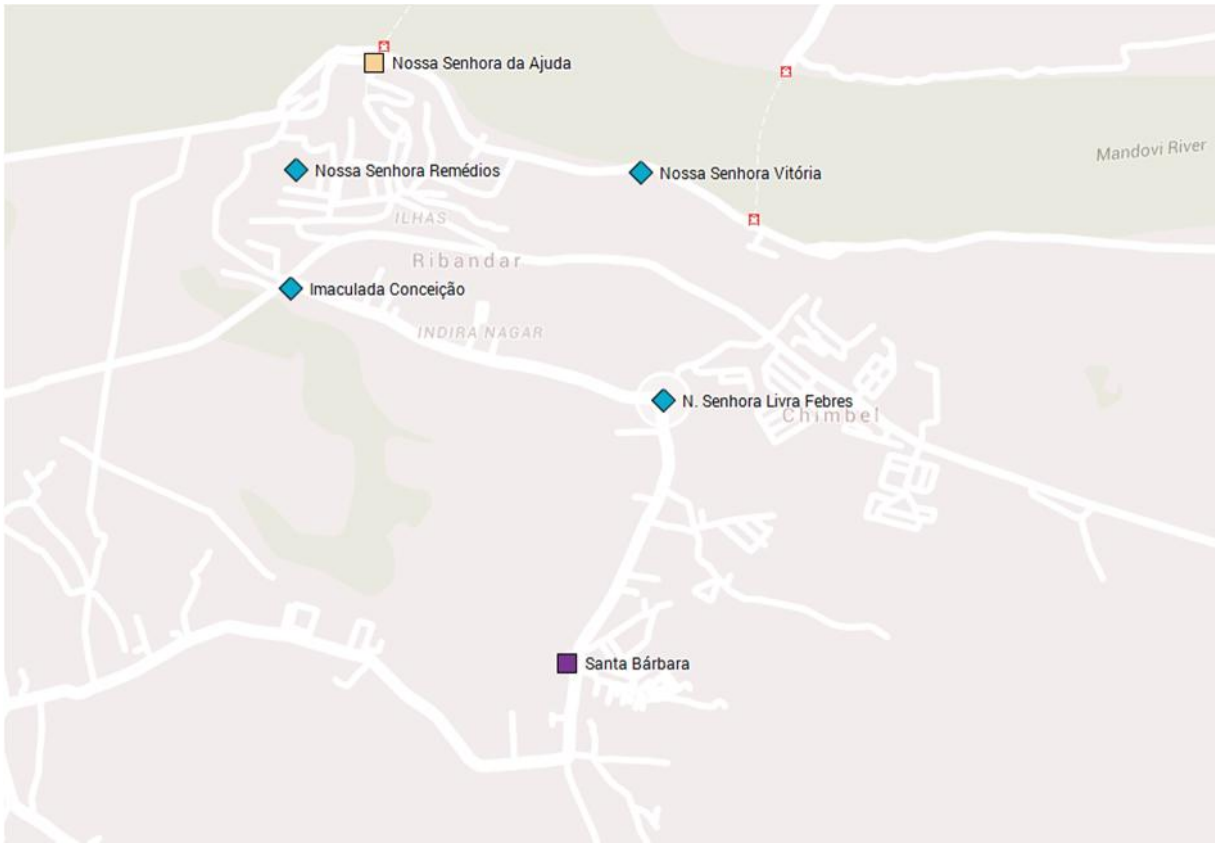
6.2. Capela da Imaculada Conceição, Manxir.

6.3. Capela de Nossa Senhora dos Remédios, Patto.

6.4. Capela de Nossa Senhora de Livra Febres, Chimbel.

6.5. Capela de Nossa Senhora da Vitória, Fondem.

6.6. Capela de Santa Bárbara (do Antigo Convento de Santa Bárbara), Morombim.



Legenda:

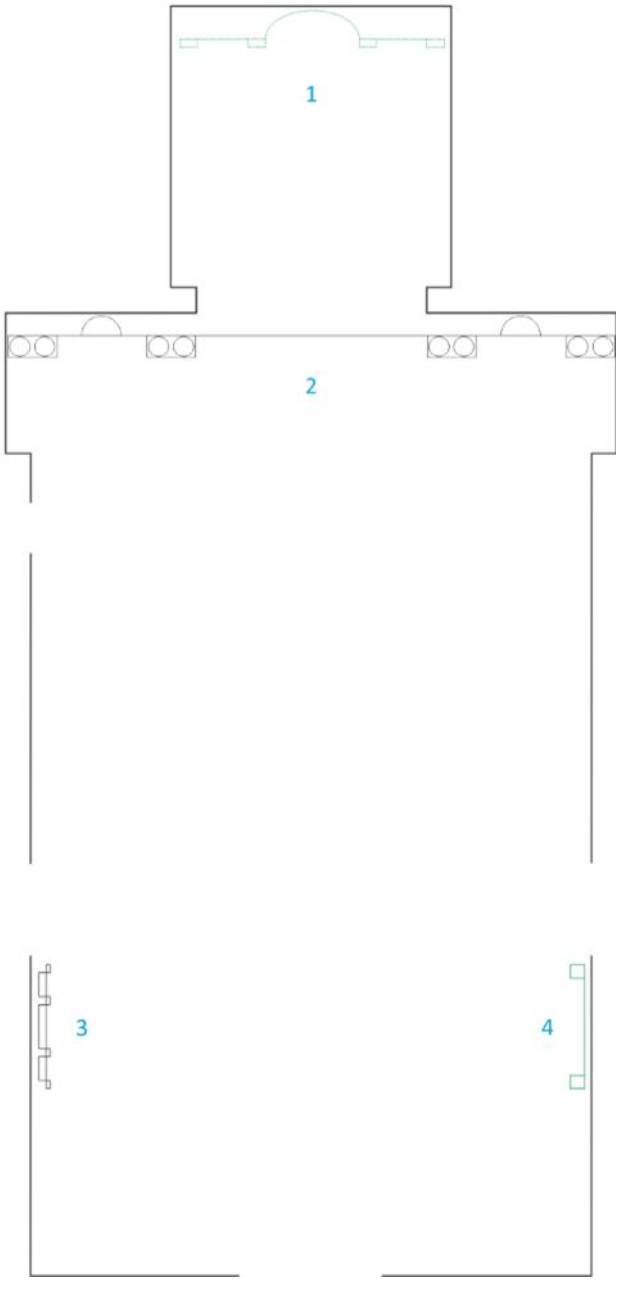
Igreja

Capela

Igreja de Nossa Senhora da Ajuda

(Ribandar-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.505455, Long. 73.865371

1 |Retábulo da Ousia
oriundo do Colégio de Nossa Senhora do Pópulo (Velha Goa-Tiswadi)
2 |Arco Triunfal Retabular
3 |Retábulo do Corpo da Igreja
4 |Retábulo de Cristo Crucificado e São João
oriundo da Capela da Inquisição (Velha Goa-Tiswadi)





1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* 2ª metade do século XVIII

Está localizado na ousia, apesar de a abóbada ter colapsado em 2009 e estar presentemente escorada e obstruída, por esse facto não foi possível efectuar uma análise mais detalhada desta estrutura retabular. Foi mandado executar por religiosos da Ordem de Santo Agostinho na 2ª metade do século XVIII. Foi acomodado nesta igreja em 1841 proveniente do Colégio de Nossa Senhora do Pópulo (Velha Goa-Tiswadi). Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

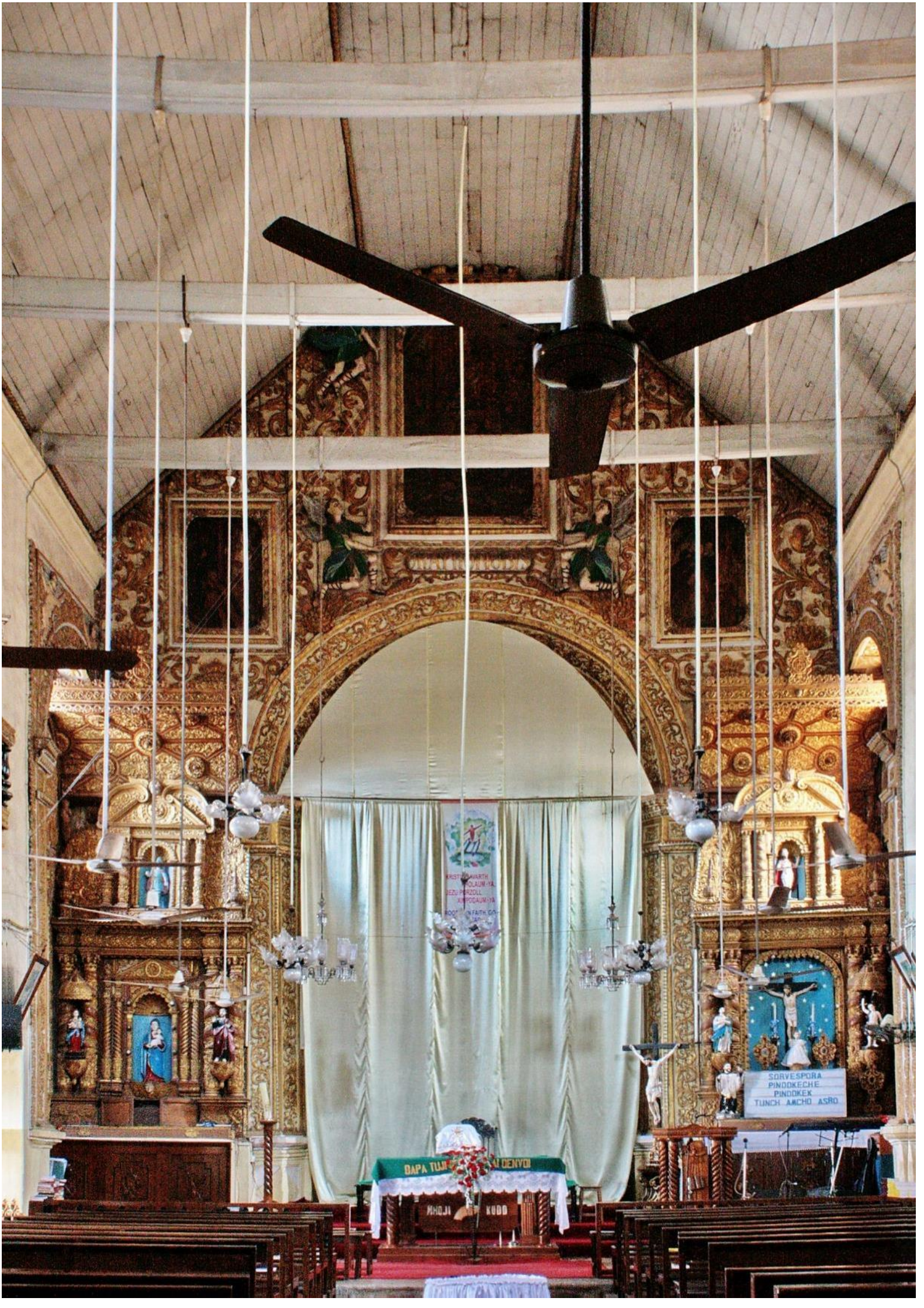
É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. Na segunda visita em 2012, a capela-mor estava ainda sustentada por estacas e coberta com pano. A fotografia tirada em 1951 durante a visita de Mário Tavares Chicó fornece uma visualização parcial, havendo vários candelabros que truncam a visão geral do retábulo. Por esta razão o desenho em planta e a ficha de inventário são apresentados com as reservas necessárias. O desenho do caderno de campo de Mário Tavares Chicó e a fotografia efectuada durante a visita fornecem valiosas informações acerca da sua estrutura.

Encontra-se, pelas razões acima apontadas, em mau estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, 'Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa', p. 381; Ricardo Michael Telles, 'Igreja de Ribandar', *A Voz de São Francisco Xavier*, V (1936), 221 (p. 221).


SORVESPOÑA
PINDOKECHE
PINDOKEK
TUNCH AMCHO ASÑO

2 | Arco Triunfal Retabular

Risco e Entalhe*:* 2º quartel do século XVIII

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a Nossa Senhora do Monte (Evangelho) e a Jesus Crucificado (Epístola). Foram mandados executar pelo clero secular no 2º quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe. Podemos destacar três especificidades neste conjunto. Primeiro, destacamos a ligação em talha entre os dois retábulos, pelo arco da ousia e no falso transepto, que inclui três pinturas sobre madeira no arco e outras duas no referido transepto – uma de cada lado. Outra especificidade está no retábulo do Evangelho e nos colunelos duplos de morfologia individual e assentes em mísulas que ladeiam o tramo central. Finalmente, o tramo central tem o seu próprio frontão que se remete parcialmente no ático.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel com grinalda floral e pontas de diamante. A gramática decorativa cinge-se à garganta e é composta por parras, uvas e fénixes. O imoscapo tem a sua própria gramática decorativa compondo-se de acantos, grinaldas e elementos florais. A gramática decorativa do banco constitui-se de elementos florais e vegetalistas. No retábulo do Evangelho, o tramo central apresenta o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, sendo ladeado por colunelos duplos de fuste helicoidal e imoscapo diferenciado assentes em mísulas. Neste se expõe a figura de vulto perfeito do orago. Sobre este está o frontão abaixado onde repousam dois anjos em médio-relevo. No retábulo da Epístola, o tramo central expõe a figura de vulto perfeito do orago sobre painel de madeira simples. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático com edícula ladeada por colunas duplas (de morfologia idêntica à do corpo) assentes duas a duas em pedestais, expondo-se a figura de vulto perfeito de São Miguel Arcanjo (Evangelho) e Senhor Ressuscitado (Epístola). O frontão, que é abaixado e com volutas, é rematado por uma cabeça de serafim. Contém ainda um dossel com padrão floral em médio-relevo que é coevo dos retábulos. Encontram-se em razoável estado de conservação. Não é possível avançar com as temáticas das pinturas em madeira devido a estarem demasiado escurecidas.

Bibliografia Específica:

Telles, ‘Igreja de Ribandar’, p. 221.



3 |Retábulo do Corpo da Igreja

Risco e Entalhe*:* século XX

Está localizado no corpo da igreja, lado do Evangelho. Foi mandado executar pelo clero secular ou uma das confrarias da igreja na primeira metade do século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a três temas na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada e envernizada, apresentando planta mista. No tramo central, o nicho expõe a figura de vulto perfeito do Sagrado Coração de Jesus e os nichos dos tramos das ilhargas expõem o Sagrado Coração de Maria e São José. O ático compõe-se de frontão agudo encimado por cruz.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, 'Igreja de Ribandar', p. 221.


I·N·R·I·

4 |Retábulo de Cristo Crucificado e São João

Risco e Entalhe*:* 2ª metade do século XVIII

Está localizado no corpo da igreja, lado da Epístola. Foi mandado executar pelo clero secular na 2ª metade do século XVIII. É originário da Capela do Tribunal da Inquisição (Velha Goa-Tiswadi). Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos. Dado tratar-se de uma adaptação do retábulo a este espaço, aparente ter partes constituintes em falta.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. O tramo central é emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. No arco do tramo central, mantém-se as pinturas sobre madeira, no entanto, o painel central é descontextualizado.

O entablamento é contínuo e modelado e inclui uma cartela envolta em volutas com a representação das chagas de Cristo. Pendendo do entablamento estão dois painéis – um de cada lado – formados de rendilhados e volutas.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

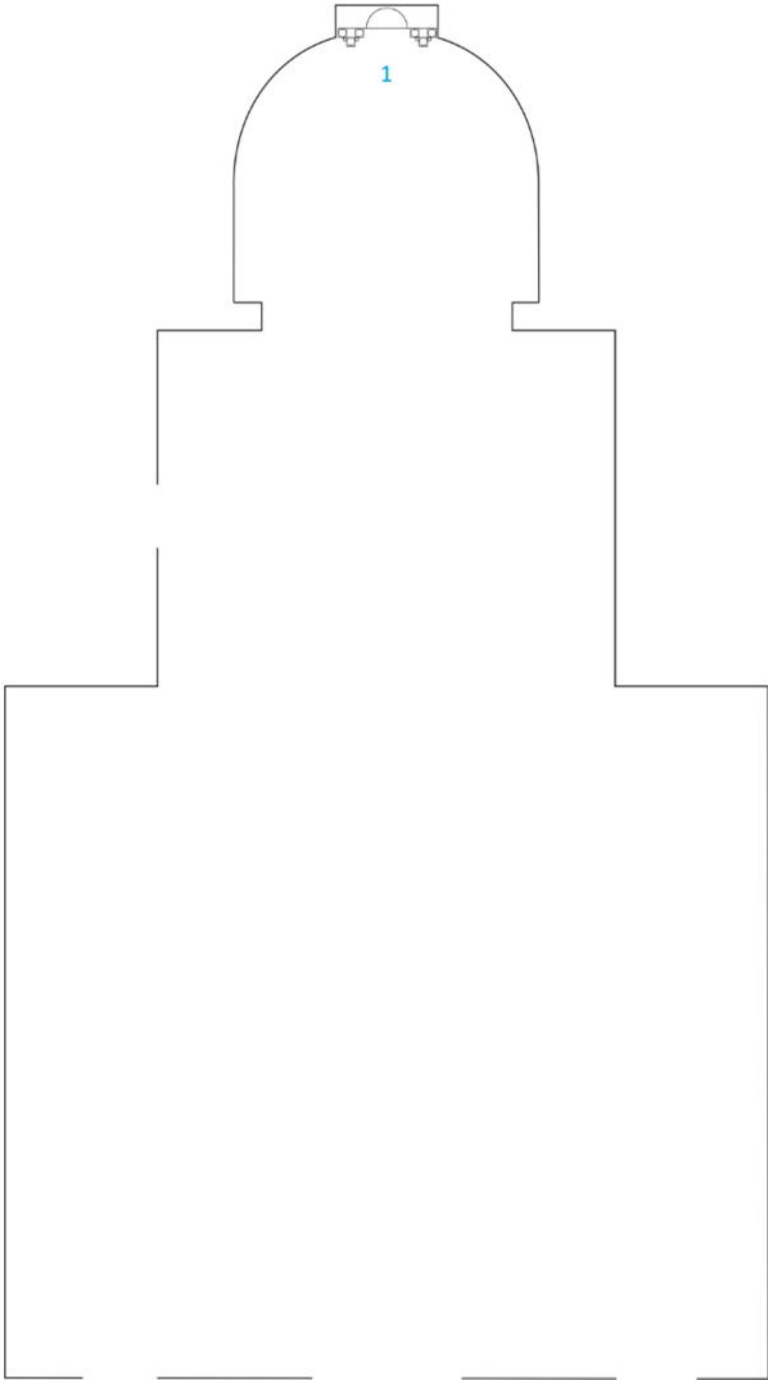
Bibliografia Específica:

Telles, 'Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa', p. 381; Telles, 'Igreja de Ribandar', p. 221.

Capela de Nossa Senhora Imaculada Conceição (Manxir-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.498427, Long. 73.862714

1 |Retábulo da Imaculada Conceição





1 |Retábulo da Imaculada Conceição

Risco e Entalhe*:* final do século XVII/princípio do século XVIII

Está localizado na ousia ocupando o nicho da parede testeira. Foi mandado executar pelo Clero Secular no final do século XVII/princípio do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade refere-se a solução nos pedestais – acrescento de elemento extra no pedestal central para criar maior impacto visual.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui grinaldas, acantos e elementos florais. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel e pontas de diamante (no imoscapo a decoração define-se por pontilhados helicoidais). A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras e uvas. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes duas a duas em pedestais, evidencia-se a edícula que expõe uma figura de vulto perfeito de São Sebastião. O frontão é abaixado e de volutas e inclui ao centro uma composição floral.

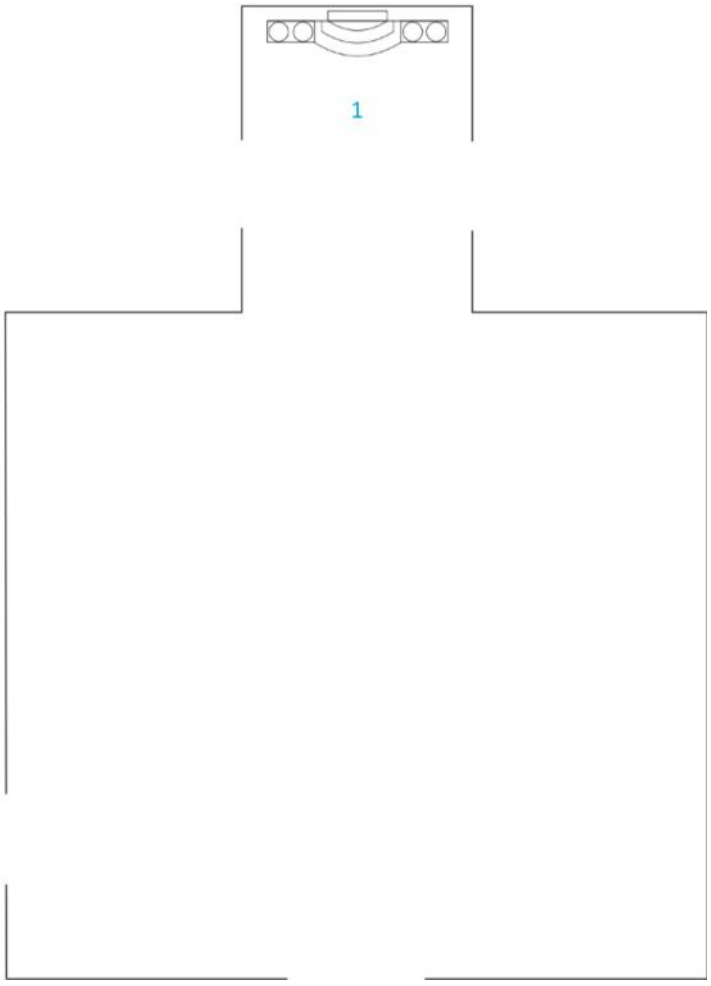
Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Capela de Nossa Senhora dos Remédios

(Patto-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.502126, Long. 73.862876 (localização aproximada)

1 |Retábulo da Ousia




IHS

1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* c.1620-1690

Está localizado na ousia. Terá sido mandado executar pelo Clero Secular entre c.1620 e 1690. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Como especificidade refere-se a diferença de altura do imoscapo – as colunas do centro têm um imoscapo maior.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais descontextualizados, certamente resultado de uma adaptação do retábulo a este espaço. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo que apresenta acantos, cartelas grinaldas e cabeças de serafins. No tramo central, o nicho emoldurado por entablamento, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de Nossa Senhora dos Remédios. Aqui foi posteriormente acomodado um trono de três degraus.

Sobre o entablamento contínuo assenta o ático cujo frontão de volutas inclui um tondo com as insígnias marianas.

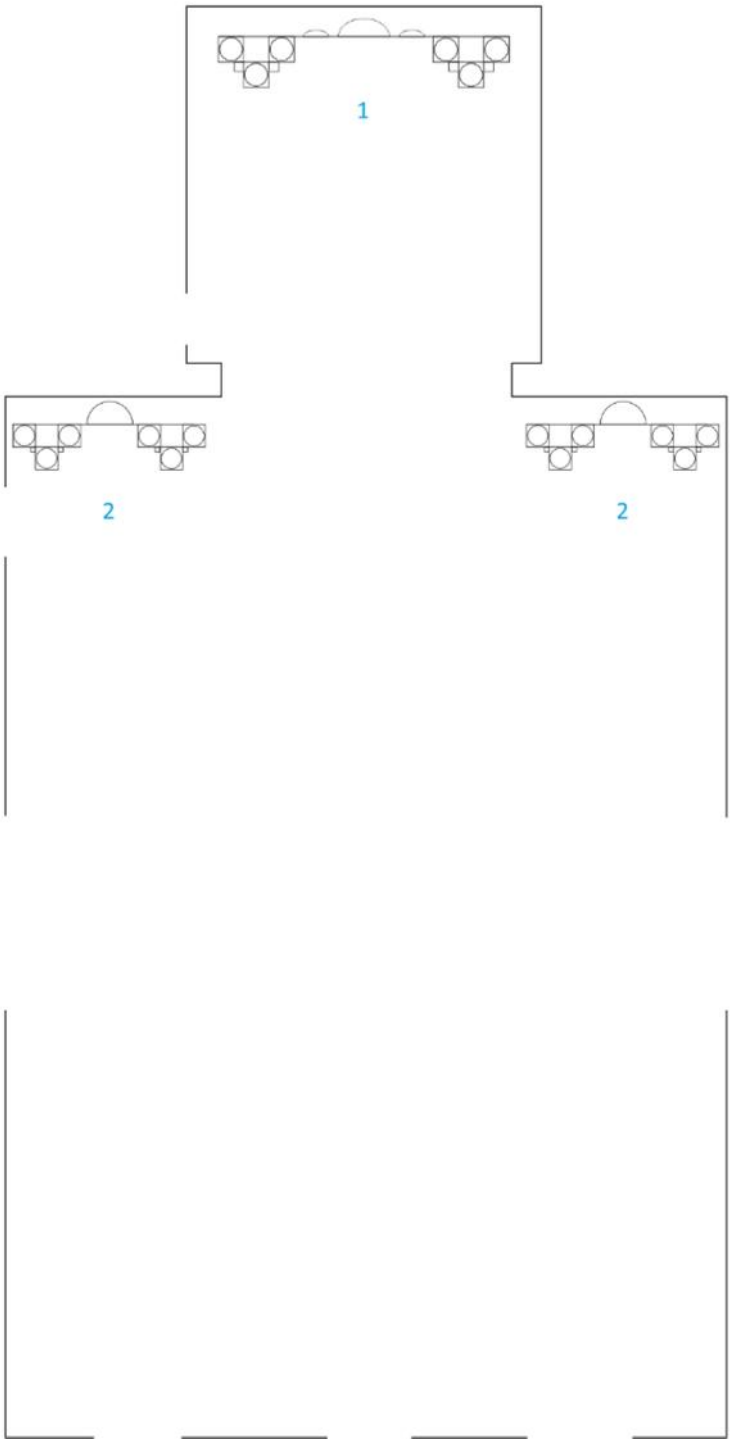
Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Capela de Nossa Senhora de Livra Febres

(Chimbel-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.494963, Long. 73.874743

1 |Retábulo da Ousia
2 |Retábulos Colaterais: São João Baptista (Evangelho) e Santa Bárbara (Epístola)





1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe: final do século XVII/Princípio do século XVIII

Está localizado na ousia. Terá sido mandado executar pelo Clero Secular em finais do século XVII/Princípios do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas. Como especificidade refere-se os *meios* pedestais a ladear o pedestal central.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais. A gramática decorativa no banco inclui vegetalismos tipo cartelas. Na frente, e assente na mesa de altar está um trono de dois degraus com varandins onde se coloca o ostiário. É de execução recente. Em cada pedestal assentam colunas torsas. A sua ornamentação inscreve-se na garganta e compõe-se de parras e uvas. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Neste tramo central estão ainda duas peanhas – uma de cada lado – onde se expõem pequenas figuras de vulto de Santos. Aparenta ser uma adição posterior. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes duas a duas em pedestais, evidencia-se a edícula onde se expõe uma figura de vulto perfeito de um santo. O frontão de volutas contém uma representação de cabeça de serafim.

Encontra-se em razoável estado de conservação. A abóbada da capela onde se insere – de canhão, forrada a madeira – contém uma pintura policroma com motivos florais e geométricos. Existe uma fotografia da antiga fachada desta igreja antes da sua renovação que Mário Tavares Chicó designou como um dos poucos exemplos do emprego de colunas torsas na composição das fachadas. Actualmente já não existem as referidas colunas.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar


XII

2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe: final do século XVII/Princípio do século XVIII

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a São João Baptista (Evangelho) e a Santa Bárbara (Epístola). Terão sido mandados executar pelo Clero Secular em finais do século XVII/Princípios do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas triplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há seis pedestais sobre os quais assentam colunas torsas, cuja gramática decorativa se restringe à garganta e se compõe de parras e uvas. Têm imoscapo diferenciado (por meio de anel e pontas de diamante) com listas e pontilhados. A gramática decorativa do banco constitui-se de elementos florais e vegetalistas. No tramo central dos retábulos, o nicho está emoldurado por uma arquivolta plena, e expõe a figura de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. Entre colunas duplas da mesma morfologia das do corpo está a edícula com a exposição de pequenas figuras de vulto de santos: São Sebastião (Evangelho) e Pietá (Epístola). A ladear estão dois arcanjos em médio-relevo, um de cada lado, que apontam para o céu. O frontão que é de volutas, culmina numa representação seráfica. Contêm ainda um dossel da mesma gramática decorativa e que deve por isso ser coevo dos retábulos.

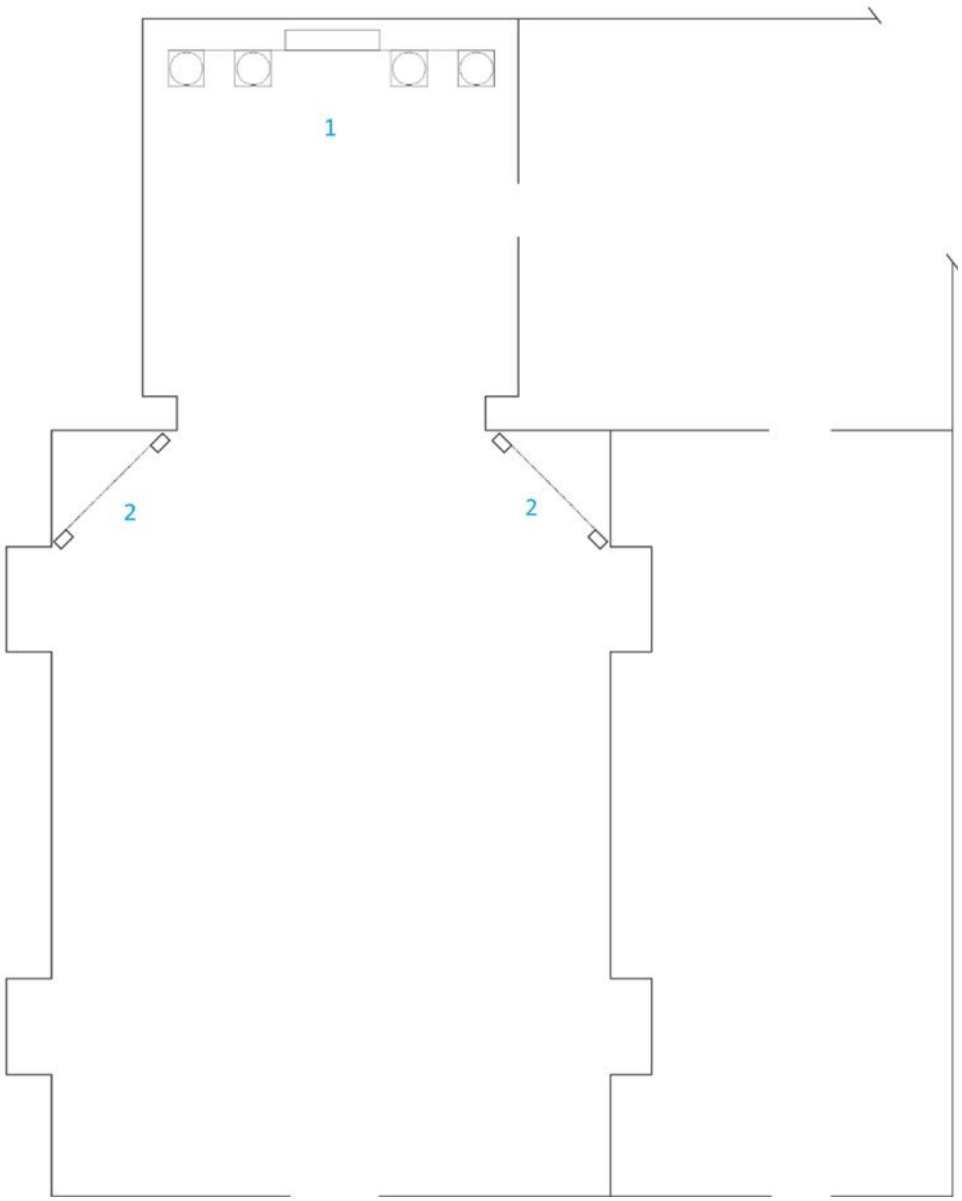
Encontram-se em mau estado de conservação. O dossel, particularmente, tem partes que se desprenderam do conjunto.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Capela de Nossa Senhora da Vitória

(Fondem-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.502025, Long. 73.874009

1 |Retábulo da Ousia
2 |Retábulos Colaterais





1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* final do século XVI

Está localizado na ousia ocupando parte da parede testeira. Foi mandado executar por responsáveis da Misericórdia no final do século XVI. Este Hospital resulta da fusão em 1705 dos Hospitais de Todos-os-Santos (1547) e de Nossa Senhora da Piedade (criado pelo Senado de Goa e entregue à Misericórdia em 1681), ambos sob administração da Misericórdia. Pela datação, o retábulo terá pertencido ao Hospital de Todos-os-Santos. A actual capela, porém, foi projectada na adaptação do espaço a escola, o Goa Institute of Managment em 1905. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui cartelas, grinaldas, florões, fénixes e frutos. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo onde se incluem cabeças de serafins, cartelas, grinaldas, acantos e frutos. No tramo central, o nicho emoldurado por frutos, cartelas, serafins e grinaldas, expõe-se uma imagem de vulto perfeito. Sobre o entablamento contínuo (com cabeças de serafins, ramalhetes de frutos e uvas e grinaldas, assenta o ático. No centro do ático evidencia-se a edícula com uma figura de vulto perfeito da Pietá. O frontão apresenta enrolamentos e as mesmas grinaldas e frutos. É encimado por um Sagrado Coração envolto em resplendor.

Encontra-se em razoável estado de conservação. São visíveis destacamentos da policromia.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* 1ª metade do século XX

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a Nossa Senhora (Evangelho) e ao Sagrado Coração de Jesus (Epístola). Foram provavelmente mandados executar por uma das confrarias da igreja na 1ª metade do século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo.

Constitui-se de madeira entalhada que se apresenta envernizada, com planta plana cujo modelo compositivo é a ausência de elementos arquitectónicos. A gramática decorativa cinge-se à orla do retábulo e compõe-se de elementos lobados e pontiagudos.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Convento de Santa Bárbara

(Morombim Grande-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.494963, Long. 73.874743
(Localização Aproximada, local da Capela de Santa Bárbara, Chimbel)

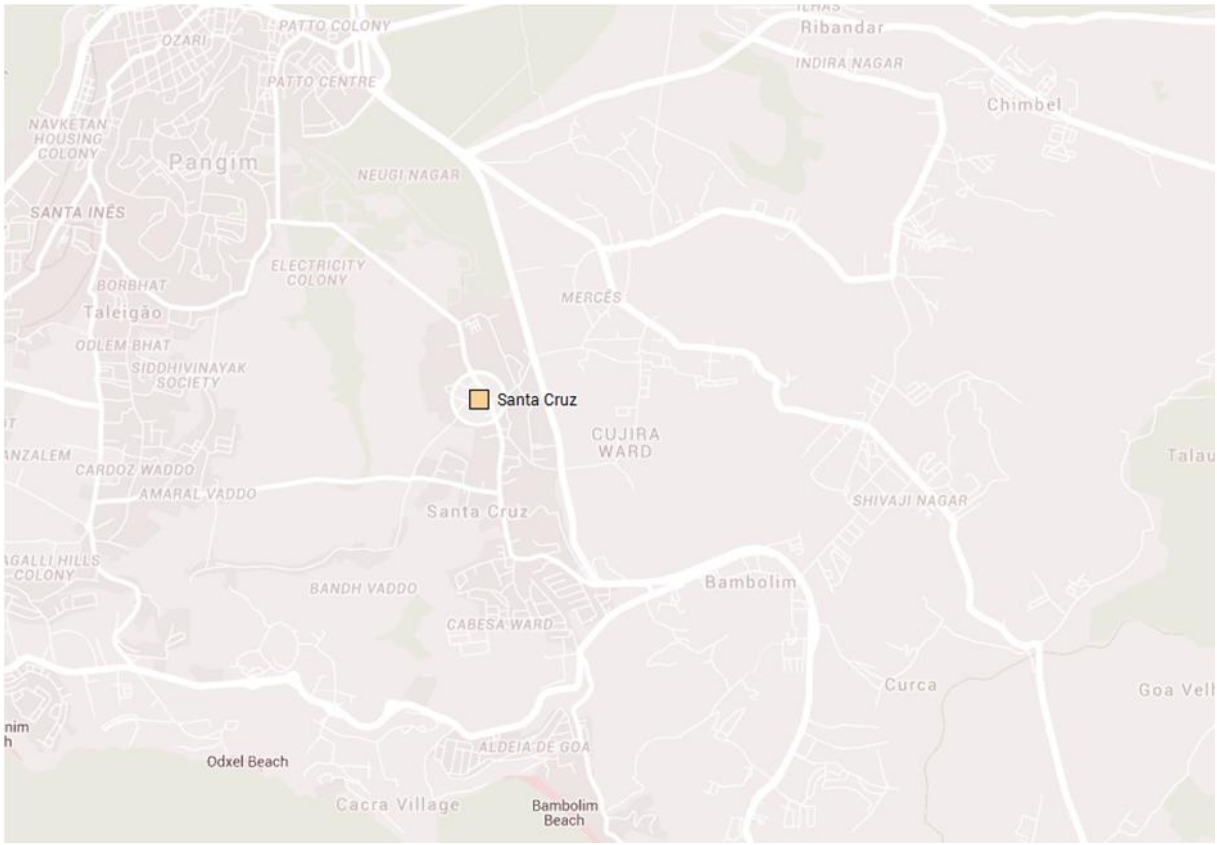
O património retabular desta igreja conventual – de que hoje acreditamos restar apenas uma pequena capela com o mesmo orago – foi levado para outros espaços conhecendo-se o retábulo que está presentemente na sacristia da Igreja de Nossa Senhora das Mercês (Mercês-Tiswadi) que apesar das várias alterações e irregular aparelhamento é possível verificar a presença de elementos compositivos distintos e característicos de finais do século XVI/princípio do século XVII. A sua ficha pode ser consultada no inventário da referida igreja.

Bibliografia Específica:

Filipe Nery Xavier and Associação do Gabinete Literário das Fontainhas, *O Gabinete Litterário das Fontainhas* (Goa: Nova Goa: Imprensa Nacional, 1846), p. 205.

7. SANTA CRUZ

7.1. Igreja de Santa Cruz, Santa Cruz.



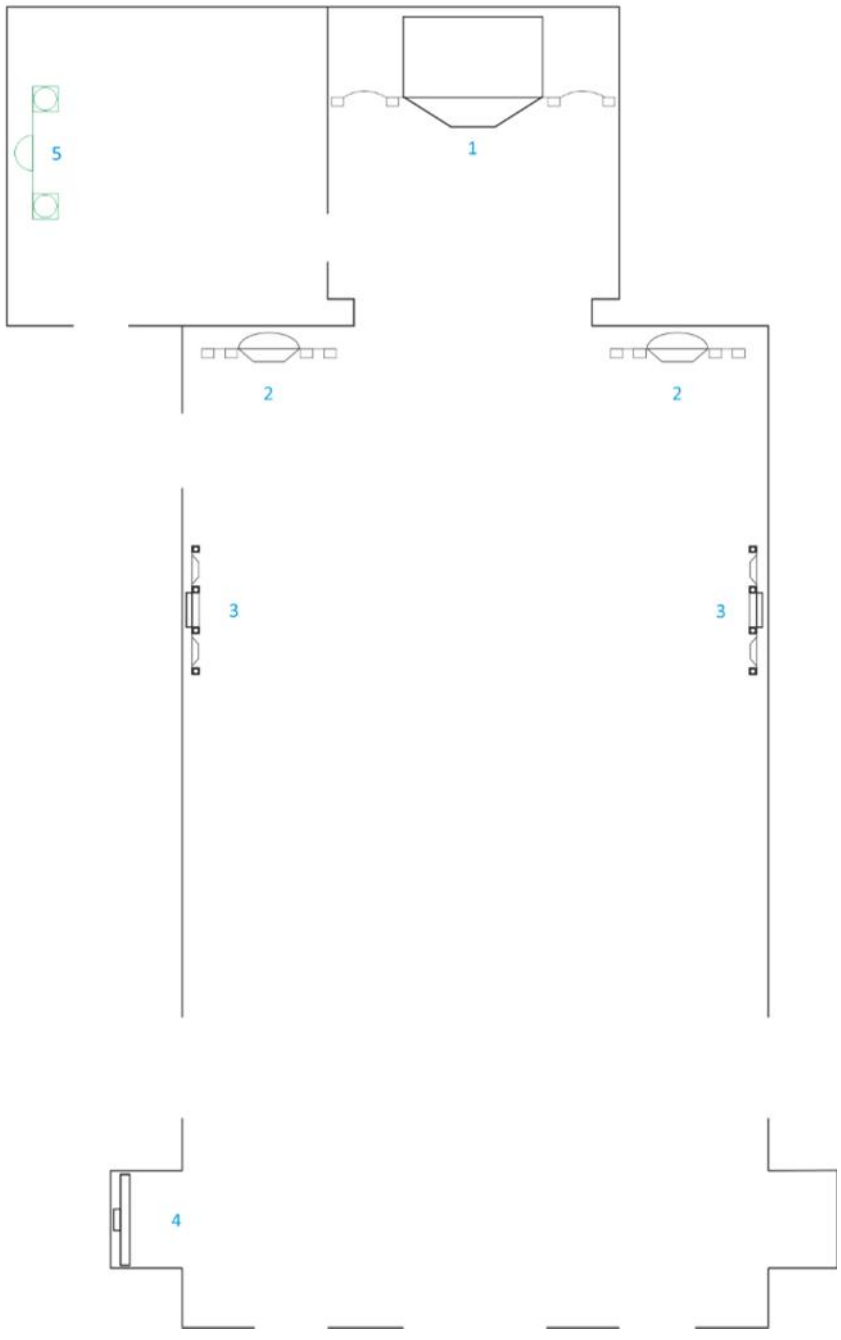
Legenda:

Igreja

Igreja de Santa Cruz

(Santa Cruz-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.476242, Long. 73.844926

1 |Retábulo da Santa Cruz
2 |Retábulos Colaterais: Nossa Senhora (Evangelho) e Santa Ana (Epístola)
3 |Retábulos do Corpo da Igreja
4 |Retábulo de Nossa Senhora de Fátima
5 |Retábulo da Última Ceia
Original da Igreja do Convento de São Domingos (Velha Goa-Tiswadi)




INRI

1 |Retábulo da Santa Cruz

Risco e Entalhe*:* c.1776

Está localizado na ousia ocupando a totalidade da parede testeira. Apesar de a igreja ser de edificação dos religiosos dominicanos (1565), o retábulo foi mandado executar pelo clero secular por volta de 1776, data em que o clero secular toma a administração desta igreja. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há quatro pedestais A gramática decorativa no banco inclui acantos estilizados e elementos de rocaille. Neste assentam pilastras com capitéis seráficos.

No tramo central, a tribuna emoldurada por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. O entablamento restringe-se às ilhargas. Nele assentam aletas que fazem parte do frontão. No centro do ático evidencia-se um resplendor com uma cruz, encimada por uma coroa real, sustentada por anjos, de onde saem grinaldas seguras por arcanjos repousados nas aletas.

Encontra-se em bom estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* c.1776

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a Nossa Senhora (Evangelho) e a Santa Ana (Epístola). Apesar de a igreja ser de edificação dos religiosos dominicanos (1565), o retábulo foi mandado executar pelo clero secular por volta de 1776, data em que o clero secular toma a administração desta igreja. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há quatro pedestais sobre os quais assentam pilastras com capitéis seráficos. A gramática decorativa do banco constitui-se de acantos estilizados e elementos rocaille. No tramo central, os nichos apresentam figuras de vulto perfeito dos santos do orago. Entre as pilastras nas ilhargas, mísulas sustentam pequenas figuras de vulto de outros santos. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático composto de frontão de volutas, incluindo ao centro uma edícula para exposição de santos. No frontão assentam dois anjos – um de cada lado – que seguram uma coroa real.

Encontram-se em bom estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar


S. T.
S. AGOSTINHO

3 |Retábulos do corpo da Igreja

Risco e Entalhe*:* 1ª metade do Século XX

Localizam-se no corpo da igreja e são dedicados a vários temas. Foram provavelmente mandados executar por uma das confrarias da igreja na 1ª metade do século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a vários temas na tipologia usual de um corpo e três tramos. Os intercolúnios são marcados por colunelos assentes em pedestais.

Constitui-se de madeira entalhada que se apresenta envernizada e pontual douração de alguns elementos, apresentando planta plana. Ao centro abre-se um nicho para expor a figura de vulto perfeito do Sagrado Coração de Maria (Evangelho) e do Sagrado Coração de Jesus (Epístola). Nas ilhargas, as restantes figuras de vulto perfeito estão assentes sobre mísulas. O ático é tripartido e apresenta frontão agudo e pináculos. No tramo central existe ainda uma edícula para exposição de figura de vulto perfeito.

Encontram-se em bom estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para estes exemplares



4 |Retábulo de Nossa Senhora de Fátima

Risco e Entalhe*:* 1ª metade do Século XX

Localiza-se no corpo da igreja e é dedicado a Nossa Senhora de Fátima Foi provavelmente mandado executar por uma das confrarias da igreja na 1ª metade do século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo.

Constitui-se de madeira entalhada que se apresenta envernizada e pontual douração de alguns elementos, apresentando planta plana. Constitui-se de estrutura simples sobre mesa de altar com nicho e dossel onde se expõe a figura de vulto perfeito do orago.

Encontra-se em bom estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



5 |Retábulo da Última Ceia

Risco e Entalhe*:* final do século XVI/princípio do século XVII

Está localizado na sacristia. Foi mandado executar por religiosos da Ordem de São Domingos em finais do século XVI/princípio do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe. É possível que seja um dos retábulos colaterais transferidos do Convento de São Domingos, sendo que o outro está desaparecido.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é intercolúnio inscrito entre duas colunas. Como especificidade refere-se o registo do banco que expõe uma pintura sobre madeira no tema do orago.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui cartelas e grinaldas com frutos. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo com grinaldas, frutos, cartelas e cabeças de serafins. No tramo central está o nicho emoldurado por uma arquivolta plena. À volta do nicho estão ainda entalhados em médio-relevo, cabeças de serafins, cartelas e jarrões de onde pendem acantos e uvas. Os serafins do topo têm colar de cajus. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, evidencia-se a figura de Deus Pai rodeado de dois ramos de frutos. O frontão apresenta enrolamentos.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

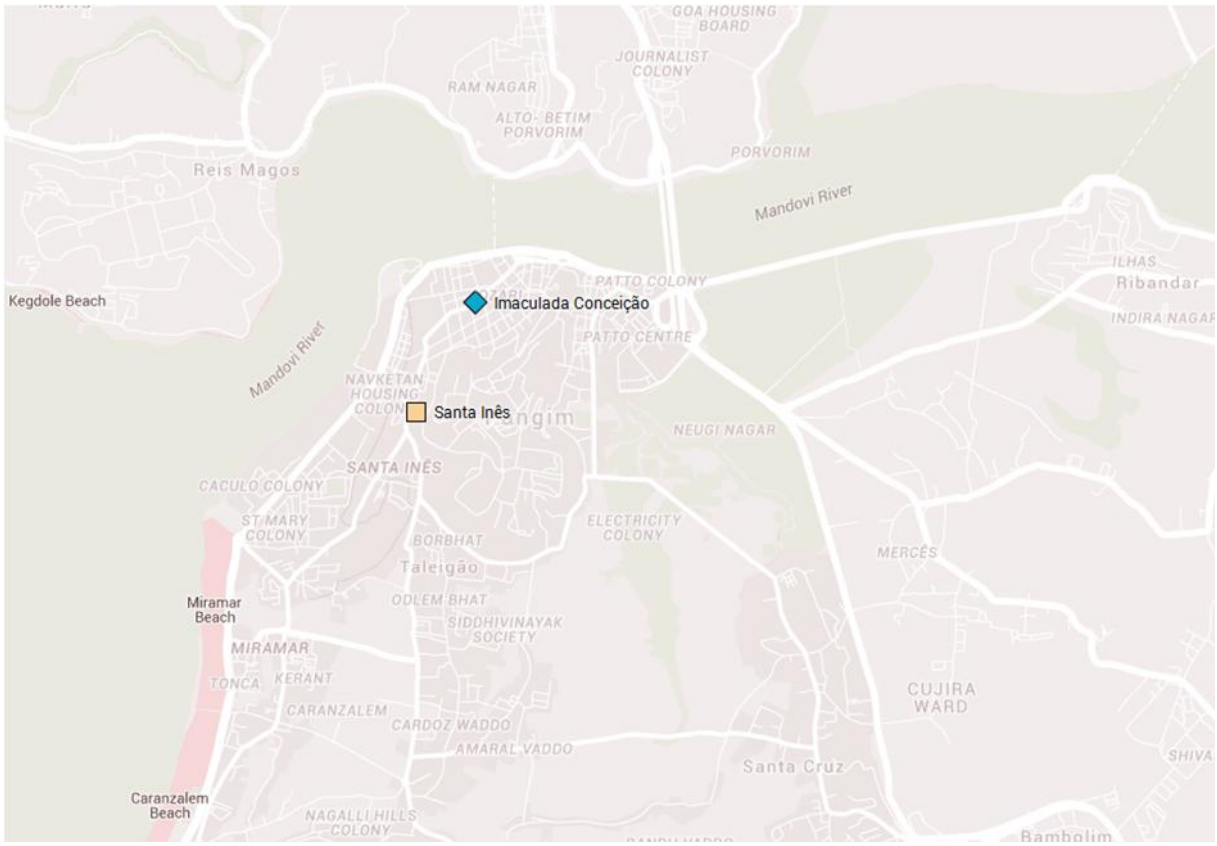
Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Documentos Antigos (Sinos, Órgãos E Retábulos Dos Extintos Conventos, Relação Do Deão José Maximiliano Falcão de Carvalho, 1839)', *A Voz de São Francisco Xavier*, 1941, 21 (p. 21).

8. SANTA INÊS

8.1. Igreja de Santa Inês, Pangim.

8.2. Capela da Imaculada Conceição, Dom Bosco.



Legenda:

Igreja

Capela

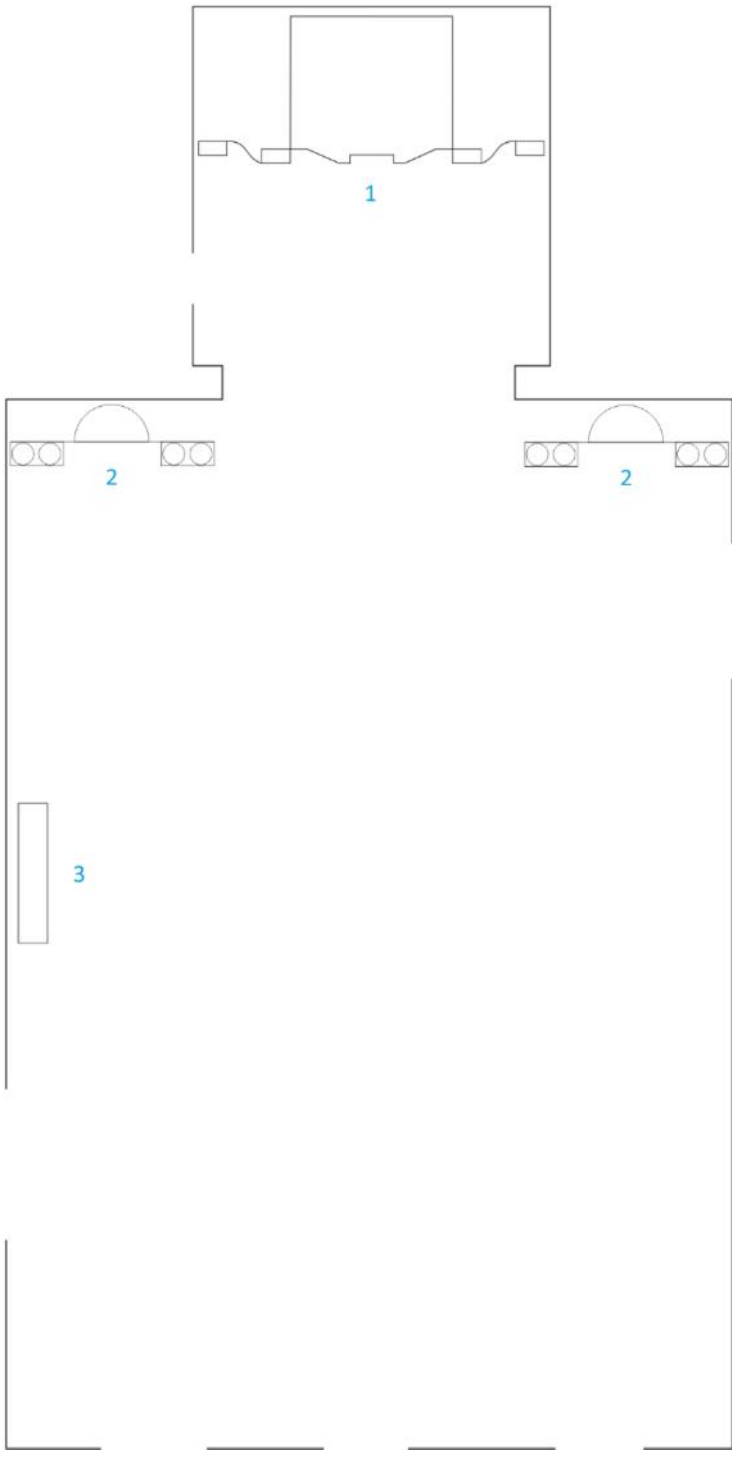
Igreja de Santa Inês

(Panjim-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.491278, Long. 73.820522

1 |Retábulo de Santa Inês

2 |Retábulos Colaterais: Nossa Senhora (Evangelho) e Santo António (Epístola)

3 |Altar





1 |Retábulo de Santa Inês

Risco e Entalhe*:* c.1937

Está localizado na ousia ocupando a totalidade da parede testeira. Foi mandado executar pelo Clero Secular em c.1937, data em que se registam trabalhos de restauro nesta igreja. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta convexa. No banco há quatro pedestais onde se situam as pilastras com capitéis seráficos.

No tramo central, o nicho emoldurado por um arco lobado, expõe a imagem de vulto perfeito do orago, assente sobre trono de quatro degraus. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático evidencia-se a edícula que expõe a figura de vulto perfeito de Santa Ana. O frontão apresenta enrolamentos e ao centro, esculpido em médio-relevo, está a figura de Cristo.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

'Na Igreja de Santa Inês', ed. by José Maximiliano Falcão de Carvalho, *A Voz de São Francisco Xavier*, 1937, 232 (p. 232).



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* finais do século XVII/princípio do século XVIII

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a Nossa Senhora (Evangelho) e a Santo António (Epístola). Foram mandados executar pelo Clero Secular em finais do século XVII/princípio do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas. Como especificidade destaca-se o colunelo assente em mísula que ladeia o tramo central e a morfologia das colunas cuja garganta adquire maior superfície que a espira.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo por meio de anel e pontilhado (no imoscapo a gramática decorativa é composta de pontilhados helicoidais na espira da coluna). No fuste, a gramática decorativa compõe-se parras e uvas que percorrem a garganta da coluna. A gramática decorativa do banco constitui-se de padrão de acantos e flores com grande estilização. No tramo central o nicho está emoldurado por uma arquivolta plena, expondo a imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático com edícula ladeada por colunas duplas (torsas e da mesma morfologia das do corpo) onde se expõe uma pequena figura de vulto perfeito de São Miguel Arcanjo (Evangelho) e de Santo Agostinho (Epístola) e um frontão de volutas.

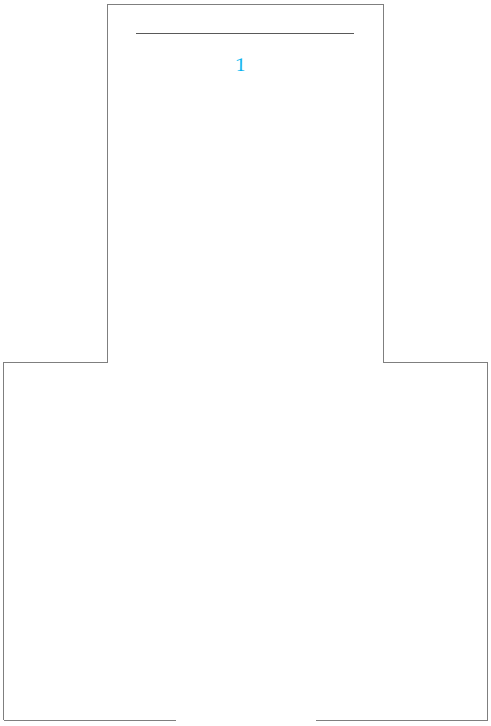
Encontram-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Capela da Imaculada Conceição

(Dom Bosco-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.498083, Long. 73.824358




JHS

1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* 1ª metade do século XX

Localiza-se na Ousia e é dedicado a Imaculada Conceição. Foi provavelmente mandado executar pelo clero secular na 1ª metade do século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema, na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é a ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada que se apresenta envernizada e pontual douração de alguns elementos, apresentando planta plana. Nos intercolúnios expõem-se figuras de vulto perfeito do orago ao centro, de São Francisco Xavier e de outros santos.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

9. TALEIGÃO

9.1. Igreja de São Miguel Arcanjo, Taleigão.

9.2. Capela de Nossa Senhora do Rosário (1), Caranzalém.

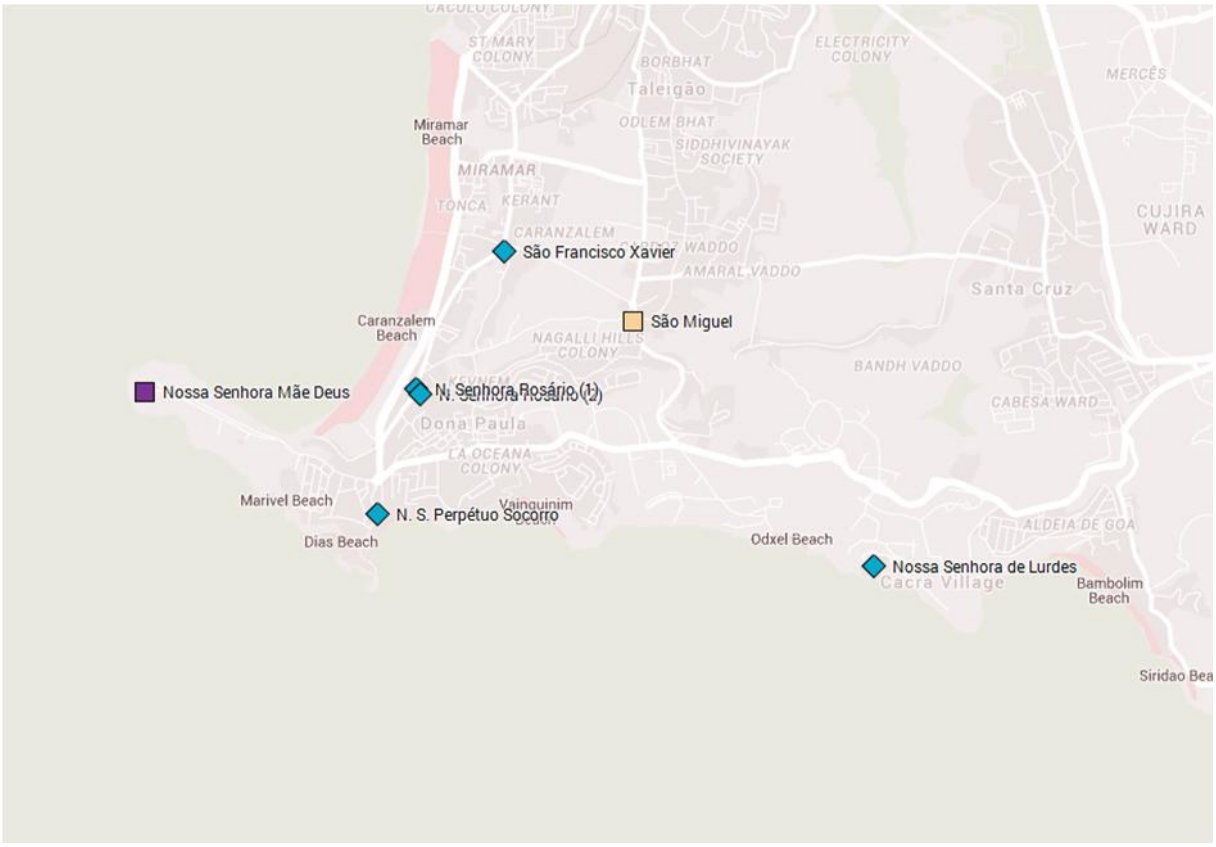
9.3. Capela de Nossa Senhora do Rosário (2), Caranzalém.

9.4. Capela de São Francisco Xavier, Caranzalém.

9.5. Capela de Nossa Senhora de Lurdes, Odxel.

9.6. Capela do Perpétuo Socorro, Dona Paula.

9.7. Igreja/Convento da Madre Deus, Raj Bhavan.



Legenda:

Igreja

Capela

Convento/Igreja

Igreja de São Miguel Arcanjo

(Taleigão-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.467215, Long. 73.819821

1 |Retábulo da Ousia

2 |Retábulos Colaterais: Nossa Senhora (Evangelho) e Senhor Crucificado (Epístola)

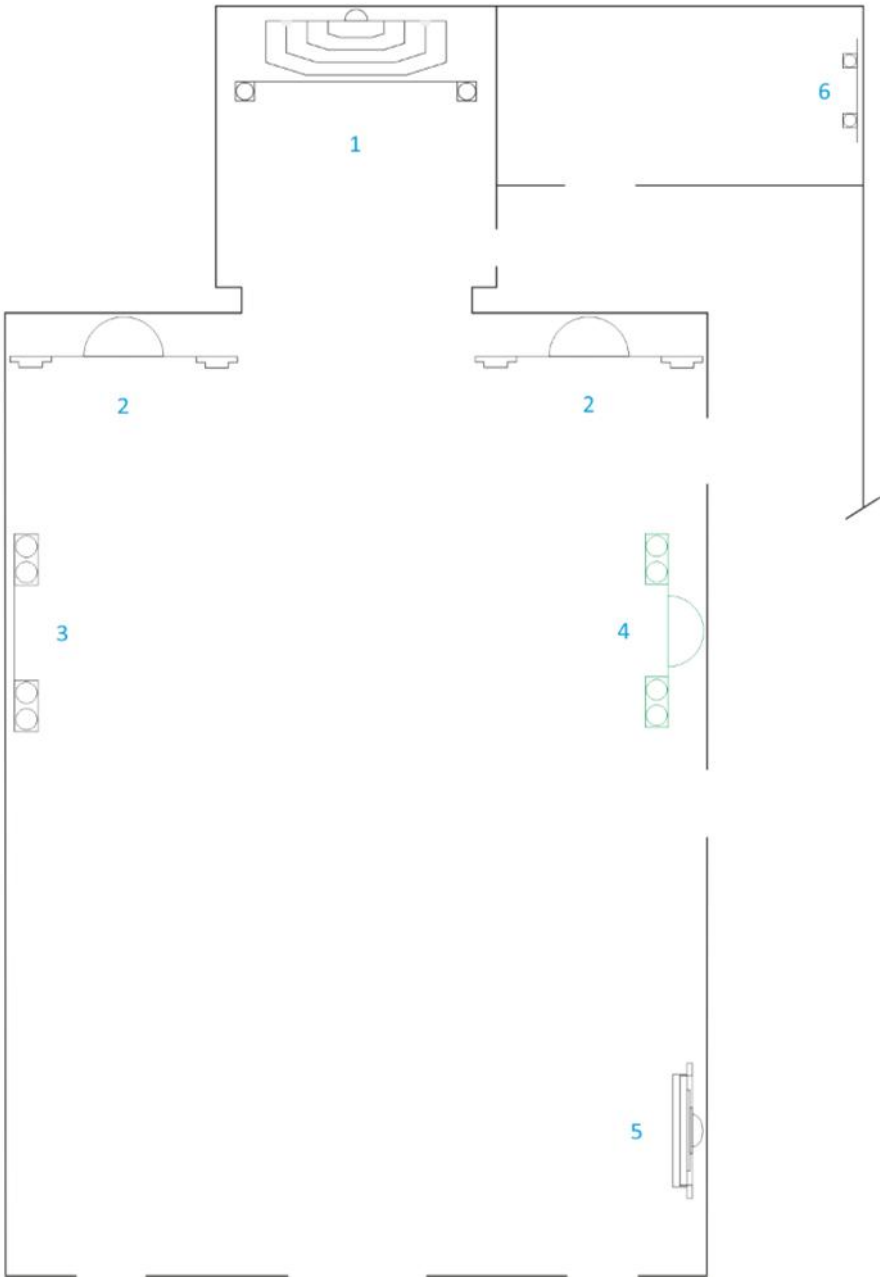
3 |Retábulos das Santas Almas (Evangelho)

4 |Retábulo de Nossa Senhora do Loreto (Epístola)

Oriundo da Igreja da Quinta Jesuita de Cullavainguinim (actual Vainguinim)

5 |Retábulo do Sagrado Coração de Jesus

6 |Retábulo da Sacristia





1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* 2ª metade do século XX

Está localizado na ousia. Foi mandado executar pelo clero secular na 2ª metade do século XX durante a campanha de obras na igreja. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é intercolúnio inscrito entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há dois pedestais. Neste assentam colunas de fuste estriado cuja única função é a sustentação do arco lobado que forma o ático. No tramo central, exibe-se um trono de 5 degraus e no seu topo um nicho com a figura de vulto perfeito de São Miguel Arcanjo. Nas ilhargas – e fixadas na parede testeira – estão duas peanhas, uma de cada lado, para exposição de figuras de vulto perfeito de santos.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Paulo Varela Gomes, 'Igreja de São Miguel Arcanjo', 2012
<http://www.hpip.org/def/pt/Homepage/Obra?a=1921> [accessed 10 February 2013].



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* c.1770

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a Nossa Senhora (Evangelho) e ao Senhor Crucificado (Epístola). Foram mandados executar pelo clero secular em c.1770, data em que a igreja – de fundação dominicana – passa a cargo do clero secular. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam pilastras. A gramática decorativa do banco constitui-se de acantos que irradiam do centro. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático que inclui uma edícula (ladeada por pilastras) para exposição de uma figura de vulto perfeito de Santa Ana (Evangelho) e de uma Santa monja (Epístola) composto de frontão de volutas, e rematado por dossel curvo com representação de concheado.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



3 |Retábulo das Santas Almas

Risco e Entalhe*:* c.1620

Está localizado no corpo da Igreja, no lado da Epístola. Apesar de não termos documentação escrita que sustente o nosso parecer, a documentação retabular permite avançar com a seguinte afirmação: tal como o retábulo seu fronteiro nesta igreja – e dadas as grandes semelhanças morfológicas – este retábulo terá vindo igualmente da Capela de Nossa Senhora do Loreto na Quinta de Cullavaiguinim (actual Vainguinim, Taleigão-Tiswadi). A confirmar-se esta hipótese, foi mandado executar por religiosos da Companhia de Jesus por volta de 1620. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos e figuras de santos, esculpidas em médio-relevo. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo que apresenta cartelas, grinaldas frutos e cabeças de serafins. No tramo central, a pintura sobre madeira emoldurada por entablamento, mostra Cristo na Cruz com as Santas Almas e Deus a abençoar. Sobre o entablamento contínuo – com acantos e cabeças de serafins – assenta um frontão de volutas dado que a adaptação deste retábulo ao espaço onde se encontra (e que deverá ter ocorrido durante o século XX) deverá ter truncado o restante ático.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



4 |Retábulo de Nossa Senhora do Loreto

Risco e Entalhe*:* c.1620

Está localizado no corpo da Igreja, no lado da Epístola. Foi mandado executar por religiosos da Companhia de Jesus para a sua Capela de Nossa Senhora do Loreto na Quinta de Cullavaiguinim (actual Vainguinim, Taleigão-Tiswadi) por volta de 1620. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui cartelas, grinaldas, frutos e arcanjos. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo que apresenta cartelas, grinaldas frutos e cabeças de serafins. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento contínuo – que apresenta feixes de frutos e cabeças de serafins – assenta um frontão de volutas dado que a adaptação no espaço onde se encontra (que deverá ter ocorrido durante o século XX) deverá ter truncado o restante ático.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, ‘Ordens Religiosas E Seus Conventos’, p. 151; Telles, ‘Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa’, p. 378.



5 |Retábulo do Sagrado Coração de Jesus

Risco e Entalhe*:* século XX

Localiza-se no corpo da igreja e é dedicado ao Sagrado Coração de Jesus. Foi provavelmente mandado executar por uma das confrarias da igreja na durante o século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocionais a um tema, na tipologia menos frequente de dois corpos e um tramo.

Constitui-se de madeira entalhada que se apresenta envernizada e pontual douração de alguns elementos, apresentando planta plana. No centro tem o nicho onde se expõe a figura de vulto perfeito do orago. Sobre o entablamento fica uma pintura alusiva à Ascensão da Virgem Maria. No ático, um painel entalhado em médio-relevo – de feitura mais antiga – repete o tema da pintura. Termina num frontão agudo.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar



6 |Retábulo da Sacristia

Risco e Entalhe*:* final do século XVI/princípio do século XVII

Está localizado na sacristia. Foi mandado executar por religiosos dominicanos em finais do século XVI/princípio do século XVII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema. Relativamente à tipologia, apesar de apresentar um corpo e um só tramo, cujo modelo compositivo é de intercolúnio entre duas colunas, no entanto está aparelhado de forma atípica e poderá ter pertencido a um retábulo de outra tipologia. As representações de Santo Alberto Magno (frade dominicano) nos painéis das ilhargas sustentam a execução por esses religiosos.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. A gramática decorativa no banco inclui cartelas, grinaldas, frutos e cabeças de serafins. Neste assentam colunas de fuste estriado com diferenciação do imoscapo onde se representam cartelas, grinaldas, frutos e cabeças de serafins. No tramo central, a pintura sobre madeira emoldurada por entablamento, expõe-se uma imagem de vulto perfeito de Cristo Crucificado. Sobre o entablamento contínuo assenta uma das partes constituintes do ático original.

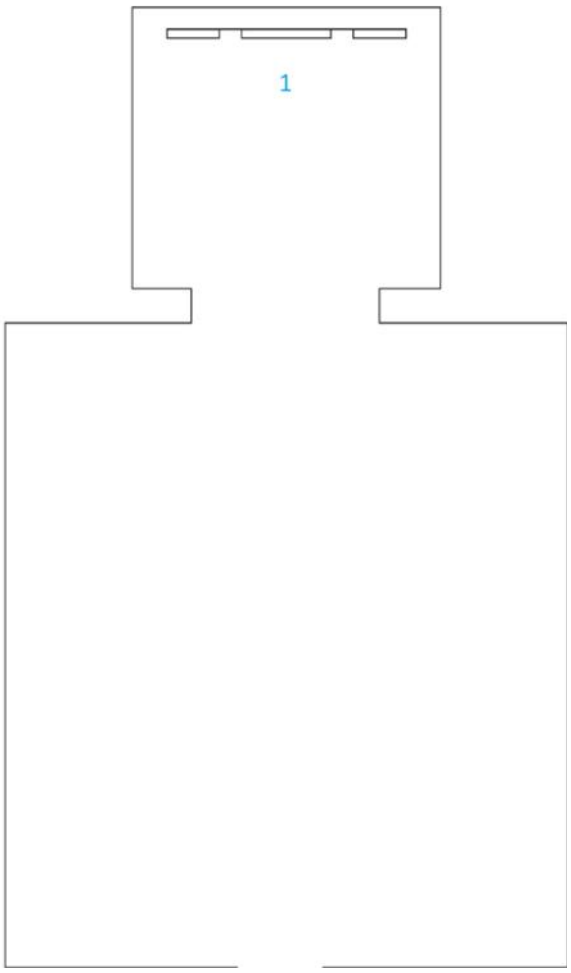
Encontra-se em mau estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Capela de Nossa Senhora do Rosário (1)

(Caranzalém-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.463024, Long. 73.805922

1 |Retábulo da Ousia





1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* século XX

Localiza-se na ousia e é dedicado a vários temas Foi provavelmente mandado executar por uma das confrarias da igreja durante o século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a vários temas na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é a ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de alvenaria policromada e pontual douração de alguns elementos, apresentando planta plana. Apresenta um nicho por tramo, cada um com seu frontão triangular.

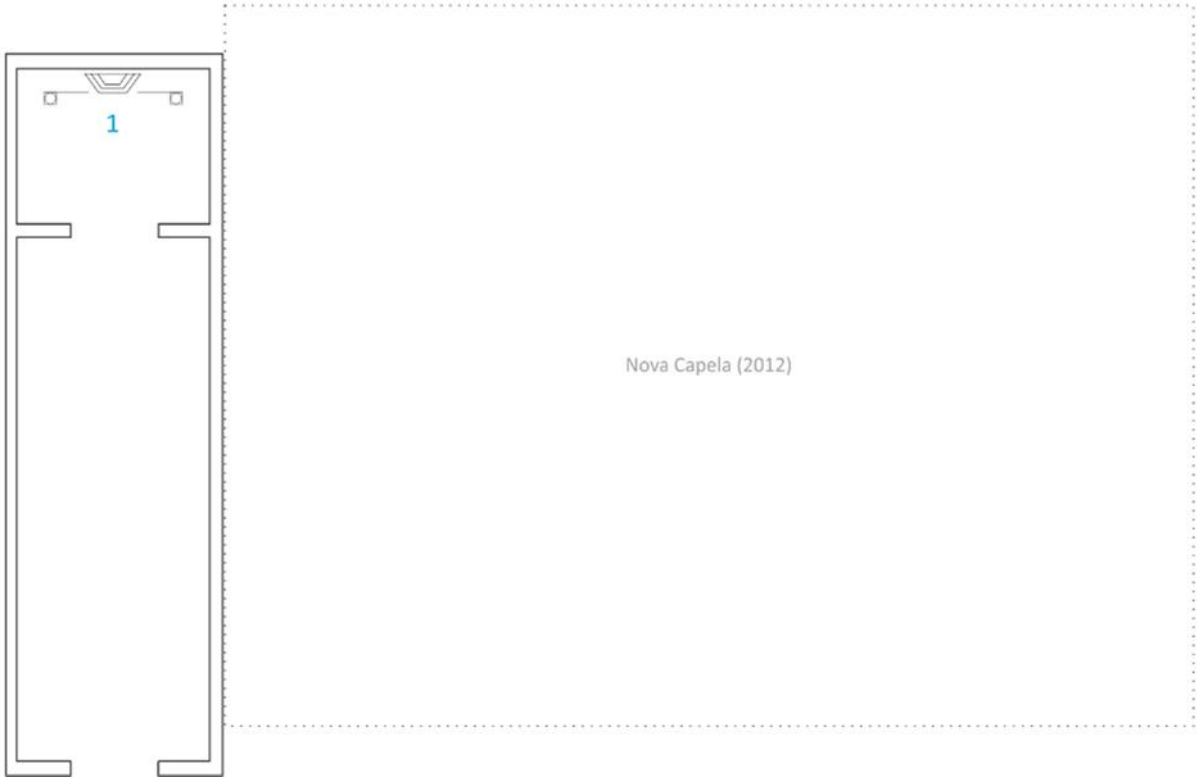
Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Capela de Nossa Senhora do Rosário (2)

(Caranzalém-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.462662, Long. 73.805952

1 |Retábulo da Ousia





1 |Retábulo do corpo da Igreja

Risco e Entalhe*:* segunda metade do século XX

Localiza-se no corpo da igreja. É dedicado à Senhora do Rosário. Foi provavelmente mandado executar por uma das confrarias da igreja na 2ª metade do século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo intercolúnio se inscreve entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada que se apresenta envernizada e escassa douração de apresentando planta plana. Apresenta colunas de fuste estriado. O tramo central tem um trono onde repousa um nicho com a imagem de vulto perfeito do orago. Esta imagem está presentemente num nicho da ousia (lado do Evangelho) da nova capela edificada em 2012. O entablamento restringe-se às ilhargas e o ático é triangular.

Encontrava-se em razoável estado de conservação. Depois de transitados os equipamentos para a nova igreja, este retábulo já não foi visto.

Mário Tavares Chicó refere no seu caderno de campo que esta capela tinha um retábulo na sacristia da transição do século XVI para o XVIII. Infelizmente não foi possível verificar esse mesmo retábulo que terá entretanto desaparecido.

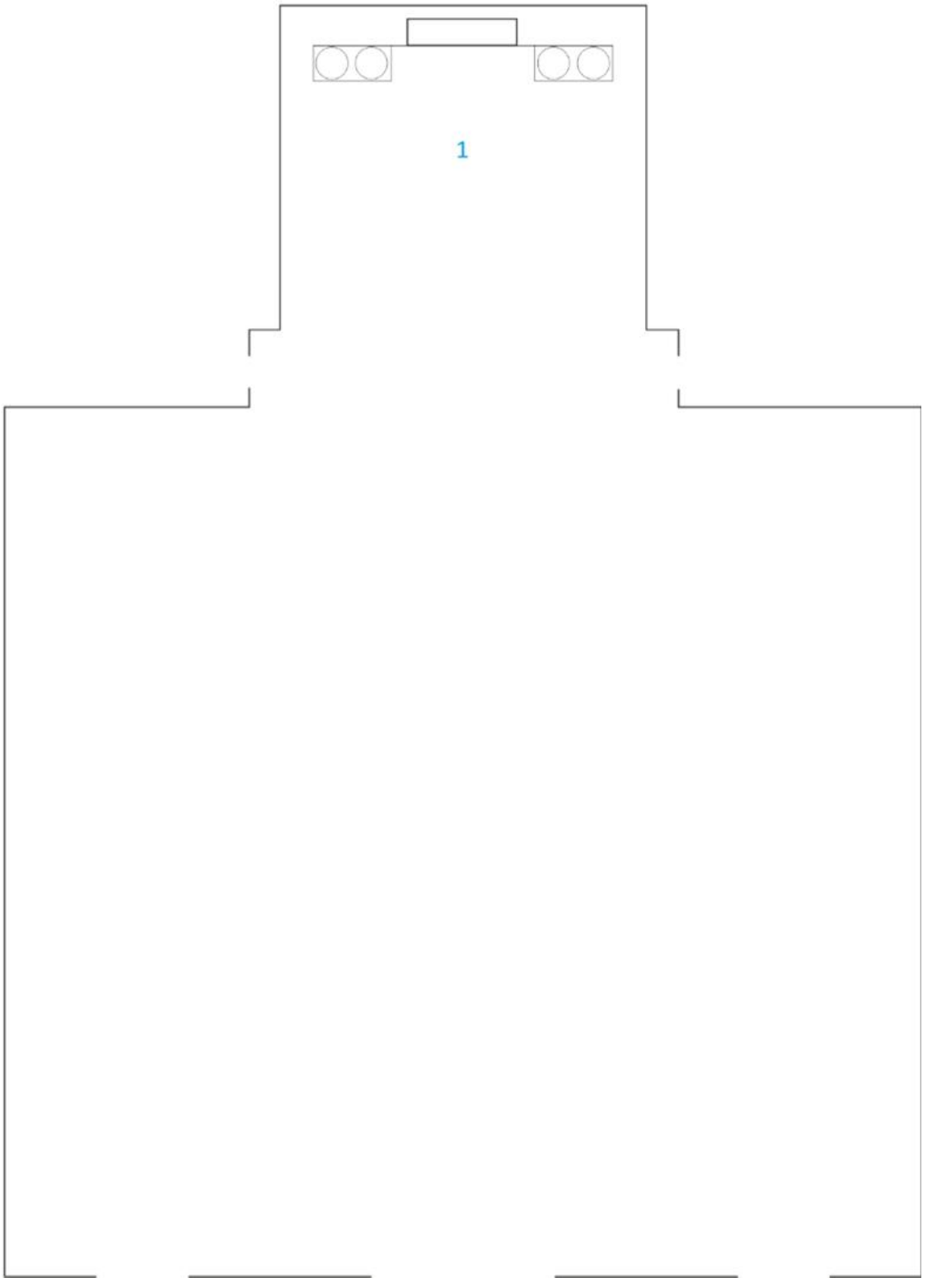
Bibliografia Específica:

Mário Tavares Chicó, 'Caderno de Apontamentos E Desenhos de Mário Chicó, Relativos a Arquitectura Portuguesa Na Índia', 1951, pp. 28–29, Fundo Mário e Alice Chicó <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07096.025>.

Capela de São Francisco Xavier

(Caranzalém-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.468538, Long. 73.808241

1 |Retábulo da Ousia





1 |Retábulo de São Francisco Xavier

Risco e Entalhe*:* final do século XVII/princípio do século XVIII

Está localizado na ousia. Terá sido mandado executar por uma das ordens do clero regular (possivelmente Dominicanos) no final do século XVII/princípio do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de colunas duplas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais. A gramática decorativa no banco inclui acantos. Neste assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo (por meio de anel e acantos) cuja ornamentação se cinge à garganta e é composta de parras e uvas. No tramo central, o nicho emoldurado por uma arquivolta plena, expõe a imagem de vulto perfeito do orago. Pela moldura descontextualizada é possível dizer que é uma adaptação recente. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático. No centro do ático, inscrito entre duas colunas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes em pedestais, evidencia-se a edícula onde se expõe uma figura de vulto perfeito de Nossa Senhora. O frontão de volutas termina com um florão ou chama.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

Capela de Nossa Senhora de Lurdes

(Odxel-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.454304, Long. 73.827126

Esta capela, edificada em 1662 por esmola do Padre Pedro Franco Godinho, funciona actualmente como escola. Em 1768 ficou a cargo dos Franciscanos e ultimamente, em 1899 foi reparada a custo dos seus fregueses.

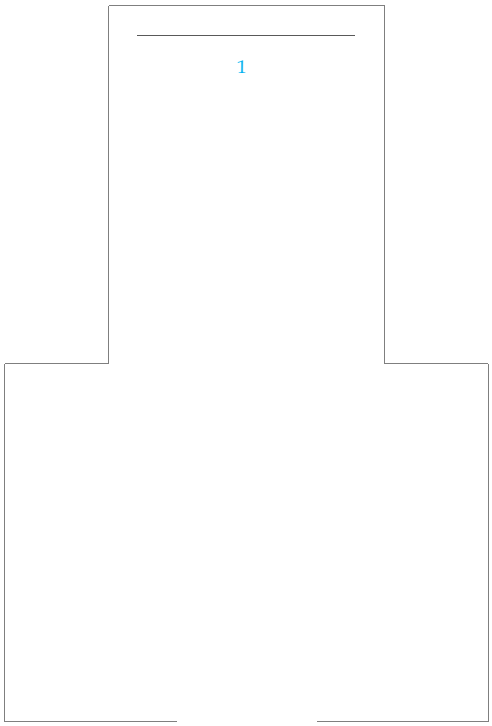
Em 1910 ainda possuía um altar-mor dedicado a Nossa Senhora do Mar e dois colaterais dedicados a Imaculada Conceição e a Santo António. Actualmente não possui talha.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Igreja de Oxel', *A Voz de São Francisco Xavier*, V (1936), 357 (p. 357).

Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

(Dona Paula-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.498083, Long. 73.824358





1 |Retábulo da Ousia

Risco e Entalhe*:* 1ª metade do século XX

Localiza-se na Ousia e é dedicado a Imaculada Conceição. Foi provavelmente mandado executar pelo clero secular na 1ª metade do século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema, na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é a ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada que se apresenta envernizada e pontual douração de alguns elementos, apresentando planta plana. Nos intercolúnios expõem-se figuras de vulto perfeito do orago ao centro, de São Francisco Xavier, Bom Jesus e de outros santos.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Não foi identificada bibliografia específica para este exemplar

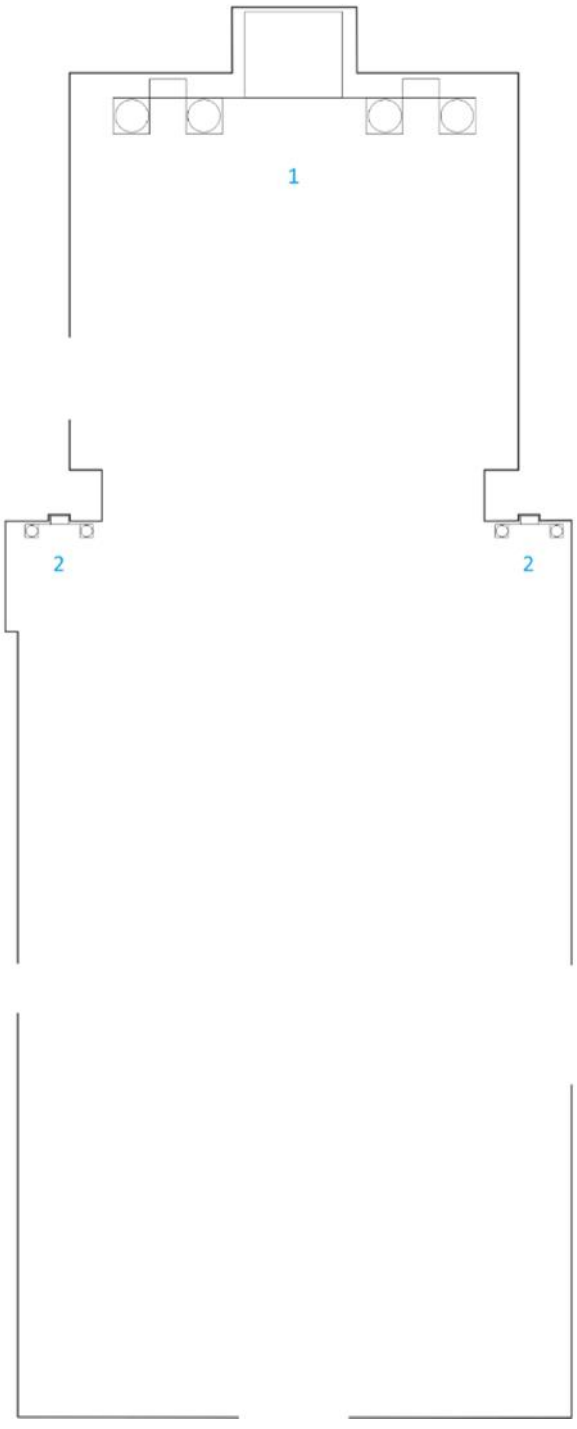
Igreja da Mãe de Deus

Convento de Nossa Senhora do Cabo

(Cabo Raj Bhavan-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.462882, Long. 73.788352

1 |Retábulo de Nossa Senhora do Cabo
2 |Retábulos Colaterais: Imaculada Conceição (Evangelho) e Nossa Senhora de Fátima (Epístola)





1 |Retábulo da Senhora do Cabo

Risco e Entalhe*:* final século XVII/princípio do século XVIII

Está localizado na ousia. Foi mandado executar por religiosos Franciscanos Recolectos (ou Frades Capuchinhos) no final século XVII/princípio do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar eucarístico na tipologia usual de um corpo e três tramos cujo modelo compositivo é intercolúnios inscritos entre duas colunas. Como especificidade refere- se a tribuna de grandes dimensões com a exposição do tabernáculo.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta mista. No banco há quatro pedestais. A gramática decorativa no banco inclui elementos florais e vegetalistas. Neste assentam colunas torsas com imoscapo diferenciado (com pontilhado ascendente nas espiras delineado por anel e pontilhado). A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e compõe-se de parras e uvas. No tramo central, a tribuna emoldurada por uma arquivolta plena, expõe o tabernáculo poligonal em forma de domo e 3 faces visíveis, com dois registos, onde se abrem nichos para exposição de figuras de vulto perfeito de santos. Nos tramos das ilhargas abrem-se dois nichos sobrepostos onde se expõem pequenas figuras de vulto perfeito (originalmente as imagens de São Francisco de Assis, Santo António, São José e São Joaquim, presentemente falta a de São Joaquim e acrescentou-se a do Sagrado Coração de Jesus). Sobre o entablamento contínuo assenta o ático que é tripartido. No centro do ático, inscrito entre colunas duplas (torsas e da mesma gramática decorativa das do corpo) assentes duas a duas em pedestais, evidencia-se a edícula onde se expõe a imagem do orago. Nas ilhargas estão painéis entalhados em médio-relevo representando São Jerónimo e Santa Madalena adorando Cristo crucificado e em autoflagelação. Expõe-se ainda dois arcanjos músicos. O frontão apresenta enrolamentos e contém a presentação do Espírito Santo. É rematado por uma cabeça de serafim. A capela onde se insere contém dois quadros com magnificas pinturas de cenas da vida de Cristo.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Igreja Do Convento Do Cabo', *A Voz de São Francisco Xavier*, VIII (1939), 176 (p. 176); Ricardo Michael Telles, *Velha Cidade de Goa* (Nova Goa: Tipografia Rau e Irmãos, 1922), p. 31; Pedro Dias, *A Talha Indo-Portuguesa*, Amigos do Museu Nacional Soares dos Reis - Circulo Dr. José de Figueiredo (Coimbra, 2014), p. 52.



2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* século XX

Localizam-se junto ao arco da ousia e foram dedicados a Imaculada Conceição (Evangelho) e a Nossa Senhora de Fátima (Epístola), no entanto, este último já foi dedicado a São João Baptista. Foram mandados executar pelo Clero secular durante o século XX. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é intercolúnio inscrito entre duas colunas.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam colunas torsas com diferenciação do imoscapo (com padrão floral intrincado). A ornamentação das colunas inscreve-se na garganta e é composta de parras e uvas. Os retábulos estão bastante modificados da sua traça original pelo que o banco encontra-se despido de decoração. No tramo central do retábulo do estão os nichos onde se expõe as figuras de vulto perfeito do orago, igualmente com decoração parca e descontextualizada.

Sobre o entablamento contínuo assenta o ático igualmente descontextualizado composto de frontão em resplendor onde se inscrevem as insígnias marianas.

Encontram-se em mau estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, ‘Igreja Do Convento Do Cabo’, p. 176.

Bibliografia para a Vigariaria de Pangim

Carvalho, José Maximiliano Falcão de, ed., 'Na Igreja de Santa Inês', *A Voz de São Francisco Xavier*, 1937, 232

Chicó, Mário Tavares, 'Caderno de Apontamentos E Desenhos de Mário Chicó, Relativos a Arquitectura Portuguesa Na Índia', 1951, Fundo Mário e Alice Chicó <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07096.025>

Dias, Pedro, *A Talha Indo-Portuguesa*, Amigos do Museu Nacional Soares dos Reis - Circulo Dr. José de Figueiredo (Coimbra, 2014)

Faria, Alice Santiago, 'Palácio Do Arcebispo', *Portal HPIP*, 2012 <http://www.hpip.org/def/pt/Homepage/Obra?a=566> [accessed 26 June 2013]

Gomes, Paulo Varela, 'Igreja de São Miguel Arcanjo', 2012 <http://www.hpip.org/def/pt/Homepage/Obra?a=1921> [accessed 10 February 2013]

Sá, Adriano de, 'Capela de São Sebastião Das Fontainhas', *A Voz de São Francisco Xavier*, 1936

Saldanha, Gabriel de, *Resumo Da História de Goa* (Goa, 1898)

Telles, Ricardo Michael, 'A Velha Igreja de Bambolim', *A Voz de São Francisco Xavier*, IV (1934), 88

———, 'Documentos Antigos (Sinos, Órgãos E Retábulos Dos Extintos Conventos, Relação Do Deão José Maximiliano Falcão de Carvalho, 1839)', *A Voz de São Francisco Xavier*, 1941, 21

———, 'Igreja de Oxel', *A Voz de São Francisco Xavier*, V (1936), 357

———, 'Igreja de Pangim', *A Voz de São Francisco Xavier*, VI (1937), 530–31; 542

———, 'Igreja de Ribandar', *A Voz de São Francisco Xavier*, V (1936), 221

———, 'Igreja Do Convento Do Cabo', *A Voz de São Francisco Xavier*, VIII (1939), 176

———, 'Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa', *O Oriente Português*, 1933, 373–400

———, 'Ordens Religiosas E Seus Conventos', *Boletim Do Instituto Vasco Da Gama*, 1944, 63–153

———, *Velha Cidade de Goa* (Nova Goa: Tipografia Rau e Irmãos, 1922)

Xavier, Filipe Nery, and Associação do Gabinete Literário das Fontainhas, *O Gabinete Litterário das Fontainhas* (Goa: Nova Goa: Imprensa Nacional, 1846)

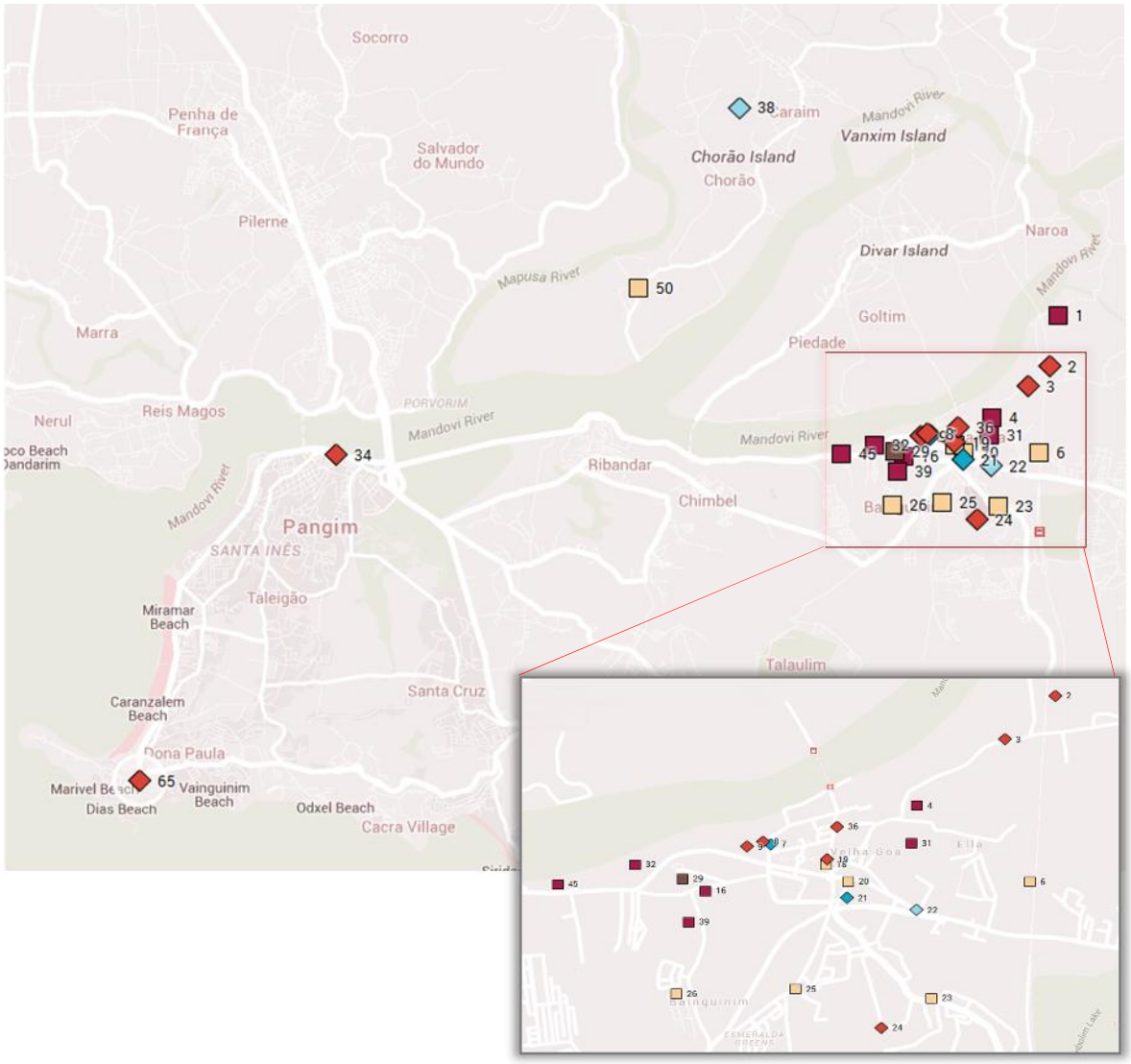
Locais Extintos

Nota ao leitor

As fichas de inventário que se seguem, correspondendo aos locais extintos da taluka de Tiswadi, adoptam uma formatação diferente à que se pôde consultar para os locais das Vigariarias de Goa Velha, Velha Goa e Pangim. Esta opção foi tomada por considerarmos ser importante destacar os locais de origem do património retabular que identificamos disperso por outros edifícios religiosos. Desta forma iremos encontrar três tipos de informação:

1. A ficha do local extinto com a identificação de património retabular relocalizado noutras igrejas da taluka de Tiswadi. A ficha de inventário é posteriormente consultável no local para onde a talha foi transferida.
2. A ficha do local extinto com a identificação de património retabular relocalizado em igrejas localizadas noutras talukas. Nestes casos, a ficha de inventário encontra-se neste capítulo.
3. Locais extintos e sem património retabular transferido: encontrar-se-á a ficha de inventário do local extinto e alguma informação histórica do local, quando possível.

Visão Geral dos Locais Extintos – Geolocalização



Legenda:

- Igreja
- Capela
- Convento/Igreja
- Hospital/Capela
- Seminário/Capela
- Hospital/Seminário

Descrição dos locais no Mapa

#	Tipo	Orago	Paróquia	Localização
1	Convento/Igreja	Madre Deus	Dauguim (actualmente em Mapusa)	Dauguim [em Mapusa-Bardez]
2	Capela	São José	São José	Dauguim
3	Igreja	Santa Luzia	Velha Goa	Ella
4	Convento/Igreja	São Domingos	Velha Goa	Ella
6	Igreja	Santo Amaro	Velha Goa	Velha Goa
7	Hospital/Capela	Hospital Real	Velha Goa	Velha Goa
8	Capela	Santos Mártires	Velha Goa	Velha Goa
9	Capela	Cinco Chagas de Cristo	Cinco Chagas de Cristo	Velha Goa
16	Convento/Igreja	Senhora da Graça	Velha Goa	Monte Sacro
18	Igreja	Senhora da Serra	Velha Goa	Velha Goa
19	Capela	Misericórdia	Velha Goa	Velha Goa
20	Igreja	Santo Aleixo	Santo Aleixo	Velha Goa
21	Hospital/Capela	Hospital dos Pobres	Velha Goa	Velha Goa
22	Seminário/Capela	São Paulo dos Arcos	Velha Goa	Velha Goa
23	Igreja	São Lázaro	Velha Goa	Velha Goa
24	Capela	Santíssima Trindade	Santíssima Trindade	Velha Goa
25	Igreja	Nossa Senhora da Luz	Colegiada de Nossa Senhora da Luz [Fazenda Real]	Velha Goa
26	Igreja	Santo André	Velha Goa	Velha Goa
29	Hospital/Seminário	São Roque/São Paulo Novo	Velha Goa	Velha Goa
31	Convento/Igreja	Nossa Senhora do Carmo	Velha Goa	Velha Goa
32	Convento/Igreja	São Boaventura	Velha Goa	Velha Goa
34	Capela	Imaculada Conceição (Palácio Governo)	Pangim	Pangim
36	Capela	Inquisição	Velha Goa	Velha Goa
38	Seminário/Capela	Seminário/Senhora da Graça	Chorão-Graça	Chorão
39	Convento/Igreja	Nossa Senhora do Pópulo	Velha Goa	Velha Goa
45	Convento/Igreja	São Tomás Aquino	São Pedro	Panelim
50	Igreja	Nossa Senhora da Graça (1ª)	Chorão-Graça	Chorão
65	Capela	Nossa Senhora do Loreto	Nossa Senhora do Loreto	Cullavaiguinim

1. DAUGUIM

1.1. Igreja do Convento da Madre de Deus (1)
1.2. Igreja de São José (2)

Geolocalização das Igrejas e Capelas Extintas



Legenda:

Capela

Convento/Igreja

Retábulos da Igreja da Madre Deus

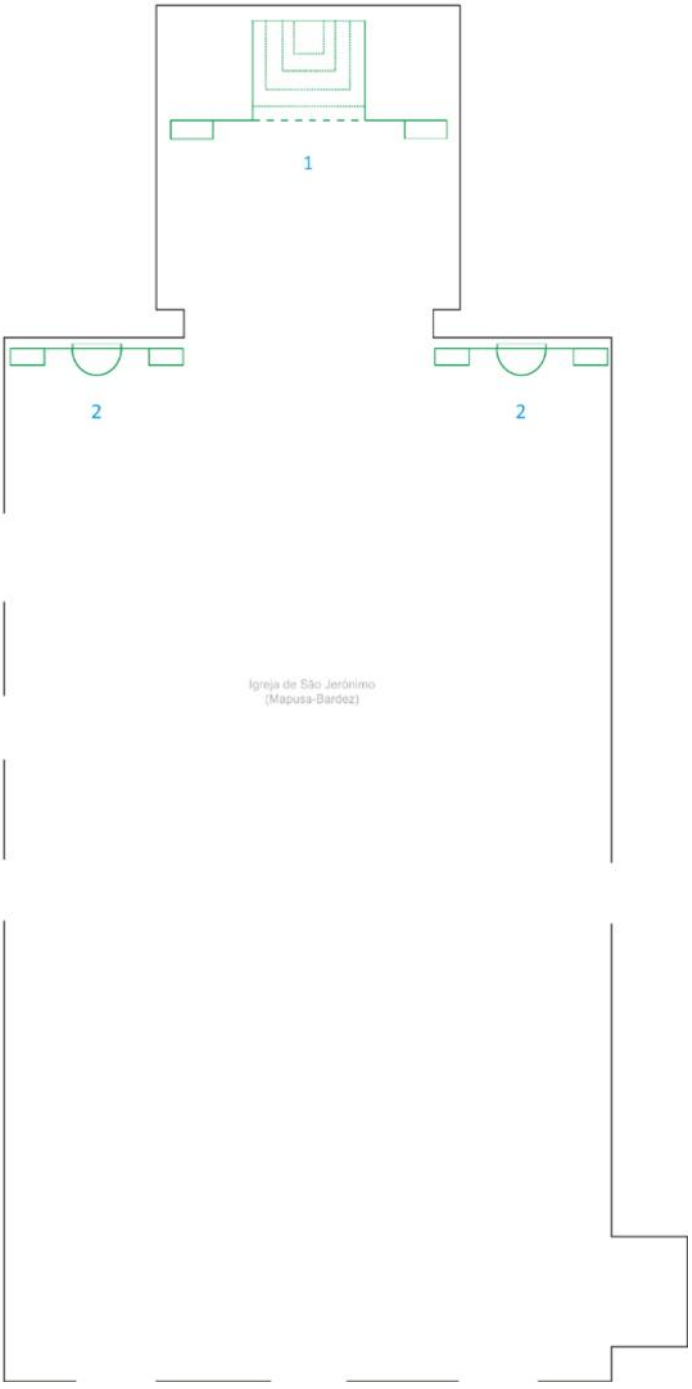


(Daugim-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.519146, Long. 73.927141

na Igreja de São Jerónimo (Mapusa-Bardez)

1 |Retábulo da Ousia

2 |Retábulos Colaterais: São João Baptista (Evangelho) e São Jerónimo (Epístola)





1 |Retábulo de Nossa Senhora dos Milagres

Risco e Entalhe*:* 2ª metade século XVIII

Está localizado na ousia. Foi mandado executar pelo clero secular na 2ª metade do século XVIII. Este retábulo já foi executado após os Franciscanos Recolectos (a qual pertencia a Igreja da Madre de Deus) terem sido suspensos e seus religiosos excomungados em 1727 depois de ter-se despoletado um conflito de interesses acerca de jurisdição com a Arquidiocese. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

É um exemplar devocional a um tema na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos. Como especificidade apontamos o entablamento ondulante em género de frontão.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando perspectiva côncava. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam pilastras. A gramática decorativa no banco inclui pequenos apontamentos vegetalistas. No tramo central, a tribuna emoldurada por entablamento, expõe-se uma imagem de vulto perfeito do orago, assente sobre um trono de quatro degraus. Sobre o entablamento contínuo, nas ilhargas, estão as aletas do frontão do tipo entrecortado onde repousam arcanjos. No centro do ático está uma cartela com o Sagrado Coração e a pomba do Espírito Santo envolta em resplendor. A gramática decorativa do frontão inclui elementos rocaille. Destaca-se igualmente o sacrário que assenta sobre a mesa de altar que é coevo do retábulo.

Encontra-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa', *O Oriente Português*, 1933, 373–400 (p. 374).


JHS

2 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* 2ª metade do século XVIII

Localizam-se junto ao arco da ousia e são dedicados a São João Baptista (Evangelho) e a São Jerónimo (Epístola). Foram mandados executar pelo clero secular na 2ª metade do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é de ausência de elementos arquitectónicos.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando perspectiva convexa. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam pilastras com capitéis seráficos. A gramática decorativa do banco constitui-se de pequenos apontamentos vegetalistas e molduras. No tramo central, um painel simples serve de pano de fundo para a moldura com entablamento do tipo ondulado que expõe a imagem de vulto perfeito do orago, assente em grande peanha semicircular. Há ainda duas peanhas – uma de cada lado – suportando pequenas figuras de vulto perfeito de santos, cada uma o seu pequeno dossel que é uma cópia em miniatura do dossel do retábulo.

Sobre o entablamento contínuo, do tipo ondulado, assenta o ático com frontão entrecortado que inclui cartela com simbologia do Calvário de Cristo (Evangelho) e das Chagas de Cristo (Epístola). Sobre as aletas do frontão repousam arcanjos com palmas na mão. Ambos os retábulos têm um dossel com coroa real, decoração rocaille e panejamento cenográfico com bordões.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, ‘Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa’, p. 374.

Igreja de São José

(Dauguim-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.512382, Long. 73.926089 *Localização aproximada*



Jan Huygen van Linschoten, 1595 (detalhe)

A Igreja de São José foi uma das igrejas paroquiais fora da jurisdição de Velha Goa representada em planta em 1595 no mapa de Jan Huygen va Linschoten e existente ainda em 1774. Em 1934, Ricardo Michael Telles regista num dos seus textos que da igreja existe apenas um cruzeiro e alguns epitáfios.

Foi possível identificar a passagem de algum património retabular bem como relocalizá-lo na Capela de São Sebastião (Fontainhas-Tiswadi). Estamos a falar dos dois retábulos colaterais que podem ser consultados na ficha de inventário da referida capela.

A documentação atesta ainda a passagem do sino desta igreja para a mesma capela de São Sebastião (Fontainhas-Tiswadi).

Consultar Catálogo - nº757.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'A Igreja de São José de Dauguim', *A Voz de São Francisco Xavier*, III (1934), 471 (p. 471); Jan Huygen van Linschoten, 'A Ilha E Cidade de Goa Metropolitana Da India E Partes Orientais Que Esta En 15 Graos Da Banda Do Norte', 1595, C.C. 49 A. <http://purl.pt/1953/3/>.

2. ELLA

2.1. Igreja de Santa Luzia (3)
2.2. Convento de São Domingos (4)

Geolocalização das Igrejas e Capelas Extintas



Legenda:

Igreja

Convento/Igreja

Igreja de Santa Luzia

(Ella-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.509714, Long. 73.923250



Jan Huygen van Linschoten, 1595 (detalhe)

O que restava desta igreja, edificada em 1544, foi demolido em 1873. Localizava-se nos subúrbios de Dauguim. Depois da sua construção foi reduzida a capela e sujeita à freguesia de São Brás devido a falta de fiéis. Dos seus objectos artísticos restam as imagens de vulto perfeito de Nossa Senhora da Saúde e de Santa Luzia que foram transferidas para a Igreja de São Brás (Gandaulim-Tiswadi) e uma outra de Santa Luzia no altar de São Jorge na Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi)

No que respeita à talha não foi encontrado nenhum retábulo relocalizado.

Bibliografia Específica:

Telles, 'Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa', pp. 384–385; Leopoldo da Rocha, *As Confrarias de Goa (séculos XVI-XX): Conspecto Histórico-Jurídico* (Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1973), pp. 85–86; Gabriel de Saldanha, *Resumo Da História de Goa* (Goa, 1898), p. 21.

Convento de São Domingos

(Ella-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.505654, Long. 73.918308



Jan Huygen van Linschoten, 1595 (detalhe)

O Convento dos Frades de São Domingos, com representação no mapa desenhado por de Jan Huygen va Linschoten em 1595, localizava-se na saída de Velha Goa na região de Ella. Do seu património retabular foi possível identificar o Retábulo da Última Ceia, relocalizado na sacristia da Igreja de Santa Cruz (Santa Cruz [Calapor]-Tiswadi) cuja ficha de inventário pode aí ser consultada.

Consultar Catálogo - nº 824

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Documentos Antigos (Sinos, Órgãos E Retábulos Dos Extintos Conventos, Relação Do Deão José Maximiliano Falcão de Carvalho, 1839)', *A Voz de São Francisco Xavier*, 1941, 21; Linschoten.

3. VELHA GOA e MONTE SACRO

3.1. Igreja de Santo Amaro (6)
3.2. Capela do Hospital Real (7)
3.3. Capela dos Santos Mártires (8)
3.4. Capela das Cinco Chagas de Cristo (9)
3.5. Convento/Igreja de Nossa Senhora da Graça (16)
3.6. Igreja da Senhora da Serra (18)
3.7. Capela da Misericórdia (19)
3.8. Igreja de Santo Aleixo (20)
3.9. Capela do Hospital dos Pobres (21)
3.10. Capela do Seminário de São Paulo dos Arcos (22)
3.11. Igreja de São Lázaro (23)
3.12. Capela da Santíssima Trindade (24)
3.13. Igreja da Senhora da Luz (25)
3.14. Igreja de Santo André (26)
3.15. Hospital de São Roque/Seminário de São Paulo Novo (29)
3.16. Convento de Nossa Senhora do Carmo (31)
3.17. Convento de São Boaventura (32)
3.18. Capela do Palácio da Inquisição (36)
3.19. Convento de Nossa Senhora do Pópulo (39)
3.20. Convento de São Tomás de Aquino (45)

Geolocalização das Igrejas e Capelas Extintas



Legenda:

Igreja
Capela
Convento/Igreja
Hospital/Capela
Seminário/Capela
Hospital/Seminário

Igreja de Santo Amaro

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.500976, Long. 73.924636



Jan Huygen van Linschoten, 1595 (detalhe)

Da igreja de Santo Amaro restam apenas as representações nas mais importantes cartografias de Goa sendo a primeira no mapa de Jan Huygen van Linschoten em 1595. Desta igreja de planta centralizada representada primeiramente em Linschoten, é possível depreender que foi posteriormente aumentada, tal como demonstra Paulo Varela Gomes na leitura atenta do mapa de Pedro Barreto de Resende em 1635.

Não foi identificada nenhuma relocalização de talha oriunda deste espaço religioso.

Bibliografia Específica:

Linschoten; Paulo Gomes, *Whitewash, Red Stone : A History of Church Architecture in Goa* (New Delhi: Yoda Press, 2011), p. 92.

Capela do Hospital Real

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.503290, Long. 73.910080



Jan Huygen van Linschoten, 1595 (detalhe)

Não foi relocalizado nenhum património retabular deste espaço religioso.

Bibliografia Específica:

Linschoten.

Capela dos Santos Mártires ou de São Martinho

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.503453, Long. 73.909659



Jan Huygen van Linschoten, 1595 (detalhe)

Esta capela, que aparece na documentação com o orago de São Martinho e por vezes de Santos Mártires, foi edificada depois de 1547 quando D. João de Castro voltou vitorioso da batalha de Diu, dedicando-a aos que perderam a vida nessa batalha.

Não foi relocalizado nenhum património retabular deste espaço religioso.

Bibliografia Específica:

Linschoten; Saldanha, pp. 25–26.

Capela das Cinco Chagas de Cristo

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.503126, Long. 73.908777



Jan Huygen van Linschoten, 1595 (detalhe)

Não foi relocalizado nenhum património retabular deste espaço religioso.

Bibliografia Específica:

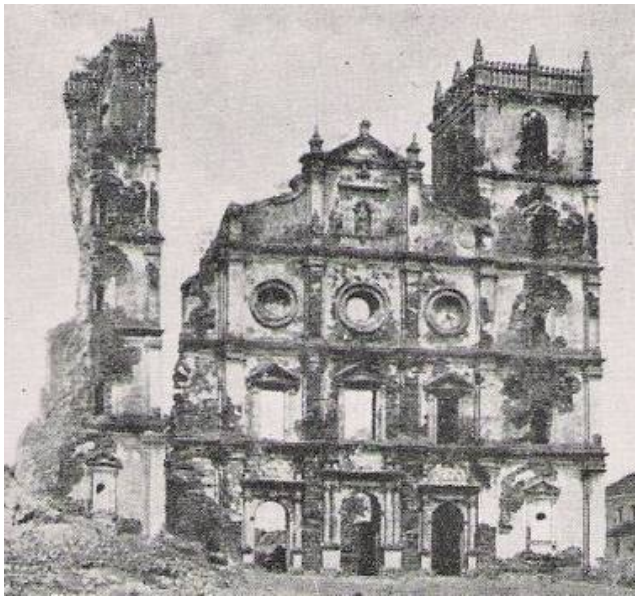
Linschoten.

Igreja de Nossa Senhora da Graça

do Convento de Nossa Senhora da Graça

(Monte Sacro-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.500431, Long. 73.906382





De Souza e Paul (1930), Mónica Esteves Reis (2009)

O local está em ruinas e do seu património retabular existe pelo menos um retábulo: o Retábulo de Nossa Senhora das Angústias, no transepto lado do Evangelho, na Sé Catedral de Santa Catarina (Velha Goa-Tiswadi) – cuja ficha de inventário se encontra alocada a esse espaço – e dois frontões de volutas com águias bicéfalas que estão nos retábulos colaterais da Igreja do Salvador do Mundo (Betim-Bardez, ver Fig. 60, p. 1040 do Apêndice Fotográfico).

Restante património relocalizado:

- Na Igreja de Santo Estevão (Santo Estevão-Tiswadi): imagem de Santo Agostinho e outro santo agostiniano.
- Na Igreja de Santo Aleixo (Calangute-Bardez): imagem de Santo Agostinho, com hábito.
- Na Capela de Nossa Senhora de Livra Febres (Chimbel-Tiswadi): imagem de Santo Agostinho
- Na Casa Professa do Bom Jesus (Velha Goa-Tiswadi): imagem de Nossa Senhora da Graça, quadro em baixo-relevo de Nossa Senhora da Consolação, um dos dois coros.

- Na Igreja de Santo António (Siolim-Bardez): púlpito. Hoje resta apenas o baixo-relevo de Santo Agostinho.
- Na sacristia da Igreja de Santa Maria do Convento de Santa Mónica (Monte Sacro-Tiswadi): imagem de Nossa Senhora da Graça.
- Na Igreja de São João Baptista (Carambolim-Tiswadi): quadro em baixo-relevo de Nossa Senhora da Consolação.
- Na Capela de Nossa Senhora dos Remédios (Ribandar-Tiswadi): imagens de Santa Mónica e de São José.
- Na Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Panjim-Tiswadi): sino.
- Numa casa hindu em Ribandar-Tiswadi: uma pia de lavar as mãos.

Bibliografia Específica:

Telles, 'Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa', pp. 379–381; D'Souza & Paul, *Photo Souza E Paul (Estudio). (1930). Ruínas Do Convento de Nossa Senhora Da Graça*, 1930.

Igreja de Nossa Senhora da Serra

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.502045, Long. 73.913187



Jan Huygen van Linschoten, 1595 (detalhe)

A igreja de Nossa Senhora da Serra foi mandada erguer por Afonso de Albuquerque em 1514 em cumprimento de um voto a Nossa Senhora quando o seu navio – o Senhora da Serra – passou por atribuladas tormentas no Mar Vermelho. Esteve sob administração da Ordem de Santo Agostinho em 1600 e posteriormente pela Casa da Misericórdia, em c.1612, que por se achar pegada à igreja e por ter falta da sua própria igreja usufruía do espaço religioso até à edificação da sua. Acabou posteriormente por ficar legada ao Clero Secular.

Não foi identificado património retabular deste espaço religioso.

Bibliografia Específica:

Linschoten; Saldanha; José Nicolau da Fonseca, *An Historical and Archaeological sketch of the city of Goa: preceded by a short statistical account of the territory of Goa* (Bombaim: Thacker & Amp Co., 1878), p. 245.

Capela da Misericórdia

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.502349, Long. 73.913260 *Localização Aproximada*



Jan Huygen van Linschoten, 1595 (detalhe)

A Capela da Misericórdia foi edificada a partir do edifício civil que já funcionava recorrendo para serviço religioso da Igreja de Nossa Senhora da Serra.

Não foi identificado património retabular deste espaço religioso.

Bibliografia Específica:

Linschoten; Saldanha; Fonseca, p. 244.

Igreja de Santo Aleixo

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.501006, Long. 73.914412 *Localização Aproximada*

Da Igreja de Santo Aleixo foi possível relocalizar o retábulo de Nossa Senhora da Boa Vida que se encontra numa das capelas da Sé Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi). A sua ficha de inventário pode ai ser consultada, na entrada de Catálogo nº550.

Bibliografia Específica:

José Carvalho Henriques, *Sé Catedral de Goa: Capela de Boa Vida*, 1951, Fundo Mário e Alice Chicó, 121092 <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07127.000.061>; Telles, 'Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa', p. 42; Ricardo Michael Telles, *Velha Cidade de Goa* (Nova Goa: Tipografia Rau e Irmãos, 1922), p. 6; Ricardo Michael Telles, 'Sé Primacial E Patriarcal de Goa', *Boletim Do Instituto Vasco Da Gama*, 1942, 92–128 (p. 93).

Capela do Hospital dos Pobres

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.499987, Long. 73.914396 *Localização Aproximada*



Jan Huygen van Linschoten, 1595 (detalhe)

A Capela do Hospital dos Pobres tinha o serviço religioso a cargo da Companhia de Jesus.

Não foi localizada nenhuma passagem de talha oriundo deste espaço religioso.

Bibliografia Específica:

Linschoten.

Igreja de São Paulo Velho (ou dos Arcos)

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.499248, Long. 73.918273



Jan Huygen van Linschoten, 1595 (detalhe)

O património retabular desta igreja de que subsiste apenas a fachada, foi levado para outros espaços.

São conhecidos pelo menos cinco retábulos desta igreja: Retábulo da Conversão de São Paulo, Retábulo de Jesus, Retábulo de Nossa Senhora da Vitória, Retábulo de Santa Úrsula e 11 mil Virgens. Destes, apenas o de Nossa Senhora da Vitória, está documentado ter passado para o corpo da igreja de São João Baptista (Carambolim-Tiswadi), mas actualmente só a figura de vulto da santa terá subsistido dado que – para além da cronologia tardia – a morfologia deste retábulo é exactamente a mesma da dos colaterais da referida igreja.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Colégio de São Paulo O Velho', *A Voz de São Francisco Xavier*, XI (1942), 255 (p. 255); Telles, 'Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa', p. 377.

Igreja de São Lázaro

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.493851, Long. 73.919103 *Localização Aproximada*



Jan Huygen van Linschoten, 1595 (detalhe)

Não existe registo de passagem de património retabular deste local.

Bibliografia Específica:

Linschoten.

Capela da Santíssima Trindade

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.492034, Long. 73.916298 *Localização Aproximada*



Jan Huygen van Linschoten, 1595 (detalhe)

Não existe registo de passagem de património retabular deste local.

Bibliografia Específica:

Linschoten.

Igreja da Senhora da Luz

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.494404, Long.73.911467 *Localização Aproximada*



Jan Huygen van Linschoten, 1595 (detalhe)

A Igreja da Senhora da Luz foi edificada por patrocínio Régio por volta de 1521. Posteriormente, em 1541, foi entregue à administração da Companhia de Jesus. Foi igualmente administrada pelos Agostinhos.

Foi possível relocalizar algum do património retabular deste espaço religioso, nomeadamente o retábulo de Nossa Senhora da Luz, no corpo da Igreja de São Pedro (Panelim-Tiswadi) onde a ficha de inventário é consultável - Catálogo nº514.

Bibliografia Específica:

Linschoten; Olivinho J. F. Gomes, *The Religious Orders in Goa - XVI - XVII Centuries*, Konkani Sorospot Prakashan (Chandor - Goa: Suresh Kakodkar, Omega Enterprises, 2003), p. 195.

Igreja de Santo André

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.494112, Long. 73.904772 *Localização Aproximada*



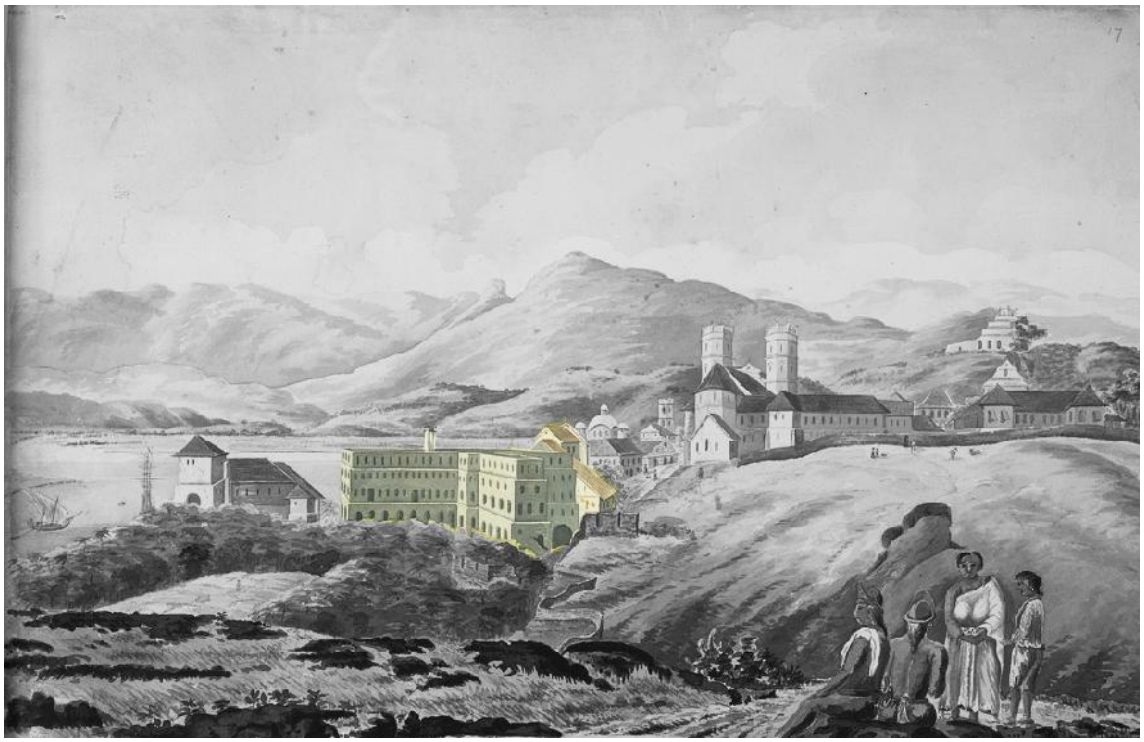
Jan Huygen van Linschoten, 1595 (detalhe)

Da Igreja de Santo André não existe registo de passagem de património retabular para outros espaços religiosos.

Bibliografia Específica:

Linschoten.

Hospital de São Roque
Seminário de São Paulo Novo
(Monte Sacro-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.501180, Long. 73.905130



View of Old Goa (…), Século XIX

As condições insalubres do local de São Paulo dos Arcos motivaram a saída dos padres para o Monte Sacro (que até 1526 era despovoado), alojando-se nas casas que haviam sido compradas em 1578 ao Capitão de Malaca Pêro de junto à Igreja de Nossa Senhora do Rosário e que tinham servido de Hospício aos convalescentes sob a designação de São Roque. A partir de 1580 deram início à construção de um majestoso edifício grande o suficiente para albergar, para além dos seus religiosos, uma biblioteca e uma tipografia dentro dos seus quatro andares. Em 21 de Outubro de 1584 foi solenemente inaugurado como Colégio de São Paulo Novo e a Casa Professa funciona nestas instalações até o complexo do Bom Jesus estar construído. Depois São Paulo o Novo passa a funções de Noviciado sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição.

Em 1614 terminam-se os estudos leccionados neste edifício. Segundo Pietro de la Valle, em 1623 já não se aí faziam quaisquer actos solenes o que deve em certo ter contribuído para a sua parcial ruína em 1695. Depois de abandonado, o local entra em ruína gradual, especialmente

depois de 1759 com a expulsão dos jesuítas dos territórios portugueses. Na expulsão das Ordens religiosas este local passou a albergar o Hospital Real, um Regimento até que finalmente é destruído em 1830 para que as suas pedras sirvam de construção ao quartel de Pangim.

Não foi relocalizado qualquer património retabular oriundo deste espaço religioso.

Bibliografia Específica:

Linschoten; desconhecido, *View of Old Goa Looking towards the N.E. Showing the Rosary Church with a Red Roof and the New St Paul's Seminary, Which Fell into Ruin Early in the 19th Century*, Século XIX, Asia, Pacific & Africa Collections <http://www.bl.uk/onlinegallery/onlineex/apac/other/largeimage66625.html>; 'Oriente Conquistado a Jesu Christo Pelos Padres Da Companhia de Jesus Da ... - Francisco de Sousa ((S.I.)) - Google Livros', para. 49 <http://books.google.pt/books/about/Oriente_conquistado_a_Jesu_Christo_pelos.html?id=lU1n4m38bGQC&redir_esc=y> [accessed 19 December 2013]; Telles, 'Colégio de São Paulo O Velho', p. 255.

Igreja do Convento de Nossa Senhora do Carmo (Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.503333, Long. 73.917982



De Souza e Paul, 1930

Este espaço religioso foi mandado erguer em 1612 e abandonado em 1835. Em 1709 foi mandado entregar aos religiosos da Congregação do Oratório.

O património retabular desta igreja pertencente aos Carmelitas Descalços da Província de Itália foi levado para outros espaços, sendo ainda possível venerar dois retábulos na Igreja de Nossa Senhora da Penha de França (Britona-Bardez).

Existe ainda neste mesmo espaço um sacrário que pode ser consultado no Apêndice Fotográfico (Figura 63, pg. 1043).

Restante património relocalizado:

- Na Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi): Cálice de Veneza.
- Numa casa particular (Panjim-Tiswadi): Pia de lavar as mãos com as insígnias da Ordem.
- Na Capela da Madre Deus (Sangolda-Bardez): figura de vulto de Nossa Senhora do Carmo.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Dispersão Dos Objectos Religiosos Em Goa', 1935; António Lopes Mendes, *A India Portugueza : Breve Descripção Das Possessões Portuguezas Na Asia [Vol 1]*, 2 vols. (Delhi [India]: B. R. Publishing Corp., 2006), I; António Lopes Mendes, *A India Portugueza : Breve Descripção Das Possessões Portuguezas Na Asia [Vol 2]*, 2 vols. (Delhi [India]: B. R. Publishing Corp., 2006), II, p. 163; Diocesan Center for Social Communications Media and Achbishop's House, *Archdiocese of Goa and Daman Directory 2006*, Achbishop's House (Panjim: New Age Printers - Verna Goy, 2006), p. 154; Olivinho J. F. Gomes, p. 220; Paul, *Photo Souza E Paul (Estudio). (1930). Ruínas Do Convento de Nossa Senhora Da Graça*.


I·N·R·I

1 |Retábulos Colaterais

Risco e Entalhe*:* 1º quartel do século XVIII (execução) com alterações posteriores.

Localizam-se junto ao arco da ousia da Igreja de Nossa Senhora da Penha de França (Britona-Bardez) e são dedicados ao Senhor Crucificado (Evangelho) e a Nossa Senhora do Carmo (Epístola). Foram mandados executar pela Ordem dos Carmelitas Descalços da Província de Itália para a sua igreja já extinta no 1º quartel do século XVIII. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe.

São exemplares devocionais a um tema, na tipologia usual de um corpo e um tramo cujo modelo compositivo é intercolúnio inscrito entre duas colunas. Refere-se que um dos retábulos – o do lado da Epístola – apresenta-se sem elementos arquitectónicos, facto que certamente se justifica pelo aparelhamento deste retábulo a este espaço, quer por perda, quer por opção dos responsáveis.

Constitui-se de madeira entalhada dourada e policromada, apresentando planta plana. No banco há dois pedestais sobre os quais assentam colunas de fuste estriado com ritmo helicoidal, com diferenciação do imoscapo (delimitado por meio de anel e pontas de diamante, composto de cabeças de serafins, medalhões e acantos). No tramo central do retábulo do Evangelho, dispõe-se a figura de vulto perfeito do orago. O tramo está emoldurado por entablamento contínuo. No retábulo da Epístola está adaptado um nicho no tramo central que é emoldurado com uma pintura sobre madeira com um rosário intercalado de cenas marianas e cristíferas. Sobre o entablamento contínuo assenta o ático que é composto de frontão entrecortado e com aletas, incluindo-se um tondo no centro.

Encontram-se em razoável estado de conservação.

Bibliografia Específica:

Telles, ‘Dispersão Dos Objectos Religiosos Em Goa’.

Convento de São Boaventura

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.502048, Long. 73.902467



Jan Huygen van Linschoten, 1595 (detalhe)

Construído com fundos que se destinavam à construção de um convento de Carmelitas Descalças da sua Ordem religiosa que não se edificou por falta de autorização do arcebispado, o Convento de São Boaventura dos Frades Capuchos da Província da Madre de Deus ergueu-se por volta de 1602.

Não foi localizada a passagem de património retabular para outros locais religiosos.

Bibliografia Específica:

A. Meersman, *The Friars Minor Or Franciscans in India, 1291-1942* (Rotti Press, 1943), p. 120; Olivinho J. F. Gomes, p. 90; Linschoten.

Capela do Palácio da Inquisição

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.504350, Long. 73.913844



Jan Huygen van Linschoten, 1595 (detalhe)

O Tribunal da Inquisição estabeleceu-se em Velha Goa em 1543 e foi extinto em 1774. O seu edifício tinha três andares com uma frontaria de pedra preta e três portões. Da capela subsistem duas figuras de vulto perfeito de Cristo Crucificado, uma num retábulo da Capela de São Sebastião (Fontainhas-Tiswadi) e a outra – com o seu retábulo – na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda (Ribandar-Tiswadi) cujas fichas de inventário se podem consultar - Catálogo nº758.

Bibliografia Específica:

Telles, 'Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa', p. 386; Linschoten.

Colégio de Nossa Senhora do Pópulo

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.498524, 73.905462

Este Colégio foi fundado em 1602 para suprir as necessidades dos religiosos de Santo Agostinho de ter um local destas características que fosse próximo da cidade. Embora existisse já um em Neurá, para além de ser distante da cidade de Goa provava-se ser insalubre e sem condições para provir durante mais tempo a comunidade. Este colégio é criado quando os religiosos têm já várias residências, convento e cristandades. Mudou-se então no período de dois anos, o Colégio de Neurá para o Colégio do Pópulo, que se edificou no outeiro contíguo ao Convento da Graça e era dotado de uma igreja pequena com portaria para dentro e dotada de 5 altares. Neste Colégio ensinava-se Latim, Filosofia e Teologia aos religiosos e a todos os que quisessem aproveitar das lições.

Teve depois direito a alterações estruturais que colocam a portaria para a frente da igreja. Nessa altura tinha a igreja 6 altares, a saber: na Capela-mor, Retábulo de Senhora do Pópulo. No lado do Evangelho: Retábulo de Nossa senhora da Sapiência, Retábulo de Santa Rita, Retábulo de Santo António de Lisboa (numa capela metida para dentro). No lado da Epístola: Retábulo de São Nicolau de Tolentino e Retábulo de Santa Bárbara

Durante as obras de reedificação do Mosteiro de Santa Mónica, depois do incêndio em 1636, as religiosas passam a aqui viver até estar concluído o seu mosteiro. Igualmente, os religiosos de São João de Deus, quando chegam a Goa, ficam aqui hospedados.

Em 1922 resistia de pé as paredes da igreja deste Convento mas já com o tecto abatido. De todos os retábulos da igreja, é possível venerar um na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda (Ribandar-Tiswadi). A sua ficha de inventário pode ser consultada nessa entrada.

Bibliografia Específica:

António da Silva Rego, *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente (Índia)*, Edição Facsimilar do original de 1952 (Lisboa: Agencia Geral das Colónias, 1991), XI.

Convento de São Tomás de Aquino

(Velha Goa-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.500835, Long. 73.898059

O Convento de São Tomás de Aquino foi edificado pela Ordem dos Pregadores, os frades dominicanos em 1594 e que aí permaneceram até 1623.

O património retabular desta igreja foi levado para vários outros espaços sendo possível venerar um dos seus retábulos e figura de vulto na Igreja de São Pedro (Panelim-Tiswadi).

Entre as várias outras peças destacam-se uma figura de vulto perfeito de São Tomás que está na Igreja de São João Facundo (Corlim-Tiswadi, ver Catálogo nº 512).

Restante património relocalizado:

- Na Igreja de Santa Isabel Rainha de Portugal (Ucassaim-Bardez): dois sinos.
- Na Catedral de Santa Catarina de Alexandria (Velha Goa-Tiswadi): imagem de São Tomás de Aquino em granito junto ao baptistério.

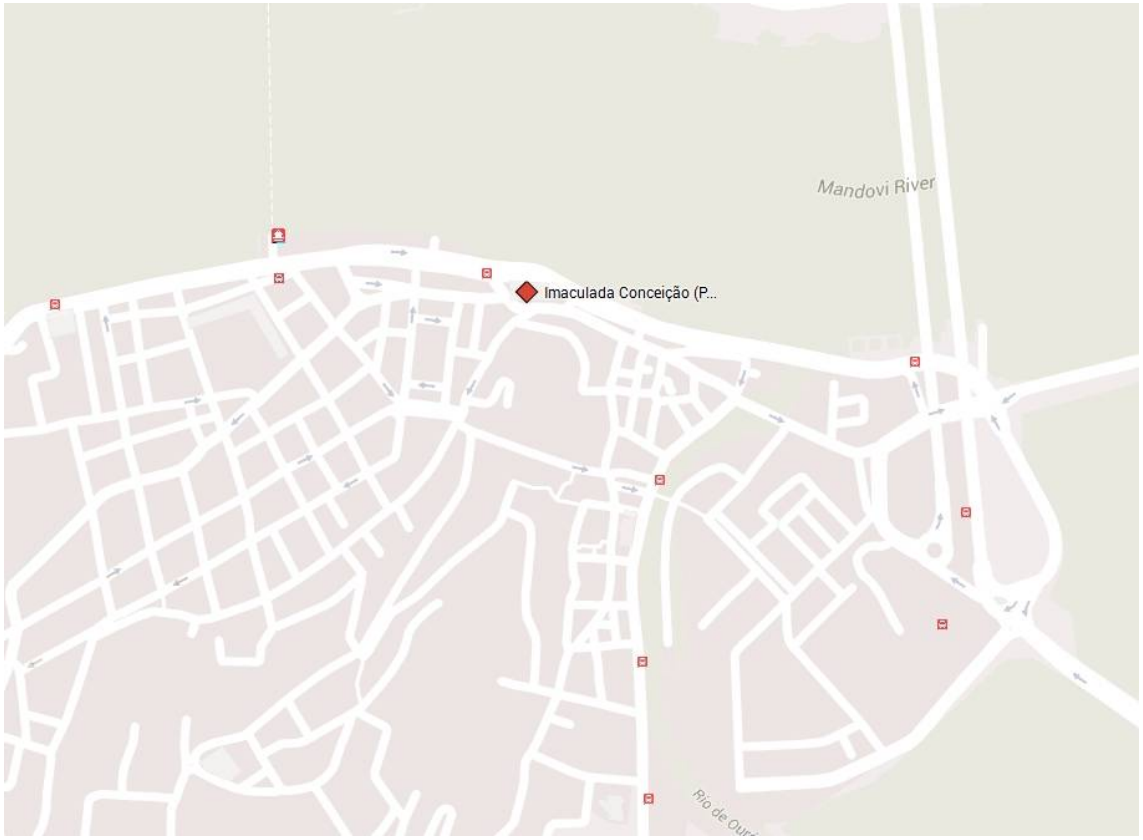
Bibliografia Específica:

Telles, 'Dispersão Dos Objectos Religiosos Em Goa'; Olivinho J. F. Gomes, p. 176.

4. PANGIM

4.1. Capela da Imaculada Conceição, no Palácio do Governo (34)

Geolocalização das Igrejas e Capelas Extintas



Legenda:

Capela

Capela da Imaculada Conceição

Palácio do Governo

(Panjim-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.500707, Long. 73.829960

A capela que existia no lado poente do Palácio do Governo era assinalada na fachada através de um frontão encimado por uma pequena cruz e foi encerrada no início da Primeira República. Esta seria da era do Vice-Rei Conde de Ega, Manuel de Saldanha (1758-1765) aquando este realiza profundas obras para fixar a sua residência oficial em 1759.

O património retabular que se conhece desta capela foi levado para a Igreja da Imaculada Conceição (Panjim-Tiswadi) cuja ficha de inventário se pode consultar - Catálogo nº 748.

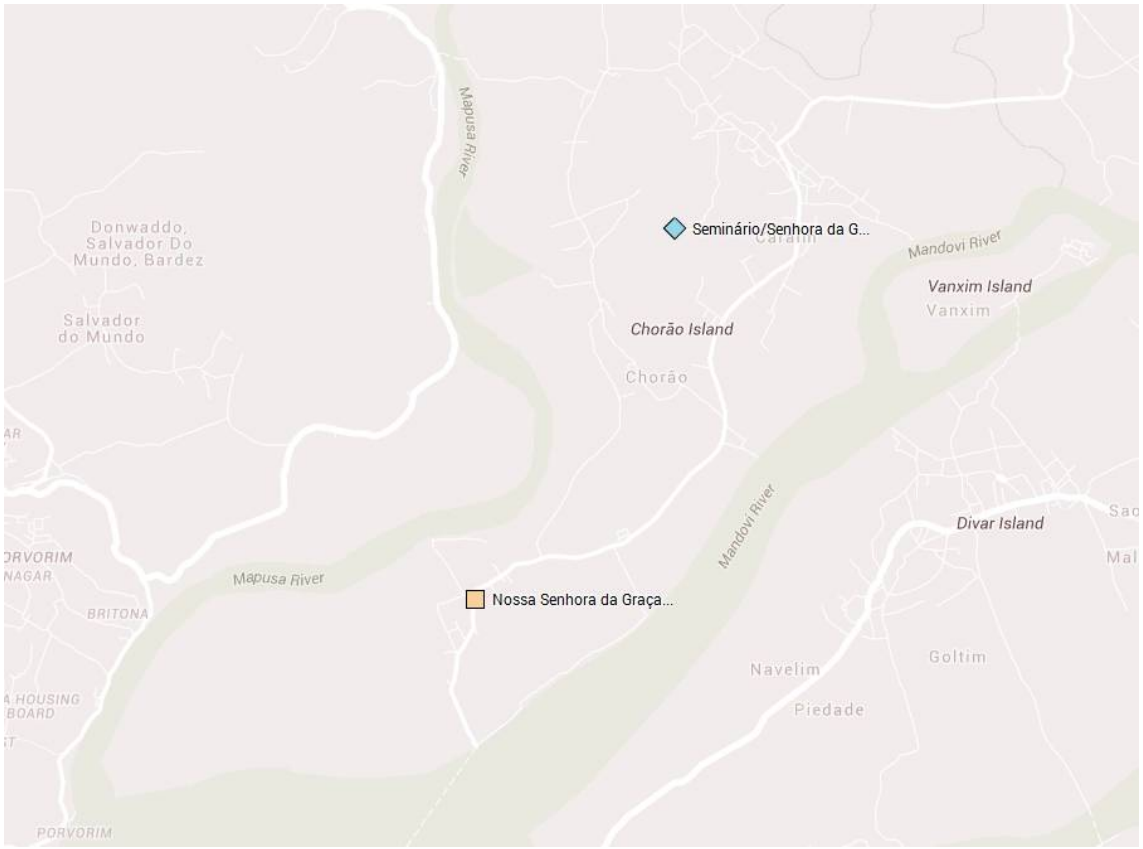
Bibliografia Específica:

Telles, 'Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa', p. 387.

5. CHORÃO

5.1. Seminário e Capela de Nossa Senhora da Graça (38)
5.2. Igreja de Nossa Senhora da Graça (50)

Geolocalização das Igrejas e Capelas Extintas



Legenda:

Igreja

Seminário/Capela

Igreja de Nossa Senhora da Graça

(Chorão-Tiswadi, Goa, Índia)
Lat. 15.522825, Long. 73.870736



Jan Huygen van Linschoten, 1595 (detalhe)

Ainda antes de Dom João Nunes Barreto, Patriarca da Etiópia, ter fixado a sua residência em Chorão por se ter visto impedido de exercer funções na sua diocese, já a Igreja da Graça, primeiramente Capela, se erguia na ilha tendo sido edificada a expensas de militares. A sua edificação estava em curso no ano de 1541 e completa a 1559. O Seminário Jesuíta de Chorão foi posteriormente fundado numas casas térreas que se localizavam junto a esta igreja. Uma das primeiras referências a esta edificação religiosa é-nos dada pelo cronista Francisco de Sousa:

> *"Tem a Ilha (de Chorão) (...) duas freguezias, uma de Nossa Senhora da Graça, outra de S.Bartholomeu feita no anno de 1569. Ambas correram por nossa conta, e depois as largamos aos Clérigos. A egreja do nosso Noviciado foi a freguezia antiga da Graça, e por ser o primeiro berço desta christandade é frequentada com especial devoção de numeroso concurso"*

Na criação do seminário jesuíta, a Igreja passa a ser dedicada a Nossa Senhora da Assunta. A primeira igreja é derrubada para se edificar novo edifício em 1560. É esta que é posteriormente demolida em 1855 e reedificada na localidade de Madel – um pouco distante da primeira – ficando completa em 1860.

Aparte de um painel entalhado em médio-relevo, dedicado a Assumpção da Virgem presentemente na Igreja de Madre Deus (Saligão-Bardez), que foi pertença do retábulo da Ousia, do púlpito na Igreja do Salvador do Mundo (Salvador do Mundo [Betim]-Tiswadi) e das águias bicéfalas nos retábulos colaterais desta última, não existem demais referências a transferências de equipamento litúrgico que tenham subsistido até aos dias de hoje.

Bibliografia Específica:

F. de Sousa and A. Dietell, *Oriente Conquistado a Jesu Christo Pelos Padres Da Companhia de Jesus Da Provincia de Goa: Primeyra Parte, Na Qual Se Contèm Os Primeyros Vinte, [e] Dous Annos Desta Provincia*, Oriente Conquistado a Jesu Christo Pelos Padres Da Companhia de Jesus Da Provincia de Goa: Primeyra Parte, Na Qual Se Contèm Os Primeyros Vinte, [e] Dous Annos Desta Provincia, vol. 1 (na officina de Valentim da Costa Deslandes, 1710), p. 151 (conquista 1, divisão 2, 41) <http://books.google.pt/books?id=77VRvuChbDwC>; Filipe Nery Xavier, *Bosquejo Histórico Das Comunidades Das Aldeias Dos Conselhos Das Ilhas, Salcete E Bardez* (Goa: Nova Goa: Imprensa Nacional, 1852), p. 132.

Seminário e Capela de Nossa Senhora da Graça (Chorão-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.522825, Long. 73.870736



De Souza e Paul, 1930

Dom João Nunes Barreto, Patriarca da Etiópia e o primeiro Bispo da Companhia de Jesus, impedido de entrar na sua diocese, fixou residência na ilha de Chorão em 1558 e construiu sobre a encosta ocidental da colina "umas pequenas casas térreas", junto à igreja da Nossa Senhora da Graça, que depois serviram de quinta ao Colégio de São Paulo. Estas casas foram depois transformadas no Noviciado da Província de Goa. Descreve o autor do Oriente Conquistado:

> *"Tem a Ilha (de Chorão) de circuito légoa e meia, fresca pelas margens do rio, e secca no interior. É muito povoada, e de excellentes ares. Tem duas freguezias, uma de Nossa Senhora da Graça, outra de S.Bar-tholomeu feita no anno de 1569. Ambas correram por nossa conta, e depois as largamos aos Clérigos. A egreja do nosso Noviciado foi a freguezia antiga da Graça, e por ser o primeiro berço desta christandade é frequentada com especial devoção de numeroso concurso"*
>
> (OrConq, vol.1, c.1, d.2, #41)

Em 1610, quando é convertida a Noviciado, a casa tinha já dimensões gigantescas que após a extinção das Ordens serviu para acomodar o Seminário Diocesano. De notar que a ideia de separar noviços dos padres residentes foi uma ideia inovadora na Companhia já que ocorre

10 anos antes de se repetir e ser instituído em Sant'Andrea al Quirinale. Até 1859 o edifício e suas casas anexas estavam em bom estado de conservação, mas acaba por se desmoronar, resultado das fracas condições sanitárias que acometia um pouco por toda a Goa. Era uma construção vistosa emoldurada pela encosta verdejante:

> *"O Seminário de Chorão, fronteiro a Vanelim (Vanxim), na ilha que tem o mesmo nome, é um edifício vasto e excelente com boa igreja no outeiro, no cume do qual e atraz da casa, há uma pequena capella com o elegante zimbório e pilares gregos sobre que se sustenta; e o edifício todo, visto de distância, presenta uma verdadeira aparência de um cenário de Grécia"*
>
> (Abade Cottineuau de Kloguen em Bosquejo Histórico de Goa, p.125).

A igreja da freguesia de Nossa Senhora da Graça, quando o seminário se desenvolveu, passou a ser dedicada a Nossa Senhora de Assunta, como era costume dos Jesuítas mudar de invocação as igrejas dos seus estabelecimentos quando estes sofressem transformações. Esta tinha três altares: o de meio, dedicado ao Orago da igreja; o da direita a S.Luís de Gonzaga; e o da esquerda, a Nossa Senhora de Boa Morte. Lá se festejava com toda a pompa o Dia do Orago em 15 de Agosto; no dia 14, solenizava-se a festa da Nossa Senhora de Boa Morte; e no dia 15, a de S.Luís de Gonzaga. Quando a casa do Patriarca de Etiópia é transformada em Noviciado da Companhia de Jesus e se dá novo orago à igreja, o de Nossa Senhora de Assunta, os fregueses da Graça edificam uma outra igreja na proximidade, como insinua o Padre Francisco de Sousa *"a egreja do nosso Noviciado foi freguezia antiga da Graça",* e por conseguinte já cessara de ser nos fins do século XVII, época do cronista. A nova igreja da Graça deve ter sido construída, na proximidade, no fim do primeiro quartel ou no começo do segundo do mesmo século. Em 1859 foi edificada a actual igreja da Graça em outro local, um tanto apartado.

O edifício era de construção bastante aprimorada e desenvolvia-se em dois pisos e paredes largas. Esta informação chegou até nós através das cartas que os Padres António da Costa, Lourenço Peres e Jorge Caldeira escreveram para Portugal. O piso inferior tinha uma capela dedicada ao apóstolo São Tomé, com um retábulo pintado por Manuel Álvares e outras dependências, como um refeitório e salas de arrumos. O piso superior era ocupado pelas residências dos noviços, sala do reitor, enfermaria e uma Ermida de planta circular dedicada a São Jerónimo Ermita, actualmente o único vestígio deste seminário cuja representação corresponde às gravuras de Lopes Mendes. O seminário que é transformado em Seminário

Episcopal com a extinção da Companhia, foi fechado um século depois, em 1859, pelo então governador, o conde de Torres Novas, após cinquenta anos de descrédito e abandono provocados – ao que dizem as fontes – pelas epidemias que devastaram Chorão, provavelmente o paludismo. Depois, as pedras foram pilhadas, vendidas e reutilizadas um pouco por toda a parte em Goa, e o Seminário desapareceu até às fundações. Foi possível identificar a passagem de variado património retabular, a saber:

- Na Igreja da Madre de Deus (Saligão-Bardez):
    - Parte de retábulo com baixo-relevo da Assunção da Virgem que pertenceu ao Retábulo do altar-mor da igreja do Seminário.
- Na Igreja de Jesus Nazareno (Siridão-Tiswadi):
    - Retábulo e colunas. Já não existem, o retábulo foi destruído em consequência de um incêndio em 1962.
- Na Igreja do Salvador do Mundo (Salvador do Mundo-Bardez):
    - Trono da Exposição, que entretanto foi retirado por se considerar desproporcional ao retábulo.
    - Púlpito, que está insitu.
    - Sepulcro, que está insitu.

Já no fecho desta tese fomos contemplados com novos dados relativos a este espaço. Na documentação fotográfica do arquitecto Luis Benavente, na Torre do Tombo, surgiu uma fotografia data de 1958 indicando na legenda "altar de Chorão". A fotografia não tem muita qualidade mas é suficiente para perceber que é um retábulo provavelmente do 2º quartel do século XVIII. Este retábulo é provável que já não exista, no entanto, iremos aprofundar no nosso catálogo na tentativa de relocalizá.no noutra igreja m Goa (ver Apêndice Fotográfico, Fig. 69, p. 1049)

Bibliografia Específica:

D'Souza & Paul, *Photo Souza E Paul (Estudio). (1930). Ruínas de Seminário de Chorão (Ilhas de Goa), Fundado Em 1671*, 1930 <http://actd.iict.pt/view/actd:AHUD28898>; F. de Sousa and A. Dietell, *Oriente Conquistado a Jesu Christo Pelos Padres Da Companhia de Jesus Da Provincia de Goa: Segunda Parte, Na Qual Se Contèm O Que Se Obrou Desdo Anno de 1564 Atè O Anno de 1585*, Oriente Conquistado a Jesu Christo Pelos Padres Da Companhia de Jesus Da Provincia de Goa: Segunda Parte, Na Qual Se Contèm O Que Se Obrou Desdo Anno de 1564 Atè O Anno de 1585, vol. 2 (na officina de Valentim da Costa Deslandes, 1710), f. c.5, d.2, #70 <http://books.google.pt/books?id=lU1n4m38bGQC>; Maria Cristina Osswald, *Written in Stone: Jesuit Buildings in Goa and Their Artistic and Architectural Features.* ([S.l.]: Goa, 2013), p. 38; Rocha, p. 37; Filipe Nery Xavier, *Resumo Historico Da Maravilhosa Vida, Conversões E Milagres de S. Francisco Xavier* (Goa: Nova Goa: Imprensa Nacional, 1861), pp. 108, 129. Benavente, Luis. «Relatório sobre os Monumentos existentes no Estado da Índia - Arquivo Nacional da Torre do Tombo - DigitArq». Editado por Ministério do Ultramar, 1959 de 1958. Luís Benavente, cx. 4, pt. III. http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4709302.

6. CULLAVAIGUINIM

6.1. Capela de Nossa Senhora do Loreto (65)

Geolocalização das Igrejas e Capelas Extintas



Legenda:

Capela

Capela de Nossa Senhora do Loreto

Quinta Jesuita de Cullavaiguinim

(Vainguinim [Taleigão]-Tiswadi, Goa, Índia)

Lat. 15.457257, Long. 73.803583 (localização aproximada)

Esta região foi bastante apreciada pelos religiosos jesuítas que durante os meses de verão se mudavam para a sua quinta onde cultivavam *vaingon* (variedade de arroz) e que a proximidade com o mar lhes proporcionava *culleo* (carangueijo). Reza assim a lenda de como o nome desta região foi criado. Depois do abandono, a quinta e sua capela foram adquiridas em hasta pública por Crisóstomo Pinto, natural de Calapur (Santa Cruz-Tiswadi).

Dessas estruturas não existe registo nem memória, excepto o retábulo que passou para o corpo da Igreja de São Miguel Arcanjo (Taleigão-Tiswadi) e cuja ficha de inventário pode ser consultada - Catálogo nº844.

Bibliografia Específica:

Ricardo Michael Telles, 'Ordens Religiosas E Seus Conventos', *Boletim Do Instituto Vasco Da Gama*, 1944, 63–153 (p. 151).

Bibliografia para os Locais Extintos

Benavente, Luis. «Relatório sobre os Monumentos existentes no Estado da Índia - Arquivo Nacional da Torre do Tombo - DigitArq». Editado por Ministério do Ultramar, 1959 de 1958. Luís Benavente, cx. 4, pt. III. http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4709302.d

Diocesan Center for Social Communications Media, and Achbishop's House, Archdiocese of Goa and Daman Directory 2006, Achbishop's House (Panjim: New Age Printers - Verna Goy, 2006)

Desconhecido, View of Old Goa Looking towards the N.E. Showing the Rosary Church with a Red Roof and the New St Paul's Seminary, Which Fell into Ruin Early in the 19th Century, Século XIX, Asia, Pacific & Africa Collections <http://www.bl.uk/onlinegallery/onlineex/apac/other/largeimage66625.html>

Fonseca, José Nicolau da, An Historical and Archaeological sketch of the city of Goa: preceded by a short statistical account of the territory of Goa (Bombaim: Thacker & Amp Co., 1878)

Gomes, Olivinho J. F., The Religious Orders in Goa - XVI - XVII Centuries, Konkani Sorospot Prakashan (Chandor - Goa: Suresh Kakodkar, Omega Enterprises, 2003)

Gomes, Paulo, Whitewash, Red Stone : A History of Church Architecture in Goa (New Delhi: Yoda Press, 2011)

Henriques, José Carvalho, Sé Catedral de Goa: Capela de Boa Vida, 1951, Fundo Mário e Alice Chicó, 121092 <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07127.000.061>

Linschoten, Jan Huygen van, 'A Ilha E Cidade de Goa Metropolitana Da India E Partes Orientais Que Esta En 15 Graos Da Banda Do Norte', 1595, C.C. 49 A. <http://purl.pt/1953/3/>

Lopes Mendes, António, A India Portugueza : Breve Descripção Das Possessões Portuguezas Na Asia [Vol 1], 2 vols. (Delhi [India]: B. R. Publishing Corp., 2006), I

———, A India Portugueza : Breve Descripção Das Possessões Portuguezas Na Asia [Vol 2], 2 vols. (Delhi [India]: B. R. Publishing Corp., 2006), II

Meersman, A., The Friars Minor Or Franciscans in India, 1291-1942 (Rotti Press, 1943)

'Oriente Conquistado a Jesu Christo Pelos Padres Da Companhia de Jesus Da ... - Francisco de Sousa ((S.I.)) - Google Livros' <http://books.google.pt/books/about/Oriente_conquistado_a_Jesu_Christo_pelos.html?id=lU1n4m38bGQC&redir_esc=y> [accessed 19 December 2013]

Osswald, Maria Cristina, Written in Stone: Jesuit Buildings in Goa and Their Artistic and Architectural Features. ([S.l.]: Goa, 2013)

Paul, D'Souza &, Photo Souza E Paul (Estudio). (1930). Ruínas de Seminário de Chorão (Ilhas de Goa), Fundado Em 1671, 1930 <http://actd.iict.pt/view/actd:AHUD28898>

———, Photo Souza E Paul (Estudio). (1930). Ruínas Do Convento de Nossa Senhora Da Graça, 1930

Rego, António da Silva, Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente (Índia), Edição Facsimilar do original de 1952 (Lisboa: Agencia Geral das Colónias, 1991), XI

Rocha, Leopoldo da, As Confrarias de Goa (séculos XVI-XX): Conspecto Histórico-Jurídico (Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1973)

Saldanha, Gabriel de, Resumo Da História de Goa (Goa, 1898)

De Sousa, F., and A. Dietell, Oriente Conquistado a Jesu Christo Pelos Padres Da Companhia de Jesus Da Provincia de Goa: Primeyra Parte, Na Qual Se Contèm Os Primeyros Vinte, [e] Dous Annos Desta Provincia, Oriente Conquistado a Jesu Christo Pelos Padres Da Companhia de Jesus Da Provincia de Goa: Primeyra Parte, Na Qual Se Contèm Os Primeyros Vinte, [e] Dous Annos Desta Provincia, vol. 1 (na officina de Valentim da Costa Deslandes, 1710) <http://books.google.pt/books?id=77VRvuChbDwC>

———, Oriente Conquistado a Jesu Christo Pelos Padres Da Companhia de Jesus Da Provincia de Goa: Segunda Parte, Na Qual Se Contèm O Que Se Obrou Desdo Anno de 1564 Atè O Anno de 1585, Oriente Conquistado a Jesu Christo Pelos Padres Da Companhia de Jesus Da Provincia de Goa: Segunda Parte, Na Qual Se Contèm O Que Se Obrou Desdo Anno de 1564 Atè O Anno de 1585, vol. 2 (na officina de Valentim da Costa Deslandes, 1710) <http://books.google.pt/books?id=lU1n4m38bGQC>

Telles, Ricardo Michael, 'A Igreja de São José de Dauguim', A Voz de São Francisco Xavier, III (1934), 471

———, 'Colégio de São Paulo O Velho', A Voz de São Francisco Xavier, XI (1942), 255

———, 'Dispersão Dos Objectos Religiosos Em Goa', 1935

———, 'Documentos Antigos (Sinos, Órgãos E Retábulos Dos Extintos Conventos, Relação Do Deão José Maximiliano Falcão de Carvalho, 1839)', A Voz de São Francisco Xavier, 1941, 21

———, 'Inventário Dos Objectos Dos Conventos E Igrejas, Palácios E Fortalezas de Goa', O Oriente Português, 1933, 373–400

———, 'Ordens Religiosas E Seus Conventos', Boletim Do Instituto Vasco Da Gama, 1944, 63–153

———, 'Sé Primacial E Patriarcal de Goa', Boletim Do Instituto Vasco Da Gama, 1942, 92–128

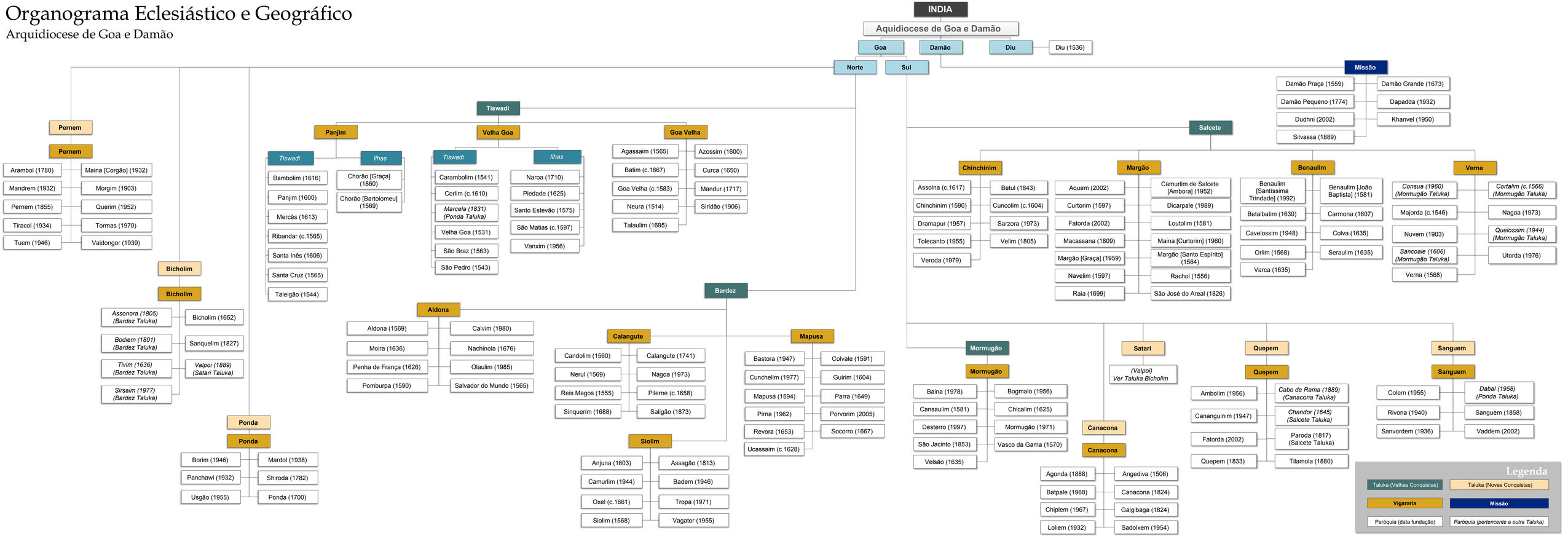
———, Velha Cidade de Goa (Nova Goa: Tipografia Rau e Irmãos, 1922)

Xavier, Filipe Nery, Bosquejo Histórico Das Comunidades Das Aldeias Dos Conselhos Das Ilhas, Salcete E Bardez (Goa: Nova Goa: Imprensa Nacional, 1852)

———, Resumo Historico Da Maravilhosa Vida, Conversões E Milagres de S. Francisco Xavier (Goa: Nova Goa: Imprensa Nacional, 1861)

Organograma Eclesiástico e Geográfico

Arquidiocese de Goa e Damão



Bibliografia

Capítulos I-IV

Bibliografia dos Capítulos I-III

AAVV. *Estudos sobre antropologia física do ultramar português*. Junta de Investigações do Ultramar. Vol. 1. Memórias da Junta de Investigações do Ultramar 13. Lisboa, 1959.

———. *O Estado da Índia e os Desafios Europeus - Actas do XII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*. Editado por João Paulo Oliveira e Costa e Vitor Luis Gaspar Rodrigues. CHAM. E&D - Estudos e Documentos 7. Lisboa: Barbosa & Xavier Lda, 2010.

«Aculturação». Priberam, 2014. http://www.priberam.pt/dlpo/acultura%C3%A7%C3%A3o.

Agência Geral do Ultramar, ed. *Exposição de arte sacra missionária*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar | Divisão de Publicações e Biblioteca, 1951.

Albuquerque, Caetano Filipe de. *A Santa Cruz dos Milagres de Goa - Memória Histórica*. Bastora: Tipografia Rangel, 1899.

Albuquerque, Luis de. *Notícias de Missionação e Martírio na Índia e Insulíndia*. Edições Alfa. Vol. 47. Biblioteca da Expansão Portuguesa, sem data.

Albuquerque, Luis de, A. H. de Oliveira Marques, e Maria de Jesus dos Mártires Lopes, eds. *O Império Oriental 1660-1820*. Vol. V - Tomo II. Nova História da Expansão Portuguesa. Lisboa: Editorial Estampa, 2006.

Albuquerque, Luis de, e Rafael Moreira. *Portugal no Mundo*. Vol. IV. Lisboa: Alfa, 1989.

Albuquerque, Viriato A. C. B. de. «Congregação do Oratório de São Fillipe Nery em Goa». *O Oriente Português* II, n. 7 (Julho de 1905): 310–26.

Almeida, Justino Mendes de. «Missionação Portuguesa». Editado por Observatório de Relações Exteriores e Universidade Autónoma de Lisboa. *Anuário Janus*, Um Olhar para o Passado (1999-2000), 2000.

Alpoim, C. Lopes. «O Padroado». *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, n. 6 (1929): 1–19.

Álvares, Francisco. *Verdadeira informação das Terras do Preste João das Índias*. No. Conforme a ed. de 1540, ilustrada de diversos fac-similes. Lisboa: Impr. Nacional, 1889. http://purl.pt/16517.

Andrade, Jorge de. «O Mobiliário Religioso». Editado por Castilho de Noronha. *Boletim Eclesiástico da Arquidiocese de Goa*, II, n. 1 (Julho de 1944): 9–21.

Arrupe, Pedro. *Escrits pour Évangéliser*. Editado por Jean-Yves Calzes. Vol. 59. Collection Christus. Textes. Desclée de Brouwer, 1985.

«As relações entre a Índia Portuguesa, a Ásia do Sueste e o Extremo Oriente (INDICE)». apresentado na VI Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa, Macau, 1991.

«Assimilação». Priberam, 2014. http://www.priberam.pt/dlpo/assimila%C3%A7%C3%A3o.

Azevedo, A. E. de Almeida. *As Comunidades de Goa - História das Instituições Antigas*. Lisboa, 1890.

Azevedo, Carlos de. *A Arte Cristã da Índia Portuguesa*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1959.

———. *A Arte de Goa, Damão e Diu*. Comissão Executiva do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama. Lisboa, 1969.

———. *Um Artista Italiano em Goa: Plácido Francesco Ramponi e o túmulo de São Francisco Xavier*. Lisboa: Ministério do Ultramar | Junta de Investigações do Ultramar, 1956.

Barbosa, David Sampaio Dias. «Santa Sé e Portugal». Editado por Carlos A. Moreira Azevedo. *Dicionário de história religiosa de Portugal*. [Lisbon]: Círculo de Leitores, 2000.

Barreto, Luis Filipe. «Do Experiencialismo no Renascimento Português». Em *História do Pensamento Filosófico Português: Renascimento e Contra-Reforma*, por Pedro Calafate, 23–34. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

Barros, João de, Diogo do Couto, Manuel Severim de Faria, e João Baptista Lavanha. *Da Ásia de João de Barros e de Diogo do Couto: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento dos mares e terras do Oriente*. Lisboa: Régia Officina Typográfica, 1777. http://purl.pt/7030.

Barros, Joseph de. «A Presença Portuguesa em Baçaim». *Boletim do Instituto Menezes Bragança*, n. 170 (1994): 13–29.

Benedito XIV, Papa. «Bula "Salvatoris nostri mater" de Benedito XIV pela qual se confirmou e aprovou a união das igrejas de Lisboa em uma só». Manuscrito. Roma, 13 de Dezembro de 1740. Bulas, mç. 49, n.º 1. PT/TT/BUL/0049/1. http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4606251.

Bethencourt, Francisco. «A Igreja». Em *História da Expansão portuguesa. Do Índico ao Atlântico (1570-1697)*, Círculo de Leitores. Vol. 1. Navarra, 1998.

———. «O contacto entre os povos e civilizações». Em *História da expansão portuguesa. A Formação do Império (1415-1570)*, editado por Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri. [Lisboa]: Circulo de leitores, 1998.

Bhabha, Homi K. «Culture in Between». Em *Questions of Cultural Identity*, editado por Stuart Hall e Paul du Gay. SAGE Publications, 1996.

———. «Signs Taken for Wonders: Questions of Ambivalence and Authority under a Tree outside Delhi, May 1817». *Critical Inquiry* 12, n. 1 (1 de Outubro de 1985): 144–65.

Biblioteca Nacional de Portugal. «A expulsão dos jesuítas dos Domínios Portugueses». Página Oficial. *BNP - Biblioteca Nacional de Portugal*. Acedido 20 de Março de 2014. http://tinyurl.com/ye7fae4.

Borges, Charles J. «Questões em torno das formas de representação na arte religiosa indo-portuguesa». *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

Borges, Charles J., e et all. *Goa and Portugal - History and Development*. XCHR Studies Series 10. New Delhi: Concept Publishing Company, 2000.

Borges, Charles J., e Helmut Feldmann. «Goa and Portugal - their cultural links». *XCHR Studies | Concept Publishing Company*, n. 7 (1997).

Bouchon, Geneviève. *Albuquerque, le lion des mers d'Asie*. Paris: Editions Desjonquères, 1992.

———. *L'Asie du Sud à l'époque des grandes découvertes*. Variorum reprint CS260. London: Variorum Reprints, 1987.

———. *«Regent of the Sea»: Cannanore's response to Portuguese expansion, 1507-1528*. French studies in South Asian culture and society 2. Delhi ; New York: Oxford University Press, 1988.

———. *Vasco de Gama*. Paris: Fayard, 1997.

Boxer, Charles Ralph. «A Glimpse of Goa Archives». *BSOAS* XIV, n. 2 (1952).

———. *A Índia Portuguesa em meados do Séc. XVII*. Lisboa: Edições 70, 1982.

———. «Golden Goa 1510-1954», 754–63, 195AD.

———. *O Império Marítimo Português 1415-1825*. Traduzido por Inês Silva. Lisboa: Edições 70, 1969.

———. *O império Marítimo Português, 1415-1825*. Lisboa: Ed. 70, 1992.

———. «The Changing Faces of Christianity in Goa: From Being Portuguese to Being Indian?». *Lusotopie 2000*, sem data, 435–54.

Brito, Raquel Soeiro de. «Goa: ontem e hoje». *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

———. *No Trilho dos Descobrimentos: Estudos Geográficos*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Lisboa: Printer Portuguesa, 1997.

Brosseau, Esteban Garcia. «Christians and savages: the colonial uses of hybridization in baroque religious iconography and its postcolonial (mis)-readings from Goa to Potosi». Conference apresentado na Colonial (mis)understandings: Portugal and Europe in Global Perspective (1450-1900), CHAM, 18 de Julho de 2013. http://www.nomadit.co.uk/cham/cham2013/panels.php5?PanelID=2315.

Buescu, Maria Leonor, Alexandra Curvelo, e Manuel João Ramos. *Carta do Preste João das Índias: versões medievais latinas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

Campos, Alexandra Curvelo da Silva. «A imagem do Oriente na cartografia portuguesa do século XVI». Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 1996.

Canavieira, Manuel Filipe. «Goa Dourada». *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

Cardoso, Dionísio, ed. *Regulamento do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Goa*. Nova Goa: Tipografia Bragança, 1984.

Cardoso, Hugo C. «Diu Indo-Portuguese». Em *The survey of Pidgin and Creole languages*, editado por Susanne Michaelis, Philippe Maurer, Martin Haspelmath, Magnus Huber, e Melanie Revis, First edition. Oxford Linguistics. Oxford: Oxford University Press, 2013.

———. «Oral traditions of the Luso-Asian communities: local, regional and continental'». Em *Portuguese and Luso-Asian Legacies in Southeast Asia, 1511-2011: Culture and Identity in the Luso-Asian World. Tenacities and Plasticities*, 2:143–66. Portuguese and Luso-Asian Legacies in Southeast Asia, 1511-2011: Singapore: Institute of Southeast Asian Studies, 2012.

———. «The African Slave Population of Portuguese India: Demographics and Impact on Indo-Portuguese». *Journal of Pidgin and Creole Languages* 25, n. 1 (2010): 95–119. doi:10.1075/jpcl.25.1.04car.

Carita, Hélder. «Arquitectura Civil indo-portuguesa: génese e primeiros modelos». *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

———. *Arquitectura indo-portuguesa na região de Cochim e Kerala*. Lisboa: Transbook.com, 2008.

———. «Arquitectura Indo-Portuguesa na Região do Sul da Índia e o impacto da arte dos cristãos de São Tomé na formação de tipologias e linguagens da arquitectura colonial». Em *V Colóquio Luso-Brasileiro de História de Arte*, 39–57. Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.

———. *Palácios de Goa: modelos e tipologias de arquitectura civil indo-portuguesa*. Lisboa: Quetzal, 2005.

«Carta que El-Rey Dom Manuel escreveu a El-Rey de Calecut por Pedro Alvares Cabral, Capitão da Primeira Armada que foi à Índia Depois de ser Descoberta por Vasco da Gama [1 Março 1500. Colecção Vimieiro: BNL, Ms. 7638, Doc. 35, a fls. 61-v-64-r]». Em *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente (Índia)*, Edição Facsimilar do original de 1952., 1:15–21. Lisboa: Agencia Geral das Colónias, 1991.

Carvalho, José Maximiliano Falcão de, ed. «Na Igreja de Santa Inês». *A Voz de São Francisco Xavier*, n. 22 (3 de Fevereiro de 1937): 232.

———. «Plano do Seminário de Nossa Senhora de Saligão». *A Voz de São Francisco Xavier*, n. 14 (8 de Dezembro de 1937).

———. , ed. «Relíquias de São Constâncio». *A Voz de São Francisco Xavier*, n. 52 (8 de Setembro de 1937): 167–68.

———. , ed. «Um roubo audacioso». *A Voz de São Francisco Xavier*, n. 41 (27 de Junho de 1934): 477.

Catalogue of the special loan exhibition of spanish and portuguese ornamental art. South Kensington Museum. Londres: Chapman and Hall, 1881. http://purl.pt/17177.

Catão, Monsenhor Francisco Xavier Gomes. «A diocese de Cabo Verde e o Clero de Goa». *STVDIA - Centro de Estudos Históricos Ultramarinos*, n. 19 (1966).

———. «Aldeia de Assagão (Goa) Subsídios para a sua História». *Separata da Revista STVDIA*, n. 40 (1978 de 1974).

———. «Doutor António Simões de Carvalho Deão da Sé de Goa». *STVDIA - Centro de Estudos Históricos Ultramarinos*, n. 29 (1970).

———. *O Primeiro Seminário de Goa*. Pilerne, 1955.

———. «Real Capela de Santo António em Velha Goa». *STVDIA - Centro de Estudos Históricos Ultramarinos*, n. 32 (Junho de 1971).

———. «Sé Catedral de Goa - Alguns documentos do século XVI». *STVDIA - Centro de Estudos Históricos Ultramarinos*, n. 13–14 (1964).

———. *The Island of Chorão: A Historical Sketch*. Goa: Mar Louis Memorial Press, 1962.

Chaturvedula, Nandini. *Imperial excess: Corruption and decadence in Portuguese India (1660-1706)*. Editado por ProQuest. Columbia University, 2011.

Chaudhuri, Kirti. «O estabelecimento no Oriente». Em *História da expansão portuguesa. A Formação do Império (1415-1570)*, editado por Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri. [Lisboa]: Circulo de leitores, 1998.

Chicó, Mário Tavares. *A escultura decorativa e a talha dourada nas igrejas da Índia Portuguesa*. Lisboa: Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade, 1954.

———. «Algumas observações acerca da Arquitectura da Companhia de Jesus no distrito de Goa». *Garcia da Orta | Junta Geográfica das Missões Geográficas e de Investigação Tropical*, n. Número Especial (1956).

———. «Conjunto de correspondência relacionado com a missão da Brigada de Estudos da Índia Portuguesa. Publicação da obra "Monumentos da Índia Portuguesa"», 20 de Fevereiro de 1950. http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05435.002.001#!42.

———. *Gilt carved-work retables of the churches of Portuguese Índia*. Número Especial. Londres: Connoisseur, 1959.

———. *Igrejas de Goa*. Lisboa: Junta das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar, 1956.

———. «Página de Caderno Campo Mário Tavares Chicó». Acedido 10 de Fevereiro de 2014. HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_119676.

«Confluência». Priberam, 2014. http://www.priberam.pt/dlpo/conflu%C3%AAncia.

Correia-Afonso, John. «As Missões Católicas no oriente (1500-1650), em particular na Índia». Em *Portugal no Mundo*, Vol. IV. Lisboa: Alfa, 1989.

———. *Documents of the first jesuit Mission from Goa to the Great Mughal*. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1985.

———. *Indo-Portuguese History: Sources and Problems*. Bombay: Oxford University Press, 1981.

———. , ed. *International Seminar on Indo-Portuguese History*. Bombay: Heras Institute, 1978.

———. *Intrepid itinerant: Manuel Godinho and his journey from India to Portugal in 1663*. Bombay ; New York: Oxford University Press, 1990.

Correia, José Manuel. «Os Franciscanos em Cochim». *ITINERARIUM | Revista Quadrimestral de Cultura*, n. 141 (1991): 401–7.

Costa, Cónego Francisco Xavier da. «Carmelitos dos Conventos de Goa». *A Voz de São Francisco Xavier* VIII, n. 17 (4 de Janeiro de 1939): 129–30.

Costa, João Paulo Oliveira e. *A alta nobreza e a fundação do estado da Índia actas [do] colóquio Internacional, Lisboa, 16 a 20 de outubre de 201*. Lisboa: Centro de história de Além-Mar Universidade Nova, 2004.

———. «A Diáspora Missionária». Em *História Religiosa de Portugal*, Vol. 2: Humanismos e Reformas. Lisboa: Circulo de Leitores, 2000.

Costa, João Paulo Oliveira e, e Teresa Lacerda. *A Interculturalidade na Expansão Portuguesa (Séculos XV-XVIII)*. Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas. Lisboa: Artipol Lda, 2007.

Costa, Lygia Martins. «Mário Tavares Chicó e a Exposição de Arte Portuguesa (1550-1950)». Fundação Mário Soares - Casa Comum, 2 de Outubro de 2005. http://www.fmsoares.pt/aeb/dossiers/dossier06/textos/LMCosta.pdf.

Costantini, Celso. «Arte Cristiana nelle Missioni della India». Em *L'Arte Cristiana Nelle Missioni*, 51–78. Vaticano: Tipografia Poliglota Vaticana, 1940.

———. «Nell'India - Arte Indiana». Em *L'Arte Cristiana Nelle Missioni*, 259–79. Vaticano: Tipografia Poliglota Vaticana, 1940.

Costa, Susana Goulart. «D. José da Costa Nunes (1880-1976): um cardeal no Oriente». *Lusitania Sacra*, Correntes Cristãs, Política e Missionação nos séculos XIX e XX, XIX–XX (2008 de 2007): 261–88.

Couto, João. *Alguns subsídios para o estudo técnico das peças de ourivesaria no estilo denominado indo-português: três peças de prata que pertenceram ao Convento do Carmo da Vidigueira*. Sociedade Nacional de Tipografia, 1938.

Couto, João, e et all, eds. *Influências do oriente na Arte portuguesa continental: a arte nas províncias portuguesas do ultramar*. III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1957.

Cunha, Joseph Gerson da. *Notes on the History and Antiquities of Chaul and Bassein*. Thacker, Vining, 1876. http://books.google.pt/books?id=oHYBAAAAQAAJ.

Cunha, Mafalda Soares da, ed. *Arte do marfim [catálogo da exposição, Porto, Museu dos transportes e comunicações e Rio de Janeiro, Museu histórico nacional]*. Lisboa; Rio de Janeiro: Comissão nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 1998.

Dias, Pedro. *Arte de Portugal no Mundo - Índia, Arquitectura civil e religiosa*. Público. Vol. 10. 15 vols. Lisboa: Público - Comunicação Social, SA, 2008.

———. *Arte de Portugal no Mundo - Índia, Artes decorativas e iconográficas*. Público. Vol. 11. 15 vols. Lisboa: Público - Comunicação Social, SA, 2008.

———. *Arte de Portugal no Mundo - Índia, Urbanização e fortificação*. Público. Vol. 9. 15 vols. Lisboa: Público - Comunicação Social, SA, 2008.

———. *Arte de Portugal no Mundo - Os Descobrimentos e a Arte do Reino*. Público. Vol. 15. 15 vols. Lisboa: Público - Comunicação Social, SA, 2008.

———. *Arte indo-portuguesa : capítulos da história*. Coimbra: Livraria Almedina, 2004.

———. *O Espaço do Índico*. História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822). Lisboa: Circulo de Leitores, 1998.

———. «Retábulos Indo-Portugueses da Renascença ao Início do Barroco». Em *El Retablo - Tipologia, Iconografia y Restauration*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2002.

Disney, Anthony. «International Seminar on Indo-Portuguese History». *The Great Circle, Australian Association for Maritime History* 1, n. 1 (1979): 64–65.

Doré, Andrea. «Cristãos na Índia no Século XVI: a presença Portuguesa e os viajantes Italianos». *Revista Brasileira de História* 22, n. 44 (2002): 311–39.

Estevão, Thomas. «Krista Purana - Discurso sobre a vinda de Jesu Christo Nosso Salvador ao Mundo dividido em dous tratados feito pelo Padre Thomas Estevão Ingrez da Companhia de Jesus. Impresso em Goa com licenca das Inquisicão, e Ordinario no Collegio de S. Paulo novo de Companhia de Jesu. Anno de 1654, Escripto por Manoel Salvador Rebello, Natural de Margão no Anno 1767.» Goa, 1767. CL. The Goa Central Library.

«Fé e Inculturação», Outubro de 1988. http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1988_fede-inculturazione_po.html.

Felgueiras, José Jordão. «Arcas Indo-portuguesas de Cochim». *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

Fernandes, José Manuel. «Arquitectura - Portugal: Breve Síntese». *III Congresso Internacional da APHA*, 2004.

———. «Vestígios do Manuelino na Arquitectura Religiosa de Influência Portuguesa na Índia: Malabar, Coromandel, Goa». *Revista Oceanos*, Oceanos, n. 19–20 (1994): 136–54.

Ferreira, António Matos. «Liberalismo». Editado por Carlos A. Moreira Azevedo. *Dicionário de história religiosa de Portugal*. [Lisbon]: Círculo de Leitores, 2000.

Figueiredo, Propécia Correia Afonso de. «O Significado dos Símbolos». *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, n. 20 (1933).

Flores, José Gabriel, Maria Helena Mendes Pinto, Nuno Vassallo e Silva, e Carlos Cherry. *Museum of Christian Art: Convent of Santa Monica, Goa - India*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, sem data.

Frias, Hilda. *Goa, a arte dos púlpitos*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

Fundação Oriente. *Encontro sobre Portugal e a Índia.* Lisboa: Livros Horizonte ;Fundação Oriente, 2000.

Gomes, Cipriano de Cunha. «A Cristianização de Bardez». *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, 1957.

Gomes, Olivinho J. F. *The Religious Orders in Goa - XVI - XVII Centuries*. Konkani Sorospot Prakashan. Chandor - Goa: Suresh Kakodkar, Omega Enterprises, 2003.

Gomes, Paulo Varela. «Arquitectura e Arte Indo-Portuguesa: o nome e as coisas». Curso, Museu do Oriente, 2009. http://www.museudooriente.pt/964/arquitectura-e-arte-indo-portuguesas.htm.

———. *Whitewash, red stone : a history of church architecture in Goa*. New Delhi: Yoda Press, 2011.

Gonçalves, Nuno Silva. «Padroado». Editado por Carlos A. Moreira Azevedo. *Dicionário de história religiosa de Portugal*. [Lisbon]: Círculo de Leitores, 2000.

Gonçalves, Padre António Bernardo. «Notes on the relics of St Francis Xavier». *O Heraldo*, 3 de Dezembro de 1956.

Gouveia, António de, e Pius Malekandathil. *Jornada of Dom Alexis de Menezes: a Portuguese account of the sixteenth century Malabar*. Kochi: LRC Publications, 2003.

Governo da República Portuguesa. *Acto Colonial*. *Diário do Governo 1ª Série - nº156*, 1930. http://dre.pt/pdfgratis/1911/04/09200.pdf.

———. *Decreto n.º233*. *Diário do Governo 1ª Série - nº274*, 1913. http://dre.pt/pdfgratis/1913/11/27400.pdf.

Governo Provisório da República Portuguesa. *Lei da Separação do Estado das Igrejas*. *Diário do Governo 1ª Série - nº92*, 1911. http://dre.pt/pdfgratis/1911/04/09200.pdf.

Gracias, J. A. Ismael. *As comunidades de Goa - Registo Bibliografico*. Bastora: Tipografia Rangel, 1907.

———. «Inscripções e Epitáphios», 1890.

———. «O Fundador de Baçaim ou o Governador Nuno da Cunha e o seu tempo». *Oriente Português* Edição Comemorativa do Centenário da Cedencia de Baçaim aos Portugueses em 23 dezembro de 1534 (1934).

Heras S.J., Henry. *The Conversion Policy of the Jesuits in India*. St. Xavier's College. Studies in Indian history. Bombay: Indian Historical Research Institute, 1933.

«Inculturação». Priberam, 2014. http://www.priberam.pt/dlpo/incultura%C3%A7%C3%A3o.

«Intercultural». Priberam, 2014. http://www.priberam.pt/dlpo/intercultural.

International Seminar on Indo-Portuguese History, Indian National Science Academy, e Universidade Nova de Lisboa. *Indo-Portuguese encounters: journeys in science, technology, and culture*. Editado por Lotika Varadarajan. New Delhi : Lisbonl : New Delhi: Indian National Science Academy ; Centro de História de Além-Mar, Universidade Nova de Lisboa ; Aryan Books, 2006.

Irwin, John. «Reflections on Indo-Portuguese Art». *The Burlington Magazine* 97, n. 633 (1955): 386–90.

Keil, Luis. *Inventário artístico de Portugal*. Inventário artístico de Portugal, vol. 1. Academia Nacional de Belas-Artes, 1943.

Kloguen, L. Cottineau. *As Aldeias de Goa [vertido em Português por Miguel Vicente de Abreu]*. Traduzido por Miguel Vicente Abreu. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1858.

Kubler, George. *A arquitectura portuguesa chã: entre as especiarias e os diamantes, 1521-1706*. Traduzido por J.H.P. da Silva. Colecção Artes/história. Vega, 1988.

Lach, Donald F, e Edwin J. Van Kley. *Asia in the Making of Europe: A Century of Advance*. Vol. III. Chicago: University of Chicago Press ; Chicago Distribution Center Distributor, 1998.

Lameira, Francisco. *O Retábulo em Portugal - das origens ao declínio*. Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve e Centro de História de Arte da

Universidade de Évora. Promontória Monográfica - História da Arte 1. Faro: Gráfica Comercial, 2005.

Leão X, Papa. «Bula "Pro excellenti" do papa Leão X criando o bispado do Funchal, com dignidade e cónegos». Manuscrito. Roma, 12 de Junho de 1514. Bulas, mç. 20, nº34. PT/TT/BUL/0020/34. http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=3908066.

Lobo, Patrick J. *Magnificent Monuments of Old Goa*. Marie Yvette Albuquerque & Avelar Barreto. Panjim: Prabhakar D. Bhide, 2004.

Lopes, Maria de Jesus dos Mártires. «A colónia goesa em Lisboa e o ideário da conspiração dos Pintos (1787)». *Arquipélago. História*, 2ª, 1, n. 1 (1995): 247–58.

———. *O Arcebispado de Goa no tempo de D. António Taveira de Silva Neiva Brum da Silveira*. Universidade dos Açores. Ponta Delgada, 1984.

———. «Um balanço do XII Seminário de História Indo-Portuguesa», 2006.

———. *Um Importante documento para a História da Arquidiocese de Goa no Ano de 1757 (...)*. Universidade dos Açores. Ponta Delgada, 1983.

———. «Vida Religiosa: princípios, comportamentos e prática». Em *O Império Oriental 1660-1820*, editado por Luis de Albuquerque e A. H. de Oliveira Marques, Vol. V - Tomo II. Nova História da Expansão Portuguesa. Lisboa: Editorial Estampa, 2006.

Lopes, Maria de Jesus dos Mártires, e Artur Teodoro de Matos. «Religiosidade e aculturação do povo goês». Em *Histórias de Goa*, Museu Nacional de Etnologia., 87–121, 1997.

Lopes, Nuno Miguel de Pinho. «As estruturas fortificadas de Diu». Mestrado, Universidade de Évora, 2010.

Lopes, Rui Oliveira. «Arte e alteridade : confluências da arte cristã na Índia, na China e no Japão, séc. XVI a XVIII». Doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. http://hdl.handle.net/10451/4686.

Lourenço, José. *The parish churches of Goa : a study of façade architecture*. Rev. 2nd ed. Margao: Amazing Goa Publications, 2005.

Magalhães, Joaquim Romero. «Açúcar e Especiarias». Em *História da Expansão portuguesa. Do Índico ao Atlântico (1570-1697)*, Círculo de Leitores. Vol. 1. Navarra, 1998.

Maglione, Cardeal, Eduardo Augusto Marques, Mário de Figueiredo, e Vasco Francisco Cawetano de Quevedo. «INTER SANCTAM SEDEM ET REMPUBLICAM LUSITANAM SOLLEMNES CONVENTIONES (Acordo Missionário entre a Santa Sé e a República Portuguesa de 1940)». Página Oficial. *Vaticano*, 7 de Maio de 1940. http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_seg-st_19400507_missioni-santa-sede-portogallo_po.html#top.

Malekandathil, Pius. «City in Space and Metaphor». *Studies in History* 25, n. 1 (2006): 13–38. doi:10.1177/025764300902500102.

———. *Maritime India: Trade, Religion and Polity in the Indian Ocean*. Primus Books, 2010.

———. *The Mughals, the Portuguese, and the Indian Ocean: changing imageries of Maritime India*. Delhi: Primus Books, 2013.

Manso, Maria de Lurdes Beites. «Jesuítas na Índia: Séculos XVI-XVIII». Em *Actas das Conferencias de Javier 2006*. Pamplona, 2006.

———. «O Cristianismo na Índia: Da Difusão aos confronto (Século XVI-XVIII)». *CICTSUL - Centro Interdisciplinar de Ciencia Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa*, 2003. http://www.triplov.com/cictsul/maria_de_deus.html.

Manso, Visconde de Paiva, ed. «Bula Etsi sancta et immaculata, 4 de Fevereiro de 1557». Em *Bullarium Patronatus Portugalliae Regum in ecclesiis Africae, Asiae atque Oceanie: bullas, brevia, epistolas, decreta actaque sedis ab Alexandro III ad hoc usque tempus amplectens*, 191–92. Olisipone: Typographia Nationali, 1868.

Marques, A. H. de Oliveira. *Nova História de Portugal - Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*. Vol. 4. 11 vols. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

Marques, José. «Eremitas de Santo Agostinho nas Missões do Oriente». Comunicação, Lisboa, 1990. http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2082.pdf.

Martins, J. F. Ferreira. *D. Frei Aleixo de Menezes e a Misericórdia de Goa - Esboço Histórico*. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1909.

Matos, Artur Teodoro, ed. *O Tombo de Damão [1592]*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemoracões dos Descobrimentos, 2001.

Matos, Artur Teodoro, e Luis Filipe Thomaz. *As relações entre a Índia Portuguesa, a Ásia do Sueste e o Extremo Oriente: actas do VI Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*. Macau ; Lisboa: s.n., 1993.

Matos, Artur Teodoro de. *Na rota da Índia: estudos de história da expansão portuguesa*. Documentos & ensaios. Macau: Instituto Cultural, 1994.

———. *O Estado da Índia nos anos de 1581-1588: estrutura administrativa e económica alguns elementos para o seu estudo*. Ponta Delgada: Univ. dos Açores, 1982.

———. *Subsídios para a história da carreira da Índia: documentos da nau S. Pantalião, 1592*. Lisboa: s.n., 1977.

Matos, José Sarmento, ed. *Fernão Mendes Pinto, Lisboa: o Oriente a descobrir*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Vol. 7. Revista Oceanos. Lisboa: Printer Portuguesa, 1991.

Meco, José. «A Talha Indo-Portuguesa». Em *Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas*, Vol. 1. Lisboa: ESAD, 2010.

———. «Azulejos e Talha Dourada em Pernambuco». Em *Actas do Curso de Verão «Os Descobrimentos e a Expansão Portuguesa no Mundo».* Lisboa: Serviço de Edições da Universidade Lusiada, 1994.

———. «O espectáculo Barroco e a Talha Dourada na Arquitectura Religiosa Indo-Portuguesa». Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

Mendiratta, Sidh Daniel Lhosa. «Dispositivos do Sistema Defensivo da Província do Norte do Estado da Índia, 1521-1739». Doutoramento, Universidade de Coimbra, 2012. WWW: http://hdl.handle.net/10316/21363.

Mendonça, Maria José de. *Alguns Tipos de Colchas Indo-Portuguesas na Colecção do Museu de Arte Antiga*. Boletim do Museu. Vol. II. II. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1949.

Menezes, Dom Frei Aleixo de. *Synodo diocesano da Igreja e Bispado de Angamale dos antigos christãos de Sam Thome das serras do Malauar das partes da India Oriental. Celebrado pello... Senhor Dom Frey Aleixo Menezes Arcebispo Metropolitano de Goa... aos 20. dias do mes de Junho da era de 1599... no lugar, & reyno do Diamper*. Editado por Diogo Gomes Loureiro. Coimbra: Officina de Diogo Gomez Loureyro, 1606. http://purl.pt/17494.

«Miscigenação». Priberam, 2014. http://www.priberam.pt/dlpo/miscigena%c3%a7%c3%a3o.

Moffatt, Lucius Gaston. «Proceedings of the International Colloquium on Luso-Brazilian Studies». *Hispanic Review* 23, n. 2 (1955): 162–64.

Moniz, António Francisco. *Noticias e Documentos para a História de Damão - Antiga Provincia do Norte*. Associação Fraternidade Damão-Diu e Simpatizantes. 4 vols. Lisboa: Tipografia Peres, 1923.

Moreira, Rafael. «A Igreja de São Caetano de Goa e a Arquitectura Portuguesa do Século XVII», 1993.

———. «A primeira Comemoração, o ARco dos Vice-Reis». *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

———. «From manueline to Renaissance in Portuguese India». *Mare Liberum*, n. 9 (Julho de 1995): 401–7.

———. «Riflessi della Chiara nell'India portoguese: la chiesa dei Teatini a Goa». Em *La Basilica della Ghiara: il miracolo della città: estratti del Convegno*. Provincia di Reggio Emilia: Comune di Reggio Emilia, 1997.

Moreira, Rafael, e Alexandra Curvelo. «A Circulação das Formas. Artes Portáteis, Arquitectura e Urbanismo». Em *História da Expansão portuguesa. Do Índico ao Atlântico (1570-1697)*, 2:523–70. Lisboa: Circulo de Leitores, 1998.

Moura, Herculano. «Três cartas inéditas para a historia de Diu». *O Oriente Português*, Julho de 1905.

Museu Machado de Castro. *Exposição de arte portuguesa e ultramarina: Museu Machado de Castro*. Coimbra: Museu Machado de Castro, 1963.

Nicholls, Kathleen D. *Asian Arts and Christian Hope*. New Delhi: Select Books, 1983.

Nilsson, Sten. *European Architecture in India, 1750-1850*. Traduzido por Agnes George e Eleonore Zettersten. Londres: Faber, 1968.

Oliveira, J. Bacelar e. «Bloqueio, Sequestro e Desterro dos Jesuitas em Goa». *Didaskalia* XIII (1983).

Osswald, Maria Cristina. «Marfins, formas e Técnicas com especial incidência na imaginária indo-portuguesa». *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

———. «O Bom Pastor na imaginária indo-portuguesa em marfim». s.n., 1996.

———. *Written in Stone: Jesuit Buildings in Goa and Their Artistic and Architectural Features.* [S.l.]: Goa, 2013.

Pacheco, Diogo, Eugénio do Canto, e José Pedro Costa. *Preito de obediencia d'el-rei D. Manoel ao Papa Julio II prestado pelo seu embaixador Diogo Pacheco em 4 de Junho de 1505*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1907.

Paiva, José Pedro. «Geografia Diocesana». Em *História Religiosa de Portugal*, editado por Carlos Moreira de Azevedo, 2: Humanismos e Reformas:187–99. Lisboa: Circulo de Leitores, 2000.

Pandit, Heta. *In and around Old Goa*. Mumbai: Marg Publications, 2004.

———. *Walking with angels*. Goa India: The Heritage Network, 2006.

Pandit, Heta, e Homi Bhabha Fellowships Council. *Hidden hands : master builders of Goa*. Bardez Goa: Heritage Network, 2003.

Pandit, Heta, e Annabel Mascarenhas. *Houses of Goa*. Bardez Goa: Heritage Network, 2003.

Pereira, António Nunes. *A Arquitectura religiosa cristã de Velha Goa: segunda metade do século XVI, primeiras decadas do século XVII*. Fundação Oriente. Lisboa, 2005.

———. *Arquitectura Religiosa cristã de Velha Goa*. Orientalia 10. Lisboa: Fundação Oriente, 2005.

Pereira, Claudia. «Catolicismo e hinduísmo em Goa: as canções de casamento dos Gaudde». Em *Goa Passado e Presente*, editado por Artur Teodoro de Matos e João Teles e Cunha, 353–64. Lisboa: CEPCEP, CHAM e FCT, 2012.

———. «Negociações identitárias dos Gaudde de Goa: políticas de classificação de "tribos" [Identitary negotiations of the Goan Gawda: politics of classification of "tribes"]». *Portuguese Literary & Cultural Studies*, n. 17/18 (2010): 129–39.

———. «The Music of the Catholic and Hindu Gaudde: Voicing the Unheard through Heritage». Em *Goa 2011: Reviewing and Recovering Fifty Years*, editado por Savio Abreu e Rudolf C Heredia, 95–102. New Delhi: Concept Publishing Company Pvt. Ltd., 2014.

Pereira, Fernando António Baptista. «A Arquitectura Chã e a Ornamentação Interior nas Igrejas Portuguesas do Oriente (séculos XVII-XVIII)». Em *Os Construtores do Oriente Português*, editado por Mafalda Soares da Cunha, 167–93. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

———. *Arte portuguesa da época dos descobrimentos = Portuguese art at the time of the discoveries*. Portugal: CTT Correios, 1996.

———. *Do mundo antigo aos novos mundos: humanismo, classicismo e notícias dos descobrimentos em Évora (1516-1624) : julho a dezembro de 1998*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

———. *História da arte portuguesa: época moderna, 1500-1800*. Textos de base 52. Lisboa: Universidade Aberta, 1992.

———. «Ocidente e oriente na obra jesuítica de São Paulo (Macau)». Em *Igreja, sociedade e missionação : actas*, 329–35. Universidade Católica Portuguesa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1993.

———. , ed. *Presença portuguesa na Ásia: testemunhos, memórias, coleccionismo*. 2a ed. Lisboa: Fundação Oriente, 2008.

Pereira, José. *Barroco Europeu, «Barroco Indiano»*. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga. Memórias 25. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1985.

Perez, Rosa Maria. «Goa: modos de olhar». *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

Pinto, Carla Alferes. «Damão: A Misericórdia e a cidade através das plantas e da documentação». *Anais de História de além-mar*, n. 1 (2000).

Pinto, Maria Helena Mendes. «Sentando-se em Goa». *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

Pinto, Maria Helena Mendes, João Paulo Oliveira e Costa, Pa Dupuis, Jorge Borges de Macedo, Maria Antónia Pinto Matos, e Fr Vanhaecke. *De Goa a Lisboa: l' Art Indo-Portugais XVI e-XVIII e siecles*. Bruxelles: Fondation Europalia International, 1991.

Pinto, Maria Helena Mendes, J. Garcia, Mari Matias, Pin, Vitor Joh Cherry, Ana Cristina Felske Delga Yokochi, e Jo Flores. *Indo-Portuguese Museum: Bishop's House - Cochin*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenk, sem data.

Pinto, Maria Helena Mendes, Maria Fernanda Passos Leite, e Carlos Vitorino da Silva Barros. *Artes decorativas portuguesas no Museu Nacional de Arte Antiga: séculos XV*. Lisboa: M.N.A.A, 1979.

Pissurlencar, Panduronga S. S. *As Primitivas Capitais de Goa*. Nova Goa: Imprensa Gonçalves, 1932.

———. «Contribuição ao estudo etnologico da casta indo-Portuguesa denominada "Chardó", à luz de documentos inéditos encontrados no Arquivo Histórico da Índia». Em *Actas do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial*. Porto: Edições da 1ª Exposição Colonial Portuguesa, 1934.

———. «Goa pré-portuguesa através dos escritores lusitanos dos séculos XVI e XVII». Sociedade de Geografia de Lisboa, 1961.

———. «O Descobrimento de um Santuário Shivalta do Século XIV em Velha-Goa». *Oriente Português*, n. 4 (1932).

———. *Reintegração da Cidade de Velha Goa no seu ambiente histórico, Arqueológico, monástico e religioso - Relatório da Comissão nomeada por despacho de S. Exª o Governador-Geral de 19 de Maio de 1959*. Goa: Imprensa Nacional, 1960.

———. *Roteiro dos Arquivos da Índia Portuguesa*. Arquivo Histórico do Estado da índia. Bastorá: Tipografia Rangel, 1955.

Pombo, Pedro. «Shri Betal Prasanah. The Tenples of Betal in priol, Velinga and Querim». *Fundação Oriente*, n. 16 (2006): 115–28.

Prandi, Reginaldo. «Converter indivíduos, mudar culturas». *Tempo Social [online]* 20, n. 2 (2008): 155–72.

Presidência da República Portuguesa. «HISTÓRIA DA ORDEM MILITAR DE CRISTO - Página Oficial das Ordens Honoríficas Portuguesas». Sitio em Linha Oficial. *Ordens Honoríficas Portuguesas*, 2011. http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=120.

Quadros, Jerónimo. *Diu - Apontamentos para a sua História e Chorographia*. Goa: Tipografia Fontainhas, 1899.

———. «História e Corografia de Diu (Resumo)». *A Índia Portuguesa* 1 (1923).

Raposo, Francisco Hipólito. «O encanto dos contadores indo-portugueses». *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

Real, João Afonso Corte. «A Expansão Portuguesa no Mundo e as Missões Religiosas». Em *Actas do 1º Congresso de História da Exapansão Portuguesa no Mundo*. Lisboa, 1938.

Rego, António da Silva. *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente. Índia (1500-1542)*. Vol. 1. Lisboa: Agencia Geral das Colónias, 1949.

———. *O Padroado Português no Oriente e a sua Historiografia*. Academia Portuguesa de História. Lisboa, 1978.

Reis, Mónica Esteves. «A Arte Retabular da Companhia de Jesus em Damão: focando o Retábulo de Nossa Senhora com o Menino na sacristia da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios».

Editado por Unicamp. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, Jan/Jun, n. 11 (2009): 37–54.

———. «Altarpieces, Christians and spices: the Indo-Portuguese retable art». Conference apresentado na Colonial (mis)understandings: Portugal and Europe in Global Perspective (1450-1900), CHAM, 19 de Julho de 2013. http://www.nomadit.co.uk/cham/cham2013/panels.php5?PanelID=2315.

———. «A Talha Goesa: Inovação Artística nos Séculos XVII e XVIII». Em *Actas do Congresso Goa: Passado e Presente*, 369–83. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2011.

———. «O retábulo da Companhia de Jesus - Damão e Diu». Dissertação Final Licenciatura, Universidade do Algarve, 2007.

———. «O retábulo indo-português de Damão e Diu». *Promontória | Universidade do Algarve*, n. 5 (2007): 271–98.

———. «O Retábulo Indo-Português e a miscigenação Iconográfica». Em *Actas do 3º Colóquio de Artes Decorativas*, 263–74. Lisboa: FRESS, 2009.

———. «Retable art in India-its importance, the empathic apathy and the future». Em *2nd International Conference on Heritage and Sustainable Development*, II:1129–40. Évora: Greenlines Institute, 2010.

———. «See, Compare and Adapt: Through Art, with Art, the strategies of conversion throught native form and symbols». Conference apresentado na ECSAS 2012 ECSAS2012: The 22nd European Conference on South Asian Studies, ISCTE - Lisbon University, 27 de Julho de 2012. http://www.nomadit.co.uk/easas/ecsas2012/panels.php5?PanelID=1019.

———. «The Indo-Portuguese Retable Art: From Portugal to India, the encounter in Art». apresentado na ICAS 6 - International Convention on Asia Scholars, Daejeon, Koreia, 2009.

———. «The Retable Art from Goa and the Ancient North Province: Proximity and Singularities». Em *XIV ISIPH 2013: India, the Portuguese and the Indian Ocean Societies: Exchanges and Engagements*. New Delhi: in press, 2013.

———. «Through art with art, the strategies of conversion through native forms and symbols [See, Compare and Adapt]». Comunicação apresentado na ECSAS 2012 - 22nd European Conference on South Asian Studies, ISCTE-Lisbon University, Julho de 2012.

Rivara, Joaquim Heliodoro da Cunha. *A Conjuração de Goa de 1787 em Goa e várias cousas desse tempo*. Goa: Nova Goa: Imprensa Nacional, 1875.

———. *Archivo portuguez-oriental*. Archivo portuguez-oriental, vol. 4. Imprensa Nacional, 1877.

———. , ed. *Arquivo Português Oriental*. vol. 1,n.º 3,pts. 2-3, 1940.

———. *O chronista de Tissuary: periodico mensal*. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1866.

Rocha, Leopoldo da. *As confrarias de Goa (séculos XVI-XX): conspecto histórico-jurídico*. Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1973.

———. «What the Chronicler Missed about Santa Mónica of Goa: The untold Story of a rebellion (1730-1734)». *Indian Church History Review* 26, n. 2 (1992).

Rosário, António José do. *Diu: Terra Minha*. Braga: Oficinas Gráficas da Editorial Franciscana, 1990.

Rossa, Walter. *Cidades indo-portuguesas: contribuições para o estudo do urbanismo português no Hindustão Ocidental = Indo-Portuguese cities: a contribution to the study of Portuguese urbanism in the Western Hindustan*. Lisboa: Commissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

———. *Património de origem portuguesa no mundo. Arquitectura e urbanismo*. Vol. Ásia e Oceania. Lisboa.: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

Russell-Wood, Anthony John R. «A Sociedade Portuguesa no Ultramar». Em *História da Expansão portuguesa. Do Índico ao Atlântico (1570-1697)*, Círculo de Leitores., 1:266–81. Navarra, 1998.

———. *Um mundo em movimento : os portugueses na África, Ásia e América (1415 - 1808)*. Lisboa: DIFEL, 1998.

Saldanha, Gabriel de. *Resumo da História de Goa*. Goa, 1898.

Santana, Padre Altino. «A Arte Indiana». *Boletim Eclesiástico da Arquidiocese de Goa* IV, n. 2 (Agosto de 1945): 20–28.

Santos, Catarina Madeira. *Goa é a chave de toda a India: perfil político da capital do Estado da India, 1505-1570*. 1a. ed. Colecção Outras margens. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

Santos, Reinaldo dos. *A escultura em Portugal*. Lisboa: Acad. Nac. de Belas Artes, 1948.

———. *A exposição de arte portuguesa em Londres*. [S.l: s.n.], gTip. Emp. Nacional de Publicidad, 1956.

———. *A Índia Portuguesa e as artes decorativas*. Lisboa: s.n., 1954.

———. *Os frontais de altar do séc. XVII*. Lisboa: s.n., 1957.

———. *Os primitivos portugueses*. 3ªed. corrigida e aumentada. Lisboa: Academia Nac. de Belas Artes, 1958.

Santos, Reinaldo dos, e Jorge Cid. *As tapeçarias da tomada de Arzila*. [S.l: s.n.], 1925.

Santos, Reinaldo dos, e Maria Irene Quilhó. *Ourivesaria portuguesa nas colecções particulares*. Lisboa: R. Santos, 195AD.

Sarkar, Tanika. «Missionaries, Converts and the State in Colonial India». *Studies in History* 18, n. 1 (1 de Fevereiro de 2002): 121–33. doi:10.1177/025764300201800106.

Serrão, Joel, e A. H. de Oliveira Marques. *Nova história da expansão portuguesa: O Império Oriental, 1620-1820*. 1. ed. Vol. 1. 2 vols. Lisboa: Ed. Estampa, 2006.

———. *Nova história da expansão portuguesa: O Império Oriental, 1620-1820*. 1. ed. Vol. 2. 2 vols. Lisboa: Ed. Estampa, 2006.

Serrão, Vitor. «A Pintura da Antiga Índia Portuguesa nos séculos XVI e XVII». *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

———. «Pintura e Devoção em Goa no tempo dos Filipes: o mosteiro de Santa Mónica no "Monte Santo" (c.1606-1639) e os seus artistas». *Fundação Oriente*, 2010.

———. «Uma Vida em Imagens: São Francisco Xavier e a Pintura Portuguesa do Século XVIII. André Reinoso e o estabelecimento de uma iconografia credivel do Apóstolo das Índias». Em *San Francisco Xavier Y Su Tiempo*. Pamplona, 2007.

Serrão, Vitor, e et all. «Arte e História do Convento de Santa Mónica de Goa: A Luz da Apologia de Fr. Diogo de Santa Ana (1933)», no prelo de 2007.

Shurhammer, Georg SJ. «Carta Inédita sobre a Fundação do Convento de São Francisco de Goa». *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, n. 74 (1957): 56–66.

Silva, António Martins da. «Extinção das Ordens Religiosas». Editado por Carlos A. Moreira Azevedo. *Dicionário de história religiosa de Portugal*. [Lisbon]: Círculo de Leitores, 2000.

Silva, Fernando Augusto da. *Subsídios para a História da Diocese do Funchal: 1425 a 1800*. Funchal: Tipografia O Jornal, 1946.

Silva, Maria Madalena Cagigal e. *A Arte Indo-Portuguesa*. Lisboa: Excelsior, 1966.

———. *A história e as relações artísticas entre Portugal e a Índia*. Lisboa: Inst. Investig. Cientif. Tropical. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 1985.

———. *Alguns bordados de Castelo Branco e Arraiolos em colecções estrangeiras*. Porto: Junta Distrital, 1964.

———. *Elementos para o estudo da influência oriental na decoração da cerâmica portuguesa: séculos XVI-XVIII*. [S.l: s.n.], 1950.

———. *Oratórios indo-portugueses O oratório do Museu de Évora*. Lisboa: [s.n, 1962.

———. «Uma Composição da Arte Indo-Portuguesa». Em *Comunicação Apresentada no XXIII Congresso Luso-Espanhol*. Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciencias, 1956.

Silva, Nuno Vassallo e. «A Arte da prata nas casas Jesuíticas de Goa». Em *A Companhia de Jesus e a Missionação no Oriente*, editado por Nuno Silva Gonçalves, 367–85. Lisboa, 2000.

———. «Art in the Service of Goa: The Impact of the Society of Jesus on the Decorative Arts in Portugal». Em *Cultures, Sciences and the Arts, 1540-1773*, editado por John F. Butler, 182–210. The Jesuits 2. Lisboa, 2002.

———. «Tesouros da "Terra de Promissam" a ouriveraria entre Portugal e a Índia». *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

Silveira, Angelo. *Lived heritage, shared space: the courtyard house of Goa*. New Delhi: Yoda Press. Distributed by Foundation Books, 2008.

Silveira, Luis. *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*. Vol. Primeiro Volume: Marrocos e Ilhas Adjacentes. Lisboa: Ministério do Ultramar | Junta de Investigações do Ultramar, 1951. http://memoria-africa.ua.pt/digitalLibrary/collections/EICPU/tabid/207/language/pt-PT/Default.aspx.

Smith, Robert C. *A Talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1962.

«Society of Antiquaries of London - John Conran Irwin». *Society of Antiquaries of London*. Acedido 10 de Fevereiro de 2014. http://www.sal.org.uk/obituaries/Obituary%20archive/john-irwin.

Souza, Teotónio R. de. «A Arte Cristã de Goa: uma introdução histórica para a dialéctica da sua evolução». *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

———. «O Património Artístico Cristão de Goa». *Boletim do Instituto Menezes Bragança*, n. 172 (1994).

———. «O renascimento da historiografia indo-portuguesa. Evocando o historiador John Correia-Afonso S.J.» *Fluxos & Riscos*, Breves e Recensões, n. 1 (2010): 233–40.

Subrahmanyam, Sanjay. «O gentio indiano visto pelos portugueses do século XVI». *Oceanos*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 19–20 (1994).

Tavares, Célia Cristina da Silva. «Goa: a cidadela cristã no Oriente». *Historia y Sociedad*, n. 15 (Dezembro de 2008): 27–41.

Távora, Bernardo Ferrão de Tavares e. *Imaginária Indo-Portuguesa Setecentista*. Braga, 1974.

———. *Imaginária luso-oriental*. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983.

———. *Imaginárias Hispano-Filipina e Indo-Portuguesa*. Guimarães, 1974.

Teixeira, Faustino. «Inculturação da Fé e Pluralismo Religioso». *RELAMI - Rede Ecumênica Latino-Americana de Missiologos*, 2002. http://www.missiologia.org.br/cms/UserFiles/cms_artigos_pdf_45.pdf.

Telles, Ricardo Michael. «Convento de Santo Agostinho». *O Oriente Português* XXX, n. 26 (1939): 443–55.

———. «Dispersão dos Objectos Religiosos em Goa», 1935.

———. «Documentos Antigos (Sinos, Órgãos e Retábulos dos Extintos Conventos, Relação do Deão José Maximiliano Falcão de carvalho, 1839)». *A Voz de São Francisco Xavier*, n. 3 (24 de Outubro de 1941): 21.

———. «Epigrafia de Baçaim». *Oriente Português*, 1934.

———. *Epigrafia de Diu*, 1935.

———. *Igreja e Colégio Real dos Reis Magos*. Nova Goa. Goa: Imprensa Gonçalves, 1932.

———. *Igrejas, Capelas, Conventos e Palácios na Velha Cidade de Goa*. Nova Goa. Goa: Imprensa Gonçalves, 1931.

———. «Inventário dos Objectos dos Conventos e Igrejas, palácios e fortalezas de Goa». *O Oriente Português*, 1933.

———. «Os Dominicanos e os seus conventos». *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, n. 55 (1942): 195–211.

———. *Os Franciscanos no Oriente e seus Conventos*. Goa: Tipografia Rau e Irmãos, 1922.

———. *Velha Cidade de Goa*. Nova Goa: Tipografia Rau e Irmãos, 1922.

Teresa, Albuquerque. «Dom Sebastião e Rachol». Traduzido por Viegas Francisca. *Boletim do Instituto Menezes Bragança*, n. 170 (1994): 173–76.

Thomaz, Luis Filipe. *De Ceuta a Timor*. 2ª edição. Memória e Sociedade. Linda a Velha Portugal: DIFEL, 1994.

———. «Estrutura Política e Administrativa do Estado da Índia no século XVI». Em *De Ceuta a Timor*, 2ª edição. Memória e Sociedade. Linda a Velha Portugal: DIFEL, 1994.

———. *História, Cultura e Civilização da Índia (Caderno do Programa da Disciplina de Mestrado)*. Instituto de Estudos Orientais. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2009.

———. *O Cristianismo e as Tradições Pagãs na Índia Portuguesa*. Lisboa: Junta de Divulgações do Ultramar, 1965.

———. «O Projecto Imperial Joanino (tentativa de interpretação global da política de D. João II)». Em *De Ceuta a Timor*, 2ª edição. Memória e Sociedade. Linda a Velha Portugal: DIFEL, 1994.

———. «Os Portugueses na Rota das Especiarias». Em *De Ceuta a Timor*, 2ª edição. Memória e Sociedade. Linda a Velha Portugal: DIFEL, 1994.

Trichur, Raghuraman S. «Politique de l'historiographie goanaise». Em *Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies*, 637–46. Lusotopie 2000. Paris : Pessac : Pessac: Karthala ; Maison des pays ibériques, Université de Bordeaux 3 (MPI) ; Centre d'études d'Afrique noire, Institut d'études politiques de Bordeaux (CEAN), 2001.

Varadarajan, Lotika. «Impact of the European Traders in Indian Handicraft and Industries». *Indica* 16, n. 1–2 (1979).

———. *India in the 17th Century (Social, Economic and Political); Memoirs of Francois Martin, 1670-1694*. Vol. I. I (1670-1674). New Delhi: Manohar, 1981.

Vasconcelos, Frazão de. «O primeiro malabar que se baptizou na Índia». Em *1o Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo*, 1938.

Viegas, Francisco José, ed. *Fortalezas da Expansão Portuguesa*. Vol. 28. Revista Oceanos. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1996.

Viterbo, Sousa. *A exposição d'arte ornamental: notas ao catálogo*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1883.

Wicki, Josef. *Documenta Indica*. Romae: Apud «Monumenta Historica Soc. Iesu», 1948.

Xavier, Ângela Barreto. *A invenção de Goa : poder imperial e conversões culturais nos séculos XVI e XVII*. 1a. ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

———. «Itinerários franciscanos na Índia seiscentista, e algumas questões de história e de método». *Lusitânia Sacra*, 2ª, 18 (2006): 87–116.

Xavier, Filipe Nery. *Bosquejo Histórico das Comunidades das Aldeias dos Conselhos das Ilhas, Salcete e Bardez*. Goa: Nova Goa: Imprensa Nacional, 1852.

———. *Bosquejo Histórico das Comunidades das Aldeias dos Conselhos das Ilhas, Salcete e Bardez (Facsimile 1903 edition)*. Editado por Maria de Lurdes Bravo da Costa. Vol. I. Goa: L&L, 2012.

———. *Bosquejo Histórico das Comunidades das Aldeias dos Conselhos das Ilhas, Salcete e Bardez (Facsimile 1903 edition)*. Editado por Maria de Lurdes Bravo da Costa. Vol. II. Goa: L&L, 2012.

Xavier, Filipe Nery, e Associação do Gabinete Literário das Fontainhas. *O Gabinete Litterário das Fontainhas*. Goa: Nova Goa: Imprensa Nacional, 1846.

Zupanov, Inês G. «A Religião e as Religiões». Em *História da Expansão Portuguesa*, traduzido por Margarida Vale Gato. O Império Oriental 1458-1665, unpublished. http://www.ineszupanov.com/publications/HIST%D3RIA%20DA%20EXPANS%C3O%20PORTUGUESA%202001.pdf.

Bibliografia Capítulo IV

Alpoim, C. Lopes. «VARIA QUAEDAM Ruinas da Igreja do Convento de Santo Agostinho na Velha Cidade». *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, n. 10 (1931): 69–70.

Antunes, Luis Frederico Dias. «Província do Norte». Em *Nova História da Expansão Portuguesa*, Vol. V, Tomo II. O Império oriental. Lisboa, 2006.

Azevedo, Carlos de. *A Arte de Goa, Damão e Diu*. Comissão Executiva do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama. Lisboa, 1969.

———. *Um Artista Italiano em Goa: Plácido Francesco Ramponi e o túmulo de São Francisco Xavier*. Lisboa: Ministério do Ultramar | Junta de Investigações do Ultramar, 1956.

Barros, João de, Manoel Severim de Faria, e João Baptista Lavanha. *Da Asia de João de Barros e de Diogo de Couto*. Vol. 11. Na Regia officina typografica, 1778.

Bem, Frei Thomaz Caetano do. *Memorias historicas chronologicas da sagrada religiao dos Clerigos regulares em Portugal, e suas conquistas na India Oriental*. 2 vols. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1792. Google Livros.

Boschi, Caio. «Estruturas Eclesiásticas e Inquisição». Em *História da Expansão portuguesa. Do Índico ao Atlântico (1570-1697)*, Círculo de Leitores. Vol. 2. Lisboa, 1998.

Ceia, Sara Bravo. «Os Académicos Teatinos no Tempo de D. João V - construir saberes enunciando poder». Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2011.

Chauhan, Hari. «Woodcarvings from Pabbar Valley». *Indian Journal of Traditional Knowledge* 4, n. 4 (Outubro de 2005): 380–85.

«Conselho Geral do Santo Ofício». Goa, sem data. Cota. HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

«Contas do Convento de Nossa Senhora da Graça 1615-1636». Goa, 1620. Cota 7900. HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

«Contas do Convento de São Caetano (1657-1674)». Goa, 1656. Cota 7506. HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

«Contas do Convento de São Caetano (1720)». Goa, 1710. Cota 7507. HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

Da Silveira Sarzedas, R.L., e A.T. de Matos. *Diário do Conde de Sarzedas Vice-Rei do Estado da Índia (1655-1656)*. Outras margens. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001. http://books.google.pt/books?id=crS-AAAACAAJ.

«Despesas do Convento de Nossa Senhora da Graça, 1608-1627». Goa, 1623. Cota 2785. HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

«Despesas do Convento de Nossa Senhora da Graça, 1608-1627, fl. 207». Goa, 1621. Cota 2785. HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

«Despesas do Convento de Nossa Senhora da Graça, 1608-1627, fl. 219». Goa, 1623. Cota 2785. HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

Dias, Pedro. *Arte indo-portuguesa : capítulos da história*. Coimbra: Livraria Almedina, 2004.

———. *O Espaço do Índico*. História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822). Lisboa: Circulo de Leitores, 1998.

———. «Retábulos Indo-Portugueses da Renascença ao Início do Barroco». Em *El Retablo - Tipologia, Iconografia y Restauration*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2002.

Faria, Patrícia Souza de. «Os concílios provinciais de Goa: reflexões sobre o impacto da "Reforma Tridentina" no centro do império asiático português (1567-1606)». *Revista Brasileira de História* 14, n. 27 (2013). http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882002000100002&script=sci_arttext#back19.

Ferro, Bartolomeu. *Istoria delle missioni de Chierici relogari Teatini*. Indie Orientali, vol. 2, 1705. http://books.google.pt/books?id=h1dQAAAAcAAJ.

Forbes, James. *View of The City of Goa, Plate 30*. Gravura, 1813. 455.c.7. http://www.bl.uk/onlinegallery/onlineex/apac/other/019xzz0000455c7u00030000.html.

Freitas, Maria de Clara de. *Madeiras da Índia Portuguesa*. Memórias da Junta de Investigações do Ultramar. Junta de Investigações do Ultramar, 1963.

«Goa Crafts Map». *Crafts Council of India*, 27 de Junho de 2015. http://www.craftscouncilofindia.org/indian-crafts-map/goa/.

Gomes, Olivinho J. F. *The Religious Orders in Goa - XVI - XVII Centuries*. Konkani Sorospot Prakashan. Chandor - Goa: Suresh Kakodkar, Omega Enterprises, 2003.

Gomes, Paulo Varela. *Whitewash, red stone : a history of church architecture in Goa*. New Delhi: Yoda Press, 2011.

Guarini, Guarino. *Architettura Civile Del Padre D. Guarino Guarini Cherico Regolare Opera Postuma Dedicata a Sua Sacra Reale Maesta*. Facsimile edition [1737]. Turim: Gregg International, 1964.

Gune 1979; Miranda 2007; Miranda 2009. «Fazenda Real». Editado por José Vicente Serrão, Márcia Mota, e Susana Munch Miranda. *e-Dicionário da Terra e do Território no Império Português*. Lisboa, 2014. DOI:10.15847/cehc.edittip.2014v050. http://edittip.net/?s=fazenda+real&submit=.

Huisman, Tijs. *Verona - de kerk San Nicolo*. Fotografia Suporte Digital, 20 de Julho de 2009. http://www.huismanfoto.eu/Album%20232%20Verona%20een%20impressie%201/slides/20J0020%20Verona%20San%20Nicolo%2020079.html.

Klaiber, Susan. «Guarini e Parigi: Intercambio culturali e critici». Em *Sperimentare l'architectura. Guarini, Juvarra, Alffieri, Borra e Vittone*, G. Dardanello ed., 15–36. Turim, 2001.

———. «Shopping for Marble in Venice». *Susan Klaiber - Architectural Historian*. Acedido 25 de Julho de 2015. https://susanklaiber.wordpress.com/2015/03/31/shopping-for-marble-in-venice/.

Krishna Dharma. *Mahabharata : [the greatest spiritual epic of all time]*. New Delhi: Om Books International, 2009.

«Lei dada para a proscrição, desnaturalização e expulsão dos regulares da Companhia de Jesus, nestes reinos e seus domínios», 3 de Setembro de 1759. Armário Jesuítico, liv. 1, nº 19. ANTT-Arquivo Nacional Torre do Tombo. URL: http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4436286.

Le Pautre, Jean. *Oeuvres D'Architecture de Jean Le Pautre (1625-1659)*. Vol. Tome Second. Paris Rue Dauphine: Chez Charles-Antoine Jombert, Libraire du Roi, 1751.

«Livro de Despesas do Colégio de Nossa Senhora do Pópulo 1617-1636». Goa, 1618. Cota 7871. HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

«Livro de Despesas do Convento de Santo Agostinho 1606-1637». Goa, 1607. HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

«Livro dos Assentos da Fazenda Geral 1613-21». Goa, 1616. Cota 1159. HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

«Livro dos Assentos do Convento de Nossa Senhora da Graça, 1605-1636». Goa, 1620. Cota 2765. HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

Lopes, Maria de Jesus dos Mártires. «A colónia goesa em Lisboa e o ideário da conspiração dos Pintos (1787)». *Arquipélago. História*, 2ª, 1, n. 1 (1995): 247–58.

Lopes Mendes, António. *A India portugueza : breve descripção das possessões portuguezas na Asia [Vol 2]*. Vol. 2. 2 vols. Delhi [India]: B. R. Publishing Corp., 2006.

Magalhães 2013; Pereira 1981; Rubinoff 1997. «Gancares». Editado por José Vicente Serrão, Márcia Mota, e Susana Munch Miranda. *e-Dicionário da Terra e do Território no Império Português*. Lisboa, 2014. DOI:10.15847/cehc.edittip.2014v057. http://edittip.net/2014/04/29/gancares/.

Mateus, Miguel, e José Artur Pestana. «Capela de Nossa Senhora do Monte -Um desafio estimulante». Relatório Final | Fundação Oriente. Panjim, 2001.

«Memoria da Congregação Agostinha da Índia Oriental». Goa, sem data. Ms. nº176. Biblioteca Nacional.

Mendiratta, Sidh Daniel Lhosa. «New and Old ideas for Old Goa: the Gracias / Vassalo e Silva conservation and musealization plan of 1959 and its aftermath», 2011. https://www.academia.edu/1172556/New_and_Old_ideas_for_Old_Goa_the_Gracias_Vassalo_e_Silva_conservation_and_musealization_plan_of_1959_and_its_aftermath.

Moreira, Rafael. «A Igreja de São Caetano de Goa e a Arquitectura Portuguesa do Século XVII», 1993.

Osswald, Maria Cristina. «Jesuit art in Goa between 1542 and 1655 : from "Modo Nostro" to "Modo Goano".» Doutoramento, European University Institute, 2003. http://hdl.handle.net/1814/5927.

Pereira, A. B. de Bragança. *Etnografia da Índia Portuguesa*. Bastorá: Tipografia Rangel, 1940.

Perkins, J. B. Ward. «The Shrine of St. Peter and Its Twelve Spiral Columns». *Journal of Roman Studies* 42, n. 1–2 (Novembro de 1952): 21–33. doi:10.2307/297506.

Pinto, Carla Alferes. «"Tráz à memória a excelência de suas obras e virtudes" Dom Frei Aleixo de Menezes (1559-1617), mecenas e patrono». *Anais de História de além-mar*, n. XII (2011).

Prado, J., e Chapitre cathédral. *Hieronymi Pradi et Joannis Baptistae Villalpandi... In Ezechielem explanationes et apparatus urbis ac templi Hierosolymitani commentariis et imaginibus illustratus...* Hieronymi Pradi et Joannis Baptistae Villalpandi... In Ezechielem explanationes et apparatus urbis ac templi Hierosolymitani commentariis et imaginibus illustratus. ex typographia Aloysij Zannetti, 1596. http://books.google.pt/books?id=9QFTZCaaj9oC.

«Receita do Dinheiro do Convento de Nossa Senhora da Graça, 1608-1627». Goa, 1620. Cota 7492. HAG - Hictorical Archives of Goa, Panjim.

Rego, António da Silva. «Carta da Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Goa a El-Rey (25 Outubro 1549)». Em *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente (Índia)*, Edição Facsimilar do original de 1952., 4:359–61. Lisboa: Agencia Geral das Colónias, 1991.

———. *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente (Índia)*. Edição Facsimilar do original de 1952. Vol. 11. Lisboa: Agencia Geral das Colónias, 1991.

Rivara, Joaquim Heliodoro da Cunha. *A Conjuração de Goa de 1787 em Goa e várias cousas desse tempo*. Goa: Nova Goa: Imprensa Nacional, 1875.

Rocha, Leopoldo da. *As confrarias de Goa (séculos XVI-XX): conspecto histórico-jurídico*. Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1973.

Rossa, Walter. *Património de origem portuguesa no mundo. Arquitectura e urbanismo*. Vol. Ásia e Oceania. Lisboa.: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

Saldanha, Gabriel de. *Resumo da História de Goa*. Goa, 1898.

Santa Maria, Frei Agostinho de. *Santuario Mariano e historia das imagens milagrosas de nossa senhora e das milagrosamente aparecidas em a India Oriental & mais Conquistas de Portugal, Ásia Insular, África & Ilhas Fellipinas*. Oficina de António Pedrozo Galram, 1720.

Sant'Ana, Frei Diogo. «Frei Diogo de Santana, Apologia do insigne Mosteiro de Santa Mónica de Goa». Goa, 1633. PT/TT/MSLIV/2236. http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4538235.

Santos, Joaquim Rodrigues dos. «Da Roma Eterna à Roma do Oriente: Sobre a Problemática do Enquadramento Visual de Fachadas de Duas Torres com Zimbórios Centrais na Arquitectura Religiosa Goesa». *Cadernos PPG-AU - Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia*, Interfaces entre a arquitectura religiosa e a construção da paisagem urbana nas colónias lusitanas, n. 11 (2014): 39–58.

Serlio, Sebastiano. *Tutte l'opere d'architettura*, 1600. http://books.google.pt/books?id=5upPAAAAcAAJ.

Serrão, Joel, e A. H. de Oliveira Marques. *Nova história da expansão portuguesa: O Império Oriental, 1620-1820*. 1. ed. Vol. 1. 2 vols. Lisboa: Ed. Estampa, 2006.

Serrão, Vitor. «Pintura e Devoção em Goa no tempo dos Filipes: o mosteiro de Santa Mónica no "Monte Santo" (c.1606-1639) e os seus artistas». *Fundação Oriente*, 2010.

Shurhammer, Georg SJ. «Carta Inédita sobre a Fundação do Convento de São Francisco de Goa». *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, n. 74 (1957): 56–66.

Sodini, Carla, e Placido Francesco Ramponi. *I Medici e le Indie orientali: il diario di viaggio di Placido Ramponi emissario in India per conto di Cosimo III*. Studi / Accademia toscana di scienze e lettere «La Colombaria» 148. Firenze: L.S. Olschki, 1996.

Sood, Ajay. *Goa Churches - Aerial View*. Fotografia Suporte Digital, 1 de Outubro de 2005. https://www.flickr.com/photos/ajaysood/860885274/.

Souza, Teotonio R. De. *Goa Through the Ages: An Economic History*. Concept Publishing Company, 1990.

Subrahmanyam, Sanjay. «Dom Frei Aleixo de Meneses (1559-1617) et l'échec des tentatives d'indigénisation du christianisme en Inde / Dom Frei Aleixo de Meneses (1559-1617) and the Failure of Attempts to Indigenise Christianity in India». *Archives des sciences sociales des religions* 103, n. 1 (1998): 21–42. doi:10.3406/assr.1998.1193.

Telles, Ricardo Michael. «Capela de Santo António de Goa Velha». *O Oriente Português*, n. 5 (1933): 84.

———. «Convento de Santo Agostinho». *O Oriente Português* XXX, n. 26 (1939): 443–55.

Thakkar, Jay. *Naqsh : the art of wood carving in traditional houses of Gujarat : a focus on ornamentation*. Ahmedabad [India]: Centre for Environmental Planning and Technology, 2004.

Varāhamihira. *The Brihat Saṃhitâ of Varaha Mihira*. Traduzido por Chidambaram Iyer N. The Bṛihat Saṃhitâ of Varaha Mihira, vol. 1-2. Printed at the South Indian Press, 1884. https://archive.org/stream/bihatsahitvarah00iyergoog#page/n13/mode/2up.

Vries, Hans Vrederman de. *Grottescho, in diversche manieren (E.360-1926)*. Gravura, 1560 de 1555. E.360-1926. http://collections.vam.ac.uk/item/O119307/grottesco-in-diversche-manieren-engraving-hans-vredeman-de/.

———. *Grottescho, in diversche manieren (E.1200-1923)*. Gravura, 1560 de 1555. E.1200-1923. http://collections.vam.ac.uk/item/O119307/grottesco-in-diversche-manieren-engraving-hans-vredeman-de/.

———. *Multarum variarum'que protractionum ... libellus vtilissumus, iam recens delineatus per Iohannem Vreedmannum Frisius:*. Antuerpia: Gerardus Iudaeus, 1555. http://books.google.pt/books?id=d4lFywAACAAJ.

Vries, J.V. *Recueil de cartouches inventées par Jan Vredeman de Vries: Reproduction facsimile de l'édition originale. [Faksimile-Titel:] Multarum variarumque protactionum (Compartimenta vuglus pictorum vocat) libellus utilissimus, i am recens delineatus per Johannem Vreedmannum Frisium [Jan Vredeman de Vries]. Geraldus Judacus excudebat Antverpiae M. D. L V*. G. A. van Trigt, 1870. https://books.google.pt/books?id=eo5SAAAAcAAJ.

Whitehall, Graeme. «The Paintings of Velha Goa 1538-c.1700. The Formation of an Indo-European Art». *Purabhilekh-puratatva: journal of the Directorate of Archives, Archaeology and Museum, Panaji-Goa.* 2, n. 2 (2001). http://catalog.hathitrust.org/Record/001078824.

Xavier, Filipe Nery. *Bosquejo Histórico das Comunidades das Aldeias dos Conselhos das Ilhas, Salcete e Bardez (Facsimile 1903 edition)*. Editado por Maria de Lurdes Bravo da Costa. Vol. II. Goa: L&L, 2012.

Capítulo VI

Apêndice Fotográfico



Figura 1- Relicário de São Francisco Xavier na Igreja do Bom Jesus (Velha Goa-Tiswadi). Localização em Planta: 6. Em cima, à esquerda: o caixão de prata tal como se encontrava em 1880 (Créditos: British Library). À direita: em 1951 durante a visita da Brigada de Estudos da Índia Portuguesa (Créditos: Casa Comum). Em baixo: a exposição do corpo do santo em 1952 (Créditos: Life Magazine)



Figura 2 - Retábulo Colateral de Nossa Senhora, Lado do Evangelho na Igreja do Bom Jesus (Velha Goa-Tiswadi). Localização em Planta: 3



Figura 3 – Arco Retabular do Relicário de São Francisco Xavier na Igreja do Bom jesus (Velha Goa-Tiswadi) Localização em Planta: 7b



Figura 4 - Retábulo de Santo António de Lisboa, Colateral da Capela de Nossa Senhora do Monte (Ella-Tiswadi). Localização em planta: 2



Figura 5 - Retábulo de Cristo Crucificado, Colateral da Epístola na Igreja do Priorado do Rosário (Monte Sacro-Tiswadi). Localização em Planta: 2



Figura 6 - Retábulo de Nossa Senhora da Porciúncula na Igreja do Espírito Santo do Convento de São Francisco (Velha Goa-Tiswadi). Localização em Planta:5. Risco e Entalhe: século XVII. O retábulo original desta capela está referenciado na bibliografia como tendo sido levado para a Igreja de São Filipe e São Tiago (Cortalim-Mormugão). Ver imagem 7



Figura 7 - A bibliografia existente indica a passagem de um retábulo da Igreja do Espírito Santo – Retábulo de Nossa Senhora da Porciúncula (Velha Goa-Tiswadi) para a Igreja de São Filipe e São Tiago (Cortalim-Mormugão). A visita ao local revelou existirem apenas partes de um retábulo, usadas como mobiliário litúrgico, que não é coevo com os da Igreja do Espírito Santo.



Figura 8 - Retábulo da Imaculada Conceição na Igreja de Santa Maria do Real Convento de Santa Mónica. Localização em Planta: 2.



Figura 9 – Retábulo da Capela da Purificação de Nossa Senhora (Claustro, Ala Norte) no Real Convento de Santa Mónica, após a intervenção de 2012.



Figura 10 - Retábulo da Capela do Salvador do Mundo (Claustro, Ala Sul) no Real Convento de Santa Mónica, após a intervenção de 2012.

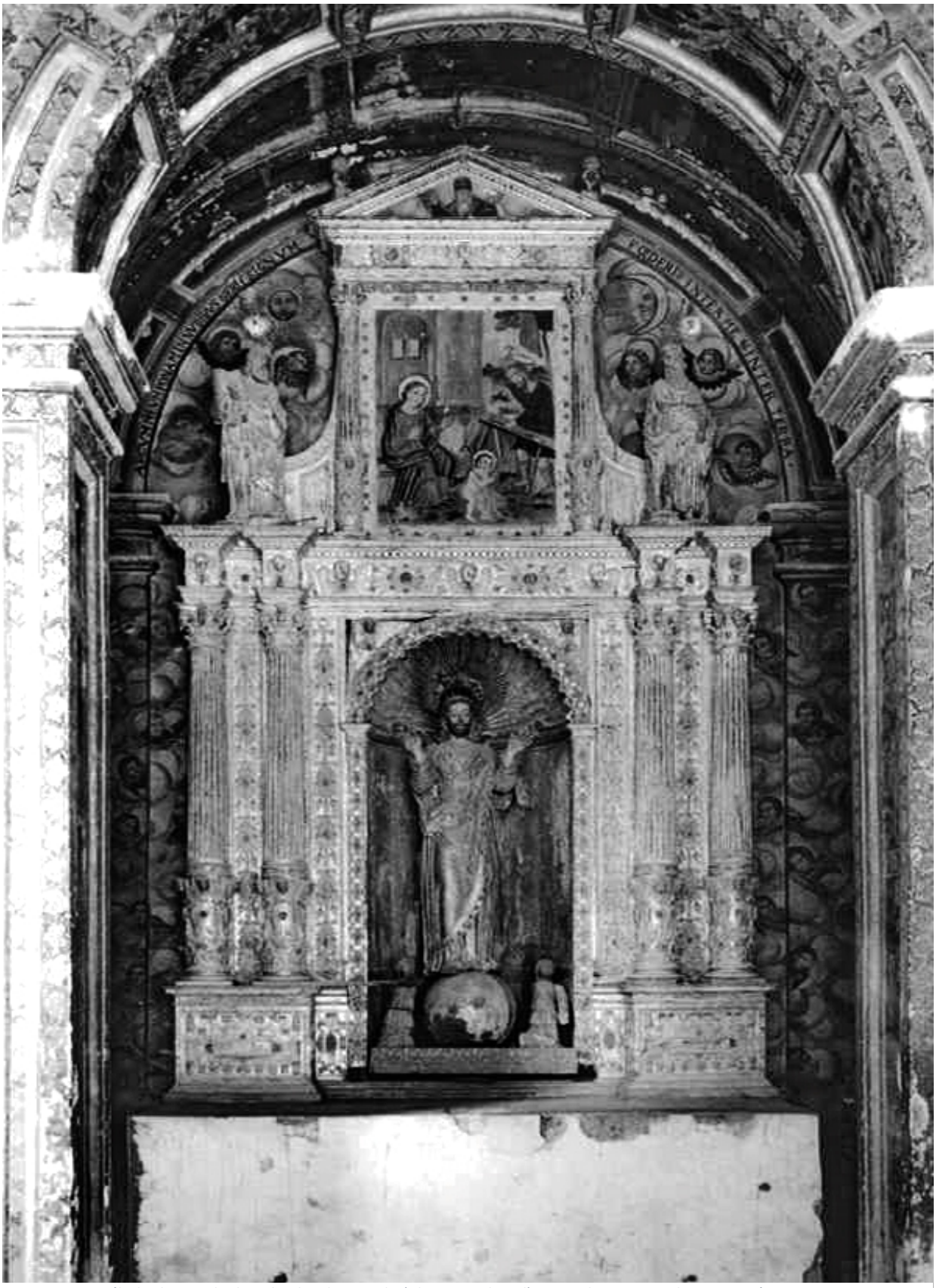


Figura 11 - Retábulo da Capela do Salvador do Mundo (Claustro, Ala Sul) no Real Convento de Santa Mónica, em 1951, durante a jornada científica da Brigada de Monumentos da Índia Portuguesa liderada por Mário Tavares Chicó (equipa constituída por Carlos de Azevedo, Martinho Humberto Reis e José Carvalho Henriques) Créditos Fotográficos: Casa Comum



Figura 12 - Altar do Santíssimo Sacramento no Real Convento de Santa Mónica (Claustro, Ala Sul). Localização em Planta:7

7 |Altar do Santíssimo Sacramento (Ala Sul)

Risco e Entalhe*: c. 1610*

Trata-se de um altar escavado na parede que se pega com a igreja, com estrutura retabular onde figura uma pedra escavada em médio relevo com a imagem do Santíssimo Sacramento.

Este altar compõe-se de mesa, banco, corpo e ático. Toda a estrutura é de alvenaria, exceptuando o painel com o motivo que lhe confere o orago. O tramo central inscreve-se entre duas pilastras, uma de cada lado. O entablamento é contínuo e o ático é tripartido com frontão de volutas e nele se inclui a figuração do Sagrado Coração.

No tramo central figuram-se dois arcanjos que seguram tochas acesas, à volta da custódia que alberga o Santíssimo Sacramento suportada por uma cabeça de serafim. A custódia está envolta num resplendor e em baixo está a inscrição "louvado seja o santíssimo sacramento".



Figura 13 – Detalhe e reprodução gráfica do entalhe do Altar do Santíssimo Sacramento



Figura 14 - Altar de Nossa Senhora e Espírito Santo no Real Convento de Santa Mónica (Claustro, Ala Sul). Localização em Planta:8

8 | Altar de Nossa Senhora e Espírito Santo (Ala Sul)

Risco e Entalhe*: c. 1610*

Tal como o mesmo nesta ala, trata-se de um altar escavado na parede que se pega com a igreja, com estrutura retabular onde figura uma pedra escavada em médio relevo com a imagem do Santíssimo Sacramento.

Este altar compõe-se de mesa, banco, corpo e ático. Toda a estrutura é de alvenaria, exceptuando o painel com o motivo que lhe confere o orago. O tramo central inscreve-se entre pilastras duplas, duas de cada lado. O entablamento restringe-se às ilhargas e o ático é curvo rematado por uma cruz.

No tramo central figura Nossa Senhora, corada, envolta em resplendor sendo abençoada com o dom do Espírito Santo, representado pela pomba.



Figura 15 - Detalhe e reprodução gráfica do entalhe do Altar de Nossa Senhora e Espírito Santo



Figura 16 – Painéis do Arco Retabular na Capela dos Baixos, Ala Norte. Em cima, da esquerda para a direita: Nossa Senhora Rainha segurando um ostensório (Evangelho) e Visitação de Maria a Isabel (Epístola). Em baixo: Visita dos Pastores (Evangelho) e Adoração dos Reis Magos (Epístola).



Figura 17 - Capela da Casa do Capítulo de Nossa Senhora de Belém (Piso 1, Ala Norte). Localização em Planta: 10

10 |Capela da Casa do Capítulo de Nossa Senhora de Belém (Piso 1, Ala Norte)

Risco e Entalhe*:*

Esta capela teve um "*altar e retábulo desta sagrada invocação"* agora desaparecido. A capela apresenta um trabalho de massa escultórico. Trata-se de um altar para o qual se escavou na parede o seu espaço. Compõe-se de mesa, banco e nicho.

O nicho apresenta um trabalho de massa escultórico com motivos florais e um resplendor.



Figura 18 – Detalhes escultóricos do Altar na Capela da Casa do Capítulo.

Bibliografia Específica:

Frei Diogo Sant'Ana, 'Frei Diogo de Santana, Apologia Do Insigne Mosteiro de Santa Mónica de Goa' (Goa, 1633), f. 187v, linha 21, PT/TT/MSLIV/2236 <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4538235>.



Figura 19 – Capela do Santo Sepulcro – Claustro Piso Superior, Ala Sul no Real Mosteiro de Santa Mónica. Localização em Planta: 12

12 |Capela do Santo Sepulcro (Ala Sul)

Risco e Entalhe*: c.1610*

Não existe hoje nenhum retábulo para mostrar nesta capela que aparentemente foi rasgada para dar luz ao interior, desconhecendo-se a data dessa intervenção. Mantem-se as pinturas murais do intradorso do arco com cenas da Anunciação, Circuncisão e Adoração dos Reis Magos que seguem temas de gravuras conhecidas e cujo estudo foi generosamente efectuado por Vítor Serrão.

Não temos a certeza mas ou do arco desta capela ou de uma capela interior nesta ala sul, esteve o retábulo que se encontra hoje na sacristia da Sé Catedral de Santa Catarina, Velha Goa-Tiswadi (ver página XX do Catálogo.



Figura 20 - Detalhes das pinturas murais no intradorso do arco da capela

Bibliografia Específica:

Sant'Ana, f. 190, linha 27; Frei Agostinho de Santa Maria, *Historia de Fundacão Do Real Convento de Santa Monica Da Cidade de Goa, Corte Do Estado Da India, et Do Imperio Lusitano Do Oriente, Fundado Pelo ... Senhor Dom. Fr. Aleixo de Menezes* (Oficina de António Pedrozo Galram, 1699) <http://books.google.pt/books?id=tzA_AAAAcAAJ>; Vitor Serrão, 'Pintura E Devoção Em Goa No Tempo Dos Filipes: O Mosteiro de Santa Mónica No "Monte Santo" (c.1606-1639) E Os Seus Artistas', *Fundação Oriente*, 2010, pp. 11–50 (p. 33).



Figura 22 – Retábulo da Sagrada Família da Igreja da Divina Providência (velha Goa-Tiswadi). Localização em planta: 2a



Figura 23 - Retábulo de Santo André Avelino da Divina Providência (velha Goa-Tiswadi). Localização em planta: 2b



Figura 24 - Retábulo de Santa Catarina da Igreja da Divina Providência (velha Goa-Tiswadi). Localização em planta: 2d



Figura 25 - Retábulo do Redentor da Igreja da Divina Providência (Velha Goa-Tiswadi). Localização em planta: 3a



Figura 26 – Retábulo de Nossa Senhora do Socorro na Igreja de São Lourenço (Agassaim-Tiswadi). Localização em Planta: 2



Figura 27 – Retábulo do Sagrado Coração de Jesus na Igreja de São Lourenço (Agassaim-Tiswadi). Localização em Planta: 4



Figura 28 – Retábulo do Senhor Crucificado na Igreja de Nossa Senhora de Belém (Bambolim-Tiswadi). Localização em Planta: 2



Figura 29 – Retábulo da Ascensão de Nossa Senhora na Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe (Batim-Tiswadi). Localização em Planta: 2



Figura 30 – Retábulo do Sagrado Coração de Jesus na Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe (Batim-Tiswadi). Localização em Planta: 3



Figura 31 – Retábulo do Senhor Crucificado na Igreja de São João Baptista (Carambolim-Tiswadi). Localização em Planta: 2



Figura 32 - Retábulo de Nossa Senhora da Vitória na Igreja de São João Baptista (Carambolim-Tiswadi). Localização em Planta: 2



Figura 33 – Retábulo do Sagrado Coração de Jesus na Capla da Sagrada Família (Pandavaddo [Chorão]-Tiswadi). Localização em Planta: 2



Figura 34 – Retábulo de Santo Inácio na Igreja de São Bartolomeu (Chorão-Tiswadi). Localização em Planta: 2

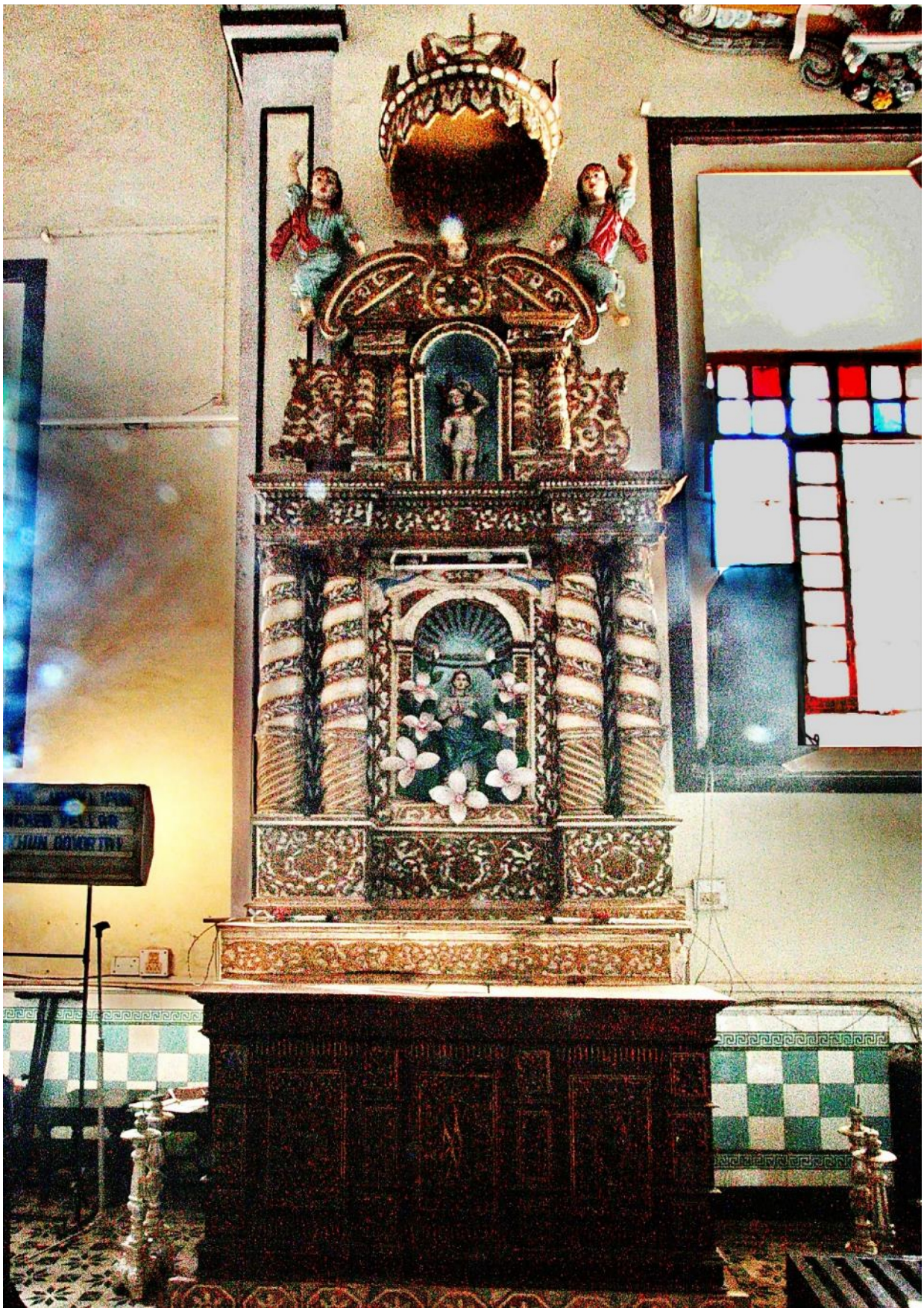


Figura 35 – Retábulo da Imaculada Conceição na Igreja de São Bartolomeu (Chorão-Tiswadi). Localização em Planta: 3



Figura 36 – Retábulo do Senhor Crucificado na Capela de Nossa Senhora da Graça (2) (Madel [Chorão]-Tiswadi). Localização em Planta: 2



Figura 37 – Retábulo de Nossa Senhora da Penha de França na Igreja de São João Facundo [Sahagum] (Corlim-Tiswadi).
Localização em Planta: 2



Figura 38 – Andor Processional na Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Curca-Tiswadi), peça original (esquerda) e réplica executada em 2008 (direita) como forma de preservação da peça original.



Figura 39 – Retábulo colateral na Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Curca-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 40 – Retábulo do Senhor Crucificado na Igreja de Santo André (Goa Velha-Tiswadi). Localização em Planta: 2



Figura 41 - Retábulo de São Francisco Xavier na Igreja de Santo André (Goa Velha-Tiswadi). Localização em Planta: 3



Figura 42 – Retábulo de Santa Ana na Igreja de Nossa Senhora do Amparo (Mandur-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 43 – Retábulo de Santa Ana na Capela de Nossa Senhora das Mercês (Mercês-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 44 – Retábulo da Epístola na Igreja de Nossa Senhora das Mercês (Mercês-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 45 – Retábulo de Nossa Senhora da Guia na Igreja do Espírito Santo (Naroa-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 46 – Retábulo de São Miguel na Igreja do Espírito Santo (Naroa-Tiswadi). Localização em Planta: 3



Figura 47 – Retábulo do Sagrado Coração de Jesus na Igreja de São João Evangelista (Neurá Pequeno-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 48 – Retábulo de Nossa Senhora da Piedade na Igreja de São João Evangelista (Neurá Pequeno-Tiswadi). Localização em Planta: 3.



Figura 49 – Ousia e nichos de retábulos colaterais (esquerda) e detalhe do altar da ousia em alvenaria (direita) da Capela de São Sebastião (Neurá Pequeno-Tiswadi)



Figura 50 – Retábulo de Nossa Senhora do Rosário na Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Panjim-Tiswadi). Localização em Planta: 2.

Retábulos Sarcófago na Capela do Jesus Redentor (Goltim [Divar]-Tiswadi).

Risco e Entalhe*:* c.1860-1875

Estão localizados na ousia. Foram mandados executar pela Confraria do Senhor Redentor em c.1860-1875, datas que correspondem à edificação da igreja e ao compromisso dos estatutos da confraria, respectivamente. Desconhece-se a identidade dos responsáveis pelo *risco* e pelo entalhe. São exemplares devocional a um tema na tipologia de retábulo-sarcófago cujo modelo compositivo é de intercolúnio entre duas colunas em cada topo (quatro no total). São colunas torsas com decoração na garganta composta de elementos florais e vegetalistas. No interior, visível através de uma arcada de quatro arquivoltas plenas, expõe-se a figura de vulto perfeito de cristo morto sendo uma para exposição e outra para procissão. Constituem-se de madeira entalhada dourada e policromada. Sobre o sarcófago estão quatro degraus com gradeamento em cada um deles. Toda a superfície da talha tem médios-relevo compostos de acantos e outros vegetalismos bem como a representação de cajus. Encontram-se em razoável estado de conservação.



Figura 51 – Retábulos-Sarcófago na Capela do Jesus Redentor (Goltim [Divar]-Tiswadi).

Bibliografia Específica:

Telles, p. 384.



Figura 52 – Retábulo de Santa Ágata na Igreja de Nossa Senhora da Piedade (Divar-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 53 – Retábulo de Nossa Senhora da Boa Morte na Igreja de Nossa Senhora da Piedade (Divar-Tiswadi). Localização em Planta: 3

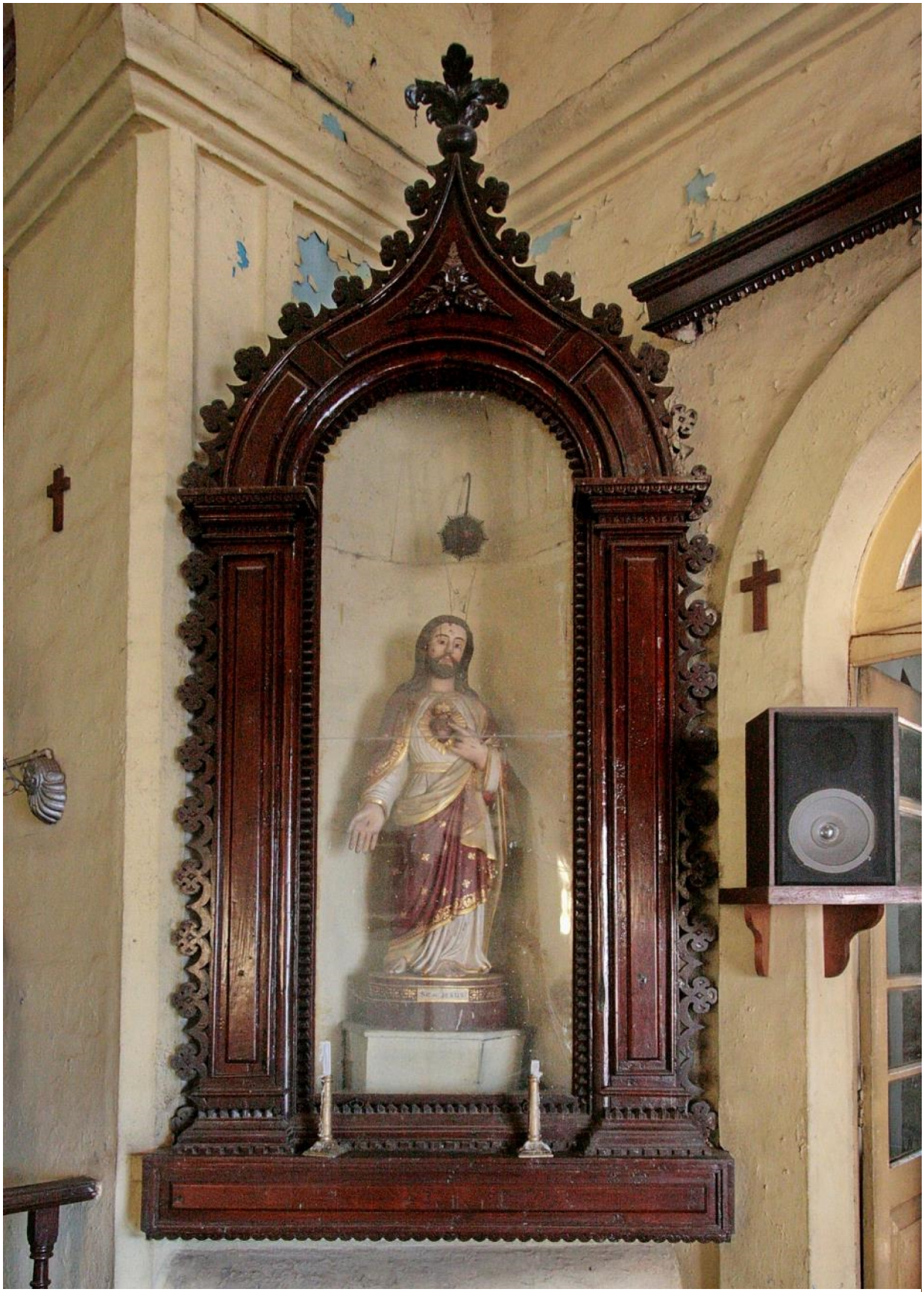


Figura 54 – Retábulo do Imaculado Coração de Jesus na Capela de Nossa Senhora da Vitória (Fondem [Ribandar]-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 55 – Retábulo de São João Baptista na Capela de Nossa Senhora de Livra Febres (Chimbel-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 56 – Retábulo de Nossa Senhora do Monte na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda (Ribandar-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 57 - Retábulo do Senhor Crucificado na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda (Ribandar-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 58 – Retábulo do corpo da Igreja de Santa Cruz (Santa Cruz-Tiswadi). Localização em Planta: 3.



Figura 59 – Retábulo de Santa Ana na Igreja de Santa Cruz (Santa Cruz-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 60 – Retábulo de Santo António na Igreja de Santa Inês (Santa Inês-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 61 – Retábulo de Nossa Senhora na Igreja de Santo Estevão (Santo Estevão-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 62 – Andor Processional da Igreja de Santo Estevão (Santo Estevão-Tiswadi), guardado na sacristia.



Figura 63 – Retábulo de Nossa Senhora da Vitória na Igreja de São Braz (Gandaulim-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 64 – Retábulo de Nossa Senhora na Igreja de São Matias (São Matias [Naroa]-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 65 – Retábulo do Crucificado na Igreja de São Pedro (Panelim-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 66 – Retábulo de Nossa Senhora da Boa Viagem na Igreja de Santa Ana (Talaulim-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 67 – Retábulo de Nossa Senhora de Fátima na Igreja da Madre de Deus (Cabo Raj Bhavan-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 68 – Retábulo de Nossa Senhora na Igreja de São Miguel Arcanjo (Taleigão-Tiswadi). Localização em Planta: 2.



Figura 71 – Retábulo da Capela de Nossa Senhora dos Milagres na Igreja do Espírito Santo do Convento de São Francisco (Velha Goa-Tiswadi). Localização em Planta: 3



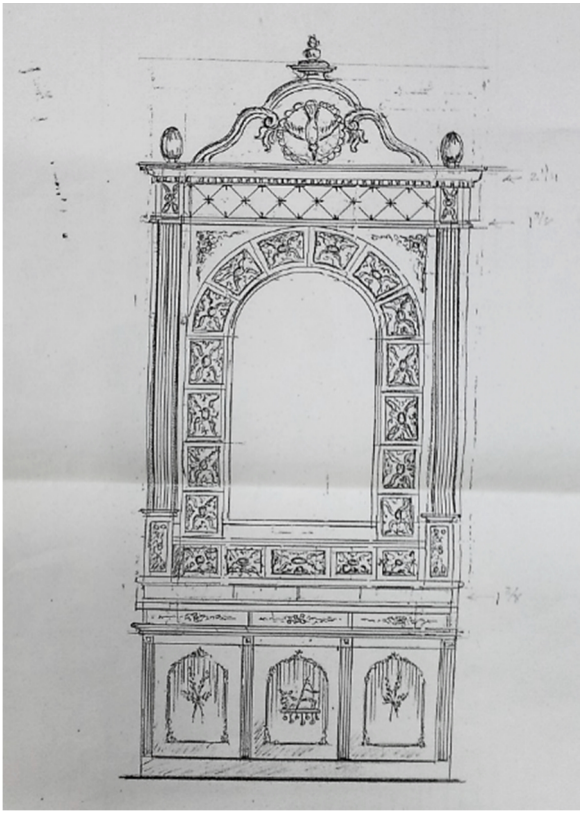
Figura 56 – Púlpito originário do Convento de São Domingos (Velha Goa-Tiswadi) actualmente na Igreja de São Cristóvão (Tivim-Bardez)



Figura 57 – Reconstituição fotográfica do púlpito da Capela da Senhora do Monte (Ella-Tiswadi). O púlpito da Senhora do Monte encontra-se truncado da sua bacia que foi adquirida em leilão em Abril de 1972 ao antiquário António Costa na Rua do Alecrim pelo Museu da Fundação Medeiros e Almeida onde se encontra actualmente.



Figura 58 – Retábulo de Nossa Senhora do Monte, oriundo da Igreja do Convento da Santa Cruz dos Milagres (Boa Vista-Tiswadi), actualmente no corpo da Igreja de Santo Aleixo (Calangute-Bardez)





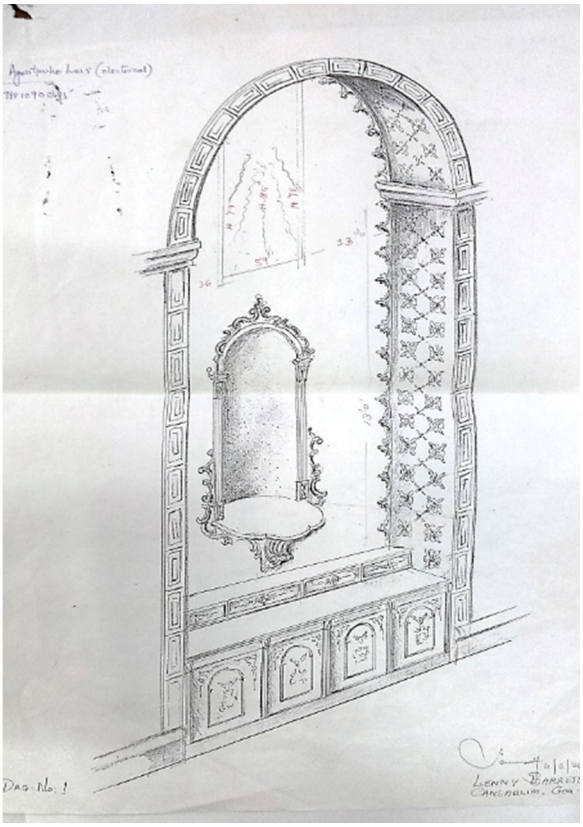




Figura 59 – Projecto de execução dos novos retábulos para a Igreja do Convento da Santa Cruz dos Milagres (Boa Vista-Tiswadi) e trabalhos já avançados na oficina de Lenny Barreto.



Figura 60 – Púlpito da Igreja do Seminário de Chorão, relocalizado na Igreja do Salvador do Mundo (Salvador do Mundo [Betim]-Bardez)



Figura 61 – Painel entalhado em médio-relevo oriundo da Igreja do Seminário de Chorão, actualmente na Igreja da Madre Deus (Saligão-Bardez)



Figura 62 – Púlpito oriundo da Igreja de São Simão e São Judas (Gancim-Tiswadi) relocalizado na Igreja de São João Evangelista (Neura-Tiswadi)



Figura 63 – Sacrário oriundo da Igreja do Extinto Convento de Nossa Senhora do Carmo (Velha Goa-Tiswadi), relocalizado junto ao retábulo, igualmente deste espaço, na Igreja de Nossa Senhora da Penha de França (Britona-Bardez)



Figura 64 – Retábulo de Nossa Senhora do Carmo, oriundo da Igreja do extinto Convento de Nossa Senhora do Carmo (Velha Goa-Tiswadi), relocalizado na Igreja de Nossa Senhora da Penha de França (Britona-Bardez).



Figura 65 – Fachada da Igreja do Convento de Nossa Senhora do Carmo (Velha Goa-Tiswadi) tal como era visível no início do século XX. Actualmente já não existe a estrutura. (créditos: Sousa e Paul)



Figura 67 - Retábulo da Ousia da Igreja de Santa Cruz (Verna-Salcete)



Figura 68 - Visão Geral da Ousia e Retábulos Colaterais da Igreja de São Matias (Azossim-Tiswadi)



Figura 69 - "Altar de Chorão" na documentação de Luis Benavente

Índice de Figuras

Figura 1- Relicário de São Francisco Xavier na Igreja do Bom Jesus (Velha Goa-Tiswadi). Localização em Planta: 6. Em cima, à esquerda: o caixão de prata tal como se encontrava em 1880 (Créditos: British Library). À direita: em 1951 durante a visita da Brigada de Estudos da Índia Portuguesa (Créditos: Casa Comum). Em baixo: a exposição do corpo do santo em 1952 (Créditos: Life Magazine)..... 966

Figura 2 - Retábulo Colateral de Nossa Senhora, Lado do Evangelho na Igreja do Bom Jesus (Velha Goa-Tiswadi). Localização em Planta: 3..... 966

Figura 3 – Arco Retabular do Relicário de São Francisco Xavier na Igreja do Bom jesus (Velha Goa-Tiswadi) Localização em Planta: 7b..... 966

Figura 4 - Retábulo de Santo António de Lisboa, Colateral da Capela de Nossa Senhora do Monte (Ella-Tiswadi). Localização em planta: 2..... 966

Figura 5 - Retábulo de Cristo Crucificado, Colateral da Epístola na Igreja do Priorado do Rosário (Monte Sacro-Tiswadi). Localização em Planta: 2 966

Figura 6 - Retábulo de Nossa Senhora da Porciúncula na Igreja do Espírito Santo do Convento de São Francisco (Velha Goa-Tiswadi). Localização em Planta:5. Risco e Entalhe: século XVII. O retábulo original desta capela está referenciado na bibliografia como tendo sido levado para a Igreja de São Filipe e São Tiago (Cortalim-Mormugão). Ver imagem 7 966

Figura 7 - A bibliografia existente indica a passagem de um retábulo da Igreja do Espírito Santo – Retábulo de Nossa Senhora da Porciúncula (Velha Goa-Tiswadi) para a Igreja de São Filipe e São Tiago (Cortalim-Mormugão). A visita ao local revelou existirem apenas partes de um retábulo, usadas como mobiliário litúrgico, que não é coevo com os da Igreja do Espírito Santo. 966

Figura 8 - Retábulo da Imaculada Conceição na Igreja de Santa Maria do Real Convento de Santa Mónica. Localização em Planta: 2. 966

Figura 9 – Retábulo da Capela da Purificação de Nossa Senhora (Claustro, Ala Norte) no Real Convento de Santa Mónica, após a intervenção de 2012..... 966

Figura 10 - Retábulo da Capela do Salvador do Mundo (Claustro, Ala Sul) no Real Convento de Santa Mónica, após a intervenção de 2012. 966

Figura 11 - Retábulo da Capela do Salvador do Mundo (Claustro, Ala Sul) no Real Convento de Santa Mónica, em 1951, durante a jornada científica da Brigada de Monumentos da Índia Portuguesa liderada

por Mário Tavares Chicó (equipa constituída por Carlos de Azevedo, Martinho Humberto Reis e José Carvalho Henriques) Créditos Fotográficos: Casa Comum 966

Figura 12 - Altar do Santíssimo Sacramento no Real Convento de Santa Mónica (Claustro, Ala Sul). Localização em Planta:7 966

Figura 13 – Detalhe e reprodução gráfica do entalhe do Altar do Santíssimo Sacramento 966

Figura 14 - Altar de Nossa Senhora e Espírito Santo no Real Convento de Santa Mónica (Claustro, Ala Sul). Localização em Planta:8 966

Figura 15 - Detalhe e reprodução gráfica do entalhe do Altar de Nossa Senhora e Espírito Santo 966

Figura 16 – Painéis do Arco Retabular na Capela dos Baixos, Ala Norte. Em cima, da esquerda para a direita: Nossa Senhora Rainha segurando um ostensório (Evangelho) e Visitação de Maria a Isabel (Epístola). Em baixo: Visita dos Pastores (Evangelho) e Adoração dos Reis Magos (Epístola). 966

Figura 17 - Capela da Casa do Capítulo de Nossa Senhora de Belém (Piso 1, Ala Norte). Localização em Planta: 10 966

Figura 18 – Detalhes escultóricos do Altar na Capela da Casa do Capítulo. 966

Figura 19 – Capela do Santo Sepulcro – Claustro Piso Superior, Ala Sul no Real Mosteiro de Santa Mónica. Localização em Planta: 12 966

Figura 20 - Detalhes das pinturas murais no intradorso do arco da capela 966

Figura 21 - Capela dos Baixos (Nossa Senhora da Purificação, Ala Norte no Real Convento de Santa Mónica), em 1951, durante a jornada científica da Brigada de Monumentos da Índia Portuguesa liderada por Mário Tavares Chicó (equipa constituída por Carlos de Azevedo..... 966

Figura 22 – Retábulo da Sagrada Família da Igreja da Divina Providência (velha Goa-Tiswadi). Localização em planta: 2a 966

Figura 23 - Retábulo de Santo André Avelino da Divina Providência (velha Goa-Tiswadi). Localização em planta: 2b 966

Figura 24 - Retábulo de Santa Catarina da Igreja da Divina Providência (velha Goa-Tiswadi). Localização em planta: 2d 966

Figura 25 - Retábulo do Redentor da Igreja da Divina Providência (Velha Goa-Tiswadi). Localização em planta: 3a 966

Figura 26 – Retábulo de Nossa Senhora do Socorro na Igreja de São Lourenço (Agassaim-Tiswadi). Localização em Planta: 2..... 966

Figura 27 – Retábulo do Sagrado Coração de Jesus na Igreja de São Lourenço (Agassaim-Tiswadi). Localização em Planta: 4..... 966

Figura 28 – Retábulo do Senhor Crucificado na Igreja de Nossa Senhora de Belém (Bambolim-Tiswadi). Localização em Planta: 2..... 966

Figura 29 – Retábulo da Ascensão de Nossa Senhora na Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe (Batim-Tiswadi). Localização em Planta: 2..... 966

Figura 30 – Retábulo do Sagrado Coração de Jesus na Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe (Batim-Tiswadi). Localização em Planta: 3..... 966

Figura 31 – Retábulo do Senhor Crucificado na Igreja de São João Baptista (Carambolim-Tiswadi). Localização em Planta: 2..... 966

Figura 32 - Retábulo de Nossa Senhora da Vitória na Igreja de São João Baptista (Carambolim-Tiswadi). Localização em Planta: 2..... 966

Figura 33 – Retábulo do Sagrado Coração de Jesus na Capla da Sagrada Família (Pandavaddo [Chorão]-Tiswadi). Localização em Planta: 2..... 966

Figura 34 – Retábulo de Santo Inácio na Igreja de São Bartolomeu (Chorão-Tiswadi). Localização em Planta: 2..... 966

Figura 35 – Retábulo da Imaculada Conceição na Igreja de São Bartolomeu (Chorão-Tiswadi). Localização em Planta: 3..... 966

Figura 36 – Retábulo do Senhor Crucificado na Capela de Nossa Senhora da Graça (2) (Madel [Chorão]-Tiswadi). Localização em Planta: 2..... 966

Figura 37 – Retábulo de Nossa Senhora da Penha de França na Igreja de São João Facundo [Sahagum] (Corlim-Tiswadi). Localização em Planta: 2..... 966

Figura 38 – Andor Processional na Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Curca-Tiswadi), peça original (esquerda) e réplica executada em 2008 (direita) como forma de preservação da peça original. 966

Figura 39 – Retábulo colateral na Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Curca-Tiswadi). Localização em Planta: 2..... 966

Figura 40 – Retábulo do Senhor Crucificado na Igreja de Santo André (Goa Velha-Tiswadi). Localização em Planta: 2..... 966

Figura 41 - Retábulo de São Francisco Xavier na Igreja de Santo André (Goa Velha-Tiswadi). Localização em Planta: 3..... 966

Figura 42 – Retábulo de Santa Ana na Igreja de Nossa Senhora do Amparo (Mandur-Tiswadi). Localização em Planta: 2..... 966

Figura 43 – Retábulo de Santa Ana na Capela de Nossa Senhora das Mercês (Mercês-Tiswadi). Localização em Planta: 2..... 966

Figura 44 – Retábulo da Epístola na Igreja de Nossa Senhora das Mercês (Mercês-Tiswadi). Localização em Planta: 2..... 966

Figura 45 – Retábulo de Nossa Senhora da Guia na Igreja do Espírito Santo (Naroa-Tiswadi). Localização em Planta: 2..... 966

Figura 46 – Retábulo de São Miguel na Igreja do Espírito Santo (Naroa-Tiswadi). Localização em Planta: 3..... 966

Figura 47 – Retábulo do Sagrado Coração de Jesus na Igreja de São João Evangelista (Neurá Pequeno-Tiswadi). Localização em Planta: 2..... 966

Figura 48 – Retábulo de Nossa Senhora da Piedade na Igreja de São João Evangelista (Neurá Pequeno-Tiswadi). Localização em Planta: 3..... 966

Figura 49 – Ousia e nichos de retábulos colaterais (esquerda) e detalhe do altar da ousia em alvenaria (direita) da Capela de São Sebastião (Neurá Pequeno-Tiswadi)..... 966

Figura 50 – Retábulo de Nossa Senhora do Rosário na Igreja de Nossa Senhora da Conceição (Panjim-Tiswadi). Localização em Planta: 2..... 966

Figura 51 – Retábulos-Sarcófago na Capela do Jesus Redentor (Goltim [Divar]-Tiswadi). 966

Figura 52 – Retábulo de Santa Ágata na Igreja de Nossa Senhora da Piedade (Divar-Tiswadi). Localização em Planta: 2..... 966

Figura 53 – Retábulo de Nossa Senhora da Boa Morte na Igreja de Nossa Senhora da Piedade (Divar-Tiswadi). Localização em Planta: 3..... 966

Figura 54 – Retábulo do Imaculado Coração de Jesus na Capela de Nossa Senhora da Vitória (Fondem [Ribandar]-Tiswadi). Localização em Planta: 2. 966

Figura 55 – Retábulo de São João Baptista na Capela de Nossa Senhora de Livra Febres (Chimbel-Tiswadi). Localização em Planta: 2 966

Figura 56 – Retábulo de Nossa Senhora do Monte na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda (Ribandar-Tiswadi). Localização em Planta: 2 966

Figura 57 - Retábulo do Senhor Crucificado na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda (Ribandar-Tiswadi). Localização em Planta: 2. 966

Figura 58 – Retábulo do corpo da Igreja de Santa Cruz (Santa Cruz-Tiswadi). Localização em Planta: 3. 966

Figura 59 – Retábulo de Santa Ana na Igreja de Santa Cruz (Santa Cruz-Tiswadi). Localização em Planta: 2. 966

Figura 60 – Retábulo de Santo António na Igreja de Santa Inês (Santa Inês-Tiswadi). Localização em Planta: 2. 966

Figura 61 – Retábulo de Nossa Senhora na Igreja de Santo Estevão (Santo Estevão-Tiswadi). Localização em Planta: 2. 966

Figura 62 – Andor Processional da Igreja de Santo Estevão (Santo Estevão-Tiswadi), guardado na sacristia. 966

Figura 63 – Retábulo de Nossa Senhora da Vitória na Igreja de São Braz (Gandaulim-Tiswadi). Localização em Planta: 2. 966

Figura 64 – Retábulo de Nossa Senhora na Igreja de São Matias (São Matias [Naroa]-Tiswadi). Localização em Planta: 2. 966

Figura 65 – Retábulo do Crucificado na Igreja de São Pedro (Panelim-Tiswadi). Localização em Planta: 2. 966

Figura 66 – Retábulo de Nossa Senhora da Boa Viagem na Igreja de Santa Ana (Talaulim-Tiswadi). Localização em Planta: 2 966

Figura 67 – Retábulo de Nossa Senhora de Fátima na Igreja da Madre de Deus (Cabo Raj Bhavan-Tiswadi). Localização em Planta: 2 966

Figura 68 – Retábulo de Nossa Senhora na Igreja de São Miguel Arcanjo (Taleigão-Tiswadi). Localização em Planta: 2. 966

Figura 69 – Retábulo de Nossa Senhora na Igreja de Cristo (Vanxim-Tiswadi). Localização em Planta: 2. 966

Figura 70 – Retábulo de São João Baptista da Igreja da Madre de Deus (Dauguim-Tiswadi), actualmente na Igreja de São Jerónimo (Mapusa-Bardez). Localização em Planta: 2. 966

Figura 71 – Retábulo da Capela de Nossa Senhora dos Milagres na Igreja do Espírito Santo do Convento de São Francisco (Velha Goa-Tiswadi). Localização em Planta: 3 966

Figura 56 – Púlpito originário do Convento de São Domingos (Velha Goa-Tiswadi) actualmente na Igreja de São Cristóvão (Tivim-Bardez) 966

Figura 57 – Reconstituição fotográfica do púlpito da Capela da Senhora do Monte (Ella-Tiswadi). O púlpito da Senhora do Monte encontra-se truncado da sua bacia que foi adquirida em leilão em Abril de 1972 ao antiquário António Costa na Rua do Alecrim pelo Museu da Fundação Medeiros e Almeida onde se encontra actualmente. 966

Figura 58 – Retábulo de Nossa Senhora do Monte, oriundo da Igreja do Convento da Santa Cruz dos Milagres (Boa Vista-Tiswadi), actualmente no corpo da Igreja de Santo Aleixo (Calangute-Bardez)966

Figura 59 – Projecto de execução dos novos retábulos para a Igreja do Convento da Santa Cruz dos Milagres (Boa Vista-Tiswadi) e trabalhos já avançados na oficina de Lenny Barreto. 966

Figura 60 – Púlpito da Igreja do Seminário de Chorão, relocalizado na Igreja do Salvador do Mundo (Salvador do Mundo [Betim]-Bardez)..... 966

Figura 61 – Painel entalhado em médio-relevo oriundo da Igreja do Seminário de Chorão, actualmente na Igreja da Madre Deus (Saligão-Bardez) 966

Figura 62 – Púlpito oriundo da Igreja de São Simão e São Judas (Gancim-Tiswadi) relocalizado na Igreja de São João Evangelista (Neura-Tiswadi)..... 966

Figura 63 – Sacrário oriundo da Igreja do Extinto Convento de Nossa Senhora do Carmo (Velha Goa-Tiswadi), relocalizado junto ao retábulo, igualmente deste espaço, na Igreja de Nossa Senhora da Penha de França (Britona-Bardez) 966

Figura 64 – Retábulo de Nossa Senhora do Carmo, oriundo da Igreja do extinto Convento de Nossa Senhora do Carmo (Velha Goa-Tiswadi), relocalizado na Igreja de Nossa Senhora da Penha de França (Britona-Bardez)..... 966

Figura 65 – Fachada da Igreja do Convento de Nossa Senhora do Carmo (Velha Goa-Tiswadi) tal como era visível no início do século XX. Actualmente já não existe a estrutura. (créditos: Sousa e Paul).. 966

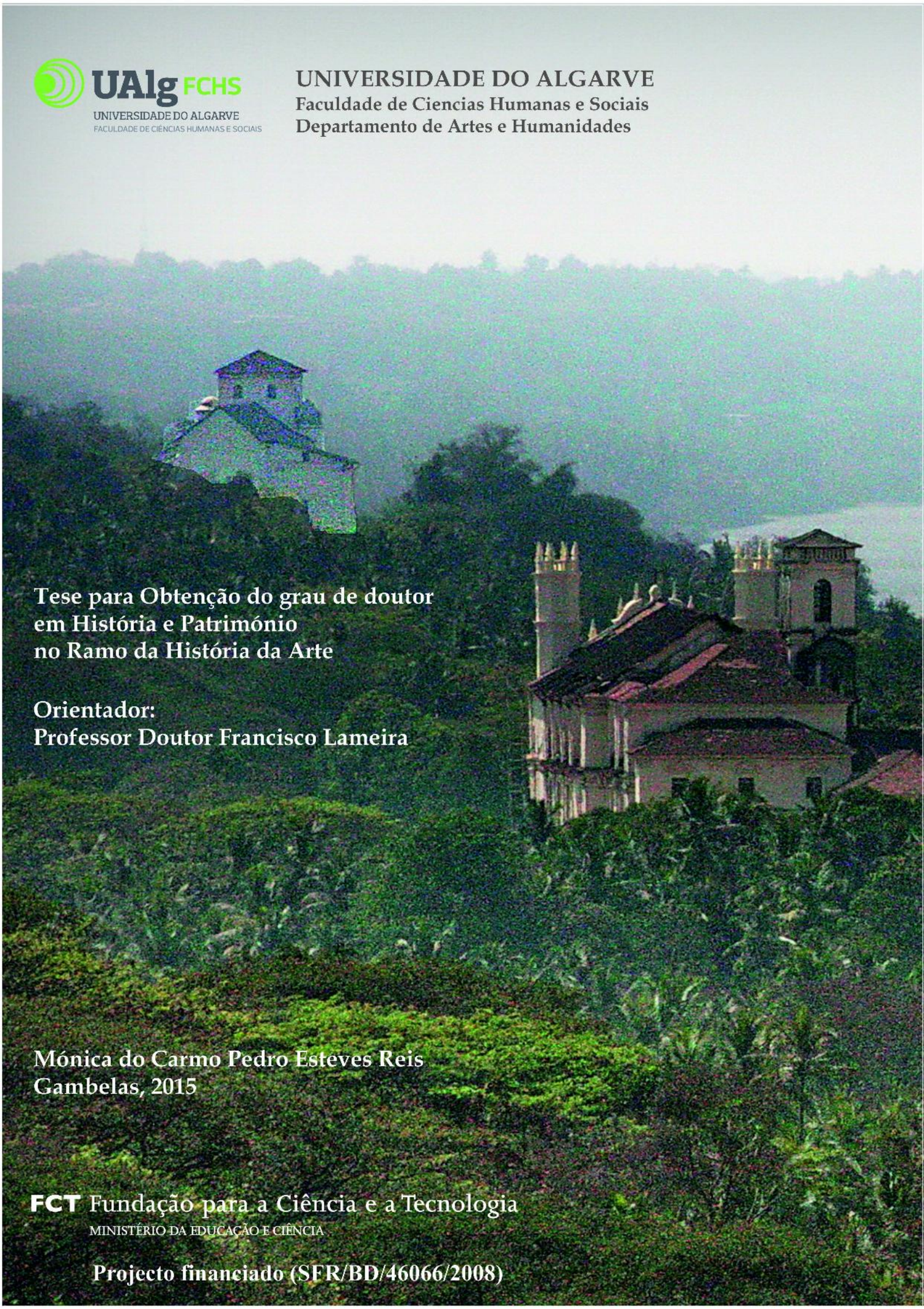
Figura 66 - Retábulo Colateral na Capela de Nossa Senhora das Angustias (Damão Grande-Union Territory) 966

Figura 67 - Retábulo da Ousia da Igreja de Santa Cruz (Verna-Salcete) 966

Figura 68 - Visão Geral da Ousia e Retábulos Colaterais da Igreja de São Matias (Azossim-Tiswadi) 966

Figura 69 - "Altar de Chorão" na documentação de Luis Benavente..... 966

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Faculdade de Ciencias Humanas e Sociais
Departamento de Artes e Humanidades



Tese para Obtenção do grau de doutor
em História e Património
no Ramo da História da Arte

Orientador:
Professor Doutor Francisco Lameira

Mónica do Carmo Pedro Esteves Reis
Gambelas, 2015

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Projecto financiado (SFR/BD/46066/2008)